UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - METODOLOGIA DE ENSINO

TESE DE DOUTORADO

AVENTURANDO-SE NO CONHECIMENTO: A CONSTRUÇÃO DE UMA PARTITURA "PORVIR".

MARIA DA GLÓRIA MARTINS MESSIAS

ORIENTADORA: CORINTA MARIA GRISÓLIA GERALDI

Esse exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Maria da Glória Martins Messias e aprovada pela Comissão Julgadora.
Data: _____/_____/_____
Assinatura: _____

COMISSÃO JULGADORA

_____

_____

_____

_____

OUTONO DE 2000

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto a discussão de um trabalho supostamente de extensão com professores/as de um pequeno município do Paraná, mas que acabou se constituindo num processo de inovação curricular através da pesquisa-ação assumida pelos/as professores/as do Ensino Fundamental, gerando produção de conhecimentos em instâncias e por personagens estranhos às regras da Academia, a desconstrução dos lugares dos/as professores/as universitários/as envolvidos no trabalho, da compreensão usual de 'extensão universitária', produzindo traços de uma outra relação entre Universidade e Sociedade, que poderíamos denominar de parceria. Nesta, os/as docentes universitários/as, antes fonte dos estudos sobre professores/as, agora também professores/as pesquisadores/as da sua prática. Nesse movimento suponho que o fato mais relevante nesse processo, foi a mudança na condução dos trabalhos, que no trajeto transformam o nosso processo de formação e mudam o nosso modo de pesquisar. Constituimo-nos num grupo de pesquisa (o primeiro na UNICENTRO), desconstruindo também separações postas entre ensino/pesquisa/extensão, pois também gerou mudanças nas nossas práticas curriculares. A "experiência" (Larrosa, Benjamin e GEPEC) de constituição e (re)constituição do nosso grupo de professores/as universitários/as, ocorreu da aposta na prática da pesquisa-ação como meio de trabalhar com a formação de professores/as em exercício, mudando o eixo norteador da nossa prática, que era ministrar cursos. A experiência vivida trouxe múltiplas mudanças no grupo e nos seus componentes. Antes pesquisávamos para produzir saberes e conhecimentos "para" os/as professores/as, agora estamos produzindo "com" os/as professores/as. Esse deslocamento no modo de pesquisar gerou algumas rupturas, no processo de constituição e (re)constituição do grupo: epistemológica, temática, metodológica, curricular, na compreensão do processo de pesquisa, entre outras.

Este trabalho é mais uma das contribuições do GEPEC, onde tentamos discutir e socializar nossos "achados" sem pretensão de dar conta de todas as questões que envolvem a constituição do/a professor/a pesquisador/a.

ABSTRACT

The object of this research was a supposedly-Extension work involving Elementary teachers of a small city in Parana State, which, thanks to their response to the action-research, ended up in a rich process of curriculum innovation and brought about results such as: knowledge production in levels and by people alien to the Academy's rules, a change in the professors' roles as well as in the usual understanding of the role of the University Extension and another kind of relationship between the University and the Community, which could be called as partnership, within which the university professors, originally producers of studies about teachers, came to be researchers of their own practice.

The most relevant fact along the process seems to have been the changing in the research development, which transformed the professors' own formation process and way of researching.

Due to the changes in our very teaching practice at the University, the research group, the first one at UNICENTRO, ended up eliminating the separation usually put between the Teaching, the Research and the Extension.

The constitution and reconstitution of the group of professors, that is, our experience as a whole (Larossa, Benjamin and GEPEC), sprang from our commitment to the action-research as a way of dealing with the in-service teachers' continuing education, which changed our leading Extension activity, which used to be offering courses.

The undergone experience brought several changes for the group and its components, for, from producing knowledge for the teachers, we ended up producing knowledge with the teachers, which meant epistemological, thematic, curricular changes in the understanding of the research process, among others.

This discussion and socialization of our findings is just another contribution of the GEPEC, with no intention of dealing with all the possible issues that involve the formation of researching teachers.

DEDICO

Ao meu marido Nilson e ao meu filho Francisco, companheiros desta trajetória, que com amor sempre me apoiaram.

Aos meus avós Angelina e Francisco que foram os meus pais, meu Porto Seguro nas tempestades da vida.

Aos meus pais Zoé e Messias e ao meu irmão Zéze, que no meu coração viverão para sempre.
Às mãos invisíveis e inexplicáveis, que sempre estiveram unidas às minhas no dedilhar da minha vida.

AGRADEÇO ...

À Professora Doutora Corinta M. G. Geraldi por ensinar-me a ousar, a transgredir as barreiras do impossível e pelo companheirismo em toda essa trajetória.
Ao Professor Doutor Décio Pacheco por acreditar no meu potencial e receber-me de braços abertos.
À Professora Doutora Rosália Maria Ribeiro de Aragão pelas ancoragens necessárias.
Ao Professor Doutor Dario Fiorentini pela leitura cuidadosa e animadora, apontando caminhos.
Á Professora Doutora Elisabete M. de A. Pereira por acreditar no nosso trabalho e pelo apoio que sempre nos deu.
Ao Professor Doutor Antonio Flávio Barbosa Moreira e à Professora Maria Aparecida Affonso Moysés que prontamente aceitaram participar desse momento indescritível da minha jornada acadêmica.abc
Aos/às Professores/as do meu Grupo (PPCP), Ariel José Pires, Ana Lúcia Crisóstimo, Clarice Linhares, Doroteya Gavanski, Edélcio José Stroparo, Márcia Tembil Marques, Maria Aparecida C. Knüppel, Neusa Moro, Regina Célia H. W. Padilha, Wanda T. P. dos Santos. Companheiros/as de jornada e co-autores da concretização do "Aventurando-se no Conhecimento."

Aos/às professores/as do GEPEC, com os quais partilhamos nossos ideais.

À Professora Maria de Fátima Garcia, pela leitura cuidadosa e pelas sugestões.

Ao Professor Carlos Gomes, pelo apoio nos momentos difíceis.

Ao Prefeito de Porto Barreiro José Crotti que priorizou a Educação no seu município.

À Secretária de Educação de Porto Barreiro, Ivone P. Kerber pelo seu entusiasmo e por acreditar no nosso trabalho e nos/as professores/as da rede municipal, sempre nos apoiando e incentivando.

Aos/às Professores/as de Porto Barreiro, companheiros/as de jornada, que com seu trabalho e entusiasmo nos mostraram que é possível a constituição do/a professor/a pesquisador/a, além dos muros da Universidade. Professores/as: Armelinda T. Scariot, Adriana K. Joaquim, Adelina T. Tessaro, Açunta M. M. Santos, Clevanir de F. Becker, Carmem J. Reveliau, Daniela Brustolim, Eliane M. Dal´Moro, Evani S. Cristo, Genori F. Klen, Genoveva F. Silvério, Helena G. Gandim, Ivani S. Cristo, Irene T. Morelli, Izabel Schultz, Juscelene R. de Matos, Jorge G. De Oliveira, Lenir R. de Bona, Lidia Seibel, Lilia M. R. Joaquim, Liane M. Pereira, Lurdes G. De Oliveira, Lourival S. Silvério, Maristela P. da Silva, Marlei T. Panatto, Maria A. Pereira, Marilene L.da Silva, Marlene S. Vailatti, Neusa S. Santos, Nelci M. S. da Silva, Norinda V. Viola, Rejane P. da Silva, Renê Rigon, Rita de C. Pretto, Soeli T. Hosda, Senhorinha M. Joaquim, Solange P. Ribeiro, Taisnara Mieserski, Vanderlli V. da Cruz, Vania Vailatti, Zenaide T. Taufemback.

À Nadir (funcionária da Faculdade de Educação) que atenciosamente, sempre me informou sobre os trâmites burocráticos da Universidade e auxiliou-me a vencê-los.

À Professora Olívia Mendonça da Motta Vieira pela disponibilidade e dedicação.

À Karina e Elisângela e Gilberto, que, com dedicação, me ajudaram a digitar e organizar esse trabalho.

A todos que contribuíram para a concretização deste trabalho.

"Entusiasmo significa transe, arrebatamento, comunhão com Deus. O Entusiasmo é o amor dirigido a alguma coisa, alguma idéia. Quando amamos – e acreditamos do fundo de nossa alma – nosso trabalho consegue mostrar este amor".

SUMÁRIO

I. PRELÚDIO..... 01
Construindo o caminho professora-pesquisadora..... 01
Construindo o objeto de pesquisa..... 10

II. A CONSTRUÇÃO DA PARTITURA: ENTRE MÚLTIPLOS SONS, RITMOS E TONALIDADES PROCURANDO A MELODIA - INTERLÚDIO 24
2.1. Que sons são produzidos sobre nós professores/as?..... 24
2.2. As primeiras notas: o início que foi a continuidade de muitos encontros..... 29
.....
2.3. Dedilhando notas: os primeiros passos..... 34
2.3.1. Ouvindo os sons produzidos: avaliação do processo..... 40
(DÓ) - Mudando e procurando outras tonalidades para a composição da melodia..... 57
.....
2.4. De nota em nota e de compasso em compasso, vamos construindo a melodia.. 75
2.4.1. Improvisando acordes na busca de sons..... 75
2.4.2. Compassos mais marcantes, que conduziram a melodia..... 88
1º. Compasso: I Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento"- 20/07/98.. 89
(RÉ) - Partilhando melodias: início do "segredo partilhado" 93
a. Reunião do dia 23/03/98..... 93
b. Reunião do dia 16/04/98..... 99
3º. Compasso: II Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento"-

18/12/98..... 108
(MI) - Ouvindo os primeiros ensaios produzidos na parceria..... 122
(FÁ) - Partilhando a melodia com o/a "outro/a" e o convite de socializá-la com mais "outros/as"..... 126
2º. Compasso: Reunião dos grupos com a professora Corinta..... 126
As nossas vozes..... 126
A voz dos/as professores/as de Porto Barreiro 158
(SOL) - Escrevendo a partitura: pondo no papel as primeiras notas da melodia..... 184
.....
As primeiras atividades de 1999..... 184
Outros ritmos permeando a melodia..... 189
4º. Compasso: III Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento"- 25/06/99..... 194
(LÁ) - Socializando alguns tons da melodia: conquistando o reconhecimento como compositor..... 205
5º. Compasso: 12º COLE..... 205
(SI) - Os/as compositores/as divulgando os primeiros esboços produzidos..... 213
6º. Compasso: Lançamento de alguns compassos da partitura - IV Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento"..... 237
De "DÓ à SI", de "compasso" em "compasso", tentando entender a melodia..... 245

III. VIAJANDO ATRAVÉS DO TEMPO AO RESGATAR MELODIAS..... 256

IV. SONS SOANDO: MESCLANDO OS TONS PRODUZIDOS E TALVEZ O PRENÚNCIO DO "PORVIR"..... 321

V. MÚSICAS QUE SOAM AO FUNDO (REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS)..... 335

.....

VI. ARRANJOS QUE COMPLEMENTAM A MELODIA (ANEXOS)..... 346

4.1. Anexo nº 1- Registro dos Documentos sobre a pesquisa "Aventurando-se no Conhecimento: a construção de uma partitura "porvir"..... 346

4.2. Relação dos textos usados nos cursos em 1997, dos textos usados na construção do "Aventurando-se no Conhecimento" - 1998 a 1999 e dos textos produzidos no processo..... 388

4.3. Aventurando-se no Conhecimento: a pesquisa-ação como eixo norteador da formação continuada de professores/as universitários/as e professores/as do ensino fundamental. (Texto produzido coletivamente)..... 423

I. PRELÚDIO

Construindo o caminho: professora-pesquisadora

Na minha trajetória de aluna/professora/pesquisadora, surgiu um certo dia a palavra "pesquisa". De início, nem me dei conta do seu significado vez que, como aluna da graduação, "fiz pesquisa" porque era necessário, como atividade a ser cumprida dentre as outras que faziam parte do currículo.

Terminada minha jornada como aluna, comecei outra, a de professora. Inicialmente no Ensino Fundamental e posteriormente no Ensino Superior. Nessa nova fase, a pesquisa apresentava-se insinuando-se como o enigma que a esfinge apresenta para Édipo[1], porque nesse momento não era mais aluna que queria aprender a pesquisar, era a professora que queria compreender a atividade de pesquisa para aprender a ensinar a pesquisar, pois acabava de assumir aulas de Metodologia Científica. Não era mais o aprendiz aprendendo a tocar a melodia, mas o músico que precisava ensinar a compô-la. Coisa séria!

Os conteúdos a serem trabalhados nas aulas, com os/as alunos/as, eram direcionados para a "fundamentação da execução de pesquisa." Já havia descoberto que ser professor é enfrentar desafios permanentes, pois quanto mais buscava respostas, mais dúvidas encontrava. Contudo, gostei de lidar com essas "incertezas", pois graças a elas que procurei respostas, nem sempre encontradas, e compreendo que as coisas "são" e "não são", aprendendo a conviver com o "talvez", a relativizar o que se toma, via de regra, como absoluto. Invocando Pimentel, diria que "busquei a possibilidade da verdade, que descobri não ser fixa, mas dialética, e que se configura em permanente construção na história de todos os seres." (Pimentel, 1993, p. 15).

[1]Aqui uso uma metáfora onde comparo o meu encontro com a pesquisa com o encontro de Édipo com a esfinge, segundo a mitologia grega, a esfinge apresentava o seguinte enigma aos viajantes: o que é que de manhã tem quatro pés, ao meio dia dois e a noite três. Se o viajante respondia estava salvo, ao contrário a esfinge (ser diferente, com corpo de leão, com asas e rosto com traços humanos) o matava. E foi assim que me senti em relação a pesquisa, um enigma que eu precisava decifrar para continuar o meu caminho. Não referenciei o livro que traz a lenda porque são lembranças das estórias que meu avô me contava, na minha infância.

Decidida a melhorar o meu trabalho docente, encontrei-me com as propostas freinetianas (com base na Pedagogia Freinet[2]), mas não conseguia articulá-las com a minha prática docente, com a disciplina que trabalhava. Eram dois opostos: a proposta freinetiana que rompia com a "ordem escolar" e a Metodologia Científica que, da forma como era trabalhada, queria tudo em "ordem", quase exato.

Essa situação possibilitou-me descartar as certezas do momento, comecei a desconfiar daquela rigidez. Pesquisa não parecia ser aquilo que eu pensava e que muitos autores reforçaram: aquele emaranhado de técnicas, de normas rígidas a serem aplicadas, de forma que, no relato dos resultados da "pesquisa", se pudesse ser, como exigido, impessoal e neutro. Comecei a refletir sobre como trabalhar a disciplina de maneira a romper com essa rigidez que a permeava. Contudo, naquele início, por mais que tentasse não conseguia me libertar daquele círculo vicioso que parecia uma camisa de força de formas, de regras e de definições ´a priori`. Esbocei no âmbito da pós-graduação "lato-sensu", um projeto para estudar a fundo as questões que me preocupavam. Contudo, naquele momento da minha história, não conseguia enxergar mais longe: as minhas concepções de pesquisa ainda estavam vinculadas a uma ciência pronta, acabada, estática, formalista, decididamente positivista. Presa na teia do compromisso e do tempo, resolvi investigar as dificuldades que os meus alunos de Metodologia Científica apresentavam ao expressar-se através da escrita, já que eu acreditava que as dificuldades de pesquisa estavam intimamente ligadas a esse tipo de deficiência. Explorei o texto livre segundo a compreensão de Freinet[3] como pano de fundo para superar as dificuldades já configuradas. Mesmo obtendo algumas mudanças, continuei a minha jornada,

[2] Quando me refiro à Pedagogia Freinet, estou remetendo ao Curso de Especialização que fiz, no período de 1986-1989, o qual foi intitulado "Pedagogia Freinet", porque a temática do curso era a vida, obra, o trabalho e as contribuições de Freinet para educação. Fizemos um estudo aprofundado sobre os princípios dessa "Pedagogia", segundo nossos/as professores/as da época, assim denominavam as contribuições de Freinet. Inclusive fomos a São Carlos conhecer a "Oca dos Curumins", escola que aplicava os princípio freinetianos.

[3] Para desenvolvimento dessa monografia estudei várias obras escritas por Freinet, mas a principal delas foi "O texto livre", onde esse professor-pesquisador explicava a função comunicativa da linguagem e defendia a idéia que temos que ensinar a criança a ler e escrever, explorando a função comunicativa da língua, (hoje, baseada em Bakhtin, digo, constitutiva) e vinculá-la a vida do/a aluno/a, que para ele/a essa atividade tenha significado e objetivos. Para expor as suas idéias citava vários exemplos de práticas que desenvolveu em sala de aula, como por exemplo a imprensa, articulada a produção do jornal escolar, correio escolar, dentre outras práticas. Criticava o ensino da gramática desvinculada da produção de textos, assim como da língua desvinculada da vida. Para maiores esclarecimentos ver, MESSIAS, Maria da Glória M. A importância do texto livre para o desenvolvimento da expressão escrita da criança. Guarapuava: FAFIG/UNICENTRO, 1989. (Monografia datilografada)

contendo a insatisfação que gritava, porém tratando de continuar a minha busca: foi um longo período de leituras solitárias...

Ao ingressar no Mestrado, comecei a confrontar novas possibilidades, novidades, mediações tão necessárias e esperadas. Assim retomei meu antigo projeto: Como ensinar Metodologia Científica de forma mais viva, dinâmica, articulando-a aos interesses dos alunos/as? Muito embora sensíveis mudanças já tivessem ocorrido no percurso da minha prática pedagógica, mudanças estas pensadas e efetivadas na parceria com minhas companheiras de trabalho, ainda não me sentia segura e gratificada com o meu trabalho de ensinar a pesquisar: iniciava a abordagem da investigação, com os/as meus/minhas alunos/as, mas me perdia no meio do caminho, não conseguia conciliar a professora com a pesquisadora e além disso, as respostas que acreditava encontrar, as descobertas, toda a riqueza advinda de mediações enriquecedoras e do desequilíbrio provocado pelos estudos em outros níveis (Mestrado) pareciam deixar minha "casa intelectual desorganizada." O tempo que precisava para colocar tudo isso em ordem, não era o mesmo da sala de aula[4]. Entre a pesquisadora e a professora optei pela segunda, vez que o programa, como sempre precisava ser cumprido. Em função de inúmeras reflexões tive a idéia de estudar a implantação da disciplina "Introdução à Metodologia Científica[5]", no então Segundo Grau, vez que supunha ser um jeito de repensar a minha própria prática, mesmo que projetada na prática do/a outro/a.

Optei por investigar as turmas do Curso de Magistério de 1991 e 1992. Por serem as primeiras turmas nas quais a disciplina havia sido implantada. Quando iniciei a investigação, o processo de implantação do I.M.C. já se encontrava no seu terceiro ano. Procurei resgatar esses dois anos iniciais do processo de implantação da disciplina e o trabalho que produzi na Dissertação de Mestrado, defendida em 1995, foi intitulada "Implantação e desenvolvimento da disciplina Introdução à Metodologia Científica: resgatando processos." Esse trabalho possibilitou-me repensar várias questões intrínsecas ao processo investigativo, tais como:

[4] Nessa situação me deparei com a questão do tempo cronológico e o de maturação, o tempo vivido. (HELLER, Agnes. Sociologia da vida cotidiana. 1987, p. 385-393) Nesse momento senti que o tempo de pesquisa é diferente do de sala de aula. O primeiro é demorado, exige reflexões, maturação, já o segundo é imediato, exige tomada de decisões rápidas.

[5] No decorrer do trabalho quando referir-me a Introdução à Metodologia Científica, vou usar I.M.C.

- As proposições teórico metodológicas sobre o relacionamento entre ideologias, utopias, visões sociais de mundo, valores e o processo de produção de saberes e de conhecimentos (positivismo, historicismo e o marxismo) estão intimamente interligadas (Löwy, 1991, p. 35)

- O processo de produção de conhecimentos nas Universidades Brasileiras foi fortemente marcado pelo positivismo (pesquisas empírico-analíticas), sofrendo transformações somente na década de 70, quando outras abordagens fenomenológica-hermenêutica e crÍtico-dialética, surgem como alternativas, "questionando a relativa hegemonia da pesquisa empírico-analítica e ganham espaços nos centros de pesquisa." (Gamboa, 1989, p. 110)

Historicamente a disciplina de Metodologia Científica surgiu nesse contexto, em que:

> *a orientação empírico-analítica teve seu desenvolvimento assegurado na formação de docentes dentro dessa tradição e fundamentalmente, através da disciplina de metodologia de pesquisa científica e dos manuais de pesquisa que davam ênfase às técnicas quantitativas, fundadas na concepção de ciência e nas regras do método positivista. Essa situação é decorrente da importação cultural, do corpo docente, formado no exterior e da imposição de um modelo de pós-graduação, que favoreceram a transposição de paradigmas predominantes nos países de origem.* (Gamboa, 1989, p. 109)

- A tradição de pesquisa no Brasil passou a fazer parte do contexto universitário, somente neste século, pois o processo de produção de conhecimento em nosso país foi marcado pela colonização.

> *Vivíamos pelas imposições que eram jogadas sobre nós, de costas voltadas para o país, debruçados sobre a Europa, consumindo imoderadamente o produto europeu, de maneira não crítica e não reflexiva, dominados por um "temor referencial."* (Luckesi et al, 1991, p. 98)

- As dicotomias ensino-pesquisa, teoria-prática, pensar e fazer, são possíveis de serem detectadas no contexto educacional, que encontra-se prenhe de dicotomias, nele interagindo. Contudo as explicações para tais dicotomias, são complexas e inúmeras. Entre muitas explica-se suas origens, na divisão disciplinar do conhecimento que historicamente foi construída. O conhecimento ocidental compreendido na metáfora da árvore, isto é, um tronco principal ou "pivô", que representa uma área específica do saber, que se divide em ramos mais específicos dessa área, que em geral não se ligam entre si e se ligam exclusivamente com a idéia central (tronco ou pivô do conhecimento), um tronco que simbolicamente se refere a um segmento específico do saber, que se desdobra em ramos mais específicos que, em geral, não se relacionam entre si e se ligam exclusivamente com a idéia central (raiz e tronco do

conhecimento). A lógica binária e a linearidade é o que prevalecem nessa metáfora de compreensão do conhecimento, assim, excluindo a possibilidade da multiplicidade. (Deleuze, 1995, p. 12-13)

> A lógica binária é a realidade espiritual da árvore raiz. *Até uma disciplina "avançada" como a Lingüística retém como imagem de base esta árvore-raiz, que a liga à reflexão clássica (assim Chomsky e a árvore sintagmática, começando num ponto S para proceder por dicotomia). Isto que dizer que este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal, unidade que é suposta para chegar a duas, segundo um método espiritual. E do lado do objeto, segundo o método natural, pode-se sem dúvida passar diretamente do Uno a três, quatro ou cinco, mas sempre com a condição de dispor de uma forte unidade principal, a do pivô, que suporta as raízes secundárias. Isto não melhora nada. As relações biunívocas entre os círculos sucessivos apenas substituíram a lógica binária da dicotomia. A raiz pivotante não compreende a multiplicidade mais do que o conseguido pela raiz dicotômica. Uma opera no objeto, enquanto a outra opera no sujeito. A lógica binária e as relações biunívocas dominam ainda a psicanálise (a árvore do delírio na interpretação freudiana de Schreber), a lingüística e o estruturalismo, e até a informática...*(Deleuze, 1995, p. 13)

Essa "imagem da árvore" para compreensão do conhecimento, hierarquiza o conhecimento, as ciências, os delimita em campos específicos, fragmentando-os, dando-lhes uma falsa autonomia, como se no mundo os fatos, as experiências, os acontecimentos, estivessem separados, não tivessem interligações. Se remetermos esse tipo de compreensão ao cenário da produção de conhecimentos, vemos que neste contexto prevalece uma lógica binária excludente que nega possibilidades de se produzir conhecimentos que fogem da estrutura pré-estabelecida, mas que podem ser gerados nos pontos de intersecção de outro modelo, no caso do "rizoma", que é outra metáfora de compreensão do conhecimento, onde não há um tronco principal e as raízes se cruzam, se conectam. Essa outra compreensão abre possibilidades de se transgredir as fronteiras delimitadas e apropriadas por áreas fechadas, com supostos donos, para produção de diferentes conhecimentos, nem sempre aceitos, nem legitimados, mas que estão emergindo, conquistando voz, espaço na academia e sugerindo diferentes compreensões de mundo. Também encontramos as origens das referidas dicotomias na própria organização da sociedade capitalista, na divisão social do trabalho em intelectual e manual, o que torna o ser humano alienado, expropriado da compreensão do seu fazer. Toda essa complexidade vem repercutindo na organização do trabalho capitalista, nas suas relações e na organização do trabalho pedagógico, produzindo tensões, gerando processos de ensino-aprendizagem dissociados, trazendo insatisfações na prática. Essas insatisfações vêm motivando professores/as pesquisadores/as a investigar, a produzir diferentes alternativas e

diferentes significados paras as práticas e discussões sobre a formação do/a professor/a, sobre a complexidade dos processos pedagógicos que o "olhar fragmentado, estereotipado, construído", de acordo com os modelos predominantes no meio acadêmico, que até então, não tem dado conta. Nessa luta incessante, encontramos na literatura e nas práticas pedagógicas, professores/as-pesquisadores/as, que trazem suas contribuições para enriquecer as discussões, os embates e entre tantos encontramos Zeichner[6], Elliott[7], Nóvoa[8], Schön[9], Carr e Kemmis[10], Stenhouse[11], Geraldi[12], Pereira[13], Fiorentini[14], Larrosa[15], Costa[16], Veiga-Neto[17], Corazza[18] e outros/as, assim como alguns grupos de pesquisa de outros países e do nosso país, como o GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Continuada da Unicamp[19]).

- O silenciamento da voz do/a professor/a como narrador/a, produtor/a da sua história, da sua constituição tem sido denunciado e combatido pelos/as autores/as citados/as

[6] ZEICHNER, 1993.
ZEICHNER, 1997a.
ZEICHNER, 1997 b.
ZEICHNER, 1997 c.
ZEICHNER, 1997 d.
ZEICHNER, 1997 e.
ZEICHNER, 1998 a.
ZEICHNER, 1998 b.
ZEICHNER, NOFFKE, 1998.
LISTON, ZEICHNER, 1993.
[7] ELLIOT, J., 1991.
ELLIOT, J., 1990.
ELLIOT, J. 1998.
[8] NÓVOA, 1992a.
NÓVOA, 1992b.
[9] SCHÖN, 1992.
[10] CARR, KEMMIS, 1988.
[11] STENHOUSE, 1993.
[12] GERALDI, MESSIAS, GUERRA, 1998.
GERALDI, 1994.
GERALDI, 1991.
GERALDI, 1994.
[13] PEREIRA, 1998.
[14] FIORENTINI, 1998.
[15] LARROSA, 1998a.
LARROSA, 1998b.
LARROSA, 1998c.
LARROSA, 1996.
[16] COSTA, 1996.
[17] VEIGA-NETO, 1996.
[18] CORAZZA, 1996.
[19] Grupo do qual sou componente e produziu um livro voltado para a discussão do professor/a pesquisador/a: Cartografias do trabalho docente, 1998.

no parágrafo anterior, em suas produções, nas quais eles/as apontam caminhos para se superar essa situação. Bem, como Fontana aborda essa questão, ao tratar da constituição do/a professor/a em sua Tese de Doutorado.

- Um dos possíveis caminhos para a formação do professor pesquisador é a compreensão do processo de produção do conhecimento em seus múltiplos entrelaçamentos teóricos, epistemológicos, metodológicos, superando a fragmentação do saber, assim possibilitando a compreensão, sistematização de diferentes sentidos e significados sobre a prática pedagógica.

- O processo de produção de saberes e conhecimentos parece ser constituído com todas as contradições e marcas do humano e nos encontros e desencontros intrínsecos ao seu próprio processo. Daí a necessidade da existência de um grupo em que numa relação dialógica, se possa discutir os conflitos e as conquistas construídas nessa aventura.

- Como professores/as precisamos estudar, investigar as nossas práticas, os nossos saberes, os nossos conhecimentos. E para que este trabalho possa trazer contribuições para a construção de uma teoria educacional, torna-se importante a parceria dos/as professores/as de todos os níveis de ensino, para abrir espaço às muitas vozes que foram silenciadas na Educação. Estudos, pesquisas que construam alternativas, para uma compreensão mais ampla da nossa profissão que superem os impasses advindos das dicotomias saber-fazer; teoria-prática; ensino-pesquisa, que sedimentam a racionalidade técnica, "La racionalidad técnica (...) considera lá competencia profesional como la aplicación del conocimiento privilegiado a los problemas de la prática." (Schön, p. 9), isto é, a dicotomia entre quem pensa a educação, que elabora a teoria (saber privilegiado, os/as teóricos/as) e quem a concretiza (os/as professores/as que estão em sala).

Essas reflexões inicialmente eram provenientes do processo de construção da minha Dissertação de Mestrado, hoje já estão mescladas com a minha trajetória de aluna do Doutorado. Como mencionei, naquela época, quando estava produzindo minha Dissertação, os meus esforços foram para compreender o processo de pesquisa e o seu processo ensino-aprendizagem. Interligada a essa questão estava a busca de compreensão da disciplina de Metodologia Científica, sua especificidade, origem e importância no contexto educacional. Com a investigação empreendida compreendi que a questão é muito mais complexa do que eu

pensava porque a produção de saberes e conhecimentos é uma questão fundamental que está presente nas raízes de todas as disciplinas do currículo escolar, no próprio processo educacional e ultrapassando-o, está presente na história da produção dos conhecimentos e saberes humanos. Hoje compreendo que não é uma disciplina que vai ensinar a pesquisar, ela pode ser um espaço para levantar questionamentos epistemológicos, discutir sobre a Ciência, o "Método Científico", o Conhecimento, a Pesquisa, apresentar experiências de pesquisas, e em áreas específicas, como no nosso caso a Educação, discutir seus impasses e entraves, entre tantas outras questões. Sabemos o que não pode ser: prescritiva e entendida como um receituário do saber/fazer pesquisa.

Terminada minha dissertação de Mestrado, estava entusiasmada, já possuía uma compreensão mais ampla do que me afligia, tais como essas mencionadas. Pensava, fazer no Doutorado a continuidade da minha pesquisa, voltando à escola de segundo grau no Curso de Magistério (a mesma onde realizei minha investigação de Mestrado) e trabalhando com os/as professores/as de Introdução à Metodologia Científica os conhecimentos necessários para que eles/as desenvolvessem um "bom" trabalho com a disciplina. Mas, ao cursar as disciplinas do Doutorado, participar de várias discussões do GEPEC e dialogar com autores/as que antes não conhecia, percebi que estava retornando a uma visão positivista, crendo que o processo de pesquisa podia ser desenvolvido, ou ensinado por uma disciplina ser articulação com as outras. E também a pesquisa pela pesquisa, ou seja, a pesquisa como prática isolada. Aí não teria sentido porque a pesquisa da forma que hoje (quando terminei minha dissertação) a compreendo está e é necessária no contexto escolar, como compreensão do mundo, compreensão ampla do ser no mundo: O que sou? Por que sou assim? A que classe pertenço? Por que penso assim? Os meus valores são os verdadeiros? O que é verdade? Que valores trabalho em aula? O que é ser professor/a? Por que minha profissão está assim? O que é a escola? O que é a educação? Por que ela está assim? O que é ensinar? O que é aprender? O que é a História? O meu país, que país é este? Por que trabalho assim? Há outras maneiras de trabalhar? Enfim, a pesquisa é um constante questionamento, uma busca infinita de compreensão das mais variadas interrogações que temos em relação à nossa vida como seres situados no mundo e marcados por toda a trajetória dos conhecimentos historicamente produzidos pelos homens e mulheres.

Enclausurar o processo de produção de saberes e conhecimentos a uma disciplina, seria mutilar a visão de pesquisa que estava (estou) construindo, em suas potencialidades. Como mencionei, é necessário que exista um espaço para discussões, sugeri o termo disciplina porque na escola, as coisas são tão complexas, que se não forem formalizadas, isto é, se não constarem na grade curricular, dificilmente serão aceitas como práticas educativas. Por falta de termo mais adequado usei disciplina, mas trabalhada articulada às outras, ou talvez congregando várias disciplinas e vários/as professores/as. Então percebi que deveria realizar o trabalho não só com os/as professores/as de Introdução à Metodologia Científica, mas com todos/as os/as professores/as nesse caso do Curso de Magistério. Era mais ou menos assim que eu pensava, quando ingressei no Doutorado, minha intenção de investigação, era voltada para essas questões. No íntimo eu queria entender os processos de produção de saberes e conhecimentos. Como se produz conhecimentos e saberes em Educação, de maneira que a nossa prática seja valorizada e não posta de lado, como se não tivesse nada a contar?

Em muitos momentos do meu percurso como pesquisadora senti um tremendo desgosto, no descompasso entre a ação da pesquisa e a sua sistematização. Na ação da pesquisa, que entendo como o processo vivido, tudo era importante, tudo era significativo, os sentimentos, os sustos, os gestos, as palavras, as relações sociais, as relações de poder, as relações políticas e tantos outros fatores constituidores do processo investigativo. Na hora da sistematização havia um arsenal de normas, que emudeciam a singeleza e a riqueza dos processos, colocando de lado as suas peculiaridades que, a meu ver, as contribuições significativas que a investigação poderia trazer residiam justamente na compreensão dessas peculiaridades, nos sentidos que poderiam ser produzidos a partir delas. Eu questionava: A prática da pesquisa interfere na formação do/a professor/a? Eu supunha que sim, mas eram suposições. Se interfere, como isso acontece? Que processos de pesquisa seriam significativos para trabalharmos com professores/as? Questões eu tinha muitas (e ainda as tenho), no Mestrado havia vislumbrado algumas pistas, mas era necessário que fossem garimpadas, trabalhadas. Assim ingressei no Doutorado com muitas indagações.

Construindo o objeto de pesquisa

> *...para os/as que fizeram da academia seu espaço de trabalho, parece que sempre costuma chegar um tempo em que é preciso descrever os modos como realizamos nossas práticas de investigação. Este tempo não é o do relógio, nem aquele do tipo cronológico; não advém de nenhuma herança metafísica (...) Ao contrário, para que este tempo se constitua - na descontinuidade que é própria- , é preciso que necessidades específicas tenham sido criadas, tais como nossas atividades enquanto alunos/as dos cursos de pós-graduação, ou aquelas da educação de educadores/as, onde os trabalhos passam a exigir que, além de estudar as práticas formalizadas pela tradição de outros/as pesquisadoras/as, também nos façamos responsáveis pelas práticas de pesquisa que utilizamos, sejam aquelas adotadas como pontos de partida, sejam as que, a partir dessas, vimos inventando. Então, é como se o nosso próprio fazer de pesquisadoras/es colocassem um "ponto de basta", onde é necessário parar e pensar: Afinal, como é mesmo que venho fazendo meu movimento de pesquisa? (...) em poucas palavras mapear o terreno e cartografar as linhas do trabalho nele realizado ..." (Corazza, 1996, p. 105-106)*

A construção do objeto desta pesquisa está circunscrita a um trabalho desenvolvido (em desenvolvimento) por professores/as universitários/as[20] e professores/as do Ensino Fundamental[21], de primeiro e segundo Ciclos, que em parceria produzem saberes e conhecimentos, por meio da pesquisa-ação e desconstroem a compreensão usual de 'extensão universitária' e as separações postas entre ensino/pesquisa/extensão. Para construção desse processo foi fundamental a interlocução que ocorreu em dois espaços comunicativos: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Continuada – GEPEC – FE/Unicamp e Programa Permanente de Capacitação de Professores/as da Rede Pública – PPCP – UNICENTRO.

No GEPEC as discussões eram voltadas à compreensão de questões que permeiam a formação do/a professor/a. Implícita a essa questão estavam outras: a formação inicial; a formação continuada; o que significava ser professor/a reflexivo/a ou pesquisador/a; quais os pressupostos da pesquisa-ação, suas contribuições para a formação de professores/as, que

[20] Componentes do Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública – PPCP – Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, Guarapuava – Pr. Esse grupo tinha por finalidade desempenhar a função de extensão na Universidade.

[21] Cerca de 38 professores/as da Rede Pública de Porto Barreiro – Pr, município que emancipou-se recentemente, 1995. Sua extensão territorial é aproximadamente de 363.000km^2. Limita-se com os municípios de Rio Bonito do Iguaçu, Saudade do Iguaçu, Chopinzinho, Candói, Virmond, Laranjeiras do Sul. Situa-se a 126km de Guarapuava. Sua população é de aproximadamente 4.433 habitantes. A Rede de Ensino conta com 1.246 alunos matriculados, sendo 514 estaduais divididos em 400 de 5ª a 8ª séries, 114 de 2ª grau. No PAC (Posto Avançado do CES), estão matriculados 180 alunos e 522 alunos pertencem a escolas municipais (alunos de 1ª a 4ª séries). (GRUPO DE GESTÃO EDUCACIONAL. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CULTURA E ESPORTE. Relatório para o projeto de estrutura e funcionamento do Órgão municipal. 1998, p. 01-02)

sentido tem a pesquisa-ação no processo de formação do/a professor/a. É apenas desenvolvimento profissional? É produção de saberes e conhecimentos? Resgata o/a professor/a como intelectual autônomo e produtor do seu trabalho docente? É um meio de intervenção em reformas educacionais? Os critérios da academia podem dar conta das pesquisas realizadas pelos/as professores/as ou ao contrário as rechaçam? Que critérios seriam legitimadores dessas pesquisas? Os parâmetros que temos, podem dar conta desse tipo de pesquisa? Quais as contribuições que as pesquisas desenvolvidas pelos/as professores/as trazem para a Teoria Educacional?

Indagações tínhamos muitas, mas não surgiram ao acaso, elas foram construídas no processo de interlocução do grupo com grupos de professores/as, com Zeichner, Elliott, Schön, Stenhouse, Carr e Kemmis e outros/as professores/as pesquisadores/as que tratavam, (tratam) dessas questões. Dessas interlocuções o grupo produziu o livro "Cartografias do Trabalho Docente: professor/a pesquisador/a", que é uma referência para as questões mencionadas.

As pesquisas do GEPEC são voltadas para inúmeras problemáticas inerentes a constituição do/a professor/a pesquisador/a e a complexidade da prática pedagógica objetivando a construção de uma epistemologia da prática, um território[22] onde todos/as os/as professores/as, sejam respeitados com seus saberes e conhecimentos, tenham voz e possam produzir contribuições para esse processo. Onde possam construir "olhares[23]"que auxiliem no rompimento dos perigos que o/a professor/a enfrenta ao pesquisar a ação docente, o de:

> *... transferir a sua capacidade de reflexão e de compreensão a um outro sujeito. O professor perde a legitimidade de seu trabalho no momento em que outorga o outro o direito de pensar e de dizer o seu trabalho. (...) à tensão entre a produção do/a professor/a e as exigências da comunidade científica, dos espaços legítimos de produção do conhecimento. Ao se pensar a*

---

[22] Entendo território a partir de Milton Santos (1994), como apropriação de espaço, tal como tratado por Analucia de Morais Vieira em sua Dissertação de Mestrado (2000).

[23] Emprestei o termo de VEIGA-NETO(1996), quando o autor aborda questões sobre o olhar ele explica que as metáforas ligadas à visão têm sido muito importantes na nossa tradição cultural, à medida em que a visão tem sido celebrada enquanto sentido privilegiado capaz de fazer uma mediação acurada e fidedigna entre nós e a realidade, ou seja, nos mostra como é mesmo o mundo. Desde a Antigüidade Clássica o nosso discurso tem recorrido fortemente à visão. Ele enfatiza que o recurso às metáforas visuais não são em si problemáticos. O que lhe parece problemático, é concedermos à visão a possibilidade de nos revelar como é mesmo essa realidade, isto é a possibilidade de que a visão, faça a um sujeito cognoscente, uma representação correta, talvez um pouco distorcida, de um suposto mundo real pré- existente. Como essa abordagem ele problematiza as próprias noções de realidade, sujeito e de verdade.

> *prática e dizê-la, ou o/a professor/a corre o risco de não ter a sua fala aceita no âmbito institucional ou de torná-lo um grande texto genérico, desvinculando-se, então, daquilo a partir do que poderia vir a sua contribuição...* (Dickel, 1999, p. 5)

No grupo do PPCP iniciamos as discussões sobre o trabalho de Porto Barreiro que estávamos desenvolvendo, que caracterizava-se como extensão. Durante um ano foram ministrados cursos nas áreas específicas, como: o ensino de Matemática, da História, da Língua Portuguesa, das Ciências, da Alfabetização, da Geografia. Também havia a participação do grupo de profissionais de outras áreas, como por exemplo, do Teatro. O grupo já havia construído uma História de prestação de serviços de extensão a vários municípios do Paraná por meio de cursos.

Entretanto, o trabalho de Porto Barreiro apresentava uma característica diferente, que era a continuidade do processo, pois pela primeira vez fora firmado um Convênio de quatro anos, do PPCP com um município, o que até então não havia sido estabelecido com nenhuma outra instituição, sempre marcada pela descontinuidade nas políticas de educação continuada[24].

Essa situação trouxe inquietações. O trabalho realizado parecia que ia ao encontro das expectativas dos/as professores/as de Porto Barreiro, pois os conteúdos trabalhados eram selecionados de acordo com as suas solicitações (genéricas), realizadas em investigações anteriores. E nas avaliações posteriores aos cursos demonstraram satisfação. No entanto, em Dezembro de 1997, quando avaliamos o processo desenvolvido durante esse ano, percebemos que deixou muito a desejar[25]. Percebemos que os cursos contribuíram para incentivar os/as professores/as continuar a sua formação, uma vez que provocaram desequilíbrio nas suas "certezas", contudo não foram suficientes para contemplar as nossas expectativas, havia muitas coisas que nos angustiavam, entre elas, os/as professores/as enfatizaram que queriam mais práticas. Isso para nós soava, como se quisessem "receitas prontas" para "executar" o seu trabalho, um "itinerário sem riscos".

Tais questões associadas ao fato que o nosso trabalho continuaria nos próximos três anos seguintes, aumentava ainda mais o peso da responsabilidade. Assim, decidimos que deveríamos pensar em um caminho diferente do qual já havíamos trilhado até então. Para isso

[24] Ver a esse respeito o artigo de Collares, Moysés e Geraldi (1999).
[25] No capítulo seguinte comento com detalhes essa questão.

iniciamos discussões sobre: formação continuada; o/a professor/a pesquisador/a; a ênfase dada à prática pelos/as professores/as de Porto Barreiro; a complexidade da prática pedagógica; a complexidade do processo de apropriação e produção dos saberes docentes, dentre outras.

Partindo dessas reflexões, pensamos que poderíamos desenvolver um trabalho diferente do que já havíamos realizado. Tínhamos ciência que um dos caminhos que a literatura educacional mundial[26] vinha (vem) apontando é pensar na formação do/a professor/a, possibilitando-lhe caminhos teóricos-práticos alternativos, cuja tônica é o trabalho de formação do/a professor/a como pesquisador/a através da pesquisa-ação, "tal formação está inserida e só pode ser compreendida no contexto social, político, econômico e cultural do país que a promover"(Geraldi; Messias; Guerra, 1998, p. 238)

Nesse contexto propus ao grupo a possibilidade de concretizarmos um trabalho com essa visão de formação. A proposta foi acolhida com entusiasmo e assim unimos os nossos esforços para enfrentar o desafio de trabalhar com os professores/as de Porto Barreiro, num processo de educação continuada norteado pela pesquisa-ação visando a constituição do/a professor/a pesquisador/a.

Parafraseando Souza e Kramer, diria que:

> *Resgatar a dimensão de cidadania social da Educação e da formação de profissionais, favorecendo que superem a situação de subalternidade hoje vivida; resgatar a dimensão cultural da Educação de modo que os professores se percebam como indivíduos sociais criadores de cultura e se reconheçam na cultura nos parece, assim, muito mais significativo do que submetê-los a treinamentos ou cursos em que mecanicamente devem adquirir informações e supostamente levá-las tal e qual à sala de aula... A formação permanente tem para nós esse sentido, o de torná-los leitores críticos do mundo, contadores críticos de suas histórias, capazes de reescrevê-las e de historicizar os conhecimentos."* (1996, p. 157)

Para que pudéssemos extrapolar a dimensão de cursos que era o que vinha sendo a tônica do trabalho, nos reunimos com a Secretária de Educação de Porto Barreiro, e após algumas negociações, decidimos que os cursos continuariam em 1998 a cada dois meses com dezesseis horas, nas áreas específicas, as quais os/as professores/as do município escolheriam

---

[26] Uso o termo mundial, porque nacional e internacional dependem do lugar que o escritor se encontra naquele momento que escreve. Por exemplo se ele está no Brasil, as obras que no Brasil são escritas são nacionais, mas se ele está em outro país, essas obras nacionais tornam-se internacionais. Também me refiro as idéias dos/as autores/as mencionados: Zeichner, Elliott, Stenhouse, Carr e Kemmis e ao grupo do GEPEC e outros/as, que paulatinamente no decorrer do trabalho irei tratando das suas contribuições.

(nesse ano foram escolhidos dois cursos de 16 horas, que enfocaram o ensino da História e os processos de Alfabetização). Paralelamente decidimos[27] implantar o projeto "Aventurando-se no Conhecimento" em Porto Barreiro. Elaboramos esse projeto no qual é explicado que consiste em uma proposta alternativa para os/as professores/as que querem continuar a sua formação. O Projeto consiste em proporcionar ao/à professor/a a oportunidade de planejar, organizar estudos sobre a sua prática, temas, questões e/ou problemas que tenham significado, sentido para si e que façam parte do seu cotidiano profissional, constituindo grupos de pesquisas, organizados a partir de interesses comuns. Esse programa tem como eixo norteador a pesquisa, a investigação. É um espaço, onde os/as professores/as do Ensino Fundamental têm a oportunidade de estudar, discutir, investigar a sua prática dialogicamente. O programa objetiva:

> - Proporcionar espaço interativo-dialógico para se discutir a Educação;
> - Proporcionar desenvolvimento pessoal e profissional dos/as participantes;
> - Possibilitar a formação continuada de professores/as;
> - Resgatar o/a professor/a como intelectual e profissional autônomo, capaz de produzir saberes e conhecimentos;
> - Divulgar a produção de saberes e conhecimentos dialogar sobre essa produção. (Folder nº 1 do I Seminário do Aventurando-se no Conhecimento, n.p.)

Os/as professores/as do nosso grupo (PPCP) foram (são) os/as facilitadores/as num processo, em que promoveram palestras, seminários, debates, leituras, filmes e outras ações necessárias para o enriquecimento da pesquisa em andamento. Todas as ações partiram do interesse, daquilo que era solicitado pelos/as professores/as de Porto Barreiro. Também os/as professores/as responsáveis pelos projeto auxiliaram (auxiliam) os/as professores/as a desenvolverem pesquisas sobre temáticas, problemáticas do seu interesse que pudessem (possam) contribuir com a construção de "olhares" para o que estava (está) sendo investigado por eles/as e ampliar a compreensão do processo investigativo, com suas dificuldades, entraves, embates, conflitos, decepções, alegrias, enfim com suas contradições. Neste contexto, as pesquisas que estão sendo desenvolvidas pelos/as professores/as de Porto Barreiro são compreendidas, como espaços de aprendizagem, reflexão, discussão, resgate de saberes, espaço de sistematização da sua prática, de produção de sentidos e significados, produção de

[27] Na minha narrativa o "eu" e o "nós" se mesclam, ora falo de maneira individual, ora de maneira coletiva, porque há momentos que coloco as minhas análises, posição individual e em outros momentos falo no coletivo, porque este é um trabalho que contudo eu ser a narradora, está sendo produzido pelos grupos e os meus limites individuais se misturam com os do grupo.

saberes e conhecimentos, nas suas dimensões de processo e produto.

> *O caráter revolucionário do conhecimento-processo e do conhecimento-produto é marcado pela questão da historicidade. O conhecimento é produto histórico. O conhecimento-processo é a própria história, é a experiência da história, da existência social. E é no momento da história que as contradições intrínsecas, próprias a toda relação social aparecem. O conhecimento-produto encobre a realidade conflituosa do aparecimento das idéias e da constituição do saber científico por intermédio da apresentação de informações aparentemente harmoniosas, organizadas, lógicas. O conhecimento-produto esconde não só o conflito presente no próprio processo de sistematização do saber, como também não mostra a existência social contraditória das idéias, dos conceitos, do corpo de conhecimento. O conhecimento produto é o resultado acabado, pronto e arrumado do processo de desvendamento do real; é a narração do vivido. O conhecimento-processo é a própria vivência: é inacabado, provisório, desarrumado."* (Leite, 1994, p. 15)

Para concretização do "Aventurando-se no Conhecimento", nos inspiramos em Zeichner, além de outros/as autores/as já mencionados/as. Desde 1997 já tínhamos a intenção de trabalhar com grupos de pesquisas, mas ainda não sabíamos como operacionalizá-la. Tal esclarecimento ocorreu quando tivemos a oportunidade de entrevistar Ken Zeichner[28], que é professor da Universidade de Wisconsin/EUA, com experiência no Ensino Fundamental, que trabalha com a formação de professores/as nos mais diferentes níveis de ensino e desenvolve com professores/as de rede municipal da cidade de Madison, um programa que está construindo caminhos para o:

> *desenvolvimento profissional, em oposição à racionalidade ou à dicotomia de quem produz e quem aplica o conhecimento (1993 a, p. 14); a da prática social e política (1993 a, p. 15); e ainda a da luta para tonar mais visível o conhecimento produzido pelos professores.* (Geraldi; Messias, Guerra, 1998, p. 255)

Zeichner vem trabalhando nessas três dimensões com os/as professores das escolas públicas americanas através da pesquisa-ação, inclusive troca experiências com Robin Marion, que também desenvolve pesquisa-ação (MARION, Robin D. The action research journey: gathering, nurturing, guiding, inquiring, sharing. The Nature of classroon action reaserch in one urban school district. 1997)[29]. Como o trabalho de Zeichner vem delineando caminhos e sugestões para a formação continuada de professores/as, temos nos inspirado em sua produção, assim como na produção de outros/as pesquisadores/as que têm trabalhado com essa temática, que serão explicitados, no decorrer deste trabalho. Estamos nos inspirando e não transplantando a suas experiências, já que as condições do nosso contexto tem as suas

[28] Zeichner foi entrevistado em Caxambu, em Setembro de 1997, pelo GEPEC, cuja coordenadora é a professora Doutora Corinta Geraldi.

especifidades, que lhe são próprias, e estamos tendo a oportunidade de ter acesso a produção de Zeichner, Elliott, Stenhouse, Carr e Kemmis, Schön, entre outros/as, bem como dos/as componentes do GEPEC através da nossa participação no grupo.

Nesse emaranhado de indagações, reflexões e mediações iniciamos a concretização do "Aventurando-se no Conhecimento" em Fevereiro de 1998. O processo deflagrado nos surpreendeu, aconteceram muitas coisas inesperadas, em relação ao trabalho desenvolvido em Porto Barreiro, em relação ao nosso grupo, e com cada um de nós e é essa rede de acontecimentos que serão analisadas no âmbito deste trabalho.

Para registrar, resgatar e sistematizar o processo produzi dez diários de campo (ver anexo 1), fotografei, filmei, gravei, vários momentos, coletei textos usados e produzidos pelos/as professores/as de Porto Barreiro, pelos/as seus alunos/as e por nós professores/as universitários/as (ver anexos 2 e 3). Também coletei dados através de questionários, história de vida, memória educativa e outros.

Entendo que neste trabalho transitam, como pano de fundo, questões relacionadas a formação do/a professor/a pesquisador/a, pesquisa-ação, Educação Continuada, as funções da Universidade - ensino pesquisa e extensão- e outras questões relacionadas a estas.

Entretanto, o enfoque dado a estas questões não pretende ser prescritivo, nem executar/cumprir as normas da Lei (9.394/96), mas são tratadas a partir da nossa experiência como professores/as universitários/as, que optamos a nos arriscar em uma aventura e o que pretendemos é socializar os nossos "achados"[30], compartilhá-los e expor os significados e sentidos que foram possíveis de produzirmos nesse momento da nossa trajetória como professores/as pesquisadores/as.

Assim nessa tese não há soluções que dêem conta da questão da articulação das funções da Universidade ensino-pesquisa-extensão, somente olhares produzidos por quem vem vivenciando um trabalho situado e com suas especificidades, no qual essas relações vêm ocorrendo. Esse caminhar que analiso, é uma busca de compreensão do processo vivenciado em suas limitações e contradições. Ao apresentarmos a nossa experiência, não temos a

[29] Artigo apresentado na Reunião Anual da Associação de Pesquisa Educacional Americana. Mar. 1997.
[30] Emprestei o termo de Marisa Vorraber Costa, que na Introdução do livro Caminhos Investigativos: novos olhares da pesquisa em Educação, o qual organizou, quando comenta cada capítulo da obra, utiliza esse termo.

pretensão de torná-la modelo, ou caminho único e definido, mas sim, trazer os sentidos e significados produzidos sobre o trabalho realizado em parceria entre professores/as universitários/as e de Ensino Fundamental.

Assim o objetivo dessa tese é analisar a articulação do trabalho desenvolvido com os/as professores/as do Ensino Fundamental de Porto Barreiro, na construção do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento" e a nossa constituição[31] e (re) constituição como professores/as universitários/as e como grupo.

Para concretizar esta finalidade:

a. Estudei a constituição do PPCP como grupo (desde 1992), resgatei alguns aspectos da sua História, da sua origem, do seu processo de produção, o contexto, algumas motivações, o elo de ligação dos/as componentes e o caminhar do grupo.

b. Resgatei o processo desenvolvido em 1997 em Porto Barreiro, pelos/as professores/as do PPCP com os/as professores/as de Porto Barreiro, cuja ação foi a execução do projeto "Professor: aprendendo e educando".

c. Estudei o desenvolvimento do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento" em 1998 e 1999 em Porto Barreiro. Contudo abordar o processo investigativo desencadeado com os/as professores/as de Porto Barreiro, direciono o meu olhar na experiência vivida pelo nosso grupo (PPCP), as dificuldades, contradições, debates, estudos que permearam a construção do processo e como essas relações foram nos constituindo, (re) constituindo.

d. Resgatei as vozes dos/as componentes do grupo, que soaram em diferentes momentos: reuniões, encontros, Seminários, dentre outros. Esse resgate objetivou analisar como fomos percebendo o processo e como ele foi nos modificando.

[31] Entendo a constituição como professor/a baseada na concepção produzida por Fontana (1997), que explica que no enfrentamento da tarefa de traçar os meandros da constituição de "nosso "ser profissional", voltou-se, como pesquisadora, "para reflexões de Vygotsky, Bakhtin e Politzer acerca da subjetividade e dos processos de singularização, considerando como elemento primordial de sua abordagem a contradição inerente à relação de constituição mútua entre o eu e o outro nas relações sociais produzidas em condições histórico-sociais determinadas."(p. 10) Para maiores esclarecimentos ver a Tese de Doutorado da autora: "Como nos tornamos professoras? Aspectos da constituição do sujeito como profissional da educação."

Analisando o processo de constituição e (re) constituição[32] do nosso grupo (PPCP), observei que apresenta duas fases principais, que são significativas para compreensão do seu movimento:

1. Constituição do grupo articulada ao Mestrado em Educação, área de Metodologia de Ensino, fase que inicia-se em meados de 1991 e vai até 1997.

2. (Re) constituição do grupo articulada ao processo desenvolvido com os/as professores/as de Porto Barreiro, tendo como desafio, a construção do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento", que iniciou em 1998 e está em andamento, entretanto para análise deste trabalho, delimitei até o final de 1999.

No primeiro momento ocorreu um movimento voltado para a organização e constituição do grupo, como grupo que desempenhou a função de extensão na Universidade. Os/as professores/as componentes do grupo realizaram pesquisas[33] voltadas para a área do conhecimento que atuavam, visando compreender os conteúdos específicos, investigando a sua produção, vinculada ao processo histórico. Objetivaram o aprofundamento e domínio desse conteúdo buscando ancoragem nas disciplinas chamadas de "pedagógicas" e compreensão dos processos de ensino-aprendizagem das áreas específicas. Desse processo construíram metodologias de ensino, material didático, enfim, os cursos que ministravam, no trabalho de extensão.

No segundo momento com a construção do "Aventurando-se no Conhecimento", acontece um movimento diferente do primeiro, que vai dar continuidade no processo de constituição e (re) constituição do grupo.

Parto da hipótese que o trabalho que está sendo construído com os/as professores/as de Porto Barreiro, está influenciando na nossa formação porque está produzindo múltiplas interações, à medida que interferimos na formação dos/as professores/as desse município, construindo processos, que eram novos para nós, essa experiência vai lentamente "nos transformando." Partindo dessa hipótese questiono:

---

[32]Uso a palavra constituição e (re) constituição juntas apenas para dar a idéia de movimento, tentando ultrapassar os limites da linguagem, mas entendo constituição como um processo dinâmico, onde se dá o movimento: constituição, (re) constituição, constituição, (re) constituição... processo infinito.

[33]Todos realizaram pesquisas mais ou menos nesta linha, a maioria (professores/as Regina C. W. Padilha, Wanda T. P. Santos, Doroteya Gavanski, Ana Lúcia Crisóstimo, Clarice Linhares, Neusa Moro, Maria Aparecida C. Knüppel e eu) elaboramos as Dissertações apresentadas no Mestrado com essa abordagem.

Em que nós professores/as universitários/as nos constituímos e (re) constituímos no processo desenvolvido com os/as professores/as do Ensino Fundamental de Porto Barreiro, na construção do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento?"

Analisando o nosso caminhar, percebo que a experiência vivida trouxe múltiplas, interligadas e heterogêneas mudanças no grupo e nos/a seus/suas componentes. Contudo nesse movimento, suponho que o fato que foi mais relevante nesse processo de constituição e (re) constituição do grupo, foi a mudança na condução dos trabalhos, que no trajeto transformam o nosso processo de formação e mudam o nosso "modo" de pesquisar, antes da concretização desse Projeto, nós pesquisávamos para produzir saberes e conhecimentos "para" os/as professores/as, agora estamos produzindo saberes e conhecimentos "com" os/a professores/as. Esse deslocamento no modo de pesquisar gerou algumas rupturas, no processo de constituição e (re) constituição do grupo:

- *temáticas*, antes os temas tratados nos cursos partiam da nossa seleção, mesmo que essa seleção fosse permeada pelas sugestões dos/as professores/as. Agora os temas tratados no processo investigativo é opção dos/as professores/as de Porto Barreiro, vinculada às suas necessidades;

- *metodológicas*, antes a metodologia de ensino-aprendizagem se configurava apenas como espaço de transmissão de conhecimentos, agora ela também se tornou espaço de produção de saberes e conhecimentos;

- p*rocesso de pesquisa*, o "jeito" de fazer pesquisa muda, de pesquisar *para* os/as professores/as passamos a pesquisar *com* professores/as, pois os saberes e conhecimentos produzidos e socializados são resultados de uma parceria, entre os/as professores/as universitários/as e os/as professores/as do Ensino Fundamental;

- *curricular*, o "currículo em ação"(Geraldi, 1994, p. 117) de cursos de extensão, passa para um processo de Educação Continuada, norteado pela pesquisa-ação, articulando três processos: Ensino-Aprendizagem, Educação Continuada, Produção de Saberes e Conhecimentos (não sem tensão). Esse movimento desconstrói a nossa compreensão usual de 'extensão universitária' e as separações postas entre ensino/pesquisa/extensão, produzindo

traços de uma relação entre Universidade e Sociedade, que poderíamos denominar de *parceria*;

- *postura epistemológica* (nossa) de professores/as universitários/as, que passam a ver os professores/as de Porto Barreiro como produtores/as de saberes e conhecimentos, assim como esses/as professores/as também começam a se perceber como produtores/as de saberes e conhecimentos.

Essas rupturas constituidoras do movimento desse processo na minha explicação são tratadas separadamente apenas para facilitar a compreensão, contudo no bojo do processo acontecem interligadas e esse movimento não atinge os/as componentes do nosso grupo de maneira uniforme e linear, assim como os/as professores/as de Porto Barreiro. A experiência vivenciada vai influenciando a constituição e (re) constituição dos sujeitos desse processo de maneira diferenciada e os sentidos e significados produzidos individualmente só foram possíveis de serem produzidos devido ao desenvolvimento de um trabalho coletivo, marcado pela interlocução[34]. Assim os sentidos e significados produzidos trazem a peculiaridade de cada sujeito, contudo peculiaridades que foram se constituindo e (re) constituindo na interlocução, interação do grupo e dos grupos que produziram esse processo.

[34]Utilizo o conceito de interlocução lastreada na compreensão de Bakhtin (1999). Entendo que interlocução para Bakhtin é o processo de interação verbal, a qual é constitutiva do sujeito porque "O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo (...) A enunciação (...) é puro produto da interação social, quer trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística." (p. 121) Explica que o diálogo é uma das formas da interação verbal, mas "pode-se compreender a palavra "diálogo num sentido amplo (...) toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (p. 123). Cita como exemplo o livro e outras formas impressas, " o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal"(p. 123). Ressalta que qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, "constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado (...) A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta (...) entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum de situação de produção. Não se pode (...) isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos, simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar". (p. 123-124). Portanto na abordagem de Bakhtin o sujeito se constitui no social, na relação com o outro, na interlocução, sendo que interlocução pode ser compreendida como interação verbal, que é entendida como todas as formas de comunicação, não se restringindo apenas a fala e ocorrendo nas tramas das relações sociais concretas, determinadas historicamente e em contínuo movimento.

A constatação de que ocorreu o movimento de pesquisar "*para*" os/as professores/as, passou-se a pesquisar "*com*" os/as professores/as remete:

> *Ao professor não cabe dizer: "faça como eu", mas: "faça comigo". O professor de natação não pode ensinar o aluno a nadar na areia fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a lançar-se n'água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas, fazendo seu corpo coexistir com o corpo ondulante que o acolhe e o repele, revelando que o diálogo do aluno não se trava com seu professor de natação, mas com a água. O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor...(Chauí, 1980, p. 39)*

E também leva a outra reflexão, na qual Chauí salienta que uma das operações fundamentais da ideologia consiste segundo Claude Lefort, em passar do *discurso de* ao *discurso sobre*. Explica que essa diferença ocorre assim:

> *...quando o discurso* da *unidade social se tornou realmente impossível em virtude da divisão social, surgiu um discurso* sobre *a unidade; quando o discurso* da *loucura tem que ser silenciado, em seu lugar surgiu um discurso* sobre *a loucura; onde não pode haver um discurso* da *revolução surge um outro,* sobre *a revolução; ali onde não pode haver o discurso* da *mulher surge um discurso* sobre *a mulher, etc). Ora, essa passagem do discurso* de *ao discurso* sobre *caracteriza várias de nossas atividades intelectuais, como a ciência (a psiquiatria que fala sobre a loucura, a sexologia que fala sobre o sexo, a tecnologia que fala sobre o trabalho, a pediatria que fala sobre a criança), a filosofia (que fala sobre a coisas e sobre as idéias), e talvez,* a pedagogia, discurso sobre a educação. *O discurso* sobre, *em geral, oculta seu caráter ideológico chamando a si mesmo de Teoria. A distinção entre duas formas de discurso pode permitir que distingamos algo que tendemos a não diferenciar muito: o conhecimento e o pensamento. O conhecimento é a apropriação intelectual de um certo campo de objetos materiais ou ideais como* dados, *isto é, como fatos ou como idéias. O pensamento não se apropria de nada – é um trabalho de reflexão que se esforça para elevar uma experiência (não importa qual seja) à sua inteligibilidade, acolhendo a experiência como indeterminada, (...) que pede para ser determinado e pensado, isto é, compreendido. Para que o trabalho do pensamento se realize é preciso que a experiência* fale de si *para poder* voltar-se sobre si *mesma e compreender-se. O conhecimento tende a cristalizar-se no discurso sobre, o pensamento se esforça para evitar essa tentação apaziguadora(...) A experiência é o que está aqui, aqui e agora, pedindo para ser visto, falado, pensado e feito. (1980, p.26-27)*

Como esse processo é constituído por uma teia de relações, percebi que só a minha narrativa não daria conta de explicitar a sua dinamicidade e a sua riqueza, assim optei por colocar as vozes dos sujeitos dessa História para que juntos/as a contemos, já que na ação, nossas mãos estiveram juntas. Então, por que não?

> O essencial das narrativas de experiências está no fato de os sujeitos assumirem os lugares de enunciadores, e, conseqüentemente, estabelecerem uma relação de construção de interpretações e compreensões sobre o que lhes acontece. Assumir o lugar de onde se fala é constituir-se como sujeito, múltiplo, polifônico e único em sua própria organização narrativa. Constrói-se, pela linguagem, a identidade social de cada sujeito. (Collares, Moysés, Geraldi, 1999, p. 212-213)

Quanto a condução teórico-metodológica desse trabalho, faço minha a palavras de Geraldi:

> *"Não se encontrará neste trabalho nem um "quadro de referências teóricas", nem sessão específica sobre a condução metodológica. Espero estar construindo um caminho teórico-metodológico, em que os "embates" com o objeto, iluminados pelas visões de mundo do pesquisador, vão explicitando as categorias teóricas fundamentais, orientando o "olhar" em direção ao objeto de investigação, determinando a trajetória teórica e construindo o conhecimento. Este é um caminho, não o único, mas o que escolhi para realizar este trabalho."* (1994, p. 6)

Para que o/a leitor tenha uma visão geral deste trabalho, vou descrever sucintamente o que trato em cada capítulo.

No primeiro capítulo, aqui já na introdução, trato da minha trajetória como professora pesquisadora e o processo de construção do objeto desta pesquisa.

No segundo capítulo, descrevo alguns flashes sobre as imagens do/a professor/a, que foram produzidas pela literatura educacional. Abordo a categoria da *experiência* (Larrosa, Benjamin), como iluminadora das análises das nossas práticas e vou relatando os processos de trabalho desenvolvidos e construídos por nós, professores/as universitários/as na construção do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento". Para dar conta de explicar como esse processo foi nos constituindo e (re)constituindo, resgato as discussões que ocorreram no nosso grupo (PPCP), os eventos de socialização que participamos, os fatos (compassos) que mudaram o nosso caminhar e as fases (dó a si) que foram transcorrendo e permeando o processo. Não tendo outro meio de descrever a subjetividade dos/as companheiros/as de jornada, transcrevo suas vozes nos mais diversificados momentos vivenciados; analiso algumas falas, todavia sem a pretensão de esgotá-las e estar interpretando-as "adequadamente". Deixo em aberto algumas situações para que você, leitor/a, também participe desta construção, dialogando conosco.

No terceiro capítulo, resgato a constituição do grupo nos seus primeiros momentos, os interesses, objetivos que norteram essa primeira fase e os trabalhos realizados.

No quarto capítulo, tento fazer uma síntese, expondo sentidos e significados advindos do meu "olhar" de participante e pesquisadora do processo, todavia sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto, destacando algumas notas da partitura "porvir", já que trabalho com a idéia de memória de futuro[35], prenunciando possibilidades para o trabalho na escola, nos municípios, construídos por aqueles que as fazem, num rico diálogo de parceria com a sociedade e a Universidade. Nessa perspectiva que assim, a tese não acaba com minhas/nossas vozes que produzimos esse processo, mas abre-se para a produção de sentidos e significados que o/a leitor/a, dialogando com o texto, possa realizar. Nesse contexto, ao ler esta tese, tacitamente é aceito o convite para arriscar-se a viver esta aventura.

[35] Bakhtin trabalha com a idéia de memória de futuro abordando-a na relação do "eu" com o "outro", entrelaçada a questão da temporalidade e assim a explica: "Uma efetiva vivência interior minha –na qual tomo parte ativa- não pode ser tranqüila, deter-se, terminar-se, findar-se, acabar-se, não pode escapar à minha atividade, cristalizar-se de repente numa existência autônoma, concluída, com a qual minha atividade nada mais teria a ver, pois o que vivo é vinculado às coerções do pré-dado, e, de dentro, nunca pode deixar de ser vivido, ou seja, não posso livrar-me da minha responsabilidade para com o objeto e o sentido. Não posso deixar de ser ativo no objeto, pois isso seria subtrair-me ao que constitui meu próprio sentido, seria transformar-se numa máscara da minha própria existência, seria pregar-me a mentira de mim mesmo. Posso esquecer o objeto e então ele deixa de existir para mim, mas, se o guardo na memória (em seu valor), será no nível do que lhe é pré-dado e não do que faz já-aqui. Para mim, a memória é memória do futuro, para o outro, memória do passado (...) Tenho de minha vivência uma memória ativa que se exerce no nível de valores do objeto e do sentido pré-dado, e não no nível de seu conteúdo atual, tomado isoladamente, ou seja, no nível daquilo que havia pensado sua emergência em mim; com isso renovo indefinidamente o que era pré-dado a cada uma das minhas vivências, junto-as todas, junto todo meu eu no futuro perpetuamente por-vir e não no passado. Para mim, minha unidade é unidade perpetuamente por-vir; ela me é a um só tempo dada e não dada; (...) Tenho vontade de parecer maior do que sou na realidade, é um fato, mas também é um fato que não posso ver-me em meu presente, não posso jamais acreditar até o fim que sou afetivamente aqui e agora, e completo-me com o que está no por-vir, com o que deve ser, com o que é esperado; é somente no futuro que se situa o centro de gravidade efetivo de minha própria autodeterminação. Por mais ingênua e aleatória que seja a forma que o-que-deve-ser e o-que-é-esperado podem revestir, o importante é que eles não se situam *aqui*, nem no *passado*, nem no *presente*. E o que quer que eu obtenha no futuro, mesmo que seja tudo o que anteriormente eu antecipara, o centro de gravidade de minha determinação não deixará de ser arrastado numa evolução que o impelirá para frente, para o futuro, e eu me apoiarei em meu próprio por-vir. Não há nada no presente, mesmo o orgulho e o contentamento, que não se complete por conta do futuro (o que se

II. A CONSTRUÇÃO DA PARTITURA: ENTRE MÚLTIPLOS SONS, RITMOS E TONALIDADES PROCURANDO A MELODIA - INTERLÚDIO.

2.1. Que sons são produzidos sobre nós professores/as?

Numa rápida olhada sobre a produção educacional, mediada por Nóvoa, vejo três fases no percurso da investigação pedagógica:

> *a primeira distingui-se pela procura das características intrínsecas ao "bom" professor; a segunda defini-se pela tentativa de encontrar o melhor método de ensino; a terceira caracteriza-se pela importância concebida à análise do ensino no contexto real da sala de aula, com base no chamado paradigma processo-produto. Esta literatura considerava um progresso a possibilidade de estruturar o ensino, para além dos próprios professores; de caminho, reduzia-se à profissão docente a um conjunto de competência e de capacidade, realçando essencialmente a dimensão técnica da acção pedagógica (1992, p. 14-15)*

Nessas mudanças do objeto da investigação educacional, como ficava o/a professor/a? Como era inserido/a nesse contexto?

> *... anos 60 como um período onde os professores foram "ignorados", parecendo não terem existência própria enquanto factor determinante da dinâmica educativa; aos anos 70 como uma fase em que os professores foram "esmagados", sob o peso da acusação de contribuírem para a reprodução das desigualdades sociais; aos anos 80 como uma década onde se multiplicaram as instâncias de controlo dos professores, em paralelo com o desenvolvimento de práticas institucionais de avaliação"(Ibidem, p. 15)*

Nóvoa cita a publicação do livro de Ada Abraham, "O professor é uma pessoa" (1984), como um marco da viragem da literatura pedagógica, que foi invadida por estudos e obras sobre a "vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores"(p.15) mesmo sendo uma produção heterogênea teve o mérito de "recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas de investigação". (p. 15). Colocado/a o/a professor/a como

---

revela através de um discurso satisfeito, seria a tendência de se antecipar a si mesmo) (Bakhtin, 1997, p. 139-

centro da problemática da investigação também passamos pela produção de diversas imagens as quais tentaram e tentávamos nos enquadrar.

Espelhos, jogos de imagens, imagens nas quais não nos vemos, produzidas pelo discurso educacional, que vem produzindo em nós um desconforto e uma contradição entre a constituição do nosso "ser profissional"(Fontana, 1997, p. 15) e os discursos prescritivos do "deve ser". Assim Fontana vai tecendo a trajetória das imagens que vêm sendo produzidas sobre nós professores/as.

> *Entre o muito que tem sido dito e escrito sobre nós e o muito que se tem planejado e proposto a nós, têm-se revelado muitas faces de nossa atividade profissional. Faces nem sempre harmônicas. Faces nem sempre agradáveis de encarar. Faces em que muitas vezes, não nos reconhecemos...* (Idem, p. 18)

Se não nos reconhecemos, e o que vemos nos desequilibra, isso gera crises, e gerou "crise de identidade" nos/as professores/as

> *"objecto de inúmeros debates ao longo dos últimos vinte anos, não é alheia a esta evolução que foi impondo uma separação entre o eu pessoal e o eu profissional. A transposição desta atitude do plano científico para o plano institucional contribuiu para intensificar o controle sobre os professores, favorecendo o seu processo de desprofissionalização."* (Nóvoa, 1992, p. 15)

Voltando ao jogo na sala de espelhos, que alegremente vai brincando com nossas imagens, Fontana nos adverte que "as faces produzidas pela pesquisa científica, ainda que ambíguas, são consideradas "coisas sérias" (p. 19). Arautos do saber sistematizado, articulam-se com os significados produzidos por outras instituições e esferas da vida social, "o ideário acerca da nossa profissão, como orientam as políticas de formação, mediatizando a elaboração dos critérios de observação, de análise e de julgamento com que nossa prática é olhada por nós e por nossos outros." (p. 19). Nesse jogo de imagens e faces produzidas que vem nos constituindo e (des)constituindo, gerando inquietações é que partimos em busca de significados para o nosso trabalho, assim como do "eu pessoal" e do "eu profissional". Contudo acreditando que:

> *não há um eu real escondido a ser descoberto. Atrás de um véu, há sempre outro véu; atrás de uma máscara, outra máscara; atrás de uma pele, outra pele. O eu que importa é aquele que existe, sempre mais além daquele que se toma habitualmente pelo próprio eu: não está para ser descoberto, mas para ser inventado; não está para ser realizado, mas para ser conquistado; não está para ser explorado, mas para ser criado.(*Larrosa, 1998, p. 10)

---

141)

Procurando contribuir para as discussões sobre a constituição da identidade do/a professor/a é que me arrisco a falar da experiência vivida num processo construído coletivamente, na parceria entre nós professores/as universitários/as[36] e professores do ensino fundamental[37].

Parafraseando Nuria diria que cheguei até aqui pela "experiência de atender ao desejo, o gosto e o risco de ler e escrever"[38] (Perez De Lara, 1999, p. 1) E ainda complementaria, pelo desejo de ler, compreender o processo que construímos na cumplicidade que a interlocução nos proporcionou, significando-o, mesmo entendendo que um texto escrito é um "prelúdio de um outro escrito inexistente (...) um prólogo (ou um esboço) no momento que se escreve, e uma máscara mortuária" (Larrosa, 1996, p. 132) algum tempo depois, porque um texto por mais bem escrito que seja, não exprime todas as tensões e emoções que o animavam. Pensar a compreensão da experiência[39], vivida, seus significados como leitura e formação é "... pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos"(Ibidem, p. 133). Nessa perspectiva a leitura não é mero passatempo, repouso do eu real cansado que se evade do mundo real e não se reduz a uma passagem para um manancial, um oásis, à terra prometida do conhecimento. No caso da evasão, a leitura não nos apanha, não nos afeta, não mexe, (re)mexe conosco, com nossa subjetividade porque:

> *transcorre num espaço-tempo separado: no ócio ou no instante que precede o sono, ou o mundo da imaginação. Mas nem o ócio, nem o sono, nem o imaginário se misturam com a subjetividade que comanda na realidade, posto que a "realidade moderna", aquilo que nos entendemos como real, define-se justamente como o mundo sensato e diurno do trabalho e de toda a vida social*. (Ibidem, p. 134)

No caso da redução da leitura como meio de se conseguir conhecimentos, tampouco ela nos afeta porque "aquilo que sabemos se mantém exterior a nós. Se lemos para adquirir conhecimentos, depois da leitura sabemos algo que antes não sabíamos (...) mas nós somos os

[36] Componentes do Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública – PPCP da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Guarapuava - Pr. Aproximadamente 10 professores/as, porque o grupo não se mantém fixo.
[37] Aproximadamente 38 professores/as da rede pública de Porto Barreiro – Pr, município que emancipou-se em 1995, situa-se cerca de 126km de Guarapuava, sua população é de mais ou menos 4.433 habitantes. Sua economia é predominantemente agrícola e voltada para a pecuária.
[38] A tradução é minha.
[39] Adiante abordarei o sentido da experiência, segundo Larrosa.

mesmos, nada nos modificou. E isso não tem a ver com o conhecimento, senão com o modo pelo qual o definimos." (Ibidem, p. 134). Pensar a leitura como formativa seria pensar que as fronteiras entre o imaginário e o real, entre o conhecimento e o sujeito cognescente, têm uma história e podem ser desconstruídas. Larrosa explica que para que a leitura se resolva em formação é necessário que haja uma relação íntima entre texto e subjetividade. Do seu ponto de vista, tudo o que nos passa pode ser considerado um texto, os livros, as músicas, as pessoas, os objetos, as obras de arte, a natureza, ou os acontecimentos que acontecem ao nosso redor, tudo nos diz alguma coisa. Assim a formação implica na nossa capacidade de escutar ou ler, o que as coisas têm a nos dizer. Essa relação entre o texto e subjetividade poderia ser pensado como uma experiência. A experiência seria aquilo que nos passa e não o que passa.

> *Vemos o mundo passar diante de nossos olhos e permanecemos exteriores, alheios, impassíveis. Consumimos livros e obras de artes, mas sempre como espectadores ou tratando de conseguir uma satisfação intranscendente e instantânea. Sabemos muitas coisas mas nós mesmos não mudamos com o que sabemos. Essa seria uma relação com o conhecimento que não é experiência, posto que não se resolve na formação ou transformação daquilo que somos.* (1996, p. 136- 137*)*

Larrosa explicita que para entendermos a categoria experiência, temos que compreendermos os tempos anteriores à ciência moderna, quando a idéia de experiência era entendida como uma espécie de mediação entre o conhecimento e a vida humana. Contudo o significado de "conhecimento" e "vida" tinham outro sentido. Hoje o significado de conhecimento é ciência, é tecnologia, algo infinito, universal, objetivo e impessoal; "algo que está aí, fora de nós, como algo do qual podemos nos apropriar e utilizar" (Ibidem, p. 141) tem a ver com o útil no seu sentido pragmático, com a fabricação de instrumentos. Por outro lado, o significado de vida está reduzido à sua dimensão biológica; "à satisfação das necessidades (sempre incrementada pela lógica do consumo), à sobrevivência dos indivíduos e das sociedades" (Ibidem, p. 141). Nesse contexto a mediação entre o conhecimento e a vida é simplesmente uma apropriação utilitária.

> *Durante séculos o saber humano foi entendido como um páthei máthos, como uma aprendizagem seja pelo sofrimento, seja por aquilo pelo qual alguém passa. Esse é o saber da experiência: o que se adquire pelo modo como se vai respondendo àquilo que se passa ao longo da vida e o que vai conformando o que alguém é, Ex – per – ientia significa "sair para fora" e "passar através". Em alemão, experiência é* ***Erfahrung****, que tem a mesma raiz de* ***Fahren****, que se traduz normalmente por viajar. (* Ibidem, p. 141-142)

Larrosa aponta algumas características que esse saber da experiência tem e que se opõem aquilo que entendemos por conhecimento.

> *Em primeiro lugar um saber finito, ligado ao conhecimento de um indivíduo particular (...) é um saber que revela ao homem singular sua própria finitude. (...) Em segundo lugar, é um saber particular, subjetivo, relativo pessoal. (...) em terceiro lugar, é um saber que não pode se separar do indivíduo concreto no qual se encarna. O saber da experiência não está, como está o conhecimento científico, fora de nós, senão que só tem sentido no modo pelo qual configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, enfim, uma forma humana singular que é, por sua vez, ética (um modo de se conduzir) e uma estética (um estilo). Por último, o saber tem a ver com a "vida boa", entendida essa como unidade de sentido de uma vida humana plena; uma vida que (...) inclui aquelas atividades que transcendem a futilidade da vida mortal. O saber da experiência ensina a "viver humanamente" e a conseguir a "excelência" em todos os âmbitos da vida humana: no intelectual, no oral, no político, no estético, etc.* (Ibidem, p. 142-143)

Experiência não significa experimento, o experimento é quando fazemos da experiência um modelo, dessa forma matamos a experiência porque queremos controlá-la, administrá-la.

> *A ciência moderna, que se inicia em Bacon e alcança a sua elaboração mais elaborada em Descarte, desconfia da experiência. E trata de convertê-lo em um elemento do método, ou seja, do caminho seguro da ciência. A experiência não é mais o meio desse saber que transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas é o método da ciência objetiva, da ciência que se dá, como tarefa para si, a apropriação e o domínio do mundo. Surge assim, a idéia de uma ciência experimental. Mas aí a experiência se converteu em experimento, isso é, numa etapa no caminho seguro e previsível que leva à ciência.*. (Ibidem, p. 143)

A experiência é diferente do experimento porque uma experiência que eu tenho, eu passo a tê-la para mim e a partir dela eu não sou mais a mesma, a experiência produz efeitos, ela implica metamorfose, alteração, ela pode trans-formar, con-formar, de-formar. Após a experiência já não somos os mesmos.

> ... "vivenciar o existente" não é mais o distinguir, classificar e ordenar do mundo interpretado e administrado, não é mais julgar ou valorar as coisas, não é se apropriar do que existe, mas é um deixar aparecer o existente em seu ser, em sua plenitude e em seu distanciamento, isto é, em sua verdade. (Larrosa, 1998, p. 144)

Benjamin também fala do valor da experiência, quando ainda nossos pais, avós, os idosos contavam contos, lendas, fábulas, provérbios, que de alguma forma traziam experiências de seus saberes. Quando ainda o velho tinha voz, era respeitado pela sua sabedoria e não se tornara um fardo para a família, com duas dimensões, lucros ou prejuízos. Quando o velho ainda não era o "outro", mas era nós mesmos anunciando o futuro.

> *Os anos nos têm e nos fazem; fazem com que sejamos crianças, jovens, adultos ou velhos. E isto, apesar da relativa flutuação das fronteiras culturais, legislativas ou administrativas, nos situa uns e outros em grupos socialmente definidos. (...) Assim a idade não é a tua nem a minha, é a idade do outro que, ao ser-nos dada nos possui. Nesta expropriação de nossas diferenças cronológicas, nosso próprio tempo fica aprisionado.*(Llorlet, 1998, p. 14-15)

Abro um parênteses para falar do "velho", porque para mim ele tem um sentido especial. Nasci tarde, meu pai já sentia-se envelhecido, quando estava com cinco anos meus pais eram meus avós maternos que também desiludidos pela experiência da vida, tinham por objetivo viverem o suficiente para ver-me adulta, "dona do meu destino". É nesse vai e vêm de famílias diferenciadas que era a família que eu conhecia, desde cedo ouvi sabedoria: "Quando você puxar as orelhas será tarde"; "A voz mais alta é do silêncio"; "Pólvora alheira, tiro grande"; "O amor mais bonito é o não vivido"; "Só entendemos nossos pais quando temos os nossos filhos" e tantos outros dizeres que na sua simplicidade, traziam reflexões e sabedoria.

Voltando a Benjamin, na sua sabedoria, resgatando a voz daqueles que vemos como "velhos" e que tem muito a nos ensinar ele diz:

> *Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: "Ele é muito jovem, em breve poderá compreender". Ou "Um dia compreenderá". Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muita vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Quem foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que maribondos dizem hoje palavras tão duráveis que podem ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (...) qual o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?* (1994, p. 114-115)

Partindo dessas discussões sobre o sentido da experiência e da sua relação com a nossa formação, tentarei compor alguns episódios da nossa novela de formação.

> *Poderíamos começar reconhecendo que a vida humana não consiste numa sucessão de feitos. Se a vida humana tem uma forma, ainda que seja fragmentária, ainda que seja misteriosa, essa forma é a de uma narrativa: a vida humana se parece a uma novela. Isso significa que o eu, que*

> *é dispersão e atividade se constituí como uma unidade de sentido para si mesmo na temporalidade de uma história, de um relato. E significa, também, que o tempo se converte em tempo humano na medida que está organizado (dotado de sentido) no modo de um relato. Nossa vida, se é que ela tem uma, tem a forma de uma história que se desdobra. Portanto, responder à pergunta "quem somos?" implica uma interpretação narrativa de nós mesmos, implica uma construção de nós mesmos na unidade de uma trama, e isso é análogo, então, a construção de um caráter, numa novela. Por outro lado, só compreendemos quem é a outra pessoa ao compreender as narrativas que ela mesma ou outros nos fazem. É como se a identidade de uma pessoa, a forma de uma vida humana concreta, o sentido de quem ela é e do que lhe passa, só se fizesse tangível na sua história.* (Larrosa, 1996, p. 146-147)

2.2. As primeiras notas: o início que foi a continuidade de muitos encontros...

Entre idas e vindas à Campinas (1996), eu estava tentando construir meu objeto de pesquisa. Ao ingressar no Doutorado, havia apresentado uma intenção de investigação que visava desenvolver uma pesquisa-ação com professores/as do antigo Curso de Magistério em nível de Ensino Médio, entretanto, com as reformulações que estavam acontecendo com os cursos de Segundo Grau e também por sentir-me fragilizada para iniciar um trabalho solitário, deixei em suspenso essas idéias.

Conversando com a professora Regina sobre minhas idéias, ela me convidou para participar do PPCP[40]. Achei a idéia simpática porque conhecia os/as componentes do grupo e já tínhamos nos encontrado em outros momentos, no curso de Mestrado, nas reuniões de Departamento, nos corredores da UNICENTRO, que dizer éramos colegas de trabalho, mas além disso tínhamos afinidades e laços de amizade.

Uma característica do PPCP, contudo ter uma regulamentação que o institucionalizou[41], é quem dele participa, participa por opção e geralmente é convidado por alguém do grupo.

"Eu participo do grupo desde o início, primeiramente pela oportunidade de formar um grupo de estudos na minha área e, conseqüentemente, melhorar a minha prática pedagógica na disciplina de Estágio Supervisionado em Matemática. Em segundo lugar, a atuação em cursos para professores. Hoje? Bem, o grupo de estudos da minha área nunca se

[40] Grupo que já era constituído na UNICENTRO, mais adiante relatarei sua história.

consolidou, mas mesmo estando sozinha para estudar, pensar e organizar cursos para os professores, eu aprendo muito. Pra mim, o que une o grupo no momento é o tipo de trabalho que estamos desenvolvendo, são os desafios como o projeto Aventurando-se no Conhecimento, que nos tira da mesmice da rotina. Sinto prazer em orientar o grupo de Matemática de Porto Barreiro pois percebo o quanto o grupo evoluiu. Também gosto dos cursos. Outro motivo que leva a união do grupo (PPCP) são os estudos promovidos, a oportunidade de ampliar conhecimentos e trocar idéias. No início chegamos a ter um grupo de estudos formado por cinco pessoas, por um ano, contando com ex-acadêmicos do Curso de Matemática. Hoje sou o único representante da área. Dentro das possibilidade procuro participar dos estudos e projetos do PPCP." (Qu DG 02/12/99)

"A minha participação no PPCP está intimamente ligada ao interesse nas discussões do grupo que desde o início pautaram na pluralidade do conhecimento e na interdisciplinaridade.

A continuidade no grupo justifica-se pelo comprometimento com as questões de ensino e pesquisa que marcaram o caminhar do PPCP, o que aliás, na minha opinião, trata-se de um aspecto que assegura a sua continuidade e unidade enquanto grupo." (Qu MT-09/02/2000)

"Eu ingressei no PPCP em 1993, não tinha experiência com capacitação de professores. Experiência que fui adquirindo nesses seis anos, um conhecimento que foi se construindo. Assim, a oportunidade de um trabalho diferenciado e instigante fez com que eu me envolvesse no grupo de Ciências e no PPCP. Hoje participo do PPCP devido a cada desafio, vinculado a cada projeto. Nos primeiros anos de participação no PPCP, os cursos ofertados não tinham a característica de formação continuada. Organizávamos os cursos de 08 (oito) horas. Os respectivos conteúdos a serem trabalhados eram reproduzidos, reconstruídos e revisados a cada curso pelo grupo de Ciências que desde o início foi constituído por mim, pela professora Marilda Pissaia Saciloto e pela professora Eliane Strack Schimin, coordenadora do grupo.

---

[41] PROGRAMA PERMANENTE DE CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES. Projeto. 1992 (Digitado).

Em que inovávamos? Acredito que em nossas concepções de ensino, fruto de um Mestrado em Educação, área de concentração Metodologia de Ensino – vinculado a uma proposta construtivista.

Essas bases teóricas, oriundas do Mestrado, somavam-se as experiências inovadoras e a paixão por ensinar e aprender do grupo de Ciências. Como resultado, os cursos tinham por objetivo mudar a concepção de Ciências dos professores do Ensino Fundamental, talvez uma tentativa (fazendo desta área) que extrapolava a visão simplista do ensino mecânico e por vezes puramente experimental, desvinculada da realidade e do cotidiano do aluno.

Por serem cursos relâmpagos de 8 (oito) horas, não sabemos avaliar, enquanto grupo, até que ponto ocorriam mudanças e se ocorriam.

Paralelamente, também procurei me qualificar, abordando a formação continuada no ensino fundamental em minha Dissertação de Mestrado e ingressando no Doutorado, também nesta linha de formação de professores, conseqüentemente, minha concepção de formação docente foi se reconstruindo e felizmente hoje, temos no PPCP projetos que privilegiam esta capacitação permanente e a formação do professor reflexivo e pesquisador.

Seria uma utopia? Sei hoje que faço parte e contribuo para essa utopia se realize. É por esse motivo que participo hoje, do PPCP." (Qu AL 03/05/99)

"Eu comecei a participar do PPCP em 1995. Vim a convite de outros integrantes. Participo pela busca de troca, diálogo com outros profissionais. Aprofundar estudos, leituras. O que une o grupo é o coleguismo, a ausência de hierarquias. Iniciei na área de Avaliação Educacional, passei para uma área "geral" que tratava da Metodologia do Ensino, Psicologia e Legislação. Hoje estou na área de Gestão Educacional." (Qu RP 05/11/99)

"Eu comecei a participar do Grupo desde a sua fundação. Comecei a participar por meio da indicação do Departamento de Ciências Humanas. O professor Humberto Limberger, chefe do DEHUM[42] na época disse: Precisamos indicar alguém para um tal de PPCP-RP e eu acho que tem que ser você. Respondi: Tudo bem, então eu vou ... continuo indo. Os motivos foram o gosto pela formação e o que une o grupo? Objetivos comuns." (Qu AJ 05/11/98)

[42] Departamento de Ciências Humanas.

"Participo do grupo desde o início em 1991, do seu projeto inicial, junto à professora Doutora Rosália Maria Ribeiro de Aragão, bem como o professor Dionísio[43] e o professor Nelson[44] Na época estava iniciando o meu tema da pesquisa e estive sempre envolvida com Alfabetização e educação infantil, e acreditava (acredito) que este tema, embora polêmico, é de fundamental importância na vida do sujeito. (Qu CL 10/10/98)

"Na época organizamos o primeiro grupo de "capacitação", tendo um professor orientador de cada área - Alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências. Assumi então, a área de Alfabetização e Educação Infantil.

Hoje, estou participando das reuniões às quintas-feiras dos grupos de estudos, somente. O que une o grupo é o fato de ele não ser "institucionalizado", ou seja, as pessoas que se agregaram a ele vieram de "livre e espontânea vontade." (Qu CL 10/10/99*)*

Nas falas dos componentes do grupo percebo que os motivos da participação inicial estão ligados a melhoria da prática profissional; a parceria com professores/as da mesma área; a necessidade de interagir com professores/as de outros graus de ensino; a vontade de aprender na interlocução; espaço para realizar um trabalho diferenciado, transpondo grades curriculares; a ausência de hierarquias; o interesse por pensar a formação de professores/as e continuar a sua formação.

Nessa fase de constituição do grupo é marcante a influência do Mestrado em Educação[45], no sentido de gerar em nós questionamentos sobre a nossa prática pedagógica, principalmente em relação aos conteúdos que ensinávamos e a metodologia de ensino, nesse momento nosso olhar estava voltado ao campo de conhecimento, do qual éramos docentes, precisávamos compreender as Disciplinas que ministrávamos, nossas Dissertações foram realizadas nesse contexto. Inclusive o Curso de Mestrado em Educação – área de concentração Metodologia de Ensino, foi o deflagrador da constituição do grupo. Contudo, nessa fase era um grupo, mas constituído por grupos de áreas específicas e as discussões mais ocorriam no âmbito desses grupos específicos do que no âmbito do grupo do PPCP. Isso sinalizava que era um grupo multidisciplinar ou pluridisciplinar, "... justaposição de duas ou mais disciplinas

[43] Professor Doutor Dionísio Burak, que foi um dos fundadores do PPCP, participou da área de Matemática.
[44] Professor Nelson Zagorski, que participou no início, na área de Matemática.
[45] Adiante falarei mais profundamente destas questões.

com objetivos múltiplos, sem relação entre si, com certa cooperação mas sem coordenação num nível superior" (Japiassú; Marcondes, 1996, p. 145).

Em alguns grupos, os componentes foram deixando o trabalho pelos mais variados motivos, permanecendo apenas um dos componentes. Hoje por exemplo, o Grupo de Matemática, de Ciências, só tem um componente, Alfabetização e Língua Portuguesa, História e Geografia e Gestão Educacional, atualmente estão com dois componentes cada um.

Pela necessidade de atuar em vários municípios, os/as professores/as foram "construindo as suas práticas" (Qu DG 02/12/99) à medida que iam ministrando cursos, nesse momento o trabalho caracterizava-se como cursos rápidos de extensão sem continuidade.

Após o convite da professora Regina, ingressei no grupo, na perspectiva de encontrar companheiros/as de apostas, já conhecia os seus trabalhos e suas idéias, já havíamos partilhado carteiras como alunas/os e muitas inquietações. Contudo não podia chegar no grupo e falar de minhas idéias como uma coisa externa à eles/as, precisávamos "viajar"[46] por um certo tempo juntos/as, mesmo porque eu também precisava conviver com eles/as nas ações do seu trabalho, conhecia de relatos o que faziam, mas não havia vivido a experiência. E principalmente necessitava de companheiros/as, depois da convivência no GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Continuada da Unicamp), já não era a mesma, comecei a acreditar no trabalho em grupo e sentia-me sozinha.

2.3. Dedilhando notas: os primeiros passos...

Ingressei no Grupo do PPCP no final de 1996, inicialmente pertencendo a uma "área geral", que depois foi denominada de Fundamentos de Educação e por último de Grupo de Gestão Educacional, mas sem saber o que fazer. Nessa época o Grupo foi procurado pela Secretária da Educação do Município de Candói (município vizinho de Guarapuava), que desejava seus serviços. Assim, alguns componentes do programa foram ao município realizar

[46] "Viajar", uso o termo remetendo a metáfora da viagem, conforme Larrosa, a explica: "...ler é como viajar, como seguir um itinerário através de um universo de signos que deve saber interpretar corretamente, caso alguém não queira se perder. Descartes, por exemplo, descreve a sua formação humanística como uma viagem (inútil) através da biblioteca, Mas o importante dessa metáfora é que a viagem exterior (o percorrido pelo texto) está dobrado por uma viagem interior; por uma que converte o viajante em outro, diferente daquele que havia partido." (1996, p. 154)

uma sondagem sobre a situação das escolas, formação dos/as professores/as, enfim, analisar a possibilidade para elaboração de um futuro projeto de formação de professores/as a ser desenvolvido no município. Feitas investigações, análises foi elaborado um projeto inicial de formação, mas norteado por cursos e oficinas. Iniciamos as negociações com a Secretária de Educação e o Prefeito, pensando no estabelecimento de um futuro convênio[47], foram várias as negociações, inclusive em uma delas explanei para a Secretária as minhas idéias, mas não senti nenhum interesse por elas. Contudo as negociações continuaram, resultando em nada. Quando o Prefeito viu o valor do projeto, perdeu todo o interesse pelo grupo, disse que conseguiria o mesmo trabalho mais barato, que já havia contatado com outros/as professores/as "que davam cursos mais baratos", diante do exposto o grupo se sentiu ofendido e não forçou a situação. Quer dizer, nosso trabalho era mercadoria que poderia ser barateada. Além disso, percebemos que a Secretária de Educação não tinha autonomia e nem uma visão política compatível conosco. Foi uma tentativa fracassada.

Nesse período apareceu no cenário: Porto Barreiro. O nosso namoro com o município surgiu quando o Prefeito José Crotti e a Secretária de Educação do município Ivone P. Kerber, no final de 1996, procuraram os serviços da UNICENTRO para melhorar a formação dos/as professores/as da rede municipal e prestar assessorias. Assim, em ritmo de aventura[48], eu e a professora Regina fomos a Porto Barreiro no dia 17 de Fevereiro de 1997, ministrar um mini-curso a pedido da Secretária de Educação. A solicitação foi que trabalhássemos com planejamento e incentivássemos os/as professores/as em relação ao seu trabalho. Na continuidade da semana eles/as continuariam a reunir-se para planejarem as atividades do ano letivo.

---

[47] Precisávamos assinar um convênio para garantir os recursos econômicos necessários para desenvolvimento desse projeto. Os convênios que são realizados com os município são bancados pelos mesmos, eles é quem pagam os docentes, transportes, alimentação, dentre outros. Passam as verbas diretamente para a UNICENTRO, e a instituição repassa para os/as docentes e outros/as profissionais envolvidos/as. De certa forma o trabalho do PPCP gera uma receita para a Universidade.

[48] Digo ritmo de aventura porque nesse momento não tivemos apoio da UNICENTRO, fomos para o município por conta própria, a professora Regina foi com o seu carro, dirigindo, estava chovendo, não conhecíamos o caminho e sentimos muito medo de ficar encalhadas no meio do caminho, enfrentamos cerca de 16km de estrada de terra escorregadia. Além desses fatores não conhecíamos o ambiente que nos aguardava e estávamos indo ministrar um curso que nós sabíamos que iria decidir o futuro de um possível convênio.

Nesse curso trabalhei com um roteiro que chamo de memória educativa, o qual faz emergir dados da vida educacional do/a pesquisado/a, desenvolvi esse trabalho com música e, dos dados que emanaram, surgiram várias discussões referentes à escola, as quais nortearam o nosso trabalho e aproveitei a oportunidade para investigar um pouco da vida escolar dos/as professores/as. Essa memória educativa não é criação minha, vim conhecê-la num artigo de Maria de Lourdes de Lima, intitulado "Mudanças qualitativas no conhecimento sobre o trabalho docente". In: Ivani et al (org.) Nesse primeiro contato, o nosso objetivo foi realizar um trabalho convincente para que, na seqüência, fosse firmado um convênio entre o município e a Universidade. Esse encontro foi muito proveitoso, participaram todos/as professores/as municipais, a Secretária de Educação, uma vereadora e a esposa do Prefeito.

No dia 12 de Março, a professora Regina, o vice-reitor, professor Edélcio José Stroparo e eu, fomos a Porto Barreiro a fim de conversarmos sobre o convênio e também, visitarmos algumas escolas para melhor conhecermos o município e as suas peculiaridades. Mas como ainda não tínhamos um projeto de Formação Docente sistematizado, o convênio não foi assinado. No dia 26 do mesmo mês, nos reunimos novamente para continuarmos as negociações e discutirmos as bases do projeto de Formação de Professores/as.

Finalmente, no dia 10 de Abril foi assinado o convênio entre a UNICENTRO e o município. Nesse mesmo dia foi iniciado o Curso de Formação de Professores/as. Foi um momento histórico para todos. Estavam presentes os/as professores/as, vereadores/as, secretários/as do município e nós, os/as representantes da UNICENTRO. O clima era de festa, de alegria, talvez já inconscientemente pressentimos bons ventos para o futuro. Nesse encontro os/as professores/as da Universidade que estavam presentes eram Edélcio Stroparo, Regina Padilha, Níncia Cecília Ribas Borges e eu. A professora Níncia foi quem ministrou o primeiro curso do projeto. Esse curso foi da área de Língua Portuguesa, o qual envolveu interpretação e produção de textos. Foi bem trabalhado os/as professores/as gostaram muito. Esse primeiro curso foi o primeiro passo de concretização do projeto "Porto Barreiro: semeando o futuro de uma Educação construída coletivamente", título que elaborei para esse projeto. No momento da assinatura do convênio foram explicadas as ações previstas no projeto e a professora Soeli emocionada disse:

"Gente, é uma emoção tão grande! Que em dezoito anos de serviço é a primeira vez que eu assisto um curso dado diretamente pelo pessoal da Universidade. Sempre era repassado por outra pessoa que havia assistido o curso pessoalmente. É uma emoção muito grande e eu tinha que contar isso. Faz dezoito anos... e é a primeira vez que tenho um contato direto com o pessoal da Universidade." (Diário nº. 1, p. 53, Fita nº. 1 – 10/04/97)

Pela fala da professora dava para perceber o poder que a Universidade representa para os professores/as dos/as outros graus de ensino, toda poderosa, detentora do saber.

Em Maio retornei a Porto Barreiro, acompanhando a professora Clarice Linhares que ministrou um curso relacionado à Alfabetização. Os/as professores/as participaram ativamente dos trabalhos.

Em Junho acompanhei a professora Eliane Schimin, no Curso de Ciências, ministrado aos/às professores/as de Porto Barreiro. Foi um trabalho muito bem recebido, porque uma das solicitações dos/as professores/as foi que se trabalhasse com o ensino de Ciências e com a organização da Feira de Ciências, que eles pretendiam concretizar em meados de Setembro. A professora Eliane demonstrou possuir uma rica experiência na área, a qual foi ao encontro das expectativas dos/as professores/as, segundo as avaliações que fizeram.

Em Julho, foi ministrado o Curso de Matemática pela professora Doroteya Gavanski. Não acompanhei esse curso porque fui assistir na Unicamp, a defesa de Tese do Professor Otavio Maldamer, intitulada "A formação continuada de professores: ensino-pesquisa na escola. Professores de Química produzem seu programa de ensino e se constituem pesquisadores de sua prática". Não estive presente no curso, mas posteriormente tive acesso ao ocorrido através de diálogo com a professora Doroteya e das avaliações realizadas pelos/as professores/as de Porto Barreiro.

No mesmo mês acompanhei a atriz Rita Felchak, na realização da Oficina de Teatro. Foi um trabalho excelente que teve uma ótima aceitação e isso me fez pensar sobre a importância da arte, do lúdico, da música se fazerem presentes na Educação. Acredito que, como educadores, não devemos nos fixar apenas numa formação que priorize aspectos cognitivos, mas também, devemos buscar a criatividade, a sensibilidade, o belo, a estética, a ética, o lúdico. Deve haver esse encontro, afinal o ser humano não é apenas cognição, ele é um

ser muito mais rico e complexo do que isso e merece se apropriar de outros tipos de conhecimento.

Em Agosto acompanhei o Curso de História ministrado pela professora Márcia Tembil Marques e o professor Ariel José Pires. O curso foi excelente, provocou um conflito nos/as professores/as que é digno de ser mencionado. Os/as professores/as ministrantes trabalharam com as concepções de História, levaram versões diferentes da História Oficial e isso desestruturou as "verdades" que os/as professores/as possuíam. Houve debates, discussões, foi ótimo, ficou um sabor de "temos que estudar, reconstruir nosso conhecimento." Os/as professores/as adoraram o curso.

Em Setembro acompanhei o Curso de Geografia ministrado pela professora Wanda T. Pacheco Santos. A professora trabalhou com as concepções que os/as professores/as possuíam da Geografia e lançou dúvidas para provocar um rompimento com uma visão de Geografia memorística, descritiva, desvinculada da plenitude da vida pulsante, dinâmica, do ser humano. Também foi um curso instigante, que bagunceou com a casa intelectual dos/as professores/as. Um fato interessante que ocorreu foi que, no transcorrer do curso, nos trabalhos teórico-práticos que a professora Wanda estava desenvolvendo com os/as professores/as, ela pediu para que eles/as desenhassem um mapa do município. Desenha-se aqui, ali, discute-se o mapa, pinta-o... na hora de apresentar esses mapas esboçados, no fervilhar dos trabalhos e ao compará-los com o mapa do município que estava sendo elaborado por especialistas da área, os/as professores/as começaram a descobrir algumas falhas no futuro mapa oficial. Essas descobertas fizeram com que se sentissem importantes e capazes de produzir conhecimentos. Foi uma experiência marcante.

Em Novembro acompanhei a professora Maria Izabel Milanez no Curso de Educação Especial. Foi um curso interessante porque trouxe esclarecimentos para os/as professores/as sobre a questão do trabalho com crianças com algum problema que fuja da "normalidade", visto que hoje é um dos desafios da escola pública, a aceitação dessas crianças consideradas diferentes. Houve grande interesse e participação.

Nesse mesmo encontro aproveitei o espaço e solicitei aos/as professores/as que escrevessem as suas Histórias de Vida e, no final do mês fui a Porto Barreiro buscar esses documentos.

Em Dezembro os professores Regina C. H. W. Padilha e Edélcio José Stroparo ministraram o Curso sobre a Nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) - 9394/96, que era um grande anseio dos/as professores/as de Porto Barreiro. Não estive presente nesse curso porque estava participando do GEPEC, na Unicamp. Tomei conhecimento do Curso em conversa com a professora Regina, que me contou o desenvolvimento dos trabalhos e gentilmente cedeu-me o material trabalhado. Apesar de não haver estado presente no curso, percebi que ele foi significativo porque nas avaliações feitas pelos/as professores/as, foram tecidos muitos elogios à professora Regina e ao professor Edélcio. Outro fato interessante é que participaram desse curso três vereadores do município. Isso demonstra que o traba;lho desenvolvido atingiu outros setores da cidade, além da escola, despertando interesse. Segundo a Secretária Ivone todos os participantes desse encontro amaram o vídeo[49] elaborado pelas professoras Regina e Wanda.

O ano de 1997 foi marcado pelos Cursos. Nesse período acompanhei todo o trabalho desenvolvido. Durante o ano nossas discussões eram sobre os cursos, datas, como estávamos sentindo o processo. No final do ano marcamos uma reunião para avaliarmos o trabalho desenvolvido em 1997 e pensarmos os encaminhamentos que daríamos no ano seguinte. O planejamento do ano seguinte estava permeado por duas características diferenciadas dos anos anteriores: pela primeira vez seria desenvolvido um Convênio por mais de um ano, quer dizer, o processo teria continuidade; o grupo sabia das minhas intenções sobre a possibilidade de desenvolvermos um processo de pesquisa com os/as professores/as de Porto Barreiro e também de nos constituirmos como grupo de pesquisa da nossa prática.

Ao ingressar no grupo, nos primeiros encontros, comentei meu envolvimento com a pesquisa que começava a delinear. Explicitei que ainda não tinha claro o processo, todavia queria pesquisar formação de professores/as, Educação Continuada e as possibilidade de desenvolvermos um trabalho, no qual nós, professores/as, pudéssemos pensar sobre a nossa prática e nos apropriarmos do nosso trabalho docente. Desde o início o grupo aderiu à idéia e me acolheu como companheira.

[49] As professoras Regina e Wanda elaboraram um vídeo que historia esse um ano de trabalho. Ficou bem interessante, apresenta algumas fotos dos cursos, umas falas de Rubens Alves e Paulo Freire, tudo com fundo musical.

2.3.1. Ouvindo os sons produzidos: avaliação do processo.

Na reunião do dia 11/12/97 nos reunimos: professora Níncia, professora Clarice, Professora Wanda, Professora Regina, Professora Neusa, Professora Doroteya, Professora Márcia, Professor Edélcio e eu. Nessa reunião emergiram reflexões, conflitos, elementos, que dão sentido ao nosso trabalho e que no transcorrer do ano fomos percebendo.

Cobrança de si por não haver participado das reuniões do grupo, só haver ministrado cursos:

"Eu, como participante, me sinto em falta porque não tenho tempo. Tudo é muito em cima da hora, quando eu me proponho a fazer algo. Não tenho tempo de participar das reuniões (...) Eu estou em falta com o grupo. Já sugeri, que se tivesse outro nome que pudesse entrar no meu lugar, eu gostaria que fosse visto porque eu não estou colaborando para o projeto, não tenho tempo de participar das reuniões e tudo fica meio perdido, parece que eu não tenho elo. Eu fui no município, preparo material, me disponho a ... daí fica uma coisa truncada porque faz o curso, não promove o acompanhamento. Daí eu acho que eu não estou participando como deveria participar, por acúmulo de atividades. (...) Vejo um projeto como algo unido. Mas eu não participo, daí fica assim. Tem um curso, me perguntam: Você vai? Eu respondo: Se não tiver outra pessoa eu vou. Eu sinto que não participo ativamente do projeto e eu acho que o objetivo do projeto é que haja reuniões dos participantes. Por exemplo, no acompanhamento eu não pude ir porque trabalho numa estrutura ... O Colégio não deixa eu sair. Só me restava os domingos. (...) Eu gosto de participar do grupo, participo desde que era acadêmica. Eu acho que aqui ninguém começou como acadêmica como eu comecei. Faz tempo que participo do projeto, mas sinto que estou muito ocupada (...) Fico preocupada, me pergunto: Que tipo de professora sou eu, dentro do projeto? Que só vou quando tenho um curso para ir? Para mim não é uma questão de prioridade, é necessidade, tenho muito trabalho." (Ru PPCP – 11/12/97 – NT – Fita nº 3, Di nº 3, p. 58-59)

O que a professora expõe é uma das características do grupo, todos/as os/as participantes desenvolvem várias atividades, aulas, funções administrativas, pesquisas de

Mestrado ou Doutorado, atividades de extensão, dentre outras. Contudo, a professora tem um agravante a mais, ela não trabalha só na Universidade, trabalha também numa escola particular de Ensino Fundamental e Médio. No seu trabalho demonstra seriedade e preocupação, mas se sente desapropriada do seu tempo, não conseguindo dar o rumo que gostaria para suas atividades.

Nessa situação dá para perceber que as nossas condições de trabalho interferem objetivamente na nossa "desqualificação":

> *"Esta estrutura, que determina a prática docente, não só o controla (trabalho docente), como também o desqualifica. No que diz respeito à desqualificação dos professores, o problema está mais ligado à organização do trabalho docente do que à formação profissional. Nesta perspectiva, a competência que é exigida do professor na atual organização do trabalho pedagógico, o desqualifica, pois aprende uma competência de submissão às relações sociais de produção imposta pelo capital e que se expressam na divisão social do trabalho da escola. O processo de desqualificação da grande maioria dos professores se dá por não terem condições de aperfeiçoarem-se, trabalham em várias escolas ou têm excesso de carga horária..." (Sedrez, 1998, p. 27)*

A professora queria continuar no grupo, mas não conseguiu devido às condições objetivas, contudo, o grupo tentou propiciar espaços de interação que extrapolavam as reuniões, para que o grupo continuasse existindo. Essa é outra característica do grupo, seus/suas componentes tentam sempre informar ao/à outro/a que não pode estar presente nas reuniões, para que não se rompam os elos, já que nem todos podem estar presentes em todas as reuniões.

"Eu acho que um dos objetivos do grupo é a reunião. Mas não que precise haver reuniões, todos ao mesmo tempo recebendo informações, existem coisas que podem ser discutidas em diferentes momentos. Né? Repetidas, eu sempre percebi a Wanda fazendo isso, ela sempre telefonava, contando. Mas se a gente for ver Níncia, as outras áreas vai ter uma situação muito semelhante, porque aquelas reuniões que deveriam ser semanais... O grupo estando ali para ler textos, para discutir textos não aconteceram, não só na tua área como nas outras também. Então, parece que este ano o projeto, o programa como um todo sofreu uma balançada nesse sentido. Agora, o que a gente precisa ver é se perdeu em qualidade. Como está a qualidade dos cursos?" (Ru PPCP – 11/12/97, RP – Fita nº 3, Di nº 3, p. 63)

Até esse momento a preocupação maior era com os Cursos, se foram satisfatórios ou não. No grupo havíamos nos proposto a realizar estudos, mas somente iniciamos e não demos

continuidade a essa proposta, nesse momento de avaliação o grupo percebeu o ocorrido e se propôs no ano seguinte realizar estudos. Só que a proposta de estudar sem objetivos, ou seja, sem uma necessidade que emergisse da prática ou da socialização, ia sendo sempre colocada em segundo plano, sendo que outras prioridades iam absorvendo o tempo dos/as componentes do grupo. Situação que já ocorrera anteriormente, a necessidade dos estudos e pesquisas em grupo, acredito que foram sendo construídas à medida que fomos analisando o processo anterior. É o que percebo na avaliação desse processo norteado por cursos, nas discussões do Grupo, nas sugestões e conclusões que brotam nessa reunião que tivemos no final do ano em 11 de Dezembro de 1997.

"Eu senti assim o pessoal no curso: Eu tinha preparado, pelo que eles tinham me pedido. Mas eu acho que o grupo estava esperando outra forma de atuação. Eles estavam muito preocupados com o concurso e queriam Matemática para o concurso. (...) A nossa intenção não era essa, o projeto não dispõe a isso. Então eu levei muitas sugestões (...) eu preparei assim material ... material, material ... não deu para trabalhar um terço do que eu preparei. O nosso tempo de oito horas foi muito limitado, eu achei que para a minha área, não consegui desenvolver quase nada justamente porque eles vêm com dificuldades imensas de conteúdos, não é conteúdos como trabalhar com os alunos, mas é como compreender o conteúdo primeiro, para depois ele ver uma possibilidade de como trabalhar isso. Eu vi assim muita dificuldade. E aí o interessante foi que na hora eles já conheciam algumas coisas que eles falaram que conheciam e então eu pensei: não vou ficar fazendo a mesma coisa. Mas eles sabiam assim: viram, mas não dominaram o material, por exemplo aquele cartaz valor lugar, que é muito conhecido, alguém já tinha trabalhado, eles tiveram um curso, mas eles não tinham a noção que necessitavam para trabalhar com aquilo. Aí, como eles falaram que já tinham visto, eu falei: Então vou passar adiante, vou trabalhar com outras idéias, outros materiais, sugerir outras coisas que possam contribuir. Aí, no dia do acompanhamento aconteceu assim: ao observar os cadernos, não vi nada do curso, todas as sugestões que dei poderiam ter sido aproveitadas um pouquinho e não foram.

E foi interessante, uma professora disse: Ah! Eu estou usando aquela idéia do papel quadriculado. Eu falei para elas usarem o papel quadriculado. A professora me contou que tentou usar o papel quadriculado. Eu havia dito para eles pintarem quantidades, por

exemplo: um quadrinho eqüivale à quantidade um, dois quadrinhos, à quantidade dois e assim por diante. E ela estava trabalhando a idéia de dezena, então eles pintaram dez quadrinhos, uma dezena. Mas as crianças não entenderam. Daí ela disse: Você não teria outras sugestões para eu desenvolver a idéia de dezena? Eu fiquei pensando: - Nossa era só juntar 10 (dez) objetos, misturar crianças, dez meninos, dez meninas. Quer dizer, eles não ampliam a partir daquilo que você explica, eles não tem idéias para continuar.

Sabe, é como se eles esperassem receitas. Aí, fiquei tão preocupada com meu curso, achei que não correspondi. Eles precisam conhecer e entender o conteúdo. Eles pediram no dia do curso: Olha eu estou trabalhando com fração e não sei o que fazer. Eu parei com o que estava fazendo e dei algumas sugestões, só que depois que passou o curso eu percebi que as sugestões ficaram vazias porque eles não sabiam o conteúdo.

Na verdade, eles pedem para saber para eles e não como trabalhar o conteúdo com os alunos. A maior dificuldade que senti foi isso e fiquei frustada porque eu dei tantas sugestões bem básicas, que podiam aproveitar em sala de aula. E daí eu vi aqueles caderninhos todos cheios de cópias. Ai, que tristeza gente! Então os alunos lá de uma 4ª série, estavam todos num grupinho de quatro, copiando ... Eu havia trabalhado com isso. Eles estavam trabalhando com volume, copiando um sólido, era um cubo planificado eles copiando, não sabiam nem o que é aquilo. Um outro grupo estava fazendo uma correspondência de par e ímpar, poderiam fazer alguma coisa daquilo que eu sugeri para a professora. Mas não, estavam copiando também, era tudo copiado do livro. Não havia nenhuma mudança ocasionada pela minha atuação. Isso me frustou (...) Tinha lá um problema que falava de uma floricultura, eles nem tem idéia de floricultura, poderiam pegar assuntos próximos deles. Eu enfatizei tanto que os alunos criassem os problemas, que usassem coisas que eles tinham. O meu questionamento, a minha preocupação está sendo: Em que medida a minha atuação está modificando a atitude ou ação desses professores? Pelo acompanhamento, eu vi que mínima, nada. (...) Então não sei o que a gente poderia fazer para que o nosso curso desse resultado em sala de aula. A minha intenção era essa mesma que produzisse um efeito em sala, mas o meu não produziu, eu fiquei frustada." (Ru PPCP - 11/12/97 - DG - Fita nº 3, p. 66-71)

"Quanto ao grupo de Porto Barreiro foi muito receptivo, eu achei que consegui fazer um bom trabalho, mas um trabalho que no decorrer do tempo esqueci. Fui lá no começo do ano e apagou, depois não fui no acompanhamento, não pude participar das reuniões, não sei como ficou, isso me incomoda..." (Ru PPCP – 11/12/97 – NT – Fita nº 3, Di nº, p. 59)

"A minha preocupação em relação a Porto Barreiro, e que observei na visita que fizemos de acompanhamento, é que existe uma carência muito grande em termos de fundamentação teórica. Quando eles colocaram nas avaliações que queriam mais práticas, até questionamos, o que eram práticas, porque no curso eu e o Ariel demos uma porção de atividades, sugestões para serem desenvolvidas em sala de aula. Nesse momento, nós não entendemos de que prática se tratava, no acompanhamento eles retomaram a questão e nós percebemos que o grande problema, é realmente, o não conhecimento de conteúdos. No curso nós colocamos pra eles que não iríamos dar receitas e no acompanhamento eu frisei isso novamente. O nosso objetivo não é pegar o conteúdo e mostrar: - Olha, você trabalha exatamente assim. Mas eles insistem nesse ponto. Eles querem modelos de como se dá aula. Então aí, a gente vai ter que trabalhar com eles de outra maneira, desse outro ângulo e aí entra aquela questão que nós discutimos aqui dos grupos de estudos com eles. Grupos de estudos formados lá, onde a gente leve os conteúdos, porque eu acho que essa dificuldade é em toda a áreas, não é só na minha. Onde a gente leve textos, indique uma bibliografia pra que eles vão se inteirando do assunto. Realmente fica complicado ensinar aquilo que não se sabe, é difícil realmente ensinar o que não se conhece. Esse é o grande problema deles. Na minha área, eu acho que eles vão ter que percorrer um longo caminho ainda. Eles terão que ler muito, estudar realmente, Essa frustração que a Níncia colocou, que a Doró colocou, até certo ponto eu não senti, porque em primeiro lugar, a gente foi preparada com relação às dificuldades da turma. Lembro que um dia antes da gente dar o curso lá, nós fizemos uma reunião aqui e foi colocado todas essas questões. Então eu fui esperando uma turma apática. Eu fui em Agosto e antes foi feita uma avaliação do primeiro semestre, o pessoal colocou as dificuldades encontradas. Então fui preparada para encontrar uma série de dificuldades, mas tive uma certa surpresa, porque houve participação da turma. E a gente sabia que o trabalho que ia desenvolver em oito horas naquele dia, não iria surtir efeito imediato, porque isso pressupõe uma mudança de mentalidade, e isso não é uma coisa que ocorre em oito horas.

Chegamos lá ... eles estão acostumados com aquela História tradicional, isso aconteceu em todos os cursos que já trabalhamos. Chegamos lá e falamos de novos paradigmas, outras versões dos fatos e isso a princípio pega de surpresa, (...) isso confundiu a cabeça deles. Eu levei um texto de Tiradentes e um professor indignado disse: - Então quer dizer que agora a gente tem que dizer para os alunos, que tudo o que eles aprenderam até agora era mentira. Mas como é que a gente vai chegar e dizer isso para eles? Então é uma coisa complicada, que é uma mudança deles primeiro, eles tem que ter essa compreensão, fazer essa nova leitura, depois trabalhar. Isso é complicado e nós sabíamos que em oito horas jamais a gente conseguiria. Eu achei que foi bom porque lançamos a semente da dúvida. Quer dizer, já balançou, eles começaram a pensar." (Ru PPCP – 11/12/97 – MT - Fita nº 3, Di nº 3, p. 89)

"Eu acho que a gente teria que voltar às bases específicas da Alfabetização, na questão de pensamento e linguagem, porque eles não têm domínio nem do "tradicional", eu percebi que embora eles falem que usam uma prática construtivista, mas na realidade você observa que nem a parte mecânica mesma, eles não têm domínio. Eu vejo que a gente teria que sentar e ver muita coisa específica dessa área, faltou um primeiro contato, embora eles façam aquela prática como nós vimos em sala de aula, a professora ali repetindo, usando material que ela tem, mas falta muita coisa básica. Acho que esse primeiro contato é importante para que eles não fiquem tão temerosos de uma visita, como a Márcia falou em que a professora me pediu encarecidamente que eu fosse tomar a leitura porque ela queria comprovar que os alunos já sabiam ler, é o medo. Mas as oito horas que a gente trabalhou ali eu acho que alguma coisa trouxe, alguma contribuição." (Ru PPCP – 11/12/97 - CL – Fita nº 3, Di nº 3, p. 91)

"Em linhas gerais da proposta de trabalho eles ficaram muito confortáveis, enquanto a gente conduzia a discussão, os temas através da exposição. Então, no período da manhã a gente expôs os assuntos, no período da tarde foi pedido que eles respondessem dez questões, daí já houveram algumas resistências. As questões em grupo e a avaliação está demonstrando isso. Não gostaram muito do trabalho em grupo, gostaram mais da exposição é o que eles colocaram de ponto positivo, o enfoque a partir do direito, a partir da possibilidade e não da obrigação. Então não ler a lei para ver o que nós somos obrigados a fazer, mas ler a lei vendo o que pode fazer. O que nos é permitido fazer (...) A avaliação que a gente faz é essa,

que eles gostam bastante de exposições, que nós ficamos pensando: Como é que essas informações estão caindo nessas cabeças? Será que eles não estão aqui como se estivessem assistindo um Teatro, um Ballet? Vai lá a pessoa se apresenta e eles dizem: Puxa vida, mas que bom, que bonito. Mas aí nada fica. Fica uma coisa alheia, então externa, que você vai lá representa, eles assistem mas é algo em vão." (Ru PPCP – 11/12/97 – RP - Fita nº 3, Di nº 3, p. 63)

"O nosso trabalho, eu e a Regina que trabalhamos nesse módulo, ele foi um pouco diferente dos outros módulos porque foi trabalhado as questões metodológicas de cada área e nós trabalhamos a Educação numa dimensão mais política. E nesse ponto, nós percebemos que houve uma participação bem diferente, porque não foram só os professores que participaram, nós percebemos a presença de três vereadores, lá do município, também a Secretária Municipal participou. E o interessante é que os vereadores ficaram até o final do curso. Nós achamos que eles chegariam para a abertura, aquela coisa de bater o cartão e sair em seguida e acabaram ficando até o final. Inclusive participaram dos grupos de trabalho e deu o maior quebra-pau lá, porque os vereadores têm uma visão e os professores têm outra e se estabeleceu contraditórias algumas questões, isso foi interessante. Então em relação à receptividade foi muito boa. (...) Sobre essa angústia que vocês passaram em relação ao não conhecimento dos conteúdos específicos, a gente percebe isso também nessa área. É claro que em outra dimensão porque a questão é diferente. A gente percebe por exemplo que eles têm uma visão do que é uma Constituição Federal, uma Constituição Estadual, mas eles não têm visão do que representa a lei orgânica pra eles - que é o que está mais perto deles. Eles não têm idéia que têm poder de decisão, também no município. Eles estão acostumados a obedecer modelos que já vem prontos (...) e isso é uma outra avaliação, é mais que falta de conteúdos, é falta de poder de decisão. Eles estão acostumados àquela situação de serem mandados, de serem obedientes às questões que vêm, ficaram até espantados, quando a Regina colocou várias questões que a LDB traz, que confere autonomia ao Município para decidir sobre essas questões. Eles ficaram pensando: Será que nós temos o direito de pensar a Educação aqui, municipalizada? Parece que eles não têm essa visão. Só para explicar um pouquinho sobre o trabalho: No curso eu iniciei falando da questão da municipalização, a Educação municipalizada descentralizada que está implícita nesse

processo, também um rápido resgate histórico da descentralização até chegar na LDB. A partir daí a Regina trabalhou a LDB e alguns aspectos da lei que podem ser discutidos, ser deliberados, decididos pelo próprio município. Então deu espanto nos professores em saber que a LDB permite algumas coisas, alguns <u>podes</u> a eles professores e eles não têm visão disso. Eu acho que foi bastante valioso, à medida que provocou questionamento na cabeça deles. Eu acho que conseguimos colocar umas minhoquinhas na cabeça deles, sobre esses pontos e também acho que não é de se esperar mais do que isso, pela situação em que eles se encontram, pela carga horária que é baixa, como vocês perceberam nas várias áreas. Acho que esse ponto foi interessante." (Ru PPCP – 11/12/97 – ES - Fita nº 3, Di nº 3, p. 80)

"Eu senti que os curso que vocês trabalharam foram bons porque provocaram conflitos. Conflitos para gerar a questão de busca, mas ao mesmo tempo, agora ficamos devendo indicação de caminhos para eles, não no sentido de receitas, mas no sentido como é que eles vão buscar, vão estudar, vão continuar o trabalho deles, para construir uma nova prática. Também fico pensando. Será que não é uma certa pretensão da gente, talvez ingenuidade querer que o professor aprenda tudo o que a gente trabalhou num dia em oito horas? Vejam que fizemos um Mestrado de quase cinco anos para mudar algumas coisinhas da nossa prática , de repente, a gente quer que o professor mude com a intervenção da gente, em tão pouco tempo e tão pequena. Acho que é exigir demais deles e de nós." (Ru PPCP – 11/12/97 – MG - Fita nº 3, Di nº 3, p. 112)

Nesse momento da reunião onde avaliamos os cursos os nossos olhares ficaram mais voltados para os/as professores/as de Porto Barreiro, sem perceber fizemos uma análise de acordo com a lógica neoliberal.

> *Nestes tempos atuais em que temos nos defrontado com a implantação de parâmetros curriculares nacionais, de programas de "treinamento" de professores à distância, de intervenções por meio de avaliações e outros controles propostos pela área governamental, temos constatado em todas essas ações a exclusão da participação dos professores que, no entanto, têm sido sempre culpalizados pela baixa qualidade da nossa educação. Ao escamotear condições aviltantes de salário e de trabalho do professorado, a lógica neoliberal vem propondo medidas simplistas para o desenvolvimento profissional de professores, situando-os sempre fora das decisões, das reestruturações curriculares, do repensar da escola, concebendo-os como meros executadores de propostas e idéias gestadas por outros.*(Schnetzler, 1998, p. 7)

Avaliando os cursos, segundo as nossas observações, os/as professores/as tinham falta de conteúdos, fundamentação teórica, queriam "mais prática", "receitas", "modelos

prontos" de como se dá aula. Quer dizer, as dificuldades encontradas estavam neles. Víamos mais o que lhes faltavam do que possuíam: seus saberes. A nossa postura marcava bem a racionalidade técnica que estava incutida em nossa mente, como serpente adormecida. Nós professores/as da Universidade é quem sabemos, somos os detentores do conhecimento científico, nossas práticas é que são o certo. Achamos que eles queriam conteúdos que os preparassem para concursos[50] e esquecíamos que para ele/as era uma questão de sobrevivência.

Nos cursos, quando algo conhecido era apresentado, eles diziam que conheciam, contudo não tinham domínio, muitas vezes, daquilo que era apresentado. Esquecíamos que essa situação é comum, em "cursos de reciclagem, treinamento", porque tudo é abordado de forma muito rápida, sem muito aprofundamento. O mesmo ocorre em relação aquilo que chamamos de "receitas", "modelos."

> *"Mas pensamos no professor: para este, seja que de naipe for a carta que lhe oferecermos numa proposta, correremos o risco de tudo ficar meio parecido - Pedagogia Crítica, dos conteúdos, construtivista, grupo sangüíneo A ou B – se desconsideramos sua prática, seu enraizamento na cultura, sua experiência como sujeito da história dentro e fora da escola e se não revemos criticamente as estratégias que têm sido utilizadas na sua formação. Pois, o que lhes dizemos grande parte das vezes, é que temos uma boa resposta para seus problemas e que, paciência! Ele precisa se despir de seu saber e da sua história. Entendo que, assim como desejamos que nosso saber seja respeitado, suas práticas – mesmo que equivocadas aos nossos olhos – merecem respeito e precisam ser o ponto de partida de nossa atuação, se queremos que o professor seja mesmo construtor do seu saber. (...) Julgo que é urgente questionar a forma com que o saber tem sido divulgado aos professores na sua formação e na concepção/implementação de propostas. Nos dois casos isso significa deslocar o eixo de nossas discussões contra ou a favor da pedagogia construtivista, crítica, tradicional, etc., para uma perspectiva pluralista que lute contra a desigualdade sem anular as diferenças. Pois como diz Betinho "a democracia só se constrói através das diferenças... A unanimidade é autoritária (Souza, 1990, p. 23-24). Construir saber supõe multiplicidade de caminhos Teóricos e práticos."(Kramer, 1994, p. 111-112)*

Chamávamos de "receita", "modelos", nos incomodava sempre o pedido "queremos mais prática", até questionamos, o que seriam essas práticas, mas esquecíamos que da maneira que a organização do nosso trabalho estava configurado era só cursos de extensão, o que fazíamos era isso e por mais que nos esforçássemos, no sentido de levar o que havia de mais

[50] Com a emancipação do município, os/as professores/as que até então estavam lotados/as em Laranjeiras do Sul seriam passados/as para Porto Barreiro e naquele momento a Gestão do Município achou que seria mais democrático realizar um concurso para os/as professores e isso gerou muita angústia para todos. Após várias discussões e análise optaram por não realizar concursos e sim incorporar os/as docentes já que estavam atuando nas escolas, um dos fatores que pesou bastante na decisão foi que a maioria dos/as professores/as estavam atuando há vários anos e a gestão considerou injusto um concurso que iria, de certa maneira, desconsiderar todos os anos que o/a professor/a estava atuando.

recente na área, ou usar metodologias, materiais variados, a nossa relação com eles/as era essa: Nós ensinamos, vocês aprendem; nós falamos, vocês escutam. Além disso, o tempo era irrisório, oito horas. O que é possível fazer em oito horas? A própria organização do nosso trabalho não permitia interação com eles/as, não criava laços de cumplicidade, parceria.

Em alguns momentos fomos ingênuos, em outros não, mas havia a contradição entre o que queríamos "que nossos cursos provocassem mudanças" e o que aconteceu "o que ficou foi muito pouco". Não houve "aplicação" do que ensinamos nos cursos na sala de aula. No íntimo sabíamos que é assim, pois recordamos de nós mesmos em nossa trajetória profissional: "quase cinco anos de Mestrado para mudar algumas coisas na nossa prática".

Os cursos foram uma "experiência externa" como diz a professora Regina, quer dizer os cursos passaram para os/as professores/as não (os) passaram como diz Larrosa, foram apenas cursos, como outros que os/as professores/as provavelmente já haviam participado. Essa situação foi a primeira vez que aconteceu para o nosso grupo? Fomos incompetentes? Creio que não, mas o que gerou toda essa angústia foi que pela primeira vez o grupo daria continuidade a um trabalho, estaria trabalhando num processo de Educação Continuada, até então, cursos eram ministrados e o trabalho terminava ali, não havia um vínculo mais forte.

Essa situação também gerou conflito na própria organização do grupo, como estava se configurando um processo, uma seqüência no trabalho, as exigências em relação a participação nas reuniões e no grupo e o envolvimento eram mais fortes. Não que o grupo cobrasse, mas os componentes do grupo percebiam que isso era necessário para que não se ficasse desapropriado das informações. Inclusive quem trabalhou mais tarde com os/as professores/as de Porto Barreiro teve melhores condições de desenvolver o trabalho, porque tinha um certo conhecimento dos/as professores/as, advindo das discussões das reuniões.

Os aspectos positivos que vimos nos cursos, foi que eles geraram desestabilização das certezas dos/as professores/as, provocaram conflitos, geraram a idéia da necessidade do/a professor/a continuar estudando, buscando conhecimento e, principalmente, foi um período de conquista de confiança.

Na continuidade das discussões avaliamos o acompanhamento que fizemos. Um dia fomos a Porto Barreiro e visitamos algumas escolas para ver o que estava acontecendo,

procurando indícios para avaliar o nosso trabalho. Levamos até uma ficha de avaliação. O grupo percebeu da seguinte forma esse acompanhamento:

"Eu não gostei do acompanhamento, poderia ser talvez alguma coisa diferente. Eu pensei porque é que a gente em um dia, não vai lá e trabalha determinado conteúdo, ou então um determinado material daqueles que eles tiveram em nossos cursos, mas junto com os alunos, junto com as crianças, para elas perceberem como se faz. Como é que a gente ajeita as coisas quando o material não vai dar conta, mas que está em você conduzir para que dê efeito. Eu estou vendo essa possibilidade. Até uma professora comentou se alguns alunos poderiam participar do curso. Não sei se foi comentado aqui entre a gente, acho que foi. No nosso acompanhamento ela falou assim: Se algumas crianças não poderiam vir juntas no curso, porque daí elas ajudariam a passar para outras aquilo que eles tiveram, eles aprenderiam lá junto com elas e seriam monitores. Mas daí comentamos que o nosso espaço físico é muito pequeno, mal dá para o grupo de professores (...) Daí me passou a idéia de um dia de acompanhamento a gente fazer uma experiência como essa, para que as professoras vissem as crianças trabalhando assim o conteúdo, junto com a gente. É para incentivá-las, para fazer elas sentirem que aquilo que a gente trabalha pode ser trabalhado com os alunos. Dá impressão assim... Elas nos passam a impressão que aquilo que a gente estuda com elas não é possível para os alunos. Foi essa idéia que eu tive do curso e do acompanhamento." (Ru PPCP – 11/12/97 - DG – Fita nº 3, Di nº 3, p. 72-73)

"Com relação aos acompanhamentos, eu gostaria de colocar para o grupo que eu acho que para o ano que vem nós vamos ter que mudar, porque eu achei, sinceramente perda de tempo o tipo de acompanhamento que fizemos este ano. Você não consegue realmente e fica aquela questão que parece que é policiamento, eles ficam: - fulaninho leia aquilo que você escreveu. Mostre para a tia o caderno. Eles fazem esse tipo de coisa, como se fôssemos lá inspecionar o trabalho deles. A gente vê a preocupação dos professores nesse sentido e eu acho que vamos ter que repensar essa questão." (Ru PPCP – 11/12/97 - MT- Fita nº 3, Di nº 3, p. 89)

"Eu não poderia dizer, eu não pude precisar, aquele acompanhamento não deu base pra gente dizer se houve uma relação entre o que eles aprenderam no curso e o que eles estão praticando em sala de aula. O acompanhamento não ofereceu substância, uma pela forma

(...). Eles se sentiram policiados, e também a forma que fomos. Fomos num dia que alguns professores haviam viajado. Eu acabei fazendo uma coisa assim, entrei na sala de aula, a professora estava fazendo flores, acabei fazendo flores com eles. Eu pensei: Tenho que me tornar amiga das professoras, primeiro de tudo você tem que conquistar. Então, eu acabei sentando e a professora me ensinando a fazer flor. Então oito horas é insuficiente. Eu acho que você tem que fazer um trabalho mais de perto, tem que fazer uma troca maior, alguma coisa em que a pessoa se sinta mais à vontade, quando você entra e vai verificar o seu trabalho. Eu vejo que nós temos que sentar Português, Alfabetização e discutir juntos, Alfabetização e Português é a mesma coisa, você se alfabetiza no Português e não em outra língua. Nós temos que estudar juntos, dar um encaminhamento juntos, não pode ser uma coisa dissociada. Português, Alfabetização, como também integrar com as outras áreas. (...) Não estamos lá para fazer críticas e nem para ensinar o certo, porque quem sabe o que nós sabemos não é o certo? Mas, a gente tem que saber de onde partir. O projeto serviu esse ano? Por quê? Foi um primeiro momento, você tinha que ter contato com alguma coisa, de alguma maneira. No curso fiz algumas atividades de dramatização. Os professores mais humildes, aqueles que quase não falaram, foram os que melhor dramatizaram na hora das atividades. Você tem que trabalhar com os professores, fazer eles se soltarem porque eles têm vergonha de falar, de se expor. Eles têm medo que a gente faça alguma crítica. (...) Nós temos que agora, que já temos uma visão da realidade, antes de nós lançarmos a novos cursos, nos preparar. Nós temos que ir mais lá pra saber o que realmente eles querem, e o que nós podemos trabalhar." (Ru PPCP – 11/12/97 - CL – Fita nº 3, Di nº 3, p. 92-96)

"Bem, no acompanhamento eu não fui, mas tem uma resposta de uma professora que diz o seguinte: Eu nunca pude ir à Universidade e a Universidade veio até mim. A professora avaliava o curso, via como positivo o curso porque ela nunca teria acesso àquela informação. Então a Universidade chegando lá." (Ru PPCP – 11/12/97 - ES – Fita nº 4, Di nº 4, p. 03)

"Eu acho que é uma angústia de quem se propõe a trabalhar com professores, com a capacitação de professores. E a gente até precisaria de um apoio, de um amparo teórico pra ver se a partir de um curso e até no acompanhamento o que se deve esperar como resultado prático, pra que a gente não fique nesse estado de angústia. E o que certamente não vai fazer desistir do projeto, mas afeta. É uma avaliação que estamos fazendo da nossa prática. Seria

interessante aqui no Programa ter em mente: Estamos trabalhando com capacitação de professores. O que esperar? O que é possível, depois de oito horas de curso? O que esperar desses professores em sala de aula? Lembra do nosso primeiro curso, eles fizeram essa pergunta: - O que fazemos com o aluno que escreve e não lê? Já era esse tipo de preocupação. De certa forma o programa deve ter em mente, que a gente não vai substituir a Educação Formal, a nossa proposta é outra, é capacitar quem está em serviço." (Ru PPCP – 11/12/97 - RP – Fita nº 3, Di nº 3, p. 76)

"Quem tem que continuar esse serviço, como naquelas escolas rurais que nós vimos lá, no Caixa-Prego[51], quem é o professor do curso de Magistério que vai dar aula lá? Nem tem maquininha do BANESTADO[52] lá!" (Ru PPCP – 11/12/97 - CL – Fita nº 3, Di nº 3, p. 76)

"Quanto ao acompanhamento, eu acho mesmo que não deu resultado porque de alguma forma a gente pensou que ia encontrar na prática deles uma repercussão do curso de imediato. E isso não existe, nem aqui para nós. Vejam que passamos quatro, cinco anos num curso de Pedagogia, de Letras, História ou Matemática, vai para a sala de aula e tem mil dificuldades. Eu acho que para desenvolver esse tipo de trabalho que nós estamos desenvolvendo, talvez seria os cursos, como temos trabalhado das áreas específicas, talvez em algum momento oficinas e esse acompanhamento, que eu diria os grupos de estudos. Entende? Desenvolver tipo um planejamento, um programinha, um projeto, não sei que nome daria." (Ru PPCP – 11/12/97 - MG – Fita nº 3, Di nº 3, p. 100-101)

Ao discutir sobre o acompanhamento que fizemos, concluímos que ele se configurou como policiamento porque os/as professores/as se sentiram vigiados/as, numa posição hierárquica inferior. Não era essa a nossa intenção, mas a maneira que organizamos o acompanhamento levou a essa situação. Outro elemento que contribuiu para isso é a própria concepção das relações da Universidade com a escola, que ainda é muito forte, ou seja "a teoria educacional é vista como aquilo que outros, com mais status e prestígio na hierarquia acadêmica, têm a lhes dizer sobre os seus trabalhos (Elliott, 1991, ap. Zeichner, 1998, p. 209). O poder de decidir o que é "certo" ou "errado" em Educação, ainda encontra-se nas mãos da

[51] Expressão que usamos para dizer que um lugar é longe, de difícil acesso, mas existe um local próximo de Porto Barreiro que se chama Caixa-Prego, acredito que a expressão advém desse lugar.
[52] Banco do Estado do Paraná.

Universidade, o/a professor/a de outros graus de ensino nessa situação fica sem voz e desapropriado do seu trabalho docente.

A nossa intenção não era ir à escola para criticar o trabalho do/a professor/a, negativamente, mas sim, auxiliá-lo, analisar no que poderíamos ser úteis, contudo inconscientemente estávamos esperando algum reflexo do nosso trabalho na prática. Quando discutimos a situação no grupo e refletimos no coletivo, sentimos uma angústia profunda. Que caminho tomar? Como poderíamos realizar um trabalho no qual conquistássemos os/as professores/as, porque vimos a necessidade de conquistá-los, nos tornarmos seus companheiros e não alguém externo que chega e prescreve o que devem fazer.

Em relação às áreas específicas, percebemos que Alfabetização e Língua Portuguesa são processos unos e haviam necessidades dos dois grupos que eram separados se unificarem porque nos cursos foram trabalhados separados, como elementos diferentes. Também percebemos que as áreas específicas estavam separadas, havia necessidade de articulá-las.

Outro fator que nos angustiou foi a própria formação dos/as professores que, na época (1997/98) era a seguinte: dos/as 34 professores/as atuantes[53], 23 professores/as tinham formação em nível médio, com Habilitação Magistério, das quais 17 professores/as cursaram o HAPRONT[54] e 6 o Magistério Regular, 10 professores/as estavam cursando o Segundo Grau no CES[55] e apenas 1 professora formada em curso Superior. (Grupo de Fundamentos de Educação, Departamento de Educação Cultura e Esportes, 1998, p. 4).

Esse quadro não teve grandes alterações até o momento, mas acredito que um fator que talvez traga modificações é a extensão do Curso de Pedagogia que a UNICENTRO está implantando em Laranjeiras do Sul. É do nosso conhecimento que a maioria dos/a professores/as de Porto Barreiro sonham em poder entrar na Universidade. Por várias vezes manifestaram esse desejo. Ainda não foram para a Universidade por vários motivos: - a maioria são mulheres do total de professores/as apenas três são do sexo masculino. Essas

[53] Vinte e nove professores/as atuavam na zona urbana e 05 são da zona rural, totalizando 34 professores/as, nas seguintes funções: Professores/as 27 (distribuídos em 07 escolas); Diretores/as 02 (escolas centralizadas); Supervisoras 04 (02 nas escolas, 02 na OMEP – Órgão Municipal de Educação); 01 Secretária de Educação (não faz parte do quadro do magistério é contratada como auxiliar administrativo). (Grupo de Fundamentos de Educação, Departamento de Educação Cultura e Esporte. Relatório para o projeto de estrutura e funcionamento do Órgão Municipal de Educação. 1998, p. 4)

[54] Curso Supletivo à Distância.

[55] Centro de Estudos Supletivos.

mulheres são mães, esposas, fazem todo o trabalho doméstico, algumas trabalham na roça, cuidando de animais e a maioria reside na área rural; - a distância de Porto Barreiro de Guarapuava é cerca de 126km, isso significa enfrentar diariamente cerca de 04 (quatro) horas e meia de ônibus, em uma rodovia bastante perigosa, pista simples, cheia de curvas e corredor do Mercosul; - são professores/as que têm um salário que varia de mais ou menos R$ 183,60 (cento e oitenta e três reais e sessenta centavos) (professores/as leigos/as) a R$ 603,40 (seiscentos e três reais e quarenta centavos) (professores/as que estão no último nível de carreira); - além desses fatores a estrutura familiar ainda é bastante patriarcal. Com todos esses elementos é um desafio para esses/as professores/as terem acesso à Universidade.

São muitas as histórias dos/as professores/as de Porto Barreiro tendo muitas coisas em comum, contudo só para ilustrar o que narro e para que você leitor/a conheça um pouco desses/as professores/as e compreenda o significado que o nosso trabalho tem para eles/as vou transcrever uma história de vida. História de vida da grande maioria dos/as professores/as que estão atuando nas escolas desse Brasil, que é composto por muitos Brasis, que esquece da sua população rural e pretenciosamente impõe decretos que decidem onde e como formar professores/as, desrespeitando todas as lutas e conquistas de nós professores/as e as condições objetivas das nossas vidas. Autoritariamente tentando nos emudecer, nos desapropriar do nosso saber. Que é ainda o pouco que nos restou, depois de tantos assaltos e desapropriações em nossa profissão, nesses tempos de globalização.

Vamos conhecer a história da professora Marlei:

"Sou uma mistura de origem italiana e alemã. Meu pai é italiano, minha mãe alemã. Natural da cidade de Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul, cheguei ao Paraná mais precisamente em Chopinzinho com apenas três anos de idade, isso há 26 anos atrás. Meus pais têm como profissão a agricultura. Sempre fomos da religião católica, católicos praticantes. Nossa família vive muito unida e nos respeitamos, cada qual com seus valores e sua posição social. Em relação à minha família de origem, sinto muito orgulho. É a base daquilo que hoje somos.

Iniciei meu período escolar bem cedo. Com cinco anos de idade ia para a escola com minha irmã mais velha. Na época não existia pré-escola, então eu ia encostada, era assim que se chamava o aluno que não tinha idade de se matricular. Com sete anos fui matriculada. Sofri muito, na época não tinha transporte escolar, morava longe da escola e tinha que fazer o trajeto da casa até à escola à pé. No inverno, a dificuldade aumentava porque tinha que ir à escola de chinelinho de dedo. Fui passando todos os anos, até que na quarta série reprovei. Tinha muita dificuldade em fazer operações de dividir com vários números na chave. Sofri muito nessa série (4ª). De 5ª à 8ª fui muito bem, mas as dificuldades de trajeto aumentaram porque a escola ficou mais longe ainda e fazia à pé 10km por dia. Na 5ª e 6ª séries estudei de dia, depois 7ª e 8ª era à noite. Enfrentei um grande problema porque meus pais não admitiam que a gente estudasse à noite. Mas convenci eles e estudei até à 8ª série.

Veio o Segundo Grau e, novamente, iniciou um novo pesadelo. Eu gostava muito de estudar, tinha consciência da necessidade do estudo, mas meus pais achavam que filha mulher tinha que saber ler e escrever e pronto. Sofri muito, fiquei quatro anos sem estudar, até que um dia começou o transporte escolar, mas mesmo assim meus pais não concordavam em me deixar estudar. Todas as minhas colegas estudavam e eu não. Depois de muita conversa os convenci. Já havia se passado um mês de aula.

Quando faltava um ano para me formar no Segundo Grau em Administração de Empresas eu me casei. Mais uma vez o sonho de continuar os estudos havia ido por água abaixo. Mas não desanimei. Mesmo depois de casada eu não desisti dos meus objetivos. Fazia um ano que estava casada comecei o 2º grau novamente, foram quatro anos passando por muitas dificuldades, indo dormir todas as noites de madrugada, muitas vezes até dormir na beira da estrada com o ônibus caído em uma valeta. Fazia aproximadamente 80km por dia ida e volta de Porto Santana a Laranjeiras do Sul. Sempre lutei muito para alcançar os meus objetivos. Sonhava sempre em ser educadora, ou seja, professora. Encarava a escola como um dos lugares mais preciosos por onde um ser humano pode passar. Nunca tive a escola como uma obrigação, mas sim um dever de alguém para conquistar tudo o que almeja. Como professora, hoje às vezes, sinto-me um pouco triste e constrangida, apesar de tudo sinto-me também feliz, porque faço aquilo que gosto, exerço a profissão que me dá prazer.

Sinto-me triste porque a escola de hoje é encarada como uma obrigação para conquistar algo que foi imposto, como a cesta básica por exemplo. Se freqüentar a escola ganha a cesta, se parar de estudar a perderá.

Atualmente tenho cursado até o 2º grau por falta de oportunidade parei por ai. Continuarei se Deus quiser.

Tenho muitos amigos, procuro ser muito sincera com os mesmos. Participo de grupos de círculos bíblicos, de liturgia, cantos de igreja, etc.

Minha vida amorosa vai muito bem. Nunca me decepcionei com algo relacionado ao amor. Faço minhas atividades domésticas, mas o que curto mesmo é o trabalho na escola, meu marido e meu filho. Gosto muito de viajar. Mas minhas viagens não são muito freqüentes. Tenho paixão por mar e praia.

Trabalhei um ano em serviços gerais, desde que iniciei minha carreira profissional. Isso até que surgisse uma vaga como professora.

Escolhi ser professora porque encaro essa profissão como verdadeira vocação, ter o Dom de educar para a vida, ou seja, transmitir conhecimentos é muito importante, tem um valor muito grande para mim.

Uma nação para o seu bom desenvolvimento ou não, depende da formação do seu povo, ou seja, da cultura do mesmo. Por isso, é necessário que essa classe seja mais valorizada. Ser professor é umas das profissões mais importantes de um país, mas que não está reconhecida pelos donos do poder, aqueles que comandam a nação.

Tenho formação para exercer função no magistério de primeira à quarta séries.

Me casei há aproximadamente sete anos atrás, tive meu primeiro filho depois de cinco anos e meio de casada. Acho muito importante constituir uma família, é através dela que nascem os verdadeiros valores de um cidadão. Em minha casa eu faço todos os tipos de trabalhos domésticos, nunca tive empregada. Dividimos as tarefas domésticas entre eu e meu esposo desde cuidar e dar banho em nosso bebê até os demais afazeres.

Meu esposo é uma pessoa maravilhosa, trata-me com igualdade e respeito. Fazemos juntos todos os serviços. Meu esposo cuida do nosso filho enquanto eu trabalho na escola. É formado em Contabilidade, mas trabalha na agricultura, por enquanto.

O papel da mulher na família é de extrema importância. Ela deve cada vez mais ocupar seu verdadeiro papel na família e na sociedade. Não deve ter medo de assumir cargos públicos e lutar pelos seus direitos.

Nos dias de hoje a mulher ainda não conquistou seus direitos, muitas delas continuam muito submissas a seus maridos, são "mandadas" por eles até mesmo na hora de votar, não têm direito de eleger seus próprios candidatos. Só vota em quem o esposo determinar.

Desde que passei a exercer essa profissão tenho feito muitos cursos. O curso é fundamental, serve como um alerta, um empurrão além de aperfeiçoar-nos intelectualmente. Encaro os cursos como uma injeção de ânimo, quando estamos um pouco desmotivados. Fazer cursos é como retomar, ou seja, recomeçar uma batalha. Minhas energias se renovam a cada curso que faço.

Para nossa formação contínua é necessário fazer o que está fazendo nossa querida Secretária de Educação Ivone, procurando trazer para o município cursos proferidos por Mestres na Educação, como aqueles que aqui vieram. Espero que tenhamos sempre em nosso meio pessoas que lutem e nos dêem força para lutar a fim de alcançar nossos objetivos." (Marlei Terezinha Raimundo Panatto, 1998)

DÓ[56] *- Mudando e procurando outras tonalidades para a composição da melodia.*

Voltando à nossa angústia em relação a formação dos/as professores/as de Porto Barreiro, nos sentíamos aflitos porque conhecíamos toda essa situação que descrevi e sabíamos que a suas oportunidades de desenvolvimento profissional estavam, até o momento, limitadas à nossa atuação. Nas nossas discussões, concluímos que o nosso objetivo não era substituir a Educação Formal, ou seja, não iríamos substituir um Curso de Pedagogia ou uma Licenciatura e nem poderíamos dentro das condições objetivas que estávamos, mas poderíamos contribuir para a formação desses/as professores/as.

[56] A nota "DÓ" é o primeiro som da escala musical.(Dó M)

Partindo das discussões, o grupo foi colocando sugestões, nessa interlocução vai emergindo e reafirmando a idéia de trabalhar com pesquisa, com os professores/as de Porto Barreiro. Eu já havia proposto essa idéia anteriormente, já havia elaborado um projeto (Aventurando-se no Conhecimento), que trazia alguns princípios que poderiam auxiliar, entretanto, ainda não tinha claro como poderíamos concretizar esse trabalho. Assim nessa discussão cada um/a vai expressando como pensa o trabalho a ser desenvolvido.

"Talvez seja uma sugestão, em outro curso que eu trabalhei com o Dionísio, nós sempre trabalhamos com Modelagem Matemática e quando nós trabalhamos com grupo de professores, nós propomos que cada professor em sua escola desenvolva um pequeno projeto dentro daquilo que trabalhamos. E no próximo encontro o professor relata o que fez, quais as dificuldades que sentiu, analisa o trabalho... Não precisa ser longo o projeto, pode ser três aulas, cinco aulas, depende do entusiasmo dos alunos ou como ele está conduzindo o trabalho. E isso se transforma no compromisso do professor. Fizemos essa prática em outros cursos e deu certo. No meu curso não foi assim... Talvez a gente pudesse fazer assim... alguma coisa nesse sentido." (Ru PPCP – 11/12/97 - DG – Fita nº 3, Di nº 3, p. 76)

"Eu acho uma boa sugestão. Acho que o acompanhamento deveria ser nesse sentido, não de ir lá para ver se o que você ensinou repercutiu na prática, ao contrário, um acompanhamento que você tivesse uma certa disponibilidade, que o professor pudesse conversar com você, onde esclarecesse dúvidas. Algo mais próximo." (Ru PPCP – 11/12/97 - MG – Fita nº 3, Di nº 3, p. 76)

"É, o professor se sentiu policiado, supervisionado, ele estava sempre preocupado: Será que fiz certo? (...) O acompanhamento precisa ser repensado. Eu acho que ele não vai evoluir, melhorar, se continuar sendo assim. É meu ponto de vista. Eu me senti bastante angustiada e quero ver se encontro uma solução junto com o grupo. Uma coisa que eu achei interessante este ano foi as nossas reuniões, pelo menos as do grupo de Porto Barreiro. Pelo menos quem participou teve idéia do grupo de lá, o grupo é receptivo. Nas outras vezes nós não tivemos essas conversas. Isso foi muito bom, o grupo participa, o grupo não foi muito bem aqui, alguma coisa no sentido do grupo e como desenvolveu o trabalho. Cada um falou um pouco na oportunidade que teve nas reuniões e acho que isso deve ser mantido. Deu mais

idéia do que eu devia preparar, que material, quanto, se eles entendiam, não entendiam. Achei que foi bom." (Ru PPCP – 11/12/97 - DG – Fita nº 3, Di nº 3, p. 78)

"O curso que trabalhamos gerou conflitos, mas também ficamos devendo uma indicação de caminhos, é por isso que eu acredito nos grupos de estudos, para dar esse direcionamento. Eu acho que teria que ter orientação daqui. Eu não sei como é que ficou, Glorinha, aquela questão que você havia colocado. Quanto tempo os professores terão disponível? Tinha aquele projeto[57] *da Prefeitura. Seria interessante que os professores se reunissem em grupo, para que juntos estudassem. Daí nós encaminharíamos textos, material para eles analisarem. As dúvidas que ocorressem, nós tentaríamos sanar nos dias de curso. Os grupos seriam interessantes."* (Ru PPCP – 11/12/97 - MT – Fita nº 3, Di nº 3, p. 85-86)

"Eu acredito que na minha área seria interessante pensar em auxiliar na construção do Projeto Político Pedagógico do município, com várias pessoas se envolvendo. A Universidade se compromete com esse auxílio, com a construção do Projeto, talvez assim não se caia no erro que normalmente as Secretarias de Educação caem de impor projetos pensados num gabinete por duas ou três pessoas, altamente qualificadas, mas que é um projeto imposto. Algo que já vem pronto. Eu vejo como perspectiva a construção de um projeto que surja da base, do professor, com assessoria teórica da Universidade. Eu acho que isso é possível porque eles ficaram muito curiosos com o nosso programa: Conselho Municipal de Educação, Educação Participativa. Não aquela Educação a partir da Secretaria para os professores(...) como tem sido historicamente. Quando nós falamos da questão do Conselho Municipal de Educação, da possibilidade da Educação ser participativa eles se mostraram bastante interessados, curiosos, querendo saber como funciona (...) A Educação lá tem suas peculiaridades, que tem que ser observadas, talvez por aí, um pouco desse resgate de cidadania, quando eles começarem a questionar, a pensar a se sentirem mais dentro da Educação..." (Ru PPCP – 11/12/97 - RP – Fita nº 4, Di nº 4, p. 08)

"Eu acho que é por aí que entramos nós do Grupo de Fundamentos da Educação. O Projeto Político Pedagógico, tem que ser uma coisa que venha dos professores, da sociedade,

[57] Nessa época, o Município estava elaborando o Plano de Carreira e Remuneração do Magistério do Município, o qual foi aprovado em 09/06/98 e nós havíamos sugerido à Secretária de Educação Ivone P. Kerber, um padrão de 24 horas para os/as professores/as, 20 horas em sala de aula e 4 horas para dedicação ao estudo e pesquisa. Sugestão acolhida e incluída no Plano de Carreira.

não uma coisa elaborada somente com a Secretária Municipal." (Ru PPCP – 11/12/97 - ES – Fita nº 4, Di nº 4, p. 08)

"Eu que trabalho com os professores alfabetizadores, eu gostaria de sentar e conversar com cada um para saber, se possível, o ponto de partida de cada um. Pelo menos do grupo, fazer um grupo com eles, pra depois então fazer um curso em cima. Se não a gente não sabe o que levar, de repente você acha que está fazendo uma coisa muito boa, no fim sai frustado de lá... É uma turma que de certa forma cativa pela forma como eles se posicionam . Eu estive em vários outros lugares e o pessoal não estava nem aí. Mas eles demonstram que querem fazer alguma coisa, que estão buscando. São muitos humildes no sentido de aceitar críticas. Nós entramos na sala de aula, a professora disse: Se eu estiver fazendo alguma coisa errada, você me aponta. Eu disse: Nós não estamos aqui para isso, de jeito nenhum. (...) Eu acho que para eles falta Fundamentos da História da Educação, da Filosofia, da Psicologia, da Biologia, porque alguma coisa que eles perguntam para nós, nós já temos alguns caminhos, mas eles nem detectaram, quer dizer eles nem sabem que podem ter outra saída." (Ru PPCP – 11/12/97 - CL – Fita nº 3, Di nº 3, p. 97-98)

"Eu sugiro que tivéssemos lá uma pessoa encarregada de fazer um levantamento das prioridades, ficar anotando, resgatando algo, para que no próximo acompanhamento ou curso, nós tivéssemos bagagem para não chegar lá dando tiro no escuro. (...) Eu acho que dentro do grupo de professores tem que ter uma pessoa encarregada de organizar o que eles pretendem da nossa atuação, mas que não seja a coordenadora, porque às vezes, ela nem pergunta o que elas querem, ela pede o que acha que deve ser." (Ru PPCP – 11/12/97 - NT – Fita nº 3, Di nº 3, p. 64)

"Eu fiz um projeto, não sei se vocês lembram, aqueles grupos de trabalhos que a gente tinha pensado. Grupos de trabalhos porque nós iríamos trabalhar, mas ao mesmo tempo nós teríamos que estudar para orientá-los. Então eu fiz um projeto nesse sentido, mas que os professores de Porto Barreiro estudassem temáticas que surgissem da necessidade deles. Entende? Ao invés da gente propor por exemplo: Vocês vão estudar tal coisa. Não. Na escola, se reuniriam grupos de professores por escola, talvez por séries, enfim o grupo iria surgir na escola, de acordo com as atividades deles. Daí eles proporiam os temas que gostariam de estudar, de se aprofundar. Dependendo do tema seria a orientação. Por

exemplo querem estudar algo na área de História, o Ariel e a Márcia orientariam. A Níncia na área de Letras... Nesse sentido que eu pensei. Como você falou Doró e como a Márcia falou, que eles vissem quais as necessidades, o que gostariam de estudar. Por exemplo, determinada escola quer estudar tal área, faria um grupo, outro grupo quer estudar outro tema estudaria. Depois, talvez esses grupos pudessem trocar informações. E esse trabalho seria sob a orientação de vocês (...) Eu acho que talvez um caminho seja isso e daí quando fosse trabalhar algum curso específico poderia partir daquelas questões, daqueles conteúdos. (...) Agora eu não sei como viabilizar isso, nós teríamos que pensar juntos como fazer isso. Isso seria um desafio para todos nós. Também teríamos que pensar como viabilizar isso em termos materiais, transporte, alimentação e outros." (Ru PPCP – 11/12/97 - MG – Fita nº 3, Di nº 3, p. 86-90)

Nas sugestões apresentadas pelos/as professores/as nessa reunião é importante observar que cada um pensou a pesquisa de acordo com as experiências de sua área, com as mediações que anteriormente tiveram.

Passaram a ver a pesquisa como uma possibilidade de formação para os/as professores/as, há um rompimento com a idéia de que só os cursos formam, contudo não acreditavam totalmente na idéia que a pesquisa é formativa. Nessa fase essa idéia era uma hipótese, não havia certeza, tanto é que a idéia de cursos com todas as críticas feitas não foi totalmente abandonada. Nesse momento, a pesquisa que seria desenvolvida com os professores/as de Porto Barreiro era vista como um meio de desenvolvimento profissional e não como produção de conhecimento. Ainda não havia esse questionamento: É conhecimento o que os/as professores/as produzem?

O nosso relacionamento com os/as professores/as ainda não era uma parceria porque seríamos "assessores", "orientadores". Era essa a terminologia que utilizávamos e isso aponta que entendíamos que quem conduziria o processo éramos nós. Ainda não havíamos percebido, refletido que eles/as tinham seus saberes e que no processo nós também iríamos aprender com eles/as. Já tínhamos algum conhecimento sobre a idéia do professor/a pesquisador. No Mestrado havíamos realizado algumas leituras sobre o assunto, mas sem aprofundamento e também não havíamos trabalhado nessa perspectiva. Nesse momento o que veio trazer ancoragem foi a mediação do GEPEC, eu estava participando dos estudos, discussões e

produções do grupo sobre a temática. Foi quando no GEPEC estávamos estudando, Zeichner, Elliott, Stenhouse, Schön, Carr e Kemmis e outros autores que tratavam do/a professor/a pesquisador/a. Nas reuniões do PPCP eu trazia informações sobre esses estudos, contudo ainda era uma coisa externa para o grupo porque ainda não era uma coisa que de alguma forma houvesse necessidade de discussão. Essa necessidade foi gerada mais tarde no processo desencadeado. Nesse momento o grupo rompe com a idéia que só os cursos formam o/a professor/a e passam a perceber que é necessário outra forma de trabalho e se abre para outras alternativas, correndo riscos. Esse momento de risco e insegurança é que vai proporcionar a abertura dos grupos de área para discutirmos o processo de pesquisa no coletivo, que no caso já não é um procedimento isolado de cada área, mas do grupo todo.

No final da reunião chegamos a algumas conclusões que orientariam o processo que pretendíamos desencadear no ano seguinte, mas ainda teríamos que negociar as possibilidades de trabalho com a Secretária Ivone.

"As sugestões que foram dadas foram que tivéssemos uma representante das professoras lá no município, que repasse conteúdos, metodologias que as professoras querem que sejam trabalhadas, que tenha uma comunicação direta com a Universidade. (...) Também ficou presente nas falas que a forma de acompanhamento que temos feito não é a melhor. Precisa ser redimensionada, tem muito de fiscalização e de policiamento. Foram sugeridos momentos mais individuais que o professor converse com pequenos grupos.

Outra sugestão foi formar grupos de estudos com os professores, houve até uma sugestão de se ter um primeiro semestre todo de grupos de estudos e cursos para o segundo semestre, ou vamos intercalar, só chamo atenção porque acho que temos que deixar claro as coisas aqui para podermos negociar com a Secretária. (...) Outro item que foi dito é que os professores aqui da UNICENTRO estejam mais presentes lá, porque você vai dar um curso e de repente está caindo de pára-quedas e você não sabe o que está acontecendo. E nós temos a nossa profissão aqui que exige que a gente tenha um elástico imenso. Ao mesmo tempo que você atende alunos, ministra aulas, num primeiro ano de Graduação, você está sendo chamado para assumir um Curso de Pós-Graduação, em nível de Especialização, orientação de Monografia, orientação de acadêmicos bolsistas da Graduação e agora os Cursos de Extensão. Então a gente precisa saber lidar com isso, tem que se desdobrar. (...) E o último

item é envolver os alunos em grupo de estudos da UNICENTRO, partindo agora do envolvimento acadêmico, em grupos de estudos lá de Porto Barreiro." (Ru PPCP – 11/12/97 - RP – Fita nº 4, Di nº 4, p. 20-21)

"E a Instituição tem condições de viabilizar as condições necessárias para o desenvolvimento do projeto?" (Ru PPCP – 11/12/97 - MG – Fita nº 4, Di nº 4, p. 22)

"Bom, tudo isso depende do acerto que nós consigamos lá, com a prefeitura e essa é uma questão que me preocupa bastante, porque se elaborarmos um projeto sofisticado, complexo e tal, vai se tornar caro, vai inviabilizar a nossa atuação no município. (...) Então nós temos que ter as coisas mais ou menos definidas para a negociação se não pode não dar certo." (Ru PPCP – 11/12/97 - ES – Fita nº 4, Di nº 4, p. 23)

"Temos que pensar questões bem práticas: cursos, acompanhamento, avaliação, porque é isso que faz parte de um cronograma. A gente teria que definir aqui, os cursos, se continuam com oito horas por mês, desde o primeiro semestre, incluindo alguns grupos de estudos ou fazemos um primeiro semestre inteiro de grupos de estudos, poderíamos tentar ir traçando isto." (Ru PPCP – 11/12/97 - RP – Fita nº 4, Di nº 3, p. 23)

"Eu acho que não deveríamos apresentar uma proposta, mas várias." (Ru PPCP – 11/12/97 - CL – Fita nº 4, Di nº 3, p. 23)

"Mas tem que ter orçamento de todas. (...) Nós precisamos esmiuçar as coisas, por exemplo: grupos de estudos, como é que vai se desenvolver isso, quem é que vai participar, porque depois fazer o dimensionamento econômico disso é complicado." (Ru PPCP – 11/12/97 - ES – Fita nº 4, Di nº 3, p. 24)

Nas discussões finais do grupo que chamo de conclusões, decidimos que trabalharíamos com os "grupos de estudos", que assim eram chamados porque não víamos esse tipo de trabalho como pesquisa, produção de conhecimentos. Mas ainda não sabíamos como desenvolver esse trabalho e a idéia ainda estava bastante vinculada aos cursos, os "grupos de estudos" seriam um complemento, a tônica parecia ainda ser os cursos. Quanto à viabilização desse trabalho, nos preocupava bastante a aceitação da Secretaria da Educação de Porto Barreiro porque todos os recursos financeiros para o trabalho eram advindos do Município.

Outra questão que levantamos é referente aos vários espaços da nossa atuação como professores/as universitários/as que, por um lado é bastante rica, mas por outro, faz com que tenhamos acúmulo de trabalho, muitas vezes nos impedindo de nos dedicarmos mais nos trabalhos que participamos. Também pensamos em envolver os acadêmicos no processo, ação que não foi concretizada devido a vários fatores, falta de transporte, disponibilidade dos/as alunos/as, dentre outros.

Nesse momento, a voz da Universidade está mais voltada à questão financeira do projeto, do que às contribuições que poderia trazer, situação que é compreensível nesta época em que cada vez mais se cortam as verbas para as Universidades e, também, o PPCP até esse momento, é visto como um grupo que presta serviços e proporciona uma receita para a Instituição.

As discussões continuaram. Como não conseguimos pensar ainda como planejaríamos o desenvolvimento dos trabalhos, optamos por conversar com a Secretária Ivone, negociar a possibilidade dos "grupos de estudos", conforme o ocorrido elaboraríamos um cronograma e partindo dele um orçamento. Tínhamos outra dificuldade que era negociar o pagamento das "orientações" dos/as professores/as, porque usualmente só se considera aula, trabalho expositivo e/ou em sala de aula e não sabíamos como a Secretaria veria essa questão. Além disso, quando cursos eram ministrados, eram pagos os/as professores ministrantes, um ou dois no máximo. No caso dos grupos envolveria cerca de 10 professores/as da Universidade, todos seriam pagos simultaneamente. Isso acarretava mais investimentos. Assim pensamos em áreas, seriam pagas cinco áreas independente do número de professores/as participantes de cada uma.

Pensávamos: Para que seria os grupos de estudos? Afinal eles teriam que ter um sentido para existirem. Eu inicialmente propus a realização de Seminários, mas ficou meio no ar. A professora Regina sugeriu:

"Vamos pensar que teremos que ter um cronograma, nesse cronograma precisamos de leituras. Então vamos ver que leituras. Ações, quais ações são necessárias? Quais são os resultados? E aí um relatório final para o mês de Dezembro, que é o Seminário. É o final do projeto. Não se pensa em Monografia, nada mais elaborado, mas um relatório." (Ru PPCP – 11/12/97 – RP - Fita nº 4, Di nº 4, p. 30)

Considero essa fala da professora importante porque mostra como nessa fase ainda tínhamos uma visão talvez acadêmica da pesquisa, ela iniciaria e terminaria dentro de um tempo previsto, no final o importante era a apresentação de um relatório para a avaliação, o Seminário seria meramente o cumprimento de uma tarefa escolar, nem vislumbrávamos a sua importância para fomentar os trabalhos dos grupos.

A professora Corinta já havia falado da sua hipótese, que o grupo só produz diante da emergência da prática e da socialização. Teoricamente eu sabia e até havia comentado com meus pares, mas era uma coisa externa que não havíamos experienciado, daí essa fala anterior que delineia o que pensávamos na época.

Assim, no final da reunião tínhamos alguns pontos para negociar, mas as coisas não estavam bem definidas.

Nessa reunião voltei a conversar com o grupo sobre a minha intenção de pesquisa, a minha participação no GEPEC e a possibilidade do nosso grupo do PPCP futuramente se articular ao GEPEC. O grupo brincou dizendo que seriam objetos da pesquisa, interessou-se pela minha pesquisa e pela possibilidade de articulação com o GEPEC.

"Eu acho ótimo, eu já li teu projeto, já duas vezes pra me pautar num projeto de Doutorado. Eu vejo assim você vai conseguir e naquilo que a gente for útil me proponho a trocar idéias, informações e tudo mais em relação à pesquisa, ao seu trabalho." (Ru – 11/12/97 - CL – Fita nº 4, Di nº 4, p. 09)

"É importante a gente ter contato com esse grupo de pesquisa da Unicamp, até para ver se lá tem mais discussões, é mais teoria, é mais reflexão sobre a prática também, de que forma eles atuam, pra ver o que temos em comum." (Ru – 11/12/97 - RP – Fita nº 4, Di nº 4, p. 14)

O fato do trabalho ser tema de uma Tese de Doutorado e abrir possibilidades de um futuro vínculo com um grupo de pesquisas como o GEPEC, foi uma grande motivação para o nosso grupo PPCP, pois dos nove componentes da época e que continuam no grupo, quatro já estavam cursando Doutorado, o professor Ariel, professora Wanda, professora Ana Lúcia e eu. A professora Márcia está cursando Mestrado e os/as outros/as professores/as Edélcio, Regina, Doroteya e Clarice já haviam concluído Mestrado, tinham sérias intenções de ingressar posteriormente em um Curso de Doutorado e viam o trabalho como uma forma de terem

acesso às produções mais recentes. Assim, nessa reunião ficou decidido que apostaríamos nesse trabalho alternativo.

As negociações ocorridas na reunião de 17/12/97 com a Secretária de Educação foram surpreendentes. Ao colocarmos a proposta dos grupos de pesquisa para o ano seguinte, a Secretária animada disse:

"Pesquisa! Olha só que interessante." (Re PPCP - IK - 17/12/97 – Fita nº 5, Di nº 4, p. 41)

"No caso da pesquisa vai proporcionar um avanço." (Re PPCP -RP- 17/12/97 – Fita nº 5, p. 41)

"Eu também acho, pelo menos vai forçar os professores a estudarem." (Re PPCP - IK - 17/12/97 – Fita nº 5, Di nº 4, p. 41)

As negociações realizadas nessa reunião nos surpreenderam porque estávamos com medo que a Secretária não se interessasse pelos grupos de pesquisa porque eles, de certa forma, aumentariam os custos do orçamento e assim, nossos planos de concretização do trabalho não aconteceriam. Mas ela demonstrou grande interesse, depois de combinarmos que os cursos continuariam, a cada dois meses, com 16 horas de duração, que implantaríamos o "Projeto Aventurando-se no Conhecimento", que seria a formação dos Grupos de Pesquisas, cronograma, enfim, os detalhes da operacionalização dos trabalhos que desenvolveríamos em 1998, ela solicitou um orçamento e disse:

*"O trabalho dessa forma acredito que vai ficar bem melhor, mas sei que os custos serão bem maiores. Temos que dar um porre no Prefeito. (*tom de brincadeira*) Eu falei no dia do desfile que tinha que agradecer o Prefeito porque cada vez que pergunto para ele o que faço na Educação, ele responde: Faça o que for melhor para Porto Barreiro. Agora vou ter que cobrar isso. Vou dizer: Já que você diz faça o melhor, o melhor é isso, mesmo que custe mais."* (Re PPCP - IK - 17/12/97 – Fita nº 5, Di nº 4, p. 48)

"Isso é muito importante professora porque em alguns municípios, as Secretárias Municipais não entendem essas questões de Educação. Se está tudo bem, se não está. Em outros Municípios as Secretárias entendem, mas o Prefeito não deixa, porque acaba vendo a Educação como um peso no orçamento do Município e não traz retorno imediato, traz retorno a longo prazo. Nós ficamos felizes em saber o que a senhora está colocando agora, porque o

município é novo e ainda não tem uma estrutura, mas também não tem vícios, Não é fácil, é o primeiro passo, a Educação começa a caminhar bem, o professor está tendo oportunidade de se qualificar." (Re PPCP - ES - 17/12/97 – Fita nº 5, Di nº 4, p. 48)

Na seqüência continuamos as discussões e combinamos que iniciaríamos as atividades dia 05 de fevereiro de 1998.

Nessa reunião a professora Regina propôs:

"Ivone lembra que falamos anteriormente a possibilidade de prestarmos outro tipo de assessoria para o município? Um trabalho para a construção do Projeto Político Pedagógico do Município. Quem sabe formar um grupo envolvendo o pessoal da Secretaria, Vereadores, Diretores..." (Re - 17/12/97 – Fita nº 5, Di nº 4, p. 43)

"Aquilo que conversamos aquele dia lá? Tem que ocorrer paralelo." (Re - 17/12/97 - IK – Fita nº 5, Di nº 4, p. 43)

"Exato, assim trabalharíamos outras questões. O que você acha?" (Re - 17/12/97 – RP - Fita nº 5, Di nº 4, p. 43)

"Eu acho bom, porque faríamos um trabalho de acordo com as necessidades da região e as professoras veriam que todos precisamos estudar, que não é só elas que estão estudando." (Re - 17/12/97 - IK – Fita nº 5, Di nº 4, p. 44)

Achei interessante essa fala da Secretária da Educação, pela sua abertura à proposta e pela sua posição em relação aos/as professores/as, de companheirismo. Vejo uma pergunta subjacente: Se eles/as vão estudar porque nós, dirigentes, não vamos? Isso me lembra do trabalho que Zeichner[58] desenvolve com a pesquisa-ação em cinco âmbitos:

> "*O primeiro se estabelece com estudantes em curso de formação de professores e professoras, durante o estágio (Zeichner, 1993[a] ; 1994; [1995b]). O segundo realiza com os professores que estão trabalhando em diferentes escolas, nas quais são organizados grupos de trabalho, incentivando e promovendo a pesquisa-ação entre os docentes (Zeichner, 1992 ; 1993 [a]; 1993[b]; 1995[c]; 1996 [a] ; 1997[a] e Zeichner e Tabachnick, 1996). Sua terceira área de atuação é com docentes universitários que também fazem parte do seu grupo de pesquisa e fazem pesquisa-ação como parte do programa de pós-graduação (Zeichner e Liston, 1996[b]). O quarto âmbito de sua pesquisa se desenvolve na África, mais especificamente na Namíbia, onde assessora um programa de formação de professores e professoras através da pesquisa-ação (Zeichner, 1996[b]). E o quinto âmbito que Zeichner reserva para fazer a reflexão sobre o seu próprio trabalho. Com isso, o seu ensino e sua prática têm mudado com os resultados que tem observado sobre si mesmo (Zeichner, 1995[b]). Isso é importante porque vai nos orientar para que não queiramos "que os professores*

[58] Contudo transcrever essa fala já organizada, quero salientar que a maioria dessas informações tive a oportunidade de ouvi-las, de Zeichner pessoalmente, por meio de uma entrevista que o GEPEC realizou com ele no Hotel Glória em Caxambu, na 20º Reunião da ANPEd em 23/09/97.

façam coisas que nós mesmos não conseguimos fazer" (Zeichner, 1997[b], p. 1). (Geraldi; Messias; Guerra. 1998, p. 243 – 244)

Nessa reunião estava presente a Secretária da Educação, sua assistente Solange, a professora Regina, o professor Edélcio e eu. Todos/as os/as componentes do PPCP foram convidados/as, mas como era final de ano, nem todos/as puderam participar.

Detive-me um pouco nesta reunião para explicar que uma característica do nosso grupo é que mesmo tendo um/a coordenador/a oficial, nas discussões e conduções das reuniões, ele/a não monopoliza a palavra e nem a condução dos trabalhos, isto é, as conduções são espontâneas assim como as intervenções. Por exemplo, na reunião do dia 11/12/98, a coordenadora oficial era a professora Wanda, mas quem conduziu a reunião foi a professora Regina. Nessa reunião "17/12/98", já não tínhamos mais um/a coordenador/a oficial, a professora Wanda deixou a função porque estava de mudança para Campinas, para cursar Doutorado, contudo, os trabalhos continuaram normalmente, a professora Regina e eu conduzíamos as discussões sobre a operacionalização pedagógica do projeto, o professor Edélcio discutia mais as questões financeiras e materiais para viabilização do trabalho. E essa característica sempre se fez presente na maioria das reuniões do grupo.

Sempre observei esta postura de igualdade, sem hierarquia. Observei também que cada um tem um papel no grupo. Por exemplo, o papel do professor Edélcio, além de ser nosso companheiro de trabalho, é mediador entre o grupo e a UNICENTRO. O fato dele ocupar o cargo de vice-reitor, tem auxiliado bastante o grupo na concretização dos seus trabalhos. Ele sempre interferiu no sentido de possibilitar condições para a viabilização do nosso trabalho, como por exemplo, transporte, até mesmo na transgressão de algumas normas burocráticas que emperram o nosso trabalho. Por exemplo: Implantamos o "Projeto Aventurando-se no Conhecimento" no início de 1998, mas ele só foi aprovado em meados de Setembro do mesmo ano, mas mesmo assim tivemos o aval do professor Edélcio. É claro que há também os interesses da Instituição em relação aos convênios que estabelecemos com os municípios porque eles representam arrecadação de verbas.

Todo o nosso trabalho é marcado pela negociação. Negociamos no grupo: o que faremos, o que cada um fará. Negociamos com as Secretárias de Educação, Prefeitos, com a

UNICENTRO. É uma trama de relações. E essa é uma característica que também tem sido bastante forte no nosso trabalho e isso confirma o que Thiollent diz sobre a pesquisa-ação:

> *"Toda pesquisa é permeada pela perspectiva intelectual, pelos objetos práticos, pelo quadro institucional, pelas expectativas dos interessados nos seus resultados, etc. Porém, os pesquisadores não são neutros, nem passivo. Sem desconhecerem a presença dos interesses, devem conquistar suficiente autonomia, com inevitáveis "negociações" (...) Em todas as circunstâncias, os pesquisadores não podem aplicar uma norma de ação preestabelecida e devem ficar atentos à negociação do que é realmente transformável em função das formas de poder, do grau de participação dos interessados e da especificidade das formas de ação: ação pedagógica, ação educacional, ação comunicativa, organizativa, tecnológica e política, etc."* (1997: p. 94-95)

Tudo acertado com a Secretária Ivone, marcamos uma reunião para o dia 20/12/98 com o nosso grupo para combinarmos como atuaríamos na implantação do "Aventurando-se...", que seria iniciado no dia 05/02/99 porque ainda não sabíamos como iniciar o processo.

Nos reunimos no dia 20/12/97 para combinarmos o que faríamos no Encontro de Fevereiro. Nessa reunião puderam participar o professor Edélcio, a professora Regina, a professora Wanda e eu, porque muitos já haviam viajado, mas mesmo assim nos reunimos e nos comprometemos de posteriormente informar aos/às outros/as componentes sobre as discussões, procedimento que tem sido comum no grupo. Como nem sempre todos podem estar presentes nas reuniões devidos aos mais variados motivos, temos um acordo comum, quem participa da reunião informa quem não pode participar. Essa tem sido uma dificuldade que o grupo tem encontrado e tem tentado contornar com esses contatos extra-reunião.

Começamos discutindo como iniciaríamos o trabalho, decidimos que eu seria a primeira a falar sobre o significado do professor/a pesquisador/a, o porquê do/a professor/a pesquisar, enfim faria uma introdução que justificasse o caminho que os trabalhos no município estavam tomando. Na seqüência os/as professores/as de cada área apresentariam sugestões de pesquisas ou fariam uma fala convincente que despertasse o interesse dos/as professores/as de Porto Barreiro por sua área.

"Eu gostaria de desenvolver um trabalho junto com a professora Regina que envolvesse o pessoal da Secretaria de Educação no Município, a Ivone, Solange, Cleusa, Vanilde, Nelci, também os vereadores e outros. Nesse grupo estudaríamos: Gestão Democrática; Gestão Financeira; Centralização e Descentralização; Municipalização." (Ap. Re PPCP – 20/12/97 – ES – Di nº 4, p. 58)

"Eu acho ótimo, inclusive já conversei com a Ivone sobre isto e ela aceitou. Acho que vai ser um trabalho bem interessante podermos iniciar um trabalho em um município que precisa construir tudo." (Ap. Re PPCP – 20/12/97 – RP – Di nº 4, p. 58)

"Eu acho que vou ter que fazer um trabalho vinculado com História vou entrar em contato com o Ariel e a Márcia para combinarmos alguma coisa." (Ap. Re PPCP – 20/12/97 – WS – Di nº 4, p. 59)

"Na área da Matemática conversei com a Doró, ela disse que tem vontade de desenvolver um trabalho mais ou menos como trabalha com Modelagem Matemática." (Ap. Re PPCP – 20/12/97 – RP – Di nº 4, p. 59)

"Eu acho interessante, também é bom lembrarmos que nas sugestões que as professoras fizeram de temas que gostariam que fossem trabalhados em cursos, elas sempre falam que gostariam de aprender Medidas Agrárias, que esse conteúdo é bastante cobrado pelos pais." (Ap. Re PPCP – 20/12/97 – MG – Di nº 4, p. 60)

"E nas outras áreas o que poderíamos tratar? Quem sabe em Ciências: Meio Ambiente, esse é um assunto que a Ivone falou que gostaria de uma palestra, um curso." (Ap. Re PPCP – 20/12/97 – WS – Di nº 4, p. 60)

"É, seria interessante, eu acho que a tônica do nosso trabalho deve ser procurarmos mostrar para os professores de Porto Barreiro como é que se produz conhecimento em cada área." (Ap. Re PPCP – 20/12/97 – MG – Di nº 4, p. 61)

As discussões da reunião giraram sobre os assuntos que aparecem nas falas citadas.. Nesse momento é interessante que o Grupo mesmo tendo uma certa preocupação estava descontraído, não havia indagações nesse momento, porque seríamos "orientadores" da pesquisa dos/as professores/as de Porto Barreiro, estávamos tratando da formação deles/as, era um processo externo para nós, isto é, era um trabalho como outros que já havíamos desenvolvido, que continha alguns elementos novos que iríamos trabalhar. É como se tivéssemos certas "certezas", afinal já havíamos trabalhado com pesquisas com nossos/as alunos/as na Universidade, na Graduação e na Pós-Graduação. Ainda não tínhamos percebido que os objetivos da pesquisa e o seu movimento como parte de um Curso de Educação Formal são diferentes do processo que havíamos nos proposto, que era trabalhar com professores/as que estão atuando em sala de aula, que tem outras indagações, assim como outros objetivos,

que enfrentam no seu cotidiano a imediatez que é própria nas relações do processo ensino-aprendizagem, que querem encontrar caminhos para a sua prática, que se angustiam com a demora que são próprias dos processos de pesquisa. Demora que nas discussões com a professora Corinta, percebi que talvez seja o "amadurecimento" que necessitamos para olhar o nosso trabalho com uma certa distância, o que ela chama de "distanciamento epistemológico", que entendemos que é a necessidade de produzirmos um certo distanciamento, o qual temos percebido que o mesmo pode ocorrer na interlocução do grupo, que não é um distanciamento físico, talvez afastamento produzido pela interação de várias vozes, vários olhares que nos constituem, nos (re)constituem e vão constituindo um olhar diferenciado, que abre outras formas de pensar e olhar aquilo que parece ser o óbvio e que por sê-lo, não questionamos. E esta questão me faz lembrar o texto de Larrosa, "Agamenon e seu porqueiro", quando para construir suas indagações entre a diferença do "ser" da verdade e o "dizer" da verdade, como a verdade é produzida e as relações de poder subjacentes a essa produção, ele inicia o texto assim:

> *"A verdade é a verdade, diga-a Agamenon ou seu porqueiro.*
> *Agamenon: De acordo*
> *O porqueiro. Não me convence.*
> (Antonio Machado, Juan de Mairena. ap, Larrosa, 1998, p. 187)

Partindo desse apólogo Larrosa explica que o "ser" da verdade está formulado tautologicamente:

> *"a verdade é a verdade", como quem diz "a verdade é verdadeira "ou" o ser da verdade está em sua própria condição de verdadeira". Mas a duplicação da palavra "verdade" nesse enunciado não é todo inocente, uma vez que faz com que a sentença funcione implicitamente como um imperativo. "A verdade é a verdade" pode ser traduzida como "é preciso aceitar a verdade porque é verdade" ou é "preciso inclinar-se diante da verdade por sua própria condição de verdadeira." (...) O primeiro enunciado do apólogo, então, não apenas afirma o "ser" da verdade como também seu poder e sua força. Por outro lado, o "dizer" da verdade refere-se a dois personagens que não apenas representam duas posições e duas funções sociais distintas (observe-se que Agamenon manda nos homens e o porqueiro manda nos porcos), mas também subordinadas. O porqueiro é o porqueiro de Agamenon, o servo de Agamenon, aquele que cuida, não de quaisquer porcos, nem sequer de seus próprios porcos, mas dos porcos de Agamenon, dos porcos desse homem chamado Agamenon, que é o proprietário dos porcos e seguramente também o proprietário de "seu" porqueiro. Apenas Agamenon tem nome próprio, enquanto que o porqueiro não é nem proprietário dos porcos, nem proprietário de si mesmo, nem sequer proprietário. A sentença que abre o apólogo – a afirmação "a verdade é a verdade, diga-a Agamenon ou seu porqueiro"- indica claramente que o "ser" da verdade e a "força" da verdade não tem nada a ver com o "dizer" da verdade, que a verdade é independente de quem a diga e, sobretudo, independente das diferenças entre os homens. E é essa independência da verdade relativamente às relações sociais que marcam as condições de sua enunciação que vai ser*

julgada a seguir por dois personagens convertidos já em rivais, isto é, em contendores de uma luta cujo território é a verdade do poder e o poder da verdade." (1998, p. 188-189)

E é nesse contexto que sinto o "ser" professor/a, nas teias do poder instituído, que se apresenta com múltiplas faces, o Estado, as Políticas Educacionais, as Leis, as Teorias Educacionais, os Meios de Comunicação e tantas outras. Estão sempre a nos dizer o que devemos fazer no nosso trabalho docente, nos expropriando dos nossos saberes[59], produzindo "verdades" a serem simplesmente aceitas, que são representados por Agamenon e a voz sem sujeito, que por ser sem sujeito produz uma relação, que talvez possamos chamá-la de mística, que por ser mística já reafirma o que afirma. Voz que parece ser neutra, impessoal, assim dando a impressão que as diferenças entre os homens não interferem no "ser" da verdade e o "dizer" da verdade, quer dizer, nem possibilita essa dupla interpretação de verdade, a "verdade é única", "a verdade é a verdade."

Nós, os/as professores/as somos os porqueiros de Agamenon, que trabalhamos com a Educação, num espaço público. Uma Educação cujos princípios e diretrizes foram construídos por outros/as, quer dizer, os planejamentos curriculares, as normas a serem seguidas, os conteúdos curriculares, a conduta em sala de aula, enfim, quase tudo que envolva o nosso trabalho docente sempre vem de uma voz sem nome que nos diz o que devemos fazer, sem que haja possibilidade de diálogo. Como conversar com alguém, que não é alguém? Que está presente e não está? Que muitas vezes é representado por uma pessoa que o representa, mas não tem o seu poder? Ficamos quase que paralizados/as nesse labirinto de incompreensão. Trabalhamos num espaço público que não é nosso e é, que é de todos e de ninguém, que por ser público está sujeito a todas as intempéries sociais, econômicas, políticas que interferem na Educação[60]. A organização do nosso trabalho faz com que fiquemos com nosso tempo

[59] Emprego o termo saber conforme Fiorentini; Souza Junior; Melo o entendem em seu texto "Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos". Segundo eles: "Os textos em educação normalmente usam os termos "conhecimento" e "saber" sem distinção de significado. Reconhecendo que nem os filósofos possuem uma posição clara sobre a diferenciação de significado destes termos, nós, neste artigo, usaremos ambas as denominações sem uma diferenciação rígida, embora tendamos à diferenciá-la da seguinte forma: "conhecimento" aproximar-se-ia mais com a produção científica sistematizada e acumulada historicamente com regras mais rigorosas de validação tradicionalmente aceitas pela academia; o "saber", por outro lado, representaria um modo de conhecer/saber mais dinâmico, menos sistematizado ou rigoroso e mais articulado a outras formas de saber e fazer relativos à prática não possuindo normas rígidas formais de validação." (1998, p. 312)

[60] Não sou a favor da privatização da Educação, ao contrário, defendo a idéia de uma escola pública gratuita, para todos e de qualidade.

aprisionado, mil atividades. Até parecemos o coelho de "Alice no país das Maravilhas", parece que sempre estamos atrasados. Atrasados na nossa formação, atrasados sobre as últimas novidades das "diretrizes educacionais", quer dizer, parece que sempre estamos passos atrás do que deveríamos estar. Olhamos o relógio que nos é imposto e não conseguimos acompanhá-lo. Assim nosso trabalho cai na rotina e ela vai produzindo um óculos que faz com que a voz oculta que simbolicamente reafirma o poder de Agamenon, nos diga que é "assim mesmo", que não há outros ângulos para olhá-la. Daí a necessidade da reflexão, do distanciamento epistemológico. Segundo Campos; Pessoa, Dewey distingue a ação rotineira da ação reflexiva:

> *Nessa distinção ele define a ação rotineira como aquela que é orientada por impulso, tradição e autoridade. Argumenta que nas instituições escolares vai se formando um conjunto de definições e códigos acerca da realidade educacional que se constituem como verdades, sendo absorvidas pelo grupo. Enquanto essas verdades, no dia-a-dia, não entrarem em conflito, a realidade é encarada como uma realidade sem problemas. Essa visão leva os educadores ao imobilismo, impedindo-os de reconhecer e experimentar posições outras que não aquelas.* (1998, p. 191)

Olhar a rotina com um olhar construído e (re)construído na interlocução do grupo, é o que venho entendendo por "distanciamento epistemológico", é o que a "nossa experiência" vem nos sinalizando, a experiência que vivi (o) com o GEPEC, com o PPCP e com os Grupos de Porto Barreiro. Porém, no âmbito desse trabalho vou me ater aos trabalhos do PPCP articulado com os de Porto Barreiro.

Acompanhei o trabalho desenvolvido em 1997, como professora pesquisadora, o qual se constituiu em cursos destinados à formação de professores/as. Essa etapa foi a execução do subprojeto "Professor: aprendendo e educando". Nessa fase foram ministrados os cursos já mencionados. A metodologia utilizada nos cursos foi permeada pelo lúdico, pela reflexão, pelo aprofundamento teórico-prático, advindo da prática pedagógica dos/as docentes. Todo o processo foi avaliado, como o trabalho contribuiu para a formação dos/as professores/as de Porto Barreiro, as dificuldades, os avanços. Simultaneamente avaliamos a nossa atuação como formadores/as de professores/as, os acertos e os erros, as dificuldades e as vantagens do processo. Nesse momento, sentimos a necessidade do fortalecimento do grupo e começamos a criar espaços interativos comunicativos, onde pudéssemos dialogar, trocar idéias para que as nossas limitações individuais fossem superadas no coletivo. Observamos que os cursos foram importantes no desenvolvimento profissional dos/as professores/as, contudo, não foram

suficientes, os seus discursos ainda estavam marcados por concepções do processo ensino-aprendizagem, onde se espera receitas prontas para resolver situações problemáticas de sala de aula, da escola, sem articulação com o contexto social, político, histórico, enfim com os múltiplos fatores que influenciam a Educação. No fundo os/as professores/as de Porto Barreiro desejavam que prescrevêssemos um itinerário. E essa questão, segundo as nossas discussões, configurava que ainda não havíamos conseguido desenvolver nos/as professores/as uma atitude de autonomia, de compreensão e construção do seu trabalho pedagógico. Foi nesse contexto de reflexões, de busca de alternativas diferenciadas para a construção de caminhos, iluminado pelas mediações e interações advindas da minha participação no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Continuada (GEPEC), também da minha experiência profissional e a linha de pesquisa que venho desenvolvendo, é que a proposta do "Aventurando-se no Conhecimento", foi pensada e discutida. Também analisamos nas discussões, debates e avaliações essa primeira etapa de atuação do grupo, concluindo que os cursos ministrados foram importantes, porque os/as professores/as de Porto Barreiro, na nossa opinião tinham formação precária e essa etapa era necessária. Todavia, esse processo não foi suficiente para fazer com que os/as professores/as refletissem sobre a sua prática e construíssem caminhos para o desenvolvimento do seu trabalho. Observamos que avançaram em alguns aspectos, mas continuaram de certa forma, numa posição passiva esperando "receitas prontas e acabadas" para solucionar as dificuldades do seu cotidiano. Essa questão nos levou a refletir, sobre como nós professores/as ficamos atrelados a procedimentos normativos, que na maioria das vezes permeiam os discursos pedagógicos, proferidos nos Cursos de Formação de Professores/as. Analisando essa situação, vimos a necessidade de trabalhar com esse grupo de uma maneira que não excluísse os cursos, mas paralelamente e principalmente desenvolvesse um processo de Educação Continuada, no qual a tônica fosse a pesquisa-ação, visando desenvolvimento profissional, produção de saberes e conhecimentos, autonomia intelectual, enfim que rompesse com a postura de passividade. (Influência dos estudos realizados pelo GEPEC, sobre Zeichner e outros/as professores/as pesquisadores/as). Vimos o trabalho desenvolvido em 1997, como necessário, porque contribuiu na formação de professores/as no sentido de levantar questões, desestabilizar "certezas"[61]. Foi uma etapa necessária para negociações, conquistas de espaços

[61] Nos Cursos que observei, o que causou maior impacto no processo de desestabilização foi o de História,

e confiança. O "Aventurando-se" para se concretizar necessitou além das nossas discussões no PPCP, da nossa trajetória profissional, do meu envolvimento com o GEPEC, principalmente da compreensão de Educação, que a Secretária de Educação do município Ivone P. Kerber[62] demonstra e a autonomia que o Prefeito José Crotti[63] lhe proporciona, isto é, ambos acreditaram em nosso trabalhe e nele apostaram.

2.4. De Compasso em Compasso Vamos Construindo a Melodia.

2.4.1. Improvisando acordes na busca de sons.

O projeto "Aventurando-se no Conhecimento" foi implantado em 05 de Fevereiro de 1998. Iniciei a programação com uma fita de vídeo "A Questão dos Paradigmas", depois discutimos as idéias apresentadas. Na seqüência falei da importância da pesquisa para a nossa formação, a formação do/a professor/a. A principal idéia focalizada foi o conceito de paradigmas, que na fita é explicado, conforme T. Kuhn. Mesmo sem a pretensão de realizar uma discussão profunda sobre o assunto naquele momento, levamos o livro "A estrutura das revoluções cientificas" de T. Kuhn, e discutimos o conceito conforme o autor explicita: *"Considero "paradigmas" as realizações cientificas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência."* (p. 13). O objetivo foi falar sobre a importância de nos

---

quando trabalhou posturas diferentes de se construir História, usando textos sobre Tiradentes, que traziam olhares diferentes sobre o seu papel na História. Nos Cursos de Língua Portuguesa, Alfabetização, Geografia, Fundamentos da Educação, Educação Especial, Ciências, Matemática e na Oficina de Teatro, todos/as os/as ministrantes, trabalharam concepções sobre a sua área, quer dizer várias visões, maneiras diferentes de se olhar o conhecimento da sua área, assim como várias maneiras de mediá-los.

[62] A Ivone tem uma História de vida peculiar, contudo ter cursado só até o 2º Grau, já participou de vários projetos interessantes, trabalhou no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Laranjeiras do Sul, foi uma das organizadoras do Livro "As plantas nossas amigas", editado pelo Sindicato. No Sindicato também trabalhou com a "Comunidade dos Grupos de Mulheres Trabalhadoras Rurais" (Alto Paiquerê, Alto São João I, Alto São João II, Barra Mansa, Bugre Morto, Erval Grande, Fazenda Estrela, Paiquerê, Passo Liso, Pinhal Preto, Passo das Flores e Rio Verde). Participou de um projeto internacional, que discute questões de gênero e meio ambiente, para se construir um Diagnóstico Rural participativo, visando um planejamento de agricultura sustentável. Esse projeto é coordenado pelo Instituto Internacional do Meio Ambiente. Também é membro ativo do PT.

[63] O Prefeito tem muita confiança no trabalho da Secretária e lhe dá espaço de atuação. Outra característica interessante é que o município, não é rico, a sua economia é essencialmente agrícola, a maioria dos agricultores são mini proprietários rurais, mas há preocupação com a Educação.

mantermos abertos diante do mundo, que essa postura nos abre outras possibilidades de compreensões, de indagações. Queríamos enfatizar a possibilidade de formação de professores/as, fundamentada na pesquisa, na investigação. A idéia que defendíamos era a formação do professor/a pesquisador/a. O trabalho que realizei foi uma incentivação, introdução para explicarmos a nossa proposta.

Posteriormente a professora Regina começou explicar como desenvolveríamos os trabalhos, e passou a palavra para os/as professores/as das áreas específicas.

"A idéia é o seguinte: Agora a gente está pensando na formação de grupos. Teria um grupo formado com pessoas mais ligadas a direção de escolas, vereadores, secretária de educação, setores da comunidade e outros grupos mais ligados aos núcleos (escolas), para facilitar, porque vão ser utilizados os períodos de trabalho nas escolas. Então vamos formar grupos dentro das escolas, pensando já que área, mas que a a prioridade não seja a área, mas seja a indagação. O que nós gostaríamos de fazer, é dar uma assistência mais personalizada, até mais individualizada. Por quê? Porque no curso, o que acontece? Você vem e trabalha aqui com todos, não dá aquela orientação de pessoa para pessoa, falando da sua sala de aula, de seus casos, suas situações. Nesse caso, o professor que assume a orientação de um grupo, ele vai conversar mais demoradamente com esse grupo, mês a mês, trocam idéias, fazem tentativas naquela sala de aula, naquela escola, leituras. É um atendimento mais personalizado para o grupo. O que estou fazendo é falar dessa área geral e falando um pouquinho das outras áreas, nas quais serão desenvolvidos trabalhos. A dúvida vem de vocês. O que precisam? Mas o que nos dispomos é orientar, o que achamos que temos condições de orientar. Querem fazer pesquisas? Querem aventurar-se nessa linha?" (Porto Barreiro – 05/02/98 – RP – Fita nº 6, Di nº 4, p. 60)

"Já tratamos alguma coisa naquele curso, o ano passado. (...) As questões que trataremos serão municipalização e centralização. Como o município poderá construir o seu sistema municipal de educação. Se conseguirmos conduzir nosso trabalho regularmente durante o ano, no final do ano, talvez possamos pensar em um Projeto Político Pedagógico para o Município. As políticas educacionais, seriam o norte da educação do município. (...) Nesse grupo a gente quer sair um pouquinho do âmbito da escola, só dos professores, nós queremos envolver um pouco a comunidade, a sociedade, nós estamos apenas sugerindo, daí

vocês vão organizar as temáticas que querem estudar. Então outros setores da comunidade, a APM, Sindicatos, Pais e Alunos que quiserem participar, seria ótimo." (Porto Barreiro – 05/02/98 – ES – Fita nº 6, Di nº 4, p. 59-65)

"A Secretária está fazendo reuniões com todas as comunidades numa metodologia de planejamento e aqui acho que vai sair muita liderança." (Porto Barreiro – 05/02/98 – SR – Fita nº 6, Di nº 4, p. 65)

"Estamos pensando na Educação, não só sobre a ótica do professor, mas da ótica do vereador, do sindicato, do pai do aluno. Isso é muito importante. Estamos sugerindo alguns temas, é mera sugestão. Só pra não ficar sem nenhuma sugestão, nenhum tema, mas os temas, nós vamos decidir juntos. Inclusive nós trouxemos um material para deixar, já para uma primeira leitura, pra próxima reunião do mês que vem." (Porto Barreiro – 05/02/98 – ES – Fita nº 6, Di nº 4, p. 65)

"Eu trabalho com Alfabetização. Hoje quando se fala em Alfabetização, você não está falando uma coisa estranha, um apêndice. Se eu pratico uma língua é porque é viva. Assim como a Alfabetização, a própria cultura. Não sei qual é o forte aqui da região das descendências. A italiana?" (Porto Barreiro – 05/02/98 – CL – Fita nº 6, Di nº 4, p. 65)

"Sim, a italiana.." (Porto Barreiro – 05/02/98 – uma professora – Fita nº 6, Di nº 4, p. 65)

"Então muitas pessoas pode ser que até falem em casa o italiano. (...) Na questão da Alfabetização, quem ensina o processo? Hoje nós sabemos que a Alfabetização é uma prática. Não é só para o primeiro ano, se eu fizesse um ditado aqui, acho que teríamos alguns termos que teríamos dúvidas. (...) O conceito de Alfabetização mudou. (...) Quem de vocês Alfabetiza? Como é que vocês se situariam? Dentro de uma prática dominante, um paradigma dominante, um Método de Alfabetização, que com certeza durante o tempo que vocês tem trabalhado tem dado certo ou vocês tem tentado trazer à sala de aula algumas inovações, entre aspas?" (CL, Ibidem, p. 68)

"Eu tenho inovado, mas não dá pra trabalhar com um método só, não existe um método pronto." (Porto Barreiro – 05/02/98 – IS – Fita nº 6, Di nº 4, p. 68)

"Você trabalha um método, mas nem sempre dá pra todos os alunos. Tem um aluno alí que não vai. Então não existe um método certo. Não tem como pegar um método, cada criança é um caso." (Porto Barreiro – 05/02/98 – outra professora[64] – Fita nº 6, Di nº 4, p. 68)

"Tem professores que tem que desafiar o trabalho com a primeira série. Quando eu trabalhava com Alfabetização eu achei um jeito de explicar, eu desafiava a criança e através dos desafios, eu consegui o que esperava. Eu tinha um método, eles iam em busca, o que a criança trazia, a gente conversava, trabalhava com textos, tudo isso a gente aproveitava com a criança." (Porto Barreiro – 05/02/98 – IM – Fita nº 6, Di nº 4, p. 69)

"Bom, mas tudo isso resultou de uma prática, de uma experiência, provavelmente de algumas, algumas não, de muitas leituras, informações, cursos que você deve ter feito. Mas eu perguntaria: Como é que vocês se sentiram no início na sala de aula? Vocês conseguiram colocar algumas idéias, que são hoje idéias dominantes em relação a questão da Alfabetização, colocar isso em prática? O que temos observado é o seguinte: Tem pessoas que recebem uma gama de informações em cursos e quando chega na prática se distanciam delas e acham melhor ficar naquilo que é habitual. Eu faço essa pergunta." (CL, Ibidem, p. 70)

"Eu acho assim, eu sempre misturei, aquilo que a gente recebe nos cursos com aquilo que a gente já sabe e faz. Sempre se leva dos cursos coisas que são boas pra nossas práticas." (Porto Barreiro – 05/02/98 – outra professora – Fita nº 6, Di nº 4, p. 70)

"... O meu convite, na minha área é, não importa se a pessoa ainda esteja sob o paradigma dominante, se ainda esteja presa, porque muitos/as de nós, eu por exemplo lidei muito com métodos, cartilhas da abelhinha, etc, etc... Não importa, o que temos que fazer é avançar. Fazer e aproveitar que nossos alunos tenham oportunidade de sair da escola leitores. (...) Eu convido as pessoas que queiram pesquisar nessa área, eu diria até que um trabalho de pesquisa-ação. É a professora-alfabetizadora trabalhando com as propostas de hoje, que são faladas no campo de Alfabetização, daí depois a gente vai ver o que vai dar. Não tem nada pronto, nada delineado. (...) Eu entendo, vejo uma certa dificuldade de se trabalhar assim. Tem alguns encaminhamentos que se tornam difíceis quando você faz o aluno passar de um estágio para outro. Isso vai acontecer não só na 2ª série, mas também na

[64] Quando não coloco a sigla que remete a identificação do/a professor/a é porque na transcrição da fita não consegui identificar de quem era a voz.

3ª para a 4ª. O aluno que escreve e não lê, lê e não escreve. O aluno que ainda não tem o domínio ortográfico." (CL, Ibidem, p. 76)

"Vocês lembram, todos os que estavam presentes nos cursos de História e Geografia? Vocês lembram que nós trabalhamos algumas concepções sobre o que é História. Em uma dessas concepções que nós chamamos de "positivismo", nós observamos que o professor... Qual a função do professor, não só de História, mas de modo geral? Qual era a função do professor de História dentro do paradigma positivista? Lembram?" (Porto Barreiro – 05/02/98 – MT – Fita nº 6, Di nº 4, p. 78)

"Só apresentava os fatos, as datas, os dados históricos, memória." (Porto Barreiro – 05/02/98 – SR – Fita nº 6, Di nº 4, p. 77)

"Isso, fatos, datas, heróis. Alguém falou em questionários, que levavam a decoreba. Bom gente, o Positivismo, teoricamente é um paradigma que está ultrapassado. Por quê a gente diz que ele não serve mais para os nossos dias? Porque nessa visão a função do professor de História é de meramente repassador de conteúdos que prioriza datas, nomes de heróis, porque a História tem uma finalidade. Lembram que nós vimos isso? É a História Oficial que pegam para sustentar um determinado Sistema. Lembram a História do Tiradentes. Muita gente ficou indignada em verificar que Tiradentes não foi aquele herói que estudou a vida inteira. Né? Nós fizemos o que? Nós desmistificamos um herói. Isso significa que tudo aquilo que foi estudado sobre Tiradentes é mentira? A questão da verdade, da mentira é relativa. A visão que se passou de Tiradentes, era a visão positivista que servia os interesses do momento histórico. Não levava o aluno em momento algum a pensar, a questionar. Ele simplesmente fazia, o que? O professor reproduzia conteúdos e o aluno tentava decorar e acaba aí o processo. Ele não questionava realmente, se o fulano tinha sido um herói, qual foi o relacionamento dele com o momento, que ele estava vivendo, qual era a relação que ele tinha em determinado momento histórico, nada disso era questionado, mas isso propositalmente, era com esse objetivo. E hoje nós temos um paradigma ultrapassado. O que nós queremos dos nossos alunos?" (Porto Barreiro – 05/02/98 – MT – Fita nº 6, Di nº 4, p. 78)

"Queremos que eles sejam críticos." (Porto Barreiro – 05/02/98 – outra professora – Fita nº 6, Di nº 4, p. 79)

"O que significa ser crítico? É aquele aluno que é contra porque todo mundo é a favor?" (MT, Ibidem, p. 79)

"É aquele que busca o porquê e não ser contra." (Porto Barreiro – 05/02/98 – IS – Fita nº 6, Di nº 4, p. 79)

"Então essa História que eu acabei de colocar, é aquela História que não leva a nenhum tipo de questionamento. Se não há questionamento, não vai haver contradições, não vai haver pesquisa. E uma História que não mostra conflitos. É aquela História perfeita, sem nenhum problema. Quando não há contradição, não há conflitos, não há o que? Não há mudança. E é justamente esse objetivo que queremos hoje, que o aluno seja crítico. E o que significa ser crítico? Que ele saiba fazer uma leitura do mundo. Que saiba interpretar aquilo que está vendo. Que não aceite tudo que é imposto. A partir desse momento que ele souber fazer essa leitura do mundo, que ele saiba interpretar aquilo que está colocado diante dele. Ele vai ter condições de mudar uma determinada realidade. Nesse novo paradigma nós colocamos que somos sujeitos da História. Nós somos sujeitos, agentes, não foi só o Duque de Caxias que fez História. Eu como professora de História, faço História, a Wanda, a Glorinha, vocês, nossos alunos fazem História. Então nós priorizamos hoje em História as relações sociais. Nós podemos fazer essa relação não ficar presos ao passado e analisar como as coisas são estruturadas dessa forma e não naquela. E analisar o que? Qual o objetivo da História? Estudar o homem em sociedade, nas suas relações, na sua forma de organização política, econômica, social. É esse o nosso objetivo. (...) A gente hoje valoriza muito a História dos operários, do agricultor, justamente para mostrar essa tendência. E dentro desse contexto que nós nos colocamos como professores-pesquisadores, Nós não somos mais, mero reprodutores do conhecimento ou repassadores, nós somos obrigados a sermos professores pesquisadores também. Então é essa a proposta que queremos trazer para vocês. Quando se fala em pesquisa, a gente acaba com aquela visão estigmatizada que pesquisa é coisa da academia. Que só o professor da Universidade ou o acadêmico que devem fazer pesquisa. Não é essa imagem que temos. Seu eu disser que você é capaz de realizar uma pesquisa científica, o que você me diz? Você acha que é capaz? Todos nós somos capazes, principalmente o professor, é nossa obrigação sermos pesquisadores. Então é nesse sentido que nós queremos colocar para vocês. E antes de propormos alguma coisa, gostaríamos de

saber de vocês. Eu e a Wanda, porque nós sempre trabalhamos Geografia e História juntas, porque espaço e tempo estão constantemente associados. Se vocês forem realizar uma pesquisa na área de História, vocês vão ver que vai ser imprescindível, trabalharem junto com a Geografia. Antes de colocarmos o que pensamos, nós queríamos que as sugestões viessem de vocês. O que vocês tem vontade de pesquisar em História?" (Porto Barreiro – 05/02/98 – MT – Fita nº 6, Di nº 4, p. 82)

"Que as crianças comecem estudando a sua História." (Porto Barreiro – 05/02/98 – uma professora – Fita nº 6, Di nº 4, p. 82)

"É cada aluno tem uma História, partir da História do aluno, começa por aí." (Ibidem, outra professora, p. 82)

"História do Município..." (Ibidem, outra professora, p. 82)

"Com relação à pesquisa, quando nós orientamos a pesquisa dos alunos, eu observei o problema de 5ª a 8ª. Eu sempre dei aula de 5ª a 8ª. Quando a gente pedia pesquisa para os alunos, ocorria o seguinte: Você dava determinado tema para os alunos pesquisar. Ele pegava só um livro, de preferência com letras garrafais e um mínimo de páginas. De preferência que esteja sublinhado para eles verem de que página devem copiar. E o que é a pesquisa deles? É copiar o parágrafo, pular outro, copiar o outro. Resumir é isso. Se resume nisso. A pesquisa é isso e o professor nem corrige, porque ele pede trabalho para o aluno, para dar nota, nem se dá ao trabalho de corrigir. E não muda nada e a situação fica assim, e o aluno chega na Universidade achando que pesquisa é isso. Ele leva o maior susto (...) quando percebe que pesquisar é totalmente diferente daquilo que fez a vida toda. E nós não precisamos chegar na Universidade para descobrir o que é pesquisa. Nós podemos conduzir nossos alunos desde a 1ª série, ensinando a pesquisar. (...) Nós queríamos ouvir as sugestões de vocês, na discussão do nosso Grupo, nós pensamos que um tema que seria interessante trabalhar, seria a Memória do Município, a História e a Geografia do Município de Porto Barreiro, por ser um município que está crescendo, surgiu agora, é emergente e que provavelmente tem pouca coisa produzida. Que essa pesquisa surja dos professores e dos alunos. (...) Às vezes vocês dizem: Eu não tenho material. Esse material vocês podem produzir. Eu acho que não cabe a Secretária de Educação preparar esses materiais e entregar prontinho para os professores. Seria muito mais interessante que os professores

produzissem esse material. Nós estávamos discutindo com a Wanda que depois como produto dessa pesquisa, poderíamos elaborar um livrinho com fotos, com toda a pesquisa dos professores e alunos a respeito do município, que poderia ser utilizado como material didático nas escolas e seria muito mais interessante, inclusive com os alunos, para eles perceberem que aquilo lá teve participação deles, eles perceberem que a História é concreta, é real. E é isso que torna o ensino interessante." (Ibidem, MT, p. 87)

"Então no caso dá para pesquisar moradores antigos e tal." (Porto Barreiro – 05/02/98 – outra professora – Fita nº 6, Di nº 4, p. 87)

"É seria uma 1ª etapa da pesquisa, seria esse resgate oral da História, entrevistando os antigos moradores. Nós temos que lembrar que toda pesquisa tem que ter uma base teórica. E essa base teórica nós relacionamos com a prática. Pra saber que linha nós devemos seguir ao realizar a pesquisa. O nosso objetivo ao levantar a História do município, foge de saber quem foi o fundador somente, em que dia, mês e ano ele chegou aqui no município. (...) O nosso objetivo é saber, quem construiu essa realidade, analisando a forma de organização como começou, como se deram as relações humanas no município de Porto Barreiro. Esse é nosso objetivo. (...) Devemos na pesquisa analisar a mentalidade naquele momento histórico concreto. Essa memória oral é muito importante sobre a prática. Muitas vezes não é dada a importância, mas o relato daquele agricultor que mora aqui é importantíssimo para a construção de História da cidade. É importante utilizar materiais antigos, por exemplo aquele livro que vocês me mostraram de 1910 e fazer uma leitura, uma interpretação em cima desse material. Vocês devem ter visto que na TV passa todo dia um programa falando da importância da memória. O arquivo Histórico é importante porque tem a memória de uma comunidade. Então, é necessário que Porto Barreiro construa esse memorial, um museu, alguma coisa assim, pode ser criada a partir dessa pesquisa. (...) Quando nós começarmos a pesquisar, nós vamos fazer um projeto de pesquisa. Por que a necessidade? Se não tivermos um projeto de pesquisa, vai chegar um determinado momento que vamos nos perder. O projeto de pesquisa, vem em função do mapeamento, caminho a ser seguido na investigação científica. E ele tem determinadas etapas, o que pesquisar. Por que pesquisar? É a problematização. Para que pesquisar, a justificativa. Para que eu preciso estudar, pesquisar a História do município de Porto Barreiro? Para quem? Com que

objetivo? Para que vai sair essa minha pesquisa? Quanto tempo preciso para fazer minha pesquisa? Isso é só para uma explanação geral, depois conversamos melhor, discutimos como funciona o projeto. O projeto dá as dimensões e uma delas é a dimensão ideológica. Quando nós decidimos o que pesquisar, com que base teórica, já estamos imbuídos de suas dimensões ideológicas. A questão da neutralidade científica é um mito. Isso faz parte do paradigma Positivista, que o pesquisador é neutro em relação ao objeto de pesquisa, que ele não poderia se posicionar em relação aquilo que está pesquisando..." (Porto Barreiro – 05/02/98 – MT – Fita nº 6, Di nº 4, p. 95-96)

"Olha a gente tem uma experiência, estou passando agora por ela, mas eu acho que vai poder nos auxiliar aqui. Não sei se vocês conhecem, é um professor de Laranjeiras que é nosso aluno da Especialização e ele é meu orientando. A proposta dele, do curso que fez conosco é a produção de um material didático para os professores da rede, de Laranjeiras. Eu até trouxe o trabalho dele, para dar uma olhada porque temos que conversar amanhã. A proposta dele, parte da Monografia dele, vai ser o material didático da História, da Geografia do Município. Ele fez o levantamento e a gente quer transformar num livro didático para os professores da rede. Só que estamos tendo alguns cuidados porque o material que está sendo produzido, não vai ser simplesmente usado pelos professores, porque é preciso trabalhar esse material. Então a proposta dele é que depois do material pronto, que ele ministre um curso para os professores, para trabalhar com esse material, porque você pode ter o livro, mas pode trabalhar de diferentes formas. (...) Ele fez um levantamento com os moradores antigos, aqui tem mapas, gráficos porque é História e Geografia, tudo muito relacionado. Se a gente quer que o nosso aluno seja crítico, não é só ir atrás da História do Município, enfatizando datas e fatos. (...) Aqui tem uma parte que trata do hino, da bandeira, do brasão, mas isso precisa ser questionado. Não é só colocar isso aqui e passar para os alunos. (...) É claro que aqui muita coisa vai mudar, mas no final de cada texto ele sempre coloca para o aluno: O que você acha dessa situação? (...) Eu falei bem rapidinho, só para vocês terem idéia do que a Márcia está falando. (...) A partir do texto sempre é possível trabalhar com os alunos, o que aconteceu e qual o contexto hoje. Teve um curso que a gente trabalhou pouco tempo também, Trabalhamos com o mapa do município, além dos mapas podemos trabalhar com todos os números e transformar isso em tabelas, gráficos. Isso são

atividades que os alunos podem fazer, não precisam estar na quinta à oitava séries para entender os gráficos e fazer tabelas. Nós podemos trabalhar com eles desde o primeiro ano. Então é essa a nossa proposta e fazer esse trabalho conjunto." (Porto Barreiro – 05/02/98 – WS – Fita nº 6, Di nº 4, p. 89-94)

"Então nós estamos sugerindo que aqui em Porto Barreiro se constituam Grupos de Estudos, os quais a Universidade oriente, mês a mês. As orientações serão mensais. Eu me encontro com meu grupo, a Márcia e a Wanda com o delas e assim por diante. Além dessas orientações mais próximas teremos os cursos, que serão de dois em dois meses, dezesseis horas. Vocês é que escolherão qual curso querem. (...) Na avaliação que a gente fez em Dezembro junto com a Ivone e com a Solange achamos que foi pouco tempo a duração dos cursos, oito horas, aí temos que ampliar os cursos para dezesseis horas. (...) Os professores irão pesquisar e também o pessoal da Secretaria de Educação." (Porto Barreiro – 05/02/98 – RP – Fita nº 6, Di nº 4, p. 95)

Após as explicações de como os trabalhos seriam desenvolvidos, solicitamos aos/as professores/as que se organizassem em grupos, de acordo com a área que gostariam de pesquisar e estudar. Formados os grupos, os/as professores/as escolheram uma temática provisória para pesquisarem. Na seqüência organizamos um cronograma para as reuniões dos grupos. Ficando decidido que os grupos se encontrariam uma vez por semana, quatro horas, sendo essas horas remuneradas pelo município. Três encontros estudariam e pesquisariam sem a presença dos/as professores/as facilitadores/as e uma vez com sua participação. Esse trabalho vem sendo desenvolvido desde Março de 1998 e eu venho participando e acompanhando o seu processo. Até a presente data (janeiro 2000), já foram realizados em Porto Barreiro 4 Seminários, além desses, os/as professores/as do município e nós, professores/as facilitadores/as, já participamos de dois Seminários na UNICENTRO (1998/99), que foram os Encontros de Pesquisa realizados na Instituição e do 12º Congresso de Leitura do Brasil (20 a 23 de julho de 1999 – Campinas – SP). Também apresentei um Pôster, na 22º Reunião da ANPEd em Caxambu em Setembro de 1999, relativo a alguns aspectos desse trabalho. Nesse dia contudo não estarem presentes as professoras Doroteya Gavanski da área de Matemática e Ana Lúcia Ferreira de Ciências, falamos dessas áreas e foram constituídos dois grupos para desenvolverem pesquisas nesses âmbitos. Desse encontro

surgiram cinco Grupos de Pesquisas, sendo quatro constituídos por professores/as e um, o de Gestão Educacional[65] pela Secretária de Educação, Vereadores/as, Docentes que trabalham na Secretaria de Educação, Diretores/as e o Presidente da APM (Associação de Pais e Mestres). Os grupos organizados nesse dia ficaram assim constituídos:

- Alfabetização: Professores/as Adriana K. Joaquim, Genori F. Klen, Geonoveva F. Silvério, Lilia M. R. Joaquim, Lourival S. Silvério, Maria A. Pereira, Neusa F. Santos, Rejane P. da Silva. Senhorinha M. Joaquim e Soeli T. Hosda.

Professora facilitadora: Clarice Linhares.

- Matemática: Professoras Adelina T. Tessaro, Ivani S. Cristo, Juscelene R. de Matos, Liane M. Pereira, Nelci M. S. da Silva, Vanderlei V. da Luz, Vania Vailatti.

Professora facilitadora: Doroteya Gavanski.

- História e Geografia: Professores/as Açunta M. M. dos Santos, Carmem J. Reveliau, Clevanir de F. Becker, Helena G. Gandin, Jorge G. de Oliveira, Lurdes G. de Olivera, Marilene L. Silva, Maristela P. da Silva.

Professores/as facilitadores/as: Ariel José Pires, Márcia Tembil Marques, Wanda T. P. dos Santos.

- Ciências: Professores/as Armelinda T. Scariot, Eliane M. Dal Moro, Irene T. Morelli, Lenir R. Bona, Norinda V. Viola, Zenaide T. Taudemback.

Professora facilitadora: Ana Lúcia Crisóstimo.

- Gestão Educacional: Professores/as Alberto Marangoni, Elza Vacari, Enilda Pagliani (participou), Ivone Posselt Kerber, Izabel Schultz, Marlei T. Panatto, Marlene S. Vailatti, Rita C. Pretto, Solange P. Ribeiro, Vilmar Rochi.

Professores/as facilitadores/as: Edélcio José Stroparo, Maria da Glória Martins Messias e Regina Celia Habib Wipieski Padilha.

Além de combinarmos provisoriamente os trabalhos que seriam desenvolvidos com os Grupos de Pesquisas durante o ano, combinamos que o primeiro curso seria de Alfabetização, o qual foi ministrado em 13 e 14/04/98, pela professora Clarice Linhares, com duração de dezesseis horas. Decidimos que ao invés de elegermos um/a representante para

[65] Esse grupo quando surgiu chamava-se de Fundamentos de Educação, na seqüência dos trabalhos começamos a questionar o nome do grupo e o achamos até antipático, então mudamos o seu nome para Gestão Educacional, por achar que era o nome que mais se aproximava do trabalho que estávamos desenvolvendo.

consultar os/as professores/as (conforme sugestão da professora Níncia na reunião de 11/12/97) sobre os cursos que gostariam, essa decisão seria tomada no coletivo, no final de cada curso, por exemplo, no final do curso de Alfabetização seria escolhido o curso posterior, assim como sua provável data. Os problemas e decisões de cada grupo, seriam resolvidos no âmbito dos mesmos.

A opção pelo curso de Alfabetização, não foi aleatória, nesse momento percebi que as maiores expectativas dos/as professores giravam em torno dessa temática, situação que é compreensível porque no Ensino Fundamental, a questão da Alfabetização é a tônica dominante do processo, os pais, as mães, a Escola, a Sociedade, enfim todos voltam seus olhares para essa questão, seu peso social é muito forte e as cobranças que são feitas dos/as professores/as alfabetizadores são maiores do que as dos/as outros/as professores/as. No Grupo do PPCP quando discutimos as áreas que trabalharíamos com os Grupos de Pesquisas, a professora Clarice Linhares se prontificou a desenvolver um trabalho na área de Alfabetização, mesmo estando sozinha e haver nos falado da necessidade da articulação do Grupo de Alfabetização com o Grupo de Língua Portuguesa (reunião de 11/12/97). Mas essa articulação nesse momento não foi possível, porque a professora Níncia C. R. Borges Teixeira que era a única responsável pela área teve que se afastar do PPCP por falta de tempo, conforme explicitou na reunião de 11/12/97.

Nesse momento inicial do "Aventurando-se no Conhecimento", percebi uma primeira organização do nosso grupo, cada um contribuindo com os seus saberes. A professora Regina C. H. W. Padilha conduzindo as discussões para organização do processo (planejamento pedagógico) e junto com o professor Edélcio J. Stroparo, que já havia negociado as questões materiais para viabilização dos trabalhos (planejamento financeiro) enfatizavam a necessidade de um grupo que extrapolasse a escola e desenvolvesse um trabalho articulado com outros segmentos da sociedade, envolvendo-os na decisões sobre os rumos da educação do município. Assim apontando para a possibilidade do desenvolvimento de um trabalho diferenciado no âmbito da Gestão Educacional do Município. A professora Clarice respondia pelas questões da Alfabetização e persuadia sobre a sua importância, fazendo uma oposição entre práticas "dominantes" e "inovações". Suas colocações não são muito claras, mas parece que há um viés que dá a entender que as "dominantes", não dão conta do processo, que as

"inovações" é que seriam a mais coerentes. A professora Márcia T. Marques fazia soar a voz da História, levantava questionamentos, contrapunha uma História linear, cuja ênfase é em heróis, uma História contada por múltiplas vozes, produzida provisoriamente na trama das relações sociais. Junto com a professora Wanda T. P. dos Santos, que respondia pela Geografia, apresentaram uma proposta de trabalho pautada na articulação das categorias tempo e espaço. Eu tentava persuadir sobre a importância de trabalharmos com a pesquisa num processo formativo. Por um lado sentia-se confortável porque tinha o endosso da academia, pelo fato de estar cursando Doutorado na Unicamp. Por outro sentia um desconforto imenso, eu sabia muitas coisas, mas construídas, a maioria no diálogo com os/as autores/as e nas interlocuções do GEPEC. Já tinha um pouco de experiência na orientação de pesquisas na Graduação[66], mas não havia trabalhado com professores/as em exercício, atuantes no Ensino Fundamental e participantes de cursos desvinculados dos programas de Educação Formal da Universidade. E esse era um caminho minado que eu estava tateando, estava receosa, contudo não me intimidava, porque tinha outros/as companheiros/as para juntos/as percorrermos o caminho.

Nesse dia cada um expressou as possibilidades de pesquisa que vislumbrava na sua área. Uns falaram menos, outros mais. Uns tinham claro como o processo poderia ser desenvolvido, outros não. Experiências anteriores permearam as nossas falas, "incertezas" e "certezas", já se fizeram presentes, travando uma luta incessante, sinalizando que seriam elas que dariam o tom da melodia. Dariam o tom, mas não definiriam a melodia, ela seria definida pelo nosso entusiasmo, parceria e aposta de desenvolvermos um trabalho diferenciado, instigante, que nos remetia a uma situação familiar para a maioria[67]. Lembrávamos do trabalho que os/as professores/as da Unicamp realizaram conosco, as intervenções, transformações que resultaram desse trabalho e ao olharmos para Porto Barreiro víamos o trabalho que desenvolveríamos, muito parecido nesse sentido. Associação de situações que encontro

[66] Desde 1986, trabalho na Graduação com disciplinas vinculadas a pesquisa.
[67] As professoras Regina, Wanda, Doroteya, Clarice e eu fomos da 1ª turma do Mestrado em Educação e área de Metodologia de Ensino (convênio com a Unicamp). A professora Ana Lúcia também cursou o mesmo curso, só que em turma posterior.

ancoragem no conceito de comunidade de destino de Jacques Loew, trabalhado por Ecléa Bosi[68]:

> *... é preciso que se forme uma comunidade de destino para que se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana. Comunidade de destino já exclui, pela sua própria enunciação, as visitas ocasionais ou estágios temporários no locus da pesquisa Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados.* (1994, p. 38)

Observando essa explicação, qual seria a nossa comunidade de destino em relação aos/às professores/as de Porto Barreiro? Em primeiro lugar, a nossa situação como professores/as, que independente do grau de ensino que atuamos, não somos valorizados, não ocupamos um status privilegiado na sociedade, temos que lutar para preservar a apropriação do nosso trabalho docente, a nossa dignidade como professores/as, contra as "forças ocultas" que nas mais diversificadas formas veiculam nos meios de comunicação, em falas estereotipadas que habitam o nosso cotidiano e também em algumas obras da literatura educacional. Em segundo lugar, a vontade de se apropriar de conhecimentos que não possuímos e que para nós, naquele momento histórico era possível, porque docentes que acreditaram no nosso potencial se deslocaram de suas casas, sua cidade e vieram até nós. Se assim não houvesse ocorrido, naquele momento não poderíamos ter cursado o Mestrado, por vários motivos, financeiros, familiares dentre outros. O mesmo ocorreu com os/as professores/as de Porto Barreiro, ainda é quase impossível virem a UNICENTRO, assim, nós estamos indo eles/as. E também a nossa própria situação de professores/as do interior, onde o acesso as informações é um pouco mais difícil do que nos grande centros, situação que com o advento da Internet, gradativamente está sendo superada. Além disso aprendemos coisas que muitas vezes não estão explícitas, e isso me recorda umas das primeiras discussões do GEPEC, que quando estávamos discutindo os fatores que influenciam na formação do/a professor/a, colocamos como um deles as ações que observamos em nosso/as professores/as e as incorporamos. Essas discussões permeiam o meu olhar sobre o grupo do PPCP e de Porto Barreiro, nesse momento.

[68] Tomei conhecimento desse conceito e da obra de Ecléa Bosi pela mediação da leitura da Tese de Roseli A. Cação Fontana.

2.4.2. Compassos mais marcantes, que conduziram as tonalidades da melodia.

Transcorridos os três anos de trabalho em Porto Barreiro, sendo dois dedicados ao "Aventurando-se no Conhecimento", percebo que os momentos de socialização, tais como a realização de Seminários no município, bem como a participação em outros eventos, é que determinaram os tons da nossa melodia, na concretização do "Aventurando-se no Conhecimento", parceria produtora para os grupos de Porto Barreiro e para o nosso grupo do PPCP. Isso confirma a hipótese[69] que os grupos se constituem, se consolidam e produzem de acordo com as emergências da prática e da socialização, mantendo um certo equilíbrio entre a tensão, manutenção, dissolução. Partindo da importância desses momentos pontuais para o nosso trabalho vou narrá-los, tentado trazer à tona algumas discussões que ocorreram no âmbito do nosso grupo (PPCP), que permearam o transcorrer do processo e que foram nos constituindo, (re)constituindo, construindo o nosso olhar.

1º Compasso: I Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento"- 20/07/98

Iniciamos com a abertura do Seminário, o prefeito José Crotti falou que estava muito satisfeito com o trabalho desenvolvido no âmbito da Educação, que contratou a Revista Perfil para fazer uma pesquisa no município para ver o índice de satisfação da população em relação a sua gestão. Nos resultados da pesquisa, a Educação apareceu em primeiro lugar, isto é, que o setor, que a população está mais satisfeita é com o trabalho que vem sendo desenvolvido na Educação. Parabenizou o grupo do PPCP e nós ficamos felizes. Na seqüência a professora Wanda falou como representante da UNICENTRO e como coordenadora do PPCP. Eu falei em nome dos/as professores/as do PPCP, que estão trabalhando e concretizando o "Programa Aventurando-se no Conhecimento". O Seminário realizou-se no período da manhã e da tarde. Durante a manhã o grupo de Alfabetização apresentou o seu trabalho: projeto de pesquisa,

[69] Hipótese que a professora Corinta Geraldi havia discutido comigo nos encontros de orientação.

dificuldades do grupo, síntese provisória, depoimentos dos/as professores/as sobre as suas experiências pedagógicas, de pesquisa e outros. Na seqüência o grupo de Matemática apresentou o seu trabalho, estavam estudando e investigando as Medidas Agrárias. Os/as professores/as apresentaram o seu projeto de pesquisa, relataram como ele foi construído, a colaboração que tiveram de pessoas da comunidade que foram convidadas tais como, engenheiros, agrônomos, agricultores, as dificuldades encontradas, os estudos e outros. Pretendiam até o final de 1998 escrever um material sobre o assunto para ser usado por todos/as os/as professores/as do Município.

No período da tarde apresentou-se o grupo de História/Geografia. Os/as professores/as apresentaram o seu projeto de pesquisa que visava resgatar a memória histórica do município, o qual foi intitulado "Aspectos Históricos e Geográficos de Porto Barreiro e Região (1850 – 1998)". Apresentaram vários objetos e documentos antigos tais como: sururuca (peneira que é usada para selecionar o beiju ou biju de farinha de milho), lampiões, bolsas femininas, feral (farol), recibos, declaração de impostos territoriais, cartas fotografias e outros. Explicaram a importância desses objetos e documentos como fontes, para o resgate da memória histórica. Falaram que pretendiam até o final do ano escrever um livro, para ser usado nas escolas do município. Além dos/as professores/as do município, também estavam envolvidos os/as alunos/as, os/as professores/as desse grupo solicitaram aos/às seus/suas alunos/as que os/as ajudassem a realizar a pesquisa e eles/as estavam auxiliando. Na continuidade apresentou-se o grupo de Ciências. As professoras apresentaram o seu projeto de pesquisa que trata do uso de agrotóxicos pelos agricultores do município[70]. As professoras falaram das dificuldades para escolher o tema, como estava sendo o processo investigativo. Relataram as visitas que fizeram nas lavouras e mostraram fotografias que foram tiradas nessas visitas. Pretendiam elaborar até o final do ano um material sobre o uso adequado dos agrotóxicos, para serem usados nas escolas do município, no final cantaram uma paródia, elaborada pelo próprio grupo que trata dos agrotóxicos.

Para fechar os trabalhos o grupo de Gestão Educacional apresentou o seu trabalho. Inicialmente falaram o que o grupo havia feito: uma pesquisa empírica (diagnosticando a

[70] O município de Porto Barreiro surgiu da união de dois distritos de Laranjeiras do Sul, Barreirinho e Porto Santana.

realidade escolar) e várias leituras para melhor compreende-la. Os resultados parciais do trabalho foram apresentados num paralelo, onde foi abordado o que o município possuía no início da gestão, o que já havia concretizado e o que se pretendia. E partindo deste estudo seria construída a Proposta Político-Educacional do Município. Foi comentado sobre a nuclearização das escolas municipais, as dificuldades, as classes multisseriadas, os entraves burocráticos, os índices de aprovação, reprovação e desistências das escolas municipais. Também abordaram a implantação da Casa Familiar Rural, a implantação dos PACs (cursos supletivos) e do ensino de 2º grau regular no município. Comentaram a respeito dos convênio que o município tem com a UNICENTRO, o qual esta possibilitando a formação dos/as professores/as, os estudos e a elaboração do plano de carreira e salários dos/as professores/as. Ainda falaram a respeito de outras atividades que desenvolveram como por exemplo, a Semana Cultural e o desfile das escolas que teve como tema Porto Barreiro Ontem, Hoje e Amanhã, e outras atividades. Para encerrar o encontro o vereador Vilmar Rochi e a vereadora Enilda Marangoni falaram da sua participação do grupo de Gestão Educacional e parabenizaram o trabalho desenvolvido pelos/a professores/as da UNICENTRO/PPCP e pela atual gestão municipal.

O I Seminário foi um evento: educacional, percebemos como os grupos avançaram nos trabalhos; político, as lideranças locais estavam presentes; festivo, o clima que permeou os trabalhos era de festa. Registramos os trabalhos por meio de filmagens, fotogravias, gravações e diário de campo.

Entre a Implantação do "Aventurando-se no Conhecimento" até a concretização do I Seminário tivemos cerca de oito encontros com os/as professores/as de Porto Barreiro, mas durante esse período, tivemos inúmeros outros encontros do nosso grupo do PPCP. Todas as Quintas-Feiras nos reuníamos para discutir ações do projeto, discutir alguns textos, entretanto nesse período os estudos não foram a tônica dos encontros. Também tratávamos de outros projetos que estavam sendo desenvolvidos como o de Reserva do Iguaçú, Rio Bonito do Iguaçu e de outros projetos que ainda estão sendo desenvolvidos em pequenos municípios, recém emancipados, do interior do Paraná que procuraram os trabalhos do PPCP. Ainda há o projeto de "Educação para Paz", que procurou o PPCP para parceria. Mas todos esses projetos citados apresentaram como característica até o momento, serem projetos norteados por cursos

e oficinas, que são trabalhados com professores/as do Ensino Fundamental. O que é um pouco diferente é o "Educação para Paz", que a idéia inicial era estudar textos produzidos para o mesmo na Espanha, onde há estudos voltados para essa questão, para depois desenvolvermos uma ação que envolvesse cursos. Pelo que observei em relação a esse projeto o envolvimento do grupo ainda está muito limitado, devido ao excesso de atividades dos/as professores/as do grupo. Eu não me envolvi em nenhum desses projetos, por falta de tempo e porque no momento a prioridade para mim é Porto Barreiro. Por uma opção metodológica abordarei nessa pesquisa somente o trabalho desenvolvido nesse município, onde um processo diferente dos demais municípios vem sendo construído.

Analisando a concretização do I Seminário, observamos que essa ação, contribui para a continuidade do processo porque quando o iniciamos havia no ar uma atmosfera de dúvida: será que conseguiremos? Essa era uma dúvida angustiante para nós professores/as facilitadores/as e para os/as professores/as de Porto Barreiro. Inicialmente tivemos dificuldades nas leituras dos textos, os textos que líamos juntos/as com o grupo corriam bem, contudo os textos que deixávamos para que eles/as lessem sem a nossa presença, às vezes eram lidos, mas não eram bem compreendidos ou não eram lidos. Tivemos que ter muita paciência e compreensão. Afinal, ler, estudar, refletir sobre textos, não é uma prática usual no quotidiano dos/as professores/as de Ensino Fundamental. Outra dificuldade foi e ainda não a vencemos totalmente é a sistematização das idéias, escrever os textos, colocar os "achados" e teorizá-los. Nesse aspecto o Seminário contribui muito. Em torno de um mês antes do Seminário, os/as professores/as de Porto Barreiro demonstraram muita angústia com o que iam apresentar no encontro, começaram a escrever seus textos, a encontrar-se fora do horário oficial, a reler os textos indicados, a elaborar suas idéias. Nesse momento houve a efervescência dos trabalhos. Havia muita preocupação e talvez até medo do falar em público.

Depois desse encontro, demos continuidade ao processo, mas as relações mudaram. O entusiasmo foi geral, os/as professores/as de Porto Barreiro tornaram-se mais auto-confiantes, a auto-estima, o interesse pela pesquisa que estavam realizando aumentou sensivelmente. Nós professores/as facilitadores/as também mudamos, ficamos muito satisfeitos/as com o trabalho, sentimos que estávamos no caminho certo e isso veio revitalizar a nossa atuação e confirmar a nossa hipótese que os/as professores/as estavam (estão) se

constituindo como pesquisadores/as à medida que estavam (estão) produzindo o seu trabalho. Outro fator positivo, que influenciou todas essas interações foi o resultado da pesquisa realizada no município, resultado mencionado no I Seminário. Assim a opinião da população legitimou e reafirmou a continuidade do processo, que passou a ter peso e a ser permeado por tons políticos.

Para dar idéia do movimento do trabalho desenvolvido e como ele foi lentamente interferindo em nosso ser, fazendo emergir preocupações, dúvidas dentre outras situações, optei por escrever o processo, marcando-o pelo tempo e colocando além das descrições dos momentos de socialização, a música de fundo, o que ocorria nos bastidores que no nosso caso são as discussões que ocorriam nas reuniões, no âmbito do nosso grupo (PPCP). Não vou falar sobre todas as reuniões e nem transcrever todas as falas, vou colocar alguns episódios que possam dar idéia desse movimento. Além de ter participado de todas as reuniões do nosso grupo, também acompanhei os encontros dos cinco grupos de pesquisas, mas vou deter-me nas nossas reuniões, onde pensávamos o processo.

(RÉ)[71] - Partilhando melodias: início do Segredo Partilhado.

a. Reunião do dia 23/03/98

Iniciei a reunião falando sobre o trabalho que estávamos desenvolvendo:

"Acho que nós temos que ter muito claro essa questão do nosso trabalho. Vou colocar aqui o que eu penso. É o seguinte, é uma pena que não estejam todos. Esse trabalho que a gente vai desenvolver lá em Porto Barreiro... agora com os grupos de estudos é um trabalho diferenciado. Não é o PPCP fazendo extensão em Porto Barreiro, é muito diferente porque extensão qualquer Universidade faz e qualquer grupo aí isolado, articulado vai dar cursos. Tanto é que quando a gente estava negociando com a Ivone, o que a gente negociou com ela não foi isso. O que prometemos foi um comprometimento do nosso grupo com o deles visando um avanço. Outra questão que a gente tem que levar em conta é que além dos cursos que vamos trabalhar, o PPCP está dando um salto qualitativo porque é o grupo do PPCP, um

[71] RÉ é o segundo som da escala musical (Dó M).

grupo de Universidade que vai trabalhar com a pesquisa na dimensão de professores reflexivos, professores pesquisadores, no qual o professor vai se constituindo como pesquisador, que é o que nós queremos, para que ele tenha autonomia no seu trabalho(...) O nosso papel como ... em relação aos grupos não é uma orientação no sentido de como se a gente fosse o cérebro pensante como se eles não soubessem nada. Tá? A nossa relação com eles vai ser assim de facilitador, de proporcionar a eles os meios..." (Ru PPCP – 26/03/98 – MG – Fita nº 8, Di nº 4, p. 108)

"O que foi comentado é que eles não querem só cursos, eles querem outras formas, o acompanhamento eles acharam que não foi tão válido assim mas não queriam só cursos. Então seria alguma coisa intermediária." (Ibidem, RP – Fita nº 8, Di nº 4, p. 109)

"É nós vamos fazer com que eles se apropriem no nosso instrumental como pesquisadores e pra que isso aconteça nós vamos ter que deixar que eles também pensem, escolham. É claro que nós vamos ter que direcionar muita coisa, porque eles são leigos, mas isso não quer dizer que a gente vá pensar tudo por eles porque de alguma forma a gente tá desconsiderando-os como sujeitos. Né?" (MG, Ibidem, 109)

"Exatamente isso que eu ia comentar. Quando vocês foram lá da última vez e eu não fui e surgiu o grupo de Matemática e uma das idéias para o estudo foi as medidas agrárias. Então, para estudo eu mandei um material não dentro dessa expectativa deles. Mandei alguma coisa assim, porque falava de modelagem matemática e eu acho que a gente pode casar a idéia que eles têm com a modelagem matemática. Mandei para que eles fizessem leitura e a gente vai discutir agora. E agora eu coletei algumas coisas referentes a medidas, mas algumas coisas mínimas, porque eu acho que quem vai buscar são eles. Eu não vou levar tudo pronto. Eles vão ter que procurar. Tem coisa que eu também não sei e é isso que eu vou colocar no grupo. As questões de medidas agrárias, como a região lá propicia esse tipo de coisa, vou pedir a elas que façam entrevistas ou conversem com pessoas que trabalham na agricultura, pais ou pessoas conhecidas, ou mesmo da família, como é que isso acontece. E que elas vão fazendo isso, vão coletando essas idéias, vão escrevendo sempre, pra gente comparar depois, o que um ou outro fala e então tirar uma conclusão, medida é da mesma forma que se pratica. Entrevistando um grupo é mais ou menos nesse sentido que eu vou propor o meu trabalho. Então eu vou levar algumas coisas, mas elas vão ter que buscar,

porque eu também não tenho tempo de ficar coletando, coletando coisas. (DG, Ibidem, p. 110-111)

"Isso acontece, nós não sabemos tudo. O grupo, nós aqui, além de estarmos trabalhando com eles nessa dimensão, nós também estamos nos formando como pesquisadores porque nós estamos descobrindo, construindo um processo que ninguém sabe como é que é, porque ninguém trabalhou. Então na verdade nós também estamos aprendendo. É ai que eu tenho uma sugestão para o grupo, porque eu acho que é importante que tenha esse registro, desse processo, é diferente o nosso trabalho, porque até um ponto o trabalho era assim de extensão descompromissado, mas solto. Né? Então a minha sugestão é a seguinte: - Que cada grupo, cada professor facilitador tenha um caderno, já vou explicar porque. E que esse caderno não seja do professor, mas seja do PPCP, para que quando nós terminarmos o processo fique no PPCP, que é o registro, a memória. Então que esse caderno seja registrado as atividades que se desenvolveu com o grupo, discussões... enfim um relato do que aconteceu lá. Depois quando a gente retornar na Instituição, na reunião seguinte a gente discute no grupo, o que a gente fez, o que deu certo, que dificuldades enfrentou, o que a gente vai ter que fazer, porque não é um trabalho isolado de cada grupo, é o nosso trabalho como grupo." (MG, Ibidem, p. 112)

"Eu acho o máximo, aqui ninguém sabe como fazer. É a primeira vez que faremos um trabalho coletivo, do grupo como um todo. Antes nós não discutíamos o que fazer, assim numa reunião onde estão todos, discutíamos nos grupos isolados, o trabalho de cada grupo e não o trabalho do grupão." (RP, Ibidem, p. 112)

"Nós vamos trabalhar em dois níveis, pesquisa-ação com o pessoal de Porto Barreiro, que nós vamos ter uma ação interventora lá, de alguma forma. E ao mesmo tempo, uma pesquisa-ação sobre o grupo do PPCP. Nós também estamos fazendo a pesquisa-ação. E o nosso grupo é um dos primeiros grupos de Universidades Brasileiras que está trabalhando nessa dimensão porque o que algumas Universidades estão fazendo é racionalidade técnica. Ela vai no grupo..." (MG, Ibidem, p. 114)

"Que tal o termo racionalidade técnica! E o que seria?" (AJ, Ibidem, p. 114)

"Racionalidade técnica é a divisão do trabalho no sentido que a Universidade pensa e os outros executam. Então se eu for em qualquer grupo, só lá, coletar dados, daí escrever o

que acontece. Não existe ação da Universidade. Ela está se apropriando do que os outros estão fazendo, pra se promover, se a gente for analisar. E nós não, nós estamos trabalhando com Porto Barreiro, mas visando o avanço do grupo de lá. É diferente. E se Deus quiser eles vão produzir muita coisa com o nosso trabalho." (MG, Ibidem, p. 114)

"Este ano eu balancei, quando disse para vocês que estava pensando em deixar o PPCP é porque eu tenho me sentido muito só na minha área. Tenho visto que parece que todo o trabalho se encerra ali no grupo, com o qual trabalho. (...) Eu gostaria de ter um companheiro na minha área, pra discutir, pra se animar, para pensar junto. (...) Apesar de tudo, o que está sendo bom é conversar aqui no grupo, trocar idéias, ouvir o que vão fazer e também contar..." (DG, Ibidem, p. 116)

"Doró, no grupo vamos trocar muitas idéias e nessa questão de pesquisa, à medida do possível posso dar uma mão. Não que saiba mais do que vocês, mas tenho bastante leitura na área, porque é uma área que me dedico e gosto..." (MG, Ibidem, p. 117)

"Eu me preocupo com a questão do método, eu gosto de ir com todos os passos pensados, porque tenho medo que na hora eles não pensem sobre o que fazer e eu também não saiba o que fazer, por isso gosto de ir com as coisas pensadas. Nisso a gente peca. Não é?" (RP, Ibidem, p. 117)

"Não é só a questão da Metodologia é em relação a tudo, sempre que vamos trabalhar com pesquisa, com orientandos, pensamos: Será que ele tem base?..." (AJ, Ibidem, p. 117)

"Eu vejo assim se cada grupo, cada orientador de grupo conseguir aqui no PPCP ter seu projeto de pesquisa-ação, esse projeto poderá crescer, talvez envolver acadêmicos, talvez possamos até publicar algo (...) é o nosso trabalho aqui e lá no município também. (...) Por isso que nós temos que fortalecer o grupo, ele já não trabalha só com extensão, mas com pesquisa e a Universidade precisa definir linhas de pesquisas, talvez estejamos implantando uma futura linha de pesquisa..." (RP, Ibidem, p. 118)

"Eu gostaria de confirmar as palavras da Glorinha e da Regina, e dizer que a questão da racionalidade técnica é muito importante para pensarmos. Outra questão é que a nossa Universidade não tem a prática de fazer pesquisa em grupo e que eu saiba nunca conduziu um trabalho de capacitação de professores com pesquisa e o PPCP está rompendo

com isso. (...) A gente muitas vezes se limita a reproduzir o que existe, a gente produz muito pouco em termos de Ciência e de repente essa questão de nos unirmos aqui no grupo para pesquisar e estarmos envolvidos em pesquisas lá em Porto Barreiro, pesquisa-ação, vai fazer a gente pensar mais sobre a pesquisa e ver o que estamos fazendo foge da pesquisa tradicional, inclusive de conceitos que estamos acostumados e talvez a gente até possa criar outros jeitos e não fique amarrado ao que existe. Dessa forma eles vão começar a produzir conhecimento e a gente também aprende a produzir conhecimento, porque na nossa área de História se a gente não produz conhecimento, a gente acaba só reproduzindo o que já tem." (AJ, Ibidem, p. 118-119)

"Eu concordo com você Ariel, acho que as discussões aqui no grupo vão ser importantes para isso. (...) Eu acho que estou entendendo. Eu indiquei alguns textos que tratam da Modelagem Matemática, mas estes textos terão de ser decifrados, interpretados por cada um. Então, eu vou auxiliar nesse entendimento. Aí, como elas tem vontade de trabalhar com Medidas Agrárias e elas têm relação com as Medidas que usamos, eu quero saber o que elas sabem das nossas Medidas, que conceitos tem. Aí vou trabalhar um pouco com metro quadrado, vou ter que montar esse metro, um material para dedução de fórmulas, uma coisa assim. (...) A idéia é mais conversar e deixar claro, o que o grupo vai fazer, sem a minha presença, nesse tempo, até que haja o próximo encontro. Talvez fazer um esboço desse pequeno projeto." (DG, Ibidem, p. 122)

"Eu pensei em uma parte mais técnica no início da manhã, depois montamos junto com o grupo um cronograma e faríamos também um esboço de um pequeno projeto." (RP, Ibidem, p. 122)

"É nós ainda não sabemos exatamente o que queremos, mas temos certeza do que não queremos. (...) É natural Ana que você esteja aflita, porque você e a Doró não estiveram presentes na implantação do "Aventurando-se no Conhecimento", só que com a Doró nós já conversamos e explicamos o que fizemos. Inclusive a Doró já enviou alguns textos para o grupo, mas você chegou hoje de Campinas e não sabe o que aconteceu, mas não se preocupe que a gente te informa..." (MG, Ibidem, p. 122)

"Eu sei que elas já decidiram o tema, pensei em fazer uns exercícios com elas amanhã onde discutíssemos concepções de Meio Ambiente. Talvez já pensar em esboçar um projetinho, já deixar alguns textos para elas lerem. Coisa assim..." (AL, Ibidem, p. 122)

"Eu acho que se a gente fizer um cronograma inicial de quatro semanas para começar está bom, depois a gente reorganiza as atividades de acordo com o que encontrarmos..." (MT, Ibidem, p. 123)

"Eu acho que temos que esboçar um cronograma, um projetinho, alguma coisa que vocês se sintam a vontade para trabalhar. Não precisa ser igual, por exemplo se o Ariel vai auxiliar o grupo a esboçar um projeto de um jeito, todos vão fazer igual, cada um auxilia do seu jeito, da maneira que acha que vai funcionar. Trabalham com o que acham que é necessário. (...) O nosso papel em relação aos grupos não é orientação, no sentido de sermos o cérebro pensante e eles como não soubessem nada, a nossa relação com eles vai ser de facilitador, de proporcionar a eles os meios para realizarem a pesquisa. (...) E quanto ao método que vocês me perguntaram, não vamos nos preocupar tanto com isso, não há um método específico, o método é construído, se vocês quiserem trago alguns textos que tratam disso. Tem um ótimo da Sandra Corazza, onde ela trata dessas questões sobre o projeto e ela mostra que tudo é construído, não é uma coisa mecânica, parece que o título é "Labirintos de pesquisa, diante dos ferrolhos", me lembrem de trazer esse texto." (MG, Ibidem, p. 123)

Pelas discussões que tivemos até aqui percebo alguns indícios que vão mostrando como estávamos percebendo o nosso trabalho, contudo as coisas ainda estarem um pouco confusas e estarmos iniciando a caminhada. Mas as necessidades que a prática exigia nesse momento já faz emergir algumas questões. Percebemos que o compromisso que assumimos era maior do que os anteriores, que até então eram apenas trabalhos de Extensão. Nosso trabalho, nesse momento estava marcado pela continuidade, estávamos tentando construir um processo que extrapolava pensar a formação de professores/as apenas por meio de cursos, como diz a professora Regina: "inicialmente alguma coisa intermediária". Admitíamos que haviam coisas que não sabíamos, que íamos aprender, por exemplo quando a professora Doró fala sobre as entrevistas com os agricultores, que os/as professores/as fariam, para ver como é que eles faziam os cálculos de Medidas Agrárias.

Os passos iniciais para o desenvolvimento das pesquisas, são pensadas por nós professores/as facilitadores/as, partindo das nossas experiências específicas, do campo de conhecimento que atuamos (Doroteya – Modelagem Matemática; Regina e Edélcio – questões de Gestão Educacional; Ariel, Márcia, Wanda – sistematização da História e Geografia do Município; Clarice – processo de Alfabetização segundo o olhar da Psicologia), mas na continuidade das discussões, vai ocorrendo um deslocamento do "específico" para o "geral", que nesse caso é a construção do processo de produção de saberes e conhecimentos, como trabalhar com ele. Nessa questão penso que a experiência que eu tinha proveniente da minha prática docente e participação no GEPEC, auxiliou nas discussões do nosso grupo, para refletirmos sobre essas questões mais gerais, talvez epistemológicas. Acredito que contribuí trazendo algumas discussões que estava tendo acesso, como por exemplo, racionalidade técnica, papel do/a professor/a facilitador/a, questão do método científico, pesquisa-ação, dentre outras, contudo nessa fase ainda não havíamos aprofundado sobre essas questões, o aprofundamento vai acontecer mais tarde em outras discussões.

O trabalho começa a ser percebido como uma linha de pesquisa que está emergindo na Universidade, que pode trazer produção de conhecimentos e saberes. Começa a preocupação com a sistematização, divulgação (publicação) e até a possibilidade de envolver acadêmicos/as, conforme a professora Regina e o professor Ariel explicitam. Percebo também nas colocações da professora Regina, a percepção da necessidade do grupo do PPCP, se constituir como um todo, de romper com a separação disciplinar dos grupos. Nesse momento inicia-se o processo do "Segredo partilhado" cada um vai falando como pensa conduzir o trabalho e vai partilhando os saberes da sua área, vai expondo o que pretende fazer e essa interlocução, vai auxiliando a pensar na construção do processo.

O "Segredo partilhado" é explicado por Gauthier (1998, p. 309-317) através de uma analogia entre o juiz e o professor, diz que o/a professor/a, assim como o juiz faz seus julgamentos, no caso do/a professor/a são julgamentos sobre questões ligadas ao processo ensino-aprendizagem, às suas ações como professor/a, quer dizer ele/a, está avaliando ações, situações relativas ao seu trabalho e desta forma vai construindo os seus saberes. Todavia, estes permanecem guardados com o/a professor/a (jurisprudência privada), daí a necessidade do grupo enquanto espaço de interlocução para que esses segredos sejam partilhados, se

tornem uma jurisprudência pública, dessa forma trazendo contribuições para a construção de caminhos para a Educação. Assim Gauthier explicita seu pensamento:

> *O professor julga, mas seus julgamentos, infelizmente, ficam constantemente guardados no segredo da sala de aula. Ele julga em particular, sua jurisprudência é secreta. Seu julgamento e as razões que o fundamentam nunca são conhecidos. Sua experiência permanece escondida e ele guarda para si. A jurisprudência pedagógica que pleiteamos seria assim o desvelamento desse saber experiencial dos professores. É preciso trabalhar para tornar público o julgamento dos professores e os motivos que os fundamentam, seu saber experiencial, para conhecer melhor seu raciocínio prático, para estabelecer uma tendência em seus julgamentos, para avaliar e sopesar os argumentos e as decisões, para formular leis de ensino, para formalizar e institucionalizar a lei. Todavia, não se pode perder de vista que, mesmo quando forem elaboradas leis de ensino (...) Ele deverá julgar levando em conta o contexto e suas dimensões contraditórias como um todo. É esse seu papel de criador e de pesquisador. Ele procura compreender bem a situação a fim de decidir, deve interpretar a lei e inventar, conforme a necessidade, um princípio que possa guiá-lo em sua decisão.* (1998, p. 315)

O interessante foi que no transcorrer do processo essa partilha dos nossos "segredos", ocorreu sem uma intenção pré-determinada, foi uma decorrência da necessidade de discutirmos caminhos para a continuidade do processo, e assim cada um trouxe seus saberes para serem compartilhados. Com essa necessidade o espaço comunicativo do grupo foi se constituindo, assim rompendo com a rotina que se instalara nos procedimentos do grupo, no transcorrer do tempo.

b. Reunião do dia 16/04/98

A professora Clarice Linhares iniciou a reunião relatando como foi o Curso de Alfabetização que ela havia ministrado nos dias 13 e 14 de abril.

"...O primeiro dia foi extremamente estafante porque foi o momento que eu fiz apresentação do tema e quando se fala em Alfabetização, as pessoas, querem ver logo uma prática por trás, o que dá maior resultado para alfabetizar a criança em menor tempo possível..." (CL, Fita nº 10, Di nº 4, p. 143)

Continuou relatando os conteúdos que trabalhou: o que é ser alfabetizado ou não; "níveis da Alfabetização (ler para ação; ler para executar alguma coisa; ler para criticar)" (CL, Fita nº 10, Di nº 4, p. 143); críticas aos métodos de Alfabetização dentre outros. Trabalhou o primeiro dia expondo conteúdos, organizou grupos para leitura e discussão e no segundo dia trabalhou com oficinas.

"...O último grupo apresentou uma história muda, dramatização muda. (...) Se você fizer um paralelo dos professores, seu comportamento do ano passado quando eu iniciei (...), com o momento de agora, você vê um crescimento, já estão criticando, se posicionando, estão apresentando sugestões, estão pedindo mais coisas e estão anotando nomes de livros, espontâneamente. (...) Também trabalhei com os níveis: pré-silábico, silábico e o alfabético. (...) Elas escolheram o próximo curso, que será em junho, querem Língua Portuguesa..." (CL, Fita nº 10, Di nº 5, p. 10)

Na seqüência contei para o grupo, como que o GEPEC foi se constituindo e a minha participação no grupo, o que fazíamos, como os trabalhos eram conduzidos e enfatizei a possibilidade do nosso grupo (PPCP) se articular com o GEPEC. Levei alguns livros, mostrei-os para o grupo e falei da importância de realizarmos leituras e discussões sobre esses textos, que os mesmos trariam subsídios para o nosso trabalho. Os livros que levei foram: NÓVOA, Antônio. Os professores e a sua formação; ZEICHNER, K. Formação reflexiva de professores: idéias e práticas. Deixei esses livros para xérox e me comprometi de levar para o grupo (PPCP), os textos constituidores do "Cartografias do Trabalho Docente", que era o livro que estávamos (GEPEC) trabalhando para publicá-lo. Na seqüência a professora Doroteya falou:

"Eu achei meu grupo muito entusiasmado, depois que esclareci algumas coisas, porque inicialmente eu havia enviado alguns textos, eu não fui no 1º encontro, quando se organizou os grupos e o grupo estava apreensivo com os textos. Tinha coisas que não haviam entendido, então esclareci. (...) E uma professora me falou que tinha pensado em desistir, o grupo estava nervoso, duas delas falaram que não haviam dormido aquela noite, preocupadas com o que deveriam desempenhar no grupo. Estavam muito preocupadas e aí quando eu esclareci qual era a intenção do trabalho, eu vi muito entusiasmo por parte delas. Inclusive elas me entregaram já um esboço de projeto, só que eu ainda não li e não sei o que fizeram. (...) No encontro elas me disseram mais o menos que fizeram, que tinham pensado e colocado no papel. No próximo encontro quero aproveitar esse material para o desenvolvimento dos trabalhos. (...) Eu vejo que esse primeiro encontro foi bom no sentido de acalmar, tranqüilizar. (...) Estavam também preocupadas com o Seminário de Julho, achando que nós não teremos nada para apresentar. Eu disse assim: mas não é preciso que tudo aconteça, a gente pode nesse Seminário dizer, de onde partimos, o que fizemos e onde queremos chegar.

Então as coisas vão devagar e nós traçamos um cronograma para essas três semanas, até nosso próximo encontro porque percebi que não adianta fazer um cronograma geral, só vai servir para angustiá-las e talvez fazer com que fiquem perdidas. (...) Eu achei bastante interessante elas quererem trabalhar com Medidas Agrárias. Nesse conteúdo elas não têm conhecimento e é um conteúdo que os alunos solicitam, porque a maioria deles tem pais que lidam com a terra e elas não sabem trabalhar esse conteúdo. Elas já entraram em contato com um técnico agrícola e ele virá explicar para elas. Ainda não marcamos quando, mas antes vão estudar as medidas convencionais, porque esse é o padrão comparativo que vai ser referência para entender as Medidas Agrárias. (...) Deixei material que trata disso, falei para que pesquizassem na História, como surgiram as Medidas, que necessidade levou a criação de um padrão, enfim eu teci alguns comentários a esse respeito, elas acharam interessante. (...) Combinamos que cada uma vai fazer um roteiro de entrevista pra conversar com três pessoas que trabalham na terra e ver que matemática elas utilizam na sua vida diária e como é que eles fazem os cálculos das Medidas Agrárias. Daí vamos ver se todas as formas de calcular são idênticas, se parecem, se são diferentes, que aspectos modificam. Depois vamos ver o que o técnico agrícola diz, se houver dúvidas eu vou fazer a mediação. Pra mim também é um aprendizado, porque eu também não sei a respeito de Medidas Agrárias na prática, eu só sei na teoria, quantos metros quadrados ela vale. Eu só sei essa relação, mas quando chega na prática, tendo a terra, fazendo a aplicação, a plantação eu também não sei. Para mim também vai ser interessante. Depois disso tudo, nós vamos traçar um plano de atividades, pensando num trabalho que elas possam desenvolver com os alunos. (...) como é que isso pode ser trabalhado com eles e por último temos vontade de fazer, não diria uma apostila de atividades, mas que algumas sugestões ficassem registradas e que sejam ponto de partida. (...) A idéia é essa e elas estão super animadas. Até me surpreendi, achei que meu grupo avançou mais do que eu pensava. Eu gostei muito, me animei porque vocês sabem que eu estava muito desanimada quanto a experiência do curso e mesmo do trabalho porque estou sozinha. Então foi tudo tão bom para mim, ver o grupo tão interessado me motivou a continuar." (DG, Fita nº 10, Di nº 5, p. 19-22)

"Bom eu fiz um mini relato, acho que consegui sintetizar o que a gente fez com eles lá. A gente tinha deixado os textos, mas eles não tinham lido, daí pedimos que fizessem as

leituras, mas percebemos que não dá para a leitura acontecer assim. Eles tem que fazer essas leituras, nem que seja só um texto, mas eles tem que fazer a leitura. (...) Aí a gente foi devagarinho vendo o que tinha no texto e explicando. O Ariel falou inicialmente sobre a importância das fontes de pesquisas, o que é fazer pesquisa em História. (...) Eles ficaram mais entusiasmados porque perceberam que os dados estão ali próximos deles, que eles podem conseguir com os alunos, ficaram tão animados que vão trazer para o próximo encontro todo o material que conseguirem, fotografias, objetos, documentos da igreja, cemitério (...) para que possamos trabalhar com eles porque é material de pesquisa. Eles contaram as festas que tem no município, religiosas, da padroeira e outras. E nós pedimos que refizessem as leituras, na verdade eles só leram um texto conosco, deixamos os outros para eles lerem e trazerem as dúvidas, que nós orientaremos, assim a gente vai poder dizer se aquele documento pode ser usado como dado. E até uma professora trouxe um projeto rascunhado e aí a gente aproveitou aquela primeira idéia e discutimos no grupo. Já demos alguns passos do projeto para que eles reformulassem a partir do texto inicial dela. Assim os pontos principais do projeto: introdução, justificativa, objetivos, metodologia, cronograma e uma bibliografia. Eles ficaram de nos entregar agora em Abril e quando eles entregarem, nós vamos apresentar aqui no grupo o projeto do nosso grupo de História." (WS, Fita nº 10, Di nº 5, p. 23-24)

"... Nós sugeríamos que uma das fontes para escrever a História de uma localidade, pode ser a partir do cemitério. (...) Até a partir da Geografia do cemitério, as Histórias dos municípios, das sociedades é assim, sempre fracionada em classes, então as classes sociais estão divididas dentro do cemitério. Lá você tem a parte central, com a avenida principal, com as famílias mais tradicionais, mais ricas, quer dizer até a arquitetura fala (...) você tem na periferia do cemitério, a própria periferia do município, os terrenos mais baratos. (...) Mas o que procuramos evidenciar, não é uma preocupação só de Porto Barreiro, mas de muita gente, que é não parar para pensar. Eles dizem assim: como é que vamos escrever a História se não temos fonte? Pra eles fonte era só Bibliografia e nós dissemos: É ótimo escrever aonde não tem nada escrito, as fontes estão todas para ser exploradas. Aí a gente explicou o que são fontes, demos alguns indicativos. Você tem documentos de cartórios (...) tem a História da Paróquia (...) tem a História oral. Lá ainda há moradores antigos que tem que ser

aproveitados. (...) Nós tentamos trabalhar com a idéia de que a História não é só você ficar levantando fatos e nomes importantes do município. É a História do povo que construiu a região, não é a História do prefeito, o prefeito é um nome, mas é a população que faz a História, ela é a engrenagem que move e eles gostaram dessas idéias e parece que foram pesquisar no cemitério. E isso foi ótimo. Na seqüência vamos esclarecendo melhor as coisas porque eles estão começando." (AJ, Fita nº 10, Di nº 5, p. 25-26)

"O primeiro dia que eu tive de encontro com o grupo foi naquele dia que implantamos o "Aventurando-se no Conhecimento", na conversa percebi que eles não haviam entendido o que íamos fazer. Depois quando nos reunimos por grupo e começou a detalhar as tarefas, eles passaram a ter um entendimento melhor. O primeiro texto que eu trabalhei com o grupo de Alfabetização, foi um texto bem leve, tratava da questão da prática do professor alfabetizador (...) como ele deve ser. E já entrei nas questões dos níveis de escrita. Só que a gente percebe que agora parece que eles já estão lendo. (...) Eu por exemplo não me preocupei em traçar um projeto. (...) Talvez o encontro do dia 24 seja o momento para fazermos o projeto. Se eu tivesse feito o projeto antes talvez eu corresse o risco do projeto ficar com a minha cara. Agora já é o momento, porque eles querem trazer os textos dos alunos para fazermos a identificação dos níveis. Agora a gente já sabe o que ler, o que fazer. (...) Tenho uma sugestão, acho que é importante que o projeto nasça do grupo. (...) Um fato interessante foi que no encontro do grupo, no intervalo uma professora veio com uma sacola de roupa, uma saia com uma blusa, outra com uma calça. Daí perguntei: Como é que vocês fizeram para comprar roupa? Aí uma delas disse assim: Professora quando tenho que comprar, às vezes um remédio, roupa, essas coisas, o lugar mais perto da onde eu moro é Chopinzinho[72], mas para ir lá, temos que andar de barco, pra chegar do outro lado do rio. Aí eu disse: E quando chove? Quando chove não dá por causa do rio que sobe e forma muita onda. Então, Ariel, veja isso são Histórias que têm que ficar registradas porque na História da formação do município isso vão ser pontos de importância para os descendentes ficarem sabendo." (CL, Ibidem, p. 27-30)

[72] Município próximo de Porto Barreiro

"É a Matemática pode também aproveitar isso. Por exemplo: a distância das casas em relação ao comércio(...) a continha do que o município pode arrecadar de impostos e etc..." (AJ, Ibidem, p. 31)

"Essa questão de vocês trabalharem com a produção do conhecimento (...) vai mostrar para eles como se produz conhecimento (...) e à medida que tiverem essa compreensão, vão perceber que o livro pode trazer o que quiser, o que o autor quiser escrever e aí eles se tornarão mais críticos. (...) Quando eu era aluna e lia um livro, ficava pensando, como é que pode alguém ter tido esta idéia e ter escrito este livro. Eu não entendia que o livro é produzido num contexto, num momento histórico da vida do sujeito, que ele precisou estudar aquilo e produzir, que as coisas são construídas, que não são inspiração divina, tem a sua historicidade. (...) E esse professores depois que produzirem, creio que terão essa compreensão e verão que o livro não é inquestionável. (...) Não existe uma verdade absoluta..." (MG, Ibidem, p. 32)

"Isso é a mesma coisa para a História e a Geografia, que farão um trabalho integrado. (...) eu estou pensando em "Aspectos Geográficos de Porto Barreiro", porque a gente nunca dá conta de toda Geografia, toda a História. (...) A gente está tentando discutir com eles as diferenças entre espaço geográfico e capitalista, que os livros didáticos não tratam ..." (AJ, Ibidem, p. 32)

Nessa reunião cada professor/a relata o trabalho que desenvolveu com seu grupo de Porto Barreiro, justifica suas ações e como está percebendo o grupo. Conta fatos típicos do município que lhes foram contados pelos/as professores/as de lá. As temáticas que serão investigadas emergem dos/as professores/as de Porto Barreiro e os/as professores/as facilitadores/as, mostram as possibilidades de resgate de saberes por meio de entrevistas (Grupos de Matemática, História e Geografia, Ciências) e de outras fontes (fotos, depoimentos, objetos etc.). Os/as professores/as facilitadores/as preocupam-se em trabalhar um ponto de partida com os/as professores/as de Porto Barreiro, que eu chamaria de "conteúdos básicos", quer dizer, conteúdos que consideravam como pré-requisitos para o trabalho, contudo não fixaram os seus trabalhos nesses conteúdos. Deixaram leituras consideradas referências para compreensão desses conteúdos, para que as dúvidas fossem

sanadas e as discussões ocorressem no desenvolvimento do processo. Simultaneamente iniciaram o processo investigativo encaminhando alguns passos de planejamento da pesquisa.

Percebo que o Grupo de Alfabetização é o que mais sofre com a "mediatez" da pesquisa, quer dizer, é um grupo que é sempre marcado pelas expectativas de soluções para os problemas da prática, assim de certa maneira atropelando a "mediatez" que é uma característica própria da pesquisa, pela imediatez do cotidiano. O nosso Grupo (PPCP) vai percebendo algumas modificações nos/as professores/as, entusiasmo, interesse por saber as referências bibliográficas de livros, preocupações e angustias ao pensar na realização do I Seminário, tentativa de sistematizar algo, nesse caso o projeto (Grupo de Matemática e História). Todos esses elementos vão nos influenciando, e são como uma injeção de ânimo para nós, professores/as universitários/as Alguns/mas já têm clareza sobre o que farão, outros não. Há preocupação em articular o trabalho dos grupos de pesquisas com a prática pedagógica dos/as professores/as através da produção de material de referência e envolvimento dos/as alunos/as.

Nas discussões dessa reunião percebi uma característica que nas discussões do grupo considero nova, um/a professor/a dando sugestões para o/a outro/a de trabalhos que podem realizar nas suas áreas, Clarice sugerindo para o Ariel, Ariel para Doró... Inicia-se uma articulação entre as áreas.

Até à concretização do I Seminário as discussões do nosso Grupo (PPCP) que gravei e selecionei para ilustrar este trabalho foram essas, também gravei alguns encontros dos/as professores/as facilitadores/as com os Grupos de Pesquisas de Porto Barreiro, só que não vou colocá-las neste trabalho porque seu foco é as discussões ocorridas no âmbito do nosso Grupo (PPCP) e como essas experiências foram nos passando. Quanto aos encontros dos Grupos de Pesquisas de Porto Barreiro até o I Seminário ocorreram as seguintes situações: Os/as professores/as de Porto Barreiro relatam nos Grupos de Pesquisas experiências positivas e negativas de sala de aula, partilham os seus saberes práticos conosco. Nós professores/as facilitadores/as nos aproximamos dos/as professores de Porto Barreiro, indagando sobre a formação que tiveram, sobre o tempo de atuação na profissão e passamos a compreendê-los melhor.

No desenvolvimento do processo, trabalhamos com as concepções que os/as professores/as de Porto Barreiro tinham sobre os temas que pesquisariam e o movimento histórico no processo de produção de conhecimentos. Por exemplo, a professora Ana Lúcia trabalhou com as concepções de Meio Ambiente, através de desenhos, falou sobre os valores que permeiam as questões ambientais e como eles vem se constituindo no transcorrer da História. O professor Ariel, as professoras Márcia e Wanda trabalharam a questão de valores, seus condicionantes históricos, geográficos e culturais. A professora Doroteya trabalhou Medidas que foram utilizadas no decorrer da História e que convenções as determinaram. Professora Clarice trabalhou como a "Alfabetização era vista e realizada nas escolas" e o pensamento básico vigente nos dias de hoje. O professor Edélcio e a professora Regina trabalharam com concepções de poder democrático, autoritário e outros conteúdos teóricos. Na seqüência trabalharam com os dados coletados no município pelo grupo e auxiliaram na construção de um paralelo: o que tinham, o que realizaram, o que pretendiam. Trabalhamos com os elementos constituidores de um projeto de pesquisa e as fontes possíveis para uma investigação (livros, entrevistas, fotos e outras), como coletar essas fontes e como produzi-las, no caso de entrevistas, questionários e outros instrumentos de pesquisa. Procuramos articular os saberes necessários para a realização das pesquisas pelos/as professores/as, aos saberes necessários para o ensino da pesquisa, a prática com os/a alunos/as, dando ênfase a idéia: "partir do que o aluno já sabe" (influência do Mestrado). Partir dos conceitos dos/as alunos/as e ir ampliando-os, influenciando nas suas modificações. Fomos selecionando textos e trabalhando com eles/as, de acordo com os encaminhamentos das discussões (em anexo está a relação bibliográfica da maioria dos textos usados nas leituras dos Grupos de Pesquisas).

Os encontros dos Grupos de Pesquisas de Porto Barreiro apresentaram uma característica interessante, se tornaram espaço para discussão das mais variadas ações desencadeadas no município: distribuição de cestas básicas de alimentos e remédios, campanhas de vacinação, cuidados de higiene, ações importantes junto aos agricultores e pecuaristas, dentre outras. Pelo que observei o espaço da escola num município como Porto Barreiro, recém emergente, do interior e pequeno, com uma estrutura simples, sem muitos aparatos, se torna veículo para as mais diversificadas ações. Nos meus diários de campo encontrei anotações, onde o Secretário da Agricultura, a Secretária da Educação, a Secretária

da Saúde, a Assistente Social e outros/as profissionais, aproveitaram esses espaços coletivos para lançar campanhas de vacinação, programas sociais e outras, vinculadas as suas áreas e solicitaram a colaboração dos/as professores/as. Disso tudo deduzo que o "valor" ou "contribuição" social da escola é bastante forte nesse município.

Nesse período de tempo também fizemos algumas visitas em locais peculiares do município como, por exemplo, na "Casa Familiar Rural", que é um projeto especial de uma escola voltada para os/as filhos/as de agricultores/as, não vou descrevê-lo porque não cabe no âmbito deste trabalho.

Quanto às nossas reuniões até o I Seminário tivemos outras além das já descritas, mas as discussões giraram em torno de relatos dos trabalhos, sugestões que íamos trocando, marcávamos os próximos encontros, inclusive numa delas elaboramos o Folder do I Seminário e planejamos como seria as apresentações do trabalhos. Nos meses de Maio, Junho e Julho houve intensificação dos trabalhos, os Grupos de Pesquisas preocuparam-se com o I Seminário e isso exigiu muito mais de nós, tivemos que ir mais de uma vez ao mês a Porto Barreiro, eles vieram a Guarapuava, foi um momento que os trabalhos deles deslancharam.

Nesse período quase não realizamos estudos, o único texto que foi discutido foi o texto: "Professor pesquisador/ professor reflexivo: quais as condições?", que foi um painel apresentado no IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), realizado em Águas de Lindóia – São Paulo, de 04 a 08 de Maio de 1998.

Texto escrito e apresentado pela Professora Doutora Elisabete M. de A. Pereira (GEPEC/GEPES[73] - Unicamp), Professora Doutora Corinta M. Grisólia Geraldi (GEPEC – Unicamp), Professora Mestranda Valda Inês F. Pessoa, Miriam D. S. Guerra e Professoras Doutorandas Simara de C. Andreazza e Maria da Glória M. Messias, todas componentes do GEPEC Unicamp. Lemos o texto no grupo do PPCP, discutimos algumas questões, mas ficamos apenas nisso.

3º Compasso: II Seminário do "Aventurado-se no Conhecimento"- 18/12/98

Fomos a Porto Barreiro para o Seminário. Os/as professores/as da UNICENTRO, que foram são Ariel José Pires, Wanda T. Pacheco, Márcia T, Marques, Clarice Linhares, Ana Lúcia Crisóstimo e eu. Chegamos a Porto Barreiro às nove horas (saímos de Guarapuava às seis e meia) para início do Seminário.

Enquanto aguardávamos o início da programação ficamos observando os painéis que o grupo de História/Geografia elaborou para exemplificar como se faz História. Também haviam vários objetos de 1900, 1916, 1920, tais como batinas de padres, matracas, fotos de antigos/as moradores/as e de um índio (Gabriel). O grupo fez vários cartazes com fotografias contando a História de vida do Prefeito: quando criança, pais, avós, casamento, formatura, futebol, filhos e outros fatos. O pessoal da Secretaria também fez um painel com fotos dos cursos, dos grupos de pesquisas, de encontros com os representantes da comunidade, desde o primeiro curso (o qual foi ministrado pela professora Regina e por mim).

Inicialmente foi composta a mesa: 1º o prefeito José Crotti, 2º Alberto Marangoni – Presidente da Câmara dos Vereadores, 3º Professor Ariel José Pires – Coordenador do PPCP, 4º Ivone P. Kerber – Secretária da Educação do Município. Foi dada a palavra inicialmente para o Professor Ariel, em seguida para Alberto Marangoni, Secretária e Prefeito. O professor Ariel falou da importância do projeto e a repercussão que está tendo no meio acadêmico. O Sr. Alberto falou como vê a professora, "como mãe". A Ivone falou da importância do professor pesquisar para ultrapassar o papel de "mero transmissor de conhecimentos". O prefeito disse: *"Estou muito emocionado com as fotografias, não sei se vou conseguir falar."* Falou que todas as pesquisas feitas sobre a educação têm tido nota boa, que a população está satisfeita com o trabalho que está sendo desenvolvido na Educação. "*O que vocês fizeram vai ser o pára-choque do prefeito, vocês estão fazendo um ótimo trabalho."*

Além de nós professores/as do PPCP e o pessoal da Educação de Porto Barreiro, estavam presentes: pais (representantes das APMs, dos Conselhos escolares, vereadores, o Prefeito, sua esposa, seus pais, alunos/as, a Secretária de Educação de Laranjeiras do Sul (Maria Nerci B. de Oliveira, foi para ver o trabalho, porque teve notícias a respeito).

Após os discursos o pessoal da Secretaria de Educação fez uma dinâmica para descontrair o grupo. Deram dois papéis em branco e um balão colorido para cada pessoa.

[73] Grupo de Estudo e Pesquisa sobre o Ensino Superior.

Pediram para que em um papel escrevêssemos aquilo que nos preocupava e no outro os nossos sonhos. O papel que estava escrito as nossas preocupações foi queimado e dos nossos sonhos foi colocado dentro do balão e jogado para cima, cada pessoa apanhou um balão, estourou-o e leu o sonho do outro. Durante a brincadeira foram cantadas várias músicas, algumas contendo mensagens religiosas e de paz. Alguns sonhos:

"Ter muitos amigos que possa confiar. Crescer mais na carreira. Ser mais feliz do que sou. Uma família cada vez mais unida." (1)

"Que as pessoas possam ser realmente felizes, a felicidade e tão simples." (2)

"Ser educadora, exemplo da Educação do nosso município. Fazer uma Faculdade o mais breve possível." (3)

"Construir um futuro melhor para todos." (4)

"Perder o medo de falar. Ter mais oportunidade para fazer Faculdade." (5)

"Que no próximo ano as coisas sejam melhores e de igualdade para todos." (6)

"Ser advogada." (7)

"De um dia eu conseguir chegar numa idade e poder dizer consegui formar pessoas, com a mente segura." (8)

"Boa saúde, paz, amor amizade e sucesso na vida profissional e familiar." (9)

"Vencer as minhas limitações, liberar-me do meu próprio "eu"." (10)

Todos os sonhos de certa forma apontam para o desejo de desenvolver-se profissionalmente e essa situação está ligada ao ser mais feliz. Pensei que essa vontade brotou depois de nossa intervenção. Há também desejos de igualdade e contribuição social. Creio que esses indícios apontam para posturas mais críticas e desejos de se fazer algo em prol da sociedade. Após a dinâmica, começaram as apresentações.

"Nós fazemos a nossa história."

O primeiro grupo a se apresentar foi o de História/Geografia. Inicialmente eles/as falaram como estavam desenvolvendo o seu trabalho, na seqüência leram o futuro Sumário do livro que publicariam e o que cada capítulo trataria. Depois mostraram outro painel onde estavam expostas várias fotografias dos/as antigos/as povoadores/as de Porto Barreiro, como por exemplo o sr. José Nogueira do Amaral, que foi o 1º povoador , teve 9 filhos, sendo que

destes só sobreviveu um, os demais foram mortos pelos índios da região. Falaram a respeito do desmatamento da terra, as primeiras plantações, da construção da primeira igreja (1885) e da primeira escola construída no "Guarani dos Pobres", hoje "Guarani do Cristo Rei". Depois que o grupo apresentou em linhas gerais o seu trabalho, foi explicar o painel que tratava da vida do Prefeito, usando-o como exemplo de como se faz História. No final o professor-facilitador Ariel explicou a todos que a concepção de História que eles trabalham é voltada para se perceber "que os conhecimentos e a História são produzidas por nós mesmos." O professor Ariel também enfatizou que o exemplo usado para dar idéia de como se faz História, no caso a vida do Prefeito, foi opção do grupo, mas que não significa que eles acreditavam, numa História onde prevalecia a História de dirigentes ou heróis, como é habitualmente feito pela História tradicional.

Considero que o grupo de História/Geografia foi muito perspicaz porque eles/as criaram um espaço de negociação política que era necessário no momento e além disso exemplificaram e mostraram como estão desenvolvendo o seu trabalho. Essa homenagem foi boa para a negociação, porque antes do II Seminário, a Secretária de Educação Ivone estava bastante nervosa porque o município estava com problemas financeiros e o Prefeito disse-lhe que não sabia se em 1999 teria condições de continuar o Convênio com a UNICENTRO e isso significaria interromper o projeto. Com a homenagem, o Prefeito falou publicamente que iria continuar com o Convênio, porque está dando excelentes resultados e a população está muito satisfeita com a Educação.

Eu vejo que tudo isso teve resultado muito positivo negociação política. Esses fatos me leva a afirmar que a pesquisa-ação é o tempo todo permeado pela política e é necessário que tenhamos clareza dessa característica e saibamos como trabalhar com ela, usando-a ao nosso favor, ou seja, que a usemos para conseguirmos realizar o nosso trabalho. Acredito que esse trabalho que desenvolvemos é um tipo de resistência afirmativa, onde preservamos a dignidade do nosso trabalho, conciliando-o com o apoio de dirigentes que mesmos raros, existem.

"Medidas Agrárias: a matemática da vida presente na matemática da escola."

O grupo de Matemática saiu-se muito bem. Um fato interessante que aconteceu, foi

que a professora -facilitadora Doroteya ficou doente e não pode ir, eu fiquei muito preocupada com o grupo, mas felizmente elas/es apresentaram-se normalmente, como se a professora Doroteya estivesse presente. Com esse fato, percebi que os/as professores/as estavam crescendo e se tornando autônomos/as e isso era (é) importante para nós, porque é o que queremos, que os grupos se tornem cada vez mais autônomos.

Inicialmente o grupo se apresentou, depois para exemplificar alguns cálculos de medidas agrárias, contaram um episódio que ocorreu no município relativo a uma "roçada" de um terreno local, à medida que contavam o fato faziam desenhos, cálculos, falavam o que os protagonistas discutiam, como eles mediram, calcularam o tamanho do terreno e negociaram o valor a ser pago pelo trabalho, até quantas cobras foram mortas e de que espécie eram. Após essa explanação o grupo explicou como está trabalhando em sala de aula e disseram que as crianças estavam aprendendo, que os pais estavam satisfeitos e para provar que as crianças estavam aprendendo, trouxeram uma aluna (4ª série) para resolver um problema, fazendo cálculos. Foi desenhado no quadro-negro uma figura geométrica que tinha as seguintes medidas: 98cm e 182cm de largura em cada lado, por 285cm e 312cm de comprimento, ela teria que calcular quantos litros dava o terreno. Para chegar ao resultado, a menina somou 1º o comprimento (284+312=596), depois dividiu (596:2=298), fez o mesmo com a largura (98+182=280:2=140); na seqüência multiplicou os resultados, um pelo outro (298x140=41.720 : 605= 68 litros e 580m). E assim a aluna chegou ao resultado, o pessoal gostou muito.

Depois da apresentação da aluna, uma professora deu alguns exemplos de como o grupo está trabalhando em sala de aula, com as medidas agrárias. "Comecei o trabalho perguntando às crianças, quanta terra os pais tinham para plantio e para pastagens. A partir disso comecei o trabalho, foi interessante porque eu estava trabalhando com economia e o assunto de medidas agrárias surgiu no meio da conversa, então eu aproveitei o momento, porque as crianças estavam curiosas. A partir da quantia de terra dos pais para plantio e pastagens, eu fiz várias atividades com as crianças medindo em passos, elaborei vários problemas para eles resolverem. Foi muito interessante."(Professora do grupo)

Como já comentei a apresentação do grupo foi bem interessante. Até esse momento observei que a emoção e apresentação de resultados prevaleceu nas apresentações, no caso dos

dois grupos já mencionados. História, o resultado é o livro que estavam produzindo e seu uso em sala de aula. Matemática, o ensino das medidas agrárias na escola e também o material, que pretendiam produzir.

Alfabetização: um processo em construção

O grupo ia expor nas paredes da sala vários cartazes, que exemplificavam trabalhos que são realizados com as crianças no processo de Alfabetização, mas como as paredes da sala estavam todas cheias de cartazes, que os outros grupos colocaram, o grupo preferiu sentar-se no chão em círculo como se fossem crianças e espalharam todo o material produzido no chão e à medida que explanavam o trabalho realizado, o ilustravam com material. Inicialmente, a professora facilitadora Clarice, fez um relato sobre o que haviam feito até o momento. Na seqüência, a professora Genori, falou que eles/as iriam apresentar no Seminário, trabalhos que os/as professores/as fizeram com os/as alunos/as, as suas práticas de sala de aula. A professora Genori apresentou vários cartazes, que usou nas aulas e explicou como trabalhou o material. Por exemplo: animal com pêlos, com quatro patas, mamíferos e outras características. Algumas palavras que as crianças queriam, "mesa do padre, sorriso" e outras. Outra professora contou que as crianças queriam visitar o acampamento dos Sem Terra (na região havia um grupo de aproximadamente 3000 pessoas, que mais ou menos em Setembro/1998, ocupara a terra de uma empresa da região e esperava ser assentada. Enquanto o processo de assentamento corria nas instâncias jurídicas, o município assumiu as crianças na sua rede de ensino.), elas foram e a partir disso fizeram um trabalho com várias palavras.

Prosseguindo às apresentações a professora Adriana, explicou que o trabalho que o/a professor/a desenvolve em sala de aula não deve se basear só na cartilha, ela deve ser vista como um complemento e "não se deve ensinar a leitura e a escrita mecanicamente". A professora Clarice complementou as explicações dizendo que a cartilha pode ser um apoio, "mas não se deve usá-la isoladamente, que o trabalho do/a professor/a é fundamental nesse caso". A professora Soeli disse: *"Pra ser um bom professor, devemos lutar, ou lutamos ou desistimos (...) Todos somos professores, mas é necessário que estudemos (...) "Eu tinha medo de falar...eu fui criada, naquele esquema que o professor falava e a gente escutava..."* A professora Rejane falou sobre o processo de Alfabetização. "A gente deve trabalhar vários

conteúdos quando estiver alfabetizando." A professora Neusa relatou o seu trabalho de Alfabetização com os/as seus/as alunos/as, que são filhos/as dos Sem Terra. Ela estava desenvolvendo esse trabalho a três meses e disse que *"o trabalho vem transcorrendo bem."* A professora Senhorinha (trabalha com a 2ª série), falou da importância da Alfabetização e como trabalha com os/as alunos/as. *"Eles têm uma memória para decorar incrível, às vezes você pensa que eles estão lendo, mas eles decoram, daí a importância da gente trocar as palavras para ver se eles estão mesmo lendo."* O professor Lauro, falou dos tipos de ditados que se pode fazer para os/as alunos/as: ditado de figuras, de carimbos, desenhos no quadro, frases escritas em papel (recortadas) e outros. A professora Genoveva (trabalhava com classe multisseriada), falou como estava trabalhando com os/as alunos/as. Mostrou álbuns confeccionados em pano, ilustrados com gravuras, os quais construiu com os seus/suas alunos/as, tratando de temáticas como: aleitamento materno, animais nocivos e domésticos, plantas venenosas, plantas de ornamentação, prefeitos dos municípios do Paraná e outros temas. Explicou que os álbuns são feitos coletivamente (os grandes ficam na escola) e cada aluno/a faz um pequeno para si. Além do trabalho realizado com os álbuns são feitos crachás, jograis e outros trabalhos. A professora comentou que eles/as usam muito recortes de jornais e contou: "*Eles cortaram até o livro de Novena da mãe..."* Finalizou sua apresentação dizendo: *"Eu faço assim, não sei se está certo."*

A apresentação desse grupo foi interessante, mas me ocorreu ao analisar a sua apresentação no Seminário, que talvez faltasse para o grupo teorização e sistematização de suas práticas, para que os/as professores/as pudessem argumentar melhor o trabalho que estavam desenvolvendo. Entendo por "teorização" os textos produzidos pelos/as professores/as, com significados e sentidos que emergiram das interações ocorridas na pesquisa-ação, resultantes da articulação das suas experiências, vivências, práticas e conhecimentos portadores de vários sentidos e significados que têm sido produzidos sobre a Educação e os elementos sócio-político-culturais que a permeiam. Por "sistematização", entendo a produção escrita, resultante dos registros, reflexões, análises dos "achados" dos/as professores/as, mediados pelas interações, discussões, embates, estudos teórico-práticos vivenciados pelos e nos grupos de pesquisa. Embora tenha definido teorização e sistematização separadamente, vejo-as como um processo interligado, porque quando estou

sistematizando meus achados, estou teorizando ou vice-versa. Assim como também vejo a pesquisa, permeada por essas atividades. Comungo com Ludke e André a minha concepção de pesquisa:

> *Nossa posição, (...) situa a pesquisa bem dentro das atividades normais do profissional da educação, seja ele professor, administrador, orientador, supervisor, avaliador, etc. Não queremos com isso subestimar, o trabalho da pesquisa como função que exerce rotineiramente, para preencher expectativas legais. O que queremos é aproximá-la da vida diária do educador, em qualquer âmbito que ele atue, tornando-a um instrumento de enriquecimento do seu trabalho.* (1986, p. 2)

Entendo pesquisa como processo de produção de conhecimento e saberes. Processo que nem sempre é "redondo", sem arestas, que se inicia e é alimentado pela dúvida, indagação, por problemas. Concordo com Corazza, quando fala da pesquisa e diz:

> *penso que toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já sabido (...) Além disso, para alguém sentir e aceitar que está insatisfeita/o é necessário que, em outra esfera que não a dos dados ditos empíricos, sua experiência de pensamento engaje-se na criação de uma nova política das verdades, colocando em funcionamento outra máquina de pensar, de significar, de analisar, de atribuir e produzir sentidos, de interrogar em que sentidos há sentidos."* (p. 111)

Além da pesquisa ser um processo investigativo, nascido das nossas indagações, insatisfações, permeado pelo estudo de nossas práticas, do nosso mundo, tudo isso articulado ao acesso e compreensão de vários sentidos e significados, produzidos historicamente, ela pressupõe, a teorização dos nossos "achados", a produção dos nossos sentidos e significados. No momento da sistematização, teorização dos nossos "achados" é que ocorre a atividade da escrita, da leitura, de forma mais acentuada, pela minha experiência como pesquisadora e professora, creio que é o momento mais difícil do processo e a sensação que tenho ao produzir os textos, que emergem do processo investigativo pode ser descrita como Larrosa expressa seu pensamento sobre a escrita e a leitura.

> *Escrever (e ler) é como submergir num abismo em que acreditamos ter descoberto objetos maravilhosos. Quando voltamos à superfície, só trazemos pedras comuns e pedaços de vidro e algo assim como uma inquietude nova no olhar. O escrito (e o lido) não é senão um traço visível e sempre decepcionante de uma aventura que, enfim, se revelou impossível. E, no entanto, voltamos transformados. Nossos olhos apreenderam uma nova insatisfação e não se acostumam mais à falta de brilho e de mistério daquilo que se nos oferece à luz do dia. E algo em nosso peito nos diz que, na profundidade, ainda resplandece, imutável e desconhecido, o tesouro.* (Larrosa, 1996, p. 161) (Os grifos são meus)

O que quero frisar é o caráter de dinamicidade, provisoriedade que permeia o processo de pesquisa, a ansiedade, a angústia, a paixão que nos motiva a pesquisar, com todas as suas contradições e desafios, o olhar marcado pela indagação, contudo sem o medo de

admiti-la e tentando encontrar possíveis caminhos. Também a atividade de pesquisa além de constituir o pesquisador, produz o leitor e o escritor.

"Pequenas contribuições, ajudando a pensar grandes problemas: a problemática dos agrotóxicos em Porto Barreiro."

O Grupo de Educação Ambiental, fez um painel no computador, muito bonito com os tópicos principais do seu trabalho para apresentá-lo. Além do painel apresentaram algumas transparências. No início da apresentação a professora-facilitadora Ana Lúcia falou sobre o trabalho que o grupo vem desenvolvendo no campo da Educação Ambiental. Na seqüência uma professora apresentou as questões que elas elaboraram para entrevistar seis agricultores (elas visitaram seis propriedades de Porto Santana, distrito de Porto Barreiro). Nessas seis propriedades são cultivados quarenta e seis alqueires, no total. As culturas são de milho, feijão, arroz, com exceção de um agricultor que planta fumo. Pesquisaram que tipo de adubo usam, que cuidados tomam. Constataram que todos os agricultores entrevistados usam agrotóxicos, que lêem as instruções, contudo poucos as seguem. Que eles se preocupam com o momento, mas não se preocupam com o futuro. Um deles utiliza as embalagens (baldes para carregar água para os agrotóxicos). Falaram que *"com os resultados obtidos, observamos que as respostas muitas vezes não batem com a prática. Observamos que as embalagens dos agrotóxicos são usados muitas vezes para guardar comida dos animais domésticos (...) Na nossa região já houve muitos casos de intoxicação e até óbitos. Em sala de aula já estamos desenvolvendo um trabalho de conscientização."* (Professora Irene). Na seqüência o grupo deu a palavra a Lucilei Passato (aluno de mais ou menos nove anos), que já sofreu as conseqüências do uso inadequado dos agrotóxicos, foi intoxicado, ficando doente. O Lucilei relatou que estava sentado perto do pai, na lavoura. Enquanto o pai passava o veneno nas plantas ele tranqüilamente comia um pedaço de pão, sem saber o perigo que estava correndo. Aquele dia ventava muito e o vento trazia o veneno até ele. Durante o dia ele começou a sentir-se mal, vomitou muito, sentia tonturas, febre... No dia seguinte, seus pais o levaram ao médico, o qual diagnosticou intoxicação por agrotóxicos, ele ficou vários dias no hospital, felizmente melhorando e retornando para casa. Sorte que outras crianças não tiveram. A professora Irene explicou como os/as alunos/as estavam desenvolvendo seus trabalhos, foram

no comércio pesquisar, produziram textos com desenhos e desenvolveram outras atividades.

O ponto forte da apresentação do grupo, foi a apresentação do Teatro, sete alunos/as da terceira série participaram, foi muito interessante, as crianças encenaram a visita de uma agrônoma em duas propriedades rurais, nas quais os agricultores usavam agrotóxicos. O primeiro não levava a sério os cuidados que deveria ter, não se cuidava, o segundo ao contrário tomava todos os cuidados necessários. As crianças imitavam os pais nos dizeres, comportamentos (estavam tomando chimarrão, falavam "véio teimoso", "diabo de mato" etc...) foi engraçado e educativo, elas se saíram muito bem, estavam descontraídas, representaram bem. Esse Teatrinho, as professoras elaboraram para a Semana Cultural e Feira de Ciências do município. Foi um trabalho simples sem grandes aparatos, contudo parece que atingiu o seu objetivo. Na seqüência outros/as alunos/as apresentaram livrinhos que elaboraram, os quais enfocavam a questão dos agrotóxicos. Eram pequenas histórias escritas por eles/as e ilustradas com desenhos feitos pelos/as mesmos/as. Nas apresentações participaram 11 alunos/as, a criançada estava faceira, os pais, os/as professores/as, também nem se fala. Foi ótimo.

O grupo explicou que pretendia em 1999, trabalhar com a EMATER[74], fazendo palestras para a população e tinha a intenção de melhorar o Teatro para trabalhar junto a população, interferindo nos hábitos dos agricultores. Queriam fazer um trabalho, no qual se pense talvez em uma reciclagem do lixo resultante das embalagens dos agrotóxicos. Esse grupo além do Teatro, dos livrinhos, produziram outros materiais. No final da apresentação o grupo cantou aquela paródia que haviam produzido para o Seminário passado, "O roceiro da porteira". A apresentação foi muito interessante e pessoal gostou muito. Inclusive depois da apresentação o Presidente da Câmara dos Vereadores demonstrou grande interesse pelo trabalho desenvolvido e foi conversar com o grupo.

"Acertando o passo: construção da Proposta Político-educacional do Município de

[74] Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Paraná.

Porto Barreiro.

Este trabalho está sendo construído pelo grupo de Gestão Educacional, antigo grupo de Fundamentos de Educação, o qual foi mudado o nome porque na análise que o grupo fez, concluiu que o trabalho que está fazendo é a construção da Proposta Político-Educacional do Município. Nós professores/as facilitadores/as estamos ajudando e aprendendo a pensar como construir tudo isso, como desenvolver uma gestão participativa na qual se respeite a vontade do povo, se consulte as bases. Essa linha de trabalho, não foi mérito nosso, essa era a vontade dos/as funcionários/as da Secretaria de Educação do Município, a nossa contribuição foi trazer subsídios teóricos para pensar esse processo e ajudá-los/as a sistematizar o que eles/as almejavam. Pois todos/as os/as funcionários/as, principalmente a Secretária Ivone, tinham (tem) um posicionamento político coerente com a proposta e além disso tem várias experiências nesse tipo de trabalho. Assim, nós professores/as facilitadores/as aprendemos muito com o grupo, houve muitas interações e continua havendo. Outra característica interessante desse grupo, é que se constituiu por pessoas que trabalham em funções administrativas e isto foi ótimo porque eles/as deram exemplo aos/às professores/as sobre a necessidade que todos/as temos, como profissionais da Educação de estudar, pesquisar, continuar o processo da nossa formação, independente da função que estamos exercendo.

O nosso grupo iniciou a apresentação cantando a música "Cidadão", do Zé Ramalho, a qual diz:

"Tá vendo aquele edifício moço
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Eram quatro conduções
Duas prá ir Duas prá voltar
Hoje depois dele pronto
Olho prá cima fico tonto
Mas me chega um cidadão
E me diz desconfiado
Tu tá admirando
Ou tá querendo roubar

Meu Domingo tá perdido
Vou prá casa entristecido
Dá vontade de beber
E prá aumentar o meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquela escola, moço
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Fiz massa, pus cimento
Ajudei a rebocar
Minha filha inocente
Vem prá mim toda contente
Pai vou me matricular
Mas me chega um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar
Esta dor doeu mais forte
Porque eu deixei o Norte
Eu me pus a dizer
Lá a seca castigava
Mas o pouco que eu plantava
Tinha o direiro de comer
Tá vendo aquela igreja, moço
Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo
Enchi minhas mãos de calo
Lá eu trabalhei também
Lá sim valeu a pena

Tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que Cristo disse
Rapaz deixe de tolice
Não se deixe amedrontar
Foi eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar
Eu também não posso entrar

A música foi muito sugestiva para a sensibilização da platéia, assim o grupo criou uma atmosfera agradável para a apresentação do trabalho. Tenho observado nesses Seminários que o povo de Porto Barreiro gosta muito de cantar, são emotivos, todos os encontros são permeados pela música, pela dança, roda de chimarrão, comida, amizade, solidariedade, o sentido de família e religiosidade se fazem presentes e são bastante fortes. A atmosfera de festa permeia todos os trabalhos, comemorações, homenagens, riso, alegria, lágrimas de emoção, esse comportamento tem sido constante nos encontros, assim como mães faceiras com seus bebês. Penso que essa atmosfera, faz parte da sua cultura, da constituição do grupo e de cada um. Os encontros são permeados por abraços, lágrimas, risos, enfim uma miscelânea de emoções. É difícil descrever essa trama de relações é só estando lá para sentir esse arrebatamento, esse vendaval de emoções, eles/as são muito emotivos e para conquistá-los temos que trabalhar com isso, senão não os conquistamos. Essa característica me faz pensar que a pesquisa-ação requer esse tipo de sensibilidade e negociação, cada vez mais nos afastamos do paradigma que apresenta a pesquisa, o/a pesquisador/a como se fossem neutros e objetivos. Para conquistarmos espaço, nesse tipo de trabalho, necessitamos nos inserir no grupo e ter afinidades com eles, não tem como fingir sentimentos, o trabalho com o grupo nos envolve de tal forma, que somos parte do grupo ou estamos fora dele. É isso que tenho sentido

em relação ao trabalho que estamos desenvolvendo.

Na seqüência a professora Solange apresentou os tópicos principais que nortearam a apresentação do trabalho, são eles:

- Sonho e Realidade
- Início da caminhada
- A fala do povo
- Acertando o passo

O documento que o grupo produziu para sistematização e apresentação no Seminário, deu indícios para percebermos como o grupo estava avançando. No último encontro antes do Seminário, sugerimos ao grupo que elaborassem títulos sugestivos, mas não interferimos, quando assistimos apresentação do grupo no Seminário, gostamos dos subtítulos produzidos.

A professora Isabel (exerce função de diretora em uma escola) apresentou o tópico "Sonho e realidade", sua fala foi baseada no que está escrito no documento que eles/as elaboraram, onde comentam que inicialmente tinham no município uma estrutura educacional tradicional herdada do município desmembrado (Laranjeiras do Sul), contudo não se acomodaram e lutaram (lutam) por uma nova proposta de trabalho, a qual já estava sendo construída. Uma fala importante e que não estava escrita, foi: *"Antigamente nós éramos meros espectadores de cursos, nós éramos apenas ouvintes. Isso em Laranjeiras do Sul e em outros município que eu trabalhei. Hoje não, eu me sinto diferente, importante porque estou fazendo algo diferente, e estou tendo a oportunidade de falar sobre isso, pra mim é muito importante."*(Professora Isabel). Na seqüência a professora Rita (trabalha na Secretaria de Educação) falou sobre o tópico "Início da caminhada", o qual abordava como o grupo de Gestão Educacional se constituiu. Também remeteu os/as ouvintes ao primeiro encontro que tivemos (a professora Regina e eu com os/as docentes do município), antes da assinatura do Convênio. *"Iniciou-se o Convênio, depois da visita das professoras Regina e Glorinha..."* (professora Rita). Continuando os trabalhos a professora Solange (trabalha na Secretaria da Educação), falou sobre o caminho percorrido para a elaboração do tópico "A fala do Povo".

"Começamos o nosso trabalho respondendo um questionário, elaborado pelos professores da UNICENTRO, o qual visou fazer um diagnóstico da nossa realidade educacional. (...) A nossa principal meta é fazer uma Gestão Democrática (...) Foi mandado

um questionário para os Presidentes das APMs, Vereadores, Representantes dos Conselhos Escolares, pais e outros (...) Também fizemos uma reunião com eles para responder várias questões, nessa reunião além dos representantes da comunidade já mencionados estavam presentes representantes dos alunos (alguns dos nossos alunos), as professoras Regina e Glorinha e a partir das discussões que foram feitas nessa reunião e o resultado dos questionários é que elaboramos esse tópico "A fala do Povo."

Dando continuidade a apresentação a professora Marlei apresentou os dados coletados, os quais apontavam as sugestões do povo de Porto Barreiro, sugestões que deram para a melhoria da escola, como por exemplo que se trabalhasse com medidas agrárias, "com política e religião" (retirado dos formulários respondidos na reunião que houve com o grupo de Gestão Educacional, já mencionada). A Secretária Ivone relatou o que já estava sendo feito para atender as solicitações da população, por exemplo as Medidas Agrárias e a problemática do uso de agrotóxicos, já estavam sendo trabalhadas nas escolas, também os/as professores/as estavam trabalhando com algumas questões valorativas que envolvem religião e política, contudo gostariam de futuramente realizar alguns estudos nesse âmbito para ter maior conhecimento sobre esses temas transversais, que segundo eles/as também deveriam ser trabalhados. Finalizando a sua fala disse o que pretendia para o ano de 1999. *"Pretendemos fazer um trabalho integrado com a Secretaria de Saúde, de Assistência Social e de Agricultura..."* Na seqüência o grupo apresentou o primeiro esboço da Proposta Político-Educacional do município que estava sendo sistematizado e as ações que já foram concretizadas, como por exemplo a criação das APMs, Conselhos Escolares, elaboração de Regimentos Escolares e outras.

Depois da apresentação, o grupo abriu espaço para a discussão das questões relativas ao trabalho que estava sendo desenvolvido. Foi decidido pelos presentes para o ano de 1999 que: os grupos de pesquisa continuariam, assim como os Seminários. Solicitaram que se fizesse cinco Seminários, cada um coordenado por um grupo de pesquisa, a fim de que se socializasse os conhecimentos produzidos pelos grupos, esses Seminários deveriam ser em forma de oficinas e no final do ano um Seminário Geral. (Essa sugestão foi incluída no planejamento de 1999, contudo, o seu desenvolvimento ocorreu de outra forma.) Também falaram da necessidade de se elaborar um currículo que atendesse as necessidades da região.

Falaram “A História não pode parar...” O encerramento do Seminário não poderia ser diferente, foi com música, cantaram, dançaam, um arrebatamento de emoções. A última música cantada foi “Pra não dizer que não falei das flores.”

“Vem vamos embora
que esperar não é saber
quem sabe faz a hora
não espera acontecer
(.....)”

MI[75] - Ouvindo os primeiros ensaios produzidos na parceria

Para chegarmos ao II Seminário, percorremos um caminho marcado por interações e “descobertas”. Neste momento vou falar desse espaço de tempo, entre o I e II Seminário.

Depois do I Seminário, continuamos o processo, estávamos muito animados/as. Os procedimentos de trabalho, que usamos com os grupos de Porto Barreiro foram parecidos com os usados anteriormente. Nós professores/as facilitadores/as fomos a Porto Barreiro uma vez ao mês para trabalhar com os grupos[76]. Algumas vezes alguns grupos deslocaram-se até a UNICENTRO, quando sentiam necessidade. Os encontros foram vários cerca de oito encontros, intercalados por um Curso de História de dezesseis horas, ministrado pelo professor Ariel José Pires e pela professora Márcia T. Marques em 21 e 22 de Julho de 1998.

O que mudou nesse período é que não estávamos iniciando, e sim dando continuidade aos trabalhos com os grupos de Porto Barreiro e a visão de certa forma era outra, por exemplo os textos passaram a ser lidos, já se via a necessidade de buscar nos/as autores/as parceria. Já se pensava como sistematizar os “achados” e como começar a colocá-los no trabalho cotidiano. E ainda havia o II Seminário em Dezembro de 1998, onde cada grupo teria que apresentar os seus avanços. E tudo isso colocava mais calor na efervescência que já acontecia. Todos trabalhavam, havia muito a ser feito. Fomos trabalhando.

Enquanto isso o nosso grupo do PPCP, continuava com as suas reuniões.

[75] A nota “MI” é o terceiro som de uma escala musical.
[76] Eu ia duas vezes na tentativa de acompanhar todo o processo.

Ao retornarmos ao período letivo, fizemos uma avaliação do Curso de História e do I Seminário, estávamos satisfeitos com os resultados, contudo percebemos que no 1º semestre do ano, havíamos realizado poucos estudos no âmbito do nosso grupo e achamos que havia necessidade de que os mesmos ocorressem. Propus ao grupo que na próxima reunião iniciássemos os estudos, por um texto que havia levado, de Marisa Fernades Nunes, intitulado "As Metodologias de Ensino e o Processo de Conhecimento Científico". Como percebi que a seleção de textos para estudos estava centralizada nas minhas mãos, propus ao grupo que ficaria em aberto a indicação de textos, quem quizesse traria os que considerava interessantes e mediaria as discussões. A proposta foi aceita.

Na reunião do dia 06 de Agosto a professora Clarice Linhares fez uma síntese do texto "As Metodologias de Ensino e o Processo de Conhecimento Científico". Discutimos esse texto e houve uma participação parcial dos presentes, quer dizer, como relâmpagos de presença participaram.

Ao analisar essa reunião observei que os estudos estavam acontecendo, entretanto com dificuldades, difícilmente o grupo estava completo porque os/as professores/as sempre estavam envolvidos em várias atividades. Por exemplo, nesse dia a professora Doroteya não pode chegar no horário combinado, porque estava orientando monografias. A professora Regina tinha uma reunião, logo em seguida, da Diretoria de Pesquisa, que é um setor da Universidade que esta sob a sua coordenação, assim não podendo participar das discussões até o término da nossa reunião.

A professora Márcia teve que se retirar mais cedo, do final das atividades porque precisava preparar um Curso de História que ministraria no dia seguinte, substituindo o professor Ariel que estava doente. As professoras Wanda e Ana Lúcia não estavam presentes porque se encontravam na Unicamp, assistindo aulas de Doutorado. O professor Edélcio chegou mais tarde do estabelecido porque estava numa reunião, exercendo a sua função de Vice-Reitor e saiu antes do estabelecido, porque estava preocupado com a defesa de sua Dissertação de Mestrado, que ocorreria dali a cinco dias.

Descrevi essa reunião para exemplificar como é o quotidiano dos/as componentes do nosso Grupo, todos/as vivem uma verdadeira roda-viva, apesar das dificuldades o grupo lutou

para continuar o seu trabalho, fazíamos o que idealizávamos, mas de acordo com o possível que nos era permitido, se assim não fosse desistiríamos no meio do caminho. As condições de trabalho do/a professor/a universitário/a não são tão diferentes do/a professor/a dos outros graus de ensino, isto é, sempre muito atarefados, com mil coisas a fazer.

Tivemos outras reuniões, outros estudos, outras discussões, contudo na seqüência só vou relatar as que tiveram alguma novidade.

Reunião – 13/08/98 – Recebemos a visita da professora Cleonice, representando o grupo "Educação para Paz", que foi nos explicar o que é "Educação para Paz", quais são os objetivos dessa proposta. A finalidade da sua visita foi envolver o nosso grupo nessa proposta, contudo nesse dia, dos/as componentes do grupo, só estavam presentes a professora Wanda, a professora Márcia e eu. Assim conversamos. A professora Cleonice nos explicou o que havia planejado e disse que retornaria outro dia para conversar com os/a outro/as membros/as do Grupo.

Reunião – 21/08/98 – Nessa reunião o professor Ariel explicou-nos "A escola dos Annales", expôs algumas idéias dessa corrente e trouxe alguns livros para conhecermos. Conversamos sobre o assunto e percebemos que para compreendermos melhor essa linha teórica, teríamos que nos dedicar a esse estudo por mais tempo.

Reunião – 27/08/98 – Na reunião desse dia a professora Cleonice retornou ao nosso grupo e expôs o que havia nos apresentado na visita anterior. Felizmente nesse dia o grupo estava completo. A professora Cleonice disse que gostaria que o nosso grupo se unisse ao dela para realizar um futuro trabalho. Nada foi definido, o grupo não disse que se envolveria, nos calamos. O silêncio dos/as outros/as componentes do grupo, não sei interpretar com clareza, contudo, baseada no meu silêncio, suponho que cada um/a naquele momento refletia sobre as suas possibilidades de participação no projeto, via que seu tempo já estava bastante escasso e isso era angustiante para todos/as.

As reuniões continuaram ocorrendo, as discussões, nessa fase estiveram centralizadas nos trabalhos de Porto Barreiro e os estudos do grupo pararam.

Em Outubro fui à Campinas e apresentei resultados parciais da minha pesquisa, no Seminário do GEPEC[77] e do GEPES[78], os/as participantes gostaram muito.

[77] Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Continuada, da Faculdade de Educação da Unicamp.

Aproveitando a minha estadia em Campinas, a professora Corinta marcou um encontro comigo para discutirmos algumas questões que me afligiam em relação ao nosso grupo (PPCP). Precisava de sua orientação para olhar com mais clareza o que estava ocorrendo. Expliquei a professora Corinta que os trabalhos com os Grupos de Pesquisa de Porto Barreiro, estavam indo bem, que depois do I Seminário todos/as estávamos animadíssimos/as com o processo, que esse evento foi decisivo para continuidade do trabalho. Eu observei que estávamos produzindo na parceria com os/as professores/as de Porto Barreiro, contudo percebi que nós professores/as universitários/as não estávamos dando continuidade aos nossos estudos e não estávamos produzindo, sistematizações sobre o nosso trabalho, até os registros dos encontros dos Grupos de Pesquisa haviam estagnado. No grupo falávamos sobre isso, da sua necessidade, queríamos produzir, mas parecia que a rotina totalmente preenchida pelos nosso afazeres, vencia os nosso desejos.

No diálogo, a professora Corinta me explicou que já fazia algum tempo que trabalhava com Grupos de Pesquisa e em decorrência das suas observações tinha por hipótese de trabalho, que os grupos produzem na emergência da prática e da socialização. Na interlocução, concordamos que o Grupo do PPCP estava produzindo em relação à prática, pois o processo que estávamos desenvolvendo com os Grupos de Pesquisa de Porto barreiro estava sendo produzido por nós. Contudo, o que não estávamos produzindo eram as sistematizações do nosso trabalho, quer dizer, algumas reflexões aconteciam, mas o escrever, produzir textos, teorizar o nosso trabalho não estava acontecendo. E por quê? Porque no nosso trabalho, ainda não estava ocorrendo a emergência da socialização. Falávamos em produzir textos para publicações, participação em Seminários, mas eram hipóteses distantes, porque não estabelecíamos metas concretas, com endereço e tempo determinado. Precisávamos estabelecer esse princípio, de estipular metas concretas para socializarmos o nosso trabalho, senão corríamos o risco de sermos engolidos pela rotina. Assim combinamos com a professora Corinta que seria revitalizador para o nosso grupo (PPCP), sua visita e uma proposta de apresentação de nossos trabalhos, articulados aos/as professores/as de Porto Barreiro, em um Seminário do GEPEC. Essa possibilidade poderia imprimir tons e ritmos diferentes aos trabalhos do grupo.

[78] Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino Superior, da Faculdade de Educação da Unicamp.

E foi nessa perspectiva que a professora Corinta[79] veio à Guarapuava em Novembro, conhecer o nosso Grupo (PPCP), os grupos de Porto Barreiro, o trabalho que estávamos desenvolvendo, propor que participássemos de um Seminário da Faculdade de Educação e pensarmos numa futura parceria com o GEPEC. Esta visita foi decisiva para o nosso grupo. Pela importância que teve para nós, vou descrevê-la e vou transcrever as falas que considero relevantes, por transparecer as impressões do nosso grupo (PPCP) e dos grupos de Porto Barreiro, em relação as percepções que estávamos tendo sobre o processo e como ao construí-lo também estávamos nos constituindo.

FÁ[80] - Partilhando a melodia com o/a "outro/a" - o convite de socializá-la com mais outros.

2º Compasso: Reunião dos grupos com a Professora Corinta - 16/11/98

As nossas vozes.

Para proporcionar uma atmosfera de descontração a professora Corinta iniciou o diálogo, narrando a trajetória de constituição do GEPEC. Sua narrativa foi significativa para que o grupo percebesse que o processo de constituição de um grupo, passa por fases, é construído. E o nosso grupo não era diferente, estávamos construindo o nosso trabalho, inseridos num processo e os conflitos que vivíamos em relação as dificuldades de sistematização, fazia parte do contexto. Ao conhecer outra experiência, podíamos compará-la com a nossa e ter um parâmetro para pensarmos sobre ela. Até então o nosso grupo não conhecia outros trabalhos de grupos. Eu já conhecia os trabalhos do GEPEC, contava alguns fatos, mas a minha narrativa não tinha o mesmo significado, que a narrativa da professora

[79] Em Outubro o professor Dario Fiorentini, a convite da Diretoria de Pesquisa esteve na nossa Instituição contando a sua experiência com Grupos de Pesquisas e foi conhecer o Grupo do PPCP. Esta visita já havia motivado o grupo.
[80] A nota "FÁ" é o 4º som da escala musical (Dó M).

Corinta para o nosso grupo. Nessa questão vejo a necessidade do estabelecimento de redes de interação entre grupos. Para fortalecimento dos grupos há necessidade da parceria com grupos de outras Instituições, os grupos precisam transpor o espaço da sua Universidade se aliando a outras.

A professora Corinta explicou-nos a importância dos momentos de socialização para a produção do grupo, para sua manutenção, inclusive exemplificou com várias situações que ocorreram com os grupos que trabalhava. Suas colocações eram de práticas, de situações vividas e isso nos tocava. Na seqüência contextualizou os estudos que o GEPEC fez para a produção do livro "Cartografias do trabalho docente: professor/a pesquisador/a". estudos, que produziram referências para socializar algumas questões e pontos de vistas que exploram e problematizam:

> *"- a complexidade da prática pedagógica;*
> *- a complexidade do processo de apropriação e produção dos saberes docentes;*
> *- o processo de formação contínua do professor e da professora;*
> *- o professor como profissional reflexivo e pesquisador da sua prática curricular, através de um processo coletivo de pesquisa-ação."* (Geraldi; Pereira; Fiorentini, 1998, p. 14)

Produção que objetivou contribuir para as discussões sobre essas questões, sem pretensão de esgotar o assunto.

Na seqüência explicitou o seu desejo de ouvir as várias vozes do grupo, de como estavam sentido o trabalho que estavam desenvolvendo. Falou da possibilidade do grupo se unir ao GEPEC e passou a palavra ao professor Ariel:

"A constituição do nosso grupo do PPCP, o projeto inicial foi reunir um punhado de professores, nem tanto um punhado, mas um ou dois de cada área do conhecimento, no sentido de dar cursos, a proposta inicial era esta dar cursos nos diversos município vizinhos, que pertencem aqui a área de abrangência da Universidade e também no próprio município, mas sempre a convite das Secretarias de Educação desses municípios e assim começou a se formar o grupo. Os mais antigos aqui são eu, a Clarice e a Wanda." (Ru PPCP – 16/11/98 – AJ, Fita nº 24, Di nº 10, p. 18)

"Eu até poderia completar o seguinte Corinta: No início, quando foram montados organizados os grupos esses grupos ao trabalhar nos municípios, serviram como multiplicadores. Então os professores da rede pública ao entrar em contato com esse grupo seria então multiplicadores das propostas." (CL, Ibidem, p. 19)

"Isso, pois bem com essa proposta fomos a campo e começamos "a vender cursos", aí nos municípios, sempre para professores de 1ª a 4ª e na seqüência para professores de outras séries 5ª e 8ª e 2º grau, também à medida que os docentes desses municípios trabalhavam em todas essas áreas. Então no meu caso, eu fui trabalhar com História e daí convidamos mais alguns professores do Departamento, mas pelo menos naquele momento, do Departamento ninguém estava disponível, não podia por qualquer motivo. Daí como a formação do grupo era uma proposta aberta, foi possível convidar professores da área que não estavam necessariamente na Universidade. Eu acho que foi essa proposta, ela foi interessante, porque muita gente que não estava e até muitas vezes não está na Universidade, que tem outra visão de ensino, até outra visão de constituição de grupo." (AJ, Ibidem, p. 19)

"E até Ariel... de trabalhar com professores da rede pública, de ter participantes da rede pública, até porque esses professores é que fariam a ligação entre a Universidade e a Escola. Então o grupo era aberto, constituído tanto por professores da Instituição como professores da Rede Pública. Tanto que no meu grupo de Alfabetização eu tive não só professores, como também acadêmicos." (CL, Ibidem, p. 20)

"Um bom exemplo é a própria Márcia que é da área de História, ela foi convidada quando ela era professora da Rede Pública e só tinha a Graduação e agora está fazendo Mestrado e já trabalha na Universidade, não como professora, mas como funcionária, mas se manteve no grupo. Então, essa experiência foi interessante. Bom, aí na seqüência as próprias propostas foram sendo mudadas, quando o grupo foi se constituindo. Que de tantas experiências acumuladas, acabamos fazendo contato com Porto Barreiro com uma proposta diferente de não só ir dar o curso para os professores, monitores, tudo mais, mas de fazer pesquisa junto com aquele grupo e aquele grupo escrever por exemplo. No nosso caso a sua própria História e a sua própria Geografia porque daí nos trabalhamos História e Geografia integrados na produção do conhecimento que agora eles estão sistematizando lá em Porto Barreiro. E também vem um pouco ao encontro da nossa proposta da área de História, como você sabe Corinta, eu acho que na Unicamp não é diferente, mesmo num Departamento existem vários grupos e com vários pontos de vista em relação a transmissão de conhecimento. A nossa concepção de ensino de História veio ao encontro dessa proposta para Porto Barreiro, houve uma sincrônia no sentido da transmissão dos cursos e houve um

retorno daqueles professores e da própria Secretaria de Educação que no nosso ponto de vista tem essa visão do ensino de História e Geografia. Aqui na UNICENTRO historicamente as concepções eram ou são as mais positivistas, ainda que ela esteja há muito tempo fora de moda, mas ainda ... uma auto-crítica que a gente faz no Departamento, ainda ela é hegemônica, infelizmente, mas ou felizmente, não sei, no meu ponto de vista infelizmente, não que necessariamente tenha que ser assim, mas na seqüência chegaram outras cabeças de outros lugares do próprio Estado, de outras universidades e a coisa já começou a equilibrar mais. Até porque, aquele pessoal também já está se aposentado, os fundadores da Universidade, que traziam muito essa concepção da História como sendo relato, como sendo uma História meramente narrativa, ou linear. A propósito eu faço uma pesquisa sobre MST (Movimento dos Sem Terra). Bem para concluir a minha fala: nós que estamos trabalhando esse projeto de Porto Barreiro, que é o que você conhece, a nossa visão ainda é um tanto, não pronta no sentido de que isso é bom ou ruim, lá na frente, qual o resultado de todo esse trabalho, mas nós fazemos o que acreditamos que seja um caminho de trabalhar a pesquisa e o ensino integrados, o ensino e pesquisa integrados não só para aqueles professores, mas integrados em todas as áreas. Nas falas gerais lá em Porto Barreiro, todos os grupos nos Seminários, apresentam o que estão fazendo. Então há uma integração nesse sentido e os grupos individualmente trabalham as suas áreas no sentido do projeto. Achamos que é um bom caminho a ser trilhado a ser construído, ele começou agora, a ser construído dessa maneira até nessa idéia, pra nós também, pelo menos teoricamente ainda não está muito claro do que seja pesquisa-ação, mas nós estamos aprendendo como agentes históricos, como agentes da História que está tentando construir um projeto. Eu não sei se é esse mesmo sentimento das outras áreas, mas História e Geografia que trabalhamos integrados, passa por essa reflexão e o grupo às 5ªfeiras estuda, se encontra, nessa mesma idéia de projeto em construção. Mais ou menos isso para ser bem sucinto." (AJ, Ibidem, p. 23)

"Você se sente diferente Ariel do que quando começou?" (Corinta, Ibidem, p. 23)

"Sim, completamente." (AJ, Ibidem, p. 23)

"Você sente que alterou, modificou suas concepções, sua prática." (Corinta, Ibidem, p. 23)

"Sim completamente, acabei descobrindo que todo dia há uma renovação e a gente,

eu pelo menos tenho essa preocupação e ouvindo você falar agora há pouco, mas eu preciso rever uma porção de coisas que eu acho que está correto e ou achava que estavam corretas essas concepções e, pontos de vistas. E na prática às vezes há uma acomodação, então por isso é importante a tua vinda aqui pra gente ouvir outra voz, que nem sempre as nossas, no sentido da nossa formação, enfim... Então, eu começo a pensar aquilo que eu dizia para os meus alunos da Graduação, quando eu comecei a trabalhar aqui. Eu morro de vergonha do que eu dizia, do que eu pensava, do que fazia. Depois pensando no projeto de Porto Barreiro, como a gente era quando começou o PPCP, né Clarice? Nossa há uma transformação e também porque a gente continuou. Eu quando entrei aqui, só tinha curso de Especialização, quando comecei a dar cursos para professores do interior. Depois eu me animei e fui para o Mestrado. Me animei para o Doutorado e já quero terminar logo e eu acho que tudo isso é um processo. Então, a gente nunca... assim como hoje, quando nós chegamos aqui, nós éramos uma "coisa", agora vamos sair diferente, nós não ficamos iguais, há um aprofundamento sempre das coisas. Nesse sentido eu estou muito diferente de quando eu comecei e provavelmente daqui a cinco anos estarei mais diferente." (AJ, Ibidem, p. 24)

"E a área de produção de História do Estado do Paraná, você acha que mexe nisso? Desculpe essas questões, são importantes para a produção de vocês porque isso aqui está sistematizando uma produção do grupo. Você acha que a contribuição que esse projeto vai trazer, ele vai contribuir para o conhecimento histórico do Estado do Paraná." (Corinta, Ibidem, p. 25)

"Talvez pontualmente, porque como nós estamos numa região em um núcleo, há uma produção mais específica, mais regional, mas como contribuição pontual, vamos dizer que sim, as próximas e a própria concepção de Educação e História do Estado, ela tende à se alterar. Falando da nossa experiência, mas nós temos por exemplo convênio com o pessoal de Londrina, que tem um trabalho diferenciado, mas no final das contas a Déa trabalha muito bem a questão indígena, muito aliada ao pessoal de Londrina, também há uma integração. Então você falou do Estado... eu lembro que quando no governo anterior antes do Lerner, antes do Requião, no Governo do Álvaro Dias, eu lembro que a proposta do Álvaro Dias ela contemplava muita coisa que nós estamos fazendo agora, só que o grupo que foi trabalhar a proposta não deu todo aquele encaminhamento para a área de História como deveria ter

dado e hoje, esses dias, eu estava olhando aquela proposta de História, feita pelo Antonio Simão, pela Maria Auxiliadora, pessoal mais da Federal, lá de Curitiba, que estão mais próximos do governo, naturalmente. Aquela proposta era interessante, mas ela não se fez prática e agora a proposta deste governo, nem tenho acompanhado devido a correria, mas eu acho que o nosso trabalho de alguma forma vai ajudar a avançar, de alguma forma vai." (AJ, Ibidem, p. 26)

"Vejam como as vozes vão sendo produzidas, eu não queria saber do ponto de vista da proposta curricular do Estado do Paraná ,mas sim, da História do Estado, porque de certa forma vocês estão construindo um pedaço da História, que não estava registrada." (Corinta, Ibidem, p. 26)

"A nossa experiência, para citar Porto Barreiro, agora virou referência. Então, eu acho que no Estado é uma experiência única à medida que um grupo de professores cuja maioria nem tem graduação ainda, está entendendo que é um produtor de História e Geografia, produtor de conhecimento. Então à medida que ele está produzindo porque estamos fazendo juntos, ele já está tendo outra visão. Então, História é isso. Eles achavam que História era outra coisa." (AJ, Ibidem, p. 27)

"Que estava só nos livros." (CL, Ibidem, p. 27)

"Nem estava nos livros. Então, agora que vamos produzir um livro sobre aspectos históricos do município, porque em História a gente nunca dá conta de tudo. Só por essa experiência esse grupo tenta ser multiplicador. Alias, ainda essa semana nós vamos tentar fazer convênio nos mesmos moldes com outro município, Rio Bonito do Iguaçú, talvez você vá ouvir falar." (AJ, Ibidem, p. 27)

"A Regina já me falou ontem." (Corinta, Ibidem, p. 27)

"Quando chegamos em Laranjeiras do Sul e fomos almoçar uma Secretária de Educação, ela é de um outro município e ela nos conhece, não conhecia. Ela gritou: Nós já estamos sabendo da experiência de vocês em Porto Barreiro, já é referência. Não sei quem contou para ela, mas ela já sabe. Então como isso dá efeito multiplicador, eu acho que nós estamos contribuindo para mudança de concepções. Não sei se é muita pretensão." (AJ, Ibidem, p. 28)

"Eu sou da área da Matemática, e estou desde o início da formação do Grupo. Vou

falar porque vim fazer parte do grupo inicialmente. Bem, quando eu comecei a trabalhar com o Estágio Supervisionado, eu percebi tantas dificuldades que os acadêmicos tinham em lidar com a Matemática, assim como eu mesma tinha dificuldades e ainda tenho várias. E na formação do grupo, nós falamos assim: quando nós tivermos o nosso grupo, nós vamos ter grupos de estudos por áreas, que aqui tem um de cada área, mas a gente teria mais elementos e nós iríamos estudar nesses grupos e depois nós iríamos nos reunir, como agora, trocando as nossas experiências de grupo de área. Então, inicialmente, fui eu e o professor Dionísio que começamos. Ele era o coordenador de área. Não, eu comecei já como coordenadora de área e ele como parte do grupo, porque ele era o coordenador do projeto (PPCP). Então começamos nós dois, nesses momentos de encontro de grupo por área, a gente tentou várias coisas, até mesmo ter um grupo que estudasse vários temas, a gente pensou: etnomatemática, modelagem matemática, recursos didáticos. Então, no começo, nós pensamos assim: digamos que se convidássemos os professores da rede pública ou mesmo, ex-alunos da gente, nós tivéssemos pessoas que se interessaram por recursos didáticos da área de matemática. Então ali faria um grupo. Um outro pessoal resolveu estudar Modelagem Matemática, faria outro grupo de estudos, dentro do mesmo grupo, nós teríamos várias áreas sendo pesquisadas, sendo estudadas, sendo tratadas. Só que isso não aconteceu. Foi muito difícil a gente manter pessoas por um tempo grande. Inicialmente o nosso projeto (PPCP) tinha bolsas, então os acadêmicos que vinham participar, que participaram, eles receberam bolsas durante um ano, depois isso acabou, eles se formaram e foram embora. Nós não mais os tivemos. Então, o que aconteceu? Nesse tempo todo desde o início, eu já tive grupo por área, hoje eu estou sozinha praticamente, quer dizer tenho uma convidada, que não sei se vai permanecer com a gente, mas no início éramos nós dois, eu e o Dionísio, por um bom tempo. Depois nós tivemos a participação de ex-acadêmicos, professores da rede foram convidados, mas vieram a algumas reuniões e não participaram conosco. Enfim, a gente teve a diversidade de pessoas indo e vindo e para concluir, fiquei eu como coordenadora e grupo de área. Eu sou única. E o Dionísio já faz tempo que se afastou, porque ele assumiu muitos outros compromissos e não está mais participando do grupo. Então eu estou sozinha. E nessa dificuldade de estar sozinha, de ter aquele par para você discutir as tuas idéias para você ver se está no caminho certo, para ver se está legal o que vocês está pensando, se não está. Mas o que me trouxe ao

grupo, foi esse grupo de estudos, eu me interessava. Eu achava que eu tinha muitas deficiências, tanto teóricas, quanto mesmo de conteúdo que eu precisava aprimorar em algum lugar. Então achava que o grupo de estudos me daria isso. Só que o grupo nunca se fez, mas isso foi interessante porque a Graduação também não contribuiu com aquela parte da Matemática que se estuda de 1ª a 4ª série, a gente não tem na Graduação isso. Então muitas das coisas que eu não entendia eu passei a entender, quando eu comecei a estudar os conceitos fundamentais de 1ª a 4ª série e como é, por exemplo, que a criança adquire conceito de número. Nunca me passara pela idéia, como é que ela adquiria esse conceito. Então, estudando isso eu fui melhorando a minha atuação na Graduação. Eu fui percebendo que eu tinha que mudar lá também. Mudanças houveram, é claro. A permanência no grupo foi que depois a gente ficou mais trabalhando de 1ª a 4ª série. Na verdade o nosso grupo é mais conhecido nos municípios pelos trabalhos que nós realizamos de 1ª a 4ª. De 5ª a 8ª série atuei com alguns cursos, falando sobre Modelagem Matemática. E agora em Porto Barreiro, estou achando bastante interessante porque o meu grupo de estudos lá é composto de oito professores e essas professores trabalham em 1ª série, séries multisseriadas, na 2ª série, na 3ª série e na 4ª série. Tenho professores de todas as séries. No início a gente pensou em algum temas que chamassem a atenção. Então, elas tem muitas dificuldades de conteúdos, eu acho que não só em Matemática, mas em todas as áreas. A proposta foi que conteúdos, elas gostariam de aprimorar, de pesquisar. Então surgiu a idéia de trabalhar Medidas Agrárias, justamente porque sendo município agrícola, os pais exigem das crianças esse conhecimento e os professores não tinham esse domínio para trabalhar em sala de aula e elas estavam sendo sempre cobradas nesse sentido. Então, a opção foi por isso. Quando elas me propuseram o tema e me perguntaram, o que eu sabia sobre o tema, eu falei: eu não sei nada também, mas eu vou estudar junto com vocês. Foi assim que nós começamos o nosso trabalho, tendo como foco Medidas Agrárias e agora já está quase concluído porque elas pesquisaram o que eram Medidas Agrárias. Elas estudaram todo o referencial de Medidas que nós temos, que se estuda na escola. E o que isso tem a ver com as Medidas Agrárias. Onde uma contribuiu para entendimento da outra. Já produziram alguma coisa." (DG, Ibidem, p. 31-36)

"Isso que você fala da questão do embasamento teórico, eu acho que é nesse ponto

que nós estamos. Nós fomos olhar a prática, agora nesse retorno, agora tem que saber entender, compreender as dificuldades que você está sentindo e em que suporte teórico você pode se fundamentar agora para entender estas dificuldades que vocês está sentindo." (CL, Ibidem, p. 36)

"E mais além das dificuldades da Matemática, eu acho que é compreender que processos vocês estão gerando, o que estão gerando nesses professores, como é que eles estão produzindo hoje, as suas relações com o conhecimento, as habilidades, os afetos, não se fala mais hoje só conhecimento como antigamente, que pensava-se que eles eram separados. Nas Medidas Agrárias vocês envolveram também a população para tentar detectar que tipo de medidas eles usam dentro da Agricultura?" (Corinta, Ibidem, p. 36)

"Sim, coincidiu sim. Inicialmente elas fizeram uma pesquisa de campo, indo conversar com as pessoas que elas conheciam. Lá eles se conhecem muito. Como elas são oito, eu não sei se houve dez pessoas entrevistadas. Cada uma foi ao seu conhecido, eu acho que totalizou dez pessoas, eu não lembro bem agora. Elas foram pedir explicações de como aquela pessoa com o seu conhecimento fazia as medidas da sua terra lá e foram explicações muito interessantes e todas elas são parecidas, quer dizer o básico é praticamente o mesmo com as pessoas. Aí elas chamaram um técnico também para dar essas explicações. Aí o técnico bagunçou tudo. Nesse dia que o técnico veio eu estava presente. Era um agrônomo que veio dar explicações. Então ele fez uma explanação, escreveu no quadro lá, fez mil e um cálculo e elas ficaram bastante preocupadas porque aquela relação da fala dele não batia com o que as pessoas costumavam fazer. Mas esse agrônomo foi razoável, ele disse assim: Olha o que os agricultores fazem é um cálculo aproximado, não é cálculo exato. Exato tem que usar tal e tal fórmula, isso proporcionará um cálculo mais exato. Mas é aproximado, dá para considerar um cálculo correto. Antes elas conversaram com um outro (engenheiro civil) que desfez tudo, que desmentiu, que disse: Não, não pode ser calculado desse jeito, esse cálculo está todo errado, eles não deviam estar fazendo assim. E veio com umas fórmulas de Seno e Coseno elas ficaram doidas, porque elas não sabiam o que era isso e como é que iam explicar para os alunos. A preocupação: é eu tenho que ter esse conhecimento, para passar para o meu aluno, pro meu aluno auxiliar o pai, numa possível conta que ele queira fazer. Então, quando eles entraram com aquelas tabelas de Seno e Coseno, elas disseram: Como é

que a gente vai ensinar o aluno de 4ª série a fazer. Aí eu falei: Mas gente! Vocês não vão ensinar isso para os alunos de vocês. Não tem como vocês ensinarem isso, não está ao alcance dos alunos. Assim como não está ao alcance delas ainda. Daí, o grupo desanimou, não queria mais saber de medidas, falaram que estava tudo errado o que elas tinham feito até então e que queriam escolher outra coisa. Eu falei: Negativo, nós não vamos escolher outra coisa, é só uma questão de analisar, o que o técnico falou, o que o agrônomo falou é sobre uma medida exata e o que o pessoal faz é uma medida aproximada que é tão pouca a diferença, que pode ser considerada medida correta. Então, daí elas queriam saber: De que forma nós vamos ensinar os alunos nas escolas? Porque esse é um próximo passo para o ano que vem. A idéia agora é sistematizar isso e nós vamos elaborar uma apostila com atividades voltadas para os alunos, dentro do tema, mais para 3ª e 4ª série porque é o conteúdo de 3ª e 4ª, para aplicar o ano que vem. Elas perguntaram: como é que a gente monta a apostila? Com qual das idéias? A idéia? Com a idéia exatamente que vocês pesquisaram. Então, elas voltaram e se animaram outra vez e continuaram. (...) Tem muitas coisas interessantes que as professoras trouxeram, a corda que tem vários nós e como eles fazem realmente, quando o terreno é acidentado. Elas dão conta disso.

O engenheiro deixou-as preocupadas, ele ficou uma tarde inteira com elas. Elas não entenderam nada. (...) Ele veio com uma apostila enorme cheio de coisas. Daí, elas me deram a apostila e disseram: Professora nós não entendemos nada, ele ficou uma tarde inteira com a gente. (O engenheiro foi muito disposto a dar as informações, ficou uma tarde com elas) Elas disseram que ficaram tão agoniadas que não sabiam como sair de lá, porque ele estava tão atencioso com elas e queria explicar tanto e queria que elas saíssem com entendimento daquilo que ele falava e elas não conseguiam. Elas disseram que tinha hora que elas só se olhavam, mas pensavam outras coisas enquanto ele falava, falava. E daí elas pensavam: Ai, meu Deus!

Foi um alívio o agrônomo ter vindo porque tirou aquela sensação de que elas tinham que ter aquele domínio técnico, de tudo aquilo que o engenheiro havia passado daquela forma. Então foi interessante.

O que eu acho bacana no grupo hoje, é que nós temos uma relação de intimidade, elas não se envergonham de pedir as coisas para mim, de me perguntarem as coisas que elas

tem dúvidas e elas relatam as coisas mais simples, numa boa, sem medo. Dessa forma, estamos conversando, elas me dizem aconteceu isso, isso e isso. A outra vem e diz tal, tal e tal coisa. Essa relação é que acho que ficou bacana, essa ligação da gente. Então, lá no meio da conversa, estamos falando de medidas, então, elas me dizem... minha última reunião foi assim. Elas me falaram: Sabe estou descobrindo que o aluno de 4ª série não está gostando da Matemática por causa da taboada e eu acho que é tabuada, porque toda vez que pergunto da taboada, acontece dos alunos ficarem apreensivos. O que você sugere para que a gente trabalhe a taboada, para que amenize isso? Aí eu paro um pouquinho e começo a discutir outra coisa que elas necessitam, mesmo que esteja fora do nosso assunto. De repente elas me pedem outra coisa. Ah! Eu me deparei com isso e estou com dificuldades, como é que eu posso lidar com isso em sala de aula. Então nós conversamos sobre aquilo. Cada vez nós discutimos mais coisas e elas tem trazido também para mim material que elas coletam, por exemplo: sobre Medidas Agrárias elas conseguiram bastante coisas que eu não tinha. Então, elas trouxeram para mim, assim como eu quando tenho, tudo que eu tenho levo para elas.

Então, nós temos discutido como tem sido enriquecedor tanto para elas quanto para mim esse nosso trabalho conjunto. Eu tenho aprendido muito e tenho manifestado sempre isso para elas. Eu digo: Nossa acabei de aprender uma coisa. Que jóia! Enquanto eu falei uma coisa e elas falaram outra. Eu disse: Puxa, gente! Acabei de aprender isso. Eu não tinha pensado desse jeito. Então, eu acho que isso faz com que elas se sintam muito a vontade, nas nossas conversas. Agora, na próxima reunião elas pediram. (...) Eu dei algumas idéias. A idéia é essa, quando eu falo alguma coisa para que elas apliquem, cada qual em sua série no momento que isso acontecer e depois voltem para dizer o que aconteceu. Se foi legal, se não foi, se o aluno compreendeu. Esta última vez foi isso, porque nas outras eram dúvidas mais pessoais, de conteúdos que elas tinham, dúvidas que elas tinham em relação ao conteúdo. Então, nós discutimos, tanto é que a proposta do nosso trabalho de Medidas em forma de atividades vai ser assim. Elas vão propor aos alunos e nos vamos fazer um estudo de tudo aquilo que eles forem desenvolvendo, no ano que vem. Tipo o que foi mais difícil, se eles compreenderam facilmente, se eles conseguiram resolver os problemas, porque vai ter momentos em que vai ter atividades propostas e atividades pra eles elaborarem e buscarem junto a população, juntos aos pais, tios e outros. Então, nós vamos analisar o que foi mais

fácil pra eles. Então, no ano que vem, não tinha aparecido nada. O que aconteceu? O ano passado eu trabalhei com cursos com elas e fiquei bastante chateada com meu curso, não deu tempo de trabalhar muitas coisas. E aí nesse último encontro elas me falaram: Ai professora me deu click agora, você trabalhou conosco no curso, lá sobre tal coisa. Aquela atividade. Agora apliquei mais aquela atividade porque eu acho que agora serve pro momento que a gente está e eu não sei muito bem. E aí eu percebi que naquele meu primeiro curso eu falei muitas coisas, coisas que até elas não conseguiram captar, que era necessário fazer, e agora...passou um ano elas se deram conta de que aquela sugestão cabe e então nós discutimos no último encontro aquela sugestão. Eu disse: gente, tente fazer assim, sabe . Elas estavam falando de algumas coisas, dei algumas sugestões, elas iam aplicar, agora vamos ver o retorno. Se elas fizeram, como é que foi. Eu disse: usem o papel quadriculado. (Eu sou muito fã do papel quadriculado), até mesmo para a taboada e aí elas pediram para que eu relembrasse aquela atividade do curso com elas, tem sido assim, eu acho que o grupo tem me proporcionado esse aprendizado no sentido que trazem coisas para mim e fazem eu refletir também. (...) Dominar no sentido de compreender para depois ver como é que eu penso isso para o meu aluno que é diferente. Existe uma diferença entre eu compreender, eu não passo a minha compreensão para os outros, ele tem a própria compreensão. Isso a gente fala no grupo sempre. Outra coisa que eu tenho enfatizado e acho que o grupo também tem é de que, principalmente na área de Matemática, o material de manipulação é importante, o material didático, o aluno tem que ter porque é próprio da fase dele. Então, não adianta eu demonstrar uma coisa aqui... e ele não ter, porque ele tem que pensar sobre o material. Ele tem que fazer relações, pensar. Então, tudo isso a gente conversa no grupo e então, o que eu vejo com os demais é que existe muitas coisas comuns na nossa fala, isso ficou muito claro nos Seminários, nós estamos em sintonia, um pouco pelas nossas falas aqui no PPCP. Outra coisa que a gente discutia numa das reuniões, é porque quase todos nós viemos do mesmo Mestrado, talvez isso faça com que tenhamos a mesma linha de trabalho. Então, mesmo sem combinar algumas coisas, a gente age da mesma forma. É mais ou menos assim. Eu não sou diferente de ninguém, só sinto que a minha dificuldade agora é aquilo que a Glorinha tem nos alertado é uma forma de registrar os acontecimentos. Eu já vi que perdi muitas coisas das nossas conversas assim, exemplos, as professoras de Porto Barreiro falando lá dos seus

alunos. Eu não registrei nada. Pensei a partir de agora em levar um gravador. Já conversei com elas para ver se elas aceitavam. Elas também vão levar um gravador porque mesmo procurado anotar quase que tudo, não conseguem. Então combinamos eu levo o meu e se elas quiserem elas levam o delas. Eu perdi muita coisa já." (DG, Ibidem, p. 36-48*)*

"A Secretária aqui fez uma pasta para cada grupo e cada grupo tinha o compromisso de fazer um relato depois de cada visita. Como nós orientamos os grupos de manhã, só a Doró que orienta a tarde, a nossa proposta pelo menos a Márcia, Ariel e eu era essa, a tarde nós vamos sentar e registrar. Só que você acaba se envolvendo com outras coisas e não registra e aí você acaba perdendo. Então, isso é uma coisa que está faltando no nosso grupo. Eu sinto que está faltando isso, a gente precisa sistematizar." (WS, Ibidem, p. 48)

"Eu sou desorganizada, aí é uma falta de organização minha e isso eu acho que eu incuti no grupo. Elas deixaram de sistematizar muitas coisas porque aquilo que não é hábito da gente você não passa para o outro. Então, elas também não estão registrando, agora eu pedi para elas, vamos começar a registrar lembrar tudo o que fizemos. Aí pegamos o nosso projeto, que é muito simplezinho, que tem todas as dicas do que nós íamos fazer. Os objetivos... O relatório elas mandaram, eu pedi, mas perdeu muito do processo pela falta do registro diário. Elas evoluíram muito, uma delas disse: Ah! Professora tive que pegar uma 4ª série porque houve uma invasão lá. Ela foi trabalhar com os posseiros. Ela precisou assumir uma turma e disse: "Eu só tive coragem de assumir essa turma, graças ao grupo, porque se eu não estivesse no grupo, eu nunca teria coragem de assumir uma turma que eu nunca atuei." Ela atuava na 1ª e na 2ª agora ela assumiu uma 4ª série e ela disse: "Foi fácil para mim, antes eu jamais teria aceitado essa situação porque eu tinha medo e o grupo já me mostrou que eu sou capaz."

O Seminário foi um desafio que a gente colocou, foi enorme esse desafio, o Seminário de Julho. Esse Seminário serviu para elas muito mais do que a gente podia pensar." (DG, Ibidem, p. 48 – 50)

"Isso sem contar que nós nem ensaiamos." (CL, Ibidem, p. 50)

"Não fizemos isso, então ela me falou: "Se não fosse o grupo, quanto eu cresci no grupo, o quanto eu descobri que sou capaz." Outra coisa que a gente sempre fala... Eu

sempre estimulo muito, digo sempre aquilo que você não conhece você é capaz de conhecer, aquilo que você não compreende você é capaz de compreender. Então, essa auto-estima que a gente procura desenvolver e sempre valorizando a fala, deixando todo mundo falar numa boa. Ela fala a gente contribui. O que vocês acham que pode ser melhorado aqui e ali? Isso foi modificando o grupo no sentido delas terem auto-estima e acreditarem no potencial. Elas estão acreditando. Eu percebo que o meu grupo evoluiu nesse sentido. Eu não sei agora, eu tenho um próximo curso marcado. A minha primeira impressão do primeiro curso com elas foi terrível, elas não tinham conhecimento, o conhecimento era mínimo, tudo era muito difícil. Eu fiz uma atividade com uma intenção elas levavam pro outro lado. Era tudo complicado. Daí eu falei: Puxa vida! Agora eu quero ver no que o grupo já conseguiu melhorar porque no meu grupo (oito professoras) eu sinto uma diferença muito grande. Dispostas a leitura elas são, tudo que você leva e elas lêem, sempre receptivas, tudo que você propõem elas tem boa vontade, elas aceitam. Eu tenho colocado tarefas, eu falei vamos relembrar e sistematizar, dei tarefas individuais e coletivas. As individuais pedi para elas fazerem uma História de vida profissional, falando como elas se sentem como professoras, onde elas se sentem melhor, dando aula de Português, Matemática? Enfatizando a Matemática e como foi isso durante o trabalho delas e agora no grupo. Perguntando, se o nosso trabalho de estudos está refletindo de uma forma mais positiva nas aulas delas, então tudo isso elas vão escrevendo para mim e os trabalhos coletivos, relembrando o que nós fizemos. Como eu já disse nós não registramos nada. E pedi para elas serem minuciosas, pedi para elas colocarem sentimento. Vamos ver o que elas vão fazer. Eu disse: Depois a gente vê essa escrita e isso aí é o que nós vamos abordar no Seminário de Dezembro. A preocupação delas agora é o outro Seminário. Elas disseram: Professora nós não produzimos nada. Eu disse: Nossa não digam isso. O produzir para elas e ter volume de coisas, é mostrar material. É porque na outra vez elas fizeram uma maquete de um terreno e fizeram toda a explicação de como o agricultor fez a medição daquele terreno. Elas fizeram a maquete em uma determinada escola, então elas tinha coisas a contar e o que elas estudaram sobre medidas que começou desde a parte histórica, enfim tivemos bastante coisas em termos de estudo e agora elas disseram que não tem nada. Eu disse: Nossa o que tem!. Elas tem muita coisa, só que elas não tomaram conta porque não tem esse volume visível." (DG, Ibidem, p. 51-52)

"Vou fazer uma volta na minha retrospectiva histórica e mostrar porque gosto de Alfabetização e porque mesmo não trabalhando no Curso de Pedagogia com a Metodologia da Alfabetização eu insisto em estudar, pesquisar a Alfabetização. Em 1968 eu fui professora de uma 1ª série de uma classe especial, aonde me foi colocado um desafio. Eu recebi alunos, naquela época fazia-se remanejamento de alunos. Quando cheguei na escola para assumir a classe, peguei dezoito alunos que eram aqueles considerados os piores alunos de cada turma. E fui durante dez anos professora alfabetizadora e trabalhava com aqueles métodos mecânicos de Alfabetização e tudo mais. Quando fiz a minha Dissertação de Mestrado, a minha pesquisa foi a questão, foi a Educação Infantil e a Alfabetização. Só que quando eu fui fazer a minha análise eu não pude perceber o efeito da Educação Infantil, da Pré-Escola na Alfabetização, porque geralmente a gente não consegue ter essa visão. Então, acabou sendo o meu trabalho sobre o Ciclo Básico.

A partir daí, eu sempre me interessei, a minha preocupação sempre foi Alfabetização. E quando eu assumi o grupo eu fiz questão de ficar na área da Alfabetização, até porque sempre foi minha linha de pesquisa... E estou aqui desde 1991. Então realmente desde 1991, quando nós começamos até hoje, são 7 anos, Sete anos trabalhados, completamente diferentes. A gente diz assim: muitas pessoas entraram no grupo, no meu grupo essencialmente e muitas tinham uma idéia que vinham para cá trabalhar nos cursos de extensão. Só que essa idéia não permaneceu, na realidade ficaram as pessoas que estavam interessadas na questão da pesquisa. Agora fazendo uma relação com Porto Barreiro, eu acho ótimo, porque eu tenho uma pessoa para trocar figurinhas que é a Maristela que está começando agora conosco. Mas a dificuldade que a gente tem sentido, eu pelo menos em relação aos outros grupos foi exatamente que os professores estão em processo, não que os outros não estejam. Mas por exemplo a Doroteya está vendo Medidas Agrárias pra ser um assunto que quando ela for trabalhar no ano que vem, as professoras já estejam trabalhando, já estejam preparadas. Alfabetização, não. Alfabetização Corinta, foi mudança de paradigma para os professores, enquanto eles estão alfabetizando. Então eu não só tenho trabalhado nos encontros como eu também tenho atendido pessoalmente. Eu estou trabalhando com eles aqui, eles têm vindo aqui. Então, eu digo assim: Eu não sou assim ... nós não somos só facilitadores. Eu me sinto nesse momento como se eu tivesse responsabilizada, inclusive, entre

aspas, pelo fracasso de alguns professores, porque eles estão colocando: Mas agora não está dando certo, o que nós vamos fazer agora. Eu disse: Calma gente! Vamos ver, tragam os textos dos alunos, vamos classificar esses textos, a grosso modo. Eu disse: Não, mas esse aluno já está passando da fase silábica para a fase alfabética. Mas é que o professor ainda está muito preso aqueles paradigmas anteriores, que ler e escrever é leitura e escrita correta. E sem contar que sendo profissionais leigos, eles estão fazendo escolaridade agora. As professoras alfabetizadoras elas estão em processo junto porque a Doroteya esqueceu de falar um relato muito importante do ano anterior quando nós fomos nas escolas fazer visita, fazer acompanhamento. Então, aconteceu o seguinte: quando nós chegamos na escola, a professora de uma classe multisseriada, ela me fez tomar leitura de todo mundo para mostrar que os alunos sabiam ler. Essa professora tinha 20 e poucos anos de magistério. E quando nós chegamos na escola dela, ela disse: Gente vocês podem fazer o que vocês vieram fazer. Ela disse: Pronto agora tô roubada é hoje que eu ganho minha conta da prefeitura. Ela falou depois em outro encontro, não naquele momento. Então, eles nos consideravam, consideram (ênfase) os doutores. Eu disse: Gente, capaz ninguém aqui é doutor, nós estamos aqui em aprendizagem, em processo e tal. Mas você sente que eles tinham até medo. Diziam: O pessoal vem aqui só para dizer que nós estamos errados. Ela dizia assim: Olha professora eu estou fazendo assim, mas tudo que tiver errado, a senhora por favor me diga o que eu estou fazendo de errado. Então, a gente fazendo uma leitura, percebe que as coisas acontecem, era ritual nas administrações anteriores da Prefeitura, quando ainda Porto Barreiro pertencia a Laranjeiras do Sul, que a pessoa que ia visitar as escolas, ia fiscalizar, fazer um trabalho de fiscalização, para ir apontando os erros. (...) Dos textos que nós trabalhamos... aliás eu já tive oportunidade de fazer dois cursos com eles. Todos os professores participaram. O primeiro curso a Glorinha assistiu, nós trabalhamos com coisas bem elementares, questão de conceito de Alfabetização, é bem no princípio ... mais no sentido de saber o que, como é que eles trabalhavam. E nesse segundo curso é que entrei de fato nas questões, hoje mais faladas na Alfabetização, que são as hipóteses da leitura e da escrita. Mesmo assim eles ainda têm uma dificuldade de compreensão porque para eles ainda falta conteúdos básicos da Psicologia, da Filosofia, da História da Educação e tudo mais que eu não considero isso como ponto principal, mas muita coisa que você vai falar, muitas vezes você tem que fazer uma retomada

anterior para eles terem esse nível de compreensão. Então por exemplo: Por que o professor se sente tão angustiado quando a criança não lê? E aí a Supervisora numa tarefa meio ..., eu acho até bastante fiscalizadora, antipática, lá. Ela vai tomar leitura nas salas. Ela vai tomar leitura dos alunos em sala. É ela que cria aquele clima. "Ah! Aqueles alunos ainda não estão lendo ainda."(...)

Mas aí acontece o seguinte, veja bem Corinta, eu até me propus: Ela disse que vai fazer exame de leitura no final do ano. Então, eu disse assim: Eu gostaria de estar junto nesse exame de leitura. Veja bem, vai uma pessoa que diz que vai fazer um exame de leitura, voltando ao passado, porque isso pra mim é retrocesso. Ela se diz progressista, mas na realidade permanece na mesma. (...) Então foi ela que disse: Os alunos não estavam lendo porque eu tomei leitura dos alunos e não sei o que. Ela fez um exame de leitura num dia, fez um exame depois que elas começaram a trabalhar noutro dia e me trouxeram as escritas dos alunos. Daí, eu fazendo comparação do que ela havia feito de leitura e de escrita. Eu disse esse aluno bate, ele está em processo. Agora, veja bem, você ir para a coordenadora da escola, a coordenadora da escola vai tomar leitura, você acha que essa criança vai ter condições de ler? Tem o problema emocional, tem o problema que a criança muitas vezes se depara com um texto que a criança não está familiarizada, quer dizer é voltar ao passado. Bem, aí Corinta eu me propus ... Veja bem elas fazem a comparação do grupo que está comigo e do grupo que não está comigo que faz parte de outra escola e que tudo indica trabalha dentro de um processo mecanicista dentro da Alfabetização. Então, eles dizem assim: Aquele grupo está lendo. Mas o que está lendo? As lições da cartilha. (...) Quando iniciei com o grupo eu disse: Vamos trabalhar a questão da alfabetização com a visão de hoje. No passado quando a gente trabalhou Alfabetização, a gente mostrou que os métodos mecanicistas já eram. então para eles isso já tem claro, até porque muitos professores já são professores alfabetizadores há muito tempo, já passaram por aquele currículo básico que já falava em um novo conceito de Alfabetização. Então, na realidade isso para eles já era uma coisa que estava vencida. Agora, o que eu sinto é a dificuldade, é exatamente do professor passar da teoria para a prática, porque a gente não está lá todos os momentos, a gente não pode estar respondendo todas as indagações. Então, veja esse ano mesmo eu fiz três encontros fora dos nosso encontros lá, eles vieram até aqui, para a gente conversar, para a

gente pensar alguma coisa, para a gente pensar material, para a gente fazer propostas de trabalho tudo mais. (...) Mas isso, eu sempre deixo bem claro, digo: Olha, você ... nós estamos num processo de construção, então você ... Mas eu deixei bem claro que a prática deles daqueles professores que sempre foram bem sucedidos, mesmo dentro de uma prática mecanicista. Então, eu sempre digo pra eles, que eles não devem abandonar aquilo que eles já tem construído, até porque serve de suporte. Eu inclusive dou sugestões de trabalhos, atividades e tudo mais, usando as práticas que eles já tem, porque é muito complicado. (...) Eu só trabalhei no seguinte sentido. Não colocando, não impondo a questão das hipóteses silábicas, alfabética e tal, mas para eles verem que a criança está sempre em processo para derrubar aquele mito que eles tinham. (...) Para derrubar aquele mito que eu acho que foi um êxito que a gente conseguiu. Foi eles tentarem ver que a criança que está escrevendo errado, ela está em processo. Então, para mim e o fato deles estarem fazendo um bom trabalho que já foi uma coisa que foi válida. Eles dizem assim: mesmo que o troço mude, eu já estou entendendo o processo de Alfabetização, eu trabalhei tanto tempo sem entender. E agora eu estou entendendo, então, eu acho que isso já foi um mérito." (Reunião do PPCP – 16/11/98 – CL, Fita nº 25, Di nº 10, p. 56-75)

Eu não participei do grupo de Porto Barreiro desde o início. Eu tinha que ministrar um curso lá. E eu me sentia insegura com o que trabalhar. Então eu procurei a Regina e falei, eu quero falar com a Wanda, que eu não quero ir, eu acho que eu estou sozinha, não tem ninguém de Língua Portuguesa. Tinha a Clarice, que é de Alfabetização e a Maristela entrou agora. Eu disse que eu precisava .... eu preciso expor o que eu tenho para dizer, eu leio um livro e exponho para elas e elas discutiam comigo e eu nunca fiz isso. Sabe? E tentei até montar um grupo na rede pública como funcionária, mas acabei até pedindo licença sem vencimento porque não tem espaço. Acredita que as professoras da minha escola e de outras escolas, entraram em contato comigo, pediram que eu preparasse aulas para elas, no final de semana e elas me pagavam, daí eu pedi licença sem vencimento. Não consegui. Eu queria perguntar sim e eu queria saber, Português, digamos: Por onde começar? Organizar um projeto e realmente fazer uma pesquisa e daí quando o professor Dario chegou aqui e colocou aquelas idéias começou a ferver. Quando eu comecei a estudar para fazer o concurso de Estágio Supervisionado, quando eu estava estudando, lendo os textos do ENDIPE, eu tinha

certeza que não era o momento, que não era possível. Sabe? A formação estava muito longe de mim e a pesquisa também. Quer dizer fiquei preocupada de repente com o sustento lá na minha casa, mas onde estava todo o resto do suporte? Aí, até eu liguei para a Maristela e disse: Maristela leio o livro tal, vamos sentar e discutir? Eu preciso perguntar. Eu preciso dividir. Sabe? Um grupo de Português. Eu preciso de respostas, eu preciso saber se o que estou dizendo está certo e por onde começar para desenvolver um trabalho em nível deles de Porto Barreiro." (NM, Ibidem, p. 77-78)

"Eu comentei com você que o trabalho lá de Porto Barreiro foi construído no trabalho com o grupo de lá e talvez essa dificuldade que você está vendo é porque o grupo de Português não participou." (MG, Ibidem, p. 78)

"É eu estou retornando ao grupo. Eu quase não falo, mas quando eu vim aqui, aqui me senti em casa, lá fora não, porque o que eu falo aqui me ajudam de alguma forma, mesmo eu não podendo estar aqui sempre, mas essa comunicação, esse medo de falar, isso eu tenho." (NM, Ibidem, p. 79)

"O nosso grupo primeiro foi um grupo geral, chamava-se Grupo Geral, para a gente poder englobar todas as áreas que as prefeituras solicitavam e que não se enquadravam nas áreas específicas. E agora nós estamos percebendo que o nome não combinava com o que nós estamos fazendo. Nós já participamos de "Educação para o Trânsito", estamos participando de "Educação para Paz" e alguns cursos que a gente deu esparsos, de avaliação, planejamento, pesquisa e tudo mais. Mas o nosso trabalho está se delineando e a gente está conseguindo entender qual é nosso espaço no projeto, em Porto Barreiro e tudo mais a partir desse ano, porque aqui no PPCP, eu estou desde 1995, a Glorinha é mais recente 1997 e o Edélcio também é mais recente 1996 e 1997. Eu estou aqui desde 1995, então as outras áreas já estavam trabalhando, já estavam ministrando cursos e só então é que a gente começou a pensar nessa área, nesse grupo. Em fevereiro de 1997, o que foi interessante é que a gente recebeu esse convite para desenvolver um projeto em Porto Barreiro, que seria então a 1ª gestão. Eles eleitos lá em Outubro de 1996, então em 1997, fomos desenvolver o projeto. Todos os outros grupos atuaram através de Cursos. No final de 1997, pediram curso da LDB, foi quando nós estivemos lá, trabalhando com os professores. E no final de 1997, avaliando, o que foi o ano de 1997 em Porto Barreiro, e o que a gente poderia planejar em 1998,

pensamos em não só cursos, mas estruturar os grupos de estudos. E em um primeiro momento com a Secretária de Educação e com o PPCP, foram estruturados todos os grupos. Se pensou em estruturar os grupos na área de Português, Matemática, História, Geografia e tudo mais, menos um grupo que atendesse a Secretaria Municipal de Educação, que discutisse com ela e a gente pudesse atuar. Eu acho que até foi uma chamada de atenção da Glorinha. (...) E a partir disso que a gente constituiu esse grupo, tem feito leituras. Como a Glorinha falou, participaram do grupo: pais, a Secretária, Vereadores. Já conversamos com o Prefeito. Mas o que estamos fazendo é diagnosticando, todo esse ano, o que a gente pode dizer o que fez foi um bom diagnóstico da Educação em Porto Barreiro. (RP, Ibidem, p. 85-87)

"Completando o que a Regina disse, além desse diagnóstico, nós fizemos várias leituras e discutimos com eles, lá em Porto Barreiro. Uma característica interessante no nosso grupo, que é eu, a Regina e a Glorinha é que nosso grupo é heterogêneo. A Regina trabalha com questões de Avaliação e Estrutura Educacional. Eu trato da Municipalização. (...) Eu acho que essa heterogeneidade tem sido importante e nessa questão de identificação de área, ele ficou apelidado de Fundamentos, porque nunca paramos para pensar que área estávamos atuando para dar um nome. E segundo porque as coisas não estavam e não estão ainda bem definidas em relação a nossa atuação. Não sei se você e a Glorinha concordam comigo. Parece que não estão bem definidas ainda, porque nós estamos construindo junto com a Secretaria, com essas pessoas todas que se envolveram nesse grupo. Nós estamos vendo ainda o que construir com eles. Alguns elementos em sido bastante importantes, para mim tem sido importante porque a minha Dissertação de Mestrado que eu defendi agora em agosto, trata de algumas coisas assim. Então, eu trabalhei em outro município porque o meu trabalho é anterior a minha vinculação com o PPCP. Interessante é que as constatações com o outro município que eu pesquisei, podem ser constatadas em Porto Barreiro também, isso tá batendo, em um trabalho que nós fizemos, isso está ficando claro. (...) Eu pesquisei aspectos políticos e legais na municipalização do ensino. Então eu pesquisei o município de Prudentópolis, que tem uma caracterização totalmente diferente que é Porto Barreiro, hoje, em termos de demografia, de população, vários itens são diferentes. Então eu pesquisei isso e conclui algumas questões interessantes. A primeira delas é que não existe sistema municipal de Educação, nem em Porto Barreiro e tanto menos em Prudentópolis, onde pesquisei.

Municipalização da Educação também não existe. Existe apenas um repassar de responsabilidades, descentralizou a despesa, descentralizou a desqualificação dos professores e o município simplesmente teve que assumir tudo. Então, a primeira idéia a trabalhar no município, foi trabalhar questões para tentar ajudar a Secretaria a se organizar para resolver esse tipo de coisa. E acho que o pano de fundo é o Projeto-Pedagógico do município, porque tudo isso que eu estou colocando é mais diagnóstico mesmo. Mas o que está se discutindo lá na frente é a organização da Secretaria como Secretaria mesmo, não como um mero Departamento e não como um órgão fiscalizador dos professores, mas no sentido de construir o Projeto-Político, parece que isso está se encaminhando e é uma proposta que parece que está sendo aceita, as pessoas estão aderindo a isso. É importante que isso está extrapolando a escola. Quer dizer, não é mais só as outras áreas que estão dentro da escola com os professores, esse grupo está extrapolando, está vindo a Câmara Municipal, está vindo o Conselho Escolar, a APM, sem regularidade é verdade, mas eles estão se interessando pelo trabalho." (ES, Ibidem, p. 88-91)

"Na próxima reunião dia 26, vão estar reunidos os conselhos já constituídos, os Vereadores, Secretária, para discutir algumas questões, o grupo vai anotar e são questões fundamentais para construção e estruturação do Projeto Político-Pedagógico das escolas." (RP, Ibidem, p. 92)

No final da reunião marcamos o horário para nos reunirmos durante a tarde com os Grupos de Pesquisa de Porto Barreiro.

Analisando as falas dos/as componentes do grupo, percebo que cada um centra o seu relato em aspectos diferentes e vai gradativamente expondo suas visões sobre: o grupo do PPCP; o seu grupo de área; o trabalho de Porto Barreiro; como se sente em relação ao grupo do qual é facilitador; se é facilitador ou orientador; como iniciou o processo, partindo dos saberes, produzindo uma passagem ou ruptura; como vê a pesquisa dos/as professores/as, se é produção de conhecimentos e saberes ou só desenvolvimento profissional; enfim, como a experiência de Porto Barreiro nesse momento estava lhes passando, que sentidos estavam produzindo.

Para que o/a leitor/a possa dialogar com o grupo, por meio desse trabalho, abri espaço para suas vozes, para que narrassem como estavam construindo seu trabalho, dessa forma

tentando atenuar o monopólio da narrativa que está sendo meu, como produtora de uma tese de Doutorado. Tese que seria muito mais interessante e enriquecedora se fosse sistematizada na parceria, porque a ação que é enredo, assim foi construída. Mas enquanto as coisas assim são, me limitei a abrir este espaço e outros que já apareceram e aparecerão.

O professor Ariel explica como o grupo inicialmente se constituiu, grupo de professores/as que fazia extensão em vários municípios do Estado atendendo a solicitação de Secretarias de Educação. Ele diz: "começamos a vender cursos."... Essa colocação no contexto das nossas discussões, tem um sentido de ironizar, porque na Instituição, alguns/mas professores/as que não participam do grupo, imaginam que quem está no grupo é simplesmente por dinheiro e que o grupo ganha muito dinheiro com os trabalhos que desenvolve. É evidente que o grupo é remunerado pelos seus trabalhos, contudo durante o tempo que estou participando do grupo, o que constatei foi um trabalho sério, dedicação, vontade de construir caminhos e principalmente interesse por constituir um espaço de discussão, de aprendizagem que muitos/as comentaram não encontrar em seus Departamentos. Inclusive presenciei várias situações que os/as professores/as trabalharam em municípios vizinhos, mesmo levando meses para receber o pagamento, continuaram no grupo. A única manifestação que vi, foi perguntarem, quando receberiam, mas continuavam os seus trabalhos normalmente.

Ele continua seu relato comentando que foi trabalhar com História, convidou outros/as professores/as do seu Departamento, sendo que ninguém aderiu ao grupo pelos mais diversificados motivos. Como a proposta do grupo era aberta, permitia que professores/as de fora da Universidade participassem do mesmo, questão que ele considerou bastante positiva, porque trouxe ao grupo contribuições marcadas por outros "olhares", de acadêmicos/as e de professores/as da rede pública. As propostas do grupo vão se modificando, extrapolam o "só dar cursos" e partem para um processo de produção da História e Geografia de um município, no caso de Porto Barreiro. Processo de trabalho que veio ao encontro da concepção de ensino do Grupo de História, que na minha análise entendem o processo de ensino-aprendizagem, como espaço de produção de conhecimentos e saberes.

Na seqüência o professor Ariel faz uma análise das concepções de História do seu Departamento, sendo que na origem da Universidade eram na maioria "Positivista", uma

História “narrativa e linear”, com ingresso de outros/as professores/as do Departamento, gradativamente esse quadro vai se modificando.

Quanto ao trabalho que o grupo de História desenvolveu em Porto Barreiro, a sua postura é aberta, não estabelecendo o binômio opositor bom ou ruim, como critério de avaliação, mas fazer o que acredita, optar por um caminho, que segundo suas colocações é “trabalhar a pesquisa e o ensino integrados, o ensino e a pesquisa integrados não só para aqueles professores, mas integrados em todas as suas áreas...”

Em suas colocações observo que há uma preocupação em acentuar a dinamicidade dos processos de constituição do grupo do PPCP, do grupo de História e do trabalho de Porto Barreiro. Preocupação que sinaliza para uma compreensão de mundo, onde o “ser” é sujeito construtor, agente de transformação.

Ao falar da integração ensino-pesquisa que está ocorrendo no trabalho de Porto Barreiro é também da integração de áreas constituidoras do PPCP, sinaliza que os grupos de áreas estão iniciando um rompimento com os limites delimitadores do seu “campo de conhecimento” e constituindo um espaço onde o ensino e produção de conhecimento e saberes se unem se mesclando.

Analisa o trabalho como um processo que está sendo construído na emergência da prática, que está sendo formativo para nós professores/as universitários/as e assume com humildade epistemológica, que teoricamente as coisas ainda não estão claras em relação ao processo de produção de conhecimentos, “do que seja pesquisa-ação”, em relação as sistematizações do nosso grupo constituídos por professores/as universitários/as.

Diz que sente que mudou, que precisa rever “uma porção de coisas que achava que estavam corretas”, que a prática pode produzir acomodação, daí a importância da interlocução. Compreende as mudanças que ocorreram consigo, vinculadas à História da sua formação como professor universitário.

Entende que o trabalho dos/as professores/as de Porto Barreiro é importante para a História do Estado do Paraná, é produção de conhecimento, é uma experiência que está produzindo referências para nós professores/as universitários/as, ampliarmos o trabalho a outros municípios e o grupo está “contribuindo para a mudança de concepções”.

A professora Doroteya inicia a sua narrativa contando que é da área de Matemática

participa do grupo desde a sua origem. O motivo que levou-a a ingressar no grupo foi ter percebido que seus/suas alunos/as de Estágio Supervisionado tinham várias dificuldades em Matemática, assim como ela. Sentindo que havia necessidade de continuar a sua formação, busca continuá-la por meio de estudos em parceria, tendo como interlocutor, nesse primeiro momento do grupo o professor Dionísio Burak[81]. Juntos tentaram direcionar o grupo para estudos de vários temas, não conseguindo dar esse encaminhamento devido a rotatividade dos participantes. Conseguiram manter alguns acadêmicos no grupo, no início da constituição do mesmo, quando dispunham de Bolsas de Estudos concedidas por órgão governamentais.

É interessante no depoimento da professora Doroteya que ela diz que procurou o grupo com a finalidade de estudar, de ter alguém para trocar idéias, contudo os estudos em grupo não se consolidaram. Sua formação na Graduação deixou lacunas, mas pelo fato de iniciar um trabalho voltado para a formação de professores/as de 1ª a 4ª séries, ministrando cursos de extensão, precisou estudar, pesquisar, dessa forma construindo o seu trabalho docente, mesmo ficando só, com a saída do professor Dionísio. Assim, vejo que as necessidades da prática foram constituidoras do seu trabalho.

Entusiasmada com o trabalho de Porto Barreiro, considera-o interessante pelas aprendizagens que está proporcionando para o grupo de Porto Barreiro e para sí. O grupo investigou uma temática que no contexto era necessário. A professora Doroteya no início do trabalho assume uma postura de abertura e humildade ao dizer ao grupo, que iriam aprender juntos/as que ela também não sabia Medidas Agrárias.

O grupo parte do resgate de saberes dos agricultores, busca o conhecimento científico que no caso é representando pelo Engenheiro e o Técnico Agrícola. Há um embate. O conhecimento científico com sua exatidão e fórmulas não é viável à proposta. O que a professora faz? Analisa a situação e com o auxílio do Técnico Agrícola que tem uma formação mais flexível que o Engenheiro, vai mostrar para os/as professores/as que o conhecimento é o mesmo, só que são visões e caminhos diferentes para realizar a mesma coisa, que nesse caso são os cálculos das Medidas Agrárias.

Essa questão me leva refletir sobre as colocações de Zeichner, quando diz que há uma

[81] Nessa época (1991) o professor Dionísio Burak estava concluindo a sua Tese de Doutorado, em Metodologia de Ensino, na Unicamp, a qual tratava da Modelagem Matemática.

divisão entre o mundo dos pesquisadores acadêmicos e dos professores-pesquisadores, quer dizer, há uma separação entre os saberes e conhecimentos produzidos na Universidade e os saberes e conhecimentos produzidos por aqueles/as que não pertencem a esfera acadêmica.

Essa é uma discussão sobre as relações de poder, privilégio, voz e status que ocorrem na produção de conhecimentos. *"Quanto mais abstrato o trabalho, mais alto seu status na hierarquia acadêmica; e, quanto mais útil e aplicável, mais baixo é seu status."* (Somerkh, ap. Zeichner, 1998, p. 209-210)

Zeichner explica essa questão em relação a produção do conhecimento educacional, contudo essa questões permeiam a produção de conhecimento de outras áreas e refletem-se na formação dos profissionais. No caso ocorrido em Porto Barreiro, as reações que o Engenheiro Civil apresenta são compreensíveis, ele está habituado a lidar com cálculos exatos, de acordo com fórmulas matemáticas legitimadas pela ciência e o seu trabalho assim o exige.

O Técnico Agrícola possui o conhecimento acadêmico, mas também possui a experiência de trabalhar com agricultores, por isso busca equilíbrio, não rompe com os saberes dos agricultores e parte desses saberes, porque para as necessidades do seu trabalho foi esse o caminho que construiu.

Nesse embate a professora Doroteya conduz as discussões com tranqüilidade ao comparar maneiras diferentes de abordar o mesmo problema, o cálculo das Medidas Agrárias. Faz uma análise com o grupo e optam pelo cálculo que os agricultores utilizam em suas práticas, porque é o que as crianças precisam e no momento necessitam e podem aprender.

Observei que essa experiência que o grupo de Matemática viveu, foi bastante significativa para o grupo compreender os processos de produção de conhecimentos e saberes. Um dos aspectos positivos enfatizados pela professora Doroteya foi que ao pesquisar, ao discutir, o grupo constituiu relações de cumplicidade, espaço de confiança, e as discussões extrapolaram a temática estabelecida. Ela percebe o trabalho do grupo como um trabalho conjunto na qual está inserida, onde a aprendizagem é mútua e a professora manifesta: "Puxa, gente! Acabei de aprender isso". Seu trabalho tem por princípio a sugestão, à medida que os/as professores/as a usam, discutem se são coerentes para as sua práticas pedagógicas. Há respeito pela opção dos/as professores/a, está se concretizando "um currículo em ação" diferente do que usualmente acontecia.

O grupo planejou a elaboração de uma apostila contendo sugestões para que professores/as as aproveitem em sala de aula. A idéia desse trabalho considero bastante interessante porque parte do princípio de serem atividades "testadas", com alunos/as e elaboradas por eles/as partindo da pesquisa deles/as, junto à família e à população. Isso mostra que um outro processo de ensino-aprendizagem está nascendo nas salas de aulas desses/as professores/as e a professora Doroteya está aprendendo um outro jeito de trabalhar com a formação de professores/as.

Em relação ao nosso grupo (PPCP) a professora considera que o grupo está em sintonia atribui essa interação ao fato de quase todo o grupo ter cursado o mesmo Mestrado. Concordo com a análise na professora, mais vejo esta questão como ponto de partida, porque está afirmação não dá conta de explicar o trabalho dos/as componentes que não cursaram o mesmo Mestrado, no caso o professor Ariel, professora Márcia e o professor Edélcio.

Uma dificuldade que a professora levanta em relação ao trabalho é em relação ao seu registro. Essa dificuldade não foi apenas da professora, mas de todo o grupo, ela vai ser parcialmente superada depois desse encontro que tivemos.

Algumas constatações interessantes que a professora coloca são que:

- o exemplo é mais formador que as palavras "aquilo que não é habito da gente, você não passa para o outro";

- é importante desenvolver a auto-estima dos/as professores/as dando-lhes voz e valorizando suas vozes;

- a pessoa tem que compreender o que faz, porque sem compreensão não podemos ensinar;

- após a compreensão, pensar na mediação, "é diferente saber para sí e ensinar o outro".

A professora Clarice explica que estuda e pesquisa Alfabetização porque foi professora alfabetizadora durante dez anos. Ao construir sua Dissertação de Mestrado, teve como primeiro foco de investigação as contribuições da Educação Infantil (pré-escola) para a Alfabetização. Não conseguindo "ter essa visão", fez sua pesquisa sobre o Ciclo Básico. Partindo dessa experiência seu interesse passou a ser a Alfabetização e sua linha de pesquisa. Por esses motivos participa do grupo de Alfabetização.

Desde o início do PPCP, participa do grupo. Quanto ao trabalho de Porto Barreiro, sentiu dificuldades pela própria questão da Alfabetização ser bastante complexa e seu peso social ser maior no Ensino-Fundamental, do que nas outras áreas.

Percebeu que as exigências da prática em relação ao seu grupo, exigiam respostas imediatas aos problemas do cotidiano da sala de aula, isso levou a professora a encontrar-se com o grupo, mais vezes que o previsto e esses encontros eram para discussões desses problemas. Nessa questão penso que talvez houve falta de compreensão de que a pesquisa é um processo que tem por característica a mediatez e por isso não tem soluções imediatas.

Nesse momento sentia-se responsabilizada pelas dificuldades que alguns/mas professores/as do grupo estavam encontrando na sua prática pedagógica.

Quando os/as professores/as entravam em pânico com os embates das suas práticas, uma estratégia que usou foi "classificar os textos" e analisar em que fase (silábica, alfabética ...) o/a aluno/a se encontrava. Considerava que o pânico ocorria porque *"o professor ainda está preso àqueles paradigmas anteriores, que ler e escrever é leitura e escrita correta."*

Relata uma visita que fizemos a uma sala de aula, onde a professora se mostrou muito preocupada e nos viu como fiscalizadores/as. Inclusive fez questão que a professora Clarice tomasse a leitura dos/as alunos/as. Atribui essa visão da professora as administrações anteriores, quando ainda Porto Barreiro era Distrito de Laranjeiras do Sul, quando era incultida a incompetência e o fracasso nos/as professores/as.

Já ministrou dois cursos sobre Alfabetização, no primeiro trabalhou com conceitos de Alfabetização para a partir da discussão conhecer as práticas dos/as professores/as. E no segundo é que tratou de questões, *"hoje mais faladas na Alfabetização, que são hipóteses da leitura e da escrita."*

Analisa que mesmo com os cursos, os/as professores/as têm dificuldades de compreensão porque lhes falta, "conteúdos básicos da Psicologia, da Filosofia, da História da Educação e tudo mais."

Um fato que a professora Clarice se queixou, foi que a Supervisora da Secretaria de Educação foi tomar leitura dos/as alunos/as em sala de aula, com isso criando um clima constrangedor, para o desenvolvimento dos trabalhos do seu grupo, desconsiderando que a Alfabetização é um processo.

Outro fator que estava emperrando o seu trabalho, segundo a sua análise, era o fato dos/as professores/as da Secretaria de Educação comparem um grupo de professores/as alfabetizadores/as que não faziam parte do grupo que era facilitadora, com o seu grupo. E diziam que os/as alunos/as desses/as professores/as estavam lendo. A professora Clarice achava que esse grupo trabalhava *"dentro de um processo mecanicista dentro da Alfabetização. (...) Mas o que estáo lendo são as lições da cartilha."*

Explicou que quando iníciou com o grupo disse: *"Vamos trabalhar a questão da Alfabetização com a visão de hoje. No passado quando a gente trabalhou Alfabetização a gente mostrou que os "métodos mecanicistas já eram", considerava que esses "métodos mecanicistas" já eram uma questão clara para os/as professores/as do grupo e que já compreendiam um "novo conceito de Alfabetização." Contudo, sentiu dificuldade, a questão "do professor passar da teoria para a prática, porque a gente não está lá todos os momentos, a gente não pode estar respondendo todas as indagações."*

Sempre enfatizou que o grupo estava em construção, que as práticas mesmo sendo "macanicistas", desde que fossem bem sucedidas, não deveriam ser abandonadas, porque "aquilo que eles tem já construído, serve de suporte." Assim dava sugestões partindo das práticas que eles/as já tinham. A professora Clarice não impôs a questão das *"hipóteses silábicas, alfabética"*, mas para que os/as professores/as percebessem que a criança está em processo, para *"derrubar aquele mito que eles tinham."* A derrubada desse mito foi um êxito que o grupo conseguiu porque mesmo escrevendo errado os/as professores/as estão tentando ver que a criança está em processo. A compreensão do processo de Alfabetização pelos/as professores/as é um mérito, segundo a professora.

A professora Neusa já havia participado do PPCP algumas vezes, mas no trabalho de Porto Barreiro ainda não havia participado e estava preocupada com o seu ingresso no trabalho que seria desenvolvido no município a partir dessa data. A professora estava ingressando na área de Língua Portuguesa e formaria parceria com a professora Clarice, para juntas continuarem o trabalho com o grupo de Alfabetização.

Nesse período tivemos uma rápida participação da professora Maristela Rossato, no grupo de Língua Portuguesa, que não continuou no grupo porque foi cursar Mestrado no Rio Grande do Sul.

A professora Neusa veio participar do nosso grupo porque sentia falta de interlocutores para discutir o seu trabalho, havia tentado constituir um grupo de estudos com professores da rede pública, contudo sua tentativa foi frustada. Ela queria aprofundar os seus estudos na sua área, realizar investigações e a visita do professor Dario Fiorentini[82], a motivou a fazer isso. Todavia naquele momento a professora estava se preparando para prestar Concurso Público para professores/as na UNICENTRO, assim prevalecendo as suas necessidades objetivas, só podendo participar do grupo a partir desse momento. Já tinha outras experiências com o grupo e retornou por sentir-se a vontade.

A professora Regina explicou que o nosso grupo de Gestão Educacional, inicialmente chamava-se Grupo Geral, para que o PPCP pudesse atender as solicitações das Prefeituras de concretização de cursos, que as áreas específicas não dessem conta. E no momento analisando o nome do grupo nós achávamos que não estava combinando com que estávamos fazendo. Com o trabalho desenvolvido em Porto Barreiro é que fomos perceber qual seria o nosso espaço de trabalho no grupo do PPCP e no próprio "Aventurando-se no Conhecimento", assim achávamos que deveríamos mudar o nome do grupo, para um nome que desse indícios sobre o trabalho do grupo. Ela explicou que o grupo de Gestão Educacional surgiu junto com os outros grupos de Porto Barreiro e que o trabalho inicialmente foi uma análise das condições concretas do município.

Quando propusemos a constituição do grupo, a idéia fundamental foi baseada em Zeichner, que é importante que façamos investigações e reflexões sobre a nossa prática para que não queiramos que os/as professores/as façam coisas que nós não fazemos. Por isso propomos a constituição do grupo para a Secretaria de Educação.

Na seqüência o professor Edélcio completou que essa análise inicial das condiç foi permeada por leituras e discussões, além da coleta de dados empíricos. O professor levantou uma característica que via no grupo de Gestão[83], que era a sua heterogeneidade, devida aos temas que havíamos investigado serem diferentes: ele pesquisou aspectos legais e políticos na municipalização; a professora Regina pesquisou questões vinculadas a avaliação; eu pesquisei a questão da Metodologia Científica e suas implicações no processo de produção de

[82] O professor Dario esteve em Guarapuava, com o nosso grupo em 19/10/98. Não estive presente nessa reunião porque estava em Campinas participando dos Seminários do GEPEC.
[83] Que nesse momento chama-se Fundamentos da Educação.

conhecimento e saberes.

Ao pesquisar a questão da municipalização no município de Prudentópolis[84], havia concluído algumas questões que considerava interessante e que seriam mediadoras no trabalho de Porto Barreiro. O professor Edélcio em sua pesquisa constatou que não existia um Sistema Municipal de Educação em Prudentópolis, bem como a municipalização da Educação. Segundo sua análise só existia um repasse de responsabilidades, como por exemplo, *"descentralizou-se a despesa, a desqualificação dos professores e o município teve que assumir tudo isso."* Então, uma das idéias do grupo era aproveitar essas contribuições e ajudar a Secretaria de Educação a se organizar para trabalhar com esses processos reguladores.

O professor Edélcio via que a nosso função como professores/as facilitadores/as era auxiliar os/as componentes do grupo a pensar na Proposta Político-Educacional do Município e que os trabalhos estavam se encaminhando a contento.

Essa reunião que o nosso grupo (PPCP) teve com a professora Corinta produziu um certo distanciamento para o grupo, que não se apresenta igual para cada componente. Analisando as narrativas de cada um, observo que há um movimento no processo de constituição e (re) constituição do grupo, contudo esse movimento não é homogêneo e globalizante. As narrativas focalizam diversificados aspectos: historiar a sua formação; explicar o motivo da sua participação no grupo; relatar como está desenvolvendo seu trabalho em Porto Barreiro e outros.

Os olhares são diversificados, alguns/mas fixam-se apenas no relato do seu trabalho, outros/as já produzem algumas análises desse trabalho, outros/as extrapolam as análises parciais e voltam-se para uma análise que aborda a articulação do trabalho com a própria constituição do grupo (PPCP) e outros extrapolam estas questões e voltam o olhar para si e analisam a sua própria prática. É um movimento ainda tênue, sutil, mas que acontece. Dessa situação, depreendo que o movimento de constituição e (re)constituição de um grupo é permeado pela heterogeneidade, a produção de sentidos difere de pessoa para pessoa, a experiência passa a todos/as, mas de maneira diferente.

Essa colocação parece num primeiro momento contraditório porque se pensarmos

[84] Município vizinho de Guarapuava, sua distância é cerca de 100km.

secamente nela, de certa maneira desqualificamos as interações do grupo. O que quero dizer é, que a constituição de cada um ocorre ~singularmente, mas mesclada, pelas interações do grupo que marcam cada um de maneira diferente e, isso não anula a constituição do grupo como um todo, porque das interações ocorridas no âmbito do grupo vão emergindo princípios (vamos dizer assim) que por serem construídos pelos grupos, são comuns e aceitos por todos/as. E esses princípios mesmo não estando claramente explicitados, até mesmo discutidos e mesmo não se constituindo como normas, eles estão implícitos na postura dos/as componentes do grupo e talvez esse seja um elemento que faz com que as pessoas ao participarem de um grupo nele permaneçam ou não.

Por exemplo um princípio, que percebi no nosso grupo, em diversos momentos e nas falas de todos/as os/as componentes é que o grupo não é Departamental, há resistência que o grupo seja portador da voz de um Departamento ou de Departamentos, ele tem voz própria. Esse já é um princípio construído pelo grupo. Outro princípio que o grupo construiu é não agregar só professores/as da Universidade, o grupo se vê com autonomia para convidar qualquer participante que queira, independente das questões burocráticas da Universidade. E isso já trouxe ao grupo diversos ataques de professores/as da Universidade que acham que não é "certo", que quem deveria participar do grupo são os professores/as da Universidade, que tem título para isso. Presenciei algumas vezes situações assim e vi que o grupo resistiu, não se intimidou e convidou professores/as que não eram universitários e não tinham ainda titulação para participar do grupo, desde que tivesse um trabalho que casasse com as idéias do grupo.

E creio que há ainda muitos outros princípios que o nosso grupo está construindo. Agora só para exemplificar essas colocações, vou transcrever o início de uma discussão que estavam presentes o professor Ariel, a professora Clarice e eu, depois de uma situação, que irritou o grupo, no qual haviam nos cobrado a participação de outros/as professores/as que não pertenciam à UNICENTRO e que devíamos atender a todas as solicitações de ministrar cursos em outros municípios. Nessas falas também dá para perceber que está emergindo um novo princípio no nosso grupo.

"As querências internas não nos afetaram em nenhum momento." (Ru PPCP 17/09/98 – AJ, fita nº 22, Di nº 10, p. 5)

"É isso que eu digo, o PPCP não pode ser visto como uma outra instância

administrativa." (CL, Ibidem, p. 5)

"O problema é que nas Instituições educacionais prevalece o critério burocrático ao pedagógico." (MG, Ibidem, p. 5)

"Prevalece o político ao pedagógico." (AJ, Ibidem, p. 5)

"Deveria ser o contrário se é uma instituição educacional, é claro que ela não é isenta e nem neutra, nem pode, mas o que deve ser privilegiado é o pedagógico." (MG, Ibidem, p. 5)

"O sentido do grupo é que cada um acrescente alguma coisa." (AJ, Ibidem, p. 5)

"Você convivendo com mais pessoas a tendência é você crescer porque você está convivendo com diferentes pontos de vista.""Será que há um objetivo comum para todos os membros do Grupo?" (MG, Ibidem, p. 5-6)

"Eu acho que sim." (AJ, Ibidem, p. 6)

"Do nosso grupo sim, acho que até foi isso que manteve o grupo unido." (CL, Ibidem, p. 6)

"E o que seria esse objetivo?" (MG, Ibidem, p. 6)

"Num primeiro momento esse grupo era para ser um grupo de pesquisa e disseminação. Lembra Ariel?" (CL, Ibidem, p. 6)

"Eu não lembrava, eu escrevi para a Glorinha é que foi formando rapidamente para dar cursos." (AJ, Ibidem, p. 6)

"Não, ele foi formando inicialmente para capacitar professores, que esses professores deveriam capacitar outros professores." (CL, Ibidem, p. 6)

"Foi essa lógica." (AJ, Ibidem, p. 06)

"Ele foi pensando inicialmente com a dimensão que a Clarice falou, mas foi concretizado como você falou, porque precisava de um amadurecimento teórico-prático do próprio grupo." (MG, Ibidem, p. 6)

"Inicialmente ele foi pensado assim. Agora sim estamos conseguindo realmente chegar na pesquisa, porque antes era um tal de dar cursos e ponto final." (CL, Ibidem, p. 6)

Outra característica que percebo no trabalho desenvolvido é que além de extrapolar a formação dos/as professores/as de Porto Barreiro por meio de cursos, o trabalho desenvolvido com os/as professores/as do município, proporcionou condições dos/as professores/as de lá de

poder iniciar um processo de produção de um currículo condizendo com a necessidades da região, iniciar um processo de ensino-aprendizagem e um processo de produção de conhecimentos e saberes articulados. Assim como o trabalho está proporcionando para nós professores/as universitários/as, a produção de um "currículo em ação" de Educação Continuada, que articula ensino, extensão e produção de conhecimentos e saberes, desconstruindo a compreensão usual de extensão e as separações postas entre ensino/pesquisa/extensão.

Dessa situação depreendo que ocorreu uma mudança curricular satisfatória resultante da articulação do desenvolvimento profissional dos/as professores/as, com a prática da pesquisa-ação[85] porque:

> *"A pesquisa-ação unifica processos considerados muitas vezes independentes, como o ensino, a avaliação, a pesquisa, o desenvolvimento profissional. Integra ensino e desenvolvimento do professor, desenvolvimento do currículo e avaliação. (...) Da perspectiva da pesquisa-ação, o aperfeiçoamento do ensino e o desenvolvimento do professor constituem dimensões do desenvolvimento do currículo, e o desenvolvimento do currículo constitui, em si mesmo, um processo de desenvolvimento do professor. O professor não precisa desenvolver-se primeiro para depois implementar o currículo."* (Pereira, 1998, p. 167)

Analisando a nossa experiência corroboro as palavras da autora e ainda complemento que contudo o processo estar em andamento trouxe já algumas contribuições: os conhecimentos produzidos pelos grupos, já estão sendo incluídos no currículo; a população está satisfeita com a escola por valorizar conhecimentos do seu cotidiano; aumentou a auto-estima dos/as professores/as; as diretrizes educacionais do município estão sendo produzidas de acordo com suas necessidades.

A reflexão de tudo isso me faz concordar com Silva quando diz: "*O currículo é aquilo que nós, professores/as e estudantes fazemos com as coisas, mas é também aquilo que as coisas que fazemos fazem a nós. (...) Nós fazemos o currículo e o currículo nos faz."* (1995, p. 194)

A voz dos/as professores/as de Porto Barreiro.

No período da manhã o nosso grupo (PPCP) esteve em reunião com a professora Corinta e durante a tarde tivemos outra reunião, que além de nós, estavam presentes os/as

[85] Idéia inspirada em Stenhouse, Elliott, Schön, Zeichner, nos estudos realizados no GEPEC.

professores/as representantes de todos os grupos de Porto Barreiro.

A professora Corinta iniciou a reunião com uma fala de acolhimento, valorizando o trabalho dos/as professores/as:

"Eu gostaria de ter ido a Porto Barreiro, mas estou com problemas de saúde. Agradeço por vocês virem aqui, é um prazer muito grande e queria dizer que vocês já fazem parte do GEPEC , hoje. Vocês já são conhecidos em Campinas. (...) Eu vim para ouvir vocês, conhecê-los e convidá-las para irem à Campinas. Queremos fazer um encontro de Grupos de Pesquisas e de Grupos de resistência, num contexto extremamente desfavorável do ponto de vista nacional e internacional, nós estamos com um projeto de globalização da economia e de pasteurização, quer dizer de destruição de identidades, de grupos, de possibilidades diferentes. O que vale hoje são aqueles que seguem a cartilha do sucesso e daquilo que é chamado sucesso. Sucesso como mercadoria, como coisa que se consome, como produto pronto. E nós estamos na contramão desse tipo de projeto. E a gente entende que vocês estão ajudando, que estão na contramão nesse tipo de projeto. Nós estamos na contramão do Faxinal do Céu. Nós não aceitamos e não concordamos, e falamos nós e esse nós é muito amplo, é uma rede de pesquisadores, de grupos de pesquisa do mundo inteiro, neste livro[86] *vocês vão ter a oportunidade de ver que tem autores do mundo inteiro. Quer dizer que estão discutindo a idéia do professor-pesquisador e quem precisa escrever a nossa história de professor-pesquisador, somos nós. E vocês têm um capítulo muito importante nesta História, porque eu diria que é o primeiro grupo que nós temos de resistência afirmativa (a gente está chamando), quer dizer é uma Secretaria inteira, é um município inteiro envolvido que se emancipa e, logo na sua emancipação, se organiza de um jeito de não desapropriar os/as professores/as. Vocês são privilegiadas de terem uma Secretária como a Ivone e de terem conseguido compor forças políticas que permitissem esse trabalho que é muito difícil. A gente vê em São Paulo uma dificuldade muito grande, os/as professores/as não só não tem a possibilidade fazer um trabalho de pesquisa como o tempo todo estão sendo considerados/as uns incompetentes, aqueles que não sabem fazer, aqueles que tudo é um não, não, não. Como as pesquisas já mostraram que as crianças não nascem burras, não existe criança burra,*

[86] Cartografias do Trabalho Docente: Professor/a pesquisador/a.

então tem que achar outro vilão para essa História. Como o Sistema Social se exime, as injustiças sociais continuam existindo, então essa mudança, esse modelo Neo-liberal, ele tem posto muito a responsabilidade na escola, para conseguir que as pessoas possam ter emprego dentro das propostas de globalização e consideram que é na escola que todo mundo vai se formar.

Vocês vão ver na televisão, está toda hora: Agora é a vez da escola... projeto para pensar o futuro, a educação à distância, antena parabólica e etc e tal. Mas todos partem do princípio que nós não sabemos nada e que a nossa realidade não diz nada de que os moradores não tem nada a ver, sempre tem que vir alguém que é especialista para dizer. (...) O meu maior entusiasmo de estar aqui é que ao invés de ser um grupo de resistência negativa como o nosso grupo lá e os professores vão no Sábado para Unicamp, sem vinculação a nenhum órgão, sem apoio de ninguém e a gente fica estudando de manhã para não perder a dignidade de ser gente, de ser profissional, para não entrar no jogo do livro didático que dá tudo pronto. E a gente vê um município que todo mundo está tentando trabalhar junto. Vocês tem muito a ensinar a gente, por isso queria conhecer vocês. Queria ouvir como vocês estão sentido esse trabalho, que dificuldades sentem, em que nós poderíamos ajudá-los. Se aceitam o nosso convite de ir para lá apresentar os trabalhos." (Ru PPCP – 16/11/98 – Fita nº 26, Di nº 10, p. 93-97)

"Eu sempre acreditei que devemos respeitar e ser respeitados. E uma forma que nos encontramos de juntos com os professores fazer essa formação, para que essa formação tivesse um nível que proporcionasse ao professor ir recebendo e ir construindo esse conhecimento, foi essa. Nós procuramos a Universidade no início do ano passado para que a gente pudesse fazer o convênio, a gente nem sabia o que fazer na verdade. Viemos aqui porque um amigo meu de Chapecó – S.C. disse: Ivone as Universidades estão fazendo Convênios com as prefeituras. Entramos em contato com a UNICENTRO. Nós começamos com cursos de formação de professores, seriam oito cursos de oito horas, um dia de cada curso.

Na avaliação verificamos que houve falhas e então decidimos mudar, teria que modificar isso. Então a professora Glorinha sugeriu para a gente o desafio do professor-pesquisador, onde a gente ia pedalar muito mais, mas que a gente ia construir devagarinho,

um conhecimento mais firme, mais consistente porque ia ser construído e não recebido de alguém. Aí a gente achou que valia a pena investir e apostar na proposta.

No início desse ano fizemos um encontro com os professores e eles escolheram os temas. Cada um escolheu a área que agradava. Daí foram montados cinco grupos, no início quatro grupos: Alfabetização, Matemática; Medidas Agrárias; História e Geografia, os aspectos históricos e geográficos do município; Ciências: agrotóxicos. E daí, finalmente a gente achou que poderia criar um grupo da Secretaria, dos Diretores, dos Supervisores, o grupo de Fundamentos. Onde a gente está discutindo e tentando construir juntos o Projeto Político-Pedagógico da Secretaria e das escolas municipais do município. E nesse grupo participa algumas vezes vereadores, representantes de APMs, e agora dia 26 vamos nos reunir, as APMs, os Conselhos Escolares, Conselho do Fundo e nós do Grupo de Fundamentos, para tentar elaborar um questionário e tentar responder para ver se isso vai ajudar a gente a construir o Projeto Político-Pedagógico, de acordo com as necessidades do Município, para não ser uma coisa assim, que vai ser guardada na gaveta e ficar lá.

Nós estamos tentando e, à medida que a coisa está andando vai criando, temos uma expectativa e também uma ansiedade muito grande porque sempre a gente tem muito medo de pisar em falso e a gente está pisando e não sabe como o próximo passo vai ser. Mas eu acredito, que agora já melhorou um pouco, mas no início todo mundo estava com muita dificuldade, encontrando muita dificuldade, porque é uma forma nova de estudar mesmo, de pesquisar e procurar, a gente sempre recebeu as coisas meio que prontas. Para a gente ainda está sendo bastante difícil isso, tanto para mim quanto para as meninas da Secretaria, quanto para as professoras, que estão aí junto com a gente apostando também, se batendo, correndo atrás. Nos primeiros instantes a gente percebeu que algumas professoras estavam resistentes, com mais medo talvez, e nem resistentes. Hoje está muito melhor, mas nós estávamos comentando na estrada que ainda temos muita insegurança. Eu acho que cada um poderia falar do seu grupo porque é elas que estão vivendo a sua experiência, no dia a dia, na prática."(Ibidem IK, p. 97-100)

"Eu quero comentar que insegurança todos nós temos. Eu conversei com Zeichner, que é uma da maiores autoridades do mundo nesse assunto e ele disse que a insegurança faz parte do processo e é a insegurança que faz buscar. Se a gente tivesse a certeza não precisava

buscar. (...) Gostaria que as professoras falassem da suas dificuldades, seu trabalho cotidiano, se quem participa de um grupo altera o seu jeito de trabalhar ou não." (Corinta, Ibidem, p. 100)

"Sou do grupo de Matemática, Medidas Agrárias. Digamos assim, eu escolhi o grupo melhor, não por ser Matemática, mas porque é uma coisa que eu sempre busquei e porque gosto. Medidas Agrárias é um assunto muito legal. Foi bom ter escolhido esse tema porque o município tem uma economia agrícola, os alunos são filhos de agricultores. E pela necessidade de trabalhar nisso. Eu sou nova no assunto, comecei a trabalhar esse ano, mas com Medidas Agrárias aprendi muito, estou colocando em prática. Meus alunos trazem coisas da realidade e a gente procura... Na nossa pesquisa fizemos entrevistas com os moradores, no grupo sempre somos companheiras, uma ajuda a outra. Quando uma diz assim: eu não entendi muito bem isso aqui, uma ajuda a outra. E esse jeito de aprender é muito bom, de pesquisar." (VV, Ibidem, p. 100-101)

"Você sente diferente do que quando fazia os cursos e desse jeito, aprende mais?" (Corinta, Ibidem, p. 101)

"Aprendo mais, nós buscamos o conhecimento, não é aquela coisa dada, conhecimento pronto. No pesquisar, vai surgindo dificuldades? Vai, mas essas dificuldades servem para a gente aperfeiçoar ainda mais, porque aquilo que a gente sente dificuldade é o que a gente não conhece. E se a gente vai buscar, a gente aprende, aquilo deixa de ser dificuldade. Conforme a gente vai pesquisando, mais dúvidas, e a gente vai superando aquelas dúvidas e vai indo. Todo conhecimento passa por isso, eu acho." (VV, Ibidem, p. 101)

"O que aconteceu com vocês quando aquele engenheiro foi lá, apresentar os Senos?" (Corinta, Ibidem, p. 102)

"O grupo se sentiu muito inseguro porque tudo aquilo que nós aprendemos com as entrevistas desmoronou, porque ele falava tudo certinho exato, seno, coseno, faça assim, faça assado, tudo diferente. Antes disso nós tínhamos feito pesquisa com os agricultores, eles falavam de um jeito diferente de medir e ele com aquelas medidas de engenheiro. Nossa foi como de repente o trabalho tivesse desmoronado. Mas foi interessante, porque foi um jeito diferente. E medidas agrárias também, na sua exatidão, digamos assim foi um tropeção que a

gente deu, não caímos porque continuamos e aprendemos. O jeito dele não é errado, mas é um jeito mais complicado de entender, especialmente quando você quer ensinar alunos." (VV, Ibidem, p. 102)

"Vocês estão aprendendo que o conhecimento tem várias facetas, tem vários conhecimentos, tem vários jeitos de conhecer e que um necessariamente não anula o outro. E quanto mais a gente aprende mais condições a gente tem de ampliar o repertório." (Corinta, Ibidem, p. 102)

"Trabalho no grupo de Ciências. Por se tratar de uma região agrícola, então, a gente pensou em trabalhar com os agrotóxicos. Como a gente começou? Visitamos as propriedades, diagnosticamos os problemas, registramos o que observamos nos agricultores. Percebemos que havia o uso correto e o incorreto e pensamos que alguém deveria fazer uma ação. O nosso objetivo é um trabalho de conscientização, é um trabalho delicado, tem que ter cautela. Nós já estamos com esse trabalho em sala de aula com os nossos alunos, onde eles já fazem pesquisa, já estão pesquisando e trazem para a sala de aula, para se discutir. Eles estão entrevistando a própria família, os vizinhos, até o comércio.

Isso facilita o nosso trabalho. Nós tivemos muitas dificuldades por ser um trabalho novo, a gente sente insegurança, sim. A gente tem dificuldades para se reunir, devido a distância e a dificuldade para se deslocar para o colégio. Tem professores que se deslocam 12km para chegar na escola. A gente se reúne uma vez por semana, para discutir, para ler e a gente questiona: Será que está certo, mas estamos gostando do trabalho porque está nos desafiando e com certeza vamos solucionar o problema. Estamos gostando, até inclusive os alunos estão fazendo textos, teatros, paródias, entrevistas. E nós fizemos a Semana cultural na escola e as crianças apresentaram um teatro e nós percebemos que o público que estava lá demonstrou interesse." (IM, Ibidem, p. 102-103)

"Irene, então vocês estão trabalhando com as crianças na sala de aula?" (Corinta, Ibidem, p. 104)

"As crianças estão trazendo subsídios para a gente também." (IM, Ibidem, p. 104)

"A idéia é essa à medida que o professor começa a pesquisar ele começa a se dar conta: Será que o jeito que eu ensino é melhor para as crianças? Como é que vocês estão sentindo a recepção dos pais sobre o conhecimento dos agrotóxicos que as crianças levam?"

(Corinta, Ibidem, p. 104)

"Eles estão tomando consciência já, até inclusive quando a gente foi fazer a pesquisa nas propriedades, a gente fotografou, eles se sentiram valorizados porque alguém está se preocupando. Muitos ainda estão usando de forma incorreta, muitos até agradecem a visita da gente, que alguém está se preocupando. Com as crianças se a mentalidade deles mudar, as crianças mudam. A gente está percebendo os resultados, os alunos estão demonstrando interesse, estão indo em busca, trazem informações para a gente, até de fatos reais.

O pessoal da EMATER, disse que vai ajudar, e a gente pretende fazer palestras para as comunidades. A princípio a gente está fazendo um trabalho lá na minha região Porto Santana e futuramente a gente quer abranger todo o município. No meu grupo são seis professores e todas elas estão fazendo pesquisa com os alunos.

Eu me sinto acima de tudo valorizada. Nós assim como o pessoal de Matemática também temos dificuldade por ser uma coisa nova. Antes a gente recebia tudo pronto e agora a gente tá construindo e eu me sinto realizada porque você constrói e aparece o que você faz. E também através da realidade nós procuramos ... E estou feliz." (IM, Ibidem, p. 104-105)

"Eu adorei porque eu gosto da História e a partir do momento que começamos a contar a maneira como se trabalha História eu senti muito mais vontade. Como o tema era sobre o nosso município, é muito mais emocionante ainda, porque é um município jovem ainda e nós estamos pretendendo resgatar coisas do passado. Inclusive a gente está pesquisando em fotos e objetos também. Isso servirá futuramente para os nosso alunos, um material para nós professores, um material de apoio. E o que a gente registra é através de depoimentos de pessoas idosas, a gente entrevistou, recolheu objetos deles e a gente está mostrando um trabalho com provas. Eles falam, a gente registra e tem o que eles nos falaram. E quanto as pessoas que a gente já entrevistou e muitas outras que sabem já do nosso trabalho. A cada dia chega uma pessoa na minha casa e diz: Olha, eu tenho uma panela de 50 anos, eu tenho um documento que tem 60 anos ... Eles estão adorando de nos auxiliar dessa forma, dessa participação. Esse documento que me levaram é de um senhor que foi fundador da nossa comunidade lá, porque nós estamos fazendo um trabalho sobre o município. O que a gente tem de documentos, são fontes da nossa pesquisa." (AS, Ibidem, p. 106)

"Isso tem valor histórico para o Estado, para o país, vocês estão fazendo o que

alguns alunos de História nunca fizeram que é trabalhar com fontes originais, fontes primárias." (Corinta, Ibidem, p. 106)

"A gente sentia necessidade de um trabalho dessa forma porque a gente, pelos nossos pais, nossos avós, contavam e a gente queria ir em busca desse trabalho, para deixar registrado. Esse é um baú de 78 anos, é o baú de "Dota", que toda moça quando casava, ela era obrigada a levar, para guardar dinheiro, documentos, fotos e algumas jóias, que é da esposa desse senhor que nós estamos fazendo a História, é um dos primeiros fundadores da comunidade. Toda moça tinha que levar com seu enxoval, senão ela não era digna do seu casamento. Fazia parte do enxoval. Temos encontrado muita coisa, muitos objetos acima de 100 anos.

O grupo se sente valorizado, muito bem, porque para nós é uma novidade. Eu nunca havia ouvido falar de uma entrevista, como fazer uma História. Então para a gente está sendo muito emocionante também. A gente está adorando porque a cada dia que passa a gente sente mais vontade. Inclusive hoje eu estava comentando, que tem noite que a gente nem dorme pensando: O que vamos fazer? Para onde vamos? Estamos fazendo os textos, baseados no que as pessoas falam, depois fazemos o resumo, o texto.

Pegamos o tema Rio Iguaçú, os alunos estão curiosos para ir lá, para ver onde foi a primeira Balsa. Eles estão adorando e falaram que querem participar do começo ao fim. Mas dependendo do tempo, também não dá para levá-los em todos os lugares também. Mas a gente conta para eles, quando não dá para levá-los. E ainda teremos esse material que estamos escrevendo que servirá para os professores e alunos. A idéia é produzir o primeiro livro do município, as primeiras escolas, a primeira Igreja, os rios, qual a origem do nome deles, o primeiro time de futebol.

Vamos falar da festa de São Gonçalo, que é uma tradição da religião católica. Tem São Gonçalo, a bandeira do Divino, a mesada de anjos. Só que na mesada de anjos aqui eles fazem o alimento salgado, arroz, feijão, carne. Só panelas grandes e só para crianças de 0 a 07 anos. Também se faz uma Romaria. Tudo que a gente faz é com provas, é tudo registrado. A senhora que faz essa Romaria está com 90 e poucos anos, é sobrinha daquela senhora de 103 anos, D. Delfina. Ela disse que essa é a última Romaria porque ela está muito velha e quase não enxerga." (AS, Ibidem, p. 107-108)

"Agora quando vocês pegam um livro de História, vocês pegam do mesmo jeito que viam antes?" (Corinta, Ibidem, p. 109)

"De repente só para recortar alguma figura. Inclusive eu fiz um texto com meus alunos, eles fizeram o texto conforme a História que eu contei para eles. Mas esses livros não tem mais sentido, nem para mim. O livro didático ... Estamos descobrindo as coisas..." (AS, Ibidem, p. 109)

"E o grupo de Alfabetização o que conta?" (Corinta, Ibidem, p. 110)

"O nosso grupo de Alfabetização é composto por oito, nove componentes. Professores de pré, de 1ª e 2ª. Onde fizemos uma discussão... Nossos alunos são mais de classe baixa. Achamos que o nosso tema é bom para trabalhar, porque alfabetização não é só ler e escrever, diretamente em cima dos livros didáticos. No começo estávamos meio perdidas, não estávamos nos entendendo muito bem. Só que a partir do nosso trabalho junto com a professora, as nossas idéias começaram a clarear. Eu estou com uma turma de 1ª série, meu primeiro ano que estou trabalhando. No começo eu estava com bastante dificuldades e ainda encontro dificuldades. Todas as professoras falam que elas encontram dificuldades. (...) No primeiro Seminário, as professoras estavam apavoradas, mas depois da apresentação elas viram que não era nada do que elas estavam pensando. Não é difícil, a gente tem que pesquisar bastante, trabalhar junto. A gente troca bastante idéias entre nós e com a professora Clarice. E assim a gente vê que estamos melhorando bastante, já estamos trabalhando com os alunos, fazendo textos. A 1ª série não é fácil, nós vemos que os alunos tem dificuldades, eles necessitam, de mais carinho, mais amor também. O nosso grupo está mais voltado em como ensinar os nossos alunos, desde pequeno a ver o mundo de outra maneira. Se hoje a gente for dar o livro para o aluno, ele não vai acompanhar o que está escrito no livro, porque os livros ainda são difíceis para eles.

A vida dos alunos é de diferentes formas, eles são de uma classe baixa, a gente vê que isso atrapalha o nosso ensino porque vemos que eles não têm aquele carinho que os pais deveriam dar para eles, para eles virem para a escola mais motivados em aprender e isso é a nossa maior dificuldade, a falta de uma maior convivência com os pais. Mas eu acho que vamos conseguir, acho que já estamos conseguindo." (AK, Fita nº 27, Di nº 10, p. 109-111)

"Você sabe Adriana, que as professoras alfabetizadoras são as únicas professoras

que de fato são avaliadas o tempo todo, porque a mãe e o pai estão testando seus filhos, as crianças querem entender a escrita. Essas análises que são feitas da escola, por pessoas que nunca trabalharam em sala de aula e dizem que é fácil é porque desconhecem a complexidade de se passar do mundo iletrado para o mundo letrado. Quer dizer, adquirir os códigos dessa escrita que está posta e ter contato com diferentes formas de escrita..." (Corinta, Ibidem, p. 112)

"Antes elas se sentiam seguras porque seguiam um método pronto que alguém mandou seguir, mesmo que as crianças não aprendessem, agora elas se sentem inseguras porque elas não estão fazendo alguma coisa que alguém mandou fazer. Mas sim elas estão se testando para ver se conseguem alfabetizar com orientação, no caso da professora Clarice, mas sem receita nenhuma. E houve no grupo de Alfabetização bastante polêmicas porque a maioria delas estava acostumada a receber o método pronto e elas ainda estão tendo dificuldades de se adaptar a essa nova forma de trabalho, sem decoreba." (IK, Ibidem, p. 113)

"Na última reunião quando fizemos análise dos textos dos alunos, aí elas passaram a acreditar que elas já estavam avançando." (CL, Ibidem, p. 1113)

"Vocês tem que ter paciência com elas e o grupo precisa de uma intervenção muito grande do grupo da Secretaria, quer dizer uma mesma linguagem para compreender que esse processo de Alfabetização é complexo.

No Estado de São Paulo foi implantando os ciclos por decreto. Todo o trabalho de professores, supervisores, Secretária, deve levar em conta que a Alfabetização é composta por processos, que não vai dar para imaginar no final de ano a decoreba da cartilha, porque o resultado é outro, que esses alunos devem ser avaliados no processo de produção, analisando o que eles já conseguiram e o que estão conseguindo fazer. Nesse sentido é importante uma integração dos grupos, especialmente o de Alfabetização que é o mais visado. Se não aprender nada de História e Geografia ninguém cobra. A gente aprendeu noções de higiene, datas cívicas e não História, Geografia e Ciências." (Corinta, Ibidem, p. 1114)

"A gente teve algumas idéias inclusive reunir máquinas de escrever para as crianças usarem, é uma forma de auxiliar na Alfabetização." (CL, Ibidem, p. 115)

"Sorteamos um nome, saiu Estela, daí falamos da família dela, partes do corpo e

outras coisas. Daí trabalhamos a partir deles, formamos várias palavras. E a partir daí é que surgiu a palavra geradora. É a gente não tem um método, a gente experimenta." (AK, Ibidem, p. 115)

"O trabalho de vocês é muito complexo, isso referenda o trabalho de vocês, é importante continuar, ainda está no início. Quero parabenizar vocês. O que a gente quer é que vocês tenham vozes." (Corinta, Ibidem, p. 116)

No final a professora Corinta convidou os grupos para apresentarem os seus trabalhos no COLE. O convite foi aceito e agendamos a nossa participação nesse evento em Julho de 1999. A idéia foi que apresentássemos o nosso trabalho, com dois olhares diferentes: o nosso olhar como professores/as facilitadores/as e o olhar dos/as professores/as de Porto Barreiro como pesquisadores/as. Achamos que o nosso trabalho traria contribuições interessantes, uma História narrada por posições e sentidos diferentes.

Assim esse encontro nos marcou e sua grande contribuição foi mexer com os grupos, principalmente com o nosso grupo de professores/as universitários/as ao lançar-nos o desafio de partilharmos nossos "achados" no COLE em Julho de 1999, dessa situação é que vai surgir no grupo do PPCP a necessidade das sistematizações, pois irá socializar seus saberes e conhecimentos, produzidos a partir dessa experiência, o mesmo ocorrendo com os grupos de Porto Barreiro.

O sentido de ser ouvido por alguém da academia e valorizar os seus trabalhos para os/as professores/as de Porto Barreiro foi um incentivo sem descrições e para nós foi importante ser ouvido por alguém de outra Universidade e encontrar apoio e parceria para nosso trabalho. A produção de todos os grupos foi permeada pela satisfação e alegria.

Nesse encontro a Secretária de Educação relata como se deu a parceria entre o município e a Universidade em sua fala o que mais traduz a sua postura de trabalho é quando diz: "Eu sempre acreditei que devemos respeitar e ser respeitados." Esse princípio sempre esteve presente em todos os momentos do trabalho e a Proposta Político-Educacional do município assim foi sendo construída, partindo das necessidades do município, articulando-as com as suas possibilidades concretas. Então a idéia fundamental desse trabalho foi a mudança. E essa questão me faz recordar[87] de uma conversa com a professora Corinta, quando ao

[87] Encontro de orientação em Campinas em 10/09/99.

falarmos sobre a questão da mudança ela me colocava que segundo Gadotti a mudança não é mecânica, nem linear, é dialética e produz uma dinâmica.

Existe uma relação dialética entre subjetividade e objetividade. A subjetividade é a vontade de mudar, a utopia, os nossos sonhos. A objetividade são as condições concretas que temos. Então é nessa dinâmica que acontece a mudança, se ficamos com o olhar centrado na subjetividade e não levamos em conta, não temos claro as condições objetivas, podemos cair num idealismo ingênuo. Ao contrário, se fixarmos o olhar só na objetividade, nas condições concretas que temos, podemos cair num pragmatismo imobilista, porque vamos imobilizar as possibilidades e sermos pessimistas, só vendo o que não temos. Então, para superarmos esse impasse é necessário a articulação do que queremos e o que podemos. A articulação desses dois elementos vai produzir um pequeno salto, que poderá gerar outras condições objetivas e assim a dinâmicidade do processo vai ocorrendo, não é previsível, tudo vai depender desse jogo entre subjetividade e objetividade.

Nas falas dos/as professores/as de Porto Barreiro encontro esse jogo entre subjetividade e a objetividade eles/elas partem do que têm e junto está a vontade de construir, de crescer. Isso gera conflito, insegurança, como diz a professora Vânia: "... nós buscamos o conhecimento, não é aquela coisa dada (...) No pesquisar, vai surgindo dificuldades? Vai, mas essas dificuldades servem para a gente aperfeiçoar ainda mais, porque aquilo que a gente sente dificuldade é o que a gente não conhece. E se a gente vai buscar, a gente aprende, aquilo deixa de ter dificuldade. Conforme a gente vai pesquisando, mais dúvidas, e a gente vai superando aquelas dúvidas e vai indo. Todo conhecimento passa por isso, eu acho."

Nessa fala e nas outras dos/as professores/as do município vejo muita riqueza, nessa por exemplo na sua simplicidade está tratando do processo de produção de conhecimento e saberes. Eles/as comparam diferentes tipos de conhecimentos e saberes, o caso do resgate dos saberes dos agricultores e o conhecimento científico do engenheiro . Eles/as investigam situações do cotidiano, todos os grupos partem dessas situações. Alguns professores/as objetivam mudar práticas que consideram nocivas para a saúde, foi o que o grupo de Ciências se propôs, criando recursos para isso: Teatro, a paródia e outros. A História oral está sendo valorizada, bem como objetos estão sendo resgatados para que o grupo de História produza a

memória histórica desse município e com isso a identidade dessa população está sendo valorizada e resgatada. Múltiplas vozes vão soando. O grupo de Alfabetização está vivenciando os embates da prática e buscando compreender esses processos, tentando construir caminhos que lhes proporcione compreensão da complexidade da prática pedagógica.

Tudo é aprendizagem, construção e esses/as professores/as, na sua simplicidade tem muito a nos ensinar e essa rede de saberes e conhecimentos me suscita muitas reflexões.

Nesse processo todos/as estão se sentindo valorizados/as, os/as professores/as, as famílias, os/as idosos/as, os/as alunos/as, nós professores/as universitários/as ... O processo de produção de saberes e conhecimento está sendo *"entendido e vivenciado no seu movimento próprio, isto é, no contexto epistemológico da sua produção."* (Geraldi, 1994, p. 142)

Sem pretensão de esgotar o assunto e nem prescrever normas, talvez pecando pelos otimismo, creio que posso dizer que alguns conceitos nortearam (norteiam) o nosso trabalho e são eles:

Os professores de Porto Barreiro são considerados como sujeitos do processo investigativo e de produção de conhecimento, assim como nós os/as professores/as universitários/as.

Os Grupos de pesquisas são entendidos como espaços de discussões, embates, interações, estudos, superações, investigações, ações, onde as limitações individuais são superadas pelas contribuições de todos/as. Os processos ensino-aprendizagem e produção de saberes e conhecimentos, deflagrados nos grupos, são os espaços onde estudamos e investigamos a formação do/a professor/a pesquisador/a, os embates ocorridos no processo investigativo, na produção do conhecimento, os quais estamos articulando com o processo desencadeado em parceria com os/as professores/as de Porto Barreiro.

A pesquisa-ação é entendida como ação na pesquisa, constituinte do processo de formação do professor/a como sujeito e como pesquisador/a simultaneamente. Segundo Dickel, Stenhouse defende que:

> *A pesquisa adequadamente aplicável à Educação é a que desenvolve teoria que pode ser comprovada pelos professores. É nesse contexto que se faz necessário o professor como pesquisador, movido por indagação sistemática; tornando a sua prática hipotética e experimental. Para ele, "a teoria da ação é claramente comprovável pela pesquisa-ação". Dessa forma, torna-se educativa à medida que pode relacionar com a prática, através da mediação de*

uma teoria pedagógica, ou da ampliação da experiência que informa a prática, ou da pesquisa-ação – instrumento para explorar características de determinada situação -, ou tudo isso. (Dickel, 1998, p. 50-51)

Elliott, explica que historicamente:

A colaboração e a negociação entre especialistas e práticos (professores) caracterizam a forma inicial do que se tornou, mais tarde, conhecido como pesquisa-ação. Estava incorporada, neste processo, uma alternativa epistemológica que orientava o desenvolvimento da teoria curricular. Essa alternativa considera que a elaboração teórica e a prática curricular se desenvolvem interativamente no contexto escolar. O lugar de trabalho dos professores configura-se deste modo, no contexto de aprendizagem para ambos, especialistas e práticos. (1998, p. 138)

A pesquisa-ação é uma reação contrária ao que tem acontecido no âmbito educacional, segundo Zeichner:

Freqüentemente, o conhecimento, gerado por meio da pesquisa educacional acadêmica, é apresentado de uma forma que não leva os professores a nela se engajarem intelectualmente. A pesquisa educacional tem sido, estranhamente muito antieducativa. Seus resultados são simplesmente apresentados como certos e definitivos, ou usados como justificativa para impor algum programa prescritivo a ser seguido pelos professores. Por exemplo, apesar das avançadas visões defendidas pelas políticas e pelos acadêmicos para as escolas e professores, nessa era de reestruturação escolar ignora-se muito o que os professores conhecem e podem fazer. As propostas centram-se apenas na distribuição de soluções pré-programadas para os problemas escolares. Estas, geralmente, consistem num treinamento de habilidades a ser administrado por um coordenador ou supervisor responsável. (1998, p. 218)

Nos estudos realizados por Pereira (1998), a autora aborda o pensamento de Elliott sobre a pesquisa-ação, a qual vem fundamentando o trabalho que ele vem desenvolvendo na formação de professores/as, na Inglaterra. Pereira diz que Elliott vê a pesquisa-ação como "meio de produzir conhecimento sobre os problemas vividos pelo profissional, com vista a atingir uma melhora da situação, de si mesmo e da coletividade" (p. 154). Pereira explica que os princípios da pesquisa-ação estabelecidos por Kurt Lewin, os quais caracterizam seu aspecto inovador foram: "o caráter participativo, o impulso democrático e a contribuição à mudança social (Lewin, 1946)" (ap. Pereira, p. 162)

Elliott remete a origem da expressão pesquisa-ação à Lewin e complementa as suas idéias com outros pontos para caracterizar esse tipo de pesquisa. Características que emergiram do seu trabalho com professores/as:

... é uma atividade empreendida por grupos com o objetivo de modificar suas circunstâncias a partir de valores humanos partilhados; não deve ser confundida com um processo solitário de auto-avaliação; é uma prática reflexiva de ênfase social que se investiga e o processo de investigar sobre ela. (Pereira, p. 162)

Pereira explica que na pesquisa-ação com diferentes ênfases, o que se pretende é ao

"mesmo tempo, conhecer e atuar"(1998, p. 163). As características mais relevantes segundo Elliott, da pesquisa-ação são:

- *ser uma estratégia associada à formação das pessoas envolvidas nela;*
- *centrar-se sobre atuações históricas e situações sociais que são percebidas pelos professores como problemáticas e passíveis de mudanças;*
- *compreender o que está ocorrendo a partir da perspectiva dos implicados no processo: professor, aluno, pais, direção;*
- *reelaborar discursivamente as contingências da situação e estabelecer as inter-relações entre as mesmas.* (ap. Pereira, p. 164)

A questão do grupo na pesquisa-ação é muito importante, ela reforça a necessidade da colaboração porque:

> *A prática educativa não é criação isolada dentro de ambientes institucionais. Os professores-pesquisadores, ao refletirem suas práticas, trabalham-na dialogicamente com seus colegas e não deixam de lado a influência das estruturas curriculares. Desconsiderar esse ponto fundamental é reduzir a pesquisa-ação a uma forma de racionalidade técnica orientada ao aperfeiçoamento das destrezas técnicas dos professores.* (Pereira, p. 167-168)

Há uma grande preocupação com a questão de se considerar a pesquisa-ação como uma técnica, uma metodologia:

> *... com uma série de procedimentos mecânicos e técnicos padronizados e não como um conjunto de idéias e princípios dinâmicos que estruturam, mas não determinam, a busca da compreensão do processo pedagógico.* (Pereira, p. 169)

Também encontro esclarecimentos sobre a pesquisa-ação no estudo realizado por Geraldi; Messias; Guerra (1988) onde explicam que a proposta de pesquisa-ação, "tal como tem sido trabalhada por Zeichner cujas bases parecem estar em Stenhouse (1993), Elliott (1990) e Carr e Kemmis (1998)" (p. 253), também em Dewey e Schön (Geraldi; Messias; Guerra, p. 247 – 248), difere das propostas de "pesquisa participante e pesquisa-ação nas ciências sociais da América Latina, que emergiram na década de 80" (p. 253), porque contudo essas propostas pretenderem superar a divisão clássica entre sujeito-objeto e trazerem contribuições históricas epistemológicas e políticas, ainda não considerava os envolvidos como pesquisadores, produtores de conhecimentos, pois eles eram considerados como "participantes representativos da situação"[88](p. 254).

[88] Thiollent define a pesquisa-ação como " ... um tipo de pesquisa social como base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou como uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo". (Thiollent, 1985, p. 14, ap. Geraldi; Messias; Guerra, p. 254).

> *... diferentemente do que explicita Thiollent, o professor e a professora pesquisadores não são "participantes representativos da situação", mas são os pesquisadores e as pesquisadoras sem estar em posição hierárquica inferior aos pesquisadores externos. Neste sentido é que consideramos uma diferença epistemológica e política fundamental: trata-se de tomar os professores e professoras como pesquisadores e pesquisadoras e não como participantes de uma pesquisa cujo controle esta fora do seu domínio.* (p. 254)

A proposta de pesquisa-ação defendida por Zeichner; segundo Geraldi; Messias; Guerra, (p. 255), apresenta três dimensões:

- a do desenvolvimento profissional e produção do conhecimento, como um possível caminho de superar a divisão da produção e aplicação do conhecimento, isto é todos os professores/as envolvidos estão produzindo conhecimento para a construção da teoria educacional a qual deve ser construída nos embates e contradições que ocorrem na sala de aula, na escola, permeadas pelas discussões do contexto mais amplo;

- a da prática social e política, porque o que se visa é uma compreensão ampla dos problemas sociais, políticos, multiculturais, as condições de trabalho dos/as professores/as, assim como as de outras questões, que mesmo estando presentes nas escolas muitas vezes são ignorados ou colocados em segundo plano. Contudo, não busca apenas a compreensão, vê a pesquisa-ação, como "instrumento (...) para a implantação de reformas educacionais ou de transformação da escola" (idem, p. 255) e ainda a considera importante para subsidiar as reorientações de políticas públicas, tal como vêm ocorrendo na Naníbia.

- a luta para tornar mais visível o conhecimento produzido pelos/as professores/as Zeichner explica que o conhecimento produzidos pelos/as professores/as deve ser divulgado, estudado nos cursos de formação de professores/as, uma vez que estes conhecimentos são tão importantes como o conhecimento produzido pelos acadêmicos.

Contudo, ressalta que existem alguns critérios que devem ser levados em conta, como clareza de idéias nas pesquisas, se a voz do pesquisador está presente (critério de subjetividade, se expressa um ponto de vista próprio), se na produção da pesquisa houve interação (validade dialógica), boa problematização uso de evidências para suporte das conclusões, vínculo com a prática (não quer dizer mudança da prática, ela pode ocorrer ou não) e outros critérios que estão sendo estudados. Ainda adverte que:

> *Os esforços para usar os produtos da pesquisa dos professores dentro da academia não deverão*

> *ser interpretados como uma glorificação acrítica do conhecimento dos professores pois, tanto quanto na academia pode haver bons ou maus trabalhos de professores. A glorificação acrítica seria um desrespeito à genuína contribuição que estes podem proporcionar para a melhoria tanto das práticas dos professores quanto do bem estar social. Assim como a pesquisa acadêmica pode promover práticas no ensino em sociedades que são antidemocráticas e em muitos casos moralmente repreensíveis, também pode a pesquisa de professores fortalecer e legitimar práticas que são prejudiciais aos alunos. Por exemplo, o recente livro The bell curve (A Curva do Sino) que sustenta, com o suporte da ciência, que os pobres americanos são pobres porque são estúpidos e que os afro-americanos são geneticamente inferiores aos brancos* (Herrnstein e Murray, 1994) *é um exemplo de como uma pesquisa acadêmica pode se tornar péssima e moralmente corrupta* (Zeichner, 1998, p. 227).

No processo que estamos construindo, o papel de professor/a–facilitador/a e a compreensão da sua atuação é de fundamental importância. Quando iniciamos o nosso trabalho não tínhamos clareza dessa situação, então tomamos emprestado o termo de Elliott e Zeichner, pois foi a primeira vez que ouvimos essa terminologia. Nessa época não tínhamos as leituras que hoje temos as quais ressaltam o cuidado que o/a professor/a-facilitador/a necessita ter para não expropiar o professor/a pesquisador/a do controle das suas pesquisas, fazendo com que ele/a tornem-se mero "participante representativo da situação", conforme crítica explicitada em Geraldi; Messias; Guerra. Assim partimos para uma discussão para compreender, qual seria o papel do professor/a-facilitador/a no contexto da pesquisa-ação. Encontramos algumas pistas esclarecedoras, dialogando com Elliott, que explica que sua opção preferida para enfrentar os dilemas de pesquisador externo, representante da academia, ou seja:

> *os dilemas vivenciados como colaborador acadêmico foi o de assumir o papel de pesquisador facilitador que capacitasse professores para que estes exercessem maior controle sobre os seus caminhos e tentativas de melhorar e descrever suas práticas. Evidências sobre a prática deles foram coletadas e interpretadas e as abordagens de estudos de caso sobre as mesmas foram construídas e disseminadas. Assim, as atividades de pesquisa de especialistas acadêmicos na escola podem ser justificadas desde que estas sejam capazes de habilitar os professores a tornarem-se parceiros ativos na geração e disseminação de conhecimentos sobre como produzir convenientemente o currículo e as mudanças pedagógicas (...) a tarefa do pesquisador acadêmico seria a de estabelecer uma forma de pesquisa colaborativa que fosse transformadora da prática curricular e que, no processo favorecesse uma forma particular de desenvolvimento do professor, sobretudo o desenvolvimento de capacidades para transformar reflexivamente e discursivamente sua própria prática...* (Elliott, 1997, p. 142).

Elliott reconhece que a relação entre os/as pesquisadores/as externos/as e os/as professores/as é um problema que persistirá enquanto os estilos de pesquisas se embasarem em diferentes conjuntos de crenças e suposições.

> *Aponta que uma das circunstâncias que reforça a separação entre pesquisadores externos e professores é a de ver o pesquisador externo como especialista não comprometido com as práticas educativas e, os professores, somente como aplicadores de conhecimentos, por não*

> *possuírem as características próprias para a pesquisa, isto é, o domínio de métodos e técnicas.* (Pereira, 1998, p. 172)

Elliott enfatiza que o papel dos/as pesquisadores/as externos/as não é o de controlar o pensamento do/a professor/a e sim o de ser facilitador/a do processo.

> *O papel de facilitador é diferente do de pesquisador externo, como na perspectiva objetivista, do de observador crítico, como nas teorias críticas e, também, diferente do papel de observador participante, como na pesquisa participante. Sua participação na pesquisa é a de estimular processos de reflexão que capacitem os agentes internos a gerar as suas críticas das estruturas ideológicas que deformam suas autocompreensões. O facilitador aceita resultados divergentes e estimula as expressões de individualidade na tomada de decisões* (Pereira, 1998, p. 173)

As idéias de Zeichner vem ao encontro das de Elliott em relação à questão do papel do/a professor/a facilitador/a. Quando Zeichner (1998), levanta questões sobre a divisão entre pesquisa produzida pelo pesquisador/a acadêmico/a e pelo/a professor/a pesquisador/a, ele faz várias críticas as pesquisas acadêmicas que se apropriam do trabalho dos/as professores/as, para produzir seu trabalho na academia, desrespeitando ou se apropriando do conhecimento produzido pelos/as professores/as. Coloca como grande desafio para o/a professor/a-facilitador/a, uma atuação que não exerça controle sobre o processo investigativo do qual esta participando, desconsiderando os conhecimentos dos/as professores/as. Traz várias advertências para que pensemos sobre essa questão. Apresenta algumas experiências nos Estados Unidos, onde os/as professores/as universitários/as estão participando de trabalhos que levam em consideração o desafio do/a professor/a–facilitador/a. Ele ressalta que na relação que houve nessas investigações, entre professores/as facilitadores/as e professores/as pesquisadores/as e em relação ao conhecimento que eles/as trazem:

> *Não há igualdade absoluta, uma vez que ambos trazem diferentes conhecimentos para a colaboração, mas há paridade no relacionamento e cada um reconhece e respeita a contribuição do outro. Em ambos os casos, professores e acadêmicos possibilitam condições para o processo de reforma escolar.* (Zeichner, 1998, p. 222)

Essa afirmação traz pistas para compreendermos o papel do/a professor/a facilitador/a. O que se espera dessa relação não é a homogeneização, a igualdade absoluta, ao contrário, é necessário o reconhecimento das diferenças, para que nas interações dessas diferenças possamos produzir outros significados, outros olhares diferentes do que conhecemos.

> *... o que me move e me apaixona, hoje, é a convicção de que estamos começando a trilhar novos e diferentes caminhos, e que estes podem nos levar a descobrir espaços cotidianos de luta na*

> *produção de significados distintos, daqueles que vem nos aprisionando, há séculos em uma naturalizada concepção unitária do mundo e da vida.* (Costa, 1996, p. 8)

Zeichner, também coloca que é importante para o professor/a, nesse caso facilitador/a e/ou universitário/a que reflita sobre a sua prática, para que possa compreender os/as professores/as que estão fazendo pesquisa-ação e para que não peça para os/as professores/as fazer coisas que nem ele/a faz. Por isso, ele reflete sobre o seu próprio trabalho (Zeichner, 1997 b, ap. Geraldi, Messias, Guerra, 1998, p. 244).

Zeichner acredita que podemos ultrapassar a linha divisória entre os professores e os pesquisadores acadêmicos de três modos:

> *1) comprometendo-nos com o corpo docente em realizar ampla discussão sobre o significado e a relevância da pesquisa que conduzimos;*
> *2) empenhando-nos, nos processos de pesquisa, em desenvolver uma colaboração genuína com os professores, rompendo com os velhos padrões de dominação acadêmica;*
> *3) dando suporte às investigações feitas por professores (forma como os professores preferem se referir aos seus trabalhos nos E.U.A) ou aos projetos de pesquisa-ação, e acolhendo seriamente os resultados desses trabalhos como conhecimentos produzidos.* (1998, p. 229-230)

Ressalta que é importante que se respeite "a propriedade da pesquisa do professor-pesquisador e não se use a pesquisa-ação como forma de controle do trabalho docente". (Geraldi; Messias; Guerra, p. 258)

Após esse encontro marcante tivemos outras reuniões até a realização do II Seminário. No dia 23 de Novembro nos reunimos para avaliar o encontro dos grupos com a professora Corinta. Nessa reunião também recebemos a visita de outros/as representantes do grupo de "Educação para Paz", os/as quais solicitavam envolvimento do nosso grupo para auxiliá-los no desenvolvimento dos trabalhos que pretendiam concretizar. Nessa reunião nada foi decidido, assim foi marcada uma nova reunião para 03/12/98.

Nossos olhares nesse período estavam voltados para o II Seminário, assim ocorreram cerca de três encontros com os grupos de Porto Barreiro, nos quais os/as professores/as facilitadores/as se dedicaram a auxiliar na produção das sistematizações dos "achados" dos/as professores/as do município.

No dia 03 de Dezembro de 1998 elaboramos o folder do II Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento" e na seqüência chegou a professora Odete Ribeiro, representante do Grupo "Educação para Paz", para estudarmos e discutirmos alguns textos,

sobre essa proposta. Os textos [89] lidos e discutidos nesse dia foram: Pobreza no seio da abundância; Os compradores ainda carecem de informação vital; Primeiro lugar no índice mundial de desenvolvimento humano; Consumidores ricos dividem os danos, mas monopolizam os benefícios; Consumismo e Meio Ambiente.

Após essa reunião tivemos duas reuniões dias 10 e 17/12/98 para combinarmos os ajustes finais para o II Seminário que ocorreu dia 18 desse mês e o qual já foi relatado.

Na última reunião do ano que fizemos entre os componentes do PPCP e os funcionários da Secretaria de Educação de Porto Barreiro, na qual avaliamos o trabalho desenvolvido durante o ano de 1998 e planejamentos 1999, houve algumas falas interessantes que registrei. São as seguintes:

"*Foi uma experiência ninguém sabia exatamente o que fazer. Encaminhamos as coisas. Não é apenas um grupo de estudos, é diferente ... Nós temos que estudar, mas temos que registrar o cotidiano e projetar ações futuras."* (Grupo de Gestão Educacional – Professora Regina)

"Nós da Secretaria ficamos preocupados com o nosso trabalho e quase não acompanhamos os trabalhos dos outros grupos. O ano que vem pretendemos acompanhar de uma forma melhor o trabalho dos outros grupos. Do grupo de Gestão Educacional, farão parte também os Conselheiros dos Conselho Escolar (...). O ano que vem queremos que os grupos de estudos continuem (...). Também queremos que os vereadores participem do grupo. No ano que vem achamos que será interessante ao invés de apresentarmos o nosso trabalho oralmente, como os outros grupos, achamos interessante fazer um painel, onde esteja exposto, todos os documentos que elaboramos." (Grupo de Gestão Educacional – Secretária de Educação, Ivone)

"Na minha visão caiu por terra aquela idéia, de que eu tinha que levar as coisas prontas. As professoras fizeram análises e produziram muita coisa sozinhas. Elas estão muito felizes. A idéia delas é fazer um trabalho audacioso. Senti que querem ampliar os estudos. Elas estão sentido que estão fazendo um trabalho novo, eu não gostaria de romper com o processo, por isso no ano que vem quero continuar com o mesmo grupo na mesma linha de trabalho. Para atender as outras necessidades que você falou Ivone, que se trate de outros

[89] As referências bibliográficas completas desses textos podem ser encontradas nos anexos nº 02.

conteúdos, eu penso que seria bom, trabalhar com oficinas. Eu posso fazer esse trabalho mais tarde com todas as professoras, mas agora não posso mexer no grupo." (Grupo de Ciências – Professora Ana Lúcia)

"No nosso trabalho de certa forma estamos quebrando paradigmas e propondo uma forma de trabalho diferenciada. Observamos no Seminário, que ainda há resquícios das práticas antigas. Nós compreendemos porque a mudança, não é assim tão simples (...). Nós propusemos que houvesse envolvimento dos alunos. Não sei se isto está ocorrendo." (Grupo de História e Geografia – Professora Márcia)

"Sim, está ocorrendo, mas é muito pouco." Secretária de Educação, Ivone)

"Mas é um momento em que elas estão se iniciando como pesquisadoras. Daí a dificuldade de envolver os alunos. Eu não vejo isso como ponto negativo. Talvez nossa maior interferência seja auxiliar a sistematização." (Professora Márcia).

"No grupo de Matemática, elas estão super animadas, é exatamente o que os pais pediram (...). Nossa idéia o ano que vem é reunir os pais por série e nessa reunião, além de discutir problemas, os professores contarão aos pais os conteúdos que estão trabalhando (...). A idéia deste ano é ter um grupo de estudo de Educação Especial." (Secretária Ivone)

Dessa reunião não participou a professora-facilitadora do grupo de Matemática Doroteya Gavanski, por motivos alheios a sua vontade.

Na avaliação do Grupo de Alfabetização surgiram algumas questões. Nas discussões percebemos que os outros grupos de certa maneira estavam resgatando saberes, conhecimentos da população, produzindo em cima disto, comparando o conhecimento popular com o científico, analisando as suas semelhanças e diferenças e usando esses conhecimentos. O grupo de Alfabetização era diferente, não sabíamos que caminho tomar: romper com concepções para depois construir um processo? Ou partir dessas concepções? E essa situação gerava várias indagações porque aparentemente parecia que o grupo produzia pouco em relação aos outros. A impressão que dava era que permanecia somente em práticas e pouco avançava teoricamente, porque nos Seminários foram apresentadas práticas de sala de aula, em nível de descrição, mas ainda não havia análises, um olhar de distanciamento.

Essa situação na época vinha angustiando o pessoal da Secretaria de Educação

porque eles/as (segundo o que comentaram conosco) viam poucos resultados no grupo. Comentaram que observaram que todos os outros grupos estavam preocupados em ler, sistematizar seus "achados" parecia que o de Alfabetização não estava. Também comentaram que na sala de aula os resultados que apareciam eram poucos. Enfim havia um sombra que obscurecia o trabalho do grupo.

Este grupo é o que mais sofreu no sentido de exigências porque a questão da Alfabetização é a mais cobrada pela escola, pelos pais, ela tem um peso social muito forte. Essa questão tornava esse grupo diferente dos outros. Outra questão no meu ponto de vista, que era natural que o grupo se preocupasse mais com a prática porque os/as professores/as desse grupo, eram (são) cobrados em termos de resultados, para os pais o que realmente interessa é se a criança está lendo e escrevendo isso limita (va) e pressiona (va) o grupo. E o processo de produção de conhecimento vivido pelo grupo é diferente dos outros. Ele vive a contradição de apresentar resultados práticos, isto é, resultados perceptíveis nos/as seus/suas alunos/as e resultados de elaboração teórica, os quais são esperados nos documentos produzidos, nos Seminários. Não que os outros grupos não se deparassem com essa questão, mas para eles essas "exigências" eram mais amenas porque o olhar da sociedade para avaliar o processo educativo é centrado no professor/a alfabetizador/a é como se tivéssemos uma gravura na qual se destaca em tons mais fortes o processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, e lá atrás fazendo o pano de fundo os outros processos, os outros conhecimentos. E essa metáfora também se aplica ao próprio grupo de Alfabetização em relação aos outros grupos.

Essa situação impulsionava a pensar quais "deveriam" ou "seriam" os objetivos do grupo? Mudar práticas de sala de aula?

Isso lembra-me o que Zeichner diz que os professores não se envolvem com pesquisas para mudar a sua prática que as pesquisas devem ter vínculo com a prática e podem mudar práticas, mas não que necessariamente os professores se envolvam com pesquisas para isso. (Ap. Geraldi; Messias; Guerra, 1998, p. 260-261)

Se seria o objetivo compreender a Alfabetização em relação ao seu valor social. Essa era uma indagação que permeava as nossas reflexões.

O grupo tinha estudado textos de Piaget, Vygostsky, Emília Ferreiro, Luiz Carlos

Cagliari, Souza Patto, outros/as autores/as, também tinha se apropriado de várias sugestões de atividades.

O que eu sentia em relação a tudo isso, contudo não ter a clareza, que julgava necessária, era que os objetivos do grupo ainda não estavam claros. Também, ainda não sabia, qual o caminho mais adequado, que atendesse as necessidades do grupo, as suas expectativas e o que se esperava do grupo.

Tinha a hipótese de que talvez o que estivesse faltando para o grupo era a sistematização, isto é, escrever o que estavam fazendo e produzir sentidos para esse trabalho fundamentando-o, demonstrando que estavam refletindo sobre as suas práticas, que os estudos, debates, interações do grupo, estavam trazendo contribuições para seu trabalho em sala de aula. Pensava que dessa maneira o trabalho se apresentaria com outra cara, o grupo estaria produzindo conhecimentos sistematizados a partir do trabalho que vinha realizando e isso traria contribuições para se compreender os processo de Alfabetização e suas implicações sociais.

Não sabia o que era necessário, contudo o que observei era que um trabalho interessante estava sendo desenvolvido, contudo não estar tendo a repercussão positiva que os outros grupos estavam conquistando e isso estava dando a impressão que o grupo trabalhava menos que os outros, não estava avançando na produção de significados e sentidos, estava preso nas práticas de sala de aula. Toda essa problemática, na minha opinião, empobrecia e enfraquecia o trabalho do grupo, até aquele momento, no sentido de se constituírem e se fortalecerem como grupo, bem como na sua constituição como produtores de conhecimentos.

Essas eram o emaranhado de indagações que foram pontos fundamentais para o grupo discutir e encontrar caminhos.

Devido a essas questões para o ano de 1999, em reunião, foi decidido que o Grupo de Alfabetização continuaria, mas se uniria com os/as professores/as do PPCP que trabalham com Língua Portuguesa. Considerei positiva a decisão porque o grupo iria se ampliar e teria companheiros/as de jornada e talvez partisse para outros caminhos que os satisfizessem mais, que viessem mais ao encontro das suas expectativas. E em decorrência desses fatores é que a professora Neusa Moro foi convidada a participar do Grupo de Alfabetização.

Penso que essa situação, contudo exigir mais reflexão trouxe contribuições para a

minha pesquisa, contudo eu não ter a pretensão de estudar profundamente todos os aspectos que envolvem a produção de conhecimento, bem como todas as questões teóricas metodológicas e problemas de cada grupo, pois isso seria pretensão em demasia. Creio que para dar conta de tudo isso seria necessário uma investigação minuciosa e profunda de cada grupo. Na verdade, vejo o que estou fazendo como um grande leque, que está se abrindo para várias possibilidades de futuros estudos. Afinal o processo de produção de conhecimentos é permeado por avanços, recuos, dúvidas, indagações, produção de diferentes sentidos e significados, construção de caminhos. Pesquisamos para conhecer o que é desconhecido, para nós, pesquisar o previsível, o conhecido é perda de tempo e desnecessário.

A avaliação feita pela Secretária de Educação, quanto aos trabalhos concretizados em 1998, foi bastante positiva. Baseando-se nas discussões do último Seminário, o pessoal da Secretaria combinou com os/as professores/as facilitadores/as dos grupos de pesquisas, que os grupos continuariam porque os resultados foram positivos e havia necessidade de continuidade. Também foi combinado que seriam realizados alguns cursos e algumas oficinas.

A programação para 1999 ficou mais ou menos assim, conforme na última reunião que tivemos com a Secretária de Porto Barreiro em Dezembro.

Fevereiro

8 e 9 – Curso sobre currículo – Noções Gerais sobre o currículo e as suas implicações políticas, sociais e outras, para a constituição do sujeito. Na seqüência aproveitando espaço seria abordada cada área de conhecimento, relativa ao ensino fundamental. Se discutiria e procuraria reelaborar os programas, pensando-se num currículo condizente com as peculiaridades da região.

10 e 11 – Oficinas. A idéia foi que cada grupo socializasse com o grupão os conhecimentos já produzidos para que fossem utilizados na prática pedagógica. Essa era a idéia, mas não foi assim concretizada, o que foi trabalhado foram oficinas relativas a cada área de conhecimento, porque entre a última reunião do ano de 1998 e o início das atividades de 1999, tivemos as férias escolares e com isso não tivemos espaço e tempo para produzir o trabalho que havíamos pensado, com os grupos de pesquisas. Contudo o trabalho desenvolvido, teve resultados positivos porque as discussões referentes ao currículo e a sua elaboração partiram de reflexões sobre as práticas em sala de aula e dos trabalhos dos grupos

de pesquisas. A distribuição do tempo também ficou diferente ao invés de se trabalhar dia 08 e 09 um Curso sobre Currículo e nos dias 10 e 11 oficinas das áreas específicas, no dia 09 foi feita uma fala geral sobre Currículo pelo grupo de Gestão Educacional e na seqüência já se começou a trabalhar com as oficinas juntamente com as discussões sobre a reelaboração do currículo de cada área ficando assim: dia 09 uma reflexão geral sobre o currículo[90], oficinas e discussões sobre o currículo de História e Geografia a qual foi muito interessante, além de trabalhar com essas áreas remeteu as análises e discussões para uma abordagem interdisciplinar. Dia 10 a professora Doroteya trabalhou com Matemática realizando oficinas com os/as professores/as a partir dos conteúdos que eles/as tinham mais dúvidas para trabalhar em sala de aula e simultameamente foi discutindo o currículo de Matemática do Ensino Fundamental, de 1º e 2º Ciclos. O mesmo encaminhamento a professora Ana Lúcia deu a área de Ciências, no dia 11. No dia 12, a professora Neusa (Língua Portuguesa), a professora Maristela (Alfabetização e Língua Portuguesa) e a professora Clarice (Alfabetização), trabalharam com oficinas e reflexões sobre o currículo de Português. Posteriormente relatarei esses trabalhos com mais detalhes.

Como era início das atividades pedagógicas, nesse mês não teve grupo de pesquisa.

Março

5 e 6 – Cursos sobre Educação Especial, 16 horas.

Cursos para os Conselheiros Escolares, 04 horas (data que seria marcada posteriormente)

Grupos de Pesquisas – Os grupos continuariam iguais, a proposta era que concluíssem os trabalhos até maio, por exemplo História e Geografia publicariam o livro que estavam produzindo, Matemática e Educação Ambiental sistematizariam o caminho percorrido e o material didático para socialização, Gestão Educacional continuaria com a construção da Proposta Político-Educacional do Município. Alfabetização teria algumas modificações, esse grupo seria ampliado com a participação da professora Neusa, que estava participando do PPCP, na área de Língua Portuguesa, a professora Neusa e também seria foco de pesquisa, conteúdos relacionados a essa área. Essa foi uma das solicitações do pessoal da Secretaria de

[90] Nessa discussão usamos o texto de Tomaz Tadeu da Silva, Currículo e Identidade Social: territórios contestados e "Fábula da Escola", de G.H. Heavis.

Educação, devido aos motivos que já relatei.

Abril

23 e 24 Curso de Matemática, 16 horas. Grupos de pesquisas

Maio

Seminário – O pessoal de Porto Barreiro queria realizar esse Seminário prévio (segundo a fala do pessoal), para ensaiarem o que iriam apresentar no Seminário do GEPEC – FE Unicamp.

Publicação dos trabalhos produzidos.

Junho

Grupos de Pesquisas iriam a Unicamp, para participarem do Seminário[91] do GEPEC.

Julho

16 e 17 – Curso de Educação Especial – 16 horas.

Agosto e Setembro

Grupos de Pesquisas.

Outubro

23 e 24 – Curso de Relações Humanas e Política – 8 horas, cada um = 16 horas. Esses cursos eram solicitações da população, foram solicitados nas reuniões com o Grupo de Gestão Educacional, Conselheiros Escolares, Representantes das APMs e outros participantes.

Novembro

Grupos de Pesquisas

Dezembro

Seminário final.

Foram planejados sete encontros dos Grupos de Pesquisa com os/as professores/as facilitadores/as, três Seminários e quatro Cursos.

As oficinas que seriam realizadas seriam: Matemática, História/Geografia, Alfabetização/Português (aí iniciou o trabalho conjunto das professoras Clarice e Neusa) e Ciências (a Secretária pediu que além do que o grupo vem pesquisando, que a professora Ana Lúcia trabalhasse outros conteúdos da área).

[91] Essa foi a data que inicialmente a professora Corinta nos passou, posteriormente ela nos avisou que o Seminário seria em Julho, na época aguardávamos as notícias para nos organizarmos e alterarmos o cronograma.

Surgiu a idéia que os/as professores/as trabalhassem com palestras para a população, ainda não havíamos pensado nessa possibilidade, mas pretendíamos pensar.

Assim planejamos 1999, dando prosseguimento ao trabalho iniciado, procurando aprofundar as pesquisas e tendo como meta principal a participação no COLE.

SOL[92] - Escrevendo a partitura: pondo no papel as primeiras notas da melodia.

As primeiras atividades de 1999.

No dia 4 de Fevereiro tivemos uma reunião no PPCP, na qual estavam presentes os/as professores/as Regina Padilha, Dorotéya Gavanski, Márcia Marques, Neusa Moro, Ariel Pires, Déia Silveira, Maristela Rossato, Clarice Linhares e eu. Nessa reunião planejamos os trabalhos que desenvolveríamos em Porto Barreiro com os/as professores/as, conforme as suas solicitações. Assim ficando combinado que iríamos ao município nos dias 09, 10, 11 e 12 do mês supracitado. Aproveitamos o espaço de interlocução e discutimos conteúdos, metodologias que iríamos desenvolver e alguns problemas relativos ao trabalho que os grupos estavam construindo.

No dia 9 de Fevereiro, a professora Regina e eu (grupo de Gestão Educacional), Ariel (grupo de História/Geografia) fomos a Porto Barreiro para trabalharmos com algumas questões referentes ao Currículo do Ensino Fundamental.

Na abertura da programação a Secretária de Educação Ivone deu boas-vindas aos/às professores/as presentes, comentou algumas dificuldades que estavam impedindo o acesso dos/as alunos/as às escolas, como por exemplo: estradas em má conservação devido ao excesso de chuvas e meios de transportes inadequados para transitar em estradas nessas

[92] A nota "SOL" é o quinto som da escala musical (Dó M).

condições.

Na seqüência a professora Regina e eu conversamos sobre algumas questões importantes que permeiam o pensar sobre o currículo. Nesse diálogo surgiram falas tais como:

"No próprio dia a dia, às vezes tem algo ali no currículo e a realidade é bem diferente." (professora Soeli)

"Devemos partir daquilo que o aluno tem de bom." (outra professora)

"Precisamos programar os nossos olhos, a gente reforça os erros. Por quê não elogiar?" (professor Ariel)

"Nós aprendemos a ter medo, não ousamos, somente copiamos." (outra professora)

"Escola, não é cotidiano, ela deve ultrapassar a mídia, a Igreja, deve propiciar apropriações do conhecimento elaborado. O currículo não é só listar conteúdos, mas também como trabalhamos. O currículo é um conjunto de vivências e experiências que são vividas na escola. O interessante para o nosso aluno é aprender. O que? Que conteúdo? O currículo é seletivo." (professora Regina)

Nesse momento estávamos dialogando e refletindo sobre várias questões que perpassam a compreensão do que é currículo, ancorados na nossa prática e no diálogo com Tomaz Tadeu da Silva, por meio do seu texto: Currículo e identidade social: territórios contestados. In _____. (org) Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 190-207.

Na continuidade dos trabalhos o professor Ariel coordenou uma dinâmica, na qual os presentes ficaram de mãos dadas, depois se separam, andaram, em seguida ataram novamente as mãos, na posição que estavam. Deu um nó terrível. Levamos quase uma hora para desatar o nó. No final discutimos o que a dinâmica nos ensinou. Algumas colocações: que as coisas parecem sem saída; dá vontade de desistir; dá vontade de enganar; algumas pessoas dão nó; que as coisas tem solução.

Voltamos a questão do currículo e os/as professores/as falaram da necessidade da inclusão no currículo de temas transversais como Cidadania, Política, Educação Religiosa, contudo, esses temas já estarem sendo trabalhados, mas de forma superficial. Eles/as manifestaram o desejo de futuramente realizarem estudos mais aprofundados sobre essas

questões.

Nesses quatro dias de trabalhos, a solicitação da Secretária de Educação foi que trabalhássemos com o Currículo das Escolas de Porto Barreiro, objetivando que junto com os/as professores/as do município, elaborássemos esse currículo. Quanto a essa questão no grupo (PPCP), refletimos muito sobre a solicitação e optamos por um trabalho que permitisse reflexões e a partir delas os/as professores/as de Porto Barreiro, pudessem pensar e construir um currículo que viesse ao encontro das suas expectativas e necessidades. O nosso papel foi o de criar um espaço de interlocução entre prática-teoria ou teoria-prática, que possibilitasse a construção de olhares sobre o Currículo, assim mediando-lhes ancoragens para que eles/as produzissem o currículo que queriam e acreditavam. Também a idéia no final de Dezembro de 1998 era que os grupos de Porto Barreiro trabalhassem nesse dias socializando os "achados" de cada grupo, idéia que não foi concretizada pelos motivos que já comentei: por ser férias escolares, não tivemos espaço para trabalhar com os grupos, na produção dessas oficinas, tal como havíamos discutido e combinado.

O professor Ariel trabalhou com uma metodologia dividindo a turma em quatro grupos com cerca de quatro e/ou cinco professores. Disse-lhes para irem passear nas ruas do centro de Porto Barreiro, sendo que cada grupo ia para uma rua determinada, levando um saco plástico para coletar coisas que encontrassem e lhes chamassem a atenção. O tempo que disporiam para a atividade seria uma hora. Além da coleta de objetos deveriam observar o meio ambiente, entrevistar pessoas, registrar tudo o que observassem.

Ao retornarem à sala de aula, os/as professores/as colocaram o material coletado no chão, separaram o que era plástico, papel e outros elementos, classificando o material. Partindo do material coletado, o professor Ariel deflagrou várias discussões das quais emanaram diversas sugestões para o desenvolvimento de diferentes e diversificados conteúdos de todas as áreas que constituem o currículo básico do Ensino Fundamental.

Dia 10 de Fevereiro acompanhei a professora Doroteya Gavanski (grupo de Matemática), que foi a Porto Barreiro desenvolver um trabalho pedagógico com os/as professores/as.

Inicialmente a turma foi dividida em quatro grupos, organizados de acordo com as séries que os/as professores/as atuavam (1ª, 2ª, 3ª e 4ª). Em seguida a professora Doroteya

lançou quatro tópicos no quadro negro, solicitou aos/as professores/as que discutissem as questões e as respondessem. Os tópicos foram:

- conteúdos que não foram trabalhados;
- conteúdos mais difíceis de serem trabalhados;
- dificuldades evidenciadas nos alunos;
- estratégias colocadas em ação.

A realização da atividade durou cerca de uma hora.

Partindo das respostas, colocações e dúvidas dos/as professores, a professora Doroteya trabalhou um farto leque de conteúdos, metodologias, sugestões, que paulatinamente afloravam da interlocução. Relatou que quando concluiu a Graduação, também não sabia para que eram usados muitos dos cálculos de Matemática e disse: *"Eu sou uma estudiosa, sou apaixonada pela Matemática. Estudei, pesquisei muito para saber o que sei, mas demorei muito. Não tive a oportunidade de vocês estão tendo, de ter alguém que me desse uma pista."*

Enfatizou a importância do/a professor/a proporcionar aos/às alunos/as atividades diferenciadas, para despertar-lhes o gosto pela Matemática e também condições de se sentirem bem sucedidos.

Dia 11 de Fevereiro acompanhei a professora Ana Lúcia Ferreira que foi à Porto Barreiro trabalhar com os/as professores/as, abordando o Currículo de Ciências.

Iníciou as atividades conversando com os/as professores/as, comparando o processo de ensino-aprendizagem com um bolo, onde o/a professor/a representava um elemento do bolo, o/a aluno/a, outro, a farinha seria a estrutura educacional e assim sucessivamente.

"Temos um laboratório vivo, é importante permitir que o nosso aluno conviva com esse mundo que nós temos (...) para trabalhar com Ciências é preciso curiosidade que é o fermento." (Ana Lúcia)

Na continuidade, a professora falou sobre o Ensino de Ciências e coordenou várias dinâmicas que podem ser usadas para trabalhar com os conteúdos de Ciências. Na seqüência organizou a turma em cinco grupos, por série.

O grupo da pré-escola coletou material e a partir deles desenvolveram um tema de Ciências, articulando a uma metodologia que facilitasse a aprendizagem dos/as alunos/as. Apresentaram a atividade, explicando como trabalhariam na sala de aula.

O grupo de 1ª série fez um trabalho parecido, só que o ponto de partida foi um texto: Os bichos diferentes (Regina Chambian. O pintinho que nasceu quadrado.)

O grupo da 2ª série partiu de um texto sobre o solo, os/as professores desenvolveram várias atividades e metodologias que podem ser trabalhadas com os/as alunos/as, a partir do tema gerador, articulando os conteúdos de Ciências com outras áreas do conhecimento.

O grupo da 3ª série partiu do tema "reprodução" e da 4ª série dos temas: fotossíntese, teia alimentar, utilidade da árvore. Esses dois grupos seguiram passos parecidos com os já comentados. Em síntese todos os grupos desenvolveram, atividades e metodologias, instigantes, dinâmicas, as quais podem ser usadas em todas as séries, articulando o Ensino de Ciências com outras áreas. A professora levou farto material teórico-prático, onde os/as professores/as puderam pesquisar e desenvolver os conteúdos e as metodologias.

Nesse dia na interação com os/as professores/as, um fato me chamou a atenção. A professora Nelci me contou que quando atuava numa classe multisseriada, numa escola constituída por apenas uma sala, ela em parceria com seus alunos fundaram o Clube da árvore. Coletavam sementes de árvores da região, tais como Bracatinga, Araucária, Acácia Negra, Jabuticaba, dentre outras e produziam mudas dessas espécies. Construíram uma estufa bem simples, de taquara para o desenvolvimento das mudas e recebiam sacos de plásticos da Souza Cruz, para colocá-las. O trabalho foi bem sucedido, os/as alunos/as gostavam, eles/as vendiam e doavam as mudas para quem quisesse, inclusive num concurso regional, conquistaram o primeiro lugar, devido a qualidade e quantidade de mudas que produziram. O Clube durou quatro anos, quando a escola foi desativada, devido ao processo de nuclearização das escolas da região, o Clube também foi. Ingressando no quadro docente de outra escola, a professora Nelci tentou fundar outro Clube, todavia, não conseguiu, porque o prédio da escola é do Estado e não possui espaço condizente para o desenvolvimento do trabalho.

Ao final das atividades do dia a professora Ana Lúcia sugeriu a elaboração de um projeto de Educação Ambiental, onde se verificasse problemas encontrados no Meio Ambiente e se estudasse alternativas de soluções em parceria: escola e população.

No dia 12 de Fevereiro acompanhei a professora Clarice Linhares, Neusa Moro e Maristela Rossato, as quais foram a Porto Barreiro desenvolver um trabalho nas áreas de Língua Portuguesa e Alfabetização.

As professoras desenvolveram várias dinâmicas e atividades referentes ao Ensino da Língua Portuguesa. Atividades lúdicas que resgatam valores éticos, morais dentre outros. Apresentaram sugestões de conteúdos, metodologias. Mesclaram atividades práticas e teóricas. Coordenaram atividades de leitura, produção de textos e trabalhos em grupo. Organizaram grupos de acordo com as séries (1ª, 2ª, 3ª e 4ª), partindo de músicas, textos literários solicitaram aos/as professores/as que elaborassem exemplos de como eles/as poderiam trabalhar em sala de aula com os/as alunos/as conteúdos pertinentes as séries, bem como metodologias diversificadas.

Os trabalhos desenvolvidos nos dias relatados pelos/as professores/as foram instigantes, deflagraram muitas discussões, propiciam um espaço interativo de mútuas trocas.

Outros ritmos permeando a melodia.

Iniciamos o ano de 1999 voltados para o desenvolvimento de atividades que subsidiassem o trabalho pedagógico dos/as professores de Porto Barreiro, contudo a temática que regeu as nossas ações no primeiro semestre desse ano foi a produção dos textos para o COLE. As nossas ações foram norteadas por duas metas:

1ª - auxiliar os Grupos de Pesquisas de Porto Barreiro a sistematizar os seus "achados", produzindo seus textos;

2ª - sistematizar os nossos "achados", produzindo os nossos textos e análises.

Em relação a primeira meta não tivemos dificuldades porque esse procedimento já estava fazendo parte das práticas que estávamos desenvolvendo. Os/as professores já haviam produzido sistematizações para os dois Seminários que haviam participado no Município. Mas a segunda meta nos deixava preocupados, porque até esse momento não havíamos sistematizado o trabalho que estávamos desenvolvendo e era a primeira vez que como grupo íamos socializar os nossos "achados", as nossas análises. Além desses fatores, o fato de participarmos de um Congresso Nacional, tornava o peso da responsabilidade maior, porque a situação era nova para nós e não fazia parte das práticas do grupo.

Diante dessas necessidades tivemos que (re)organizar as atividades do grupo, centrá-las em estudos, discussões, e produção dos textos. Produção de textos que foram permeadas

por discussões e críticas.

Na reunião de 25/02/99 nos reunimos para discutirmos e nos organizarmos para o COLE. Decidimos que cada grupo de área específica produziria dois textos, um que seria produção dos/as professores/as de Porto Barreiro e outro que seria produzido por nós professores/as facilitadores/as do processo. Todos/as nessa reunião estávamos nos sentindo inseguros/as e decidimos que para dar conta do que pretendíamos, necessitávamos buscar referências para o nosso trabalho e da interação do grupo. Também constatamos que era um momento de realizarmos um Seminário interno porque era o trabalho do grupo que estava em jogo. Assim organizamos o nosso Seminário, tendo como referência o livro "Cartografias do Trabalho Docente"[93]. Nessa reunião também começaram a participar do grupo os professores Mauro José Licheta e Edivaldo Lopez Thomaz, docentes da UNICENTRO.

Assim realizamos vários estudos. Nossos estudos foram mesclados com idas a Porto Barreiro, onde trabalhávamos com os/as professores/as de lá e com as reflexões oriundas das leituras, discussões do Cartografias e assim fomos produzindo os textos. A agenda dos nossos estudos e atividades configurou-se assim:

04 de Março de 1999

Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original, texto da autoria de John Elliott, lido e apresentado[94] pelo professor Ariel José Pires.

11 de Março de 1999

O professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente, texto de autoria de Elisabete Monteiro Aguiar Pereira, lido e apresentado pelo professor Mauro José Licheta.

18 de Março de 1999

Continuação dos estudos referentes ao texto que estávamos estudando na reunião anterior.

25 de Março de 1999

[93] Sugeri para o grupo porque conhecia o seu conteúdo e sabia que poderia auxiliar-nos a compreender o trabalho que estávamos desenvolvendo. Também o grupo já conhecia algumas questões que eram tratadas no livro, sempre nas nossas interlocuções estava falando sobre elas, o que nos estava faltando era ler e discutir os textos. Desde o início do Aventurando-se no Conhecimento estávamos nos inspirando nas suas idéias porque em 1996 e 1997 participei das discussões do Grupo do GEPEC que produziu o livro.

Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Schön autoria de Silmara de Campos e Valda Inês Fontanele Pessoa, artigo que o grupo leu e discutiu.

31 de Março de 1999

Ida à Porto Barreiro para continuidade do processo do "Aventurando-se no conhecimento". Nesse dia iniciamos o trabalho de produção dos textos dos professores/as de Porto Barreiro, onde eles sistematizariam as suas práticas à luz das reflexões propiciadas no transcorrer do processo do agir e refletir.

Nesse dia trabalhei com o grupo de Alfabetização junto com as professoras Clarice Linhares e Neusa Moro. Conversei com os/as professores/as de Porto Barreiro, perguntando que dificuldades estavam sentindo.

Ao ouvir os/as professores/as do grupo recordei o processo de construção da minha Dissertação de Mestrado, que tinha a intenção de estudar a minha prática como professora de Metodologia Científica. Iniciei meu trabalho com esse objetivo, mas não consegui conciliar a professora com a pesquisadora, porque as questões que apareciam em sala de aula exigiam ações imediatas e o processo de pesquisa não acompanhava a dinamicidade da sala de aula, exigia mais tempo. Eu percebia que a minha prática pedagógica não era como eu achava que deveria ser, como as mediações me sinalizavam, mas eu não podia mudá-la porque não sabia "como", quer dizer eu não tinha uma compreensão ampla e profunda das questões que poderiam me auxiliar a compreender o meu trabalho e produzir um distanciamento que me permitisse analisá-lo criticamente para desconstruí-lo e a partir disso construí-lo em outras bases.

Assim desloquei meu objeto de pesquisa, ao invés de estudar a minha prática (que na época continuava a mesma), fui estudar o trabalho de outros/as professores/as que como eu, trabalhavam com a mesma disciplina "Metodologia Científica", só que em nível de Ensino Médio. Com isso me senti mais a vontade e fui em busca de elementos que me auxiliassem a construir o meu "olhar". Ao compreender os vários entrelaçamentos teóricos, epistemológicos, históricos que permeavam a disciplina, outros horizontes despontaram. Aí sim eu mudei, podia construir uma visão crítica do meu trabalho. Mas esse processo levou cerca de cinco anos. E a

[94] Após as apresentações discutimos os conceitos, o texto, as idéias, como elas estavam articuladas com o nosso trabalho e outros procedimentos.

mudança em relação ao meu trabalho ocorreu a partir de questionamentos que, para mim, eram verdadeiros espinhos cravados no mais profundo do meu ser. Até tentava esquecê-los, mas eles estavam ali vivos e presentes. E isso me levava a pensar que os/as professores/as desse grupo, estavam vivendo uma situação parecida com a minha. Era conflitante para eles/as dar conta das questões surgidas na sala e conciliá-las com a demora do processo de pesquisa. Nesse encontro contei a minha experiência para eles/as, considerava que os embates que vivi, poderia deixá-los/as mais à vontade e também para mostrar-lhe que a nossa constituição é um processo dinâmico, permeado por conflitos, que estamos sempre em (re)constituição.

Conversei sobre pesquisa, expliquei que a pesquisa é um processo que vai e vem, não é certinho, às vezes requer que mudemos os caminhos. Percebi que eles/as haviam realizado várias práticas em sala de aula, mas não haviam registrado, então sugeri que fizessem esses registros, tentando resgatar esses trabalhos. Também que registrassem suas dificuldades, suas observações, enfim tudo o que considerassem relevante. Falei da importância de um diário de campo, dentre outros procedimentos metodológicos. Fizemos até um esboço no quadro negro de alguns tópicos, que foram emergindo das discussões. Eles/as ficaram animados/as percebi que eles/as ficaram mais aliviadas, esse grupo era o que estava mais nervoso, quanto a produção de textos para o COLE.

Na seqüência a professora Neusa abordou a questão de produção de textos, aliando essa questão ao registro da investigação. Depois falamos que é a partir desse primeiros registros é que vão se dando as análises mais elaboradas, que aí necessitamos da leitura, do diálogo com os/as autores/as para construirmos o nosso "olhar" e produzir sistematizações mais elaboradas, é essa etapa que teoria e prática se informam. Eles/as ficaram animados/as disseram que foi bom esse diálogo, que não sabiam que era assim que se "escrevia pesquisa" (palavra deles/as). Dessa discussão é que sugeri o título do texto para o COLE, a idéia foi que na pesquisa sobre Alfabetização eles/as foram se alfabetizando na pesquisa. Eles/as gostaram da idéia.

A participação da professora Neusa trouxe uma outra característica que considerei importante para o desenvolvimento do grupo, a professora é uma apaixonada por leitura, principalmente literatura, com isso levou essa paixão ao grupo, os trabalhos começaram a ser permeados por poesias, textos da literatura infantil, sua interferência deu um toque mais

ameno aos trabalhos. Também a professora Neusa começou a fazer um trabalho para que os/as professores/as do grupo começassem a se soltar, começassem a escrever pequenos textos, parece que eles/as tinham receio de escrever. O papel da professora Clarice nesse grupo foi fundamental, mas devido aos problemas que comentei anteriormente, ela estava sentido várias dificuldades na condução dos trabalhos por esse motivos é que ela convidou a professora Neusa para a parceria e me solicitou auxílio para vencer essas dificuldades.

08 de Abril de 1999

Para além da divisão entre professor pesquisador acadêmico, autoria de Kenneth M. Zeichner, artigo que eu li e apresentei.

14 de Abril de 1999

A professora Doroteya foi à Porto Barreiro e ministrou um curso de Matemática.

15 de Abril de 1999

Nesse dia, discutimos várias questões sobre os grupos de Porto Barreiro. Eu trouxe notícias sobre a nossa futura participação no 12º COLE (Congresso de Leitura do Brasil), que a professora Corinta já me enviara um folder e posteriormente me enviara mais material. Notícia que empolgou o grupo. Também nessa data a professora Maria Izabel Milanez estava em Porto Barreiro ministrando um curso, na área de Educação Especial.

23 de Abril de 1999

Reunião do Grupo de Gestão Educacional.

29 de Abril de 1999

Nessa reunião comuniquei todas as informações sobre o COLE, que me foram enviadas via e-mail pela professora Corinta, informações relativas aos critérios para seleção dos textos, tais como: aspectos gráficos, número de linhas, tecitura e articulação de idéias, espaço de tempo para cada comunicação e outras. Também começamos a organizar a viagem e continuamos o processo de produção dos textos.

06 de Maio de 1999

Nessa reunião lemos os textos produzidos pelos grupos, realizamos análises e críticas sobre eles, fizemos os ajustes finais para enviá-los ao COLE para o processo de seleção.

07 de Maio de 1999

Encontro com os grupos de Porto Barreiro, para continuar as pesquisas, produção dos

textos e outras atividades.

11 de Maio de 1999

Reunião do nosso grupo com a Secretária de Educação Ivone Kerber, para terminarmos os textos, fazermos as inscrições do COLE e enviá-las à Campinas.

12 de Maio de 1999

Reunião para terminar os textos.

13 de Maio de 1999

Reunião que conseguimos terminar os textos e enviá-los ao COLE.

20 de Maio de 1999

Planejamento do III Seminário do "Aventurando-se" em Porto Barreiro.

08 de Junho de 1999

Reunião do grupo de Gestão Educacional.

24 de Junho de 1999

Planejamento da Viagem à Porto Barreiro

25 de Junho de 1999

Viagem à Porto Barreiro, concretização do III Seminário do "Aventurando-se..."

4º Compasso: III Seminário do Aventurando-se no Conhecimento - 25/06/99

Nesse Seminário combinamos que iríamos apresentar os textos produzidos para o COLE durante o período da manhã, a tarde abriríamos um espaço intitulado "apresentação dos achados", para que o grupo ou o/a professor/a que quisesse complementar as explicações sobre o seu trabalho usasse este espaço. Na seqüência a professora Circe Colleone Costa[95] proferiria uma palestra sobre relações interpessoais, atendendo a solicitação da Secretária de Educação.

O início do Seminário foi como os demais, composição de mesa, alguns discursos

[95] Professora do Departamento de Educação da UNICENTRO. A professora Circe foi convidada pelo nosso grupo e gentilmente aceitou o convite. Foi uma palestra interessante e todos/as gostaram do trabalho da professora.

políticos. Na seqüência houve uma apresentação de dança por dez crianças e iniciamos as apresentações.

Contextualizei o trabalho desenvolvido na concretização do "Aventurando-se..." para os presentes rapidamente. Na seqüência o grupo de História de Porto Barreiro apresentou o seu trabalho. Em seguida o grupo de Matemática narrou o seu trabalho[96]:

"Matemática da vida presente na escola, o que significa? A gente usa Matemática todo o dia, na vida. O que a gente quer é articular a Matemática da vida com a Matemática da Escola. Às vezes o aluno vê um monte de Matemática na escola que não tem nada a ver com a realidade dos alunos, por isso o título da pesquisa é esse.

O nosso grupo se formou com nove professores e eles estão nesse grupo porque eles gostam de Matemática. Alguns se assustaram com a Matemática, mas depois que a gente começou a entender, a gente gostou mais da Matemática, não tem coisa melhor. Nós elaboramos o nosso projeto de Medidas Agrárias junto com a professora Doroteya porque nem a professora de 4ª série sabia. O projeto foi elaborado para nós estudarmos e aprendermos Medidas Agrárias, diferenciando estudos e pesquisas. Os estudos seriam leituras com documentos de apoio e as pesquisas indo em busca de quem sabe Medidas Agrárias, pesquisamos principalmente com os agricultores, técnicos e também engenheiros da Prefeitura. Então, o engenheiro nos passou o modo exato de como você acha a medida de um terreno. Nesse caso é usado muitas fórmulas, só que o que a gente queria mesmo é entender o jeito dos agricultores, aqueles cálculos simples, que não sejam tão exatos, mas sejam aproximados. Que você pegue ali a medida e faz num instantinho, sem ter que tá lembrando de fórmula. Depois de falar com o engenheiro, a gente pesquisou com os agricultores, com os técnicos agrícolas do município. Todos os grupos, não só o nosso se reúne uma vez por semana para estudar, nessa reunião a gente troca experiências, escreve o relato ali. E uma vez por mês nos reunimos com a professora Doroteya que ela ajuda a gente entender aquilo que não sabíamos. Quando falamos para ela que queríamos estudar Medidas Agrárias ela disse que não sabia, nós ficamos apavoradas. Já pensou uma professora de Matemática não

[96] Quero explicar ao/à leitor/a que no corre-corre das ações da pesquisa não consegui gravar tudo que ocorreu, assim a cada evento de socialização vou transcrevendo as vozes que consegui registrar e que fazem sentido para este trabalho, na tentativa que essas vozes contem e apresentem os significados que produziram, que no momento de escrever este trabalho me senti incapaz de dar conta de tantas redes de significações.

saber Medidas Agrárias!

Como é que a gente ia fazer para aprender? Então a gente começou a pesquisar e ela foi a nosso facilitadora no sentido de explicar as primeiras Medidas para chegar lá e entender as Medidas Agrárias, sem dificuldades. Resultados parciais dos nosso estudo. Só para relembrar nos dois Seminários que tivemos apresentamos várias coisas de Medidas Agrárias, inclusive veio uma aluna demonstrar como se faz os cálculos de Medidas Agrárias. Na Feira Cultural a professora Juscilene junto com os seus alunos apresentaram a maquete que eles fizeram.

Mudanças nas ações pedagógicas na Escola. Elas comentam que ficou mais fácil de trabalhar na sala de aula, que elas perderam o medo, que agora se sentem mais seguras. E trabalhar Matemática foi uma coisa agradável para elas em sala de aula. E as crianças percebem que a professora está trabalhando um conteúdo que elas gostam, que é agradável para ela. Então o nosso grupo é esse, há três professores que não participaram desde o início do projeto, mas já se acostumaram." (III Seminário, 25/07/99, EM, Fita nº 30, Di nº 10, p. 122-124)

Na seqüência o grupo de Ciências de Porto Barreiro apresentou o seu trabalho, um funcionário da EMATER assim se manifestou:

"Eu acredito no trabalho do grupo de Ciências, com certeza eles vão auxiliar no nosso trabalho. Com esse trabalho vamos atingir um maior número de agricultores." (Ibidem, p. 125)

Depois dessas apresentações os trabalhos apresentados foram:

- Pesquisando sobre Alfabetização ou alfabetizando-se na pesquisa (um olhar). Professores/as de Porto Barreiro – Grupo de Alfabetização;

- Acertando o passo: construção da proposta político-educacional do município de Porto Barreiro (um olhar) – Professores/as de Porto Barreiro – Grupo de Gestão Educacional;

- Aspectos Históricos e Geográficos de Porto Barreiro e região (1850-1997). Professores/as facilitadores/as – Grupo de História/Geografia – UNICENTRO;

- Matemática: aonde está o significado? Professor/a facilitador/a – Grupo de Matemática – UNICENTRO;

- Aprendendo e pesquisando Ciências com professoras do Ensino Fundamental.

Professora-facilitadora – Grupo de Ciências - UNICENTRO;

- Pesquisando sobre a Alfabetização ou alfabetizando-se na pesquisa (outro olhar). Professoras facilitadoras – Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa – UNICENTRO;

Acertando o passo: construção da proposta político-educacional do município de Porto Barreiro (outro olhar). Professores/as facilitadores/as – Grupo de Gestão Educacional – UNICENTRO.

Na "apresentação dos achados" aparecem algumas falas interessantes:

"Nós queremos ressaltar uma coisa que já foi dito aqui, principalmente para despertar a questão da pesquisa. E no nosso caso da História e Geografia, a gente vai mostrar no livro, que a História é construída por todos. Todos fazemos a História, ela não está pronta, é um processo em construção, nós somos construção. Nós vamos chegar ao fim da nossa vida, que aliás é muito rápida por aqui, breve, sem ter nos conhecido, sem ter conhecido uma boa parte do que seria interessante conhecer do mundo porque as coisas nunca estão prontas. E o nosso livro vai ser uma referência pronta, vai servir de estudos, de ponte para outras pesquisas, mas as coisas vão estar em aberto, porque nós colocamos até um título meio genérico aqui, que a Lurdes leu, porque quer dizer o livro está pronto ninguém vai escrever mais. Claro que vai! A gente não consegue dar conta de uma pequena parte da História do Município porque se você escrever toda a História do Município, seria a História de vida de cada habitante, desde os indígenas. Isso é impossível a gente fazer todo esse relato, então esse livro aqui vai servir de base, para outros livros, para outras áreas, vai ter o de Matemática, o de outras áreas. Essa perspectiva é que a gente deve ter de vida e de mundo. Os conhecimentos são construídos por nós mesmos. O que a UNICENTRO vai fazer junto com os professores daqui? Dar apenas algumas tintas acadêmicas científicas, para que o livro tenha o embasamento teórico e futuros trabalhos, mas quem está fazendo, está escrevendo, esta produzindo são pessoas, são vocês, somos nós que fazemos parte dessa História. Por exemplo: O capítulo antecedentes históricos, a gente vai tentar mostrar um pouquinho porque a gente não dá conta de tudo. Aqui por exemplo a gente se refere ao índio porque antes de chegar o outro ele estava já aqui construindo o espaço, daí é que chegaram os primeiros habitantes não-índios. Houve muitos problemas, muitas mortes de índios, brancos, negros, mulatos, mas é um processo e é isso que a gente vai tentar mostrar. Depois tem as

curiosidades: Porque é Porto Barreiro? Por que era Guarani do Cristo Rei? Por que é Porto Santana? Da onde vieram esses nomes? Quem deu? Por que? São referências curiosidades que fazem parte do dia a dia da escola. Depois nós vamos falar do cotidiano dos moradores, agora é o presente, essa história que está sendo feita, hoje, construída hoje. O cotidiano das pessoas comuns, das pessoas que tem cargos político, as pessoas que foram votadas, as pessoas que votaram, dos discursos, dessa relação social e cultural, do dia a dia; Por que as pessoas usam outros termos que a gente não usa em Guarapuava? Porque aqui é outra História e a gente vai tentar falar dessas coisas do cotidiano, muito rapidamente, porque a gente não dá conta de tudo. Como está sendo construída essa cidade? Não só do ponto de vista administrativo, econômico, mas do ponto de vista dos trabalhadores, que estão fazendo um muro ali, que estão construindo, que estão pondo pedra no chão. Como a Ivone disse no início, ninguém constrói sozinho, os sonhos tem que ser construídos coletivamente. Essa é a idéia que o grupo tem de produzir um livro. E mais tarde alguém poderá produzir outro livro, quem gosta mais de geografia, por exemplo, só sobre a características do espaço físico que deve dar um cem livros, o cotidiano das pessoas deve dar uns 200 livros, com enfoque diferenciado. Então, esse é apenas um primeiro passo, uma caminhada de mil metros para ser realizada, mas precisa que o primeiro passo possa ser dado. Então todas essas pessoas do município, todas juntas estão dando o primeiro passo.

Eu acho que o nosso grupo esta indo muito bem, está indo além das expectativas. Se tudo correr bem e a gente vai se esforçar, logo vocês terem esse material didático nas escolas." (AJ, Ibidem, p. 130-134)

"Eu gostaria de contar um fato interessante que aconteceu em sala de aula. Eu estava explicando para os alunos como eles faziam para resolver o cálculo de um terreno, fizemos um desenho e comecei a explicar que quando os lados são diferentes, a gente soma e divide por dois. Para tirar uma medida a mesma coisa acontece com o outro lado. Daí estava um piazinho, lá na sua carteira escrevendo distraído. Daí eu disse: José preste atenção que isso você vai apresentar na Feira Cultural, e ele lá escrevendo e nós fazendo a conta no quadro. Ele parecia que não estava nem aí com o que eu estava falando. Só que antes de eu terminar a conta ele já falou: Vai dar cinco alqueires e pouco. Daí ele disse assim: eu estou assim porque tô fazendo a conta de cabeça.

Eu notei que isso é o que as crianças querem aprender e o que os pais querem que elas aprendam quando elas vão para casa os pais perguntam e se eles não sabem eles dizem: O que vocês vão fazer na escola se não sabem nem fazer conta de roça?

E isso já aconteceu comigo, meu pai perguntava e eu não sabia e ele me dizia: O que você vai fazer na escola?" (EM, Ibidem, p. 135-136)

"Gostaria de explicar que o nosso grupo tem trabalhado bastante, não só nos encontros mensais aqui como também nos reunimos fora desses encontros, quando o grupo vai a Guarapuava. Esse material que está aqui, que foi elaborado pelo grupo e pelos seus alunos demonstra o trabalho que realmente está acontecendo." (CL, Ibidem, p. 136)

"Nós usamos folhas onde a criança desenha, escreve, pinta e ela gosta. A própria criança exige atividades criativas. Ela não quer copiar coisas de um quadro cheio. Então eu acho assim que para ser um bom professor, a pessoa tem que mudar ou ele muda ou ele desiste. Eu penso assim. Também do professor levar problemas para sala de aula, antes era assim, mas eu acho que não podemos fazer isso. Os alunos não tem culpa dos nossos problemas.

Todos nós somos bons professores, não tem aquele bom, aquele ruim e tal, só depende da nossa disposição, a gente tem que lutar, temos que estudar, se a gente parar a gente não consegue dar as nossas aulas bem. Eu fico pensando que eu consegui, estou aqui. Também o medo de falar faz parte do nosso dia a dia. Eu tenho esse medo, mas estou aqui. A gente não foi criado assim, como é hoje, onde deixamos nosso alunos falar. Quando eu estudei era professor lá, aluno aqui, agora não é assim. Nós professores não somos aquela autoridade como era, agora a gente ajuda a pesquisar, a ir buscar." (professora do grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa, Ibidem, p. 136-137)

"Assim como o processo de pesquisa-ação é um processo inconcluso e de continuação, o professor também é assim." (CL, Ibidem, p. 137)

"Essa pesquisa nos ajudou a perder o medo de falar." (outra professora do grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa, Ibidem, p. 137)

"Quando formos trabalhar com os nossos alunos não fazer com que eles sejam um mero espectador, mas que seja um aluno ativo, pensante, crítico, que participe da aula. Também devemos trabalhar outros materiais dentro da Alfabetização, por exemplo:

Matemática e Geografia. O professor de Alfabetização deve ser muito criativo, deve fazer muito material, tem que bater a cabeça mesmo para conseguir um bom resultado. Não podemos esquecer de relacionar o passado com o cotidiano de cada dia a dia. Aprendizagem não é só saber ler e escrever, mas compreender o mundo." (outra professora do grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa, Ibidem, p. 138)

"A Alfabetização é o ponto chave do conhecimento porque todas as outras áreas partem dela, desse entendimento. Não foi nada pronto, a gente foi em busca e aprendeu muito com eles com a UNICENTRO, com a Secretaria de Educação com nosso alunos, com nossos colegas, na troca de conhecimentos. Eu acho que foi de grande proveito." (outra professora do grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa, Ibidem, p. 138)

"Apoiando ou iluminando tudo isso tem todo um referencial teórico, tem horas de estudos, tem planejamento e tem uma série de aspectos que a gente gostaria de compartilhar com vocês. Gostaria de destacar o seguinte: na pesquisa, o nosso grupo vai tentar também discutir a visão do processo de ensino-aprendizagem. No que as professoras de Ciências estão mudando em sala de aula, quando elas estão fazendo trabalho na sala de aula? Que tipo de trabalho é diferenciado? E a forma se revela através das ações. Elas vão trabalhar através de tudo isso, que vão demostrar para vocês hoje. As idéias nasceram na discussão. O trabalho com o grupo de professores é para o ensino, é para as crianças." (AL, Ibidem, p. 139)

"O nosso grupo ficou com a estrutura da Educação Municipal. Para isso nós tivemos que nos reunir e fazer alguns estudos de documentos que tratavam de Sistema de Ensino, no funcionamento da estrutura da Educação, o poder político local, Educação e Municipalização, Socialização e Organização da área rural, são todos os assuntos que a gente tem que estudar. Primeiro, tivemos a participação de alguns vereadores, de alguns pais. Tudo isso para a gente fazer o nosso projeto de Educação para o município. Aí a coisa que fizemos depois desses estudos foi feito um questionário, que nós chamamos de Diagnóstico para a gente ter uma visão de como é que estava a Educação no Município. Então o pessoal da UNICENTRO elaborou um questionário e a gente tentou responder. Esses dados são mais quantitativos, números de habitantes, números de analfabetos, tudo para estruturar a Educação do Município. A partir desse questionário começamos a fazer algumas reflexões, a

discutir e levantar alguns questionamentos não só nas quantidades, mas também na qualidade. Aí a nossa principal meta do nosso grupo, é fazer a Gestão Democrática, isso vai nortear todo o nosso trabalho. É muito mais fácil a gente pegar um projeto de Educação pronto, mas tentar construir isso junto com toda a população que vai usufruir desse trabalho. É muito mais difícil. Esse era o nosso objetivo, construir isso, discutindo com todas as pessoas, envolvidas. Não é fácil reunir pessoas para discutir e levantar propostas. A partir desses questionários, dessas reflexões e dos encontros do nosso grupo, nós já fizemos o primeiro trabalho que foi apresentado no nosso I e II Seminário, já deu para ter uma visão do trabalho, de como estava a Educação e algumas propostas, de encaminhamento naqueles Seminários. Depois elaboramos outros documentos para conversar com os pais e professores para ver o que eles queriam, para colocar nesse projeto que a gente chamava Projeto Político-Pedagógico. Enviamos para os pais através das escolas e eles responderam e nós recolhemos esse material e levantemos as respostas deles, algumas críticas, algumas sugestões, o que precisava ser feito. Aí tivemos um outro documento, que mandamos para as APMs, para todas as pessoas que fazem parte das APMs e quem faz parte do Conselho Escolar das escolas e para os vereadores e algumas pessoas da comunidade. Depois de ter sido respondido esse documento a gente chamou eles aqui para uma reunião. Para discutirmos e conversarmos sobre mais coisas que não houvessem colocado no papel, que eles falassem, junto com o pessoal da UNICENTRO, quais eram os anseios para Porto Barreiro. A gente não pode consultar um por um dos moradores, mas a gente pensa que os vereadores os participantes dos Conselhos Escolares e das APMs sejam representantes da população de Porto Barreiro e eles estavam aqui para discutir idéias para todos. A partir disso a gente elaborou esse tópico que seria "A fala do povo", fizemos uma síntese de tudo que foi falado num documento." (SR, Ibidem, p. 138-141)

"A partir dos questionamentos do questionário, que nós fizemos com os pais, vereadores, componentes do Conselho escolar, APMs, eles sugeriram partes fundamentais que com certeza vai ajudar na mudança do nosso município. O que eles acharam importante foi a primeira questão que falava, como a Escola deveria preparar os alunos. Qual o significado da Escola para os pais dos alunos? Na opinião dos pais, das pessoas entrevistadas, dos alunos. Eles colocaram o seguinte, que é preciso que a escola prepare os

alunos para a vida, que os torne participativo, que os torne críticos. Que nós professores devemos estabelecer limites para que os alunos se tornem mais responsáveis. Sugeriram conteúdos que já estão sendo aplicados como Medidas Agrárias. Eles sugeriram também Língua Estrangeira. Depois na seqüência vai ser colocado no currículo. Saúde e qualidade de vida, Educação Pessoal, Relacionamento Humano. Eles enfatizaram bastante relacionamento humano, que as pessoas tem que se dar bem, relacionar bem. Os pais pediram para mudar o calendário escolar. Quanto a um Ensino de Qualidade, eles colocaram que é um ensino que pode contar com bons profissionais, aquele ensino que preocupa-se com o dia a dia dos alunos, é a escola ter espaço físico adequado, onde funcionários e professores devem ser avaliados continuamente, através do Conselho Escolar e da Secretaria de Educação. Então para que se faça um Ensino de qualidade, principalmente bons profissionais na Educação, profissionais dedicados e que se preocupem com a aprendizagem dos alunos." (MP, Ibidem, p. 142-143)

Na seqüência, professora Circe ministrou a palestra "Profissão Docente" e no final do Seminário foram essas falas que emergiram:

"A gente vai crescendo plenamente como pessoa e vai crescendo profissionalmente também e eu acho que é isso que está acontecendo conosco aqui em Porto Barreiro. E a gente percebeu isso comparando as explanações de hoje com o I Seminário. A gente viu que com certeza esta dando um passo grande em termos de qualidade. E isso é importante. Agora quero deixar a palavra em aberto para qualquer pessoa que esteja aqui, que queira fazer uma avaliação dar sugestões, para conversarmos e depois encerrarmos o Seminário com chave de ouro, porque eu estou muito satisfeita e eu acho que vocês estão satisfeitos. Eu acho que vocês estão de parabéns, a gente conseguiu mais uma vez apresentar um pequeno grande trabalho que nós estamos fazendo com todas as dificuldades, com todos os problemas, mas a gente com certeza está construindo um pedacinho da História de Porto Barreiro, com certeza construir uma Educação um pouquinho modificada daquela que a gente encontrou e que nós somos frutos dela e por isso que estamos aqui cheio de defeitos, de dificuldades, esse foi o tipo de Educação que tivemos e não queremos para os nossos filhos, para os nossos netos, nossos bisnetos tenham e por isso estamos aqui nos formando, nos capacitando. Um profissional competente, com garra firme, que realmente se respeite e seja respeitado." (IK,

Ibidem, p. 143)

"A gente perde a consciência de que aquilo que a gente vive e acredita, a gente passa para os outros. Que o professor não passa só conteúdos para o aluno, ele passa um modo de vida. A gente perde isso quando a gente adota principalmente o livro didático, deixa simplesmente escapar tua criatividade. Você deixa de ensinar aquilo que você acredita e pensa, você fica preso ao livro didático. Às vezes, você tem que usar uma metodologia que você não sabe, não conhece, só conhece a máscara, que é aquilo que os outros colocam no livro. (...) O ser humano tem três necessidades básicas sobreviver, precisa sobreviver, conviver, não tem jeito tem que conviver com mais pessoas mesmo. E o terceiro acreditar, a pessoa só vive porque acredita também. Uma educação autoritária torna os alunos gente que não tem personalidade própria, que vai exigir os seus direitos e nunca vai viver plenamente como ser humano assim ele fica atrofiado. E os projetos que vocês estão desenvolvendo são muito interessantes porque eles são ao contrário dessa Educação autoritária que falei." (Sr. João, Ibidem, p. 143)

"Eu acho que vocês estão no caminho certo, nós esperamos muito da Educação. Vocês estão de Parabéns." (Vereador, Ibidem, p. 143)

"No meu conceito a Educação está andando bem no nosso município. Na pesquisa que fizeram aqui no município a nota atribuída a Educação foi 80 (oitenta). No ano passado nós tínhamos tirado 76 (setenta e seis). A próxima tem que ser no mínimo 85 (oitenta e cinco). É claro que isso não é o mais importante para nós. Mas estamos felizes. E também o mérito não é só nosso, é dos pais, dos alunos, da prefeitura, dos vereadores, de todos os que colaboraram. Quer dizer é um grupo de pessoas que colaborou para que os nossos objetivos sejam alcançados. E nós estamos aqui para um momento especial, é muito importante comungarmos esse momento especial, mas precisamos ficar juntos, não só neste momento, mas também nos momentos de dificuldades, naqueles que a gente encontra, porque eu sempre digo para meus companheiros da Secretaria e para os professores: Amigo é aquele que está junto na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, igual ao casamento. Tá bom? E vamos cantar uma música e fechar com chave de ouro. E não vamos deixar cair a peteca." (IK, Ibidem, p. 144)

Nas falas desse Seminário encontro alguns indícios que sinalizam para algumas

questões:

Quando o professor Ariel fala da produção do livro ele diz: “Conhecimentos são construídos por nós mesmos. O que a UNICENTRO vai fazer junto com os professores daqui? Dar apenas algumas tintas acadêmicas científicas (...) mas quem está fazendo, está escrevendo, produzindo (...) são vocês...” Nessa fala percebo que a postura do professor Ariel é de parceria, de estar pesquisando com os/as professores/as, está valorizando e reconhecendo a produção do grupo como produção de saberes e conhecimentos.

Quando a professora Clarice diz: “Gostaria de explicar que o nosso grupo tem trabalhado bastante ...” Ela demonstra preocupação em enfatizar que o grupo está trabalhando, está procurando caminhos e ela se vê nesse processo junto com o grupo. Sua outra fala indica que compreende a pesquisa-ação como processo, assim como a constituição do/a professor/a.

A professora Ana Lúcia diz: “... a pesquisa do nosso grupo, ela vai tentar também discutir a visão do processo ensino-aprendizagem. No que as professoras estão mudando na sala de aula...” A sua fala sinaliza que está ocorrendo uma pesquisa com as professoras, tentando compreender como a pesquisa está proporcionando significados e como estes sentidos estão intervindo na prática docente das professoras. Percebo que a intenção de captar esse momento traz produção de conhecimentos, para todos: para o grupo de professores de Porto Barreiro, para a professora Ana Lúcia e para o nosso grupo.

Nas falas dos/as professores/as de Porto Barreiro e dos/as professores/as do nosso grupo, também percebo que há entusiasmo, há movimentos que sinalizam para as mudanças, que o processo está tocando-lhes com menos ou mais intensidade, mas esses toques não são só harmonia, há contradições, conflitos, nem sempre os sons são consonantes, ocorrem dissonâncias. E essa característica se faz presente em todo o processo de constituição e (re)constituição de cada um/a: *“Por sermos multiplicidade (de papéis e de vozes) na unidade, nossa consciência e identidade se constituem como contradição, e não como coerência; como multideterminação, e não como indeterminação; como confronto, e não como harmonia.”* (Fontana, 1997, p. 76)

Na música, a dissonância ocorre quando unimos dois ou mais sons que não se harmonizam no contexto da melodia, fogem da modulação dos sons que a compõem, podem

surgir de um erro de composição ou execução, bem como podem ser colocadas pelo compositor por qualquer motivo. Quem pode questionar os porquês do artista? Explico tudo isso porque ao estar assistindo um filme sobre a vida de Bethoven, em uma passagem ele pede para uma aluna executar uma partitura. Ela toca sem nenhum erro de execução. Ele pede-lhe que toque novamente a música, mas que a interprete, que sinta a melodia, que se unifique com a música, rompa os limites de si e se misture, se dilua no som. A aluna vai conseguindo fazer isso, cria-se um clima de êxtase, que bruscamente é interrompida por um som dissonante resultante de um deslizar acidental de um dedo, apenas um dedo, mas que produz uma dor nos ouvidos e interrompe aquele momento sublime. Assustada olha para Bethoven, temendo sua reação, porque segundo historiadores era homem considerado impulsivo e rude. Mas que surpresa! Ele com o ar mais angelical possível lhe diz: O que é um erro diante da grandiosidade de uma obra?

Essa dissonância no contexto das nossas reflexões são erros? Não as vejo assim, são simplesmente o tatear em busca de sons que produzem sentidos, para quem ousa se perceber como compositor.

LA[97] - Socializando alguns tons da melodia: conquistando o reconhecimento como compositor...

5º Compasso: 12º COLE.

Após o III Seminário tivemos mais uma reunião 08/07/99 dedicada ao planejamento da viagem à Campinas para participação do 12º COLE.

[97] A nota "LA" é a sexta nota da escala musical (Dó M).

Participamos do 12º COLE de 19 a 23 de Julho de 1999. A nossa participação foi extremamente gratificante e dinâmica, fomos acolhidos com respeito e admiração. Apresentamos 11 (onze) comunicações[98], na seguinte agenda:

20 de Julho:

Aprendendo e pesquisando Ciências com professoras leiga do Ensino Fundamental. Professora Ana Lúcia Crisóstimo.

Pesquisando em Ciências: uma produção coletiva a partir do cotidiano (o olhar das professoras). professoras Lenir R. de Bona, Norinda Viola, Zenaide Taufemback, Eliane Dal'Moro, Armelinda Scariot, Irene Morelli (sala 07 – Produção do Ensino de Ciências)

Pesquisando sobre a Alfabetização ou alfabetizando-se na pesquisa (um olhar). Professora Clarice Linhares e Neusa Moro.

Pesquisando sobre a Alfabetização ou alfabetizando-se (outro olhar). professoras Adriana K. Joaquim, Genori F. Klen, Genoveva F. Silvério, Maria Pereira, Neusa F. Santos, Rejane P. da Silva, Senhoria M. Joaquim e Soeli T. Hosda (sala 08 – Produção na Alfabetização)

Acertando o passo: construção da proposta político-pedagógica do município de Porto Barreiro (um olhar). Professoras Ivone Kerber, Izabel Schultz, Marlei Panatto, Marlene Vailatti, Rita Pretto, Solange Ribeiro.

Acertando o passo: construção da proposta político-pedagógica do município de Porto Barreiro (outro olhar). Professores/as Edélcio José Stroparo, Maria da Glória Martins Messias e Regina C. H. W. Padilha. (sala 13 – Pesquisa-ação nas escolas)

21 de Julho de 1999

Participação da professora Helena Gonçalves Gandin (Rede Púlica de Porto Barreiro – GEPEC-FE-Unicamp), como convidada especial, na Mesa Redonda "A leitura e a formação do professor-pesquisador", composta pela professora Núria Pérez de Lara (Universidade de Barcelona), Eliana Ayub (GEPEC-FE-Unicamp), Gislainy Soares Farinha (REELP-GEPEC-FE), Abigail Malavasi (Rede Pública do Estado de São Paulo – GEPEC-FE-Unicamp), Lusia

[98] Ver anexos. Onde coloquei uma cópia dos textos que foram apresentados no Congresso. No COLE participamos dos trabalhos do grupo 15, que foi o I Seminário Leitura e Produção no Ensino Superior. Coordenado pela professora Corinta (coordenadora do GEPEC-FE-Unicamp) e pela professora Cláudia Riolfi (coordenadora da Associação de Pesquisa na Graduação em Letras – APGL-FE-Unicamp.

R. Pereira (PUC/MG).

Matemática: onde está o significado? Professora Doroteya Gavanski

A matemática da vida presente na Matemática da escola. Professoras Adelina Tessaro, Ivani Cristo, Juscelene Matos, Liane Pereira, Nelci Silva, Vanderlli Cruz e Vania Vailatti. (sala 07 – Produções no Ensino de Matemática)

Aventurando-se no conhecimento: a pesquisa-ação como eixo norteador da formação continuada de professores/as universitários/as e professores/as do ensino fundamental. Professores/as Ariel José Pires, Ana Lúcia Crisóstimo, Clarice Linhares, Doroteya Gavanski, Edélcio José Stroparo, Márcia Marques, Maria da Glória M. Messias, Neusa Moro, Regina Padilha e Wanda T. P. dos Santos. (sala 11 – Professor/a Pesquisador/a)

22 de Julho

Aspectos históricos e geográficos de Porto Barreiro e região (1850-1997). Professores/as Ariel José Pires, Márcia Marques e Wanda T. P. dos Santos.

Ensino e pesquisa em Porto Barreiro: Professores/as Açunta Santos, Carmem Reveliau, Clevanir Becker, Helena Gandin, Jorge Oliveira, Lourdes Oliveira, Marilene Silva e Maristela Silva. (sala 04 – Leitura e produções – Ensino de História)

Todas essa comunicações seriam publicadas pelo COLE, talvez em CD-ROM ou nos Cadernos CEDES, na época não fora decidido. Para publicação reunimos os textos produzidos por cada grupo e no final, colocamos algumas considerações, assim organizando um texto coletivo.

Além de participarmos do 12º COLE como expositores, também participamos como ouvintes, assistimos diversas palestras, conferências, comunicações e outras atividades. Também participamos de uma reunião do GEPEC, onde estavam reunidos os vários grupos que o compõem: Grupos do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro, de São Paulo, Minas Gerais e de outros lugares.

Vou colocar agora como alguns grupos contaram seus trabalhos nesse evento:

"Iniciamos o trabalho em 1997, e questionávamos como gerar um trabalho que atendesse aos anseios da população, que contribuísse para melhorar as condições existentes no município e simultaneamente que mantivesse o equilíbrio entre as possibilidades materiais

e humanas e os anseios do município. Esse foi o questionamento que tínhamos no início do nosso trabalho. Tínhamos duas opções: - deixar como estava, que era uma estrutura já herdado de Laranjeiras do Sul (município mãe do qual estávamos atrelados) ou construir alguma coisa na área da Educação, de forma que fôssemos construindo um projeto diferenciado daquele que tínhamos. Passamos a pensar isso e então procuramos a UNICENTRO para que então juntos, pudéssemos construir um projeto. Iniciamos esse projeto desde 1997. Em 1997 foi um projeto mais de formação, mais no sentido de cursos, dar a formação aos professores através de cursos.

O nosso objetivo era produzir uma Proposta Educacional para o Município que priorizasse a formação continuada dos professores. Essa formação fosse vinculada a produção de um currículo que contemplasse as necessidades daquele município devido as diferenças, que é um município muito pequeno, 95% da população vive do meio rural, e é um município de 4.400 habitantes, mais ou menos.

O que nos motivou a apostar numa forma diferente? Criamos então o Aventurando-se no Conhecimento, que é o projeto que estamos desenvolvendo hoje lá. o desejo de trilhar caminhos que possibilitasse reflexões sobre o nosso trabalho e que desse espaço para que pudéssemos compartilhar as nossas dúvidas, as nossas certezas e o questionamento do papel do professor de mero espectador, como construtor do seu conhecimento. Então esse foi o nosso grande objetivo para que a gente pudesse realmente construir algo diferente do que já existia.

Nossos primeiros passos, fizemos um levantamento, um diagnóstico do município, visualizamos a nossa estrutura e organização. Elaboramos um paralelo do que nós tínhamos antes, do que a gente havia construído até 1997, passando para 1998, quando criamos o Aventurando-se no Conhecimento e o que nós pretendemos para o futuro daqui para frente.

Fizemos várias leituras com autores e dialogamos com outros componentes do grupo, como pais, lideranças da comunidade, vereadores, com as associações. com os pais, professores, Conselhos Escolares, que ainda não estavam bem organizadas na verdade.

As nossas ações: organizamos o funcionamento das escolas, das APMs, dos Conselhos Escolares, gerando discussões nas escolas e nas comunidades, a produção do planejamento escolar, que as escolas não tinham, o plano curricular e o projeto político-

pedagógico também. Enquanto isso a Proposta Político-Educacional vai sendo construída aos poucos de passo em passo.

Aplicamos os instrumentos de pesquisa para que os pais manifestassem suas necessidades, distribuímos um questionário que todos os pais receberam em sua casas, responderam e depois nós conseguimos fazer um levantamento, um diagnóstico daquilo que realmente os pais queriam, que Educação queriam que fornecesse para os seus filhos.

Essas sugestões aos poucos foram sendo incluídas no trabalho. Reunimos várias vezes os Conselhos Escolares e APMs de cada Escola, como já falei com os vereadores e outras lideranças e discutimos o rumo que queríamos tomar para a Educação do Município de Porto Barreiro. Esses procedimentos nos deram subsídios para que as escolas reformulassem o plano curricular, adaptando-o as suas necessidades e apontando caminhos para a elaboração do Projeto Político-Pedagógico. E a gente tem certeza que esses passos foram importantes para o nosso trabalho que visa construir uma proposta democrática que atenda os anseios da população envolvendo-a nas discussões e nas decisões, para que todos se sintam responsáveis pelo trabalho educacional do nosso município.

A gente tem trabalhado no sentido de fazer realmente uma construção coletiva da Educação do município de Porto Barreiro, já que é a primeira Gestão, e nós estamos tendo a oportunidade de começar de uma forma que vai dar para as pessoas que vierem depois da gente, continuar um trabalho que vai levar a um lugar mais justo na sociedade e uma Educação construída de uma forma diferente." (COLE, Jul.99, IK, Fita nº 31, Di nº 10, p. 146-150)

"Nós somos professores de uma Universidade recente, que está se consolidando. Alguns professores são Mestres por conta de um convênio da Unicamp com a UNICENTRO. Começamos com esse município um trabalho diferente para nos constituirmos como professores-pesquisadores. Inicialmente não sentimos nenhuma clareza em quais caminhos tomar. O primeiro foi buscar subsídios na teoria, buscar alguns autores e dialogar com eles, buscamos ler um pouco mais sobre poder local, municipalização, centralização, descentralização. Então a gente construiu alguns estudos, com os professores de Porto Barreiro. Num Segundo momento, desses nossos estudos, desses nossos contatos, sentimos a necessidade de diagnosticarmos a realidade educacional daquele município porque nós

professores precisávamos dessa visão. Então elaboramos em conjunto um instrumento para coletar dados sobre a estrutura educacional daquele município, já herdada e era a primeira Gestão. Depois de várias reuniões e discussões foi possível que se traçasse um paralelo que foi apresentado no I Seminário, para socializar, divulgar o que estávamos estudando, organizando para a Educação, assim já foi possível estabelecer um paralelo, como tinha sido a Educação do Município, como era, como estava e o que se pretendia fazer. Então compartilhar, discutir os caminhos, construir planejamentos e tudo mais. Com certeza isso gerou algumas angústias, algumas indagações, algumas inseguranças. Mas a gente percebeu que esse Seminário foi importante para isso para socializar e à medida que a gente se encontrava para discutir o que apresentar, os resultados, o trabalho avançava. Com certeza com essa participação aqui no grupo vai avançar. Então o nosso trabalho vem de duas frentes, de duas dimensões: a dimensão de sistematizar todo esse processo, toda essa atuação da Universidade com a Secretaria Municipal de Educação, relatando passo por passo, o que a gente tem percebido, concebido, é uma Metodologia: o que construir, como, que repercussão, que referencial teórico estamos usando nas nossas práticas e no outro sentido provocar ações, ações junto a estrutura educacional local.

Já conseguimos alguma coisa em termos de currículo, de discussões sobre Diretrizes e Políticas Educacionais. Já iniciamos a Educação Continuada dos professores do município, a implantação da nuclearização da escolas, os Conselhos Escolares e a sua atuação.

Nesse grupo participa eu e a Glorinha que somos pedagogas e tem participado o professor Edélcio, mesmo que esporadicamente que é da área de Direito, junto aos professores de Porto Barreiro." (RP, Ibidem, p. 150-152)

"Uma coisa que temos constatado no nosso grupo que é uma hipótese da Corinta, que o grupo se constitui na emergência da prática e da socialização. Nós percebemos que os trabalhos iam mais vagarosamente, mas os momentos que mais produziram foram próximos aos Seminários. E a vinda aqui foi importantíssima.

O grupo vive a contradição entre a dissolução e a manutenção ou conservação, esses momentos de socialização é que vão consolidando e legitimando o grupo. Assim como a nossa própria prática na nossa Universidade, nós não tínhamos pesquisas das nossas práticas enquanto professores universitários agora esse tipo de trabalho de extensão, formação

continuada e mesmo de pesquisa-ação foi nova para nós. Nós vimos que houve um avanço em termos de pesquisa, porque não foi uma pesquisa feita só por nós lá na Universidade, ela foi uma intervenção na realidade. É isso que sentimos no município deles. Outra característica interessante do nosso grupo, que ele é uma resistência positiva porque nós temos o apoio, no caso de Porto Barreiro, tanto é que deixamos de trabalhar em Guarapuava, para trabalhar com eles, devido ao apoio e ao espaço proporcionado pelo município e nem somos tão compreendidos na Universidade como lá. O clima de confiança que existe, o nosso trabalho é sério mas ele é muito afetivo. A Ivone tem experiências com grupos e isso enriquece o nosso trabalho, também a sua experiência é de partir das bases." (MG, Ibidem, p. 152-153)

"Houve dificuldades de entendimento da proposta, mas já no I Seminário como a Glorinha disse a gente já conseguiu dar um salto e a partir daí as professoras passaram a entender a importância desse trabalho e hoje eu acho que elas não querem parar de jeito nenhum, então eu acho que a professora à medida que ela vai tendo oportunidade de mostrar, que ela é capaz, com certeza, ela vai se tornando um profissional cada vez melhor e com mais condições e a qualificação dela vai acontecendo." (IK, Ibidem, p. 154)

"Quando iniciamos o projeto era muito difícil, a gente se sentia perdida, nós éramos acostumadas a passar o que vinha pronto, mas criar alguma coisa a gente não sentia necessidade. Mudar foi muito difícil, mas foi possível. Nós conseguimos dar o passo, contudo ter sido difícil. Difícil trabalhar em grupo, difícil estudar, difícil acreditar. Foi difícil a mudança, nós estávamos acostumadas com o pronto." (HG, Ibidem, p. 155)

"Isso que você fala da resistência do professor a gente tem dificuldades. Esse se perceber como uma pessoa que está produzindo que tem condições de ser produtor de conhecimentos essa dificuldade a gente vem vencendo gradativamente.

Quando a gente prioriza ... O nosso Município, a primeira Gestão, com todas as dificuldades que dá para imaginar de estrutura, não tem escolas, não tem equipamentos na escola, trabalhamos em escolas alugadas, Centros Catequéticos, mas mesmo assim a gente achou interessante, isso se for ver, politicamente na questão de ganhar eleição, essa aposta na Educação não daria voto nenhum porque você não está mostrando estrutura, casas, escolas bonitas, mas você está qualificando professores e isso é difícil de perceber, mas mesmo assim sabendo disso e entendendo isso a gente teve apoio do prefeito ... A gente

acredita que a única forma de você melhorar e de você construir uma Educação melhor é qualificando, quem trabalha com a Educação hoje. A gente está pisando num caminho que ainda não havíamos pisado. A gente está sentindo alguns espinhos, algumas dificuldades, mas a gente tem certeza na meta final, e que esta etapa estamos vencendo, num município pequeno como é Porto Barreiro." (IK, Ibidem, p. 155-156)

"Eu tenho trabalhado na área de História e Geografia, e o grupo já está produzindo um livro (...) onde os professores estão participando, os alunos e os pais dos alunos. Eles nunca tinham ouvido falar em fonte historiográfica, eles tinham essa idéia. Mas a História não é só do Brasil, História Geral, que é uma coisa tradicional, mas que estava presente. Então, eles descobriram que o cotidiano é História e eles é que fazem, produzem História. Eles começaram a escrever a História de vida deles, dos alunos, da comunidade, é mais ou menos nessa perspectiva." (AJ, Ibidem, p. 159)

Nas exposições dos trabalhos no COLE, também encontro alguns indícios nas falas dos/as professores/as. Antes de falar desse indícios quero chamar atenção para uma característica que observei que permeou os nossos trabalhos, os momentos que os/as professores/as explicitam com mais intensidade reflexões sobre o trabalho, que se expõem mais, são nos momentos de socialização, em eventos que extrapolam as reuniões do grupo. Isso vem sinalizar que esse momentos de socialização além de corroborarem a hipótese que os grupos se constituem da emergência da socialização, eles/as são espaços formativos e podem produzir "distanciamentos" no seu próprio contexto interativo. As falas algumas vezes ultrapassam as reflexões previamente sistematizadas nos textos.

Quando a professora Regina diz: "Nós somos professores de uma Universidade recente, que está se consolidando", ela remete a uma informação, que no nosso texto não está escrito, porque quando o escrevemos não era importante. Mas quando ela se refere a essa informação, vejo que no sentido de colocá-la, está implícita a reflexão sobre a própria condição da nossa Universidade em relação às outras Universidades no contexto do reconhecimento acadêmico, de conquista de espaço. Quer dizer as relações de poder que perpassam a credibilidade das Universidades, o poder de suas vozes e legitimação na e pela "comunidade científica[99]". Ela continua:

[99] Uso termo comunidade científica porque não encontrei termo melhor para expressar o meu pensamento.

"Começamos com esse Município um trabalho diferente para nos constituirmos como professores-pesquisadores" Sua colocação remete a sua compreensão do processo, como constitutivo da nossa formação. Ela continua: *"Mas a gente percebeu que esse Seminário foi importante para socializar e à medida que a gente se encontrava para discutir o que apresentava, os resultados, o trabalho avançava..."*Aqui ela coloca o nós", no processo de pesquisa, não vê separação entre os/as professores/as da Universidade e os/as professores/as de Porto Barreiro. Entendo que diz, pesquisamos "com" os/as professores/as de Porto Barreiro e destaca a contribuição do Seminário para o processo de produção do grupo e vai tecendo outras considerações que sinalizam para o processo de construção do trabalho.

Ao tentar olhar-me naquele momento, percebo que procuro confirmar as colocações dos companheiros de grupo, fazendo várias articulações das análises apresentadas para legitimar o trabalho.

A postura dos/as professores/as de Porto Barreiro é de esclarecer o "como" realizaram os seus trabalhos, também remetem a uma compreensão do processo em andamento, como movimento, espaço de aprendizagem, de produção de saberes e conhecimentos, e de processo mesmo, um movimento dinâmico, provisório e inacabado.

O professor Ariel reafirma a sua postura: "Eu trabalho na área de História e o grupo está produzindo um livro (...), é como se dissesse, eles estão produzindo conhecimentos e saberes."

A participação no COLE para todos teve um significado muito importante, sentimos que o nosso trabalho fora credenciado e legitimado pela academia. Inclusive fomos procurados/as por professores/as de outras Universidades para trocarmos idéias e posteriormente entrar em contato. Para o nosso grupo PPCP teve sabor de vitória, para os grupos de Porto Barreiro teve esse sabor, mas a satisfação deles era incomparável.

No COLE, percebemos a heterogeneidade de vozes. Vozes pouco ouvidas como a de professores/as que não pertencem a Universidade, que tiveram a oportunidade de produzir a sua prática, o seu trabalho docente, de contar episódios da sua História de formação.

As interlocuções a seriedade e o respeito permitiram que os/as professores/as de Porto Barreiro, se percebessem como produtores/as de conhecimento e saberes. A autoria foi

devolvida a quem é o/a autor/a nesse caso a esses/as professores/as.

Penso que foi um espaço de redenção da Universidade, no sentido de reconhecer a contribuição do/a professor/a de que com todas as contradições que vive, quer que o seu trabalho seja reconhecido e que não seja só objeto de pesquisas e conquistas de títulos acadêmicos. O encontro foi um espaço de aprendizagem para todos/as possibilitando discussões sobre: formação continuada; inovação curricular; produção de saberes e conhecimentos sobre o processo ensino-aprendizagem e a escola.

Depois da participação no COLE me afastei provisoriamente dos trabalhos dos grupos porque precisava sistematizar os trabalhos realizados, contudo um fato interessante ocorreu com os grupos de Porto Barreiro e com o nosso (PPCP), entusiasmados participaram de outros eventos de socialização. E esse entusiasmo também me contagiou.

SI[100] - Os/as compositores/as divulgando os primeiros esboços produzidos.

Em Setembro entre 26 e 30, participei da 22ª Reunião Anual da ANPED[101] (Caxambu – MG) como ouvinte e expositora. Apresentei o pôster intitulado: "Um trabalho de educação continuada: da pesquisa de professores/as à produção do currículo". Esse trabalho foi aprovado pelos Consultores Ad Hoc dos Grupos de trabalho (GT – Currículo), o texto foi publicado no CD-ROM da 22ª Reunião Anual da ANPED e o resumo nos Anais do evento.

Em Outubro entre 18 a 22, participamos do Painel, Pesquisa de Professores/as, no XI Seminário de Pesquisa e VI Semana de Iniciação Científica da UNICENTRO. As comunicações apresentadas foram:

1. Acertando o passo: construção da proposta político-educacional do município de Porto Barreiro (um olhar). Ivone P. Kerber, Izabel Schultz, Marlei T. Panatto, Marlene S. Vailatti, Rita de C. Pretto, Solange P. Ribeiro – Porto Barreiro / PPCP – UNICENTRO/GEPEC-Unicamp.

[100] A nota "SI" é o sétimo som da escala musical (Dó M).
[101] Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

2. Medidas Agrárias: em busca do seu significado. Doroteya Gavanski - DEMEP[102]-UNICENTRO/GEPEC-Unicamp.

3. A Matemática da vida presente na Matemática da escola. Adelina T. Tessaro, Danieli Bavaresco, Ivani S. Cristo, Juscelene R. de Matos, Liane M. Pereira, Nelci M. S. da Silva, Renê Rigon, Taisnara M. M. Pech, Vanderlli V. da Luz – Porto Barreiro / PPCP – UNICENTRO/GEPEC-Unicamp.

4. Pesquisando com professores de Ciências do município de Porto Barreiro – Pr: parceria entre a Universidade – Escola. Ana Lúcia Crisóstimo - DEBIO[103]-UNICENTRO/FORMAR[104]-GEPEC-Unicamp.

5. A pesquisa em Ciências no Ensino Fundamental: um projeto sobre a problemática dos agrotóxicos no município de Porto Barreiro – Pr. Lenir R. Bona, Norinda V. Viola, Zenaide T. Taufemback, Eliane M. Dal'Moro, Armelinda T. Scariot, Irene T. Morelli - Porto Barreiro/PPCP – UNICENTRO/GEPEC-Unicamp.

6. História e Geografia de Porto Barreiro e região. Açunta M. M. Santos, Carmem J. Reveliau, Clevanir de F. Becker, Helena G. Gandin, Jorge G. de Oliveira, Marilene L. Silva e Maristela P. da Silva. Porto Barreiro/PPCP– UNICENTRO/GEPEC-Unicamp.

Nesse evento expus o Pôster, "Um trabalho de educação continuada: da pesquisa de professores/as à produção do currículo" e apresentei algumas considerações sobre os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos, seu valor acadêmico e as contribuições que estão trazendo para a Pesquisa em Educação. A síntese desses trabalhos foram publicados nos Anais do evento mencionado.

Algumas narrativas desse evento:

"Esse projeto surgiu a partir de 1997, quando começamos a atuar no Município. Nós já temos alguns resultados dessa interação, os quais estamos procurando socializar em Seminários, eventos e outros. É um projeto que a Universidade através dos seus professores entrou em contato com a Prefeitura Municipal de Porto Barreiro para pensar a Educação, para pensar e executar, é a união entre a teoria e prática. Essas interações se dão entre os

[102] Departamento de Metodologia e Prática de Ensino.
[103] Departamento de Biologia.
[104] Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores da Área de Ciências.

profissionais que estão trabalhando na Secretaria Municipal de Educação, a Secretária, sua equipe de apoio e os professores que estão atuando nas escolas do município. (...) O nosso grupo foi denominado de Gestão Educacional."

O nosso grupo tem uma História, surgiu da necessidade lá do Município, da Secretaria Municipal de Porto Barreiro de construir uma Proposta Político-Educacional condizente com as necessidades do município. Nós aqui na Universidade recebemos um grupo de pessoas de Porto Barreiro e conversamos com elas e elas percebiam essa necessidade naquele município, construir uma Proposta que não fosse copiada de outro município, mas a construção de uma proposta própria e para isso buscaram a Universidade. E aqui da nossa parte dos professores da Universidade com certeza tínhamos uma necessidade, aqui havia também uma necessidade, para nós se configurou como um desafio, nos lançamos num trabalho diferente, junto a uma Prefeitura Municipal. Formamos uma parceria com essa Prefeitura e vamos nos voltar a esse trabalho. Vamos pensar a Educação daquele município que estava e está na sua primeira Gestão. O objetivo era uma construção coletiva, não é uma proposta tirada de gabinete, uma pessoa apenas pensando. É uma proposta pra Educação daquele município, partilhada, pensada. Várias pessoas trazendo os seus pontos de vistas, várias pessoas discutindo, acima de tudo todos conversando com a realidade, com as necessidades do município. Esse foi o objetivo do grupo.

Quanto ao processo. Quais são as características desse processo, o que a gente vem acompanhando, desenvolvendo? Um processo novo com certeza, novo para ambas as partes. novo para a Prefeitura e novo para a Universidade também. E tudo que é novo, desconhecido, gera incertezas, inseguranças inquietações e aquilo que a gente chama angústia. E é a angústia que nos faz buscar mais, pensar em procurar caminhos diferentes. Então, diante desse processo em muitos momentos nos deparamos com problemas. Problemas, esses que não temos soluções, que estamos juntos procurando. Nesse processo está bastante presente o diálogo. Então, adotamos a postura dialógica, o diálogo entre os membros do grupo. Entre os membros da Secretaria de Porto Barreiro, e membros daqui da UNICENTRO. E quando não temos as respostas que pretendemos procuramos dialogar com autores, ver o que a literatura especializada, na área, nos tem a dizer, nos tem a sinalizar, a sugerir.

Outra característica desse processo é a coleta de dados sobre a estrutura educacional do município porque em sua primeira Gestão a equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação como não sabia, não conhecia aquela realidade e aqui a UNICENTRO muito menos conhecia. Então, temos buscado, coletado dados, diagnosticado a realidade. Isso tem feito parte do processo. Esses dados coletados são analisados e nós temos constantemente traçado um paralelo entre o que se tinha e o que se tem agora. E também temos projetado, pensado sobre o que queremos.

Outra característica que já foi mencionada é a característica da socialização, tudo tem sido conseguido, construído de uma forma partilhada, dialógica e também tem sido socializado. Então são vários os momentos e este é mais um momento de socialização. Uma hipótese que tem sido confirmada pelos trabalhos do grupo: É que o grupo se constitui na emergências da prática e da socialização. Pois a cada evento observamos que o grupo avançou no seu trabalho. São os problemas postos pela prática que nos fazem buscar subsídios teóricos, que nos fazem render mais. As inquietações frente a nossa realidade é que nos fazem buscar, são desafios que são postos para o grupo." (XI Seminário de Pesquisa e VI Semana de Iniciação Científica da UNICENTRO - 18-22/10/99. RP, Fita nº 34, Di nº 10, p. 160-163)

"Nos cursos, nós éramos meros espectadores e ouvia, depois no ano seguinte, sentimos a necessidade de mudar, veio o grupo de pesquisa, e com ela participamos, falamos." (IS, Ibidem, p. 163)

"O grupo se formou através de afinidades, com um objetivo comum, interesses comuns e que levaram a constituição do grupo. (...) Os critérios não foram rígidos, foi por afinidade, interesse das pessoas. E é isso que move o grupo, é isso que une os componentes, se eles tem objetivos comuns, se eles gostam de estar juntos, pretendem construir juntos." (RP, Ibidem, p. 164)

"O objetivo do trabalho é que o professor busque e construa o seu próprio conhecimento que ele vá a prática, que ele leia, que ele pesquise. Que junto ao seu grupo, junto com o outro ele construa e deixe de ser apenas um repassador de conhecimentos ou um espectador de cursos para repassar para os alunos. O nosso grande objetivo é fazer com que o professor atuante se qualifique através da busca, da pesquisa, da ação." (IK, Ibidem, p.

163)

"Nosso trabalho está em processo, mas vereadores, pais, participantes dos Conselhos Escolares e APMs, ajudaram a construí-lo e pretendemos continuar esse trabalho e contribuir para a Educação de Porto Barreiro." (MP, Ibidem, p. 164)

"Em diferentes momentos, diferentes pessoas participaram. Quando precisamos auxílio fomos atendidas." (RP, Ibidem, p. 164)

"Quando iniciamos não tinha nada, as escolas não tinham nem Regimento Escolar, não tinham Plano Curricular, não tinham APMs organizadas, tudo isso foi um processo que a gente foi fazendo aos poucos, e hoje na verdade nós já temos alguma coisa construída, mas ainda falta muitas coisas para a gente chegar naquilo que gostaríamos de chegar, no ideal, vamos dizer assim." (IK, Ibidem, p. 165)

"Quem participa do projeto são professores do Ensino Fundamental, de 1ª a 4ª série, e a maioria não tem graduação. E o objetivo é produzir pesquisas, conhecimentos, essa é a razão mais importante desse projeto, também do ponto de vista universitário, da academia. Professores se aventurando em produzir uma sistematização das suas pesquisas. Eles contam com a ajuda institucional do município e a ajuda dos pais, dos alunos. Enfim, houve um incentivo grande no município com 4.400 habitantes e com cerca de 40 professores. A partir do Projeto Político-Pedagógico resolveu em parceria com a Universidade a produção de conhecimentos.

É inédito inclusive no Brasil professores do Ensino Fundamental produzindo conhecimento isso é raro no interior. Até na Universidade a gente reproduzia o que foi produzido. A gente era mais repassador de conteúdos, até na Universidade do que propriamente produtores de conhecimento. Essa é a grande aventura e a caminhada é arma." (AJ, Ibidem, p. 166)

"O meu trabalho eu intitulei Medidas Agrárias em busca do significado. Quando eu me encontrei a primeira vez com o grupo de professores eles já estavam reunidos. Eram ao todo sete professores, hoje nós somos ao todo nove. E quando eu encontrei com eles eu tinha uma expectativa que juntos nós iríamos definir o tema da pesquisa. Então, eu tinha em mente algumas sugestões, a gente como professor tem a mania de pensar previamente alguma coisa. Então, eu tinha várias sugestões para discutir com o grupo, só que quando eu cheguei lá em

Porto Barreiro, elas já tinham escolhido. Então, enquanto eu conversava com elas, na minha cabeça estava em dar algumas sugestões, o grupo veio me dizendo que já havia definido o tema de estudo. Elas gostariam de conhecer a respeito de Medidas Agrárias e eu levei um susto porque eu como professora da Universidade, não tinha domínio desse conhecimento. Então para mim era novidade. Elas diziam que também não sabiam e queriam aprender para trabalhar com seus alunos. Só que eu fui honesta para com o grupo dizendo que eu também não tinha esse conhecimento e que então todas teríamos que ir em busca desse conhecimento, por isso mesmo eu intitulei: Medidas Agrárias em busca do seu significado.

O objetivo de Matemática foi tentar superar as dificuldades encontradas para ministrar esse conteúdo. Logicamente você não tendo esse conhecimento, dificuldades haviam para serem trabalhadas. E o outro objetivo que tínhamos no grupo era descobrir o gosto pela Matemática, aí vem aquilo que a gente havia comentado, o meu grupo se reuniu, a maioria em não por gostar da Matemática, pelo contrário, porque tinha dificuldades extremas e por querer conhecer um pouco mais e ver se o gosto pela Matemática vinha em conseqüência desse aprendizado e desse conhecimento que iriam ter então. E na nossa conversa eu dizia: Por que esse tema então?

Inicialmente eles só sabiam que precisavam aprender, mas não sabiam o porquê. Então para elas o significado do tema era porque os pais estavam cobrando da escola esse conteúdo. Era a cobrança dos pais exigindo da escola que ela instrumentalizasse os seus filhos com esse conhecimento, que para eles era prático, que fazia parte do seu cotidiano.

Então as expectativas dos pais era que o aluno soubesse alguma coisa que beneficiasse na sua prática. Qual foi o nosso ponto de partida, uma vez que nem o grupo e nem eu tínhamos conhecimento? Então, nós partimos da elaboração de um projeto onde nós buscamos estabelecer os objetivos do nosso trabalho. O que a gente pretendia. Em seguida a gente viu o foco da investigação dentro do tema porque o nosso tema (...) a gente não tinha intenção de só estudar Medidas Agrárias, mas nós estávamos investigando também como as pessoas que trabalhavam a terra faziam esse tipo de opções. Então nós fomos investigar também a forma como desenvolveríamos o nosso trabalho enquanto grupo.

A minha atenção esteve o tempo todo voltada para as ações do grupo, para aqueles comentários que a gente fazia nas reuniões. Nós sempre nos encontramos uma vez por mês,

uma vez por semana aprofundando os estudos tanto da parte teórica que a gente fundamentava com leituras, com textos, como também desenvolvendo a parte da pesquisa. Então, o que me interessava o que eu observava do nosso trabalho? O relato das atividades desenvolvidas até aquele encontro, elas me falavam o que haviam feito aquela semana, aquele mês, até o nosso encontro. Nós fazíamos as discussões, as leituras orientadas porque à medida que nós íamos nos encontrando, eu oferecia algumas leituras para embasamento do conteúdo específico que era Medidas e, depois a gente discutia sobre aquela coleta de dados que elas estavam fazendo junto aos agricultores da região e o que era melhor fazer na seqüência. Nas reuniões também eu procurava dar esclarecimentos sobre as dúvidas que elas tinham do conhecimento Matemático que é relacionado a Medidas. No espaço desses encontros, nós trocávamos experiências não só a respeito das Medidas Agrárias, mas aquilo que acontecia em sala de aula. E eu fazia algumas sugestões que elas poderiam utilizar, materiais, ouvia dificuldades, problemas do grupo. Enfim, não só eu mas todas nós dávamos palpites para o trabalho de cada uma. E também nessas reuniões do grupo a gente se preocupava com as orientações para a continuidade dos trabalhos e da organização do cronograma. Elas antecipavam muitas mais e faziam coisas que eu não estava esperando, elas sempre me surpreenderam. Às vezes eu pensava, agora vou orientar para fazer um entrevista com os agricultores. No próximo encontro, quando eu chegava elas já haviam feito várias entrevistas, já haviam trazido dados e, depois a gente comentava a respeito. Do trabalho desenvolvido eu já poderia dizer o seguinte: o grupo, não sei se é em virtude de eu não saber a respeito do tema, desde o início foi autônomo, foi em busca do conhecimento, não ficou esperando que eu como professora universitária lhes desse esse conhecimento, elas foram procurar, foram buscar. O grupo manteve-se motivado na maior parte dos trabalhos, superou várias dificuldades quanto a interpretação dos dados coletados, a Eliane vai falar a respeito disso. Eu percebo que as professoras se tornaram muito críticas em relação ao trabalho que desenvolvem junto aos seus alunos. Estão mais preocupadas com a dificuldades que os alunos hoje apresentam na sala de aula, já revelaram gosto pelo estudo e pela Matemática. Estas foram as minhas constatações." (DG, Ibidem, p. 167-171)

" O grupo de Matemática formou-se com o objetivo de estudar e compreender as Medidas Agrárias, contemplando as expectativas dos pais dos alunos que esperavam da

escola uma contribuição mais afetiva em termos da praticidade da Matemática. Então, o que os pais querem? Querem que a criança leve da escola para casa, aquilo que eles realmente vão ocupar no dia a dia. Geralmente a Matemática da escola, que a gente costuma ensinar a partir da visão dos agricultores não serve quase que para nada. Então, a Matemática que eles querem é aquela que eles usam no dia a dia, que é as Medidas Agrárias: como medir um terreno, quanto de produção podem tirar daquela lavoura.

Simultaneamente ao lado de tudo, iniciamos a pesquisa, definimos como centro da investigação a busca de explicações junto aos agricultores. Quer dizer o nosso ponto mais forte é o agricultor, como eles faziam os seus cálculos para a medição da terra destinada ao plantio, bem como a maneira de calcular a quantidade da sua colheita.

Visando colher mais informações referente ao tema, além da pesquisa com agricultores, entrevistamos um engenheiro civil, tendo assim um outro ponto de vista sobre esses cálculos. Essa foi a dificuldade que tivemos, esse engenheiro nos deixou bem confusas. Nós chegamos lá e ele começou a explicar de forma matemática, usando fórmulas, cálculos que os agricultores nunca ouviram falar. Nós saímos de lá bem confusas, os agricultores nos mostraram um método de fazer esses cálculos, chegamos lá era diferente, envolvia fórmulas, coisas que nós não entendemos. Dissemos para ele que havíamos entendido, mas saímos de lá sem saber o que era certo e o errado.

Então, resolvemos e fomos atrás, conversamos com um técnico agrícola e com alguns professores agricultores, que nos deram outros esclarecimentos. O que eles nos explicaram? Que o cálculo que os agricultores fazem não é aquele cálculo exato, mas é o aproximado. Às vezes nesse cálculo falta a mínima coisa, é um pouquinho. O cálculo que os agricultores fazem é certo e bem simples, qualquer criança de 1ª a 4ª série aprende. Não é cheio de fórmulas e catetos, hipotenusa e seno e coseno, coisa que até a gente não sabe o que é.

Os resultados parciais do nosso estudo que nós fizemos nesse período, já foram apresentados no nosso município, no município de Laranjeiras do Sul (município mãe, vizinho), e na Feira Cultural que é feita todo o ano lá no município. Esse trabalho é apresentado pelos alunos, eles fazem o cálculo para as pessoas que participam desses eventos.

Esse trabalho todo é baseado nas nossas práticas pedagógicas. Desde o início

quando começamos o grupo de pesquisa, todo mundo tinha medo de falar, de dar bola fora, todo mundo ficava inseguro. Ainda mais quando tinha a professora da Universidade, que a gente nunca teve contato, então a gente estava com medo dessas coisas. Depois que começou o nosso grupo, começamos a nos soltar, a ter mais firmeza naquilo que estamos fazendo. Com o trabalho na sala de aula com as crianças, você tem certeza daquilo que está falando. Então, nós estamos mais ... Agora estamos em fase final do nosso trabalho, onde vamos elaborar um material de apoio para todos os professores municipais e dos municípios vizinhos, que já nos pediram material sobre Medidas Agrárias, que é um tema que quase a gente não encontra em livro nenhum. Só vinha no programa de 1ª à 4ª série, fale sobre Medidas Agrárias. Só que se você for procurar num livro didático você não encontra. Então nós estamos elaborando esse material para servir de apoio para os professores municipais de Porto Barreiro e dos municípios vizinhos. Com esse estudo o aluno pode ajudar o pai em casa a fazer cálculos." (EM, Ibidem, p. 171-174)

" A Eliane falou que os alunos já podem dar respostas, mas os alunos de 4ª série. A nossa preocupação é elaborar um material de apoio no seguinte sentido: de levar o aluno desde a pré-escola a ter algumas noções, para quando chegar o momento desse entendimento de Medidas Agrárias, aqueles conceitos que são necessários para aquele entendimento eles tenham." (DG, Ibidem, p. 175)

"Nós do grupo de História também fizemos pesquisa. Os professores do Ensino Fundamental além de atuarem como professores estão encontrando tempo para fazer pesquisa. O grupo avançou, está no 3º ano desse projeto, que é um convênio de 4 anos. Nesse período foi possível pretender produzir um livro. Vamos produzir um livro sobre os aspectos geográficos e históricos de Porto Barreiro, porque ao longo dos cursos que iniciamos lá (...) todas as áreas começaram dando cursos de aperfeiçoamento, daí vislumbramos a possibilidade da pesquisa em todas as áreas. Aí nós começamos a trabalhar alguns conceitos e algumas perspectivas e também concepções de História e Geografia até então não trabalhados naquele contexto, outros pontos de vista da História da Geografia com outras formas de aprender a ensinar História e nessas concepções foi possível constatar que a História tal como ela foi colocada ao longo da História, por exemplo: a História da colonização em todas as suas formas, sempre tivemos um ensino e um aprendizado de

História voltada quase que para uma perspectiva, aquela perspectiva voltada para a História do vencedor, História do Estado, História Oficial. E daí trabalhando com as concepções, descobrimos que todos fazemos a História, não e só o Duque de Caxias, o Pedro Álvares Cabral, o FHC, que Deus livre. Enfim, aqueles nomes que são os sujeitos principais do processo. Nessa perspectiva o povo de Porto Barreiro descobriu que faz parte dessa História, e que nessa globalização do Estado, o reflexo do que acontece lá em Nova York cai aqui por causa desse processo. Então, nós estamos no mesmo contexto no mesmo processo. As professoras começaram a trabalhar, cada uma pegou uma parte, vamos dizer assim, que a gente considerou importante para escrever a História do Município. Começamos a pesquisar, colher material e fontes históricas. A partir disso nós começamos a escrever e se tudo correr bem, no próximo Seminário em Dezembro, nós façamos o lançamento do livro. Que é uma coisa inédita em qualquer município na sua primeira Gestão. Conseguimos produzir com a ajuda do provo." (AJ, Ibidem, p. 175-176)

"A experiência foi uma inovação para nós, dificuldades apareceram mas nós tentamos superar. Pensamos hoje que não é só um personagem que faz a História. Eu me sinto muito valorizado. Valeu a pena pelo envolvimento que aconteceu através dos alunos, e dos pais que trouxeram informações." (JO, Ibidem, p. 177)

"Como eu trabalho com as séries iniciais, eu trabalho a História de vida das crianças, a realidade dela." (Uma professora do Grupo de História e Geografia, Ibidem, p. 177)

"Como eu trabalho com várias crianças de 2ª série eu contei um pouco da História da nossa região, que eu aprendi agora com a pesquisa. Eles fizeram livrinhos, os ilustraram. O que foi bom no nosso grupo foi o envolvimento dos pais, das famílias porque nós saímos a procura, com isso as famílias se envolveram bastante. Foi importante para eles e para nós." (Outra professora desse grupo, Ibidem, p. 177)

"Eu trabalho há 20 anos e achei que essa forma de trabalhar é muito melhor, a gente pesquisar junto com as crianças, junto com a comunidade. É bem mais fácil e com isso a gente traz os pais para mais próximo da escola. A participação é melhor. Esta semana ainda fiz assim, sempre durante o ano eu programo assim: a cada 60 dias eu convido um pai ou uma mãe para vir a minha sala de aula. Eu concedo de 25 a 30 minutos para ele ou ela trabalhar

com as crianças. Aí é escolhido o tema, seja de Ciências, de História, de Matemática, do que ele/a quiser. Daí o pai ou a mãe vem preparada e faz o trabalho dela. Eu apenas fico auxiliando ou acompanhando. Essa semana veio a mãe que trabalhou com higiene do lar, alimentação variada, e o comportamento do bom filho, como é que ela acha que deve ser o bom filho ou o bom aluno e o respeito pelo trabalho. Por exemplo: dentro da sala de aula respeitar o trabalho do zelador do professor e assim por diante. Foi feito um trabalho de 30 minutos e ela deixou as crianças fazerem desenhos, escreverem." (HG, Ibidem, p. 178)

"O que mudou foi que deixamos de ser professor repassador de conteúdos, de livros didáticos para pesquisador, ativo junto a realidade." (Outra professora desse grupo, Ibidem, p. 178)

"Eu parabenizo o trabalho do grupo porque trabalha outros valores, que extrapolam os valores dessa sociedade capitalista." (Alguém da platéia, Ibidem, p. 178)

"Eu participo do Projeto Aventurando-se no Conhecimento, venho de São Paulo para Porto Barreiro, acompanhar o grupo de Ciências. Quero iniciar a minha fala com uma provocação do Ziraldo. Uma aluna diz para a professora: "Eu queria ser sabida como a senhora professora." A professora responde. " Ora que é isto." A menina diz: "Aí eu não precisava mais estudar." Então, a idéia que nós temos do professor é que ele termina a Universidade e está pronto. E o projeto Aventurando-se no Conhecimento, ele tenta demonstrar exatamente ao contrário, é a partir do término do curso de Graduação, que o professor de todas as áreas do conhecimento começa todo o processo de formação.

O nosso grupo de Ciências é constituído por 6 professoras do município, do Ensino Fundamental e eu faço o papel de professora facilitadora. Resumidamente qual é o papel de professora facilitadora? Eu faço a mediação entre o saber da Universidade e toda a vontade que as professoras tem de desenvolver pesquisa. Então, não vou lá levar nada pronto, simplesmente faço o papel de mediadora, de orientadora do saber sistematizado da Universidade.

O nosso grupo de Ciências se reúne mensalmente e nesse grupo, nessa reunião mensal nós discutimos alguns aspectos importantes. Ocorre estudos teóricos e discussões das ações desenvolvidas coletivamente pelo grupo de estudos, organização do projeto de pesquisa, diagnóstico da problemática dos grupos. Então, vocês perceberam e

acompanharam que todos os outros grupos estão desenvolvendo pesquisa. O grupo de Ciências é o que as professoras vão apresentar, os resultados dessa pesquisa. O diagnóstico da problemática dos agrotóxicos na região.

Nesse grupo também, nas reuniões ocorre as sistematizações dos dados coletados nessa pesquisa que as professoras desenvolvem. E ainda o planejamento do Seminário Semestral e Relatório Parcial das Atividades desenvolvidas no período. As professoras fazem pesquisa. Mas como essa pesquisa reflete... que rompimento tem essa pesquisa em relação a sala de aula dessas professoras? Pudemos acompanhar registrando esses dados e o trabalho das professoras em sala de aula significou desdobramentos, dessa pesquisa. Organização de uma peça teatral junto com os alunos.

As professoras a partir da temática dos agrotóxicos organizaram um teatro e estão apresentando esse teatro para a comunidade local.

É difícil de sintetizar todo movimento porque é um trabalho bastante intenso, mas esse teatro vai tentar levar aos agricultores e aos pais um trabalho de conscientização:

- produção de livros pelos alunos sobre a temática;

- produção de textos a partir de leituras, depoimentos e debates;

- entrevistas feitas pelos alunos no comércio local, onde se vende agrotóxicos, junto ao Posto de Saúde, junto aos agricultores e comunidade local.

Quer dizer as crianças saem da sala de aula sob a orientação da professora, vão fazer entrevistas, vão fazer pesquisa procurando auxiliar nesse movimento de conscientização e diagnóstico dessa região. Então um trabalho na realidade através de contatos.

Essas professoras além da reunião mensal com a gente, professora-facilitadora, elas ainda fazem as reuniões semanais na escola, com a leitura de livros e textos, que são indicados pela professora facilitadora e do material de apoio que é indicado pelo próprio grupo.

Organização e análise parcial dos dados já coletados para a pesquisa. Bom, mas o que tem de novo nisso? Tem de novo, porque as professoras escolheram o tema a partir da realidade local. Eu ajudei a organizar o projeto que elas vão apresentar daqui a pouco. Um movimento interessante foi que as professoras fizeram análise dos dados sem auxílio da gente. Por que? Eu morando em Campinas, essa distância toda as professoras foram analisando,

fazendo as conclusões e simplesmente passaram para gente. Isso eu vou comentar daqui a pouco, porque é isso que interessa para a gente daqui da Universidade também.

Divulgação do projeto desenvolvido pelo grupo de Ciências. Aqui já citamos alguns lugares, alguns eventos.

- apresentação do projero no I Seminário, II e III em Porto Barreiro;

- apresentação no Seminário em Laranjeiras do Sul, quer dizer o projeto delas está saindo da escola e indo para outros municípios;

- apresentação da peça teatral encenada pelos alunos. Eles apresentaram essa peça no Distrito de Porto Santana, num evento organizado pela EMATER em 24/09/99.

Passou a acontecer o seguinte, depois que as professoras passaram a pesquisar um problema que é tão importante na região elas tiveram que fazer parceria com o pessoal da EMATER. Por que? É um trabalho conjunto, essa parceria com a EMATER é um trabalho muito importante. Por que? Porque o representante da EMATER, não estava mais sozinho para chegar até o agricultor e fazer o trabalho de conscientização. Existe aí todo um trabalho de parceria. Apresentaram ainda esse teatro na abertura da Feira Cultural, organizada pela Secretaria de Educação de Porto Barreiro em Outubro de 1998. Apresentaram no COLE, como já foi citado aqui anteriormente. Dificuldades encontradas pelas professoras.

Aqui sou eu falando das dificuldades, depois elas vão falar da pesquisa. Na organização do material de apoio para a temática agrotóxicos em sala de aula. Por que? Porque é muito mais fácil você pegar o livro de Ciências que tem a temática resumida e fazer aquele trabalho numa perspectiva de ensino tradicional e tal. E elas tiveram uma certa dificuldade em sair de toda essa roupagem do ensino tradicional e procurar nas falas do aluno, na realidade das crianças, contextualizar isso em sala de aula. Então, isso causou uma dificuldade muito grande. Os alunos manifestaram as contradições existentes entre a teoria trabalhada em sala de aula pelas professoras e a prática dos agricultores em relação ao uso de agrotóxicos, porque começou acontecer o seguinte, as professoras começaram a fazer um trabalho de conscientização em sala de aula e as crianças lá na casa junto com os pais começaram: mas a professora falou que tem que ser de um jeito e o meu pai faz de outro. Então, ocorria todo esse conflito pelas crianças. Não conseguiram inicialmente encontrar equipamentos adequados para a montagem da peça de Teatro, organizada em sala de aula,

pelos alunos. Isso foi no início do processo. Depois a EMATER e a Secretaria de Agricultura do Município passou a dar todo esse suporte para as professoras. Sentiam dificuldade na avaliação dos alunos em relação à participação nas atividades desenvolvidas sobre a temática dos agrotóxicos.

Desenvolvimento do projeto ou organização do grupo para diagnóstico.

Divulgação das atividades desenvolvidas no jornal local. Por quê? Porque a gente vai nas escolas fazer pesquisa, principalmente o pessoal da Universidade. O pessoa da Universidade vai na escola, faz pesquisa, se apropria muitas vezes de dados e saberes e não divulga, não dá o retorno. Então, nesse trabalho das professoras, de divulgar a pesquisa é como se você estivesse estimulando a divulgação dos dados da pesquisa para a comunidade.

Continuidade do trabalho pedagógico. Reformulação da grade curricular, na área de Ciências, atendendo a solicitação dos pais, que participaram na elaboração, no planejamento de 1999, como o grupo de Gestão.

Elaboração do material didático sobre os agrotóxicos para todos os professores do município. Esse material de apoio estamos organizando com a ajuda de um trabalho, além do trabalho do grupo, lá no IAC, lá em São Paulo, no Instituto Agronômico eles fazem um trabalho semelhante. Então, nós estamos em contato com o pessoal do IAC, lá em Campinas, para ajudar a ter uma troca teórica. Eles se propuseram a visitar Porto Barreiro, e trazer toda a equipe técnica que desenvolve o trabalho lá em Campinas. Para tentar articular. Por que? Eu vou colocar o seguinte: Não adianta só desencadear um processo de conscientização se você não fornecer para o agricultor mecanismos reais de mudança(...). A gente desenvolve toda a pesquisa e os agricultores lá no trabalho deles, eles não conseguem realizar mudanças.

Continuidade do trabalho de conscientização sobre os agrotóxicos em parceria com a EMATER e outros órgãos municipais.

O que nós fizemos? Em cima de todas essas análises nós estamos elaborando o projeto de Tese. Nem é meu objetivo aqui falar sobre o meu trabalho de pesquisa, meu trabalho de Tese. Mas sim trazer algumas reflexões, de pesquisa como professora da Universidade em cima de todo esse processo que está acontecendo com o grupo de Ciências.

Nós temos os conflitos gerados aqui na academia, incompetência, falta de habilidade

e experiência. Que foi o que eu senti quando cheguei lá em Porto Barreiro e encontrei as professoras livres para desenvolver pesquisa e eu simplesmente me sentia incompetente porque elas eram autônomas. Elas querendo desenvolver tal pesquisa e tal.

Então esse foi o meu primeiro conflito. O segundo eu detectei, foi o conflito entre as próprias professoras. Aonde? Reconhecimento dos limites teóricos e uma certa insegurança.

Conflito na comunidade local.

Resistência em aceitar o conhecimento produzido pelas professoras. Porque essa resistência? Porque quando nós encaminhamos para o jornal local uma reportagem. Eu quero só chamar atenção para o seguinte: Você pode notar que todo o tema desenvolvido no jornal local, ele aponta como se a pesquisa tivesse sido feita pela professora da Universidade e não foi. A pesquisa sobre os agrotóxicos quem desenvolveu foram as professoras do município. Quer dizer, existe uma resistência instituída sorrateiramente que a fala, o poder é da Universidade. Então, a gente detectou num primeiro momento esse conflito.

Nós estamos elaborando uma problemática para ser pesquisada que é o seguinte:

Quais as interfaces das relações de poder nas interlocuções tratadas desde a Universidade - escola - prefeitura municipal institucionalizadas em programas de formação continuada que tem a pesquisa como eixo norteador? Está é uma grande pergunta de pesquisa.

Como que age a Universidade, a Escola e a Prefeitura Municipal. Como que a gente consegue desenvolver pesquisa nessa questão? Tudo isso contextualizado (...) Não pretendo dar conta de tudo, mesmo porque eu ainda vou delimitar muito meu objetivo de pesquisa. Mas são questões que a gente levanta. Por exemplo: que interfaces seriam essas? Que questões poderiam ser levantadas? Então, nós temos a relação Universidade – Escola – Prefeitura. Nessa relação ainda temos as relações de poder e que relações poder se subentendem aí. Existem aí as relações de poder até mesmo sobre a questão da legitimação dos saberes produzidos através da pesquisa.

Afinal o que as professoras estão produzindo através da pesquisa é reconhecido pela Universidade?

São questões que estão sendo levantadas.

Alguns objetivos:

Analisar as diversas interlocuções possíveis entre Universidade e a escola, procurando identificar os liames que defendem o processo educativo, emancipatório pretendido.

Identificar nesse contexto avanços, rupturas e resistências dos envolvidos.

Evidenciar que tipo de conhecimento foi produzido por essas professoras durante o processo. Como esse mesmo conhecimento é recontextualizado no fazer pedagógico? Que diálogo passa a estabelecer com o currículo de Ciências, a partir desses saberes?

Algumas perguntas?

Emancipação em relação a quem e a quê?

A gente vai lá na prática desencadear um processo de emancipação e a gente chega lá e sente que essas professoras não precisam ser emancipadas, porque elas já são emancipadas. Seria em relação a academia ou seria em relação aos conteúdos estabelecidos pelo currículo ou um Ensino de Ciências comprometido com o papel social da escola idealizada pela modernidade.

Em que medida a cultura política assumida contribui para a conquista da autonomia docente?

Tudo isso ocorreria sem as interlocuções da Universidade?

A gente acaba estabelecendo esse elo, até para dar sentido para o ensino de Ciências e para a pesquisa que está sendo desenvolvida pelo grupo de Ciências.". (XI Seminário de Pesquisa e VI Semana de Iniciação Científica da UNICENTRO - 18-22/10/99. AL, Fita nº 35, Di nº 11, p. 179-190)

"O nosso grupo de Ciências é formado por seis professoras do Ensino Fundamental. Pelas professoras Norinda, Eliane, Armelinda, Irene, Zenaide e Lenir e também pela professora facilitadora Ana Lúcia. É ela que batalha conosco.

Este projeto está vinculado ao Aventurando-se ao Conhecimento, que por sua vez é fruto da parceria da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO e a Prefeitura Municipal de Porto Barreiro, constituiu-se a partir da temática sobre os Agrotóxicos.

Por que Agrotóxicos? Porque é um problema presente no cotidiano escolar, detectado através de constantes relatos de alunos trazidos em sala de aula, em que nós professores atuamos.

E a orientação em transformar essas preocupações em pesquisa surgiu com a aproximação da professora Ana Lúcia.

Nesse momento o objetivo desse Grupo de Estudo é divulgar a construção e os desdobramentos do projeto que é:

Diagnóstico da Problemática dos agrotóxicos do Distrito de Porto Santana, no município de Porto Barreiro, distrito basicamente agrícola por isso que escolhemos esse tema. Desenvolvido no primeiro semestre de 1998 por nós professores do Ensino Fundamental. Além do diagnóstico da problemática nas regiões o projeto tem também como objetivo: um trabalho de conscientização sobre as conseqüências do uso indiscriminado dos defensivos agrícolas pelos agricultores da nossa comunidade local. E não só para os agricultores, mas também, para o meio ambiente.

Os dados para a pesquisa, para os procedimentos que nós tomamos foram coletados junto dos agricultores através de entrevistas com os mesmos. Bem, como observações e visitas feitas em algumas propriedades procurando identificar os seguintes aspectos:

- Que critérios são tomados pelos agricultores para o uso dos agrotóxicos em suas propriedades?

- Os parâmetros de análise dos dados coletados.

- Como o agricultor revela a necessidade do uso dos agrotóxicos? E que mecanismos alternativos usam quando fazem uso dele?

- Que tipo de conhecimento revelam os agricultores em relação aos problemas causados pelos agrotóxicos aos seus familiares e ao meio ambiente?

- Quais as situações que denunciam o uso inadequado de recipientes vazios dos agrotóxicos?

As propriedades que fizemos as visitas foram seis propriedades visitadas por nós professores. E nós fizemos questionários com perguntas. Objetivamos respostas dos agricultores e a partir daí nós continuamos, demos andamento no nosso trabalho. Foi o início do nosso trabalho.

Tivemos resultados parciais. Depois de coletado todos os dados, a gente fez uma síntese de todas as propriedades visitadas e observamos que todos usavam defensivos agrícolas de modo intensivo e até mesmo indiscriminado nas culturas de soja, trigo, milho,

feijão, arroz, entre outras. Constatou-se que a maioria dos agricultores não utilizam o equipamento de proteção, na hora da aplicação dos agrotóxicos. Constatamos que eles muitas vezes além de armazenarem frascos de agrotóxicos de maneira inadequada, ainda deixam jogados, dessa forma contaminando o meio ambiente. E ainda alguns reutilizam as embalagens vazias para uso doméstico.

Esse trabalho também está sendo desenvolvido em sala de aula com alunos de 1ª a 4ª série. Estamos observando que está tendo um bom resultado, porque pais nos contaram que estão sendo repreendidos pelos próprios filhos e na hora que vão fazer o trabalho estão sendo chamados a atenção, repreendidos pelos filhos como eles devem ser portar diante da situação." (NV, Ibidem, p. 190-194)

"Em sala de aula trabalhamos da seguinte forma: Os alunos trazem depoimentos da sua própria casa, vizinhos e a partir disso o professor desenvolve o tema." (Outra professora desse grupo, Ibidem, p. 194)

"A proposta é organizar um material didático para os outros grupos e até para outros municípios. Não é uma pesquisa isolada, ela tem a ver com a sala de aula. A professora sai da escola e vai agir na comunidade local." (AL, Ibidem, p. 194)

"Nós estamos tendo um apoio muito grande, ajuda dos técnicos do nosso município." (IM, Ibidem, p. 194)

"É gratificante o nosso trabalho porque não é só na comunidade que tem reflexo, já tivemos informações que alguns moradores de Laranjeiras do Sul se interessaram pelo nosso trabalho e o porque optamos por pesquisar agrotóxicos." (Outra professora do grupo, Ibidem, p. 195)

"Nós sabemos que não vamos fazer grandes transformações, mas com certeza menos pessoas se contaminarão." (Outra professora do grupo, Ibidem, p. 195)

"Esse projeto que está sendo desenvolvido em Porto Barreiro é bastante significativo para a nossa Universidade. Esse projeto tem um significado institucional e político para a Universidade, muito importante devido a grande aceitação pelos professores. Inicialmente ele era visto como cursos, onde os professores iam aos municípios simplesmente ministrar cursos, levando modelos prontos e parece que inicialmente era assim que os professores olhavam o projeto. Mas com o desenvolvimento a perspectiva se transformou, onde os professores

procuram construir conhecimentos a partir da realidade local. E a partir disso foi construído um projeto muito bonito com adesão dos professores. Por outro lado existe a adesão da comunidade ao projeto. O projeto extrapolou a escola, há todo um envolvimento comunitário em torno do projeto.

Hoje vemos aqui que temos representados a Prefeitura Municipal, a Câmara Municipal, a Imprensa local, os Professores. Isso não ocorre só hoje, nós encontros que realizamos lá sempre contamos com essas presenças. Isso é uma observação que o projeto extrapolou a escola, o município, até mesmo o Estado. É valioso não só para o município devido a todos esse aspectos que acabamos de ver, mas é também valioso para a Universidade.

Os professores da Universidade estão entrando num campo de conhecimento novo e os resultados estão aparecendo, os Seminários, as Teses de Doutorado, que estão surgindo, temos duas encaminhadas e uma a caminho lá na Unicamp. Então, que mais poderíamos esperar disso? A Educação de Porto Barreiro está se enriquecendo e outros municípios já souberam desse trabalho e já nós procuraram para desenvolvermos trabalhos semelhantes. Por exemplo: Coronel Vivida[105] e Clevelândia[106] nos procuraram e estão lá longe, fora da nossa abrangência e estão solicitando a implantação do projeto lá." (ES, Ibidem, p. 195-196)

Nesse evento a professora Regina diz: "Esse projeto surgiu a partir de 1997 (...) já temos alguns resultados dessa interação, os quais estamos procurando socializar em Seminários, eventos e outros..." Percebo em sua voz, um tom de confiança, de alguém que está falando de algo que lhe é familiar e além de sê-lo foi pensado, analisado, já se produziu um certo "distanciamento" para olhar esse algo "familiar", e já está numa posição de falar "do" processo ultrapassando o "como" ele foi desenvolvido. Também sua voz reafirma a parceria com os/as professores/as de Porto Barreiro, a pesquisa é "com" e não "para". Coloca o diálogo como mediador nos momentos de incerteza, e o interlocutor sãos "os membros da Secretaria de Porto Barreiro, os membros da UNICENTRO (...) autores, ver o que a literatura especializada, na área, nos tem a dizer, nos tem a sinalizar, a sugerir. Segundo Bakhtin:

[105] Município cerca de 120km de Guarapuava.
[106] Município cerca de 200km de Guarapuava.

> *"O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo", num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.*
> *O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas, sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre os trabalhos posteriores, etc.)..."* (1999, p. 123)

A professora Regina continua: "O grupo se formou através de afinidades, com um objetivo comum, interesses comuns é que levaram a constituição do grupo..." No nosso grupo percebo que existem objetivos em comum, assim como conflitos e harmonias co-existem, contudo há princípios que vamos dizer "mais gerais" que norteiam o trabalho no grupo, são comuns a todos, de certa forma traduzem os interesses do grupo e vão se constituindo, segundo Heller.

> *"... o indivíduo pode pertencer a numerosos grupos, na medida em que o fato de pertencer a grupos define-se através de uma certa analogia de interesses e de objetivos, bem como mediante uma certa atividade em comum. Mas há finalidades, interesses e atividades importantes, ao lado de outros que não o são na mesma medida. Isso origina uma hierarquização de "nossos" grupos, distinguido principalmente entre os grupos que representam nossos principais interesses, objetivos e atividades, os quais são assumidos igualmente por eles, e os grupos se relacionam com nossos interesses atividades e objetivos secundários inessenciais (...) nem todo grupo apresenta uma hierarquia fixa e específica de valores; no mais das vezes, a única coisa que se choca com as normas do grupo é a violação dos interesses do grupo; fora isso existem no grupos "éticas plenamente pluralistas e contraditórias."* (1992, p. 67)

O professor Ariel explica que o objetivo do projeto é a produção de conhecimentos e saberes por professores/as do Ensino Fundamental, só que o "Aventurando-se no Conhecimento" na sua origem não tinha esse telos definidos, as nossas falas iniciais na reunião de Dezembro de 1997, quando pensamos em desenvolver um trabalho diferente com os/as professores/as do município, planejamos o desenvolvimento de " grupos de estudos", a idéia era que os/as professores fariam pesquisa para o seu desenvolvimento profissional, a possibilidade de produção de conhecimentos não era cogitada pelo grupo. À medida que o processo foi sendo construído, o telos também foi se modificando. O processo que tinha inicialmente como telos que os/as professores/as pesquisassem para estudar, desenvolver-se profissionalmente, transforma-se em um processo que abre possibilidades para os/as professores/as produzam conhecimentos e saberes. Essa passagem não foi mecânica, ela foi construída á medida que nós professores/as facilitadores/as também fomos construindo o

nosso olhar em relação a nossa visão de pesquisa, pela mediação das discussões e estudos no âmbito do nosso grupo, quando nos percebemos como produtores de saberes e conhecimentos, bem como também percebemos os/as professores/as de Porto Barreiro.

A professora Doroteya no seu relato aponta para uma situação interessante, ela diz:

" ... eu tinha em mente algumas sugestões, a gente como professor tem a mania de pensar previamente alguma coisa. (...) só que quando eu cheguei em Porto Barreiro, elas já tinham escolhido (...) o grupo veio me dizendo que já havia definido o tema de estudo. Elas gostariam de conhecer a respeito de Medidas Agrárias e eu levei um susto porque eu como professora da Universidade não tinha domínio desse conhecimento. (...) elas diziam que também não sabiam (...) só que eu fui honesta para com o grupo dizendo que eu também não tinha esse conhecimento e que então todas teríamos que ir em busca desse conhecimento..."

Na fala da professora Doroteya capto um momento do movimento da sua constituição (re)constituição, interessante. A percepção de que nós professores/as, temos a mania de querer determinar previamente ações, sem conhecer nossos/as interlocutores/as e dessa forma impedindo que processos muito mais ricos do que planejamos ocorram. A postura da professora foi de escuta, deixou suas sugestões de lado, ouviu o grupo. Levou um susto, o grupo queria pesquisar um conhecimento que ela naquele momento não tinha domínio. Numa postura sábia, não dissimulou a falta de domínio sobre Medidas Agrárias. Postura que na interação com o grupo, foi significativa, porque a professora desconstrói a imagem de que o/a professor/a universitário/a sabe tudo e remete a uma compreensão de que somos seres em construção, sempre há algo que não sabemos e que está para ser investigado. Essa situação cria no grupo uma situação de parceria, a professora pesquisa "com" o grupo e juntos produzem saberes e conhecimentos. Esses conhecimentos e saberes são de natureza diferentes, porque os olhares são diferentes. Os olhares dos/as professores/as do grupo de Porto Barreiro são direcionados ao seu trabalho pedagógico, no caso produzir conhecimentos e saberes que fossem viáveis para o processo de ensino-aprendizagem dos/as seus/suas alunos/as, um conhecimento que emergiu do cotidiano deles/as.

Já os interesses da professora Doroteya foram outros, o seu olhar é da professora universitária, como é que o processo foi construído: "... a minha atenção esteve o tempo todo voltada para as ações do grupo (...) eu procurava dar esclarecimentos matemáticos..."

Se necessário fazia a mediação do conhecimento acadêmico, mas não tirava a autonomia do grupo: " ...foi autônomo, foi em busca do conhecimento..." Percebo que o processo interfere na sala de aula: "Estão mais preocupadas com as dificuldades que os alunos apresentam na sala de aula..." E todos esses elementos vão lhe dando indícios para compreensão da construção do trabalho na interação com o grupo. O trabalho desse grupo me faz pensar sobre a discussão de Larrosa sobre como a formação tem sido e pode ser pensada:

> *" A idéia tradicional de formação tem duas faces. Formar significa, de um lado, dar forma e desenvolver um conjunto de disposições preexistentes. Por outro, levar o homem até a "conformidade" em relação a um modelo ideal do que é "ser humano" que foi fixado e assegurado de antemão. Minha aposta seria pensar a formação sem ter uma idéia "prescrita" de seu desenvolvimento nem um modelo normativo da sua realização. Algo assim como um devir plural e criativo, sem padrão nem projeto, sem uma idéia prescritiva de seu itinerário e sem uma idéia normativa, autoritária e excludente de seu resultado..."* (1998, p. 14)

Ao relatar o trabalho do grupo de História o professor Ariel percebe que a relação entre os/as professores/as facilitadores/as do grupo e o grupo de professores/as de Porto Barreiro é uma relação de parceria. " Nós do grupo de História também fizemos pesquisa..." O resultado desse trabalho emergiu do processo de interação que permitiu " ...pretender produzir um livro..." Sua fala mostra que foi um processo construído no âmago de uma História que é nossa: "todas as áreas começaram dando cursos de aperfeiçoamento, daí no transcorrer do processo vislumbramos a possibilidade de pesquisa em todas as áreas..." O vislumbrar ocorreu porque os " olhares" foram se transformando, se constituindo na construção do processo.

Na seqüência explicita o ponto de partida do trabalho: "Aí nós começamos a trabalhar (...) concepções de História e Geografia até então não trabalhados naquele contexto (...) com outras formas de aprender a ensinar História e nessas concepções foi possível constatar que a História tal como foi colocada (....) sempre tivemos um ensino e um aprendizado de História voltado quase que para uma perspectiva (...) História do vencedor, História do Estado, História Oficial. (...) Nessa perspectiva, o povo de Porto Barreiro descobriu que faz parte dessa História." Partindo do trabalho das concepções de História, o professor abre possibilidades para que o grupo compreenda que a História pode ser escrita de maneiras diferentes, que o foco de análise não é fixo. Com essa constatação o grupo se percebeu capaz de produzir a sua História, sistematizando-a num livro "... se tudo correr bem, no próximo Seminário em Dezembro, nós façamos o lançamento do livro..." O livro para os/as professores/as de Porto

Barreiro teve um significado de legitimação do trabalho, contribuindo para que se percebessem como produtores de conhecimento e saberes e principalmente teve um valor político importante para o Município.

A professora Ana Lúcia inicia sua narrativa falando sobre a idéia que comumente perpassa a compreensão sobre a formação do/a professor/a "...a idéia que nós temos do professor é que ele termina a Universidade e está pronto..." E diz que a experiência do "Aventurando-se no Conhecimento" está demonstrando que " é a partir do término do curso de Graduação, que o professor de todas as áreas de conhecimentos começa o processo de formação."

Sua fala inicia-se por uma análise ampla sobre a formação do/a professor/a, que remete ao específico, o processo construído com o seu grupo. Ao relatar o processo preocupa-se em esclarecer qual é o seu papel no grupo. Esse esclarecimento: " Eu faço a mediação entre o saber da Universidade e toda vontade que as professoras tem de desenvolver pesquisa..." demonstra que as suas análises ultrapassam a função da narrativa, estão voltadas para a produção de conhecimentos e saberes da professora universitária Ana Lúcia.

Ela volta a explicitar como o processo está sendo construído, as ações desenvolvidas. Seu olhar se amplia e busca outros indícios intrínsecos ao processo, "...que rompimento tem essas pesquisas em relação a sala de aula dessas professoras?" Retorna a narrativa do processo as ações das professoras, seus objetivos, enfim tudo que envolve os seus trabalhos. Aponta uma característica importante que ocorreu no processo: "... um momento interessante foi que as professoras fizeram análise dos dados sem auxílio da gente..." Explica o fato remetendo a causa à distância física: " ...eu morando em Campinas, essa distância toda..." Eu discordo da modéstia da professora, o que permitiu esse avanço no grupo foi a sua postura epistemológica, de acreditar que o grupo podia produzir suas análises. Diria que foi o clima de confiança e companheirismo que possibilitou essa produção: *" a creación dun clima positivo é un factor fundamental para o bo éxito de calquera organización social."* (Franta, ap. Jares, 1998, p. 58)

Outros elementos que destaca no trabalho são as "divulgações", a socialização dos "achados" e a parceria com outras Instituições que tem interesse articulados aos trabalhos do grupo.

Ressalta a dificuldade que as professoras vivenciaram de sair de uma postura passiva de trabalhar com um conhecimento pronto, que os livros didáticos trazem e partir dos saberes contraditórios do cotidiano e construir um processo de ensino-aprendizagem diferenciado, assim construindo o currículo de Ciências. O grupo objetiva a elaborar um material de apoio para os/as professores/as e extrapola a escola porque também está trabalhando em parceria com outras Instituições. Do trabalho produzido e em processo com o grupo de Ciências, articulado as mediações que a professora Ana Lúcia está tendo por meio do seu Curso de Doutorado, na FE/Unicamp, e participação no grupo FORMAR[107], está sendo construída a sua Tese de Doutorado: *"Em cima de todas essas análises, nós estamos elaborando o projeto de Tese. Nem é meu objetivo aqui falar sobre meu trabalho de pesquisa, meu trabalho de Tese. Mas sim trazer algumas reflexões de pesquisas como professora da Universidade em todo esse processo que está acontecendo com o grupo de Ciências..."* Na seqüência a professora Ana Lúcia vai expondo as suas análises, que são interessantes e ricas, as quais não vou comentar porque já estão explícitas na narrativa da professora e abrem um leque de questionamentos que no âmbito desse trabalho ficam como ponto de partida. A continuidade deixamos para a Tese da professora. Nesse contexto só quero evidenciar uma das questões que é levantada: *"Afinal o que as professoras estão produzindo através da pesquisa e reconhecido pela Universidade?"*

Essa questão sinaliza que a professora está preocupada com a questão epistemológica que envolve o processo desenvolvido e compreende o trabalho dos/as professores/as como produção de conhecimentos e saberes.

Nesse evento antes da fala do professor Edélcio, que representa a voz da Universidade, também falei sobre os fundamentos teóricos e políticos do trabalho.

O professor Edélcio manifesta que o trabalho desenvolvido em Porto Barreiro está sendo reconhecido pela Universidade: *"Esse projeto tem um significado institucional e político para a Universidade muito importante, devido a grande aceitação pelos professores. Inicialmente ele era visto como cursos, onde os professores iam aos municípios simplesmente ministrar cursos, levando modelos prontos e parece que inicialmente era assim que os professores olhavam o projeto. Mas com o desenvolvimento a perspectiva se transformou,*

[107] Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores da Área de Ciências. Coordenação Geral Professor

onde os professores procuraram construir conhecimentos (...) É valioso não só para o município (...) mas também para a Universidade (...) os resultados estão aparecendo, os Seminários, as Teses de Doutorados, que estão surgindo (...) que mais poderíamos esperar disso?" O discurso do professor Edélcio legitimou a mudança que ocorreu no nosso trabalho na UNICENTRO, de grupo que trabalhava com Extensão Universitária passamos a Grupo de Pesquisa, que está produzindo um trabalho diferente, que articula ensino, produção de saberes e conhecimentos e Educação Continuada.

O grupo de Alfabetização foi o único grupo que não apresentou o seu trabalho. Os motivos exatos eu não sei, porque nesse período havia me afastado temporariamente do PPCP. Mas suponho que o grupo sentiu-se inseguro pela mudança que ocorreu a partir de Agosto a professora facilitadora Clarice Linhares[108] deixou o grupo, assumindo-o a professora Neusa Moro e a professora Maria Aparecida Crissi Knüppel, ambas do Grupo de Língua Portuguesa. Com esse fato as pesquisas do grupo tiveram outro encaminhamento, iniciando o projeto "Práticas sociais de leitura e escrita no contexto cultural de Porto Barreiro."

Um fato interessante que observei nesse Seminário foi que estavam presentes vários professores/as da nossa Instituição. Alguns olhares eram de curiosidade, alguns de aprovação, alguns até de pouco caso, como se dissessem: O que há de interessante nesse trabalho? Senti que não estavam valorizando as pesquisas dos/as professores/as como não tivessem valor científico e isso me fez lembrar do texto de Zeichner "Para além da divisão entre professor pesquisador e pesquisador acadêmico". Onde ele discute as questões de poder, privilégio, voz e status na pesquisa educacional, e a necessidade de eliminar a divisão existente entre o que é produzido pelos/as professores/as que atuam fora da esfera acadêmica e o que é produzido pelo/a professor/a universitário/a. Naquele momento deu para perceber como as colocações de Zeichner fazem sentido para refletirmos sobre essas questões.

6º Compasso: Lançamento de alguns compassos da partitura - IV Seminário do Aventurando-se no Conhecimento.

Doutor Ivam Amorosino do Amaral.

Esse Seminário foi realizado no dia 10 de Dezembro no salão de festas de Porto Barreiro, calculo que estavam presentes cerca de duzentas pessoas. Os grupos apresentaram os seus trabalhos:

1. Vídeo-Clip - Resgate de ações dos grupos de pesquisa. (Grupo de Alfabetização/Língua Portuguesa - Porto Barreiro/PPCP-DEDUC[109]-DELET-DEMEP-UNICENTRO/GEPEC-Unicamp).

2. Lançamento do Livro - Grupo de História e Geografia. Um pouco de História e Geografia de um povo: uma experiência de construção do conhecimento por professores e professoras do Ensino Fundamental de Porto Barreiro. Porto Barreiro: Prefeitura Municipal, 1999. (Grupo de História e Geografia - Porto Barreiro/PPCP-DEHUM[110]-DEMEP-DEGEOCIÊNCIA[111]- UNICENTRO/GEPEC-Unicamp).

3. Jogral tematizando o trabalho do Aventurando-se no Conhecimento. (Grupo de Alfabetização/Língua Portuguesa - Porto Barreiro/PPCP-DEDUC-DELET[112]-DEMEP-UNICENTRO/GEPEC-Unicamp).

4. Lançamento do material de apoio.

TESSARO, Adelina; PEREIRA, Liane M.; CRISTO, Ivani S.; MATOS, Juscelene; LUZ, Vanderlli V. Medidas Agrárias: a Matemática da vida presente na Matemática da escola. Porto Barreiro, 1999. (Grupo de Matemática - Porto Barreiro/PPCP-UNICENTRO/GEPEC-Unicamp).

5. Lançamento da Proposta Político-Educacional.

Grupo de Gestão Educacional. Proposta Político-Educacional: Educação no município de Porto Barreiro - Gestão 1997-2000. Porto Barreiro: Secretaria de Educação, 1999. (Grupo d Gestão Educacional - Porto Barreiro/PPCP-UNICENTRO/GEPEC-Unicamp).

6. Exposição:

---

[108] A professora afastou-se dos trabalhos do grupo porque está fazendo um Curso de Pós-Graduação na área de Psicopedagogia, na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba.
[109] Departamento de Educação.
[110] Departamento de Ciências Humanas.
[111] Departamento de Geografia.
[112] Departamento de Letras.

Síntese do trabalho realizado sobre agrotóxicos e exposição do Sumário do material de apoio que será produzido pelo grupo. (Grupo de Ciências - Porto Barreiro/PPCP-UNICENTRO/GEPEC-Unicamp).

7. Conferência: Educação e Produção de Conhecimento, proferida pelo Vice-Reitor Edélcio José Stroparo (Grupo de Gestão Educacional - PPCP-UNICENTRO/GEPEC-Unicamp).

8. Texto: Um capítulo da nossa novela de formação. Homenagem escrita por Maria da Glória M. Messias (Grupo de Gestão Educacional - PPCP-DEDUC-UNICENTRO/GEPEC-Unicamp).

Esse evento foi comemorado em grande estilo no município de Porto Barreiro envolvendo a população, lideranças políticas locais, os/as professores/as municipais, o Reitor e o Vice-Reitor da UNICENTRO e os/as professores/as da instituição envolvidos/as no projeto "Aventurando-se no Conhecimento." No final teve um coquetel de confraternização, de homenagem ao trabalho realizado.

Vejo esses trabalhos como a produção de partes da melodia que estamos construindo e as narrativas contidas nessa produção tem muitas Histórias a contar, e é assim que o grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa do seu jeito conta a nossa História:

1. Atenção!
Você que assistiu ao vídeo agora,
Nós o fizemos só pra poder
viver com vocês, povo de Porto Barreiro,
um momento igual a este
o de contar a nossa história
de como é que nós pensávamos e agíamos
E como as pessoas mudam na forma de pensar. E agir.

2. Dois anos se passaram!...
E o que mudou?
Não fizemos nenhuma revolução na escola
Nem construímos um prédio novo
E nem a pintamos nas cores do arco-íris
Mas acreditamos que o colorido do arco-íris
Está presente no dia-a-dia da escola
E nas mentes e corações dos meninos e meninas
Que vivem neste espaço.

3. Fora isso a gente tem
Muita coisa prá contar
Fomos professores e professoras
todos os dias
E sabíamos o que fazíamos
Assumíamos cada aluno
No meio de todos da escola
Ensinando-as a ver a beleza das letras e números
Este universo novo que se
Rompe ao lermos em carreirinha
Nós todos juntos
Vivendo e aprendendo a enxergar nossa realidade.

4. Cada professor ou professora ajudando, seus alunos
Na carteira, na sua manhã ou na sua tarde
Fazendo-os perceberem os livros e sua magia
E eles nos ensinando a

Conhecer o que pensam e como resolvem seus conflitos
O que gostam e detestam
Enfim, ensinando-nos a apagar os hábitos
Da velha escola.

5. Aprendemos juntos
Que na sala de aula nunca vai ser igual ao que era ontem.
Com a mestra e sua mesa
Suas provas, suas penas
Com o menino mais testado
Do que compreendido
(A escola mudou muito nestes dois anos, pelo menos em Porto Barreiro)

6. Como serão os meninos
Como estarão as meninas
Que passaram pela Escolas de Porto Barreiro
Quando chegar o milênio?
Com certeza saberão muito mais do que 2+2
E terão muito mais vida para constar em
Seus escritos e suas histórias

7. E para nós professoras
E os professores também
Estaremos tendo muito para contar
Afinal somos sujeitos da nossa prática
E vamos nos emocionar ao relatar
Que a alma muda junto com o pensamento
Transformando nossa forma de agir.

8. O que sabemos hoje
É que as meninas e os meninos
De nossas escolas
Têm roupas diferentes
Têm casas diferentes
Têm hábitos diferentes
pensam diferentes
Mas em uma coisa são iguais
São todas crianças que querem
Aprender a ler o mundo
É essa a nossa missão de
Professores e Professoras

9. Já sentimos saudades
Das coisas que já vivemos
Dos encontros, dos passeios, dos trabalhos realizados
De fotografar, de registrar o que aconteceu em sala de aula
de apreciar o rosto sereno e tranqüilo dos nossos alunos
com os olhos brilhantes e ávidos por mais saber
E sentimos esperanças
Nas coisas que viveremos.

10. E os pais de nossos alunos?
Alguns resistem não entendem
Os filhos perguntando coisas de seu trabalho
Da sua casa, do que vendem e do que compram
Que xeretas! O que isso interessa na escola?
Mas já começaram a perceber que o
Conteúdo de sua casa, de sua vida é o
Conteúdo que seu filho aprenderá em sala de aula
só com muito mais profundidade

11. Ei, você aí! Pai e mães
Acredite que a escola precisa
De vocês
Nós professores e professoras
Pais e Mães é que faremos com
que nossos meninos e meninas
cresçam sábios em conhecimento e alegria
E saibam viver a paz que este mundo precisa

12. Com certeza, mais um ano passará
E estaremos novamente aqui reunidos
Prá lançar o livro de Língua Portuguesa
De Porto Barreiro
Nossos meninos e meninas estarão aqui,
Saberão que vivemos, aprendemos
Mudamos nossa forma de pensar, de agir, nossos gestos,
Mas não mudamos o nosso coração

13. De uma coisa estamos certos
Quando o povo se une
E quando os governantes têm vontade política
Quando as professoras e professores entendem

Que estudar tem que ser um atividade contínua. Muda muita coisa, muda a sala de aula, muda a escola
muda a visão de mundo.

Acontece a cultura e o respeito pela dignidade humana.

PARABÉNS
POVO DE PORTO BARREIRO
POR TRAÇAR SUA HISTÓRIA
E UM FELIZ MILÊNIO NOVO!

(Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa, 1999, Jogral)

E na sua narrativa os/as professores/as desse grupo se percebem como:

"...sujeitos da nossa prática
E vamos nos emocionar ao relatar
Que a alma muda junto com o pensamento
Transformando nossa forma de agir (...)
Com certeza mais um ano passará
E estaremos novamente aqui reunidos
Prá lançar o livro de Língua Portuguesa
De Porto Barreiro (...)
De uma coisa estamos certos
Quando o povo se une
E quando os governantes têm vontade política
Quando os professores e professoras entendem
Que estudar tem que ser uma atividade contínua
Muda a visão do mundo
Acontece a cultura e o respeito pela dignidade humana."
(Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa, 1999, Jogral)

Percebem que mudanças são possíveis e assumem o compromisso de lançar a sua produção: "um livro". Contudo os embates que o grupo viveu, tem algumas certezas: quando

existe união, vontade política, entendimento do processo inacabado de formação, muitas coisas mudam e principalmente quando o respeito pela dignidade humana acontece.

O grupo de História e Geografia lança o seu livro e na sua Introdução, os/as professores/as facilitadores/as do Grupo remetem a autoria aos/as às professoras de Porto Barreiro:

" O presente livro, primeiro de Porto Barreiro, é resultado de pesquisa de algumas professoras e professores do Ensino Fundamental do município e procura, além do registro histórico/geográfico, a perspectiva da dimensão coletiva do "viver" e do construir de homens e mulheres".(...) Ressalta-se, ainda a ousadia do grupo de professores de Porto Barreiro, que iniciam uma caminhada de sistematização da sua prática, mostrando que a pesquisa e os seus resultados não são exclusividade da academia." (Pires, A.J., Marques, M.T., Santos, W.T.Pb., n. p)

E ainda ressaltam que é possível professores/as do Ensino Fundamental produzirem saberes e conhecimentos.

O grupo de Matemática lança o seu material de apoio, e na apresentação os/as professores/as de Porto Barreiro assumem de maneira autônoma a autoria:

"Esta produção é o resultado de trabalhos teórico-práticos relacionados à nossa experiência profissional. Somos professores do Ensino Fundamental - 1º e 2º ciclos e o nosso grupo de estudos de Matemática formou-se inicialmente com o propósito de compreender e aprofundar o estudo sobre Medidas Agrárias. (...) O que oferecemos é um material de apoio, mais um referencial para você, caro amigo professor, que assim como nós, tem a preocupação de tornar o seu ensino, significativo para o seu aluno." (Grupo de Matemática, 1999, n.p.)

O grupo de Gestão Educacional lança a Proposta Político-Educacional do Município de Porto Barreiro e na sua Introdução, a voz do grupo de Porto Barreiro e a nossa de professores/as facilitadores/as está fundida:

"Construir e desenvolver uma proposta pedagógica para direcionar, orientar e organizar as ações de ensino, de modo que essas ações sejam mais coerentes, conseqüentes e eficazes na consecução dos seus próprios propósitos, é um desafio inadiável, que deve ser assumido por todos nós, em conjunto, com o espírito aberto e empreendedor. (...) O

importante não é o documento em si, e sim o movimento e a articulação que essa elaboração promove e que funciona como elemento mobilizador e canalizador de energia, atenção e talentos voltados para os resultados propostos.

O importante é o que fazemos com a proposta e a partir dela..." (Grupo de Gestão Educacional, 1999, p. 1-3)

O grupo de Ciências nesse evento não lançou o material de apoio porque o está produzindo, mesmo assim apresentou um trabalho significativo. Fez uma síntese dos trabalhos dos grupos e apresentou o índice que a sua produção terá:

Organização do Material de Apoio na Área de Ciências

Introdução

Capítulo I

Fundamentação teórica norteadora do trabalho de pesquisa desenvolvido pelo grupo de Ciências. Relação entre a proposta da temática dos agrotóxicos, o currículo e os modelos de ensino vigentes no Ensino de Ciências presente no desenvolvimento dos trabalhos.

Capítulo II

Etapas, descrição e resultados do projeto "Diagnóstico da Problemática dos Agrotóxicos no Distrito de Porto Barreiro - PR." desenvolvido pelo grupo de estudos de Ciências.

Capítulo III

Histórico dos agrotóxicos.

Dados sobre a micro-região onde o Município de Porto Barreiro está inserido: localização, solos, clima e cobertura vegetal.

Dados da agricultura do Município de Porto Barreiro - Pr. Fonte: EMATER - Unidade Municipal - Ano 1999.

Capítulo IV

Textos diversos das temáticas natureza e agrotóxicos. Os mesmos poderão ser explorados pelas diferentes áreas de ensino, como eixos integradores, associados ao cotidiano dos alunos e à realidade local. Assuntos tratados nestes textos: Equilíbrio natural do ambiente; uso de defensivos agrícolas; métodos e técnicas adequadas; danos causados ao meio ambiente e ao homem pelo uso indiscriminado de agrotóxicos.

Textos que subsidiem o professor perante a problemática dos agrotóxicos como tema transversal na Proposta Curricular vigente.

Capítulo V

Descrição de procedimentos metodológicos adotados e organizados pelo grupo de estudos de Ciências desde 1998, tendo como eixos norteadores o meio ambiente e o uso intensivo de agrotóxicos na região:

1. *Trabalhando a natureza através da Arte;*
2. *Paródia;*
3. *Teatro;*
4. *Músicas;*
5. *Poemas;*
6. *Confecção de materiais pelos alunos;*
7. *Relato de depoimentos de alunos sobre o cotidiano e a convivência com os agrotóxicos;*
8. *Outras atividades.*

Capítulo VI

Depoimentos das professoras de Ciências envolvidas no processo em relação às suas práticas pedagógicas antes e depois do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento."

Depoimento de alunos e pessoas da comunidade registrada após um ano de trabalho de conscientização sobre o uso indriscriminado de agrotóxicos na região."

(Grupo de Ciências, 1999, n.p.)

Na seqüência, o grupo fez um paralelo de como era trabalhado o tema dos agrotóxicos antes e depois do "Aventurando-se no Conhecimento."

"Como era trabalhado o tema dos agrotóxicos antes e depois do "Aventurando-se no Conhecimento:"

"Trabalhávamos apenas para cumprir um programa. Havia um período determinado do ano onde a temática era abordada e em algumas séries específicas."

"Não nos sentíamos preparadas para fazer um trabalho diferenciado sobre a temática dos agrotóxicos, o projeto Aventurando-se no Conhecimento propiciou esse avanço em nossa prática cotidiana."

"Hoje nossa visão é muito diferente, a partir do contato com a Universidade, percebemos o quanto é importante é trabalhar em sala de aula com nossos alunos a partir do conhecimento da nossa realidade, a partir do conhecimento do próprio aluno e o que eles vivenciam no seu cotidiano." (Grupo de Ciências, 1999, n. p.)

O trabalho do grupo de Ciências ainda está em processo de construção, mas tudo indica que será uma bela produção.

De "Dó" a "SI", de "compasso" em "compasso", tentando entender a melodia.

Esta é uma História em construção, que está sendo construída por muitas mãos, muitas vozes e interlocuções têm sido nossa mediação. Segundo Bakhtin:

> *"O devir da personalidade situa-se na língua: não tanto, é verdade, nas suas formas abstratas, mas nos seus temas ideológicos. A personalidade é, do ponto de vista do seu conteúdo subjetivo interior, o tema da língua: esse tema desenvolve-se e varia no quadro de estruturas lingüísticas mais estáveis. Por conseqüência, não é a palavra que constitui a expressão da personalidade interior, mas ao contrário esta última constitui uma palavra contida e interiorizada. A palavra é a expressão da comunicação social, da interação social de personalidades definidas, de produtores. E as condições materiais da socialização determinam a orientação temática e constitutiva da personalidade interior numa época e num meio determinados..."*(1999, p. 188-189)

Analisando o processo de constituição e (re)constituição do nosso grupo (PPCP) vejo dois movimentos significativos ou fases para a compreensão desse movimento:

1º Constituição do grupo vinculado ao Mestrado em Educação, área Metodologia de Ensino;

2º (Re) constituição do grupo articulada ao trabalho de Porto Barreiro, tendo como desafio o desenvolvimento do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento."

Contudo a minha análise estar focalizando esses dois momentos ou essas duas fases, quero deixar claro que não estou excluindo outros processos constituidores, outras mediações, de acordo com o possível acredito que no contexto desse trabalho estou sinalizando para

esses/as outros/as que também nos constituíram. Pela complexidade do trabalho e abrangência optei por este enfoque.

A primeira fase de constituição do grupo será assunto do próximo capítulo.

Quanto à segunda fase do grupo, que está sendo tratado observei que ocorre um movimento que é formado por etapas de "DÓ a SI".

"DÓ" - Desafio de deslocar o eixo de formar professores/as somente por meio de cursos para um processo norteado pela pesquisa-ação.

Essa etapa ocorre em Dezembro de 1997, quando na avaliação do processo desenvolvido durante esse ano, que foi a execução do Projeto "Professor: aprendendo e educando", constatamos que o processo não fora suficiente para provocar as mudanças que almejávamos. Os/as professores/as de Porto Barreiro nas avaliações dos cursos, sempre enfatizavam que queriam mais "práticas" e esse fato nos incomodava. Nesse contexto, nas interlocuções do grupo resolvemos mudar o eixo norteador de nosso trabalho. Ao invés de trabalhar só com cursos, optamos por trabalhar numa abordagem investigativa, na qual os/as professores/as de Porto Barreiro iriam pesquisar temáticas relacionadas aos seus interesses e necessidades. Nesse contexto é pensado e planejado o Projeto "Aventurando-se no Conhecimento."

"RÉ" – Produção dos processos de pesquisas que seriam desenvolvidos com os/as professores/as de Porto Barreiro.

Essa etapa inicia-se antes da implantação do "Aventurando-se no Conhecimento" e vai permeando todo o processo. Mas na seqüência apresento outras etapas porque elas apresentam outros componentes significativos para o movimento do grupo. O que caracteriza essa Segunda etapa é a insegurança de se pensar: Como iniciamos o processo? Como desenvolveremos esse trabalho?

A insegurança, o desafio de realizar um trabalho que era novo para nós, vai produzir no grupo discussões. E essas discussões nessa etapa estão centralizadas no contar como pensamos em desenvolver o trabalho, isso ocorre quando planejamos as atividades para o próximo encontro com os/as professores/as de Porto Barreiro e no relatar o que fizemos no encontro anterior.

Essa etapa tem o sentido de se ter aprovação do grupo, seu apoio, de fazer com que haja divisão de responsabilidades e o sentido de dizer: não é um trabalho individual é do grupo, não é "meu", é "nosso". Com essa necessidade as ações passam a ser pensadas no coletivo e assim inicia-se o "segredo partilhado."

Essa etapa vai modificar com o I Seminário, que vem confirmar que o grupo está no caminho certo. Vai produzir confiança para os grupos de Porto Barreiro e para o nosso.

O I Seminário em termos de produção se caracteriza por pesquisas exploratórias, quando os/as professores/as dos grupos de Porto Barreiro fazem algumas entrevistas com agricultores, idosos e outras pessoas do município, onde buscam saberes e os primeiros indícios para suas pesquisas. Assim surgem as primeiras sistematizações desses grupos, que são os projetos e alguns relatos do que fizeram, os quais foram apresentados no I Seminário.

"MI" – A satisfação em ver que o processo está dando certo, gera continuidade nos trabalhos, os intensifica e a produção do processo continua.

Após o I Seminário o nosso grupo satisfeito com os primeiros resultados do processo dá continuidade aos trabalhos de Porto Barreiro, intensificando-os, tendo por objetivo as produções que seriam apresentadas no II Seminário, pelos grupos do município. Nesse período, o nosso olhar de professores/as universitários/as está voltado à produção desse trabalho, produzimos de acordo com as demandas da prática e os/as professores/as de Porto Barreiro produzem de acordo com a emergência da socialização.

Nesse interregno, aparecem em cena outras propostas de trabalho, por exemplo, o "Projeto Educação para Paz", convênios com outros municípios, mas o grupo não se envolve profundamente, sua voz se cala e ao calar-se esta dizendo muitas coisas.

Esses outros trabalhos são de interesse institucional, mas os interesses do grupo estão voltados para outras coisas, suponho que para a experiência proporcionada pela construção dos processos desenvolvidos no "Aventurando-se no Conhecimento", que está mexendo na subjetividade de cada um, possibilitando uma "viagem interna", (Larrosa, 1996, p. 154), que vai interferindo no processo de formação de cada um.

> *"Na metáfora da viagem, ler é como viajar, como seguir um itinerário através de um universo de signos que se deve saber interpretar corretamente, caso alguém não queira se perder (...) Mas o importante dessa metáfora é que a viagem exterior (o percorrido pelo texto) está dobrada por uma viagem interior; por uma viagem que converte o viajante em um outro, diferente daquele que havia partido."* (Ibidem, p. 154)

Essa metáfora da viagem não se destina apenas para explicar a leitura de um texto, mas para explicar a viagem da nossa formação que é constituída por muitas viagens, "viagem por um mundo humano (...) uma viagem pela própria história (...), uma viagem por diferentes atitudes ante essa história e esse mundo humano (...) a viagem se coloca como a busca de uma nova forma de experiência do mundo e de si mesmo, como tentativa de alcançar um novo umbral de consciência. (Larrosa, 1998, p. 68-69)

Em alguns momentos das nossas discussões, contudo o trabalho desenvolvido com os/as professores/as de Porto Barreiro estar transcorrendo bem, um fato nos incomodava. Não estávamos estudando textos que subsidiassem os nossos trabalhos como havíamos nos proposto. A idéia inicial é que estudaríamos juntos no grupo, textos que nos auxiliassem a pensar o nosso trabalho. Pretendíamos desenvolver dois processos simultâneos, o de Porto Barreiro e outro no nosso grupo que seria os estudos articulados aos trabalhos desenvolvidos no município, que produziriam as sistematizações da nossa prática, as nossas reflexões, as nossas produções.

Nessa etapa o nosso grupo produz o trabalho de Porto Barreiro, nossa produção fica mais voltada para operacionalização desse trabalho, porque no momento é a prioridade. O grupo se esforça para realizar os estudos, mas são poucos, nas discussões ocorrem algumas reflexões, mas não são sistematizadas.

Outro fato que ocorre nessa etapa é que o nosso grupo ainda não consegue produzir o "distanciamento epistemológico", para pensar o processo, ainda não conseguimos ver a nossa "imagem no espelho", (Fontana) ela estava misturada a outras imagens produzidas pelos mais variados discursos, que idealizam a imagem dos/a professor/a.

"FÁ" – O reconhecimento do trabalho por outras vozes, que são ouvidas e respeitadas na academia, articulada ao convite para participação no COLE, vem trazer segurança, incentivo para continuidade do processo e as primeiras sistematizações da nossa prática.

O encontro com o professor Dario Fiorentini em Outubro de 1998 e o encontro com a professora Corinta Geraldi em Novembro do mesmo ano veio proporcionar segurança, continuidade dos trabalhos e principalmente satisfação por ter apoio de professores/as de outra Universidade.

Por meio das interlocuções, o encontro com a professora Corinta, produz um primeiro "distanciamento epistemológico" porque os/as componentes do grupo ao narrar os seus trabalhos vão produzindo análises: como o processo estava sendo construído; as mudanças ocorridas nos/as professores/as de Porto Barreiro; as aprendizagens que estavam ocorrendo conosco, professores/as universitários/as, advindas do processo; as dificuldades que tínhamos e outras.

Quando a professora Corinta nos convidou para apresentarmos os nossos trabalhos no COLE, produz no nosso grupo a emergência da socialização. Até então quem havia socializado os seus trabalhos era os grupos de Porto Barreiro, no I e II Seminários, mas o nosso grupo ainda não havia passado por esta experiência. Tínhamos por objetivo socializar o nosso trabalho, mas era uma meta abstrata e num tempo indeterminado. Mas quando a professora Corinta nos convidou para participar de um evento que ocorreria, um Congresso, a nossa meta abstrata se torna concreta, o tempo indeterminado se torna determinado. E isso faz diferença para o processo de constituição e (re)constituição de um grupo, para a sua produção e para o equilíbrio entre a tensão, manutenção e dissolução.

Além desses fatos ocorre outro que foi muito motivador para todos, na palestra de abertura do X Seminário de Pesquisa da UNICENTRO, no dia 16 de Novembro de 1998, a professora Corinta divulga a parceria que estava sendo firmada entre o GEPEC, o nosso grupo e os grupos de Porto Barreiro.

"SOL" – Estudos e primeiras produções.

Esta etapa ocorre no primeiro semestre de 1999, quando o objetivo do nosso grupo é sistematizar os nossos "achados", apresentando o nosso olhar de professor/a universitário/a, processo que ocorre vinculado ao trabalho de Porto Barreiro, no qual os grupos também estão sistematizando os seus "achados", narrando e analisando os trabalhos realizados.

No nosso grupo ocorrem os estudos que ancoram, auxiliam as reflexões e as sistematizações. É quando organizamos o Seminário interno do nosso grupo e estudamos capítulos do livro "Cartografias do trabalho docente". Assim construindo as nossas primeiras produções e posteriormente socializando-as no COLE.

Observando essa etapa percebi que o grupo estuda e produz sistematizações em decorrência da emergência da socialização, que já é uma hipótese de trabalho do GEPEC.

"LÁ" – Reconhecimento do grupo, como grupo de pesquisa no meio acadêmico.

Essa etapa ocorre quando socializamos as nossas produções no COLE. O nosso grupo que inicialmente se constitui como grupo de Extensão universitária, para ministrar cursos à professores/as do Ensino Fundamental, opta por aventurar-se num caminho desconhecido e se (re) constitui como grupo de pesquisa, voltado para a Educação Continuada, tendo como eixo norteador a pesquisa-ação com professores/as do Ensino Fundamental.

Essa experiência foi formadora e constitutiva do grupo. A mediação do GEPEC, vai produzir a emergência da socialização, em decorrência disso o grupo constrói as suas primeiras produções. Ao socializá-las no COLE, se constitui como grupo de pesquisa e tem o reconhecimento acadêmico. Assim como os grupos de Porto Barreiro, também conquistam esse reconhecimento.

"SI" – Participação em outros eventos de socialização.

O entusiasmo proveniente da participação dos grupos no COLE, faz com que o nosso grupo e os grupos de Porto Barreiro participem de outros eventos, se sintam seguros para divulgar, socializar as suas produções.

No final do segundo semestre de 1999, no IV Seminário realizado em Porto Barreiro, ocorre o último compasso (provisório) desse processo. Os grupos de Porto Barreiro lançam as suas produções: o grupo de História, o livro; o grupo de Matemática, o material de apoio; o grupo de Gestão Educacional, a primeira Proposta Político-Educacional do Município; o grupo de Ciências, o planejamento do material de apoio que será produzido; o grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa, um vídeo clip e um jogral sintetizando o trabalho realizado em Porto Barreiro e uma outra proposta de pesquisa.

Assim, a continuidade está para ser construída...

Dos trabalhos desenvolvidos uma questão que para nós foi nova, foi o fato de percebermos que o trabalho que estamos desenvolvendo estava interferindo na construção da Proposta Político-Educacional do município, e isso aumentou a nossa responsabilidade e envolvimento. Também percebemos que interferiu em outros setores, bem como com outros profissionais que não pertencem a Educação, pais, vereadores e outros, como por exemplo: a ACARPA (Associação que dá auxílio técnico aos agricultores do Paraná), engenheiros, agrônomos, agricultores, moradores antigos do município e outros. Tudo isso confirma o que

Thiollent diz sobre a pesquisa-ação, quanto ao seu caráter de intervenção e negociação: "...pela pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos, tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação." 1998, p. 19). E ainda:

> *"A pesquisa-ação, além de ser instrumento de desenvolvimento profissional para os professorado (...) é um instrumento para a implantação de reformas educacionais ou de transformação da escola em que os professores e as professoras têm presença autônoma. Além disso, a pesquisa-ação pode ser muito importante para conhecer os problemas de ensino e educação de um país, de forma contextualizada, possibilitando detectar os encaminhamentos necessários para a reorientação de políticas governamentais, como tem ocorrido na Namíbia. (1996b)."* (Zeichner, ap. Geraldi; Messias; Guerra, p. 255)

Em relação ao processo desencadeado em Porto Barreiro aprendemos que:

Na construção dos currículos das escolas dos municípios essencialmente agrícolas, a escola se defronta com a contradição local e global, há necessidade de trabalhar outros conhecimentos que contemplem o meio rural e os conhecimentos exigidos pela sociedade urbana. Uma questão que é comentada é o êxodo rural. o calendário escolar tem que levar em conta o tempo do campo, que não é o mesmo da cidade, mas muitas vezes questões burocráticas, atreladas a instâncias administrativas dos Estados do País, como Núcleos de Educação, inviabilizam que os municípios tenham seus próprios calendários (esse foi um fato que a Secretaria nos contou, que aconteceu com o calendário que foi proposto no ano de 1997).

Muitas professoras tem várias jornadas de trabalhos, trabalham na roça, cuidam dos animais, fazem o trabalho de casa, cuidam dos filhos, trabalham na igreja, clubes de mães e ainda exercem a profissão de professoras. Algumas que atuam em classes multisseriadas, fazem a merenda escolar, limpam a escola e exercem grande liderança no meio com o qual atuam.

Isso me leva a pensar sobre o quanto a mulher é explorada, historicamente, a condição feminina tem sido a de ser explorada, mudam os lugares, os personagens, mas as mil e uma responsabilidades que a mulher carrega são muito parecidas. Para a mulher conquistar um espaço fora do "lar", ela teve que, assumir mais funções, mais trabalho. Tradicionalmente ser mulher é sempre somar trabalho e subtrair lazer. Não é a toa que o grito feminino tem permeado os estudos mais recentes. As questões de gênero são realmente questões importantes para pensarmos numa sociedade diferente, num modelo de mulher diferente, menos explorada,

que desconfie dessa condição "natural", que tem sido inerente a condição feminina, ao seu papel social.

> *"O processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias façam sentido), nosso olhar deve voltar especialmente paras as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois as práticas rotineiras e comuns, os gestos e palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural"* (Louro, p. 63)

O contato que ocorre com políticos da região é face a face. A hierarquia não é tão acentuada, há um clima de companheirismo. As rixas políticas parecem discussões em família, porque há muito parentesco, todos se conhecem e tem laços de amizade ou de compadresco. E essas relações sociais possibilitam com que as coisas aconteçam sem exigir muita burocracia, mas a política é levada bastante para o lado pessoal e o controle social é direto.

A população sempre procura participar, ajudar na construção do município com trabalho, dinheiro, de alguma forma. Também há o bloco contrário que critica negativamente, exercendo uma função de controle, de cobranças, de certa forma contribuindo para que os dirigentes se esforcem no seu trabalho, pensem sobre suas ações.

A Alfabetização é muito importante para os pais, é onde há mais cobrança. Já a continuidade dos estudos não tem o mesmo significado. As crianças ajudam no trabalho rural e outros, sendo sua contribuição necessária, porque a maioria dos pais são pequenos agricultores, que não tem condições financeiras de contratar empregados, assim todo trabalho é realizado pela família. Dessa forma o trabalho, na ordem das prioridades está em primeiro lugar e a continuidade dos estudos em segundo plano.

O domínio das medidas agrárias é comum entre os pais, que têm métodos próprios para medidas e eles querem que os filhos as aprendam na escola, porque esse conhecimento é importante no trabalho que quotidianamente realizam.

Os/as professores, mesmo tendo livros que são fornecidos pelo governo, não os seguem, recortam textos, gravuras e produzem outros materiais para trabalhar com os/as alunos/as. É como se fosse uma maneira de dizer não, de resistência, a posição de mero executor de coisas que outros pensam. Inclusive os/as professores/as criticam o sistema do MEC, aquele das estrelas para indicação do livro didático.

Os/as professores/as tem um conjunto de saberes e conhecimentos que advém da sua prática pedagógica, da sua vida, o nosso papel está sendo de tornar essa prática informada, de refletir sobre ela, produzindo sentidos e significados.

A interação que ocorre nos grupos de pesquisa, entre seus/suas componentes e a produção teórica, pelo que temos vivenciado, tem que se dar de uma maneira em que paulatinamente vá se mediando teorias, se apresente olhares diferenciados, mas numa postura de discussão, de respeito aos ritmos próprios de cada um, onde o tempo do grupo prevaleça sobre o tempo cronológico, onde o tempo de produção de significados seja respeitado e não imposto. Se trabalhar com teorias sem levar em conta o já mencionado, gera insatisfação e desgaste no grupo. Segundo Heller:

> *"A experiência interior temporal da pessoa particular não é mensurável de nenhum modo, ou melhor, não se a pode expressar (descrever, captar) com a quantidade de tempo transcorrido. Cada um sabe como pode acontecer que o tempo "não passe nunca" ou que "vá muito rápido", e como estas experiências temporais interiores não têm nenhuma correlação com o tempo efetivamente transcorrido, com a quantidade de tempo medido, baseado em uma convenção social."* (Heller, 1987, p. 392)[113]

O sentido de grupo está sendo importante para os/as professores/as, estão sentido-se mais seguros/as. Nas cidades menores, como é o caso de Porto Barreiro, onde todos se conhecem, o controle sobre a escola é maior, as cobranças, as exigências se dão de forma mais direta e essa situação, contudo ter muitos aspectos positivos, em alguns casos, gera grande tensão para o/a professor/a do interior, muitas vezes sentem-se desconfortáveis, quando acontece alguma crítica negativa. Com o grupo os/as professores/as estão tendo espaço para discutir as suas angústias, preocupações e encontrar semelhanças e diferenças nas suas vidas de professores/as, de seres humanos que lutam por suas idéias.

A apresentação dos trabalhos ajudou-os/as muito na auto-estima, e os/as está ajudando a liberar a sua voz, muitos/as tinham vergonha de falar em público, porque essa situação, não fazia parte das suas práticas. Também os/as incomodava o sotaque italiano na pronúncia do "r".

As questões políticas permeiam todo o processo como a negociação, a conquista de espaço, o reconhecimento do outro e de si. Há vários interesses nesse tipo de pesquisa, o que nos mostra que nesse tipo de pesquisa, a produção de saberes e conhecimentos é um processo

[113] A tradução é minha.

político e de constituição do sujeito. Essa é uma forte característica da pesquisa-ação. Na pesquisa observamos que o Prefeito, a Secretaria os/as professores/as e outras pessoas do município, demonstraram vontade política de realizar um trabalho significativo e de transformação no município e compreendem a Educação como um dos caminhos que pode contribuir para a concretização desse objetivo. O PPCP aceitou o desafio por visualizar espaço e condições de realizar um trabalho diferenciado, do que já havia feito, com professores/as de Ensino Fundamental. A escolha por Porto Barreiro não foi casual, já havíamos entrado em negociações com outros municípios, mas não ofereciam as condições de espaço, autonomia e a visão de Educação que encontramos, nesse caso na Secretaria de Educação. A relação do grupo exige infinitas negociações, sentimos isso nas relações do nosso grupo, nas relações do grupo com a Universidade, nas relações do nosso grupo com os grupos de Porto Barreiro e nas relações entre os grupos de lá e entre os/as professores/as e a população.

O comprometimento e envolvimento marca o processo de pesquisa-ação e a relação do grupo. O trabalho que desenvolvemos no município é fruto desse envolvimento e comprometimento, tanto entre os componentes do PPCP, como entre os componentes dos grupos de Porto Barreiro e entre "nós" e "eles", como se estabelecesse uma grande rede de interesses. Mas não significa que os posicionamentos sejam homogêneos, o que é necessário é criar um certo limite no sentido de respeitar pensamentos diferentes, mesmo que não os aceite. Saber o nosso limite individual para que o coletivo possa se manifestar, mas ao mesmo tempo não nos diluirmos no grupo.

A reflexão no grupo sobre o trabalho é dolorosa, mas ao mesmo tempo permite que se de saltos qualitativos, porque nessa relação dialógica, muitas coisas que não havíamos pensado antes, vão emergindo.

A emergência da socialização é importante para a constituição, construção e produção do grupo e ajuda a deslocar a tensão de sua dissolução. Essa é uma questão que permeia o trabalho do grupo do PPCP e os grupos de Porto Barreiro. Se não tivéssemos colocado como meta os Seminários de Julho (1998), de Dezembro (1998), Junho (1999), Dezembro (1999), e a participação no COLE (Julho 1999), o envolvimento que ocorreu, não ocorreria, porque os períodos que os grupos mais produziram foram próximos dos Seminários.

Essa característica parece importante para compreendermos as questões inerentes aos grupos e também a pesquisa-ação. Será que a socialização não seria um critério de validade epistemológica, para a pesquisa-ação?

A pesquisa-ação desencadeia "conflitos", sobre a relação da Universidade com a Escola, sobre os critérios de validade da pesquisa que os/as professores/as fazem, sobre os paradigmas de pesquisa e postura do/a professor/a facilitador/a em relação aos grupos de pesquisa.

Os/as professores/as de Porto Barreiro preferiram pesquisar questões temáticas que tivessem vínculos com a sua prática e estranharam/estranham a "demora"[114] própria dos processos de pesquisa, principalmente de análises e soluções para as questões levantadas.

Da experiência vivenciada muitas coisas foram aprendidas, tentaremos no decorrer desse trabalho continuar a socializar nossos "achados". *"Talvez os homens não sejam outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos..."* (Larrosa, 1998, p. 26).

[114] Que chamamos de mediatez da pesquisa.

III. VIAJANDO ATRAVÉS DO TEMPO AO RESGATAR MELODIAS.

Esta é uma história de professores/as que estão construindo o seu trabalho docente, na luta diária, no diálogo e interação que o grupo está lhes proporcionando,

O/a professor/a é um/a personagem do cenário social, que ao longo da História vem mesclado, nas suas descrições, com os mais diversificados atributos. Quer dizer o professor, porque é recente a flexão do gênero na história do conhecimento, bem como na história do Magistério, contudo a maioria dos/as profissionais da Educação, ser do sexo feminino. Não pretendo fazer retrospectivas das "imagens", "perfis" que foram esboçados do/a professor/a ideal, que como fantasma habitava os silêncios escuros das escolas e no discurso pedagógico aparecia como um relâmpago, poderoso, atraente, sedutor, todavia inatingível. Como possuir um relâmpago? Ou ser relâmpago?

Essa é a imagem que habitou a minha mente quando li o trabalho de Fontana, ao ouvi-la narrar sobre o que dizem e escrevem sobre o/a professor/a, apresentando imagens, nas quais não nos reconhecemos. (1997, p. 18)

Quer dizer a tensão do ser ideal construída nos relatos de investigação "...produzidos sobre e/ou a partir de nossa atividade, segundo perspectivas teórico-metodológicas diversas" (p. 18) e o que somos, que muitas vezes não conseguimos ver.

> *Ora nos defrontamos com aspectos dos professores que temos sido e que temos produzido, que nos ajudam a interpretar o vivido; ora nos deparamos com um professor fictício, idealizado, ao qual procuram nos ajustar, convertendo-nos em uma máscara, o que torna impossível ver nossa face; ora o reflexo da nossa própria fisionomia ao espelho nos é negada."* (p. 19)

Esse confronto nem sempre explicitado e compreendido gera um "desconforto docente", o qual senti desde o início da minha trajetória como aluna de Pedagogia e posteriormente professora. Desconforto que somado ao baixo "status" conferido a profissão me colocou numa encruzilhada: desistir do percurso ou segui-lo apenas caminhando, sem olhar a paisagem, vivenciá-la, sem lhe dar significados, sem ouvir as muitas vozes, que os encontros e desencontros propiciam ao peregrino sem destino, que mesmo sem destino, busca o seu próprio; ou uma terceira opção, continuar e teimosamente caminhando, olhando, interpretando construindo significados, dialogando com muitas vozes que nos encontram ou nos encontramos, mesmo sem um destino certo, todavia com a alegria de saborear o prazer da travessia. E foi assim que optei pelo terceiro caminho, de aluna de Pedagogia à professora do Ensino Fundamental, do 1º e 2º Ciclos, posteriormente professora universitária, que para continuar a sua formação percorreu os caminhos da Pós-Graduação. Nesse percurso encontrei muitos/as interlocutores/as: autores/as que amenizavam o meu desconforto ou tornavam-no maior; colegas de profissão que dividíamos nossas inquietações ou que eram ou pareciam ser bem sucedidos e não dividiam o seu "sucesso"; professores/as que foram estrelas de Belém, iluminaram e apontaram caminhos somente vislumbrados e desejados no conviver com eles/as, nas suas mediações enriquecedoras ou professores/as que passaram despercebidos, alunos/as que me alegraram ou me entristeceram, todavia sempre sinalizando e contribuindo para a construção do meu trabalho pedagógico. Nesse emaranhado de tecituras, de fios de diversas texturas, cores e pontos é que fui construindo-me como professora e mulher, houve muitos episódios que merecem relatos, contudo, neste momento narrarei uma parte da minha história que entrelaçou-se com a história de meus/minhas companheiros/as de jornada do trabalho em parceria que estamos construindo.

Tebas das Sete Portas.
Quem a construiu?
Nos livros, figuram os nomes dos reis,
Foram os reis que arrastaram os grandes blocos de pedra?
Babilônia, destruída tantas vezes.
Quem tornou a reconstruí-la?
Em que casas da dourada Lima

Viviam os operários que a construíram?
A noite em que terminou a construção da Muralha da China,
Onde foram os trabalhadores?
Roma, a grande, está cheia de arcos do triunfo...
Quem os erigiu?
Sobre o que triunfaram os Césares?
Bizâncio, tão cantada,
Tinha só palácios para os seus habitantes?
Até a fabulosa Atlântida,
Na noite em que o mar a tragou,
Seus habitantes clamavam
Pedindo ajuda aos escravos...
O jovem Alexandre conquistou a Índia...
Ele sozinho?
César venceu os gauleses,
Não levava consigo nem ao menos o cozinheiro?
Felipe o Grande, chorou ao ver afundada a sua frota...
Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos...
Quem mais a venceu?
Uma vitória em cada página...
Quem cozinhava os banquetes das vitórias?
Um grande homem a cada dez anos,
Quem pagava os seus gastos?...

Uma pergunta para cada História"... (Brech, ap. Fenelon, 1989, p. 119-120)

Narrar uma história, recuperar alguns aspectos históricos de um grupo, não é tarefa fácil, porque na narrativa é que damos sentido às coisas do mundo, fixamos identidades de grupos sociais e a nossa própria identidade. A narrativa é permeada por valores, por relações de poder, pelas cores, sabores, cheiros, sons, texturas, vibrações, que permeiam, filtram o nosso olhar para si e para o outro. Narrar é correr riscos, é despir-se e mostrar idéias, contudo, é necessário assim fazê-lo, o que não narramos se perde na poeira do tempo, mesmo deixando marcas, tornam-se marcas indecifráveis, que não trazem o calor, a energia que permeava aquele momento que como grito abafado, nasce no peito e morre na garganta. E mesmo tentando narrar como transformar palavras, emoções indomáveis, pulsantes de vida? Como mostrar o conhecimento em sua dimensão de processo? (Japiassu, ap. Leite, 1994, p. 13) Processo como todo o seu dinamismo, transitoriedade, contradições. Como relatar percursos, com toda a sua riqueza? Mas com todas as limitações inerentes a condição de humano-mortal, numa tentativa de abraçar a imortalidade que talvez possa nos brindar com um contato rápido, no momento dialógico autor-leitor, constatamos é imprescindível narrar, quiçá rompamos as

barreiras do tempo e o que foi passado seja presente, e nesse momento possamos ser, mesmo que não mais sejamos.

Como diz Silva,

> *"... as narrativas não apenas nos ajudam a dar sentido ao mundo, a torná-lo inteligível, elas contribuem para constituí-lo e a nós. É através de histórias sobre o passado – narrativas - que podemos dar sentido ao presente e construí-lo e é também assim que podemos imaginar um outro futuro."* (1994, p. 205)

Nesse contexto é que tentarei resgatar a primeira fase de constituição e reconstituição do grupo (PPCP), a qual compreendo que inicia-se em meados de 1991-92 e vai até o final de 1997, quando iniciamos as primeiras discussões, visando a mudança do eixo norteador dos trabalhos que vínhamos realizando. Eixo norteador, que até então se configurava, como cursos de extensão e a partir da construção do trabalho desenvolvido com os/as professores/as de Porto Barreiro, no desenvolvimento do "Projeto Aventurando-se no Conhecimento", transforma-se em pesquisa-ação que vai nortear a construção de um trabalho de Educação Continuada.

Ao abordar essa fase do nosso grupo (PPCP), a intenção não é abordar a História em sua totalidade, mas sim, alguns aspectos relevantes para a compreensão do movimento que o grupo vivencia até a construção do "Aventurando-se no Conhecimento".

Outra questão que quero esclarecer que apenas cito o nome dos/as professores/as que de alguma maneira participaram do grupo em algum momento, entretanto, a minha abordagem focaliza a trajetória dos/as professores/as que estão construindo o processo para concretização do "Aventurando-se no Conhecimento", que nesse caso são os professores/as: Ariel José Pires, Marcia Marques e Wanda T. P. Santos (Grupo de História e Geografia); Ana Lúcia Crisóstimo (Grupo de Ciências); Clarice Linhares, Neusa Moro e Maria Aparecida Crissi Knüppel (Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa); Doroteya Gavanski (Grupo de Matemática); Edélcio José Stroparo, Regina C. H. W. Padilha e Maria da Glória M. Messias (Grupo de Gestão Educacional).

Esta é uma opção metodológica, a História do PPCP é riquíssima, construída por muitas pessoas e muitas Histórias se entrecruzam, contudo a ênfase desse trabalho é o processo de passagem, no qual de cursos e oficinas, aventuramo-nos na pesquisa-ação, como eixo norteador da formação continuada de professores/as. Assim peço desculpas aos/às

professores/as que contribuíram para o caminhar dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo, que por qualquer motivo, não foram mencionados e também me desculpo pelas Histórias não narradas. Deixo o convite, e as páginas não escritas, a quem quiser contar parte da História, que não narrei.

> *Naquele tempo havia um homem lá. Ele existiu naquele tempo. Se existiu, já não existe. Existiu, logo existe porque sabemos que naquele tempo havia um homem e existirá, enquanto alguém contar a sua história. Era um ser humano que estava lá, "naquele tempo", e só os seres humanos podem contar sua história porque só eles sabem o que aconteceu "naquele tempo": "aquele tempo" é o tempo dos seres humanos, o tempo humano. Um homem estava "lá", "naquele tempo". Estava lá e não aqui. No entanto está aqui e permanecerá, enquanto alguém narrar aqui a sua saga. Era um homem que "estava lá" e, apenas, os seres humanos podem situá-lo "lá", pois eles sabem a respeito de "aqui" e "lá", categorias que constituem o espaço de seres humanos, o espaço humano.*(Heller, 1993, p. 13-14)

A gênese do PPCP, remota um momento peculiar da história da UNICENTRO. Era meados de 1990, o clima que respirávamos na Instituição era de grande euforia, o futuro era promissor, a Fundação Universidade do Centro-Oeste - UNICENTRO estava à caminho de seu reconhecimento oficial como Universidade, mas para conquistarmos posição tão almejada, teríamos que cumprir algumas determinações do Conselho Estadual de Educação. Entre tantas exigências, que são típicas nesses casos, uma delas e que nos atingiu diretamente (nós os professores) era a nossa "capacitação", a maioria era apenas especialista e a instituição precisava de um corpo docente constituído por um número razoável de mestres e doutores. Assim os dirigentes do momento, enviaram mensageiros para outras terras, em busca de sábios/as professores/as que conosco[115] partilhassem o nosso sonho e que nos ajudassem a construí-lo, concretizá-lo e como nós, nele acreditassem. E foi assim que a UNICENTRO, firmou convênio com a Unicamp, e o Curso de Mestrado em Educação, área de Metodologia de Ensino, começou a funcionar na instituição em 1991, sob coordenação da Professora Doutora Rosália Maria Ribeiro de Aragão.

O momento era de construção, de muito trabalho, como nas lendas, estórias e histórias, teríamos um íngreme e longo caminho a percorrer até nos tornarmos dignos de receber a condecoração de Cavalheiros da Academia, constituidores da Távola Redonda do Rei Conhecimento[116].

[115] O Eu e o Nós vão se confundir na narrativa, porque o narrador em muitos momentos serei eu, mas o processo foi construído no coletivo, assim as vozes se intercalam.

[116] Foi essa sensação que senti, quando fui proclamada publicamente Mestre, numa manhã de inverno, em julho de 1995, no momento final da minha defesa. A minha imaginação era tão forte que via a espada mágica nas mãos

O momento era de muitas expectativas, as quais se superaram no transcorrer do processo, a primeira turma da qual fiz parte viveu um êxtase gnosiológico indescritível, de repente começamos a perceber que as nossas verdades eram transitórias, não eram certas e nem erradas, mas precisávamos compreendê-las para entendermos a nossa prática e construirmos o nosso trabalho, era difícil, mas precisávamos a aprender a conviver com o talvez, com o dinamismo do conhecimento. Extasiados e angustiados, ampliamos e/ou modificamos nossos conceitos, nossas concepções, nosso universo e os nossos olhares eram ampliados, aprofundados, reconstituídos. Assim passaram a fazer parte das nossas discussões e estudos entre tantos temas: teorias de aprendizagem versus teorias de ensino, a teoria de ensino-aprendizagem, significativa de David P. Ausubel, paradigmas, concepções de ensino-aprendizagem, ciência, conhecimento, método; Filosofia e Educação: discurso e práxis, a reflexão filosófica: sentido e tarefas ao nível cotidiano, científico e filosófico, o homem-ser de relações; as contribuições do sócio-interacionismo e construtivismo para o ensino; as relações entre planejamento (entendido como organização do trabalho da escola) e a avaliação (como pilar de relações de poder estabelecidas ao nível mais amplo), visualizando formas alternativas para pesquisa no campo do planejamento e da avaliação; a evolução da Educação Brasileira à luz dos condicionamentos econômicos, sociais e políticos, bem como a organização escolar na Leis 5540 e 5692 e as suas funções ideológicas/econômicas; discussões de questões que subsidiaram e instrumentalizaram os projetos de dissertações, tais como as abordagens metodológicas da pesquisa em Ciências Humanas: positivismo, historicismo e marxismo, a escola como objeto de conhecimento, o estudo do cotidiano, que problemas - concebidos como tais - têm sidos tratados nas pesquisas relativas às sub-áreas que integram a área de Metodologia do Ensino? Que procedimentos têm sido adotados no tratamento de tais problemas? Em que têm contribuído tais pesquisas para o processo educacional tendo em vista e relevância e procedência de suas investigações?; questões teóricas e metodológicas da pesquisa relacionada aos procedimentos de ensino e aos processos de aquisição da forma escrita da linguagem em contextos de educação formal (e eventualmente, informal). Educação

---

da Professora Rosália, que com a voz rouca de emoção, e com os olhos cintilantes disse: Maria da Glória Martins Messias, eu te declaro mestre. A emoção era imensa, palmas, abraços, o calor dos amigos, da família, o orgulho dos mestre (Professores - Doutores Décio Pacheco, Dionísio Burak e os ausentes naquele momento, mas que ao meu lado caminharam durante o percurso).

como abordagem sociológica: aspectos históricos e pressupostos teóricos, tendências da Sociologia da Educação, orientações metodológicas microssociológicas, metodologia da pesquisa qualitativa, tendências no estudo da escola (vida cotidiana, conhecimento crítica); e tantas outras temáticas. (Plano de Ensino das disciplinas cursadas no Curso de Mestrado em Educação - Metodologia de Ensino).

Todo esse conhecimento foi mediado pelos nossos/as professores/as: Rosália M. Ribeiro de Aragão, Aquiles Von Zuben, Dulce Maria Pompêo de Camargo, Luiz Carlos Freitas, Corinta M. G. Geraldi, José Sanfelice, Lucila Arouca, Roseli Schnetzler, Décio Pacheco, Angel Pino, Maria Cecilia Rafael de Góes e Ana Luísa Smolka. Professores/as que com alegria vinham a Guarapuava trazer a sua contribuição para a construção da nossa Universidade. Esses/as professores/as atuaram, não só em sala de aula, mas em quase todos os setores da UNICENTRO, porque prestaram assessoria na reformulação das grades curriculares, programas, bibliografia dos cursos[117], estudos e planejamento da estrutura da universidade, institucionalização da pesquisa, avaliação institucional, redação dos regulamentos e regimentos da instituição, implantação dos colegiados de curso e outros setores constituintes da estrutura universitária, atualização da biblioteca, enfim em todo o processo de construção da Universidade. Cuja atuação foi realizada na discussão, na interação, no debate, envolvendo todos os que estavam comprometidos e empenhados com o crescimentos da instituição. Foram momentos inebriantes de pluralidade de idéias, fervor gnosiológico, de muito trabalho. E foi nesse clima mágico que surgiu o PPCP (Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública).

O curso de Mestrado havia iniciado em 1991, muitas discussões permeavam as nossas preocupações, entre tantas, uma delas era a necessidade da interação da UNICENTRO com a escola de Ensino Fundamental e Ensino Médio, para cumprir sua função social. No início de 1992 foi feita uma reunião com a primeira turma, com professora Rosália e o

---

[117] Cito como exemplo o Processo de Reformulação do Curso de Pedagogia, o qual posteriormente foi aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, nessa época era coordenadora do Colegiado e registrei em um relatório todas as reuniões e discussões que permearam o nosso trabalho, cujas assessorias foi prestada pelas professoras Rosália e Corinta. Assim como o Curso de Pedagogia todos os outros existentes na época tiveram uma história parecida. Hoje refletindo sobre o processo e revendo-o, analiso que foi muito mais que uma assessoria, foi intervenção, tal como ocorre na pesquisa-ação, porque não foram ações isoladas, externas e sim ocorridas na interação sala de aula/pesquisa/trabalhado docente e produção do Projeto Político-Pedagógico da Universidade.

professor Dionísio Burak, (que estava concluindo Doutorado na Unicamp), para discutirmos o planejamento e execução de um programa que envolvesse os/as mestrandos/as, professores/as da instituição, professores/as atuantes em outras instituições e os/as docentes da Unicamp que seriam inicialmente assessores/as. A idéia era que à medida que fôssemos construindo o nosso trabalho, os/as professores/as assessores/as iam gradativamente deixando-nos caminhar sozinhos.

Em Setembro de 1992 foi aprovado o Projeto "Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública" - (PPCP), instituído e coordenado pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO - Guarapuava - Paraná.

O trabalho desenvolvido pelo programa foi pensado para desenvolver ações e interações educacionais, no âmbito do ensino, tanto ao nível de trabalho institucional de organização de docentes universitários/as para o aprimoramento da formação de novos/as professores/as, quanto em nível de trabalho escolar de atualização e aprimoramento de professores/as em exercício, em termos de sua formação de atuação na rede pública estadual e municipal. (Projeto do Programa, p. 11)

O conteúdo do programa implicava estudos sobre o processo de ensino-aprendizagem, focalizando questões relativas à relação ensino-aprendizagem, relação professor/aluno, processos cognitivos, material didático, organização e apresentação de conteúdos de ensino, formação e tipos de atuação dos/as professores/as, avaliação do ensino e da aprendizagem. Todo o processo foi pensado para ser desenvolvido à luz de análises contínuas do processo de ensino nas suas diferentes formas e nas várias dimensões que assume, nas diversas áreas de conhecimento e análises relativas ao processo de aprendizagem, no que se refere à compreensão que os/as alunos/as deveriam ter dos conteúdos específicos e a relação desses conteúdos com o contexto social no qual os/a alunos/as se inserem. Questões decorrentes de programação de conteúdos, abordagem de ensino, livro-texto, elaboração de material didático, adequabilidade dos conteúdos às condições dos/as alunos/as foram pensados para serem abordadas com os/as professores/as da rede estadual e municipal, e discutidos no âmbito do PPCP, almejando a melhoria da qualidade do ensino fundamental e na formação básica de alunos/as e de professores/as.

Nesse momento o propósito do Grupo (PPCP) era abordar questões concernentes ao processo ensino-aprendizagem e os conhecimentos (conteúdos) das áreas específicas que constituem o Ensino Fundamental.

Os recursos humanos pensados inicialmente para o desenvolvimento do programa foram:

Docentes - pesquisadores/as da Unicamp, participantes enquanto assessores/as de área do programa:

Assessor/a da Área de Matemática;

2. Assessor/a da Área de Ciências;

3. Assessor/a da Área de Educação Ambiental;

4. Assessor/a da Área de Fundamentos da Educação.

Docentes - pesquisadores/as da UNICENTRO, integrantes do programa como professores /as - orientadores/as das áreas específicas:

1. Orientadores/as das áreas de Matemática;

2. Orientadores/as das áreas de Ciências;

3. Orientadores/as das áreas de Educação Ambiental.

Docentes - pesquisadores/as da UNICENTRO, participantes do programa como professores /as das áreas integrantes do grupos de trabalhos das específicas:

1. Professores/as de Didática;

2. Professores/as de Psicologia da Educação;

3. Professores/as de Metodologia Científica;

4. Professores/as de Estrutura e Funcionamento do ensino de 1º grau.

Professores/as integrantes das Equipes de ensino dos Núcleos Regionais e das Secretarias Municipais de Educação, vinculados às Áreas Específicas constantes do programa.

Acadêmicos/as das Licenciaturas da UNICENTRO (pedagogia, Geografia, Matemática e Ciências).

Professores/as das Metodologias Específicas e da Prática de Ensino da Habilitação Magistério de 2º grau, vinculados às áreas do programa. (Projeto do Programa. p. 11,12,13)

Assim foi pensada a organização inicial do PPCP, em grupos de trabalhos constituídos em funções das Áreas Específicas, envolvendo docentes e acadêmicos/as da

instituição, Equipe de ensino dos Núcleos Regionais, Secretarias Municipais de Educação e professores/as da rede pública, municipal e estadual.

O seu desenvolvimento foi previsto para iniciar em março de 1993 a dezembro de 1995, visando a capacitação de docentes nas áreas de Matemática, Ciências e Educação Ambiental, que na época contavam com professores/as da rede oficial de 23 pequenos municípios da região compreendida pelos Núcleos de Guarapuava , Irati e Ivaiporã.

O programa visava:

Preparar recursos humanos nas áreas de Matemática, Ciências e Educação Ambiental.

Pesquisar metodologias alternativas para o ensino das várias disciplinas da Escola de 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental em função de dificuldades de aprendizagem evidenciadas, em nível individual e em grupo.

Vincular a produção de material didático a proposta metodológica, teoricamente fundamentada.

Estabelecer plano de acompanhamento das ações deflagradas com os grupos existentes e os recursos humanos de cada área do ensino fundamental, criando condições para a aquisição de competência específica no desenvolvimento do processo real de ensino.

Tratar o conhecimento específico de cada área de ensino de forma a conhecer e corrigir distorções conceituais, acrescentar e atualizar informações/concepções, e, por em prática orientações advindas das proposições do Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná, relativas ao Ensino Fundamental. (Projeto do Programa, p. 16)

A necessidade do desenvolvimento do programa foi justificada, levando-se em conta os elevados índices de reprovação e desistência escolar, ocorridos nos 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental, bem como a função social da Universidade, em assumir a formação de profissionais da educação - "quer no curso de sua formação, quer já em exercício - com o propósito de melhoria da sua atuação na Escola Pública." (Projeto do Programa, p. 18) Percebo que quando o programa foi planejado, já havia preocupação com a educação continuada e uma opção política pela melhoria do ensino da escola pública. Embora os objetivos do programa estejam centrados em questões específicas a relação ensino-aprendizagem, não são desconhecidos os fatores políticos-sociais que permeiam o contexto escolar.

> *Muito embora se tenha presente a complexidade das situações escolares e não se pretenda desconsiderar os determinantes externos da maioria dos pontos vulneráveis do ensino de 1º grau, há de se buscar formas de lidar com esses pontos nos aspectos que dizem respeito à natureza didática, à competência e ao preparo de quem ensina, bem como quem elabora material de ensino...* (Projeto do Programa, p. 18)

Por essa fala percebo que não se negou a influência do contexto sócio-político-econômico nas relações escolares, apenas se priorizou um foco de ação.

Outra preocupação que está presente no projeto inicial do PPCP, é a articulação da Universidade com outras instituições responsáveis pela Educação, assim como a troca de experiências entre professores/as de diferentes formações e áreas de ensino, visando a construção de um trabalho coletivo, e o desenvolvimento profissional de todos os/as envolvidos, bem como a consolidação da Universidade.

Teoricamente a proposta foi fundamentada na ênfase da necessidade de se rever a prática pedagógica em seus componentes, a formação dos/as professores/as, os conteúdos, os livros-textos, os processos de mediação-avaliação, os/as alunos/as, o contexto de aula, os laboratórios e outros. Na proposta, mesmo sendo priorizada as questões pertinentes ao processo ensino-aprendizagem, está intrínseca a reflexão sobre as múltiplas relações que permeiam a Educação.

> *O que acontece no ensino de qualquer área de conhecimento se centra nas formas de interação/mediação, contudo, não se esgota, nem se explica tão somente por processos interativos. O que acontece é inseparável dos processos sociais e políticos da produção-reprodução-apropriação-uso da ciência e das técnicas, tanto nos processo gerais, como nas especificidades. Essas relações estão presentes em qualquer área de conhecimento (...) na perspectiva de um enfrentamento sério das questões que são os chamados lugares-comuns da educação, há de se ter a preocupação de situar histórica e socialmente o ensino para que não se corra sérios riscos de cair em receituários.* (Projeto do Programa, p. 19)

O sentido de construção, clareza do saber-fazer e o porque se faz, de sujeito ativos, professor/a autônomo/a intelectualmente, estão delineados nessa escrita do projeto.

A idéia do professor/a pesquisador/a, já fazia parte das nossas discussões no Curso de Mestrado, não com a terminologia e autores/as, que hoje a ancoram, mas sempre esteve permeando ações dos/as professores/as e alunos/as do curso, bem como as mediações. Desde o processo seletivo para o ingresso no curso, percebo que os critérios estavam relacionados a articulação do curso com a construção do trabalho pedagógico procurando superar as tradicionais dicotomias abordadas pela literatura educacional, teoria-prática, conteúdo-forma, competência-técnica-compromisso-político, entre outras. A maioria dos trabalhos de pesquisa

solicitados pelos/as nossos/as professores/as, durante todo o processo, eram referentes a nossa prática pedagógica articulada com as mediações possibilitadas no transcorrer do processo. Inclusive as dissertações produzidas pelo grupo focalizam a prática docente de cada um, revista, repensada, criticada, reconstruída à luz das interações, reflexões partilhadas naquele espaço teórico-prático[118].

Na proposta do programa, a idéia do professor-pesquisador também está implícita como se vê na citação abaixo, a qual encontra-se fundamentando-a:

> *A análise dos aspectos vários do ensino, à luz de parâmetros teóricos definidos, permite por um lado, construir novas estratégias de ensino, por outro lado, embasar explicações sobre as situações da realidade escolar, passíveis de registro através de abordagens qualitativas da pesquisa em educação. Os procedimentos qualitativos possibilitam ao professor tornar-se pesquisador, na verdade tomando como objeto de investigação a sua própria docência.* (Projeto do Programa, p. 21)

Essa idéia ainda é reafirmada na seguinte citação:

> *Na vida, todos nós temos que fazer trabalhos de campo interpretativos. O que pesquisadores interpretativos profissionais fazem é usar habilidades ordinárias de observação e reflexão de maneira sistemática e deliberada. Professores também podem fazer isso, refletindo sobre sua própria prática. Seu papel não é o de observador participante, mas o de participante observador que delibera dentro do cenário de ação.* (Erikson, ap. Projeto do Programa, p. 21)

[118] Quando eu fiz o Curso de Mestrado em Guarapuava, não conhecia pessoalmente a Unicamp, conhecia-a pelas narrativas dos/as professores/as do curso. Também não conhecia outras Universidades, pois toda a minha vida escolar foi vivida em minha cidade, aqui nasci e permaneci. A idéia que tinha sobre os cursos de Pós-Graduação desenvolvidos na Unicamp, é que eram melhores do que o nosso, superiores porque os/as alunos/as tinham mais acesso a livros, palestras, autores/as, aos/às professores/as, enfim a muitas coisas que ainda não tínhamos. Era fantástico pensar em conviver com sábios/as. Lembro que no primeiro dia de aula a professora Rosália enfatizou que teríamos acesso ao conhecimento considerado pelo grupo de professores/as docentes do Curso, o melhor e mais atual. Todos ficaram eufóricos, mas aquela curiosidade, em comparar o nosso curso com os da Unicamp, sempre persistiu. Quando fiz a seleção para o Doutorado me surpreendi, quando percebi que tinha afinidades teóricas e de preocupações com os professores/as da banca. Hoje vejo que era normal pois parte da minha formação ocorreu com a mediação dos/as professores/as da Unicamp, mesmo que em espaço diferenciado. Quanto as idéias sobre a qualidade do Curso de Mestrado, após conviver como aluna do Doutorado, percebo que uma coisa importante que ocorreu no Mestrado, do qual fui aluna, o sentido de turma, de grupo, pois éramos uma turma que caminhávamos juntos, cursamos o mesmo currículo, tivemos a mesma formação e esse fato contribuiu para que estabelecêssemos afinidades teóricas, afetivas, de objetivos e outras. Outro fator foi a articulação dos conteúdos das disciplinas, todo o currículo do Curso foi concretizado com articulações, interações e dava para perceber que os docentes procuravam trabalhar integrados. Quanto ao contato cotidiano com os/as professores/as, percebi que aqui, mesmo morando distante, estávamos mais próximos porque quando os/as professores/as, vinham para cá, reservavam tempo para seus/suas alunos/as, em Campinas, mesmo estando próximo estávamos distantes pela roda viva de excesso de atividades dos/as professores/as. O mesmo ocorrendo com os autores/as. Não estou criticando a qualidade das disciplinas que cursei, muito pelo contrário, foram excelentes, mas senti solidão, a qual foi superada quando comecei a participar do GEPEC, que na minha opinião é um experiência gratificante, tanto afetiva, quanto teoricamente, porque de solitário passa-se a pertencer a um grupo, a ter espaço para discussões, a solidão acadêmica é superada.

Nessas citações encontro fundamentos teóricos compatíveis com a proposta de pesquisa-ação por nós defendida em nosso artigo "Refletindo com Zeichner: um encontro orientado por preocupações políticas, teóricas e epistemológicas[119]. Quando falamos da pesquisa-ação proposta por Zeichner e pelo nosso grupo, a diferenciamos da pesquisa participante, pesquisa-ação, pesquisa intervenção... e outras denominações congêneres conforme são referidas segundo diferentes autores e tendências, tais como Brandão, e Thiollent, porque não vemos o professor e a professora como participantes representativos da situação, em posição hierárquica inferior aos pesquisadores externos, mas sim como pesquisadores e pesquisadoras, sujeitos do processo de produção do conhecimento, tendo voz, mantendo a propriedade da sua pesquisa e fazendo com que seus saberes sejam respeitados. Como diz na citação anterior, sujeito que delibera dentro do cenário da ação.

As metas iniciais do primeiro plano de trabalho foram:

1. Capacitação de recursos humanos nas várias áreas do Ensino Fundamental, abrangendo os municípios de Guarapuava, Irati e Ivaiporã.

Descrição da ação:

Preparo do grupo orientador de trabalho envolvendo os vários departamentos pedagógicos da instituição: fundamentação teórico-metodológica.

Estudo criterioso do Currículo Básico da Escola Pública do Estado do Paraná pelos docentes.

Discussão do Currículo Básico com docentes da instituição, Secretárias Municipais de Educação e Núcleos Regionais, envolvidos na formação de professores.

2. Desenvolvimento de Pesquisa metodológicas nas diversas áreas do Ensino Fundamental: Matemática. Ciências e Educação Ambiental.

Organização de grupos específicos de trabalho envolvendo a área de ensino de 1º e 2ª Ciclos do Ensino Fundamental para o desenvolvimento de pesquisas.

Acompanhamento contínuo de desenvolvimento das pesquisas por professores/as pesquisadores/as de cada uma das áreas metodológicas de ensino.

[119] Este artigo está publicado no livro Cartografias do Trabalho Docente: professor/a pesquisador/a. Campinas: ALB/Mercado das Letras, 1998. Para maiores esclarecimentos seria interessante consultá-lo.

3. Construção de materiais didáticos vinculados às propostas teórico-metodológica de ensino.

Estudo, análise e discussão de materiais existentes nas escolas.

Construção de estratégias e de materiais vinculados a uma proposta teórico-metodológica.

Desenvolvimento de ações resultantes da pesquisa em situação de real de ensino.

4. Disseminação para multiplicação entre os/as professores/as das redes de ensino municipal e estadual, das ações resultantes das pesquisas metodológicas realizadas.

Organização dos grupos de trabalhos de professores/as orientadores/as de cada núcleo.

Preparo dos/as professores/as em exercício multiplicadores de cada área de ensino através de cursos periódicos de capacitação específica, no âmbito do desenvolvimento global do projeto. Fundamentação teórico-metodológica; estudo do currículo; estratégias de ensino e de pesquisa das ações propostas.

Acompanhamento didático/pedagógico para cada área de interação de grupo (periódicas) e individuais (contínuas) na escola. (Projeto do Programa, p. 23)

Pelas metas que foram estabelecidas e pela descrição da ação, percebo que a atuação de cada grupo de área específica do grupo (PPCP), inicialmente seria estudar os fundamentos teórico-metodológicos da sua área e o currículo Básico da Escola Pública do Estado do Paraná, para na seqüência promover e participar de discussões com profissionais atuantes nas Secretarias Municipais e Núcleos Regionais.

Nesse momento não haveria contato direto com os/as professores/as que atuavam em sala de aula, mas sim com representantes das Secretarias Municipais e Núcleos Regionais. Então, seria uma proposta implantada de cima para baixo, primeiro se trabalharia com os representantes das Secretarias Municipais e Núcleos Regionais, depois eles/as trabalhariam com os/as professores/as.

Contudo não ver essa situação como a ideal considero que essa etapa foi historicamente necessária para o grupo dar os primeiros passos.

Outra meta prevista era o desenvolvimento de pesquisas metodológicas (p. 13), nas áreas de Matemática, Ciências e Educação ambiental, as quais fossem realizadas por grupos de

trabalhos, constituídos de acordo com as áreas específicas. Essas "Pesquisas Metodológicas", estão explicadas no projeto do programa como:

> *A pesquisa teórico-metodológica, em cada área específica deverá apontar caminhos para a construção de novas metodologias para a produção de materiais didáticos correspondentes às metodologias estabelecidas.*
> *Uma segunda fase de trabalho será relativa à utilização das ações metodológicas e dos materiais didáticos resultantes, da pesquisa, em processos reais de ensino, para subseqüentes análises discussões e possíveis reorientações do processo, em função de problemas de ensino e aprendizagem, apresentados pelos alunos da rede pública.*
> *Essa fase prevê o trabalho nas escolas dos municípios com alunos que previamente evidenciaram dificuldades nas áreas específicas de Matemática, Ciências, Educação Ambiental, ou que apresentaram ainda, as mesmas ou outras dificuldades, quando submetidas às estratégias de ensino decorrentes de nova metodologia proposta à luz da pesquisa. Dessa forma se projeta o processo de melhoria dessas áreas do ensino fundamental.*
> *Os professores das classes envolvidas nessa ação começaram a acompanhar todo esse processo, para conhecer e participar das propostas, em termos mais efetivos, nos seus respectivos contextos* (Guarapuava, Irati, Ivaiporã). (Projeto do Programa, p. 25)

Essa meta foi parcialmente atingida, porque as "buscas" empreendidas aconteceram, foram elaborados instrumentos de pesquisa e realizadas coletas de dados, junto aos/às alunos/as, aos/às professores/as, diretores/as, supervisores/as e outros componentes da escola, mas faltou a sistematização e análise dos "achados". Em conversas informais com os membros do PPCP, que nessa época estavam participando do grupo, contaram-me que muitas experiências gratificantes, vivências nos trabalhos desenvolvidos, não foram registrados, por motivos tais como falta de tempo e por não ter o hábito e/ou considerar irrelevante os trabalhos desenvolvidos para serem temáticas de pesquisa.

Os grupos das áreas específicas, no planejamento inicial eram previstos na sua composição com vários componentes, só que no transcorrer dos trabalhos permanecera, nos grupos poucos/as professores/as, inclusive ficando um/a professor/a no grupo e esporadicamente um/a professor/a ou outro/a professor/a da área se envolvendo. Processo que se explica pelo fato dos grupos, contudo serem institucionalizados, a sua ação no cotidiano, configura-se como um trabalho extra dos/as professores/as, porque as horas destinadas a esse trabalho, na maioria das vezes ultrapassam a carga horária oficial, isto é, as horas que constam nos seus planos individuais de atividades, as horas mensuráveis, dificilmente davam conta das horas que necessitavam, para desenvolver os seus trabalhos. Situação que é comum na nossa vida de professores/as universitários/as, geralmente nos envolvemos com tantas atividades que é comum trabalharmos em casa para dar conta de tudo que nos propomos a fazer. O tempo

vivido é superior ao tempo cronológico. Participar de grupos não é fácil, significa trabalhar além do horário oficial.

Em síntese as ações do grupo após o desenvolvimento das pesquisas teórico-metodológicas, ficaram centradas em Cursos e Oficinas ministrados, a pesquisa não ocorreu no centro do processo. Ela ocorreu nos trabalhos individuais que os/as professores/as componentes do PPCP, como alunos/as do Mestrado em Educação, posteriormente desenvolveram.

As Dissertações produzidas pelos/as professores/as que participam ou participaram do grupo do PPCP e cursaram o Mestrado em Educação, na área de Metodologia de Ensino foram:

"A proposta do Ciclo Básico e alfabetização em Ação" - Clarice Linhares, defesa em 26/08/96, 1ª turma do Mestrado.

"Uma Experiência de Estágio Supervisionado Norteado pela Modelagem Matemática: Índices para uma ação inovadora" - Doroteya Gavanski, defesa em 06/09/95, 1ª turma do Mestrado.

"Um estudo de Atitudes em Relação ao Cálculo Diferencial e Integral, em estudantes Universitários" - Edilson Roberto Pacheco, defesa em 06/10/95, 1ª turma do Mestrado.

"Implantação e Desenvolvimento da Disciplina de Metodologia Científica: Resgatando Processos" - Maria da Glória Martins Messias, defesa em 04/07/95, 1ª turma do Mestrado.

"Um Estudo sobre a Evolução do Conceito de Energia em alunos de 8ª Série do Ensino Fundamental" - Eliane Strack Schimin, defesa em 08/05/98, 1ª turma do Mestrado.

"Não se deve ensinar Inglês como uma coisa supérflua...Uma contribuição Educativo-Pedagógica à Formação de Professores de Inglês" - Olga Sindelar Barczak, defesa em 28/09/95, 1ª turma do Mestrado.

"Trajetos e Projetos de Avaliação Educacional: Do Medo à Alegria" - Regina Célia H. W. Padilha, defesa em 03/07/95, 1ª turma do Mestrado.

"Pensei que o Brasil só existia o Sul e o Norte...As noções de Orientação e Localização Geográfica no Ensino Fundamental" - Wanda Terezinha Pacheco dos Santos, defesa em 01/08/94, 1ª turma do Mestrado.

"Televisão: presença na vida, ausência na escola" - Sandra do Rocio Ferreira Leal, defesa em 01/07/96, 2ª turma do Mestrado.

"Educação Ambiental na Escola Fundamental - Um programa de Educação Continuada de Professores no Contexto Escolar" - Ana Lúcia Crisóstimo, defesa em 29/09/97, 3ª turma do Mestrado.

"Escola da Aldeia: Rumo a uma Educação Diferenciada" - Déa Maria Ferreira Silveira, defesa em 24/10/97, 3ª turma do Mestrado.

"Formação do Leitor: Contar Histórias, Dramatizar, Brincar... Ponto de Partida" - Regina Chicoski, defesa em 19/12/97, 4ª turma do Mestrado.

"O processo de formação do Leitor: Algumas Análises macro e micro estruturais" - Maria Aparecida Crissi Knüppel, defesa em 1999, 1ª turma do Mestrado.

"Presença/ausência da Literatura Portuguesa nos vestibulares brasileiros. (Dissertação em Andamento - UNICENTRO, Pós-Graduação. Relação de Defesas de Dissertações, n. p.)

Além desses trabalhos do Mestrado em Educação, há outros:

"Assentamentos de trabalhadores rurais sem terra em Guarapuava - Histórico e cotidiano" Dissertação de Mestrado. " O MST e a questão social da Igreja" Tese de Doutorado, em andamento - Ariel José Pires - Doutorado em História - UNESP - Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis.

"Da onça ao rouxinol: a favela no processo de urbanização da cidade de Guarapuava" Dissertação de Mestrado em andamento - Márcia Tembil Marques. Mestrado em História - área de concentração Movimentos Sociais - UNESP - Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis.

"Aspectos políticos-legais da Educação municipalizada: um estudo de caso em Prudentópolis - Pr" - Edélcio José Stroparo, - Mestrado - Universidade Federal do Paraná, defesa em 11/08/98.

É importante explicar que nesse momento histórico da nossa instituição, tínhamos que construir quase que tudo. Por exemplo a prática da pesquisa não era comum no nosso trabalho, primeiro porque não tínhamos a tradição das Universidades em pesquisa, nossa instituição surgiu como Fundação e nos primeiros anos de funcionamento, nós professores/as éramos horistas, ou seja, éramos remunerados pelo número de aulas ministradas, nesse

contexto havia alguns/mas professores/as pesquisadores/as, mas eram poucos/as e a maioria lecionava em outras instituições para completar a sua renda. Não que o salário fosse pouco, pelo contrário, creio até que era melhor do que hoje. Mas o fato é que não havia o comprometimento com a produção do conhecimento, que é uma das características do Ensino Superior. Outra questão é que haviam práticas pedagógicas interessantes, mas que não eram registradas, analisadas, talvez pelo fato de não haver o comprometimento de dedicação exclusiva com a instituição, conquista que chegou mais tarde com a construção da Universidade e com a sua legitimação. Outro fator que acredito que tenha influenciado, eram as concepções de pesquisa que desconsideravam a prática pedagógica dos/as professores/as ou que separavam teoria e prática, que dividiam os educadores/as em teóricos e práticos, pensadores e executores, que por muito tempo permearam os estudos no âmbito educacional influenciando as Universidades assim como a nossa instituição. Com os estudos realizados no Mestrado é que fomos conhecer outras abordagens de pesquisa[120] e, de certa forma, a pesquisar, porque na formação que tivemos poucas pesquisas realizamos e mesmo assim numa concepção de pesquisa positivista. Em relação a prática da pesquisa, creio que a nossa formação deixava a desejar, contudo já havermos realizado algumas investigações na Graduação e nos Cursos de Especialização, ainda não tínhamos uma formação forte em

[120] Lembro que quando fizemos a seleção para o Mestrado, nós professores/as da UNICENTRO apresentamos projetos com as mais variadas problemáticas de investigação, mas a forma dos projetos eram todos iguais, todos tinham os mesmos itens. Por exemplo, título, assunto, problema, hipóteses e outros. A datilografia, era igual, os mesmos espaçamentos, alinhamentos... E a banca da Unicamp percebeu, como dávamos importância para a forma. Quando eu fui para a entrevista, como eu era professora de Metodologia Científica sobrou para mim. Eles me questionaram bastante, criticaram, a nossa concepção de produção de conhecimentos que priorizava a forma em detrimento do processo, disseram que nossos projetos estavam vestindo uma camisa de força. Foi muito interessante para mim, foi um choque doído, contudo satisfatório, porque desse susto é que nasceu a minha investigação de Mestrado e as minhas investigações pedagógicas. Ainda lembro das sérias e extrovertidas colocações das professoras Rosália, Roseli e do professor Ezequiel. Para mim esse fato tornou-se um desafio, busquei muito compreender essa questão e só me senti satisfeita quando encontrei-me com Sanchez Gamboa, em um artigo que ele falava das tendências, das pesquisas em Educação e quais as suas características teóricas, filosóficas epistemológicas entre outras. Nesse artigo ele trazia o contexto histórico do aparecimento dessas pesquisas nas Universidades Brasileiras as quais ele havia pesquisado, na pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – S.P). Universidade de São Paulo (USP), Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), Universidade de Campinas (Unicamp), Universidade de São Carlos (UFSCar). Senti um alívio quando descobri que outras abordagens tais como ele a havia nomeado e caracterizado, como as fenonemológico-hermenêuticas, crítico-dialéticas em oposições as empírico-analíticas, que era a que eu conhecia, surgiram no Brasil timidamente na década de 70. Que alívio eu começava a compreender o que estava acontecendo, não havia aprendido errado, simplesmente havia tido a oportunidade de conhecer somente uma visão de pesquisa. Para maiores esclarecimentos ver: GAMBOA, Silvio Ancizar S. A dialética na pesquisa em Educação: elementos de contextos In: FAZENDA, Ivani (org.) Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez, 1989, p. 93-115.

pesquisa, estávamos recém iniciando a nossa compreensão sobre a produção de conhecimentos, que por muito tempo ficou presa aos receituários dos livros de Metodologia Científica, que ao enfatizar procedimentos fechados, mais mistificam o processo de produção de conhecimentos do que os esclarecem. Então teríamos que nos apropriar de novos conhecimentos, conhecer novos enfoques, compreender o movimento de produção de pesquisas educacionais no Brasil e no mundo e que tendências, pensamentos permearam o pensamento pedagógico e os processos investigativos.

Por exemplo, Patto menciona em seus estudos sobre o fracasso escolar, no processo de apreensão e compreensão desse objeto de estudo em seus vários aspectos, que houve rupturas que nortearam as pesquisas educacionais, no seu movimento histórico, sendo as rupturas mencionados pela autora: temáticas, teóricas e políticas. (1990, p. 121)

Quando discorre sobre o movimento temático, teórico e político que permearam as investigações sobre o fracasso escolar ressalta que :

> *...o ano de 1977 é um marco nessa mudança importantíssima de enfoque (...) nessa época, um grupo de pesquisadores da Fundação Carlos Chagas desenvolveu um conjunto de subprojetos de pesquisas voltados para a investigação da participação do sistema escolar do baixo rendimento das crianças dos segmentos sociais mais pobres. Seus resultados (1981) deram ensejo a um novo conjunto de subprojetos dedicados à pesquisa mais detalhada dos mecanismos intra-escolares de seletividade social da escola privilegiando a investigação de aspectos estruturais, funcionais e da dinâmica interna da instituição escolar.* (FCC, 1984) (1990, p. 118)

Na análise da autora ela afirma que as contribuições que estes projetos trouxeram foram:

> *Além da ruptura temática, garantida pela atenção renovada as práticas constitutivas da vida na escola, estes projetos também trouxeram consigo uma ruptura política ao superar a concepção liberal sobre o papel da escola segundo a qual a escola estaria na vanguarda das mudanças sociais e ao negar a tese reprodutivista que, ao atribuir à escola um lugar meramente mantenedor da ordem social vigente, resultou numa dificuldade de percepção de seu papel transformador da estrutura social em vigor.(1990, p. 119)*

Para explicar a ruptura teórica continua:

> *Nesse resgate da importância da escola num projeto de transformação da sociedade de classes, as idéias de George Snyders desempenharam um papel decisivo na abertura de espaço para uma ruptura teórica que introduziu as idéias de Gramsci na reflexão sobre o problema de eficiência e do papel social da escola para o povo.*

Contudo essas rupturas já terem ocorrido, Patto enfatiza que rupturas epistemológicas, são necessárias para o desenvolvimento das pesquisas educacionais, para ampliar a compreensão de determinados objetos de estudos, dos quais as rupturas mencionadas ainda não deram conta e com essas colocações ela sinaliza para essas reflexões: "Para que os erros do passado não continuem acontecer é fundamental reexaminar a questão do método. Autores que se dedicam à análise da produção científica são unânimes em apontar dificuldades e impasses metodológicos (1996, p. 126). E ainda continua as suas preocupações: "O desafio maior que se coloca ao pesquisador da escola , hoje, é o de repensar seus pontos de referências teórico-metodológicos (p. 131) e complementa com a preocupação que considero mais relevante;

> *...o procedimento cientifico entre outros inevitáveis percalços, tem necessidade de questionar a epistemologia tradicionalmente aceita. Esse freio mental garante a reprodução de práticas sociais e dos sistemas conceituais herdados que perpetuam até sob as aparências enganosas da inovação. (Barbieri, 1985, ap. Patto, p. 148)*

Também considero relevante para compreendermos a pesquisa educacional, a crítica que Santos faz sobre a questão do método, qual vem ao encontro da minha postura como professora pesquisadora.

> *Eu diria que, em muitos trabalhos sociológicos, a questão do método freqüentemente assume o caráter de uma racionalização, no sentido freudiano do termo*[121]*. Pois quer a démarche seja empírica, parta do concreto ou abstrato ou, ao contrário, que proceda da aplicação sistemática de um esquema de interpretação sobre um determinado objeto, freqüentemente considera-se a questão da metodologia como uma prova. O pesquisador devem então demonstrar que detêm a herança legada pelos que o procederam no mesmo campo, que emprega as ferramentas conceituais adequadas, que sabe melhor que ninguém, iluminar o seu objetivo de análise (...) Ora, não se domina uma situação exibindo fraquezas, as hesitações, o vôo cego. A parada exige a evidência de um pensamento bem construído, a coerência sem brechas, o brilho da razão. Por isso talvez os capítulos metodológicos nunca tratam da trajetória de uma pesquisa, excluindo o que é realmente o motor do trabalho, isto é, a inquietação e a dificuldade que se apresentam ao sujeito de ter de pensar a complexidade dos fenômenos sociais. Talvez por isso também nos entregam um quebra-cabeça realizado, onde conceitos teóricos e empíricos se encaixam maravilhosamente.* (1981, p. 10-11)

[121] *Racionalização: "*procedimento através do qual o sujeito procura dar uma explicação coerente do ponto de vista lógico, ou aceitável do ponto de vista moral, para uma atitude, um ato, uma idéia, um sentimento, etc. .... cujos motivos verdadeiros não são percebidos, fala-se mais especificamente da racionalização de um sintoma de uma compulsão defensiva, de uma formação reativa. A racionalização quando intervém no delírio, desembocando numa sistematização mais ou menos acentuada Jean Laplanche et J.B. Pontalis, Vocabulaire de la Psychanalyse." (Santos, 1981, p.10)

E ainda completo a postura apresentada, com o que Corazza diz sobre a prática da pesquisa que vem ao encontro dessa idéia de Santos e as minhas, que ainda se encontram em construção, ora vacilam aqui, ora ali ainda não encontrei um terreno seguro, mas estou investigando.

> *Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar, uma forma de interrogar de suscitar acontecimentos , de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigas/os e cultivar inimigas/os; de merecer ter tal vontade de verdade e não outra(s); de nos enfrentar com aqueles procedimentos de saber e com tais mecanismos de poder; de estar inseridas/os em particulares processos de subjetivação e individualização. Portanto, uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida. A "escolha" de uma prática de pesquisa, dentre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder* (1996, p. 124-125)

Outro aspecto que não era comum em nossas práticas era estudar e refletir sobre a nossa prática, para nós ela era tão comum, corriqueira, tão sem graça fomos compreender a necessidade de compreende-la no transcorrer do Curso de Mestrado, contudo as nossas reflexões, de uma grande parte do grupo, as quais originaram nossas dissertações de conclusão de curso foram sobre a nossa prática docente no Ensino de 3º Grau, com exceção dos/as professores/as de prática de ensino, que já haviam se preocupado com os outros Graus de ensino, devido a natureza do seu trabalho como professores/as de Estágio. Decorrente dessa situação também tínhamos que construir um trabalho voltado para o Ensino Fundamental, questão que não é fácil para o /a professor/a universitário/a que muitas vezes, por vários motivos, se distancia da escola de Ensino Fundamental e Médio. No Mestrado nossas discussões e estudos eram voltados para a escola pública de Ensino Fundamental e Médio, contudo a nossa prioridade inicialmente era melhorar o nosso trabalho como professores/as universitários/as, pois era onde atuávamos e estávamos insatisfeitos/as.

Tínhamos que estudar o Currículo Básico, compreender a sua fundamentação teórica, que era embasada na Pedagogia Histórico-Crítica, sistematizada e divulgada por Dermeval Saviani, a qual o Currículo do Paraná encontrava-se impregnado.

No primeiro projeto esboçado em setembro de 1992, no qual foram projetadas ações para o período compreendido entre março de 1993 e dezembro de 1995 as áreas apresentadas eram Matemática, Ciências e Educação Ambiental, tendo como meta "Capacitar 810 professores da rede. pública do Ensino Fundamental" (Projeto do Programa, p. 5) nas áreas já

citadas e abrangendo os municípios de Guarapuava, Irati e Ivaiporã, beneficiando "aproximadamente 28.000 alunos, no período de março/93 a dezembro/95" (p. 5), sendo a idéia orientadora:

> *Preparo dos professores em exercício pelos multiplicadores de cada área de ensino através de cursos periódicos de capacitação específica, no âmbito do desenvolvimento global do projeto:*
> *- Fundamentação teórico-metodológica*
> *- Estudo do currículo.*
> *- Estratégia de Ensino e de Pesquisa das ações propostas. (p.6)*

O programa pensado para concretização dessas metas tinha por cerne:

> *...a proposição de Metodologias alternativas nas áreas de Matemática, Ciências, e Educação Ambiental, vinculadas à construção de materiais e ao desenvolvimento de novas estratégias de ensino, para que se encontrem novos caminhos no interior do processo ensino-aprendizagem. (Projeto do Programa, p.4)*

A equipe inicial era:

Nome	Responsabilidade	Cargo/Função
Dionísio Burak	Coordenação geral	Coordenador/Docente
Rosália Maria R. de Aragão	Coordenadora Pedagógica da área de Fundamentação	Coordenadora/Docente
Roseli Pacheco Schnetzler	Coordenadora Pedagógica da área de Ciências	Coordenadora/Docente
Marcos Reigota	Coordenador Pedagógico da área de Ed. Ambiental	Coordenador/Docente
Sérgio Lorenzato	Coordenador Pedagógico da área de Matemática	Coordenador/Docente
Irene Raquel Garcia	Assessoria Pedagógica	Assessora
Mail Marques de Azevedo	Assessoria de Pesquisa	Assessora
Osmar Ambrósio de Souza	Assessor Estatístico	Assessor
Eliane Strack Schimin	Docente Multiplicador	Docente
Doroteya Gavanski	Docente Multiplicador	Docente
Edilson Pacheco	Docente Multiplicador	Docente
Marilda Saciloto	Docente Multiplicador	Docente
Paulo Jorge Riehs	Docente Multiplicador	Docente

Ana Lúcia Crisóstimo	Docente Multiplicador	Docente

No relatório apresentado em 21 de dezembro de 1992, já houve ampliação das áreas específicas, decorrentes do trabalho de divulgação junto aos vários Departamentos Coordenadorias e Chefias da instituição, assim surgindo outros grupos como Alfabetização, Geografia e História ficando assim a constituição dos grupos:

a. ALFABETIZAÇÃO

PROFESSORA ASSESSORA.

Drª Maria Cecília Rafael de Góes – Professor/Pesquisador da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

PROFESSORA ORIENTADORA

Clarice Linhares – Professora de Psicologia da Aprendizagem (aprendizagem da leitura e da escrita) da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO

PROFESSORES/AS

Ms. Luci Zempulski Jorgensem – Professora de Sociologia da Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO;

Ms. Giocondo Fagundes – Professor de Língua e Literatura Francesa da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO;

Marlene Ogliari – Professora de Lingüística da Universidade do Centro Oeste – UNICENTRO;

Maria Albany da Costa – Professora de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO;

Margareth de Fátima Maciel – Professora de Metodologia Científica da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO;

Sandra do Rocio Ferreira Leal – Professora de Metodologia e Prática de Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO;

Sílvia de Brito Neitzke – Equipe de ensino do Grupo Regional de Educação;

Maria Aparecida Crissi – Professora da rede Estadual de Ensino;

Jussiane Inês Sansana Pedroso – Equipe de Ensino do Núcleo Regional de Educação.

ACADÊMICOS/AS

Ângela Rosocha;

Carlos Antônio Alvarado Andrade;

b. ÁREA DE GEOGRAFIA

PROFESSORA ASSESSORA

Wanda Terezinha Pacheco dos Santos – Professora de Prática de Ensino de Geografia da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO.

PROFESSOR

Michel Koblinski – Professor da Rede Pública

ACADEMICOS/AS

Claúdia Eliane Jacomel

Eliane Aparecida de Oliveira

Osnélio Vailati

Valter Quadros

c. ÁREA DE HISTÓRIA

PROFESSORA ASSESSORA

Dr. Dulce Pompêo de Camargo – Unicamp

PROFESSOR ORIENTADOR

Ariel José Pires – Professor de E.P.B da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO.

PROFESSORAS:

Claudete Luzia S. Neves – Professora de Metodologia e Prática de Ensino da Universidade Estadual do Centro – Oeste.

Rosa de Moraes Soares – Equipe de Ensino do Núcleo Regional de Educação.

Rose Maria Gomes

Márcia Regina Tembil

Vanderléia Pontarollo

ACADÊMICA

Clarice França

d. ÁREA DE MATEMÁTICA

PROFESSOR ASSESSOR

Dr. Dionísio Burak – UNICENTRO.

PROFESSORA ORIENTADORA

Doroteya Gavanski – Professora de Prática de Ensino da Universidade Estadual do Centro – UNICENTRO.

PROFESSORES

Edilson Roberto Pacheco – Professor de Cálculo Diferencial e Integral da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO.

Gilberto F. de Souza – Professor de Cálculo Diferencial Integral da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO.

Maria Helena R. Pinto – Professora de Prática de Ensino da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO.

Nerci Aparecida Guiné – Equipe de Ensino do Grupo Regional de Educação.

Tânia Mara Schwab – Equipe de Ensino do Grupo Regional de Educação.

ACADÊMICOS/AS

Débora Cristina Wendler

Elenita Mello Leão

Fábio R. Vincentim

Janete de Souza

Joelson Francisco Novakoski

Joilze Brasil

Noemia Viomar

Willians Silvia Amâncio

e. ÁREA DE CIÊNCIAS

PROFESSORA ASSESSORA

Drª Roseli Pacheco Schnetzler – Unicamp

PROFESSORES/AS ORIENTADORES/AS

Eliane Strack Schimin – Professora de Prática de Ensino de Ciências da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO.

Carlos Eduardo Bittencourt Stange – Professor de Biologia (Zoologia e Histologia) da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO.

PROFESSORES/AS

Ms. Marilda Pissaia Saciloto – Professora de Biologia (Zoologia Histologia) da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO.

Ana Lúcia Crisóstimo – Professora de Biologia (Ecologia e Genética) da Universidade Estadual do Centro – Oeste – UNICENTRO.

ACADÊMICAS:

Ademariza do Nascimento

Ivonete da Aparecida Barbosa

Maristela Zorzi

Nadia Gardasz

Priscila Cleve Lacerda

Cada um dos grupos conta com três alunos/as do Curso de 2º Grau – Habilitação Magistério (relatório 21/12/92).

Nesse relatório foi narrado que a deflagração dos trabalhos de preparo dos grupos de trabalhos teve início na 2ª quinzena de Outubro, após a liberação da 1ª parcela de recursos já com os assessores das áreas específicas.

Os grupos das áreas específicas se ocuparam em definir o universo da pesquisa, os instrumentos a serem aplicados aos/às professores/as, alunos/as e também de estudo da literatura de formação pedagógica geral e específica que visavam analisar e discutir. Também estudariam o processo ensino-aprendizagem, em cada um dos seus componentes: os/as professores/as, livros-textos, os processos de transmissão-avaliação, os/as alunos/as, os contextos de sala, os laboratórios, dentre outros.

"*A análise dos aspectos vários do ensino, à luz de parâmetros teóricos definidos dentro de uma concepção cognitivista, construtivista e interacionista, tem avançado gradativamente nos vários grupos."*(PPCP. Relatório, 1992)

Ficou previsto para o ano de 1993, os meses de Fevereiro e Março para completar o preparo dos grupos específicos para o início da disseminação das ações resultantes da pesquisa com os professores da Rede Estadual. Também foi planejada a realização de pesquisas com os/as professores/as de Ensino Fundamental para levantamento das dificuldades, e a partir delas, o desenvolvimento de ações que atendessem as mesmas.

Os grupos estabeleceram como ponto de partida para o trabalho, o conhecimento da realidade local, através de uma pesquisa com professores/as e alunos/as em algumas escolas da cidade de Guarapuava. Foram escolhidas 10 escolas conforme os seus portes (2, 3, 4, e 5). Em cada escola foram entrevistados/as os/as professores/as de cada um das áreas: História, Matemática, Ciências, Educação Ambiental e Geografia. A pesquisa com professores/as e alunos/as foi realizada através de questionários e entrevistas gravadas. Procurou-se, conhecer das escolas pesquisadas as condições físicas, materiais, biblioteca e sala-ambiente.

Foram realizadas, nos meses de Outubro, Novembro, Dezembro, reuniões com os vários grupos das áreas específicas que constituiriam o Grupo de Trabalho para reuniões de Fundamentação Geral, através de seminários, exposições orais e discussões de materiais. A partir do mês de Abril estava prevista a disseminação, entre os/as professores/as da rede pública do Ensino Fundamental, das ações resultantes do preparo dos/as professores/as.

Nesse primeiro momento de constituição do Programa Permanente de Professores da rede pública (PPCP), em que ocorre a sua implantação, organização e institucionalização, observo que o grupo gozava de prestígio na UNICENTRO porque vários grupos de áreas eram constituídos por vários/as professores/as da instituição, por alunos/as da graduação, representantes do Núcleo Regional de Educação, professores/as da rede pública e ainda contavam com assessores/as e coordenadores/as das áreas específicas da UNICENTRO e da Unicamp. Também o espaço físico que a UNICENTRO destinou para os grupos estudarem e pesquisarem era amplo e o grupo sempre tinha disponível os recursos materiais e humanos que necessitava.

Hoje permaneceram no grupo poucos/as professores/as, nas reuniões quem tem participado são os/a professores que estão ou estavam trabalhando no projeto "Aventurando-se no Conhecimento", os quais são: Ariel José Pires, Márcia T. Marques e Wanda Terezinha P. Santos (Grupo de História e Geografia); Ana Lúcia Crisóstimo (Grupo de Ciências); Doroteya Gavanski (Grupo de Matemática); Edélcio José Stroparo, Regina C. H. W. Padilha e Maria da Glória M. Messias (Grupos de Gestão Educacional); Clarice Linhares. Neusa Moro e Maria Aparecida Crissi Knüppel (Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa). Em algumas reuniões, esporadicamente participaram outros/as professores/as, mas não são fixos no grupo.

Se comparamos o número de componentes dos grupos de áreas no início da constituição do PPCP, com o número que temos hoje, percebemos que diminuiu bastante. Também o espaço físico do nosso grupo (PPCP) diminuiu consideravelmente, hoje contamos apenas com uma sala pequena, que mal comporta cerca de dez pessoas.

Atribuo essa situação a questão do processo de reconhecimento da UNICENTRO, que naquele momentos histórico precisava de elementos significativos para enriquecer as atividades da Universidade. Outro fator que contribuiu foi o Mestrado em Educação estar em andamento na Instituição. E essa situação permitia que os/as professores/as da Unicamp, sempre estivessem aqui conosco.

Reconhecida oficialmente a Universidade, os anos passam, o Mestrado em Educação é desativado, as verbas são cortadas, o espaço físico é delimitado, o entusiasmo inicial vai embora, a rotina se instala e poucos/as professores/as resistem e permanecem no grupo. Professores/as que consideram o grupo um espaço de estudos, de interação, onde encontram companheiros/as de idéias.

Os olhares dos primeiros componentes

Nessa época final de 1992, início de 1993, foram enviados formulários de pesquisa aos/às professores/as atuantes nas Licenciaturas, aos Departamentos de Educação e Metodologia e Prática de Ensino, explicando que o trabalho de deflagração inicial, de organização e operacionalização do PPCP-RP estava se concretizando, sendo assim necessária a colaboração dos/as professores/as que respondessem as perguntas enviadas para que se pudesse definir posições e criar a infra-estrutura imprescindível ao projeto. Nesse instrumento já era enfatizado a importância do desenvolvimento do projeto para a instituição, pela possibilidade que oferecia de um "reestudo progressivo dos nossos cursos de formação de professores, quanto pela abertura do espaço de interação com a rede pública, tendo-se sempre em vista a melhoria da qualidade do ensino nos seus vários níveis." (Coordenação. Instrumento para professores/as, p. 1)

Esse instrumento era constituído pelas seguintes questões:

1. Como você vê a sua participação no Projeto? De que forma você pensa que esta poderia se dar?

2. Analisando as suas atividades e responsabilidade atuais, como docente da UNICENTRO, que arranjos você considera necessários serem feitos para favorecer a sua participação? Que sugestões você pode oferecer para o encaminhamento dos arranjos necessários?

3. A área da qual você pretende participar no Projeto corresponde à sua área de atuação docente na UNICENTRO. Em que curso?

4. Em caso negativo, quais os ganhos que você considera poder obter, com a sua participação para a área de sua atuação profissional no presente? E, ainda, que contribuição você ofereceria à educação de professores em exercício? (Coordenação. Instrumento de pesquisa, p. 2-3)

As respostas dos/as professores/as a estas perguntas giraram em torno de três questões comuns a todos: os ganhos profissionais que teriam em participar do projeto; preocupações; sugestões.

Quanto aos ganhos profissionais:

"Quanto aos ganhos eu estaria, em primeiro lugar, associando-me aos professores do Departamento de Metodologia e Prática de Ensino ao assumir o papel que cabe aos professores desse Departamento, na efetivação da integração Universidade – Escola de 1º e 2º Graus. Em segundo lugar esta participação me oportunizaria novas aprendizagens e em terceiro lugar, mas não menos importante eu estaria a espreita de espaços e idéias para "movimentar" o ensino de Inglês em nossa comunidade." (Professora O.[122].)

"Eu como professora de Metodologia e Prática de Ensino não poderia deixar de participar deste Projeto, pois o mesmo trará contribuições valiosas ao meu trabalho. A troca de idéias experiências, bem como a constatação da realidade do ensino de Ciências trará grandes contribuições para o meu trabalho." (Professora E.)

"Um projeto dedicado à capacitação docente é algo extremamente necessário e importante. Eu, como professora de Metodologia e Prática de Ensino não poderia deixar de

[122] Neste item da pesquisa, ao invés de colocar o nome dos/as professores/as, coloquei apenas a inicial dos seus nomes porque alguns/as desses/as professores/as não se encontram mais na instituição, e não pude conversar com eles/as sobre esse trabalho, sendo assim, optei por deixá-los/las anônimos/as. Inclusive alguns/mas desses/as professores/as não foram mencionados/as na tabela de siglas em anexo.

participar deste empreendimento, pois trará contribuições significativas ao meu trabalho, bem como, a minha própria reciclagem." (Professora S.)

"Eu me sinto bastante motivada a participar do Projeto, principalmente porque vejo nele a ligação estreita com o meu trabalho na FAFIG. Penso que o meu envolvimento trará reflexos positivos na Prática de Ensino de Matemática pelo fato de estar trocando idéias, estudando, aprimorando a minha fundamentação teórica e futuramente entrando em contato com professores da rede pública, sentindo mais de perto a realidade do ensino-aprendizagem da Matemática." (Professora D.)

"O projeto me chamou a atenção em primeiro lugar por ter como objetivo a capacitação de professores da rede pública, pois eu trabalho com a formação de professores e esta capacitação, ainda mais por ser permanente é de relevada importância. Em segundo lugar, pela nossa própria capacitação, o projeto prevê o preparo (através de estudos do currículo), isto é, a nossa própria fundamentação teórico-metodológica: uma ou mais oportunidade de trocar idéias, experiências. Estou disposta a participar, pena que o nosso grupo (de Estudos Sociais) esteja prestes a desaparecer." (Professora W.)

"Compreender melhor o processo de alfabetização para poder participar efetivamente de campanhas, cursos e programas que contribuam para erradicar o analfabetismo entre jovens e adultos." (Professora L.)

"Quando realizado será de suma importância para a sociedade guarapuavana e da região, onde a UNICENTRO dará a sua contribuição na conclusão deste projeto. Fazendo parte desta entidade a minha contribuição dar-se-á de forma efetiva, acompanhando as etapas do processo, através de estudos, pesquisas, trabalhos em equipe ou pesquisa de campo, etc. A troca de experiências e de idéias, o trabalho em equipe nos enriquece e nos integra mais na sociedade e também, na área profissional.. A contribuição é oferecer disposição responsabilidade e interesse, com intuito de chegar a concluir objetivos propostos no projeto." (Professora E.)

"Sou também professor do 2º Grau da rede pública, e entendo que é importante a participação dos professores da nossa instituição no tocante à qualificação dos professores da rede pública, quanto a forma de participação nesse projeto, penso que será através de

estudos e posteriormente cursos visando o aperfeiçoamento dos colegas docentes que atuam nas escolas públicas .” (Professor G.)

As preocupações dos/as professores/as nesse momento foram assim expressas:

“*Interessa-me o engajamento no projeto, embora me preocupe a dificuldade de conciliar, satisfatória e produtivamente, tal atividade ao Curso de Mestrado em marcha, e ao cumprimento da função que desempenho nesta Instituição.” (Professora O.)*

“Além de atuar como professora de Metodologia e Prática de Ensino de Ciências e Prática de Ensino de Biologia tenho dedicado-me a Dissertação de Mestrado. Terei um número bastante elevado de alunos estagiários no próximo semestre. É necessário utilizar as dispensas para Mestrado (D.M), exclusivamente para as atividades do Mestrado e que a carga horária utilizada para o Projeto possa ser compensada no decorrer do semestre ou ano letivo.” (Professora E.)

“No momento vejo que a minha participação no Projeto fica restringida, tendo em vista o número de horas de que disponho na Instituição, a função docente que desempenho e os estudos do Curso de Mestrado, ainda em fase de cumprimento de créditos teóricos. Contudo, entendo que a minha participação poderá se dar, considerando a diversidade de atividades previstas as oportunidades que com certeza surgirão. A participação em grupos de estudos, por exemplo, entendo viável, desde que não coincida com as primeiras semanas do mês, quando, normalmente estamos em aulas de Mestrado.” (Professora G.)

“Atualmente tenho procurado conciliar o curso de Mestrado, as aulas de Metodologia e Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado de 1º e 2º Graus. Desenvolver todas as atividades a contento não tem sido fácil, pois conto com um número elevado de estagiários. A previsão para o próximo semestre é de mais ou menos 23 estagiários. Redução de carga horária é algo que não poderá acontecer, no entanto, é fundamental que os dois dias de D.M. (dispensa para Mestrado), continuem e que os dias dedicados ao projeto possam ser compensados no decorrer do semestre, tendo em vista que dificilmente tal coisa possa ocorrer simultaneamente, isto é, concomitantemente aos dias dedicados a está atividade. Tal compensação não deverá ocorrer nos D.M.” (Professora S.)

“A minha preocupação maior está voltada para o momento de escrever a Dissertação de Mestrado conciliando isso com atividades do estágio supervisionado e as

aulas, sabendo que no semestre que vem terei um grande número de estagiários (20 acadêmicos). Somos conscientes que nossa carga horária não será reduzida. Considero fundamental termos garantido o D.M. Assim o tempo que sobra não é muito. Como o estágio não acontece durante o semestre haverá espaço para o projeto. É preciso que tenhamos a oportunidade de compensação de horários fora do nosso D.M., na oportunidade que se fizer." (Professora D.)

"Além de trabalhar com Prática de Ensino (1º e 2º Graus) tenho que começar a escrever a minha Dissertação de Mestrado, vejo aí uma dificuldade de conciliar estas atividades com a participação no projeto. É de nosso conhecimento que não será possível reduzir-se a nossa carga horária, entretanto, considero importante que continuemos com os nossos D.M., mas que possamos compensar os horários dedicados ao Projeto no decorrer do semestre. " (Professora E.)

"Devido ao meu compromisso com o Mestrado, ainda em fase de créditos e com o compromisso com as Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado, vejo a minha participação limitada." (Professora J.)

"Como professora de Metodologia e Prática de Ensino em História, tenho sob a minha responsabilidade um total de 25 estagiários no 1º semestre/93. Para atender esse número de estagiários, estarei com todas as noites tomadas e basicamente sessenta dias letivos acompanhando-os, pela manhãs nas escolas de 1º Grau, restando ainda o estágio de 2º grau que será desenvolvido através de um projeto de curso de extensão. Ainda terei que trabalhar e outras atividades tais como na Comissão Central de Concurso Vestibular – CCV..." (Professora C.)

As sugestões dadas pelos/as professores/as para a concretização do projeto foram:

"Não havendo coincidência de datas (atividades do Projeto/ aulas no curso de Mestrado) penso que a minha participação poderá acontecer." (Professora G.)

"Os rearranjos que considero necessários envolvem carga horária de aulas que não atinja o máximo do padrão; dias de horários de aulas fechados, condições para continuar colaborando com o Projeto "Pró-Egresso" e divulgação dos Estudos da Criança e Adolescente; horários das reuniões e seminários desencontrados dos dias de aulas; estudar a

possibilidade de algumas atividades serem desenvolvidas pela manhã; dias (tardes ou noites) só com permanência." (Professora L.)

"Gostaria que os professores que irão atuar nas mesmas áreas dispusessem de permanências no mesmo horário para facilitar o desenvolvimento do projeto, como sugestão, solicitaria que na confecção dos horários do próximo semestre fossem observadas as possibilidades de compatibilização das permanências." (Professor G.)

Quanto a área da qual o/a professor/a pretendia atuar no projeto se ela correspondia diretamente a área de atuação docente na UNICENTRO, a maioria disse que sim, sendo que apenas três de cerca de treze professores/as entrevistados/as disseram que correspondiam de maneira indireta.

Por esses instrumentos que encontrei nos arquivos do PPCP, os quais trazem alguns elementos que dão idéia sobre como os/as professores/as, naquela época viam a sua participação no grupo, assim como as dificuldades, possibilidades, preocupações, contribuições e conciliações com as suas atividades, dentre outras características, percebo que os primeiros participantes tinham em comum:

A maioria estava cursando o Mestrado em educação, Metodologia de Ensino, o qual estava sendo desenvolvido na UNICENTRO em convênio com a Unicamp. Esse fato confirma que o Programa Permanente de capacitação de Professores da Rede Pública, foi uma das contribuições que o Curso de Mestrado em Educação trouxe à Instituição, e esse grupo teve a sua origem nesse curso. Também a forma que foi pensado, escrito o seu projeto inicial e operacionalização nas duas primeiras ações é importante mencionar que a contribuição da Professora Doutora Rosália R. de Aragão foi fundamental. Além dos/as alunos/as do Mestrado em Educação, outros/as professores/as da Instituição ingressaram no projeto. Esses/as professores/as[123] mesmo tendo cursado Mestrado em outras Instituições tem em comum com o grupo a finalidade de idéias, que nesse caso, uma delas é a interação e o conhecimento da escola pública de Ensino Fundamental e Médio, bem como contribuir no seus processos de

[123] Em uma conversa informal com a professora Márcia me contou que junto com o professor Ariel, participou desde o início da constituição do PPCP e nesse momento o grupo de História realizou vários estudos concernentes a área, tendo a assessoria da professora Dulce Pompêo de Camargo – Unicamp. (A professora foi nossa professora no Mestrado em Educação. Talvez essa mediação e interação explique o fato de que mesmo não tendo cursado o Mestrado em Educação, área Metodologia de Ensino, o professor Ariel e a professora Márcia,

ensino-aprendizagem. E é essa afinidade que une o grupo, e o constitui nesse primeiro momento e vai contribuir para a sua continuidade. Afirmo isso porque muitos docentes ingressaram no grupo e não permaneceram, quanto ao permanecer no grupo, observei que há uma certa rotatividade. Por exemplo: poucos participam de quase todas as atividades do grupo, alguns só participam de cursos, outros de algumas reuniões, alguns participam de um projeto, outros de outros projetos, dentre outras atividades, pelos mais variados motivos. Por o grupo apresentar essas características, vou considerar o grupo que abordei no meu trabalho, os participantes do "Aventurando-se no Conhecimento" pelos motivos que já expliquei.

A área que pretendiam participar no projeto como já mencionei correspondia de forma direta e indireta, contudo permanecendo no projeto os/as professores que a área de atuação correspondia diretamente, situação que se explica por serem as áreas mais solicitadas para cursos, que é o caso dos cursos das áreas específicas como por exemplo: Língua Portuguesa, Alfabetização, Matemática, História, Geografia e outras. Como inicialmente o programa estava voltado para trabalhar com cursos, os/as professores/as que não participavam desses cursos paulatinamente foram se afastando do grupo. Os que estavam nessa situação e permaneceram no grupo, construíram outro espaço de atuação, como no caso do Grupo de Gestão Educacional. Aí percebo outra característica a necessidade de construirmos espaço de atuação que contribuam para a Escola Pública, de uma maneira diversificada que fuja um pouco da maneiras usuais.

Outra característica que foi comum nos primeiros participantes e também nos que continuaram no grupo foi vislumbrar a possibilidade de continuar a sua formação com a participação no grupo, aprendendo com os estudos realizados, nas discussões e na interação com os outros graus de ensino. Nessa questão, vejo que a nossa situação como professores/as universitários/as não é muito diferente dos outros professores/as, nós também quase que não temos espaços comunicativos, para discutirmos as nossas dificuldades e "achados", assim o grupo proporciona esse espaço, mesmo que seja de maneira informal e, às vezes, despercebida.

---

tenham construído um trabalho em que as bases teórico-metodológicas são as mesmas dos/as outros/as professores/as do grupo.

A preocupação que foi mais enfatizada por todos/as os/as entrevistados/as foi conciliar as atividades docentes, o curso de Mestrado (a maioria estava cursando), com as atividades do projeto ou o horário para o desenvolvimento do mesmo. Preocupação que se explica porque na época, cursávamos o Mestrado sem afastamento das atividades docentes, o número de aulas que ministrávamos era relativamente elevado, e conseguimos na época conquistar dispensa de 16 horas semanais para nos dedicarmos a nossa Dissertação. Mesmo querendo participar do projeto e considerando-o importante, não queríamos deixar que a participação no mesmo interferisse nessas horas que para todos era vital, na concretização das suas pesquisas. Nessa época não vislumbrávamos a possibilidade de conciliar as duas atividades, talvez por vê-las como atividades diferentes. fato que hoje já mudou, pois da minha participação no grupo é que tive a idéia do trabalho que hoje estou desenvolvendo no curso de Doutorado. Também o mesmo ocorreu com a professora Ana Lúcia Crisóstimo e hoje nas discussões do grupo vislumbramos a possibilidade de todos/as os/as componentes desenvolverem as mais variadas investigações, conciliando suas atividades de ensino, extensão e pesquisa. Houve uma mudança nas visões de pesquisa. Essa situação sinaliza para uma alternativa de conciliar (não sem sentido) as funções da Universidade que são o seu tripé básico: ensino-pesquisa-extensão. Essa possibilidade vem gradativamente emergindo do trabalho que está sendo desenvolvido em Porto Barreiro.

Outra questão importante de mencionar, nos depoimentos percebi que quem se considerava responsável pela integração da Universidade com outros Graus de Ensino foram os/as professores/as de Metodologia e Prática de Ensino e essa postura remete a discussão teoria-prática que permeia os Cursos de Formação de Professores/as, ou seja, a teoria é ensinada no início do Curso e durante, a prática é para o final, para o Estágio. Como diz Coelho:

> *Pensar o estágio, a "especificidade da prática nos cursos de graduação", é necessariamente situar-se na esfera das relações teoria e prática questão das mais controvertidas e que, por isso mesmo, precisa ser enfrentada com rigor e clareza. O viés positivista, muito difundido entre nós, nos tem levado, não apenas a dividir os cursos de graduação em ciclos básicos e profissionais, disciplinas teóricas e disciplinas práticas, mas considera o estágio como a prática por excelência, que viria coroar os estudos anteriores – Após os estudos da teoria viria a prática e por conseguinte o estágio.* (1986, p. 9)

O autor ainda enfatiza a supremacia da teoria sobre a prática, na qual a teoria dita a regras para ações, critica essa relação de poder e comando, onde os que detêm o "saber (os

intelectuais, os teóricos) detêm o poder, também a decisão, cabendo aos "práticos" a simples execução das decisões tomadas. Discussão que também remete a Schön quando critica essa dicotomia entre os que teorizam a Educação e os que executam, isto é, a racionalidade técnica (1992, p. 2). Assim como Zeichner em seu artigo "Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico[124]" (p. 207).

Segundo Coelho:

> *Dentro dessa concepção é bastante comum ouvirmos nos gabinetes oficiais nas Faculdades de Educação e entre os profissionais da área, afirmações como estas: o estágio é fundamental porque é a parte prática que vem fundamentar a formação dos alunos, 'no estágio se dá o encontro da teoria com a prática', 'no estágio o aluno terá oportunidade de aplicar o que aprendeu, o estágio representa o coroamento da formação de nossos alunos (depois da teoria vem a prática e assim a formação profissional se completa'.* (1986, p. 9)

As questões que me suscitam essas colocações do autor são: em primeiro lugar é a compreensão fragmentada equivocada sobre o papel, a responsabilidade de todos/as os/as professores/as que atuam em um curso de formação de professores/as; a contribuição de cada disciplina na constituição desse/a professor/a, a necessidade de articulação entre as mesmas; as relações ocorridas durante os cursos; e os conhecimentos que o acadêmico já traz. Será que o estágio vai influenciar de maneira mais contundente o/a aluno/a do que as outras atividades? Será que o estágio é capaz de sanar todas as dificuldades, dúvidas do/a aluno/a e propiciar-lhe o que faltou? A prática tem demonstrado que não. Contudo ainda permanece essa visão de que só o professor/a de estágio é o responsável pela interlocução teoria e prática. Situação semelhante encontrei em relação ao ensino da pesquisa, durante mais de 10 anos que trabalhei com Metodologia Científica, ouvi muitas vezes meus colegas: "Você precisa ensinar os alunos a pesquisarem. Não sabem interpretar textos, não sabem escrever, escrevem errado, não sabem fazer trabalhos dentro das normas de Metodologia Científica." Nessa fala encontro várias questões incluídas, não vou me estender porque estas questões trarei demoradamente da minha Dissertação de Mestrado[125], entretanto sempre tive a seguinte postura: o ensino da pesquisa é responsabilidade de todos/as os/as professores/as da Universidade, e estendo essa afirmação

[124] Essa questão tem sido bastante discutida, ver o livro Cartografias do Trabalho Docente: professor/a pesquisador/a, a maioria dos artigos aborda esta questão, de maneira direta ou indireta. Vejo essa discussão como um dos pilares sustentado pelos defensores da epistemologia da prática: Schön, Stenhouse, Carr e Kemmis, Elliott, que foram objeto de estudo do Grupo do GEPEC, que produziu o Cartografias e defende essa postura.

[125] Implantação e desenvolvimento da disciplina Introdução à Metodologia Científica: resgatando processos. Guarapuava: UNICENTRO/Unicamp, 1995. (Dissertação de Mestrado, digitada)

para os outros Graus de Ensino, contudo, há muitas coisas ainda a se pensar nesses outros Graus de Ensino. Mas na Graduação, principalmente nos Cursos de Professores/as eu penso que essa afirmação é indiscutível, está ligada a pergunta: Que tipo de professor queremos ou estamos formando? Quer dizer esta ligada a uma postura política, teórica, metodológica e até mesmo epistemológica, de compreensão sobre a formação de professores/as. Situação semelhante encontramos no Ensino da Didática, como se fosse possível estabelecer prescrições para ensinar assim como estabelecer prescrições para pesquisar, sem levar em conta os mais diversificados fatores que influenciam essas ações. E a interpretação de textos? E o ensino da língua? Será que é responsabilidade só do/a professor/a de Português? Nas outras áreas não há comunicação? Estas questões por mais banais que pareçam ainda são questões que minam os Cursos de formação de Professores/as.

Retornando à nossa história...

No relatório de 1994, que relatava as atividades desenvolvidas até então e previa as de 1995, encontrei o seguinte grupo de professores/as constituintes do PPCP: Dionísio Burak (Doutor), Marilda Pissaia Saciloto (Mestre), Edilson Pacheco (Especialista), Doroteya Gavanski (Especialista), Eliane Strack Schimin (Especialista), Gilberto de Souza (Especialista), Carlos Eduardo Stange (Especialista), Ana Lúcia Crisóstimo (Especialista), Maria Helena R. Pinto (Especialista) (p. 2). Professores/as doutores/as pesquisadores/as assessores/as: Rosália M. do Aragão, Roseli Schnetzler, Sergio Lorenzato, Newton Aquiles Von Zuben.

Nesse documento era explicado que o projeto teve o seu início no ano de 1993, com a constituição do grupo, chamado de grupo orientador, com a finalidade de inicialmente o grupo se preparar nos aspectos teórico-metodológicos para concretizar os objetivos estabelecidos no projeto inicial.

O preparo do grupo constituiu na fundamentação teórico-metodológica "pelos professores pesquisadores da Unicamp, como assessores de áreas." Foram realizados estudos e discussões do currículo básico das Escolas Públicas do Estado do Paraná que envolveram o grupo orientador, grupo de professores/as pesquisadores/as e assessores/as da Unicamp, professores/as ligados/as ao Núcleo Regional de Educação e professores/as do Ensino

Fundamental e Médio, além de acadêmicos das licenciaturas em Matemática e Ciências. (PPCP, Relatório de 1994)

Após essa etapa, foram iniciadas as "pesquisas metodológicas na área de Matemática, Ciências e Educação Ambiental, depois de serem detectadas dificuldades de aprendizagem de certos conteúdos." (Relatório de 1994, p. 7) Nessa fase segundo as informações contidas no relatório os/as acadêmicos/as participaram de todas as atividades do grupo: "fundamentação teórico-metodológica, pesquisa de material didático e elaboração do material didático instrucional e participaram sempre que possível com o grupo de docentes multiplicadores nos cursos e acompanhamentos às escolas." (p. 7)

O trabalho com os/as professores/as da rede pública em exercício e professores/as multiplicadores/as das áreas, segundo o relatório estava ocorrendo através de cursos periódicos e acompanhamento didático/pedagógico pelas interações de grupo e individuais na escola. Nesse momento o trabalho do grupo envolvia três municípios da região de Guarapuava.

Quanto a produção de publicações geradas no âmbito do projeto, era mencionado que o grupo estava em fase de elaboração dos "módulos que são distribuídos aos docentes"(p. 8), mas que vislumbrava a possibilidade da reorganização desses módulos resultar em uma publicação.

Encontrei nesse relatório elementos que confirmam um aspecto que comentei anteriormente, a contribuição que o grupo do PPCP, articulado ao curso de Mestrado em educação trouxe para a Instituição, em relação ao cumprimento das várias exigências do Conselho Estadual de Educação, para o reconhecimento da Universidade.

> *Os cursos de Licenciatura em Matemática e Ciências com complementação em Biologia estão, a partir de 1994, desenvolvendo estudos relacionados ao currículo, com o objetivo de redimensionar os cursos. Após um trabalho que procura responder às seguintes questões: Quem somos? O que queremos ser? O estudo em desenvolvimento tem aberto novas opções para a articulação entre as disciplinas de conteúdos específicos e metodológico às disciplinas de formação pedagógica com o objetivo de minimizar distorções entre teoria e prática sentidas no âmbito das licenciaturas. Procura-se, na estrutura dos novos currículos de Matemática e Ciências (agora com o proposto de Licenciatura em Biologia), estabelecer forte vinculação entre os componentes curriculares de forma a garantir a unidade do currículo, tanto no que se refere à formação dos conteúdos como também na parte do ensino e de formação pedagógica com o equilíbrio entre disciplinas fundamentais teórico-práticas e disciplinas com ênfase na prática operacional. Os alunos da licenciatura estão participando deste processo, discutindo a licenciatura antiga e sugerindo mudanças para melhorar a sua formação com as inovações*

metodológicas que se fazem sentir na situação de ensino, dada a dinâmica e vinculação estabelecida entre teoria e prática. (PPCP, Relatório de 1994, p. 6)

Situação semelhante, como já comentei anteriormente vivemos no Curso de Pedagogia. Nessa época era coordenadora do Colegiado e lembro que nas reuniões de Coordenadores/as de Colegiados era essa a nossa discussão enfrentar o desafio de coordenar a construção do Projeto Político-Pedagógico dos Cursos, para que a Universidade fosse reconhecida.

As dificuldades que o grupo encontrou nessa etapa foi a dificuldade de recursos financeiros, que foram liberados tardiamente. O relator comentou que o projeto contribuiu para a formação de "recursos humanos" (p. 10) porque incentivou a formação de grupos de pesquisas, favoreceu a aquisição de materiais bibliográficos e métodos inter e intra-grupos, além do desafio de se criarem materiais que facilitem o processo ensino-aprendizagem. Mencionava a necessidade que o grupo sentia de maior aprofundamento teórico, o qual já vinha ocorrendo pelas "assessorias das áreas específicas e da fundamentação geral." (p. 10) Comentava que a Instituição estava apoiando o projeto em vários aspectos, recursos físicos, materiais e humanos e que o projeto tinha apoio financeiro da CAPES/PADCT. Previa para 1995 o desenvolvimento de cursos e lamentava a não concessão de bolsas da CAPES para acadêmicos/as, com isso cerceando maior participação dos/as mesmos/as no projeto.

No relatório de 1995 encontrei os seguintes componentes do grupo: Professores/as Dionísio Burak (Doutor), Doroteya Gavanski (Mestre), Marilda Pissaia Saciloto (Mestre), Ana Lúcia Crisóstimo (Esp.), Eliane Strack Schimin (Esp.), Maria Helena J. R. Pinto (Esp.). Professores/as Doutores/as Pesquisadores/as Assessores/as: Rosália M. de Aragão, Roseli Pacheco, Newton Aquiles Von Zuben, Sérgio Lorenzato.

As ações realizadas foram parecidas com as do ano anterior, o grupo ministrou cursos em vários municípios. Quanto a publicações geradas no âmbito do projeto o relator citava as Dissertações elaboradas para cumprimento das exigências do Curso de Mestrado, com exceção de um trabalho da autoria do professor Dionísio que não estava vinculado ao Mestrado: São as seguintes:

Professora Doroteya Gavanski - Uma Experiência de Estágio Supervisionado Norteado pela Modelagem Matemática: Indícios para uma ação inovadora. Dissertação de Mestrado, 1995.

Professora Ana Lúcia Cristóstimo - Promovendo a evolução do conceito de Educação Ambiental e função docente dos professores do ensino fundamental.(em desenvolvimento)

Professora Eliane Strack Schimin - Evolução das idéias dos alunos sobre energia, temperatura e calor na 8ª série do 1 º grau. (em desenvolvimento)

Professor Dioniso Burak - A importância ou não das operações infralógicas e lógico-matemáticas na compreensão das operações fundamentais. (em desenvolvimento)

O apoio da universidade também continuava proporcionando espaço adequado para o funcionamento do projeto, transporte para os/as professores/as se deslocarem para os municípios onde iriam trabalhar, concederam uma secretária para auxiliar no trabalho. A CAPES continuava mandando verbas. Nesse período houve mudanças de coordenador do projeto que era o Professor Doutor Dionísio Burak, assumindo a função a Professora Wanda Terezinha Pacheco dos Santos.

No relatório de 1996 encontrei os seguintes professores/as compondo o grupo: Professores/as Dionísio Burak (Doutor), Doroteya Gavanski (Mestre), Marilda Pissaia Saciloto (Mestre), Ana Lúcia Crisóstimo (Esp.), Eliane Strack Schimin (Esp.). Professores/as Doutores/as Pesquisadores/as Assessores/as: Rosália M. de Aragão, Newton Aquiles Von Zuben.

As atividades durante o ano transcorreram parecidas com o ano anterior, cursos foram ministrados, estudos, reuniões dentre outras atividades. A relatora conta que o grupo reunia-se semanalmente para estudos e discussões de temas relacionados ao ensino-aprendizagem das áreas de Matemática, Ciências e Educação Ambiental. Nessas reuniões recebeu várias visitas de Secretários/as de Educação dos Municípios vizinhos, bem como de professores/as, diretores/as de escolas que solicitaram do grupo auxílio através de cursos de curta duração. Também lamentava o pequeno número de acadêmicos/as participantes, devido a falta de bolsas auxílio, enfatizando que contudo havia comprometimento por parte deles, participando de todas atividades desenvolvidas nos Municípios e nas escolas da cidade. Comentou que o Programa continuou oferecendo acompanhamento periódico às escolas, logo após os cursos

ministrados, que o objetivo desse acompanhamento era "avaliar tanto a teoria quanto a prática em situação real de ensino. Todos os materiais fornecidos são discutidos e avaliados junto com os professores durante as visitas;" (PPCP, relatório 1996, p. 11)

Quanto à pesquisa gerada no âmbito do projeto, a relatora informou que o material fornecido aos professores/as da rede pública eram apostilas elaboradas pelos professores/as do PPCP, estavam prontas, apenas aguardando publicação em módulos. Também comentou sobre um projeto desenvolvido pela professora Doroteya Gavanski - Matemática - "Medidas: o que os alunos sabem sobre o conceito Matemático? Assim a pesquisadora descreve o seu trabalho: "*Este projeto contou com a participação do 4º ano do Curso de Matemática de 1996. Após a fundamentação teórica, os acadêmicos receberam o conceito de medida de comprimento, área e volume, aplicando-o em dez escolas da rede estadual. 182 alunos de 1ª e 8ª séries, escolhidos aleatoriamente, responderam, a esse instrumento de avaliação totalizando 1092 problemas. Analisando os problemas e tabulando os dados, levantou-se várias categorias entre as quais: número de questões corretas, números de questões erradas, transformação correta das unidades, transformação errada das unidades, interpretação correta do problema, interpretação errada do problema..."(p. 13)* Na continuidade explica que na seqüência analisou questões sobre o conceito de comprimento, área e volume, chegando a algumas conclusões relativas a aprendizagem desses conceitos envolvidos na pesquisa e os resultados da pesquisa foram discutidos com os/as acadêmicos/as.

Considero importante esse trabalho da professora em conciliar o Estágio com a pesquisa, em outras conversas informais a professora Doroteya contou-me que realizou outros trabalhos de investigação, que desenvolveu-os em parceria com os estagiários, mas segundo o que me contou não fez as sistematizações finais, isto é, análises mais aprofundadas, por falta de tempo e também por não ver esses trabalhos como relevantes para desenvolver pesquisas mais elaboradas.

Nesse período a professora Ana Lúcia Crisóstimo também desenvolveu um projeto: "Educação Ambiental: investigação de parâmetros de significação para o ensino fundamental", nesse trabalho teve o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Guarapuava. Assim o descreve: "*O objetivo é reunir professores de pré a 4ª série do ensino fundamental para discutir a evolução conceitual sobre Educação Ambiental, numa visão inter*

e transdisciplinar. O grupo é constituído por 70 professores, além de coordenadoria pedagógica das áreas de Ciências, Matemática e por mim. Uma das metas do projeto sugere que em cada escola sejam constituídos grupos autônomos de estudos, integrados com a comunidade de investigadores e inovadores no Ensino Ambiental e Ciências. Os professores que participam poderiam ser os dinamizadores do processo, levando para a escola as discussões e propostas emergentes, consequentemente, desenvolvendo um programa de capacitação e/ou aperfeiçoamento permanente."(p. 13)

Sobre o transcorrer e a finalização da pesquisa não encontrei registros, mas um aspecto que me chamou atenção nos dois projetos das professoras, que ambos envolveram a pesquisa no processo de formação de professores/as, mas vejo que ambos os projetos configuram como ações isoladas dos/as professores/as das áreas específicas, contudo estarem vinculados aos grupos do PPCP, essa situação me faz pensar que não houve o espaço interativo no âmbito do PPCP, a discussão dos projetos, a troca de idéias, o envolvimento do grupo como um todo, que creio ser necessário para o fortalecimento das ações que um trabalho como aquele que as professoras estavam desenvolvendo necessita. Situação contrária ocorreu no desenvolvimento do "Aventurando-se", primeiro que o projeto envolveu vários professores do PPCP, com um objetivo comum, sempre as ações eram discutidas no grupo, o trabalho é percebido pelo grupo como de todos, assim os erros e acertos foram fortalecendo o trabalho.

Nesse relatório aparece a ampliação dos grupos de estudos em outras áreas: Alfabetização, Língua Portuguesa, História e Geografia, Educação Especial e Avaliação, que até então mesmo já sendo mencionadas como futuras áreas a se integrarem, ainda não haviam se unido ao PPCP, contudo já ter sido mencionado em projetos anteriores. Também é mencionado que "*o grupo de trabalho constantemente discutindo e estudando temas relativos ao ensino-aprendizagem, teve necessidade de chamar professores de outras áreas, como foi o caso de professores de Fundamentos da Educação: Psicologia, Filosofia, Sociologia, que participaram de seminários."*(p. 17)

Nesse ano continuou o apoio da Universidade, todavia "*o ano de 96 realmente não foi dos melhores para o Programa, pois nos foi repassado um valor mínimo e a Universidade, para não fechá-lo, resolveu assumir todas as despesas. Infelizmente não foi possível trazer*

tantos professores para assessoria como desejávamos e até desenvolver algumas atividades que tinham sido planejadas..” (1996, p. 18)

Nas considerações finais do relatório a coordenadora professora Wanda comenta que houve continuidade dos cursos de “capacitação em vários municípios sendo que o Programa foi solicitado “a auxiliar no Movimento Sem-Terra (capacitação de professores leigos) e através da FUNAI, em cursos para professores índios e não-índios das reservas de Guarapuava. Estas duas experiências foram bastante gratificantes e as organizações já se manifestaram no sentido da continuidade dos cursos em 97”(p. 19) A relatora ressaltava a pouca participação dos acadêmicos/as devido a questões financeiras (alunos/as trabalhadores/as), falta de bolsas para esses/as acadêmicos/as. Enfatizava o enriquecimento que a participação de outras áreas trouxe para o Programa e sugeria a CAPES/PADCT a promoção de encontros “para a troca de experiências entre os professores que participam de Programas de Capacitação em todo o Brasil.” (p. 19) É importante mencionar que a atuação do grupo junto ao Movimento Sem-Terra e com os/as professores/as índios e não índios está vinculada as Dissertações produzidas pelo professor Ariel José Pires e professora Déa F. Silveira.

A primeira Ata do grupo foi escrita em 22 de Fevereiro de 1995, nestas atas percebi que vários/as professores/as que participaram do grupo não foram mencionados/as nos relatórios finais até o ano de 1996, talvez porque só ingressaram no grupo, mais tarde; ou talvez porque permaneceram pouco tempo no grupo; ou só participaram para ministrar algum curso, fazia parte do contexto do programa convidar professores/as para ministrar alguns cursos solicitados e que no grupo, não tivesse um/a professor/a da área. Vou citar o nome dos/as professores/as que não estão registrados nos relatórios, mas nas atas estão, e que participaram do PPCP e/ou continuam participando: Clarice Linhares, Denise Carvalho, Maria Izabel Milanez, Eglecy Lippmann, Déa F. Silveira, Regina Chicoski, Regina C. H. W. Padilha, Jane Drewinski, Graciele Lorenzetti, Nincia Borges Teixeira, Sergio Lontra Vieira, Edélcio José Stroparo, Marli de Fátima Almeida, Janete do Belém Tossolini, Neusa Moro e outros/as.

O grupo do PPCP além de atuar em várias escolas de Guarapuava e região, bem como na própria Universidade com cursos e oficinas, também atuou em vários municípios como por exemplo: Manoel Ribas, Rio Bonito do Iguaçu, Virmond, Laranjeiras do Sul, Francisco

Beltrão, Irati, Quedas do Iguaçú, Pitanga, Inácio Martins, Teixeira Soares, Rio Azul, Chopinzinho dentre outros.

Os/as componentes do grupos do PPCP participaram do Programa Vale Saber, inicialmente como consultores (Ata número 2, 23/03/95 p. 2) e posteriormente como orientadores/as. Esse era um programa do governo Jaime Lerner, no qual os/as professores/as do Ensino Fundamental e Médio que desenvolvessem um projeto de pesquisa vinculado ao seu trabalho docente, receberia por um ano uma bolsa de cerca de um salário mínimo do Estado, mas tinha como condição o não afastamento do/a professor/a da sala de aula. Estava vinculado a idéia de melhorar o salário de quem quer melhorar a qualidade de ensino. Não sei se ainda funciona, contudo inicialmente ter visto como uma oportunidade para o/a professor/a melhorar a sua formação, percebi que era uma medida paliativa para desfocar o papel do Estado no investimento da formação de professores/as, penso que se houvesse realmente um comprometimento político com essa questão seriam mudadas as políticas educacionais no sentido de oferecer oportunidade aos/às professores/as da rede estadual do Ensino Fundamental e Médio ingressarem na Pós-Graduação com bolsas e dispensa de suas atividades docentes por um tempo determinado, tal como ocorre no Ensino Universitário. Caso semelhante á a "Universidade do Professor", não vou me estender nessas questões porque são amplas e profundas merecendo pesquisas que desvendem todos os mecanismos que estão camuflados nessas ações.

O grupo do PPCP ministrou Cursos de Educação para o Trânsito, atendendo solicitações do diretor do DETRAN/PR, Dr. Marcos Isfer (Ata número 07, 19/09/95, p. 5).

Até esse momento percebo que o grupo do PPCP tinha como eixo norteador os seguintes objetivos, os quais são sempre citados nos projetos e relatórios:

- preparar recursos humanos nas áreas específicas de História, Matemática, Geografia, Língua Portuguesa, Alfabetização, Ciências;

- pesquisar metodologias alternativas para o ensino dessas disciplinas na Escola de 1º Grau em função das dificuldades de aprendizagem evidenciadas em nível individual e de grupo;

- vincular a produção de material didático propostas metodológicas, teoricamente fundamentadas;

- estabelecer plano para acompanhamento das ações deflagradas com os grupos existente e os recursos humanos de cada área de ensino fundamental;

- tratar o conhecimento específico de cada área de ensino;

- por em prática orientações advindas do currículo básico para a Escola Pública do Paraná, relativas ao Ensino Fundamental.

Nas atas do PPCP observei que as pautas das reuniões giravam em torno de cursos que seriam, ministrados, era comentado por exemplo que conteúdos as/os Secretárias/os de Educação, ou diretores/as, ou professores/as, enfim a pessoa que solicitou o curso, desejava que fossem trabalhados ou que considerava ser necessário para melhorar o trabalho do/a professor/a. Geralmente junto com a questão do conteúdo vinha questões referentes a metodologia de ensino, onde sempre se pedia, "que os cursos fossem trabalhados de forma prática"(isso ouvi em vários encontros quando o/a solicitante colocava as dificuldades ou sugestões para os cursos). Aliada a essas questões eram combinadas as datas possíveis para realização dos cursos e algumas questões administrativas. Quanto ao encontro com o PPCP, geralmente se dava por meio de Secretários/as de Educação que procuravam o programa para auxiliá-los na formação dos/as professores/as dos seus municípios. As discussões que permeavam as reuniões, segundo as pautas das atas eram em torno de cursos, vinculados a questões já mencionadas, datas para as realizações dos cursos, avaliação ou relatos de cursos já ministrados, futuros cursos a serem ministrados, verbas para a continuidade do programa, algumas vezes novos componentes eram levados e apresentados ao grupo, geralmente através de convites de um dos/as participantes. Algumas vezes eram discutidas questões internas da Universidade, que considero políticas porque de alguma forma interferiam na continuidade do programa, como por exemplo: na institucionalização do programa, a Universidade cedeu uma sala ampla, na seqüência reduziu o espaço físico, deixando o PPCP em uma sala bem menor. A meu ver, redução de espaço físico numa instituição está vinculada a redução de espaço político, bem como redução de verbas e outros.

Outras características que encontrei em relação do PPCP foram: divulgação dos trabalhos realizados, através de entrevistas em rádios, televisão, jornais e outros. Foram elaborados boletins informativos divulgando os trabalhos do programa; participação ativa nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, por meio de cursos e oficinas; disponibilidade em

realizar trabalhos, todas as vezes que vi alguém solicitar o trabalho do programa, sempre observei que a resposta foi afirmativa; entusiasmo, os componentes nas reuniões sempre se mostraram alegres, confiantes, e por envolverem-se com vários trabalhos também, o seu tempo sempre era escasso; os/as participantes se envolviam (envolveram) no programa por vontade própria, porque não há nenhuma norma para participar do PPCP, apenas ser aceito pelo grupo, inclusive participaram pessoas que não tinham vínculo com a UNICENTRO, e isso muitas vezes gerou descontentamento em alguns professores/as pertencentes ao quadro de docentes da Instituição, sentido-se lesados por não serem convidados a participar do grupo, sendo que pessoas sem vínculo com a Instituição, estavam participando (geralmente eram esses seus argumentos).

Revendo alguns aspectos históricos da trajetória do PPCP, constato que a sua criação teve (tem) um papel importantíssimo para a UNICENTRO, no momento que ela estava em processo de reconhecimento, porque nesse momento, grande parte das mudanças que eram necessárias serem realizadas no âmbito institucional foram operacionalizadas pelo PPCP, entrelaçado ao Curso de Mestrado em Educação. Falo entrelaçado porque o PPCP em sua origem, não consigo separá-lo do Curso de Mestrado porque acredito que são duas coisas muito íntimas, muito juntas, onde uma influenciou a outra. E isso me fez levantar a hipótese que o Curso de Mestrado em educação, entrelaçado ao PPCP foram os motores de todo o processo de mudança que ocorreu na UNICENTRO, bem como forneceram os subsídios teóricos, políticos dentre outros e principalmente os argumentos (falas, ações, práticas) necessários para convencimento doas/as conselheiros/as, peritos/as nomeados pelo Conselho de Educação, na época para avaliação da Instituição, para julgá-la merecedora ou não de ser reconhecida. Por que afirmo isso? Dos estudos realizados no Mestrado, no âmbito do PPCP[126] e no âmbito dos Departamentos[127] é que foram reformulados os Projetos Políticos-

[126] Foi mencionado no Relatório de 1995 que os cursos de Licenciatura em Matemática e Ciências, com complementação em Biologia a partir de 1994 iniciaram o desenvolvimento de estudos para redimensionar os cursos. Procurando responder questões como: Quem somos? O que queremos ser?. Também menciona a reestruturação do curso, revendo grades, componentes curriculares, conteúdos dentre outros e enfatiza a participação dos/as acadêmicos/as.

[127] Nos Departamentos ocorriam reuniões, discussões, onde era comum a assessoria dos docentes do Curso de Mestrado, por exemplo, no Curso de Pedagogia, nossas assessoras foram a Professora Doutora Rosália R. Aragão e a Professora Corinta Geraldi, no curso de Letras do o Professor Doutor J. Wanderley Geraldi, para discutir algumas questões referentes a Filosofia da Instituição estava sempre presente o Professor Doutor Aquiles Von Zuben, para discutir Avaliação Institucional contávamos com o Professor Doutor José Sanfelice, para

Pedagógicos do Curso existentes na Instituição e formulados os de implantação de novos cursos, bem como o Projeto Político-Pedagógico da Universidade que se desejava. No processo de reformulação dos projetos dos cursos, foi realizado um trabalho enorme, reformulação das grades, ementas, programas, revistas fundamentações teórica, metodológica, política e filosófica. Reuniões com alunos/as, professores/as, assessores/as dentre outras ações. E o pior disso tudo foi registrar todo o processo. Foi uma odisséia, digo isso porque fui a escriba do processo do Curso de Pedagogia. Além das mudanças ocorridas em relação aos cursos também houve mudanças na estrutura organizacional da Universidade e isso requereu a nossa participação com estudos, debates, aprovação de vários documentos vinculados a essa questão. Além disso, nós os/as professores/as contribuímos com o aprimoramento da nossa formação, que se deu através dos Cursos de Mestrado, cumprindo a exigência do Conselho em relação a qualificação do corpo docente da instituição.

Os componentes do PPCP participaram de todas as ações, mas a sua maior contribuição foi o fortalecimento do trabalho de extensão da Universidade, que até então era muito incipiente, com isso contribuindo para o reconhecimento e consolidação da UNICENTRO. E devido a todos esses fatores, que formam uma teia de ações ocorridas na UNICENTRO, naquele momento crucial é que formulo a hipótese já citada.

Enfim as atividades desenvolvidas pelo grupo foram inúmeras até o ano de 1996, as quais resgatei através de projetos, relatórios, atas, conversas informais com os/as colegas, pois minha participação no grupo iniciou-se em 1997, quando fui convidada pela professora Regina Padilha para participar do grupo, como nesta época estava ainda pensando sobre o meu projeto de Doutorado, pensei que talvez do envolvimento com o grupo pudesse desenvolver minha pesquisa, que desde o início era sobre grupos de pesquisa, Educação Continuada e formação de professores/as, mas ainda não tinha muita clareza em como concretizá-la, e foi assim que acompanhei o grupo por um ano, até chegar ao "Aventurando-se", processo que já relatei.

Analisando o processo de constituição e (re)constituição do nosso grupo observei que esse processo apresenta duas fases ou momentos principais que são significativos para a compreensão do seu movimento:

---

discutir a Institucionalização da pesquisa contávamos com a Professora Doutora Rosália e outros docentes. São inúmeras as ações que os/as docente do Curso de Mestrado em Educação se envolveram no âmbito da Instituição.

1. Constituição do grupo vinculado ao Mestrado em Educação, área de Metodologia de Ensino, fase que inicia-se me meados de 1991-92 e vai até 1997.

2. (Re) constituição do grupo articulado ao trabalho de Porto Barreiro, tendo como desafio o desenvolvimento do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento", que iniciou em 1998 e está em andamento, contudo para análise desse trabalho delimitei os trabalhos até o final de 1999. (Já tratada no Capítulo II)

Na primeira fase que é a temática deste capítulo, as pesquisas que os/as componentes do grupo realizaram, eram voltadas para as áreas de conhecimento que atuavam, compreensão e aprofundamento desses conhecimentos específicos, para dar conta dessa questão investigaram: como historicamente esses conhecimentos foram produzidos; os conteúdos específicos (domínio de conteúdos), buscando compreensão e aprofundamento; os processos de ensino-aprendizagem que poderiam ser deflagrados em sala de aula, vinculados a análise, produção de materiais didáticos (metodologia de ensino); a compreensão do processo cognitivo do aprendiz (Psicologia); a re-contextualização do conhecimento científico em conhecimentos escolares (Sociologia e Currículo); a produção do currículo permeada por questões filosóficas, sociais, políticas, dentre outras, que permeiam a questão do currículo.

Foram pesquisas realizadas em sala de aula, com alunos/as, professores/as, diretores/as, dentre outros. Também, foram investigados as estruturas físicas das escolas e sua organização administrativa.

A meta dessas pesquisas foi a compreensão do processo ensino-aprendizagem em seus componentes, para a construção de Metodologias de Ensino alternativas, bem como a produção de material didático.

Desse processo foram construídas as Dissertações de Mestrado e os cursos que foram ministrados em diferentes momentos, que propiciaram a integração da Universidade com a Escola de Ensino Fundamental e Médio.

Nessa primeira fase, no seu início há um ritmo acelerado em termos de produção de saberes e conhecimentos pelos componentes do grupo. Com o passar do tempo, esse ritmo vai ficando mais lento e ele vai ser reativado com o desafio do "Aventurando-se no Conhecimento".

Considero essa fase riquíssima na nossa constituição como professores/as pesquisadores/as, penso que é esse processo que vai nos dar ancoragem para construirmos o "Aventurando-se no Conhecimento" e a característica principal que permeia todo esse processo é que produzimos conhecimentos e saberes "para" ensinar o/a professor/a dos outros graus de ensino. Essa relação se modifica com o desenvolvimento do "Aventurando-se no Conhecimento", que na construção do processo, provoca um deslocamento: de pesquisar "para" os professores, vamos gradativamente pesquisando "com" os/as professores/as, situação que nasceu no bojo do processo e que não foi planejada a priori. Esse processo vai provocar mudanças no grupo, e essas questões comentarei mais tarde.

Analisando essa primeira fase também observo que :

- pesquisas empíricas foram realizadas, nas quais dificuldades sobre o processo ensino-aprendizagem foram encontradas;

- as discussões sobre essas dificuldades ocorreram resultando em construção de material didático e de ações metodológicas;

- partindo da construção das ações metodológicas e do material didático que aflorou desse processo os/as professores/as das áreas específicas enriqueceram o seu trabalho pedagógico e aprimoraram o seu Know how em relação ao seu ensino no âmbito da Universidade e nos cursos que ministraram para os/as professores/as dos outros graus de ensino, quer dizer houve crescimento do seu trabalho nos aspectos de conteúdo, metodologia de ensino, aprofundamento teórico, ampliação da compreensão do seu trabalho nos aspectos metodológicos e das teorias que o embasavam;

- houve socialização e articulação com a escola de Ensino Fundamental e Médio, pois todos esses "achados" foram intensamente compartilhados nos vários cursos e oficinas trabalhadas;

- houve a avaliação dos cursos ministrados, geralmente no final dos cursos era dada uma ficha de avaliação aos/às professores/as, na qual eles/as avaliavam os cursos em termos de atuação do/a professor/a ministrante, conteúdos, metodologia de trabalho, sugestões, entre outras questões;

- houve sistematizações, mas em nível individual, isto é, os/as professores/as que estavam em fase de Dissertação de Mestrado, sistematizaram os seus achados, os analisaram

de forma direta, no caso quando aproveitaram essa experiência em suas Dissertações ou indireta, mesmo o objeto de estudo não sendo o mesmo especificamente, mas tinha relações e contribuíram para a construção do olhar. Contudo, os/as professores/as que não estavam na mesma situação, não chegaram a essa fase de sistematização;

- com o passar do tempo o espaço de interlocução do grupo ficou limitado porque permaneceu mais nas discussões de conteúdos, metodologias, cursos e essas discussões ocorreram mais no âmbito dos grupos das áreas específicas.

Esses grupos de áreas apresentaram uma característica que impediu os seus avanços, cada grupo configurou-se com um membro chave, isto é, aquele/a professor/a que desempenhou o papel de coordenador/a ou responsável (mesmo sem ser designado para isso), sendo que na maioria dos grupos de área esse membro chave, foi o único que permaneceu e os outros/as membros/as, se configuraram como membros rotativos, que ingressavam no grupo, mas não permaneciam. Essa rotatividade impediu o crescimento do grupo, porque quem ingressava levava um certo tempo para entrosar-se com os trabalhos e quando se inteirava dos trabalhos já estava partindo. Essa situação atrapalho o fortalecimento do grupo, bem como deixou o/a professor/a chave sobrecarregado/a de responsabilidade impedindo-o de avançar em suas análises. Isso sem falar a solidão que tal situação causou.

De tudo isso vejo duas características necessárias para o avanço de grupos, permanência dos componentes e continuidade dos trabalhos. O vai e vem de componentes num grupo, interrompe o seu processo de consolidação. Em alguns dos grupos das áreas específicas ficou uma pessoa, então deixou de ser grupo.

Mesmo tendo reuniões semanais de todos os grupos do PPCP, as discussões eram relativas a sua área específica, cada um relatava como foi o curso que ministrou, impressões, dentre outras. Mas não se questionava ou aprofundava esses relatos. Havia um pacto talvez inconsciente, que cada um era o perito da sua área e por ela respondia. Então não era um trabalho coletivo do grupo do PPCP, mas sim de cada grupo. E nessa situação se estabelecia um vácuo.

Pelo fato do dia a dia dos/as professores/as apresentarem inúmeras atividades: docência, extensão, em alguns casos chefias, dentre outras atividades, o trabalho do grupo caiu na rotina e paulatinamente os/as professores/as foram perdendo o espaço de reflexão

propiciado no âmbito do grupo, espaço que era proposta inicial, quando o PPCP foi criado. Assim as reflexões , análises foram ficando cada vez mais distanciadas.

Analisando a trajetória do PPCP, o movimento do grupo, na nossa constituição como pesquisadores/as e professores/as, percebo que o grupo por ter como objetivo a formação de professores/as, o nosso trabalho, o nosso caminhar foi fortemente marcado pelas "tradições históricas da prática reflexiva" (Zeichner, 1993, p. 24), que no artigo "Refletindo com Zeichner..." chamamos de "tradições que permearam a formação dos professores no conjunto dos diferentes modos de compreender, propor e atuar nesse âmbito" (Geraldi; Messias; Guerra, 1998, p. 245)

Nos passos das "pesquisas metodológicas" (como são chamadas nos projetos e relatórios) realizadas pelos/as professores/as do PPCP até 1997, encontramos as tradições: 1ª acadêmica, "que acentua a reflexão sobre as disciplinas e a representação e tradução do saber em disciplinas para o desenvolvimento da compreensão do aluno." (Zeichner, 1993, p. 24; ap. Geraldi; Messias; Guerra, 1998, p. 246); 2ª de eficiência social "que acentua a aplicação de determinadas estratégias de ensino, sugeridas pela investigação" (idem, Ibidem, p. 24; Idem, Ibidem, p. 246); 3º a desenvolvimentista, que "dá prioridade ao ensino sensibilizado para os interesses, pensamento e padrões de desenvolvimento e crescimento do aluno; isto é, o professor reflete sobre os seus alunos." (Idem, Ibidem, p. 24; Idem, Ibidem, p. 246). Com o desenvolvimento do "Aventurando-se", penso que o grupo está a caminho e/ou concretizou o que Zeichner denominou de tradição reconstrucionista social, "que acentua a reflexão sobre o contexto social e político da escolaridade e a avaliação das ações na sala de aula quanto à sua contribuição para maior igualdade e para umasociedade mais justa e decente." (Idem, Ibidem, p. 24; Idem, Ibidem, p. 246) E ainda complementa esta tradição:

> *... tenta fazer os professores pensarem sobre a dimensão política e social, além de outras dimensões da sociedade. No meu trabalho com os professores, tento ajudar a ampliar a conversa sobre os fatores sociais e políticos, para analisar e examinar o que acontece quotidianamente na sala de aula. Não é uma análise acadêmica abstrata, distanciada da sala de aula. Os professores fazem muita escolas e opções todos os dias que afetam, as oportunidades e as chances das crianças e que têm implicações para a igualdade e a justiça sociais.* (Zeichner, 1997, p. 1, ap. GERALDI; MESSIAS; GUERRA, 1998, p. 245))

Por que trabalho com a hipótese que a trajetória de nossa constituição como professores/as pesquisadores/a foi permeada pelas tradições que influenciaram as propostas de formação de professores/as? Porque de acordo com as minhas observações penso que foi o

“Aventurando-se” que trouxe ao nosso grupo reflexões mais amplas, por vários motivos, por exemplo:

- ser um processo a longo prazo (4 anos para desenvolvimento do projeto. “Porto Barreiro: semeando o futuro...”, até esse projeto, o que ocorria eram cursos esporádicos e de curta duração;

- encontrar apoio político, que considero de extrema importância, na negociação com outros municípios, percebemos como é necessário esse apoio;

- rompimento da rotina do grupo, foi um trabalho novo para todos, de cursos e oficinas, o grupo iniciou um processo de pesquisa e essa situação exigiu dos seus componentes que parassem, refletissem e construíssem caminhos;

- como não era uma situação específica de um grupo de área, mas sim do grupo todo, se caracterizou como um trabalho do grupo como um todo, rompeu com a separação que de certa forma existia entre os grupos de áreas. De programa que agregava grupos específicos constituiu um grupo de pesquisa-ensino-extensão, atividades que começaram a se articular (não sem tensão) e que antes eram percebidas como antagônicas, conforme observei nos depoimentos que encontrei no primeiro questionário que os primeiros componentes responderam;

- houve intervenção direta no município, mobilizando professores/as, pais, mães, alunos/as, políticos/as, dentre outros/as, enfim ações que interferiram em vários aspectos sociais, políticos da região e isso exigiu de todo o grupo uma reflexão mais ampla e profunda.

Por o processo ser novo e acontecer da maneira surpreendente que vem ocorrendo, exigiu dos grupos o rompimento do isolamento mencionado porque as áreas específicas, já não davam conta das urgências impostas pelo processo. Todas essas situações provocaram o afloramento de debates, discussões no âmbito do grupo do PPCP, desta forma ocorrendo o “segredo partilhado” (Gauthier, 1998, p. 309-317)

Além dessas questões vejo outro aspecto que considero muito importante, que percebi que ocorreu no nosso trabalho, o processo de pesquisa-ação interferiu nas relações entre nós professores/as universitários/as e os /as professores/as de outros graus de ensino, de uma relação na vertical com os/as professores/as de Porto barreiro passamos para uma relação na

horizontal e interativa, respeitando seus saberes e conhecimentos e em parceria produzindo conhecimentos e saberes.

Uma questão que quero salientar é que quando comparo o nosso processo de constituição como professores/as pesquisadores/as com as tradições que tem permeado as propostas de formação de professores/as, minha intenção não é rotular os nossos trabalhos e muito menos criticá-los. Ao contrário considero o caminho percorrido necessário, porque na minha experiência particular, senti na pele a necessidade e ir gradualmente me apropriando dessas compreensões. Como o meu caminho é muito parecido com dos/as meus/minhas companheiros/as (penso que esse é um dos nossos elos de ligação), assim, quando falamos das nossas experiências nos encontramos uns/umas nos/nas outros/as.

Além disso, pensando no movimento que ocorreu no nosso processo de constituição como professores/as pesquisadores/as, não considero excludentes as tradições mencionadas, vejo-as como complementares.

Então analisando todos esses caminhos, nos perguntamos no grupo: em que mudamos, no trabalho que desenvolvemos em Porto Barreiro em relação aos outros trabalhos que havíamos desenvolvido anteriormente? O que nos trouxe de novo?

Na discussão vimos que:

- contudo o projeto inicial do PPCP ter sido pensado visando um processo de Educação Continuada para professores/as em serviço, ele se concretizou como projeto de extensão, com cursos de curta duração, ou sejam não havia uma continuidade no trabalho, nem o espaço político que estamos tendo hoje (temos um convênio de 04 anos com Porto Barreiro);

- até a atuação no município só havíamos trabalhado com cursos na áreas específicas, os trabalhos desenvolvidos eram resultados das produções dos grupos das áreas específicas no PPCP (Alfabetização, História, Geografia, Matemática, Ciências, Fundamentos de Educação, Educação Especial, Língua Portuguesa), quer dizer primeiro que não havia a discussão, a reflexão que hoje estamos tendo sobre a nossa atuação, a relação de interação, de troca entre as várias áreas existentes no PPCP. Éramos um grupo, mas dividido em outros grupos. Não havia o segredo partilhado (Gauthier, 1998, p. 309-317), a cumplicidade. É como se o grupo fosse simplesmente o resultado da soma das nossas individualidades e não constituidor do que somos;

- não havíamos percebido que a nossa postura de nos mantermos em grupos isolados talvez fosse advinda da própria divisão disciplinar do conhecimento, que como grupo que trabalha com formação de professores tínhamos muitas questões em comum que necessitariam ser discutidas por todos, mas ainda continuávamos isolados, no nosso campo de conhecimento, situação que se modificou com as discussões advindas do "Aventurando-se no Conhecimento", porque ainda não havíamos trabalhado na formação de professores/as com a produção de saberes e conhecimentos, com a formação do professor/a pesquisador/a. E esse trabalho por ser um desafio, por exigir que se construísse caminhos (demandas da prática) para o seu desenvolvimento gerou insegurança e isso provocou no grupo a necessidade de discussões, reflexões, apoio, assim ocorrendo o fortalecimento do individual respaldado no coletivo, saiu de cena o "meu "para o "nosso", a superação das limitações do individual no coletivo. E a relação dialógica, a qual Zeichner comenta, que é importante para a reflexão, para superação do mal estar docente que ocorre quando a "culpabilidade" fica em nível individual e para a legitimação epistemológica da pesquisa-ação. (ap. Geraldi; Messias; Guerra, p. 244-259). Além disso gerou no grupo a necessidade da pesquisa-ação, isto é, à medida que estamos trabalhando com os grupos de Porto Barreiro estamos nos constituindo como pesquisadores/as, que realizam pesquisa-ação, porque necessitamos construir os caminhos, processos que trabalhamos com eles/as, e isso provoca no grupo a discussão, reflexão e outras questões que já comentei;

- quando pensamos em trabalhar com pesquisa com os/as professores/as de Porto Barreiro, contudo o processo ser novo e gerar angústias, estávamos tranqüilos quanto a finalidade desse trabalho, pensávamos vai contribuir para o desenvolvimento profissional dos/as professores/as, quer dizer ainda não tínhamos nos dado conta da discussão epistemológica que permeia essa questão. É produção de conhecimento as pesquisas que os/as professores/as estão produzindo? Em quais critérios podemos nos apoiar? Essa nova questão, está possibilitando a preocupação com o rompimento epistemológico que Patto comenta (1990, p. 121), questões que ainda não havíamos percebido, até então. E essa questão está gerando novos problemas que ainda não sabemos como tratá-los. Só sabemos que vamos ter que estudar e trabalhar muito, porque nos falta ainda mais discussões e aprendizagens.

Em relação ao processo de constituição e (re)constituição do nosso grupo também observei que:

O nosso grupo (PPCP) vem produzindo o processo de pesquisa-ação com os grupos de Porto Barreiro, temos discutido, refletido, contudo o nosso grupo ainda tem dificuldades para sistematizar essas análises, no sentido de escrevê-las, parece que o excesso de atividades dificulta essas ações e é uma característica da vida dos/as professores/as universitários/as, que envolvem-se com mil atividades, ao mesmo tempo, talvez não por opção, mas pelas exigências inerentes ao seu trabalho, a sua posição no meio educacional. Mas também atribuo essa situação a questões da emergência da socialização, porque o nosso grupo apesar de ter apresentado essa dificuldade, quando nos propusemos a participar do COLE, todos os grupos produziram, todos escreveram uma síntese dos seus trabalhos e essa situação confirma a hipótese que os grupos produzem e se constituem, em decorrência da emergência da socialização, bem como produzem o seu trabalho docente de acordo com as demandas da prática, é o que percebo na trajetória de constituição e (re)constituição do nosso grupo e nos grupos de Porto Barreiro.

Quanto aos estudos realizados no grupo, a nossa experiência nos mostrou que esse processo só ocorre quando temos por objetivo socializar os nossos "achados", em uma data determinada. Aí ocorrem duas situações interessantes: a primeira está relacionada com "o que estudar", isto é, essa seleção vai emergir da necessidade de fundamentar o trabalho, é essa necessidade que determina os critérios de seleção dos/as autores/as. Então não são quaisquer assuntos ou autores/as, são aqueles/as que podem nos ajudar a compreender o nosso trabalho. No nosso grupo realizamos alguns estudos que não tinham essa característica e os colocamos de lado. Esses estudos não nos tocaram.

A Segunda situação está vinculada a socialização, o nosso grupo só produziu sistematizações quando teve por meta a socialização, mas com data marcada e local, porque antes havia esse interesse, mas sempre se deixava para o amanhã, "talvez publicar um artigo, ou participar de um evento", mas quando a meta se tornou concreta o grupo produziu.

Essa postura de reflexão, de cumplicidade, essa relação dialógica não ocorreu com todos os membros do grupo, ocorreu com os/as professores/as que estão trabalhando no "Aventurando-se", alguns/mas dos/as professores/as, trabalharam em Porto barreiro, na etapa

que foram ministrados os cursos, mas não envolveram-se nessa relação de reflexão do grupo. Uns, por motivos de excesso de trabalho, outros por motivos pessoais. Mas observo que estes mesmos fatores também estão presentes no cotidiano dos/as professores/as que trabalham no "Aventurando-se" e mesmo assim, eles/as partilham e participam do processo.

Outra questão que observei, que contudo a grande maioria dos componente do PPCP ter em comum a mesma formação de Mestrado, isto é a maioria do grupo cursou o Mestrado em Metodologia de Ensino, mesmo assim os que participam do processo de pesquisa-ação do grupo que são os que estão envolvidos com o "Aventurado-se", por exemplo, dois professores (Ariel e Edélcio) e uma professora (Marcia), que cursaram ou estão cursando Mestrado ou Doutorado em outras Universidades, e desenvolveram pesquisas em outras linhas, participam e estão envolvidos no processo.

Em uma das discussões do grupo sobre "o que seria o grupo hoje", essa discussão surgiu num momento em que na Universidade, nos trataram como meros prestadores de serviços, como se tivéssemos "pacotes" prontos de cursos a serem vendidos. O grupo se rebelou e se definiu: primeiro como espaço de estudos, discussões, reflexões, como produtores de saberes e conhecimentos; que trabalha com Educação Continuada; não exclui os cursos, mas com a possibilidade de desenvolver um processo e trabalhar com produção de saberes e conhecimentos com os/as professores.

Além dessas colocações analiso que nosso trabalho apresenta outros aspectos interessantes, os quais tentei colocá-los em dois campos de análise.

1. O processo que vem sendo construído, concretizado, está sendo desenvolvido numa abordagem de Educação Continuada, na parceria entre os/as professores/as da UNICENTRO e professores/as de Porto Barreiro. Duas dimensões que se articulam uma influenciando a outra.

2. A postura teórico-político-epistemológica que fundamenta o projeto "Aventurando-se no Conhecimento."

Talvez num primeiro olhar, olhando esses dois campos de análise que mencionei aparentemente não tenha muitos sentidos, significados e provoque a indagação: o que há nesse trabalho de tão espetacular? O X da questão nesse caso é a interação que está ocorrendo com o grupo da UNICENTRO e o grupo de Porto Barreiro. Quer dizer o grupo da UNICENTRO

(PPCP) contribui no processo com a mediação dos saberes acadêmicos, e o grupo de Porto Barreiro contribuiu com os saberes da sua prática pedagógica. Nesse diálogo, os/as professores/as paulatinamente vão apropriando-se das reflexões e do discurso acadêmico, assim como nós professores/as da UNICENTRO, além da apropriações já mencionadas, estamos nos apropriando das teorias-práticas dos professores/as de Porto Barreiro e ao mesmo tempo das nossas. Entendemos teorias-práticas, conforme Zeichner assim explicita:

> *Para além do saber na acção que vamos acumulando ao longo do tempo, quando pensamos no nosso ensino quotidiano, também estamos continuamente a criar saber. As estratégias de ensino que usamos na sala de aula encarnam teorias práticas sobre o modo de entender os valores educacionais. A prática de todo professor é o resultado de uma ou outra teoria, quer ela seja reconhecida quer não. Os professores estão sempre a teorizar, à medida que são confrontados com os vários problemas pedagógicos, tais como a diferença entre as suas expectativas e os resultados. Na minha opinião, a teoria pessoal de um professor sobre a razão porque uma lição de leitura correu pior ou melhor do que o esperado, é tanto teoria como as teorias geradas nas universidades sobre o ensino da leitura: ambas precisam de ser avaliadas quanto à sua qualidade, mas ambas são teorias sobre a realização de objectivos educacionais. Na minha opinião, a diferença entre a teoria e a prática é, antes de mais, um desencontro entre teoria do observador e a do professor, e não um fosso entre teoria e a prática.* (1993, p. 21)

Como formadores/as de professores/as estamos tendo o diálogo com o/a professor/a concreto, que é o executor da Educação, nesse caso do Ensino Fundamental e Superior, com as contradições e perplexidades encontradas. Dessa forma rompendo com a racionalidade técnica (Schön), a dicotomia, quem pensa ou teoriza a Educação e quem a executa, cotidianamente na sala de aula. Assim nessa interlocução passamos a ser narradores do nosso trabalho, sujeitos, e isso vai nos possibilitando que nos apropriemos do nosso trabalho docente, produzindo-o, produzindo conhecimentos e produzindo a nós mesmos, em nossa individualidade, "O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico." (Heller, 1992, p. 20)

Apropriação do trabalho docente, é quando produzo o currículo que quero trabalhar (que historicamente é construído), aquilo que seleciono, considero relevante, pertinente, necessário, e que discurso quero que nele se faça presente (da onde falo, para quem), como diz Tomaz Tadeu "O currículo é aquilo que nós professores/as e estudantes fazemos com as coisas, mas é também aquilo que as coisas que fazemos fazem a nós (...) Nós fazemos o currículo e o currículo nos faz." (1995, p. 194) No discurso que permeia o currículo, posso privilegiar uma determinada visão de mundo, ele pode ser território contestado e de contestação.

Apropriação do trabalho docente é produzir a metodologia que vem ao encontro da minha postura político-teórica, daquilo que acredito.

Apropriação do trabalho docente é ser sujeito e narrador da minha História, é compreender a minha situação enquanto ser situado, compreendendo as condições do meu trabalho e o que as produzem.

Conforme eu vou me apropriando do trabalho docente, vou produzindo-o, quer dizer liberto-me das rotulações que usualmente encontramos no discurso pedagógico. A minha prática, eu a penso e a concretizo, porque fiz as minhas opções filosófica, teórica, política dentre outras e principalmente porque eu a construí e nela acredito. Não preciso me despir dos meus saberes, porque a abordagem teórica da Educação foi mudada.

Produzo conhecimentos porque estou teorizando e sistematizando o meu trabalho. Quer dizer, concretizo as etapas da produção de conhecimento. Olho o mundo, diálogo com ele, contudo necessito de interlocução com o conhecimento já produzido, isso provoca-me um "estranhamento", um "distanciamento", retorno constituído por essas múltiplas intervenções e escrevo a minha narrativa, a minha versão dessa História. O patamar mais difícil desse processo, da pesquisa é construir análises e sínteses e objetivá-las na tecitura de uma narrativa, constituída por múltiplas faces e fases que foram contribuindo na construção do olhar do/a pesquisador/a. Quer dizer uma História pode ser narrada de várias maneiras, possibilitando variados diálogos com o ouvinte, diferentes significados, todavia a leveza, a beleza, a profundidade, amplitude e outras características dependem de quem narra, do seu olhar que é construído, na mediação das reflexões produzidas na interlocução teoria e prática.

O pesquisador, pelo menos na Educação, que é uma Ciência Humana, é um escritor, um poeta, um narrador, um cientista, um músico, um artista, enfim um ser de múltiplas faces, é ele que se objetiva na sua narrativa, colocando toda a sua subjetividade.

O inédito para nós, dessa parceria professores/as da UNICENTRO e professores/as de Porto Barreiro, é o/a professor/a universitário/a estar refletindo sobre a sua prática construindo caminhos para o trabalho docente na formação de professores/as. Como diz Zeichner, isso é importante porque vai nos orientar para que não queiramos "que os professores façam coisas que nós não conseguimos fazer" (Zeichner, 1997b).

É inédito, também para nós, os/as professores/as do Ensino Fundamental estarem conquistando espaço e voz na Academia, contribuindo para a construção da Teoria Educacional. E a nossa contribuição é estar provocando esse processo reflexivo, a construção da tecitura das suas narrativas e a construção dos seus "olhares". Outro fator que vem suscitando muitas curiosidades é o fato de ser "uma resistência afirmativa", isto é, um trabalho que está tendo o apoio político do Prefeito e da Secretária de Educação, e isso vem provocando perplexidades uma vez que a Educação na maioria das vezes é tratada com descaso por parte de muitos dirigentes.

O segundo aspecto do destaque do trabalho como já mencionei, é a postura teórico-política e epistemológica, que o fundamenta e sutilmente perpassa o título do seu projeto: "Aventurando-se no Conhecimento: a pesquisa-ação como eixo norteador da formação continuada de professores/as universitários/as e professores/as do Ensino Fundamental."

"Aventurando-se no Conhecimento", quer dizer, o desafio de percorrer caminhos desconhecidos para o peregrino. Nós professores/as somos peregrinos na Educação, devido a sua natureza de transitoriedade e provisoriedade, por lidar com seres humanos e com o conhecimento.

"A pesquisa-ação como eixo norteador", pesquisar e agir, agir e pesquisar, indiferente da ordem, o significado é produzir um processo, no qual haja interlocuções entre teoria e prática ou prática e teoria, reflexão e ação ou ação e reflexão, permanência e mudança ou vice-versa, porque a pesquisa tem o significado de teorizar, sistematizar a própria prática para melhor compreende-la, mantendo o que a enriquece, mudando o necessário e assim construindo um fazer pedagógico, que está se constituindo nos múltiplos encontros e desencontros entre as dicotomias mencionadas.

À medida que temos a pesquisa-ação como eixo norteador, estamos nos constituindo como pesquisadores/as, porque estamos ensinando e aprendendo numa abordagem investigativa. Construímos o processo, refletimos sobre a nossa prática e a teorizamos, a sistematizamos. O mesmo ocorrendo com os professores/as de Porto Barreiro. Esse processo significa um avanço nas propostas e práticas no conjunto dos diferentes modos de compreender, propor e atuar na formação de professores/as. Conforme já foram mencionadas, segundo a abordagem de Zeichner (1993, p. 24).

Pesquisa-ação que tem como princípio o trabalho em grupo, que resgata o constituir-se, o mirar-se num jogo de espelhos, "meu", "seu", "nosso", emprestando as palavras de Heller. "O homem, enquanto ser humano-genérico, não pode conhecer e reconhecer adequadamente o mundo a não ser no espelho dos demais." 1992, p. 84) Eu, ainda completaria , também, "conhecer adequadamente a sí."

Quando consideramos produção de conhecimento, o que os/as professores/as produzem, entramos em outra questão, na qual se discute os critérios legitimadores da pesquisa do/a professor/a, sendo que alguns já discutidos são a validade dialógica, objetividade, articulação de idéias, vínculo com a prática, dentre outros. Contudo leva a outra discussão, a questão epistemológica: É conhecimento o que os/as professores/as produzem? Indagação que vem provocando controvérsias e debates no meio acadêmico. Nessa questão, concordo com os/as defensores/as da epistemologia da prática (Schön, Elliott, Stenhouse, Zeichner, o grupo do GEPEC e outros/as), que defendem que os/as professores/as produzem teorias práticas "à medida que refletem "na" e "sobre" a ação, sobre o seu ensino e as condições sociais que o produzem, colocando em outro patamar a relação teoria prática" (Geraldi; Messias; Guerra; 1998, p. 256). No binômio teoria-prática ou prática-teoria, não importa qual é o primeiro, o que temos que superar é essa visão de sentido único, em vez de dialógica. "Numa relação dialógica, a teoria e prática informam-se uma a outra." (Britzman, 1991, apud Zeichner, 1993[a], ap. Geraldi; Messias; Guerra, 1998, p. 256). Concordar que o/a professor/a produz conhecimento é vislumbrar a construção de uma teoria de Educação, no diálogo entre os/as professores/as de todos os graus de Ensino.

Acreditar no/a professor/a como pesquisador/a significa ouvir a sua voz, permitindo-lhe que corra o risco de narrar a si mesmo.

Pensar no grupo como espaço de interlocução é possibilitar "o segredo partilhado" (Gauthier, 1998, p. 309-317) que se construa uma jurisprudência pública, partindo do privado, isto é, partilhar o meu segredo com o "outro" e no diálogo construir o "nosso", para socializá-lo e voltar a sua re-construção.

Trabalhar numa abordagem investigativa é possibilitar que o "outro" construa conhecimento e se reconheça como construtor.

Olhar a Educação como processo contínuo, falar de Educação Continuada é compreender o homem como ser que está sempre em "vir a ser", como diz Paulo Freire:

> *os homens são "seres que estão sendo, (...) seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência da sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quefazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade."* (1987, p. 73)

Em síntese essas são algumas análises parciais e provisórias que até o momento elaborei, percebo que a pesquisa-ação que estamos desenvolvendo está suscitando várias reflexões, contudo essa situação não é novidade porque já nas discussões no âmbito do GEPEC, havíamos percebido que a pesquisa-ação como eixo norteador da formação de professores/as, traz várias discussões sobre: o conhecimento; verdade; critérios legitimadores da pesquisa que os/as professores/as realizam; a questão da produção da teoria educacional, vinculada a articulação da Universidade aos outros graus de ensino; papel do grupo como espaço comunicativo; relação sujeito/objeto da pesquisa; compreensão do que é pesquisa-ação; papel do/a professor/a facilitador/a; dentre outras discussões.

E para finalizar...

Como os/as professores/as percebem o trabalho desenvolvido no "Aventurando-se no Conhecimento."

"As dificuldades que senti no desenvolvimento do Aventurando-se são relativas ao acúmulo de funções que um professor universitário tem. Não é fácil conciliar preparação de aulas, atendimento a alunos de graduação e pós-graduação, reuniões de Departamento e comissões e ainda, no meu caso, cargo administrativo. O desafio é unir tudo isso de maneira ordenada. Por vezes descuidamos do ensino, por vezes da pesquisa e assim por diante. As vantagens de participar do Projeto dizem respeito à oportunidade de interação, de enfrentar situações coletivamente. Desvantagens não existem. Percebo mudanças não só nos professores de Porto Barreiro como em mim também. (Qu – nov. 1999 – Professora Regina)

"As dificuldades que senti foram em relação ao tempo, de poder fazer um acompanhamento mais efetivo. Os desafios enfrentados, são os desafios da própria pesquisa. (...) Os participantes do grupo têm demonstrado grande interesse nos trabalhos, percebido por comentários do tipo ... "nossa como passou rápido esse dia", ou "já está marcado a

próxima vinda de vocês?", etc. (...) Desconfio que o trabalho está contribuindo mais comigo que para os outros. Não é egoísmo, é aprendizado." (Qu – 1998 - Professor Ariel)

"Até julho deste ano participei do Grupo de Alfabetização como professora/facilitadora. Apresentei os resultados desta área, em conjunto com a professora do Município (Adriana) no COLE, em Campinas. Penso ter contribuído. No início os professores da área eram tímidos e pouco se manifestavam. Com o tempo, a convivência trouxe proximidade entre eu e os/as professores/as, criando certa intimidade.

As dificuldades iniciais foram muitas em relação aos conhecimentos/práticas dos professores/alfabetizadores. De início demonstraram muita resistência para "aprender" novos conhecimentos sobre o que é alfabetização. Gostariam de permanecer nas práticas mecanicistas, a que estavam habituadas. Na realidade foi difícil "desestabilizar" as "certezas" que até então tinham.

A própria Secretária de Educação de Porto Barreiro manifestava "descontentamento" porque alguns professores/alfabetizadores não conseguiram fazer o seu aluno aprender a ler.

Algumas reuniões extraordinárias realizamos aqui em Guarapuava, além dos grupos de estudos mensais. Nestas reuniões, passava de professora/orientadora para a função de coordenadora pedagógica de 1ª série. As sugestões se referiam à construção de mais materiais didáticos com sucatas, revistas, cadernos, etc., como uma metodologia alternativa para o trabalho com crianças que não apresentavam bom resultado.

Os desafios foram muitos, desde o fato que os professores possuem poucos conhecimentos que embasam o processo de Alfabetização, como também pelo fato de serem leigos, lêem e escrevem com muita deficiência. Hoje, estão em busca de mais qualificação (ensino médio/superior).

As vantagens/desvantagens são inúmeras:

- a possibilidade dos professores entrarem em contato com novos autores que falavam sobre alfabetização (Emília Ferreiro, etc.);

- a mudança de paradigmas que fez com que os professores/alfabetizadores confiassem mais em si próprio;.

- o descrédito e a expectativa social que o processo de alfabetização causa em toda a comunidade;

- a desistência dos professores do grupo em continuar estudando a "alfabetização".

Acredito que os grupos/estudo/pesquisa permite que o professor reflita sobre sua prática. Atende a formação do professor/pesquisador e a sua formação continuada.

De todos os aspectos relatados até então, o que deu certo/positivo ou negativo, me faz refletir verdadeiramente sobre o que é ser professor reflexivo/pesquisador.

Se fosse iniciar agora meu trabalho em Porto Barreiro, algumas situações que modificaria:

- incluiria professoras que fazem parte da Equipe de Ensino;

- avaliaria formalmente todos os encontros mensais, solicitando que os professores do grupo o fizessem por escrito;

- organizaria mini-seminários, obrigando os professores/alunos apresentarem suas conclusões. (Qu – out. 1999 – Professora Clarice)

"Com o Aventurando-se grupo começou a ter novas preocupações, como necessidade de fundamentar-se teoricamente e desenvolver estudos. A própria dinâmica de trabalho, como os encontros mensais, uniu mais o grupo e a troca de experiências tem sido relevante para o desenvolvimento de cada área." (Qu – fev. 1999 – Professora Doroteya)

"No que diz respeito ao Projeto Aventurando-se no Conhecimento, apesar de ter mantido-me afastada dos trabalhos diretos com os grupos de pesquisa, pude constatar, por ocasião de minha participação em alguns Seminários, que a semente da mudança foi lançada e que já resulta em alguns frutos. Os grupos de estudo/pesquisa foram um desafio ao nosso trabalho, tendo em vista tratar-se um trabalho inovador, o que na maioria das vezes implica em resistência. No entanto, de um modo geral, analisando a partir das apresentações dos grupos, os objetivos propostos pelo PPCP, vêm sendo atingidos. Em relação ao grupo de História é nítida a mudança no trabalho de seus componentes. O entusiasmo e dedicação estão presentes no desenvolvimento das atividades de pesquisa refletindo inevitavelmente na prática dos professores em sala de aula, saindo-se do ensino tradicional e contemplando-se novas expectativas no ensino de História de modo a levar os alunos ao contato mais real com esta disciplina e os professores a um repensar quanto aos conteúdos trabalhados com seus

alunos. Evidentemente é um processo gradativo, no entanto, já se pode vislumbrar transformações positivas que poderão levar alunos e professores a um comprometimento com o ensino da História de tal forma que possam empreender análises mais amplas a partir do seu cotidiano e não um simples repassar/decorar conteúdos prontos e distantes do alcance intelectual dos alunos.

O trabalho de formação continuada consiste na pedra angular desse processo, que já evidenciei anteriormente, é gradativo, diferindo dos cursos ministrados em outros convênios em que ocorre a ruptura das atividades que por questões de tempo, acabam infelizmente tratados como estanques. O acompanhamento dos trabalhos, através dos grupos de pesquisa propiciaram crescimento tanto do grupo de professores/pesquisadores como do de professores/facilitadores na medida em que se desenvolveu a pesquisa atrelada as discussões do grupo, desembocando no diálogo direto entre as fontes locais e os referenciais teóricos (historiográficos) mais difundidos." (Qu – fev. 2000 – Professora Marcia)

"Eu gostaria de resumir algumas questões colocando sobre o projeto da Glorinha. Uma das coisas que quero colocar é que do projeto se desdobram as pesquisas. Eu acho que faz parte, que de repente é corpo desse teu projeto o que a gente está construindo. O meu projeto de tese, quer dizer se não existisse o seu projeto, não existiria o meu com certeza ou as relações que eu consegui fazer com a teoria, porque a gente veio buscar aqui a teoria, tentar correr atrás de um Mestrado que foi conciliado com uma série de outras questões da Universidade. Eu acho que não poderia sair daqui sem colocar esses desdobramentos de pesquisa de seu trabalho. E com certeza vai fazer parte das sessões ou da ... do meu envolvimento até como objeto e sujeito e o que eu tenho para passar para você e colocar é o seguinte: Eu me senti muito incompetente as primeiras vezes que fui lá. Me senti extremamente incompetente a essa situação de incompetência e a forma como essas professoras lidaram, passaram a lidar com a necessidade e tal isso eu apresento dia 15/09 um Seminário no FORMAR, para através das contribuições do grupo, quer dizer, falar sobre o que através dessa experiência a gente pode olhar como objeto de tese. E até procurei no documento que eu organizei, até definir algumas coisas porque mesmo ficou tranqüilo, algumas questões que ela permitiu. Acho que foi a pesquisa dela que permitiu com que de repente eu fizesse algumas análises, contribuiriam para enxergar esse objeto, que eu quero

colocar como tese do grupo. Não coloco isso como uma coisa definitiva porque ainda vai passar por um crivo muito grande uma série de questões. Mas no COLE eu apresentei já algumas coisas com certeza dentro do projeto que está sendo estruturado, eu tento centrar no trabalho de Ciências que as professoras desenvolveram e que é realmente um trabalho muito rico, tendo um sentido, fazendo esse passeio aí, esse distanciamento que você colocou, eu também estou procurando identificar um problema gerador que norteie toda uma análise, mas essa não é a discussão aqui. Eu acho que esse depoimento tem que estar na sua tese. Eu ... para mim foi muito difícil participar em 1998 desse projeto. Você não sabe metade dos meus problemas. Saía daqui sem bolsa, fazia uma viagem terrível para chegar até o Paraná. Muitas vezes chegava lá com as professoras, no grupo, não conseguia, eu não conseguia conversar de tão cansada que eu estava. No dia seguinte eu voltava pegar as minhas crianças em São Paulo. Quer dizer ocorreu aí, sei lá, por conta do que até porque até o ano passado, nem tinha olhado isso aí como um propósito de trabalho. Mas mesmo assim foi interessante ... Esse ano é que a gente começou a olhar para esse como possível objeto de tese. Então essas questões tornam realmente teu trabalho mais interessante e realmente podem fazer parte dessa análise toda, porque participar do projeto ajudou muito na construção da minha vida acadêmica. Não é só como pesquisadora, porque a gente se distanciou um pouquinho da sala de aula, mas enriqueceu muito o processo de formação por causa da participação do Projeto de Porto Barreiro. Isso não tem nem como qualificar ou nominar, isso foge dos parâmetros que a gente ... e o choque, o choque indescritível de participar ao mesmo tempo de outro projeto que tem outras características, inúmeros conflitos. Quando eu cheguei, eu dizia será que não pode ser assim? Não é diferente e tal e... Esse choque todo, a relação de poder que é instituído em todo esse processo é o que de repente a gente quer identificar, totalizar como objeto de Tese. Quer dizer as relações de poder, das aproximações que você tem, no meu caso específico, as professoras da Universidade, escola e comunidade porque o projeto de Ciências tem um desdobramento com a comunidade. Parabéns." (Exame de Qualificação – 09/09/1999 – Professora Ana Lúcia, Diário nº 09, Fita nº 37)

"Posso dizer, que a partir de Porto Barreiro, não somos mais os mesmos...nem nós, professores da UNICENTRO, nem os professores do município. A experiência do ser professor/pesquisador, na prática, nos ensinou muito! (Qu 2/2000 - Professora Wanda).

Como não foi possível entrevistar as professores Maria Aparecida e Neusa, que deram continuidade aos trabalhos desenvolvidos com o Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa vou transcrever parte do jogral que elas em parceria com os/as professores/as de Porto Barreiro e de certa forma traz indícios de como o processo as tocou:

"Aprendemos juntos
Que na sala de aula nunca vai ser igual ao
Que era ontem.
Com a mestra e sua mesa
Suas provas, suas penas
Com o menino mais testado
Do que compreendido
(A escola mudou muito nestes dois anos, pelos menos em Porto Barreiro)

E para nós professoras
E os professores também
Estaremos tendo muito par acontar
Afinal somos sujeitos da nossa prática
E vamos nos emocionar ao relatar
Que a alma muda junto com o pensamento
Transformando nossa forma de agir".

(Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa, 1999, Jogral)

IV. SONS SOANDO: MESCLANDO OS TONS PRODUZIDOS E TALVEZ O PRENÚNCIO DO " PORVIR"

> "*É preciso desconfiar, suspeitar dos grandes caminhos, abertos pelos grandes teóricos. Nós precisamos desses pequenos caminhos que levam para alguém , para alguma casa e não só dessas grandes rodovias que não levam a parte alguma, completando-se nelas mesmas, voltando-se constantemente sobre si, nos seus infindáveis retornos. As grandes rodovias perdem-se no "se", no impessoal. A reflexão, ao contrário, tem que seguir caminhos próprios, próprios de uma prática. O filósofo tem, em última instância, que fazer o seu caminho caminhando, sendo autor do seu caminho."* (Fleuri, ap. Gadotti, 1991, p. 140)

Prelúdio: a professora pesquisadora

Após viver a experiência narrada nesse trabalho e a própria experiência de sistematizá-lo, produzir essa tese, muitas coisas mudaram, já não sou a mesma que iniciou a caminhada e já não sou a mesma que escreveu esse trabalho e cada vez que leio meus escritos, a vontade é reescrevê-los, porque a Glorinha que escreveu esse trabalho não é a mesma que agora, já é a leitora.

A produção de um trabalho investigativo nos angustia muito, faço minhas as palavras de Costa, quando está relatando algumas reflexões sobre a produção da sua tese:

> *Quando escrevi tal texto, meu objetivo foi, exatamente, o de interrogar, ponto por ponto da minha conturbada trajetória de pesquisadora moderna, produzindo uma tese - que sempre é um exercício de busca de verdade - num tempo de crise de certezas - a tão decantada "crise de paradigmas". No entanto, apenas quando debati, em tais encontros, os temas acima mencionados, pude perceber o quanto essa crise repercute na vida de cada pesquisador e pesquisadora, desorganizando não apenas a sua vida intelectual, mas o conjunto de convicções políticas e existenciais que vêm dando sentido a suas vidas.* (1996, p. 8)

Outra dificuldade que tenho sentido é trabalhar com a pesquisa-ação pela primeira vez e perceber que esse tipo de pesquisa gera várias indagações epistemológicas, para as quais ainda não encontrei respostas nos paradigmas que conheci, e essa situação rompe com muitas "verdades" e gera vários olhares. Além disso gera um certo "desconforto", no estado confortável de ser mero observador, posição que permeou grande parte da minha vida escolar.Entretanto, um possível caminho que encontro para tentar superar esse embate é ficar numa posição de escuta sobre as variadas e emergentes formas de problematização e investigação de questões conectadas com a educação, priorizando contribuições, criadas:

... por um olhar próprio e, portanto, não representa aproximação da verdade, mas uma de suas múltiplas possibilidades (...) para que consigamos romper com os mecanismos de dominação simbólica de imposição de sentidos, que tem nos mantido atrelados a discursividades cujas agenda não comportam compromissos com a heterogeneidade. (Costa, apresentação, 1996, n.p.)

De "Dó" a "Si", de "Compasso" em " Compasso" tentando entender a melodia.

"No tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história. Falas, desejos, movimentos, formas perdidas na memória. No tempo nos constituímos, relembramos, repetimo-nos e nos transformamos, capitulamos e resistimos, mediadas pelo outro, mediadas pelas práticas e significados de nossa cultura. No tempo, vivemos o sofrimento e a desestabilização, as perdas, a alegria e a des-ilusão. Nesse movimento contínuo, nesse jogo inquieto, está em constituição nosso "ser profissional" (Fontana, 1997, p. 207)

Os "achados" deste trabalho são muitos, assim como os sentidos e significados produzidos, os quais tentei colocar nos textos anteriores. Dessa forma reservo este espaço para "dedilhar" algumas questões, nos limites e possibilidades que este trabalho permite em relação a experiência que vivemos.

Analisando o processo de constituição e (re)constituição do nosso grupo observei que esse processo apresenta duas fases principais que são significativas para a compreensão do seu movimento:

1ª Constituição do grupo vinculada ao Mestrado em Educação, área de Metodologia de Ensino, fase que inicia-se em meados de 1991-92 e vai até 1997.

2ª (Re)constituição do grupo articulado ao trabalho de Porto Barreiro, tendo como desafio (vivendo o perigo, correndo riscos) a construção do processo desenvolvido no Projeto "Aventurando-se no Conhecimento", que iniciou em 1998 e está em andamento, entretanto, para análise deste trabalho delimitei os trabalhos, até o final de 1999.

Na primeira fase que foi tratada no capítulo III, observei que o nosso grupo (PPCP) em sua origem iniciou seus trabalhos como grupo de pesquisa e de extensão. No transcorrer do tempo perde a característica de grupo de pesquisa e torna-se um grupo que desempenha a função de extensão universitária. Nessa fase as pesquisas realizadas, eram voltadas para as áreas de conhecimento, nas quais os/as professores/as atuavam, sendo os objetivos compreender e aprofundar os seus conhecimentos e saberes docentes, bem como construir os cursos que ministrariam para professores/as do Ensino Fundamental e Médio, da rede pública.

Essas investigações tratavam de: como historicamente os conhecimentos específicos (História, Geografia, Matemática, Ciências, Língua Portuguesa, Alfabetização, dentre outros) foram produzidos; os processos de ensino-aprendizagem (vinculados ao conteúdo) que poderiam ser trabalhos em sala de aula, vinculados a análise e produção de materiais didáticos (Metodologia de Ensino); a compreensão do processo cognitivo do aprendiz (Psicologia); a re-contextualização do conhecimento científico em conhecimento escolar (Sociologia e Currículo), a produção do currículo permeada por questões filosóficas, sociais, políticas, dentre outros que permeiam a questão do currículo.

As pesquisas foram realizadas em salas de aula, com alunos/as, professores/as, diretores/as dentre outros. Também foram investigadas as estruturas físicas das escolas e sua organização administrativa.

A meta dessas pesquisas foi a compreensão do processo ensino-aprendizagem em seus componentes, para a construção de metodologias de ensino alternativas, bem como a produção de material didático. Desse processo foram construídas as Dissertações de Mestrado e os cursos que foram ministrados em diferentes momentos, que propiciaram a integração dos/as professores/as componentes do PPCP com professores/as do Ensino Fundamental e Médio, dessa forma cumprindo com o papel de extensão que é atribuído a Universidade e as exigências do Conselho Estadual de Educação, quanto a "qualificação" do corpo docente, no processo de reconhecimento da UNICENTRO. Nessa primeira fase, no momento de constituição do grupo, ocorreu um ritmo acelerado em termos de produção de saberes e conhecimentos pelos/as componentes do grupo. Com o passar do tempo, parece que a rotina se instala e esse ritmo torna-se lento. Com o desafio de construir o trabalho do "Aventurando-se no Conhecimento", o ritmo é reativado, e o movimento é marcado por várias discussões, interações... Considero essa primeira fase riquíssima na nossa constituição como professores/as pesquisadores/as, acredito que foi esse processo que nos deu as bases necessárias para a construção do "Aventurando-se no Conhecimento" e a característica principal que permeia essa fase, é que produzimos conhecimentos e saberes "para" ensinar o/a professor/a dos outros graus de ensino. Essa relação se modifica com o desenvolvimento do "Aventurando-se no Conhecimento", que na construção do processo, provoca um deslocamento: de pesquisar "para" os/as professores/as, vamos gradativamente pesquisando

"com" os/as professores/as situação que construímos no interior do processo e que não havíamos planejado a priori. Esse deslocamento que ocorreu no nosso "pesquisar" provocou algumas rupturas, no processo de constituição e (re)constituição do grupo:

Temática.

Antes do Aventurando-se a tendência era levar os saberes e conhecimentos da Universidade "prontos", para que os/as professores/as se apropriassem. No caso de Porto Barreiro, esse tipo de trabalho ocorreu durante o ano de 1997, quando desenvolvemos o projeto "Professor: aprendendo e educando", o qual tinha como eixo norteador os cursos, isto é, acreditávamos que a formação do/a professor/a se daria só por meio de cursos. Ao avaliarmos o trabalho desenvolvido durante o ano de 1997, concluímos que aquelas ações, não foram suficientes, que havia a necessidade de mudarmos o eixo norteador do nosso trabalho. Nesse contexto optamos por desenvolver um trabalho norteado pela pesquisa-ação e assim foi pensado o "Aventurando-se no Conhecimento". Ao pensarmos nesse projeto não tínhamos um telos[128] definido, talvez tivéssemos alguns princípios e cada passo foi (está sendo) construído no decorrer do processo. Os temas das pesquisas que foram desenvolvidas não partiram de nós professores/as universitários/as e sim das necessidades e interesses dos/as professores/as de Porto Barreiro. Assim as temáticas das pesquisas surgem de um conhecimento que era mais importante para a população do município, que a escola não estava indo ao encontro. Nesse caso há um deslocamento das temáticas, porque antes nos cursos eram trabalhadas temáticas que algumas vezes até poderiam ser sugestões dos/as professores/as, alunos/as, desses cursos, mas mesmo assim a abordagem (o olhar, os significados produzidos) era nossa, de professores/as universitários/as. O contexto de produção desses conhecimentos, desses saberes, dessas temáticas tratadas era outro e essa questão faz a diferença. Por exemplo, no caso do grupo de Matemática, como a temática Medidas Agrárias. Se esse tema fosse tratado em um curso, partindo dos conhecimentos e saberes construídos pela professora universitária Doroteya, não teria trazido as contribuições que trouxe, assim como os saberes e conhecimentos produzidos pelos outros grupos.

[128] Telos - do grego: fim, finalidade.

Metodológica.

A metodologia usada no processo ensino-aprendizagem muda. Ao invés de trabalharmos com um conhecimento "pronto", mesmo que numa relação mediadora, que era o que ocorria nos cursos, mesmo que usássemos diversificadas dinâmicas permeadas pelo lúdico, o princípio era partir de um conhecimento que já estava construído. No processo do "Aventurando-se no Conhecimento", os temas são escolhidos e ao buscar os saberes do cotidiano, buscar o saber acadêmico, compará-los, analisá-los para chegar a uma síntese mesmo que parcial e provisória, ocorre um movimento diferente, os grupos vão aprendendo como é que se dá a produção de conhecimentos e saberes, e também vão produzindo-os. E com isso a metodologia usada no processo ensino-aprendizagem que se encontrava limitada apenas como espaço de ensino-aprendizagem, extrapola esses limites e se configura também como espaço de produção de conhecimentos e saberes.

No processo de pesquisa.

Outra mudança que ocorre está relacionada ao "fazer" pesquisa. Antes do "Aventurando-se no Conhecimento", nós professores/as universitários/as fazíamos pesquisa "para" professores/as e não "com" os/as professores/as. O que quero dizer com isso? As pesquisas que fizemos até o "Aventurando-se no Conhecimento", foram voltadas para a compreensão de conhecimentos, saberes específicos da nossa área de atuação. Essas pesquisas trouxeram várias contribuições, os conhecimentos e saberes que produzimos por meio delas são de certa forma os conteúdos[129] que trabalhamos em sala de aula. Quer dizer produzimos conhecimentos e saberes "para" o/a professor/a, no processo de construção do "Aventurando-se no Conhecimento", passamos a pesquisar "com" os/as professores/as e essa característica se manifesta nas nossas vozes quando:

- a professora Regina está falando do Grupo de Gestão Educacional, a respeito da construção da Proposta Político-Educacional do município e ela diz: "*O objetivo era uma construção coletiva, não uma proposta tirada de gabinete, uma pessoa apenas pensando. É*

[129] Quero dizer os conhecimentos e saberes que são objeto do nosso ensino.

uma proposta pra Educação daquele município, partilhada, pensada (...) Um processo novo com certeza (...) Novo para a Prefeitura e novo para a Universidade também."

- o professor Ariel quando ao explicar o "Aventurando-se no Conhecimento" e o trabalho do grupo de História e Geografia diz: *"Quem participa do projeto são professores do Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série (...) E o objetivo é produzir pesquisas, conhecimentos (...) Professores se aventurando em produzir uma sistematização das suas pesquisas (...) Nós do grupo de História também fazemos pesquisa (...) Nesse período foi possível pretender produzir um livro. Vamos produzir um livro sobre aspectos geográficos e históricos de Porto Barreiro."*

- a professora Doroteya diz: "*... enquanto eu conversava com elas, na minha cabeça estava em dar algumas sugestões, o grupo veio me dizendo que já havia definido o tema de estudo. Elas gostariam de conhecer a respeito de Medidas Agrárias e eu levei um susto porque eu como professora da Universidade não tinha domínio desse conhecimento. Então para mim, era novidade. Elas diziam que também não sabiam e queriam aprender para trabalhar com seus alunos. Só que eu fui honesta para com o grupo dizendo que eu também não tinha esse conhecimento e que então todas tínhamos que ir em busca desse conhecimento."*

- a professora Ana Lúcia ao explicar o trabalho do grupo de Ciências diz: "*As professoras escolheram o tema a partir da realidade local. Eu ajudei a organizar o projeto que elas vão apresentar (...) um movimento interessante foi que as professoras fizeram análise dos dados sem auxílio da gente (...) Nós temos os conflitos gerados aqui na academia, incompetência, falta de habilidade e experiência. Que foi o que eu senti quando cheguei lá em Porto Barreiro e encontrei as professoras tão livres para desenvolver pesquisa e eu simplesmente me sentia incompetente porque elas eram autônomas. Elas querendo desenvolver pesquisas e tal (...) Existem aí as relações de poder até mesmo sobre a questão da legitimidade dos saberes produzidos através da pesquisa. Afinal o que as professoras estão produzindo através da pesquisa é reconhecido pela Universidade?"*

Nessas vozes vejo uma relação em que nós professores/as universitários/as estamos pesquisando com os/as professores/as do Ensino Fundamental, numa relação não de igualdade,

no sentido que temos os mesmos conhecimentos, os mesmos saberes, mas de interlocução, de troca.

Na nossa postura epistemológica.

Outra questão que vejo implícita é a mudança epistemológica que ocorre na nossa postura de professores/as universitários/as. Se nos vemos como parceiros/as dos/as professores/as no processo investigativo, se pesquiso "com" e não "para" o/a professor/a, penso que a nossa postura é de romper com a divisão existente "entre o mundo dos professores-pesquisadores e o mundo dos pesquisadores acadêmicos" (Zeichner, 1998, p. 207), ou a racionalidade técnica (Schön, 1992, p. 9). Considero que está ocorrendo uma mudança epistemológica, entretanto, parece que ainda não está claro para o grupo, no sentido de questionamentos. É conhecimento o que os/as professores/as produzem? Por quê? Durante o processo percebi que essas indagações tocaram mais a professora Ana Lúcia e eu, nos/as outros/as professores/as do grupo ela não se manifestou fortemente ainda. Eles/as consideram conhecimento o que os/as professores/as produzem, mas não entram em questionamentos, ainda. Vejo que esta situação é compreensível, penso que estas indagações nos afligem mais, porque estamos desenvolvendo um trabalho acadêmico e isso é uma das questões que faz parte das nossas pesquisas.

Curricular.

O currículo nesse processo também muda. Todavia, antes de explicar essa mudança quero explicitar qual é o "conceito/noção" de currículo a que me refiro. Estou me referindo ao currículo em ação, que segundo Geraldi é "*aquilo que ocorre de fato, nas situações típicas e contraditórias vividas pelas escolas, com suas implicações e concepções subjacentes e não o que era desejável que ocorresse e/ou o que era institucionalmente prescrito."* (1994, p. 17)

No que o currículo muda? O currículo que o nosso grupo (PPCP) trabalhava antes do "Aventurando-se no Conhecimento", tinha como princípio trabalhar com a formação de professores/as do Ensino Fundamental, num processo de extensão universitária, norteado por cursos. Com o trabalho realizado em Porto Barreiro o currículo que era assim passa a se constituir de outra maneira. Ele vai se constituindo e (re)constituindo, à medida que nós

professores/as universitários/as fomos (vamos) construindo o processo, em um currículo que vai articulando três processos: ensino-aprendizagem, extensão e pesquisa (não sem tensão). Esse movimento desconstrói a nossa compreensão usual de extensão universitária e as separações postas entre ensino/pesquisa/extensão, produzindo traços de uma relação entre Universidade e Sociedade, que poderíamos denominar de parceria. Ensino e aprendizagem porque nós professores/as universitários/as ensinamos e aprendemos. Extensão que se configurou como processo de Educação Continuada. Pesquisa entendida como desenvolvimento profissional e produção de saberes e conhecimentos, considerando:

> *a professora e o professor como sujeitos do processo de produção do conhecimento. São pesquisadores, têm voz, mantêm a propriedade da sua pesquisa e os seus saberes são respeitados (...) Isso é diferente das muitas pesquisas realizadas para conhecer o que os professores e as professoras fazem para controlar e mudar suas práticas." (...) Instrumento fundamental para implantação de reformas educacionais ou de transformação da escola em que os professores e as professoras têm uma presença autônoma. Além disso, a pesquisa-ação pode ser muito importante para conhecer os problemas de ensino e educação de um país, de forma contextualizada, possibilitando detectar encaminhamentos necessários para a reorientação de políticas públicas governamentais.* (...) *Prática social e política. (...) Luta para tornar mais visível o conhecimento produzido pelos professores.* (Geraldi; Messias; Guerra, 1998, p. 255)

E essas reflexões nos alertam para algumas situações:

> *"o envolvimento dos acadêmicos nos movimentos do professor como pesquisador tem sido na sua maioria, para produzir uma literatura acadêmica sobre a pesquisa de professores (Kincheloe, 1991; Carr e Kemmis, 1987; Winter, 1987), ou para produzir manuais e livros-textos para professores sobre como pesquisar (Kemmis e Mctaggart, 1998; Altrichter et al., 1993) e não se usar o conhecimento que os professores vêm gerando, através de suas pesquisas, para informar seus próprios trabalhos na academia. Geralmente os pesquisadores universitários também não têm usado o processo de pesquisa-ação para estudar suas próprias práticas."* (Zeichner, p. 208)

Quer dizer, nós professores/as universitários/as historicamente temos nos apropriado do trabalho do/a professor/a dos outros graus de ensino, para produzir os nossos trabalhos acadêmicos, ou para escrever prescrições para eles/as seguirem, não considerando o conhecimento por eles/as gerado, porque raramente esse conhecimento tem sido divulgado nos cursos de formação de professores/as e pregamos o uso da pesquisa-ação para o estudo das suas práticas, mas nós muitas vezes temos nos isentado dessa postura, ainda são poucos os estudos de professores/as universitários/as que estudam as suas próprias práticas. Com o trabalho desenvolvido (em desenvolvimento) acredito que nós professores/as universitários/as estamos construindo um currículo que articula esses três processos. Ensino-aprendizagem, educação continuada, produção de saberes e conhecimentos (não sem tensão). Quanto aos/às

professores/as de Porto, observei que estão produzindo um currículo de acordo com as necessidades da região, o seu trabalho docente e se constituindo como pesquisadores. Além dessas mudanças que percebi no processo de construção do "Aventurando-se no Conhecimento", *também* observei que nessa segunda fase ocorre um movimento que é formado por etapas:

"Dó" - Mudando e procurando outras tonalidades para a composição da melodia.

O desafio de deslocar o eixo de formar professores/as somente por meio de cursos para um processo norteado pela pesquisa.

"Re" - Partilhando Melodias: início do segredo partilhado.

Produção dos processos de pesquisas que foram desenvolvidos com os/as professores/as de Porto Barreiro, na interlocução do grupo.

"Mi" - Ouvindo os primeiros ensaios produzidos na parceria.

A satisfação em ver, que o processo está dando certo (I Seminário), gera continuidade nos trabalhos, os intensifica e a produção do processo continua.

"Fa" - Partilhando a melodia com o/a outro/a e o convite de socializá-lo com mais "outros/as".

O reconhecimento do trabalho por outras vozes, que são ouvidas e respeitadas na academia e o convite para participar do COLE, vem trazer segurança, incentivo para continuidade do processo e as primeiras sistematizações da nossa prática.

"Sol" - Escrevendo a partitura: pondo no papel as primeiras notas da melodia.

Estudos e as primeiras produções (1º Semestre de 1999).

"La" - Socializando alguns tons na melodia: conquistando o reconhecimento como compositor.

Reconhecimento dos grupos como grupos de pesquisas no meio acadêmico (Participação no COLE).

"Si" - Os/as compositores/as divulgam os primeiros esboços produzidos.

Participação em eventos de socialização.

O processo é marcado por fatos que vão interferindo no processo de constituição e (re)constituição do grupo:

1º Compasso: I Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento" - 20/07/98.

2º Compasso: Reunião dos grupos com a professora Corinta - 16/11/98.

3º Compasso: II Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento" - 18/12/98.

4º Compasso: III Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento" - 25/06/99.

5º Compasso: 12º COLE - 20 a 23/07/99.

6º Compasso: Lançamento de alguns compassos da partitura - IV Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento" - 10/12/99.

Organizei a exposição do processo desenvolvido em fases, etapas, fatos mais marcantes para facilitar a explanação e compreensão das idéias. Entretanto, isso ocorre interligado, como quando ouvimos uma música, não identificamos, notas, tons e compassos isolados. Todavia identificamos a melodia e é ela que nos toca, mas se vamos estudar a música, vamos a sua partitura e analisamos elemento por elemento. Quando falo sobre mudanças ocorridas no nosso grupo (PPCP), estou falando do grupo como um todo, porque esse movimento não é homogêneo, ele ocorre com os/as componentes, todavia com mais ou menos intensidade, o processo não nos toca do mesmo jeito, cada um/a vive a sua viagem de constituição do seu modo. E por esses motivos deixei que suas narrativas me auxiliassem a narrar parte desse trabalho. A construção do "Aventurando-se no Conhecimento" foi permeada por várias mediações, interações e interesses, sendo assim considero que também influenciaram no processo. Há muitas mãos invisíveis que não citei pela amplitude do trabalho, que nos auxiliaram a percorrer e compreender o teclado. O movimento desse processo não é linear, iniciando num ponto e seguindo continuamente, como na música repete compassos, ritmos diferentes o permeiam, há dissonâncias (contradições - tensões), nem sempre a harmonia prevalece. No entanto, acredito que são esses elementos que lhe são o colorido que lhe é peculiar e cada um de nós partindo dos tons que na parceria construímos, tocará a sua melodia. Do trabalho em relação ao grupo, pude aprender alguns aspectos que considero relevantes, aspectos que não estou prescrevendo, mas sim socializando, observações que emergiram do nosso trabalho e queremos partilhá-las. Quanto a produção do grupo observei que o trabalho docente foi produzido pelas demandas da prática e as sistematizações, teorizações ocorreram, em decorrência dos momentos de socialização (Seminários, Congressos...), confirmando a hipótese da professora Corinta, que o grupo se constituí das

demandas da prática e da emergência da Socialização. As discussões que ocorrem no grupo são demoradas, porque os ritmos dos/as componentes do grupo são diferentes, mas quando menos esperamos o grupo dá um salto. Os processos construídos pelo grupo, precisam ser registrados, discutidos, sistematizados, senão corremos o risco de perder essa produção. Nessa situação é necessário que o/a professor/a pesquisador/a esteja atento e pesquise a sua ação. Os "achados" do grupo para serem sistematizados teorizados precisam de metas concretas, isto é, endereço e tempo determinado para os momentos de socialização. Senão corremos o risco de cairmos nas armadilhas da rotina, priorizando outras ações. A participação em momentos de socialização são experiências formativas, no seu próprio contexto. Além disso contribuem para a constituição do grupo, auxiliando a superar a tensão manutenção-dissolução, dão voz ao grupo, fortalecem-no e o credenciam no meio acadêmico.

Os momentos de socialização são experiências formativas, porque também exigem que façamos síntese, que tenhamos que organizar material, para podermos apresentar, explicitar o que está acontecendo para os/as outros/as. E com tudo isso o grupo dá saltos na produção, o apresentar um trabalho exige reflexão e síntese. Todos/as os/as componentes do grupo, independente do grau de ensino que atuem, devem ser vistos pelo grupo como pesquisador/a e capaz de representá-lo em qualquer momento de socialização, falar em nome do grupo.

Em momentos de socialização, o grupo tem que trabalhar unido para a apresentação, não podemos permitir que o/a nosso/a representante se exponha ao ridículo, a experiência de socialização deve ser positiva para todos/as os/as componentes do grupo. A apresentação precisa ser preparada com o apoio do grupo e passar pela sua crítica e responsabilidade. A produção não é do apresentador é de todo o grupo. O/a professor/a ao estar representando o grupo num momento de socialização vai se sentir mais confiante e isso pode contribuir para formar lideranças. O grupo para se fortalecer precisa estabelecer redes de interação com outros grupos, ouvir outras vozes, assim extrapolando o espaço da sua Instituição. O grupo é um espaço de resistência e "produz o distanciamento epistemológico", porque é nesse espaço que rompemos com a rotina, onde discutimos problemas, dificuldades, situações, realizamos estudos e podemos avançar em nossas compreensões na e pela interlocução. A nossa prática docente é uma referência para a nossa produção e a interlocução no grupo é importante para o

“ partilhar desse segredo”. O trabalho docente em suas múltiplas tramas, relações é um objeto complexo, vivo, dinâmico, em contínua transformação, que ao o olharmos às vezes não temos condições de produzir distanciamento, daí a necessidade do espaço de interlocução do grupo para ajudarmos na produção desse “distanciamento.” Nós precisamos do “outro” para nos vermos assim como ele precisa de nós. Segundo Bakhtin:

> *Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar - a cabeça, o rosto, a expressão do rosto - , o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos. Graças a posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas para eliminá-la totalmente seria preciso fundir-se em um único homem.*
> *Esse excedente constante de minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro, é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo: neste lugar, neste instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias - todos os outros se situam fora de mim (...) - o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim (...) O excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se. (...) O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade...”* (1997, p. 43-45)

Outra questão que percebemos nas discussões realizadas no 12º COLE, em Campinas (20 - 23/07/99) em relação aos grupos, que mesmo que os trabalhos do grupo estejam sendo experiências gratificantes ainda resiste-se, *“em muitos relatos, ao processo de institucionalização, a partir do qual as pessoas não mais se vêem na organização que elas mesmas criam. Tal processo descaracteriza os sujeitos que a criam e recriam continuamente. Esse é um perigo que os grupos aqui presentes apontam.”* (Dickel, 1999, p. 04).

Em relação a pesquisa que os/as professores/as de Porto Barreiro fizeram, percebemos que são de natureza diferente das nossas pesquisas de professores/as universitários/as. Todavia as contribuições que trazem são tão importantes quanto as nossas. Se os/as professores/as tivessem que fazer pesquisas iguais a que fazemos, não era necessário um trabalho em parceria. Os/as professores/as têm outros conhecimentos, outras práticas, outras experiências por isso que precisam ser pesquisadores/as, não é só para desenvolvimento profissional, mas para produzir saberes e conhecimentos. E nós professores/as

universitários/as devemos aproveitar esses saberes e esses conhecimentos nos processos de formação de professores/as.

Os critérios de validade das pesquisas produzidas pelos/as professores/as de outros graus de ensino, ainda suscitam muitas discussões e estudos. Entretanto, pela experiência vivenciada percebemos que posições excludentes, que não considerem a voz dos/as professores/as importante e significativa para a produção da Teoria Educacional, não dão conta da complexidade da Educação em suas tramas, relação de múltiplas possibilidades.

> *...a crise do paradigma da ciência moderna não constitui um pântano cinzento de cepticismo ou de irracionalismo. É antes o retrato de uma família intelectual numerosa e instável, mas também criativa e fascinante, no momento de se despedir, com alguma dor, dos lugares conceituais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos, mas não mais convincentes e securizantes, uma despedida em busca de uma vida melhor a caminho doutras paragens onde o optimismo seja fundado e a racionalidade mais plural e onde finalmente o conhecimento volte a ser uma aventura encantada. (Santos, 1996, p.35).*

E para finalizar essa narrativa sobre meus "achados", vou citar um texto escrito por mim, o qual o produzi para o último momento de socialização que tivemos, antes da tecitura deste trabalho.

"UM CAPÍTULO DE NOSSA NOVELA DE FORMAÇÃO"

O trabalho que hoje estamos comemorando, nesse partilhar de alegrias, sucessos, amizades, tem um significado duplo: a apresentação dos trabalhos, o lançamento do livro de História, a sistematização dos achados dos Grupos de Matemática, Gestão Educacional, Ciências, Alfabetização e Língua Portuguesa que nomeamos de "achados concretos", são resultados que nos envaidecem e nos mostram que várias vozes constituem um coral em diversos tons, transformando-se em múltiplas melodias. Por outro lado nos remete a outra fase desse evento que é o processo de produção desse trabalho, que foi uma experiência no sentido que Larrosa a explica.

> *A experiência seria aquilo que nos passa. Não o que passa, senão o que nos passa. Vivemos num mundo em que acontece muitas coisas. Tudo o que sucede no mundo não é imediatamente acessível. Os livros e as obras de arte estão a nossa disposição como nunca estiverem antes. Nossa própria vida está cheia de acontecimentos. Mas ao mesmo tempo, quase nada "nos passa". Os acontecimentos (...) não nos afetam no fundo de nós mesmos. Vemos o mundo passar diante de nossos olhos e permanecemos exteriores, alheios, impassíveis. Consumimos livros e obras de arte, mas sempre com espectadores ou tratando de conseguir uma satisfação intranscendente e*

> *instantânea. Sabemos muitas coisas mas nós mesmo não mudamos com o que sabemos. Essa seria uma relação com o conhecimento que não é experiência, posto que não se resolve na formação ou na transformação daquilo que somos (...) Ex-per-ientia significa "sair para fora" e passar "através"* (1996, p.136-142).

A experiência é aquilo que (nos) passa e o que (nos) forma ou (nos) transforma. Partindo desse sentido que é dado a experiência, diria que o processo vivenciado contribui na construção da nossa novela de formação. Já não somos mais o que éramos, pois o processo não passou, mas (nos) passou. Hoje vislumbramos a possibilidade de construir uma identidade para nós professores/as como profissionais autônomos, que estamos nos apropriando do nosso trabalho docente e optando por seguir uma trajetória que acreditamos.

Parabéns a todos nós, que em parceria tornamos esse momento possível.

"Paga-se mal a um mestre, quando se continua sempre a ser apenas o aluno" (Nietzche)

Porto Barreiro, Primavera de 1999 (Messias, dez. 1999)

E a construção da partitura ...

Iniciamos esse trabalho com o objetivo de compor uma partitura, entretanto, no transcorrer do caminho percebemos que partitura, significa produzir ou seguir um caminho pré-determinado, um itinerário, como partilhamos da aposta de Larrosa em pensar a formação *"sem ter uma idéia "pré-scrita" de seu desenvolvimento nem um modelo normativo de sua realização. Algo assim como um devir plural e criativo, sem padrão, nem projeto, sem uma idéia prescritiva de seu itinerário e sem uma idéia normativa, autoritária e excludente de seu resultado..."* (1998, p. 14) Assim o máximo que conseguimos produzir foram alguns tons, algumas notas, para a melodia que cada um optará por compor e executar, do seu jeito.

"Porvir?"

Acreditamos que a *"educação encarna nossa relação com o homem – por-vir, com a palavra - por-vir, com o tempo – por-vir. (...) que, como figura de porvir, escape do sonho totalitário, seja ele conservador ou revolucionário (...) não seja incompatível com a abertura de um porvir novo e imprevisível, de um outro porvir que não seja o resultado daquilo que*

sabemos, daquilo que queremos, daquilo que podemos ou daquilo que esperamos." (Ibidem, p. 17)

V. MÚSICAS QUE SOAM AO FUNDO (REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS)

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. Etnografia da prática escolar. Campinas: Autores Associados, 1997. 130 p.

BAKHTIN, Mikhail Volochinov. Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 196 p.

_____. Estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 23-113.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas. v. 1). 253 p.

BONA, Lenir R. de et al.. Pesquisando em Ciências: uma produção coletiva a partir do cotidiano (o olhar das professoras). In: Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999. p. 235.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.

CAMPOS, Silmara, PESSOA, Valda Inês Fontenele. Discutindo a formação de professoras e professores com Donald Schön. In: GERALDI, Corinta M. G., FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (org.) Cartografias do trabalho docente: Professor/a-pesquisador/a . Campinas: Mercado das Letras – ALB, 1998. (Coleção de Leituras no Brasil). p. 183-206.

CARR, W., KEMMIS, S. Teoría crítica de la enseñanza : La investigación-acción en la formación del professorado. Tradução: J. A. Bravo. Barcelona: Martínez Roca,1988. 245 p. (Original: Becoming Critical).

CHAMBIAN, Regina. O pintinho que nasceu quadrado. s.n.t.

CHAUÍ, Marilena de Souza, Ideologia e Educação. Revista Educação e Sociedade. SãoPaulo: Cortez: Autores Associados. a. 2, n. 5, p. 24-40, jan., 1980.

COELHO, Ildeu Moreira. A Universidade e a realidade social. In: Seminários regionais sobre Estágio Curricular – Documento síntese. Brasília: MEC –SESU, Mar. 1987.

COELHO, Paulo. O diário de um mago. 26. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação. Porto Alegre: Mediação,1996. p. 105-132.

COSTA, Mariza Vorraber. Novos olhares na pesquisa em Educação. In: _____. Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação. Porto Alegre: Mediação,1996. p. 7-18.

CRISÓSTIMO, Ana Lúcia Aprendendo e pesquisando Ciências com professoras leigas do Ensino Fundamental. In: Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999. P. 235.

DELEUZE, G.; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995. 96 p. (Coleção TRANS, v. 1) (Original: Mille Plateaux).

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. Relatório para o projeto de estrutura e funcionamento do Órgão Municipal. Porto Barreiro, 1998. 5 p. (Digitado).

DICKEL, Adriana. O esforço coletivo de reapropriação do trabalho docente na trajetória de um grupo de professoras municipais de periferia: um projeto em construção. Campinas: UNICAMP, 1996. (Dissertação de mestrado).

_____. Síntese das sessões de Comunicações apresentadas no I Seminário sobre Produção e Escrita no Ensino Superior - 12º COLE. Campinas: Unicamp/ALB, 20-23 Jun-1999. (Digitado).

ELLIOTT, J. La investigación-acción en educatión. Tradução: Pablo Manzano. Madrid: Morata, 1990. 331 p. (Original em Inglês).

_____. El cambio educativo desde la investigación-acción. Tradução: Pablo Manzano. Madrid: Morata, 1991. 189 p. (Original: Action Research for Educational Change).

_____. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia, FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (org.) Cartografias do Trabalho Docente: professor/a-pesquisador/a. Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998. (Coleção Leituras no Brasil). p. 137-152.

ENGUITA, Mariano F. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 251 p.

FAZENDA, Ivani. Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez, 1989. 143 p.

FENELON, Dea. Pesquisa em História: perspectivas e abordagens. In: FAZENDA, Ivani. (org.) Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez, 1989. p. 119-136.

FIORENTINI, Dario, SOUZA Jr., Arlindo José de, MELO, Gilberto Francisco Alves de. Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia, FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (org.) Cartografias do Trabalho Docente: professor/a-pesquisador/a. Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998.(Coleção Leituras no Brasil). p. 307-333.

FISCHER, Rosa M. Bueno. A paixão de "trabalhar com Focaut". In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação. Porto Alegre: Mediação,1996. p. 37-60.

FOLDER do I Seminário do projeto Aventurando-se no Conhecimento.

FONTANA, Roseli A. Cação. Como nos tornamos professoras? Aspectos da constituição do sujeito como profissional da educação. Campinas: Unicamp, 1997. 218 p. (Tese de Doutorado)

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização tradução: Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996. 295 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 25. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184 p.

GADOTTI, Moacir. Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito. 10. ed. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1991. 143 p.

GAMBOA, Sílvio Ancizar S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (org.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989. p. 91-116.

_____. A epistemologia da pesquisa em educação: estruturas lógicas e tendências metodológicas. Campinas: Unicamp, 1987. 248 p. (Tese de Doutorado, digitada)

GARCÍA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p. 51-76

GAUTHIER, Clermont. Por uma teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Tradução: Francisco Pereira Lima. Ijuí: UNIJUÍ, 1998. 457 p. (Original pour une théorie de la pédagogie: recherces contemporaines sur le savoir des enseignants).

GAVANSKI, Dorotéya. Matemática: onde está o significado? In: Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999. p. 249.

GERALDI, Corinta M. G., MESSIAS, Maria da Glória M., GUERRA, Miriam D.S. Professor pesquisador: quais as condições? In: UNICENTRO. Anais: X Seminário de Pesquisa e V Semana de Iniciação Científica. Guarapuava, 16-20 Nov. 1998. p. 183. v. 1.

GERALDI, Corinta M. G. O momento da reorientação curricular na Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Apresentado na CBE. São Paulo: USP, set. 1991. (mimeografado)

GERALDI, Corinta M. G., MESSIAS, Maria da Glória M.; GUERRA, Míriam D. S. Refletindo com Zeichner: um encontro orientado por preocupações políticas e epistemológicas. In: GERALDI, Corinta M. G., FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (orgs.) Cartografias do trabalho docente. Professor/a-pesquisador/a . Campinas: Mercado das Letras – ALB, 1998. (Coleção de Leituras no Brasil). p. 237-276.

_____. Currículo em ação: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica. Pro-posições, Campinas: FE/Unicamp, vol. 5, n. 3, p. 93-111, nov. 1994.

_____. A produção do ensino e pesquisa na educação: estudo sobre o trabalho docente no curso de Pedagogia. Campinas: Unicamp, 1994. 336 p. (Tese de doutorado - digitada).

GERALDI, Corinta M. G., FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (org.) Cartografias do trabalho docente. Professor/a-pesquisador/a . Campinas: Mercado das Letras – ALB, 1998. (Coleção de Leituras no Brasil)

GESTÃO 1997-2000. Proposta Político-Educacional. Porto Barreiro: Secretaria de Educação/UNICENTRO, 1999. 115 p.

GÓMEZ, Angel Pérez . O pensamento prático do professor – A formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António (org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p. 93-114.

GONÇALVES, Tadeu Oliver, GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Reflexões sobre uma prática docente situada: buscando novas perspectivas para a formação de professores. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia, FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (org.) Cartografias do Trabalho Docente: professor/a-pesquisador/a. Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998. (Coleção Leituras no Brasil). p. 105-136.

GRÜN, Mauro, COSTA, Marisa Vorraber. Aventura de retomar a conversação – hermenêutica e pesquisa social. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação. Porto Alegre: Mediação,1996. p. 85- 104.

GRUPO DE ALFABETIZAÇÃO E LÍNGUA PORTUGUESA. Resgate das ações do Projeto Aventurando-se no Conhecimento. Porto Barreiro, 1999. (Vídeo Clip).

_____. Síntese das ações do Projeto Aventurando-se no Conhecimento. Porto Barreiro, 1999. (Jogral).

GRUPO DE CIÊNCIAS. Síntese dos trabalhos e planejamento do material de apoio. Porto Barreiro, 1999. (Transparências)

GRUPO DE FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE. Relatório para o projeto de estrutura e funcionamento do OME. Porto Barreiro, 1998. 5. p.

HELLER, A. El tiempo cotidiano. In: _____. Sociologia de la vida cotidiana. 2. Ed. Barcelona: Ed. Península, 1987. p. 385-393.

_____. O Cotidiano e a História. 4. ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 121 p. (Original: Alltag und Geschichte, Zur sozialistischen Gesellschaftslelvre)

_____. Uma teoria da História. Tradução: Dílson B. de Faria F. de Lima) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. 402. (Original: Theory of History).

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 145.

JARES, Xesús R. Educación e dereitos humanos: estratexias didácticas e organizativas. Galícia: edicións Xerais de Galícia, 1998. 159 p.

JOAQUIM, Adriana K et al. Pesquisando sobre a Alfabetização ou alfabetizando-se na pesquisa (outro olhar) In: Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999. p. 237.

KERBER, Ivone et al. Acertando o passo: construção da proposta político-educacional do município de Porto Barreiro (Um olhar). In:. Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999.

KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. 5. ed. Tradução: Célia Neves e Alderico Tosíbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. (Original: Dialektika Konkrétního)

KRAMER, Sonia. Por entre as pedras: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1994. 213 p.

_____. A formação do professor como leitor e construtor do saber. In: MOREIRA, Antonio B. (org.) Conhecimento educacional e formação do professor: questões atuais. Campinas: Papirus, 1994. p. 101-126)

KRAMER, Sonia SOUZA, Solange Jobim (org.). Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em Educação. São Paulo: Ática, 1996. 159 p.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994. 257 p.

LARROSA, J. A construção pedagógica do sujeito moral. In: SILVA, T . T. (org.) Liberdades reguladas: A pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998. p.46-75.

_____. Literatura, expêriencia e formação. In: COSTA, M. V. (org.) Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 133-162 (Entrevista concedida a Alfredo Veiga-Neto)

_____. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, Jorge, PEREZ DE LARA, Nuria (org.) Imagens do outro. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 67-86

_____. Pedagogia profana: danças piruetas e mascaradas. Tradução: Tomaz T. da Silva. Porto Alegre: Contrabando, 1998. 258 p.

LEITE, Siomara Borba. Considerações em torno do significado do conhecimento. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. (org.) Conhecimento educacional e formação do professor: questões atuais. Campinas: Papirus, 1994. p. 11-25

LIMA, Maria de Lourdes. Mudanças qualitativas no conhecimento sobre o trabalho docente. In: FAZENDA, Ivani et al. (org). Um desafio para a Didática: experiências, vivências, pesquisas. São Paulo: Loyola, 1991. P. 39-63.

LINHARES, Clarice, MORO, Neusa. Pesquisando sobre a Alfabetização ou alfabetizando-se na pesquisa (um olhar). In: Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999. p. 236.

LISTON , D. P., ZEICHNER, K. M. Formación del profesorado y condiciones sociales de la escolarización. Tradução: Pablo Manzano. La Corunã: Paideia, Madrid; Morata, 1993. 279 p. (Original: Teacher Education and the Social Conditions of Schooling).

LLORET, Caterina. As outras idades ou as idades do outro. In: LARROSA, Jorge, PEREZ DE LARA, Nuria (org.) Imagens do outro. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 13-23.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes,1997. 179 p.

LÖWY, Michael. Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1991. 112 p.

LUCKESI, Cipriano et al. Fazer a Universidade: uma proposta metodológica. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1991. 232 p.

LUDKE, M, ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1996. 99 p.

MARION, Robin. D. The action research journey: gathering, nurturing, guiding, inquiring, sharing. The nature of classroom action research in one urban school district. Madisom: University of Wisconcin, 1997. (trabalho apresentado na Reunião anual da Associação de pesquisa educacional americana, mar. 1997) 56 p.

MATOS, Junot Cornélio. Professor reflexivo? Apontamentos para o debate. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (org.) Cartografias do Trabalho Docente: professor/a-pesquisador/a. Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998.(Coleção Leituras no Brasil). p.277-306.

MESSIAS, Maria da Glória M. Diários de Campo. 1996, 1997, 1998, 1999.

MESSIAS, Maria da Glória M. et al. Aventurando-se no conhecimento: a pesquisa-ação como eixo norteador da formação continuada de professores/as universitários/as e professores/as do ensino fundamental. In: Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999. p. 253.

_____. Implantação e desenvolvimento da Disciplina Introdução à Metodologia Científica: resgatando processos. Guarapuava: UNICENTRO: UNICAMP, 1995. (Dissertação de mestrado - digitada).

_____. Programa Aventurando-se no Conhecimento. Guarapuava, 1996. (digitado)

_____. Transcrições de fitas cassetes. 1996, 1997, 1998, 1999.

_____. A importância do texto livre para o desenvolvimento da expressão escrita da criança. Guarapuava: FAFIG/UNICENTRO, 1989. (monografia datilografada).

_____. Aventurando-se no conhecimento: o processo de constituição de um grupo de professores/as Universitários/as, que se produziram no trabalho de educação continuada como pesquisadores/as através da pesquisa-ação. In: Anais: X Seminário de Pesquisa e V Semana de Iniciação Científica. Guarapuava, UNICENTRO 16-20 nov. 1998.

_____. Relatórios elaborados para CAPES e UNICENTRO. 1997, 1998, 1999. (digitados)

NACARATO, Adair Mendes, VARANI, Adriana, CARVALHO, Valéria de. O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível... abrindo as cortinas. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (org.) Cartografias do Trabalho Docente: professor/a-pesquisador/a. Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998.(Coleção Leituras no Brasil). p. 73-104.

NÓVOA, António.(org.) Vidas de professores. Portugal: Porto Editora, 1992. 214 p.

_____. Formação de professores e formação docente. In: NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p. 15-33.

_____. Os professores: Um "novo" objecto da investigação educacional? In: NÓVOA, António. (org.) Vidas de professores. Portugal: Porto Editora, 1992. p. 14 - 17

PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Professor como pesquisador: o enfoque da Pesquisa-Ação na prática docente. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia, FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (org.) Cartografias do Trabalho Docente: professor/a-pesquisador/a. Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998.(Coleção Leituras no Brasil). p. 153-182.

GERALDI, Corinta M. G. et al. Professor pesquisador/professor reflexivo: quais as condições. ANAIS 1 do IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Águas de Lindóia/SP, ENDIPE, mai 1998.

PEREZ DE LARA, Nuria. Lecturas y experiencias del otro. Conferência apresentada no 12º Congresso de Leitura do Brasil - COLE - Campinas, jul 1999.

PIMENTEL, Maria da Glória. O professor em construção. Campinas: Papirus, 1993. 95 p.

PIRES, A. J., SANTOS, W. T. P. Um pouco da história e geografia de um povo: uma experiência de construção do conhecimento por professoras e professores do Ensino Fundamental de Porto Barreiro. Porto Barreiro: Prefeitura Municipal, 1999. 140 p.

PIRES, Ariel J., MARQUES, Márcia, SANTOS, Wanda T.P. dos. Aspectos históricos e geográficos de Porto Barreiro e região (1850 – 1997). In: Unicamp. Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999. p. 258.

Planos de Ensino das disciplinas cursadas no Curso de Mestrado em Educação – Metodologia de Ensino. UNICENTRO/Unicamp, 1992. (digitado)

PPCP. Instrumentos de pesquisa. (questionários aplicados aos/as professores/as), 1992. (digitados)

PPCP. Livro de atas. 1995, 1996, 1997, 1998, 1999. (manuscrito)

PPCP. Relatório de 1994. 1994. (digitado)

PPCP. Relatório de 1995. 1995 (digitado)

PPCP. Relatório de 1996. 1996 (digitado)

PPCP. Relatório. 21 de Dezembro de 1992. (digitado)

PROGRAMA PERMANENTE DE CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA –PPCP. Projeto. Mar./93 a Dez./95. (digitado)

PROGRAMA PERMANENTE DE CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES/AS DA REDE PÚBLICA - PPCP. Projeto-1992.

SANTOS, Açunta, et al. Ensino e pesquisa em Porto Barreiro. In: Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999. p. 258.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as Ciências. 8. ed. Porto/Portugal: Afrontamento,1996. 57 p.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Desregulagens: educação, planejamento e tecnologia como ferramenta social. São Paulo: Brasiliense/ FUNCAMP, 1991. 238 p.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCHNETZLER, Roseli Pacheco. Prefácio. In: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. de A. (orgs.) Cartografias do Trabalho Docente: professor/a pesquisador/a. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do brasil - ALB, 1998. (Coleção Leituras do Brasil) p. 7-9

SCHÖN, Donald . La formación de profesionales reflexivos: hacia um nuevo diseñõ de la enseñanza y el aprendizaje, en las profesionales. Tradução: lourdes Monters e josé Manuel Vez Jeremias. Barcelona: Paidos 1992. 303 p. (Original: Educating the reflexive practitioner).

_____. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p. 77-92.

SEDREZ, Suzana. Da competência para "manter" à competência para "mudar" a organização do trabalho docente, Revista Educação, v. 23. nº 1, 1998, p. 19-33.

SIAMAR. A questão dos paradigmas. (fita de vídeo)

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: _____. (org.) Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 190-207.

_____. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 154 p.

SILVEIRA, Rosa M. Hessel. "Olha quem está falando agora! A escuta de vozes na Educação. In: COSTA Marisa Vorraber (org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação. Porto Alegre: Mediação,1996. p. 61-84.

STENHOUSE, L. La investigación como base de la enseñanza: selección de textos por J. RUDDUCK y D. HOPKINS. 2. ed. Tradução: Guilhermo Solana. Madrid: Morata, 1993. 177 p. (Original: Research as a basis for teaching).

STROPARO, Edélcio, MESSIAS, Maria da Glória M., PADILHA, Regina C. H. W. Acertando o passo: construção da proposta político-educacional do município de Porto Barreiro (Outro olhar). In: Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999. p. 241.

TESSARO, A. T. et al. Medidas Agrárias: a Matemática da vida presente na Matemática da escola. Porto Barreiro: Secretaria de Educação/UNICENTRO, 1999. 37 p.

TESSARO, Adelina; et al. A Matemática da vida presente na Matemática da escola. In: Anais do12º Congresso de Leitura do Brasil – COLE. Campinas, 20-23 Jul. 1999. p. 249.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 4. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988. 108 p.

UNICENTRO. Caracterização da Universidade Estadual do Centro-oeste. s.n.t. (Documento digitado). 3 p.

UNICENTRO. PÓS-GRADUAÇÃO. Relação de Defesas de Dissertações, no Mestrado em Educação. S.n.t. (Documento digitado)

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 19-36.

VIEIRA, Analucia Morais. A produção do espaço tempo no território escolar. Campinas: FÉ/Unicamp, 2000 (Dissertação de Mestrado).

ZEICHNER, Kenneth. M. Novos caminhos para o practicum: uma perspectiva para os anos 90. In: NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p. 115-138.

_____. A formação reflexiva de professores: idéias e práticas. Lisboa: Educa, 1993. 131 p.

_____. (1997 a) Tendências investigativas na formação de professores. Participação na Mesa-redonda de mesmo título na 20ª Reunião Anual da ANPED. Hotel Glória, Caxambu – MG, 22 set. 1997.

_____. (1997 b) Entrevista concedida ao GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Continuada, no Hotel Glória, Caxambu-MG, 23 set. 1997. Intérpretes e mediadora: Tomaz Tadeu da Silva, Lucíola L.C. Santos e Corinta Geraldi, respectivamente.

_____. (1997c) Action research as professional development in one urban school district. Paper apresentado no Annual Meeting of the American Educational Research Association. Chicago, March 1997. 29 p.

_____. (1997d) O professor reflexivo. Conferência proferida 20ª reunião anual da ANPED, Hotel Glória, Caxambu-MG, 23 set. 1997.

_____. (1997 e) Investigative trends in U.S. teacher education. (Texto digitado entregue pelo autor).

_____. (1998 a) Tendências da pesquisa sobre a formação de professores nos Estados Unidos. Revista brasileira de educação, São Paulo: ANPED, Set./Out./Nov./Dez. 1998, n. 9. p. 76-87.

_____. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. (1998b) In: GERALDI, Corinta M. G., FIORENTINI, Dario, PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (org.) Cartografias do trabalho docente. Professor/a-pesquisador/a . Campinas: Mercado das Letras – ALB, 1998. (Coleção de Leituras no Brasil). p. 207-236.

ZEICHNER, Kenneth M., NOFFKE, Susan. Practitioner Research. Capítulo escrito para o Handbook of research on teaching, 4. ed., para ser publicado. 1998 (documento que o autor enviou via e-mail para Professora Corinta Geraldi)

Observações:

2. A relação do material produzido pelos grupos, bem como a bibliografia que os professores/as facilitadores/as utilizaram com os grupos estão em anexo.

VI. ARRANJOS QUE COMPLEMENTAM A MELODIA (ANEXOS)

ANEXO Nº 1

Registro dos Documentos sobre a pesquisa "Aventurando-se no Conhecimento: a construção de uma partitura "porvir".

Identificação dos materiais

Ap	Apontamentos (cursos e outras anotações)
Di	Diário de Campo
Ds	Documentos preparatórios aos Seminários de Pesquisa
Et	Entrevistas
Fc	Fitas cassetes com gravações de reuniões, seminários e outros
Fl	Formulários
Fv	Fitas de vídeo com gravações de reuniões, seminários e outros
Hv	História de vida (roteiro)
Me	Memória Educativa (roteiro)
Od	Outros documentos (Ofícios, Relação de dissertações, minuta de convênios)
Op	Outras produções (desenhos, maquetes, experimentos, mapas, paródias, músicas, mensagens, teatros, quadros demonstrativos, agradecimentos, cartazes, álbuns, jogos, transparências.
Pe	Painel (cartazes)
Pp	Projetos de Pesquisa e de Atividades
Qu	Questionários
Re	Relatórios
St	Sistematizações/produções/textos/livros
Tc	Textos usados nos cursos

Tg	Trabalhos apresentados em Congressos, Encontros e outros eventos
Tp	Textos usados no processo de pesquisa

Listas de Abreviaturas e SIGLAS

AJ	Ariel José Pires
AK	Adriana Kava Joaquim
AL	Ana Lúcia Crisóstimo
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
Ap	Apontamentos (cursos e outras anotações)
AR	Adelina Trento Tessaro
AS	Açunta M. M. Santos
AT	Armelinda Trombim Scarioti
At	Atas
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CB	Clevanir de F. Becker
CES	Centro de Estudos Supletivos - PR
CL	Clarice Linhares
COLE	Congresso de Leitura do Brasil
CR	Carmem J. Reveliau
Cr	Cursos ministrados
DB	Daniela Brustolim
DEBIO	Departamento de Ciências Biológicas
DEDUC	Departamento de Educação da UNICENTRO
DEGEO	Departamento de Geociências
DEHUM	Departamento de Ciências Humanas
DELET	Departamento de Letras
DEMEP	Departamento de Metodologia e Prática de Ensino
DG	Doroteya Gavanski

Di	Diário de Campo
Ds	Documentos preparatórios aos Seminários de Pesquisa
EC	Evani S. Cristo
ED	Edivaldo Lopes Thomaz (UNICENTRO)
Eg	Encontro dos grupos de pesquisas de Porto Barreiro com os/as professores/as facilitadores/as
EL	Eliane Strack Schimin
EM	Eliane Marangoni Dal´Moro
ENDIPE	Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino
ES	Edélcio Stroparo
Et	Entrevistas
Fc	Fitas cassetes com gravações de reuniões, seminários e outros.
FE	Faculdade de Educação da Unicamp
Fl	Formulários
FORMAR	Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores da Área de Ciências
Fv	Fitas de vídeo com gravações de seminários reuniões e outros
GAL	Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa
GCI	Grupo de Ciências
GEPEC	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Continuada-FE-Unicamp
GGE	Grupo de Gestão Educacional
GHG	Grupo de História e Geografia
GK	Genori Feder Klen
GMA	Grupo de Matemática
GS	Genoveva F. Silvério
HG	Helena G. Gandin
Hv	História de vida (roteiro)
IC	Ivani Savi Cristo

IK	Ivone P. Kerber
IM	Irene Trombim Morelli
IS	Izabel Schultz
JL	Josiane Lago
JM	Juscelene R. de Mattos
JO	Jorge G. De Oliveira
LB	Lenir Ronchi de Bona
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LJ	Lilia M. R. Joaquim
LM	Liane M. Pereira
LO	Lourdes G. De Oliveira
LS	Lídia Seibel
LS	Lourival S. Silvério
MA	Maristela P. Da Silva
Me	Memória Educativa (roteiro)
MG	Maria da Glória Martins Messias
MK	Maria Aparecida Crissi Knüppel
ML	Mauro José Licheta (UNICENTRO)
MO	Maristela Rossato (UNICENTRO)
MP	Marlei T. Panatto
MR	Maria A. Pereira
MS	Marilene L. Da Silva
MT	Márcia Tembil
MV	Marlene S. Vailatti
MZ	Maria Isabel Milanez
NASSERH	Núcleo de Assessoramento e Capacitação de Recursos Humanos
NF	Neusa F. Santos
NM	Neusa Moro
NS	Nelci M. S. Da Silva

NT	Níncia C. R. Borges Teixeira
NV	Norinda Vailatti Viola
OME	Órgão Municipal de Educação - Porto Barreiro
Op	Outras produções (desenhos, maquetes, experimentos, mapas, paródias, músicas, mensagens, teatros
Pf	Professores do Ensino Fundamental de Porto Barreiro
Pós-G	Pós-Graduação
Pp	Projetos de Pesquisa e Atividades
PPCP	Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública
Pu	Professores universitários
Qu	Questionário
RC	Rita de C. Pretto
Re	Relatórios
RK	Rita Felchak
RP	Regina Célia Habib Wipieski Padilha
RR	Rene Rigon
RS	Rejane P. Da Silva
Ru	Reuniões dos/as professores/as do PPCP
SH	Soeli T. Hosda
SM	Senhorinha M. Joaquim
SR	Solange P. Ribeiro
St	Sistematizações/produções/textos
Tc	Textos usados nos cursos
Tg	Trabalhos apresentados em Congressos, Encontros e outros eventos
TIDE	Regime de Tempo Integral e Dedicação Exclusiva
TM	Taisnara Mieserski
Tp	Textos usados no processo de Pesquisa
UNESP	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste – PR
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
VA	Vanderlli V. Da Cruz
VV	Vania Vailatti
WS	Wanda Terezinha Pacheco dos Santos
ZT	Zenaide Trombim Taufemback

Identificação dos responsáveis pelos documentos e professores/as facilitadores/as.

AJ	Ariel José Pires	GHG
AL	Ana Lúcia Crisóstimo	GCI
CL	Clarice Linhares	GAL
DG	Doroteya Gavanski	GMA
EL	Eliane Schimin	Curso
ES	Edélcio Stroparo	GGE
MG	Maria da Glória Martins Messias	GGE
MK	Maria Aparecida Crissi Knüppel	GAL
MT	Márcia Tembil	GHG
MZ	Maria Izabel Milanez	Curso
NM	Neusa Moro	GAL
NT	Níncia C. R. Borges Teixeira	Curso
RK	Rita Felchak	Curso
RP	Regina Célia H. W. Padilha	GGE
WS	Wanda Terezinha Pacheco dos Santos	GHG

Identificação dos responsáveis pelos documentos, grupos de pesquisas.

GAL	Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa
GCI	Grupo de Ciências
GGE	Grupo Gestão Educacional

GHG	Grupo de História e Geografia
GMA	Grupo de Matemática
PPCP	Grupo dos professores/as facilitadores/as, componentes do Programa Permanente de Capacitação Professores da Rede Pública

Identificação dos responsáveis pelos documentos, professores/as de Porto Barreiro.

SIGLA	NOME	GRUPO
AB	Armelinda Trombim Scariot	GCI
AK	Adriana Kava Joaquim	GAL
AR	Adelina Trento Tessaro	GMA
AS	Açunta M. M. Santos	GHG
CB	Clevanir de F. Becker	GHG
CR	Carmem J. Reveliau	GHG
DB	Daniela Brustolim	GMA
EC	Evani S. Cristo	GMA
EM	Eliane Marangoni Dal´Moro	GCI
GK	Genori Feder Klen	GAL
GS	Genoveva F. Silvério	GAL
HG	Helena G. Gandin	GHG
IC	Ivani Savi Cristo	GMA
IK	Ivone P. Kerber	GGE
IM	Irene Trombim Morelli	GCI
IS	Izabel Schultz	GGE
JL	Josiane Lago	GAL
JM	Juscelene R. De Mattos	GMA
JO	Jorge G. De Oliveira	GHG
LS	Lídia Seibel	GMA
LB	Lenir Ronchi de Bona	GCI

LJ	Lilia M. R. Joaquim	GAL
LM	Liane M. Pereira	GMA
LO	Lourdes G. De Oliveira	GHG
LS	Lourival S. Silvério	GAL
MA	Maristela P. Da Silva	GHG
MP	Marlei T. Panatto	GGE
MR	Maria A. Pereira	GAL
MS	Marilene L. Da Silva	GHG
MV	Marlene S. Vailatti	GGE
NF	Neusa F. Santos	GAL
NS	Nelci M. S. Da Silva	GMA
NV	Norinda Vailatti Viola	GCI
RC	Rita de C. Pretto	GGE
RR	Rene Rigon	GMA
RS	Rejane P. Da Silva	GAL
SH	Soeli T. Hosda	GAL
SM	Senhorinha M. Joaquim	GAL
SR	Solange P. Ribeiro	GGE
TM	Taisnara Mieserski	GMA
VA	Vanderlli V. Da Cruz	GMA
VV	Vania Vailatti	GMA
ZT	Zenaide Trombim Taufemback	GCI

Número de Professores/as facilitadores/as do PPCP, por grupo.

Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa	2
Grupo de Ciências	1
Grupo de História/Geografia	3
Grupo de Matemática	1
Grupo Gestão Educacional	3
TOTAL	10

Número de Professores/as de Porto Barreiro, por Grupo

	1997	1998/99
Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa	10	11
Grupo de Ciências	6	6
Grupo de História/Geografia	8	8
Grupo de Matemática	7	10
Grupo Gestão Educacional	6	6
TOTAL	37	41

Número de textos usados nos cursos em 1997

CURSO	PROFESSOR/A	Nº DE TC
Alfabetização	Clarice Linhares	6
Ciências	Eliane Schimin	7
Geografia	Wanda Terezinha Pacheco dos Santos	8
História	Ariel J. Pires e Márcia T. Marques	12
Língua Portuguesa	Níncia C. R. B. Teixeira	9
Matemática	Doroteya Gavanski	1
Nova LDB	Regina Célia H.W. Padilha e Edélcio Stroparo	1
Planejamento	Maria da Glória M. Messias e Regina Célia H.W. Padilha	1
Teatro	Rita Felchak	0
	TOTAL	45

Número de textos lidos no processo de Pesquisa pelos grupos em 1998 e 1999 (professores/as de Porto Barreiro).

GRUPO DE PESQUISA	PROFESSORES/AS FACILITADORES/AS	Nº DE TP
Alfabetização	Clarice Linhares Neusa Moro	5

Ciências	Ana Lúcia Crisóstimo	15
Gestão Educacional	Maria da Glória Martins Messias Edélcio José Stroparo Regina Célia H. W. Padilha	30
História/Geografia	Ariel José Pires Márcia Tembil Marques Wanda Terezinha P. Dos Santos	20
Matemática	Doroteya Gavanski	7
Todos os Grupos		14
	TOTAL	91

Número de textos lidos no processo de Pesquisa pelos professores/as do PPCP, discutidos no coletivo em 1998 e 1999

Relativos ao Projeto "Aventurando-se no Conhecimento.....	14
Relativos ao Projeto "Educação para paz".....	7
Relativos à implantação do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento".	6
TOTAL	27

LEGENDA

Os documentos estão apresentados de acordo com a seguinte disposição:

1ª Coluna	2ª Coluna	3ª Coluna	4ª Coluna	5ª Coluna	6ª Coluna
Numeração	Identificação do material	Responsável	Data de produção	Destinado a que ou título	Nº de instrumentos distribuídos ou textos produzidos

A identificação do material segue (em sua maioria) a padronização abaixo:

Ex.: 1. QuESRP98 - Estrutura do sistema educacional do Município. 03

1. ..... Numeração

Qu ..... Tipo de material

ESRP..... Autor ou grupo responsável pelo documento.

98 ..... Data de produção

Estrutura do Sistema Educa-

cional do Município..... Destinado a que ou título

03 ..... Nºde instrumentos distribuídos ou produzidos.

Ap - Apontamentos

1.ApAJ98	Curso: História	1
2.ApAJ99	Curso: Currículo de História e Geografia	1
3.ApAJMT97	Curso: História	1
4.ApAL99	Curso: Currículo de Ciências	1
5.ApCL97	Curso: Alfabetização	1
6.ApCL98	Curso: Alfabetização	1
7.ApCLNM99	Curso: Currículo de Língua Portuguesa	1
8.ApDG97	Curso: Matemática	1
9.ApDG99	Curso: Currículo de Matemática	1
10.ApEL97	Curso: Feira de Ciências	1
11.ApESRP97	Curso: Nova LDB	1
12.ApGALPl98	Algumas análises sobre os métodos de Alfabetização	1
13.ApGCIPl98	Síntese das análises das respostas das Entrevistas com os agricultores	1
14.ApGCIPl98	Análise das respostas obtidas dos agricultores	1
15.ApGCIPl98	Histórico dos Agrotóxicos	1
16.ApGGEPl98	Proposta Político-Educacional do Município de Porto Barreiro	1
17.ApGGEPl98	Resultado da Reunião com os membros dos Conselhos Escolares	1
18.ApGGEPl98	Estrutura e Funcionamento do Órgão Municipal de Educação	1

19.ApGGEPl98	Síntese sobre o encontro com os pais, APM e Conselho Escolar	1
20.ApGHGPl98	Síntese das entrevistas com moradores antigos	1
21.ApGMAPl98	Síntese das entrevistas com o engenheiro, agricultores e agrônomo	1
22.ApMGR97	Curso: Planejamento	1
23.ApMGRP99	Curso: Currículo	1
24.ApMZ97	Curso: Educação Especial	1
25.ApNMMK99	Curso: Língua Portuguesa	1
26.ApNT97	Curso: Língua Portuguesa	1
27.ApRK97	Curso: Teatro	1
28.ApWS97	Curso: Geografia	1
	TOTAL	28

Cr - Cursos ministrados em 97/98

1.CrAJ98	História	1
2.CrAJ99	Currículo de História e Geografia	1
3.CrAJMT97	História	1
4.CrAL99	Currículo de Ciências	1
5.CrCL97	Alfabetização	1
6.CrCL98	Alfabetização	1
7.CrCLNM99	Currículo de Língua Portuguesa	1
8.CrDG97	Matemática	1
9.CrDG99	Currículo de Matemática	1
10.CrEL97	Feira de Ciências	1
11.CrESRP97	Nova LDB	1
12.CrMGRP97	Planejamento	1
13.CrMGRP99	Currículo	1

14.CrMZ97	Educação Especial	1
15.CrNMMK99	Língua Portuguesa	1
16.CrNT97	Língua Portuguesa	1
17.CrRK97	Teatro	1
18.CrWS97	Geografia	1
	TOTAL	18

Di - Diário de Campo

1.DiMG97	Diário de Campo nº 1	1
2.DiMG97	Diário de Campo nº 2	1
3.DiMG97	Diário de Campo nº 3	1
4.DiMG98	Diário de Campo nº 4	1
5.DiMG98	Diário de Campo nº 5	1
6.DiMG98	Diário de Campo nº 6	1
7.DiMG98	Diário de Campo nº 7	1
8.DiMG99	Diário de Campo nº 8	1
9.DiMG99	Diário de Campo nº 9	1
10.DiMG99	Diário de Campo nº 10	1
	TOTAL	10

Índice dos Diários de Campo

Diário nº 01 - 1997

1. 1ª Visita a Porto Barreiro - Curso sobre Planejamento..... p. 1
2. 2ª Visita a Porto Barreiro - Reunião: Maria da Glória, Regina, Edélcio, Secretária de Educação e Prefeito..... p. 32
3. 3º Encontro com o pessoal de Porto Barreiro: Maria da Glória, Regina, Edélcio, Prefeito e sua esposa , Secretária de Educação..... p. 49
4. Assinatura do Convênio UNICENTRO/ Porto Barreiro - 1º Curso

ministrado ..... p. 50
5. Avaliação do Curso de Língua Portuguesa..... p. 81
6. Texto a pesquisa é sua (MG)..... p. 84
7. Curso de Alfabetização em Porto Barreiro..... p. 95
8. Avaliação do Curso de Alfabetização..... p. 105
9. Transcrição da fita - Entrevista com os/as professores/as de Porto Barreiro..... p. 113
10. Curso de Ciências..... p. 153
11. Curso de Matemática..... p. 161
12. Oficina de Teatro..... p. 161
13. Avaliação do Curso de Ciências..... p. 172
14. Curso e Avaliação de Matemática ..... p. 183
15. Avaliação da Oficina de Teatro..... p. 194
16. Curso de História ..... p. 204
17. Avaliação do Curso de História ..... p. 218

Diário nº 02 - 1997

1. Defesa de Otavio Madamer..... p. 1
2. Transcrição da Entrevista com Zeichner..... p. 7
3. Transcrição da Palestra Tendências Investigativas na Formação de Professores - Zeichner..... p. 18
4. Anotações sobre apresentação do trabalho de Adriana Dickel - ANPED/97..... p. 30
5. Programa Horizonte (Aventurando-se no Conhecimento)..... p. 32
6. Transcrição da Palestra Tendências Investigativas na Formação de Professores - proferida por Gimeno Sacristan - 20º ANPED..... p. 42
7. Transcrição da Conferência Professor reflexivo. K. Zeichner - 20º ANPED..... p. 43
8. Transcrição da Orientação da Profª Drª. Corinta Maria Grisólia Geraldi..... p. 56

9. 1º texto que produzi sobre o professor reflexivo, baseado em Zeichner..... p.68
10. Transcrição da Orientação da Profª Drª. Corinta Maria Grisólia Geraldi - 1º esboço do Projeto de Tese..... p.92

Diário nº 03 - 1997

1. Curso sobre Nova LDB..... p. 1
2. Avaliação do Curso sobre a Nova LDB..... p. 20
3. Curso de Geografia..... p. 28
4. Avaliação do Curso de Geografia..... p. 37
5. Curso de Educação Especial ..... p. 40
6. Reunião do PPCP - 11/12/97..... p. 46
7. Transcrição da fita da reunião do dia 11/12/97..... p. 58

Diário nº 04 - 1997/98

1. Continuação da Transcrição da fita da reunião do dia 11/12/97..... p. 1
2. Reunião do PPCP (anotações)..... p. 31
3. Transcrição da fita da reunião com a Secretária de Educação para continuação do Convênio - 17/12/97..... p. 32
4. Anotações da reunião com a Secretária de Educação para continuação do Convênio, no dia 17/12/97 ..... p. 52
5. Anotações da reunião 22/12/97- PPCP ..... p. 58
6. Transcrição da fita Implantação do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento" - 05/02/98..... p. 59
7. Anotações da reunião do PPCP - 26/03/98..... p. 108
8. Transcrição da fita da reunião do PPCP - dia 26/03/98..... p. 108
9. Transcrição da reunião com os Grupos de Pesquisa - 27/03/98..... p. 134

Diário nº 05 - 1998

1. Transcrição da fita da Reunião do PPCP - dia 16/04/98..... p. 1

2. Transcrição da fita da Reunião do grupo de Gestão Educacional/98..... p. 47
3. Continuação das fitas da Reunião do grupo de Gestão Educacional/98 p. 63

Diário nº 06 - 1998

1. Rascunho do Texto Implantação do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento" ..... p. 1
2. Rascunho do Texto Professor Pesquisador ..... p. 11
3. Sistematização do Texto Implantação do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento" p. 15 .....
4. Anotações do Encontro do GEPEC - 02/98..... p. 25
5. Anotações da Reunião do PPCP ..... p. 56
6. Reunião do Grupo de Gestão Educacional 04/98 ..... p. 57
7. Anotações sobre o 1º Encontro com os Grupos de Pesquisas..... p. 75
8. Reunião do PPCP - 16/04/98 (Anotações)..... p. 80
9. Pauta para Reunião do PPCP - 23/04/98..... p. 82
10. Anotações da Reunião do PPCP - 23/04/98..... p. 84
11. Ida a Porto Barreiro em 28/04/98..... p. 85
12. Anotações da Reunião do PPCP - 28/05/98..... p. 95
13. Encontro dos Grupos de Pesquisa em Porto Barreiro - 29/05/98..... p. 96
14. Conversa com a Profª. Regina em 18/06/98..... p. 104
15. Reunião do PPCP - 25/06/98 (Anotações)..... p. 106
16. Reunião dos Grupos de Pesquisa em Porto Barreiro 26/06/98..... p. 107
17. Reunião do Grupo de Pesquisa Gestão Educacional..... p. 114
18. Reunião do PPCP - 09/07/98 (Anotações)..... p. 115
19. Reunião dos Grupos de Pesquisa em Porto Barreiro 10/07/98..... p. 115
20. I Seminário do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento" (Anotações)..... p. 118

Diário nº 07 - 1998

1. Anotações da avaliação do Curso de História 22/07/98..... p. 1
2. Anotações da Reunião do PPCP - 06/08/98..... p. 6
3. Avaliação e Programa do Curso de Alfabetização..... p. 6
4. Reunião do PPCP - 13/08/98..... p. 25
5. Reunião do PPCP - 21/08/98..... p. 27
6. Reunião do PPCP - 27/08/98..... p. 32
7. Encontro dos Grupos de Pesquisa em Porto Barreiro - 03/09/98..... p. 49
8. Reunião do PPCP - 10/09/98..... p. 51
9. Reunião do PPCP - 01/10/98..... p. 52
10. Encontro dos Grupos de Pesquisa em Porto Barreiro - 02/10/98..... p. 52
11. Semana Cultural de Porto Barreiro - 07/10/98..... p. 55
12. Encontro com o Prof. Dr. Dario Fiorentini em 19/10/98..... p. 56
13. Reunião do PPCP - 05/10/98..... p. 57
14. Reunião do PPCP - 12/11/98..... p. 58
15. Encontro dos Grupos de Pesquisa em Porto Barreiro ..... p. 59
16. Reunião do PPCP - 16/11/98..... p. 60
17. Reunião do Grupo de Gestão Educacional 16/11/98..... p. 62
18. Pauta para a Reunião do PPCP 19/11/98..... p. 71
19. Reunião do PPCP - 23/11/98..... p. 74
20. Encontro dos Grupos em Porto Barreiro 26/11/98..... p. 76
21. Reunião do PPCP - 03/12/98..... p. 85
22. Reunião do PPCP - 10/12/98..... p. 86
23. Relação dos materiais usados no II Seminário..... p. 103
24. II Seminário do Aventurando-se no Conhecimento..... p. 106
25. Reunião com a Secretária de Porto Barreiro e auxiliares 22/12/98 ..... p. 106
26. Reunião do PPCP - 04/02/98..... p. 111
27. Transcrição da Orientação da Profª. Drª. Corinta Maria Grisólia Geraldi 09/98..... p. 130

Diário nº 08 - 1999

1. Curso de Ciências 11/02/99 ..... p. 1
2. Curso de Língua Portuguesa 12/02/99..... p. 11
3. Reunião do PPCP - 25/02/99..... p. 17
4. Reunião do PPCP - 04/03/99..... p. 19
5. Reunião do PPCP - 11/03/99..... p. 20
6. Reunião do PPCP - 18/03/99..... p. 21
7. Reunião do PPCP - 25/03/99..... p. 21
8. Encontro dos Grupos de Pesquisa em Porto Barreiro..... p. 22
9. Orientações que a Profª. Ana Lúcia enviou para o Grupo ..... p. 24
10. Encontro do Grupo de Gestão Educacional ..... p. 25
11. Reunião do PPCP - 08/04/99..... p. 25
12. Reunião do PPCP - 15/04/99..... p. 26
13. Reunião do PPCP - 22/04/99..... p. 28
14. Reunião com o pessoal de Porto Barreiro - 23/04/99..... p. 30
15. Reunião do PPCP - 29/04/99..... p. 32
16. Reunião do PPCP - 06/05/99..... p. 32
17. Reunião do PPCP - 11/05/99..... p. 34
18. Reunião do Grupo de Gestão Educacional 23/04/99..... p. 36
19. Reunião do PPCP - 24/06/99..... p. 36
20. III Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento"..... p. 37
21. Reunião do PPCP - 27/06/99..... p. 37
22. COLE - Campinas 19/07/99..... p. 38
23. Encontro com os Grupos de Pesquisa ..... p. 39
24. Reunião DEDUC 16/09/99..... p. 40
25. Reunião do PPCP - 16/09/99..... p. 41
26. Reunião do PPCP - 23/09/99..... p. 43
27. Reunião do PPCP - 30/09/99..... p. 44

Diário nº 09 - 1999

1. Transcrição da Orientação da Profª Drª. Corinta Maria Grisólia Geraldi 10/09/99..... p. 1
2. Transcrição do Exame de Qualificação 09/09/99..... p. 81

Diário nº 10 - 1999

1. Continuação da transcrição da Fita nº 21 - I Seminário do Aventurando-se no Conhecimento, 20/07/98..... p. 1
2. Transcrição da Fita nº 22 - Reunião do PPCP em, 17/09/98..... p. 5
3. Transcrição da Fita nº 23 - Reunião do Grupo do PPCP, Grupo de Porto Barreiro com a Profª. Corinta, em 16/11/98..... p. 7
4. Transcrição da Fita nº 24 - Reunião do Grupo do PPCP, Grupo de Porto Barreiro com a Profª Corinta em 16/11/98..... p. 17
5. Transcrição da Fita nº 25 - Reunião do Grupo do PPCP, Grupo de Porto Barreiro com a Profª. Corinta, em 16/11/98..... p. 56
6. Transcrição da Fita nº 26 - Reunião do Grupo do PPCP, Grupo de Porto Barreiro com a Profª. Corinta, em 16/11/98..... p. 93
7. Continuação da transcrição da Fita nº 26 - Reunião do Grupo do PPCP, Grupo de Porto Barreiro com a Profª. Corinta, em 16/11/98.... p. 95
8. Transcrição da Fita nº 27 - Reunião do Grupo do PPCP, Grupo de Porto Barreiro com a Profª. Corinta, em 16/11/98..... p. 111
9. Transcrição da Fita nº 28 - II Seminário do Aventurando-se no Conhecimento em 18/12/98 - Porto Barreiro..... p. 121
10. Transcrição da Fita nº 29 - Continuação do II Seminário do Aventurando-se no Conhecimento em 18/12/98 - Porto Barreiro..... p. 130
11. Transcrição da Fita nº 30 - III Seminário do Aventurando-se no Conhecimento em 25/06/99 ..... p. 135
12. Transcrição da Fita nº 31 - Apresentação dos trabalhos no COLE - Grupo de Gestão Educacional..... p. 142

13. Transcrição da Fita nº 32 - Continuação da apresentação do Grupo de Gestão Educacional..... p. 157
14. Transcrição da Fita nº 33 - Apresentação da Comunicação: Aventurando-se no Conhecimento, 21/07/99..... p. 158
15. Transcrição da Fita nº 34 - Seminário de Pesquisa na UNICENTRO, em 20/10/99..... p. 160
16. Transcrição da Fita nº 35 - Seminário de Pesquisa na UNICENTRO, em 20/10/99..... p. 179
17. Continuação da Fita nº 35 - Seminário de Pesquisa na UNICENTRO, em 20/10/99..... p. 187
18. Transcrição de algumas falas interessantes da Fita de Vídeo nº 1 - I Seminário do Aventurando-se no Conhecimento, em 20/07/98..... p. 197
19. Transcrição de algumas falas interessantes da Fita de Vídeo nº 2 - I Seminário do Aventurando-se no Conhecimento, em 20/07/98..... p. 199
20. Transcrição da Fita de Vídeo nº 3 - I Seminário do Aventurando-se no Conhecimento, em 20/07/98..... p. 201

Ds - Documentos preparatórios aos Seminários de Pesquisa

1.DsAL99[130]	ANPED	1
2.DsGALPl98/99	I, II e III Seminários do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento"	3
3.DsGALPl99	COLE	1
4.DsGALPu98/99	I, II e III Seminários do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento"	3

[130] Trabalho em parceria com Antonio Carlos R. Amorim (Unicamp) e Maria Helena Salgado (Unicamp).

5.DsGALPu99	COLE	1
6.DsGCIPl98/99	I, II e III Seminários do Projeto “ Aventurando-se no Conhecimento”	3
7.DsGCIPl99	COLE	1
8.DsGCIPl99	XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
9.DsGCIPu98/99	I, II e III Seminários do Projeto “ Aventurando-se no Conhecimento”	3
10.DsGCIPu99	COLE	1
11.DsGCIPu99	XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
12.DsGGEPf99	XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
13.DsGGEPl98/99	I, II e III Seminários do Projeto “ Aventurando-se no Conhecimento”	3
14.DsGGEPl99	COLE	1
15.DsGGEPu98/99	I, II e III Seminário do Projeto “ Aventurando-se no Conhecimento”	3
16.DsGGEPu99	XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
17.DsGGEPu99	COLE	1
18.DsGHGPl98/99	I, II e III Seminários do Projeto “ Aventurando-se no Conhecimento”	3
19.DsGHGPl99	COLE	1
20.DsGHGPl99	XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
21.DsGHGPu98/99	I, II e III Seminários do Projeto “ Aventurando-se no Conhecimento”	3
22.DsGHGPu99	COLE	1
23.DsGHGPu99	XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
24.DsGMAPl98/99	I, II e III Seminários do Projeto “ Aventurando-se no Conhecimento”	3
25.DsGMAPl99	COLE	1
26.DsGMAPl99	XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1

27.DsGMAPu98/99	I, II e III Seminários do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento"	3
28.DsGMAPu99	COLE	1
29.DsGMAPu99	XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
30.DsMG98	II Seminário dos Grupos de pesquisa - FE-GEPEC-Unicamp	1
31.DsMG98	X Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
32.DsMG98	Palestra no DEDUC e CES	1
33.DsMG98	Palestra para alunos de Especialização em Administração	1
34.DsMG98	Implantação do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento", Porto Barreiro	1
35.DsMG99	COLE	1
36.DsMG99	ANPED	2
37.DsMG99	XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	2
38.DsMGGEPEC98[131]	ENDIPE	1
	TOTAL	60

Eg - Encontros dos grupos de pesquisas de Porto Barreiro com os professores/as facilitadores/as - até julho de 1999.

1.EgGAL98	Alfabetização e Língua Portuguesa	11
2.EgGAL99	Alfabetização e Língua Portuguesa	5
3.EgGCI98	Ciências	11
4.EgGCI99	Ciências	5
5.EgGGE98	Gestão Educacional	12
6.EgGGE99	Gestão Educacional	5

[131] Trabalho em parceria com a Profª Drª. Corinta Maria Grisólia Geraldi (Unicamp) e Miriam D. S. Guerra (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

7.EgGHG98	História e Geografia	11
8.EgGHG99	História e Geografia	5
9.EgGMA98	Matemática	9
10.EgGMA99	Matemática	5
11.EgPPCP98	Implantação do projeto "Aventurando-se no Conhecimento	1
	TOTAL	80

Et - Entrevistas

1.EtGCIPlPu98	Agricultores e comerciantes	10
2.EtGEPEC97	Kenneth M. Zeichner	1
3.EtGGEPu97	Secretária de Educação, Prefeito e Professores/as	3
4.EtGHGPl98	Antigos moradores do Município	5
5.EtMG97	Professores/as de Porto Barreiro	3
6.EtMG98	Grupo do PPCP	2
7.EtMGMAPlPu98	Engenheiro, agrônomo e pais agricultores	8
	TOTAL	32

Fv - Fitas de vídeo com gravações de reuniões, seminários e outros eventos.

Fc - Fitas cassetes com gravações de reuniões, seminários e outros eventos.

1.FvPPCP98	I Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento"	3
2.FvWSRP97	Clip	1
3.FvGAL99	Clip: Resgate de ações dos Grupos (IV Seminário do Aventurando-se, 10/12/99	1
4.FcGEPEC97	Entrevista com Ken Zeichner - Hotel Glória. Caxambu, MG	2

5.FcMG97	Cursos	2
6.FcMG97	Reuniões do PPCP	9
7.FcMG97	Orientação Profª Drª Corinta Maria Grisólia Geraldi, set - Caxambu	4
8.FcMG97	Tendências Investigativas na Formação de Professores - 20ª Reunião da ANPED - Caxambu. Palestra proferida por Anne Marie Chartier - INRP	1
9.FcMG97	O professor reflexivo. 20ª Reunião da ANPED. Conferência proferida por Kenneth Zeichner	2
10.FcMG97	Tendências Investigativas na Formação de Professores - 20ª Reunião da ANPED - Caxambu. Palestra proferida por Kenneth Zeichner	2
11.FcMG97	Tendências Investigativas na Formação de Professores - 20ª Reunião da ANPED - Palestra proferida por Gimeno Sacristan	2
12.FcMG97	Seminário GEPEC para produção do livro Cartografias do Trabalho Docente	3
13.FcMG98	Implantação do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento"	2
14.FcMG98	Encontro com os Grupos de Pesquisa de Porto Barreiro	8
15.FcMG98	I Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento"	1
16.FcMG98	II Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento"	2
17.FcMG98	Encontro Profª Drª Corinta Maria Grisólia Geraldi com os grupos	5
18.FcMG98	Orientação Profª Drª Corinta Maria Grisólia Geraldi, set - Campinas	3

19.FcMG99	III Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento"	1
20.FcMG99	COLE	3
21.FcMG99	Orientação Profª Drª Corinta Maria Grisólia Geraldi, set - Campinas	3
22.FcMG99	Exame de Qualificação	4
23.FcMG99	XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	2
24.FcMG99	IV Seminário do Aventurando-se no Conhecimento	2
	TOTAL	68

a. Relação de Fitas de Vídeo com reuniões, Seminários e outros eventos que envolveram professores/as do PPCP e Porto Barreiro

1.Fv nº 01	I Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento" - 20/07/98
2.Fv nº 02	I Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento" - 20/07/98
3.Fv nº 03	I Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento" - 20/07/98
4.Fv nº 04	Clip que as Professoras Wanda e Regina elaboraram em dez/1997.
5.Fv nº 05	Clip: Resgate de ações dos Grupos (IV Seminário do Aventurando-se, 10/12/99, elaborada pelo Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa.

b. Relação de Fitas Cassetes com reuniões, Seminários e outros eventos que envolveram professores/as do PPCP e Porto Barreiro

1.Fc nº 01	Assinatura do Convênio em 10/04/97 e Curso de Alfabetização 08/05/97
2.Fc nº 02	Curso de Alfabetização e entrevista com 03 professoras de Porto Barreiro em 08/05/97
3.Fc nº 03	Reunião do PPCP - Avaliação dos cursos ministrados em 1997 - 11/12/97
4.Fc nº 04	Continuação da Reunião do PPCP - Avaliação dos cursos ministrados em 1997 - 11/12/97
5.Fc nº 05	Reunião do PPCP com a Secretária de Educação do Município de Porto

	Barreiro, Ivone Kerber e suas auxiliares em 17/12/97
6.Fc nº 06	Implantação do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento" em 05/02/98
7.Fc nº 07	Implantação do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento" em 05/02/98
8.Fc nº 08	Reunião do PPCP no dia 26/03/98
9.Fc nº 09	1º Encontro dos grupos de pesquisas de Porto Barreiro com os professores facilitadores em 27/03/98
10.Fc nº 10	Reunião do PPCP dia 16/04/98
11.Fc nº 11	Continuação da Reunião do PPCP dia 16/04/98
12.Fc nº 12	Reunião do PPCP dia 23/04/98
13.Fc nº 13	Encontro dos/as professores/as facilitadores/as com o Grupo de Gestão Educacional em 28/04/98
14.Fc nº 14	Continuação do Encontro dos/as professores/as facilitadores/as com o Grupo de Gestão Educacional em 28/04/98
15.Fc nº 15	Encontro dos/as professores/as facilitadores/as com o Grupo de Gestão Educacional em 26/05/98
16.Fc nº 16	Continuação do Encontro dos/as professores/as facilitadores/as com o Grupo de Gestão Educacional em 26/05/98
17.Fc nº 17	Encontro de todos os Grupos em Porto Barreiro com os/as professores/as facilitadores/as em 29/05/98
18.Fc nº 18	Continuação do Encontro de todos os Grupos em porto Barreiro com os/as professores/as facilitadores/as em 29/05/98
19.Fc nº 19	Reunião do PPCP em 25/06/98
20.Fc nº 20	Reunião dos Grupos em Porto Barreiro, em 26/06/98
21.Fc nº 21	I Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento" - 20/07/98
22.Fc nº 22	Reunião do PPCP em 17/09/98
23.Fc nº 23	Encontro do Grupo do PPCP, dos Grupos de Pesquisas de Porto Barreiro com a Profª. Drª. Corinta Geraldi em 16/11/98

24.Fc nº 24	Encontro do Grupo do PPCP, dos Grupos de Pesquisas de Porto Barreiro com a Profª. Drª. Corinta Geraldi em 16/11/98
25.Fc nº 25	Encontro do Grupo do PPCP, dos Grupos de Pesquisas de Porto Barreiro com a Profª. Drª. Corinta Geraldi em 16/11/98
26.Fc nº 26	Encontro do Grupo do PPCP, dos Grupos de Pesquisas de Porto Barreiro com a Profª. Drª. Corinta Geraldi em 16/11/98
27.Fc nº 27	Encontro do Grupo do PPCP, dos Grupos de Pesquisas de Porto Barreiro com a Profª. Drª. Corinta Geraldi em 16/11/98
28.Fc nº 28	II Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento" - 18/12/98
29.Fc nº 29	II Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento" - 18/12/98
30.Fc nº 30	III Seminário do Projeto " Aventurando-se no Conhecimento" - 25/06/99
31.Fc nº 31	Abertura do I Seminário de Leitura e Produção do Ensino Superior - Profª. Corinta Geraldi, em 20/07/99 - COLE
32.Fc nº 32	COLE - Apresentação do Grupo de Gestão Educacional - 20/07/99
33.Fc nº 33	COLE - Apresentação do texto: Aventurando-se no Conhecimento: a pesquisa-ação como eixo-norteador da formação continuada de professores/as universitários/as e professores/as do ensino fundamental - 21/07/99
34.Fc nº 34	Seminário de Pesquisa da UNICENTRO em 20/10/99 - Apresentação dos Grupos de Gestão Educacional, de Matemática, de História e Geografia, Ciências
35.Fc nº 35	Seminário de Pesquisa da UNICENTRO em 20/10/99 - Apresentação do Grupo de Ciências e minha fala e do Prof. Edélcio Stroparo.
36.Fc nº 36	IV Seminário do Aventurando-se em 10/12/99
37.Fc nº 37	IV Seminário do Aventurando-se em 10/12/99
38.Fc nº 38	Orientações da Professora Corinta
39.Fc nº 39	Exame de Qualificação

Fl - Formulários

1.FlPPCP97	Acompanhamento dos cursos	18
	TOTAL	18

Hv - História de vida

1.HvGMA98	Vida Profissional dos Professores de Porto Barreiro	07
2.HvMG98	Professores/as de Porto Barreiro	37
	TOTAL	44

Me - Memória Educativa

1.MeMG97	Professores/as de Porto Barreiro	30
	TOTAL	30

Od - Outros Documentos

1.OdPÓS-G98	Relação de Dissertações do Curso de Mestrado em Educação - Metodologia de Ensino	1
2.OdPPCP97/98/99	Ofícios	10
3.OdUNICENTRO95	Histórico da UNICENTRO	1
4.OdUNICENTRO97/98/99	Documentos do Convênio UNICENTRO e Porto Barreiro	3
	TOTAL	15

Op - Outras Produções

1.OpGAL98	Cartazes, álbuns e várias sugestões de materiais didáticos	10
2.OpGALPl97/98	Desenhos, cartazes, fantoches, álbuns, jogos	30

3.OpGALPu97/98	Transparências para os cursos de Alfabetização	10
4.OpGAL99	Jogral (IV Seminário do Aventurando-se, 10/12/99	1
5.OpGCI97/98/99	Maquetes, experimentos para feira de Ciências	10
6.OpGCIPl/98	Paródia: Roceiro da Porteira	1
7.OpGCIPl98	Teatro sobre o uso adequado dos Agrotóxicos	1
8.OpGCIPu99	Transparências para o COLE	10
9.OpGCI99	Transparências: Síntese do trabalho realizado (IV Seminário do Aventurando-se, 10/12/99	10
10.OpGGEPl/98	Quadro demonstrativo da situação funcional dos professores do ano de 1997	1
11.OpGGEPl/98/99	Seleção de músicas para os I, II e III Seminários do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento"	30
12.OpGGEPu97	Transparências para os cursos de Planejamento e Nova LDB	6
13.OpGGEPu98	Transparências para os I e II Seminários do Aventurando-se no Conhecimento	6
14.OpGGEPu99	Transparências para o COLE	12
15.OpGHG/98	Agradecimento à Secretária da Educação Ivone P. Kerber	1
16.OpGHGPl97	Desenho de mapas do Município	6
17.OpGMAPl98/99	Maquetes para o I e II Seminários do Aventurando-se no Conhecimento	2
18.OpGMAPu99	Transparências para o COLE	3
19.OpGSPl/98	Mensagem para a Secretária de Educação de Porto Barreiro	1
20.OpLOPl/98	Mensagem para a Secretária de Educação de Porto Barreiro	1
21.OpMG98	Transparências para o II Seminário de Pesquisa da FE	13

22.OpMG99	Transparências para o COLE	6
23.OpPl/98	Texto: Você é um milagre de Deus. Homenagem feita pelos/as professores/as à Secretária da Educação de Porto Barreiro	1
	TOTAL	172

Pe - Painel

1.PeGCIPl98	Atividades do Grupo	1
2.PeGCIPl98	Componentes do Grupo	1
3.PeGCIPl98	Ações do grupo a partir do Diagnóstico da Problemática dos Agrotóxicos no Município	1
4.PeGCIPl98	Ações junto à Comunidade, o que se pretende organizar	1
5.PeGCIPl98	Ações junto à Escola, o que pretende organizar	1
6.PeGCIPl98	Reuniões semanais do Grupo na Escola	1
7.PeGCIPl98	Reuniões do Grupo com a professora facilitadora	1
8.PeGCIPl98	Dificuldades encontradas pela professora	1
9.PeGCIPl98	Atividades pedagógicas	1
10.PeGGEPl98	Síntese de todas as atividades desenvolvidas pelo Grupo de Gestão Educacional	2
11.PeGHGPl99	História de vida do Prefeito José Crotti	1
12.PeGHGPl99	Cartas, fotos e outros objetos pertencentes aos antigos moradores de Porto Barreiro	3
13.PeMGPu99	Síntese das atividades dos grupos de Pesquisas	1
	TOTAL	16

Pp - Projetos

1.PpAJ97	Tese de Doutorado	1
2.PpAL99	Tese de Doutorado	1
3.PpGALPl98	Alfabetização: Um processo em construção	1
4.PpGGEPl98	Proposta Político-Educacional do Município de Porto Barreiro	1
5.PpGALPl99	Práticas sociais de leitura e de escrita	1
6.PpGHGPl98	Aspectos Históricos e Geográficos de Porto Barreiro e Região (1850-1997)	1
7.PpGMA98	Medidas Agrárias	1
8.PpMG97	Aventurando-se no Conhecimento	1
9.PpMG98	Tese de Doutorado	1
10.PpPCIPl97	Porto Barreiro: Semeando o futuro de uma Educação Construída Coletivamente	1
11.PpPCIPl98	Diagnóstico da Problemática dos Agrotóxicos no Distrito de Porto Santana do Município de Porto Barreiro	1
12.PpPPCP92	Projeto do Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
13.PpPPCP93	Projeto do Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
14.PpPPCP94	Projeto do Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
15.PpPPCP95	Projeto do Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
16.PpPPCP96	Projeto do Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
17.PpPPCP97	Projeto do Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
18.PpPPCP98	Projeto do Programa Permanente de Capacitação de	

	Professores da Rede Pública	1
19.PpRP99	Para exame de seleção de Doutorado	1
20.PpWS98	Tese de Doutorado	1
	TOTAL	20

Qu - Questionários

1.QuESRP98	Estrutura do sistema educacional do Município	03
2.QuGAL99	Referente ao tipo de leitura realizada	80
3.QuGCI98	Como os agricultores utilizam os agrotóxicos	08
4.QuGGEOME98	Sugestões das pessoas que compõem os Conselhos Escolares, pais, vereadores, alunos/as para elaboração da Proposta Político-Educacional do Município	30
5.QuGGEOME98	Sugestões dos/as professores/as do Ensino Fundamental de Porto Barreiro para troca de experiências	37
6.QuGGEOME98	Sugestões dos pais para a Proposta Político-Educacional do Município	35
7.QuGGEOME98	Sugestões dos docentes para "A construção do Projeto Político-Pedagógico"	33
8.QuMG98	Participação no PPCP e no Projeto "Aventurando-se no Conhecimento"	15
9.QuMG98	Opinião sobre o Projeto: "Porto Barreiro: Semeando o futuro de uma Educação construída coletivamente" e os dois sub-projetos que o constituem "Professor aprendendo e educando" e o "Aventurando-se no Conhecimento"	36
10.QuMG99	Participação no PPCP e no Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento"	10

11.QuMG99	Opinião sobre o Projeto: "Porto Barreiro: Semeando o futuro de uma Educação construída coletivamente" e os dois sub-projetos que o constituem "Professor aprendendo e educando" e o "Aventurando-se no Conhecimento"	37
12.QuPPCP92	Disponibilidade dos professores/as para participação do projeto	30
13.QuPPCP92	Expectativas e sugestões dos professores/as das escolas públicas de Guarapuava	90
14.QuPPCP92	Dificuldades dos/as alunos/as das escolas públicas de Guarapuava	100
15.QuPPCP92	Estrutura das Escolas	20

Tipos de Questionários = 13

Questionários distribuídos = 564

OBS.: Os questionários do item 8 e 10 são iguais, porém foram distribuídos em momentos diferentes. Idem para os do item 9 e 11.

Re - Relatórios

1.ReAJ97	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
2.ReAJ97	CAPES	2
3.ReAJ98	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
4.ReAJ98	CAPES	2
5.ReAJ99	Dedicação Exclusiva (TIDE)	1
6.ReAJ99	CAPES	1
7.ReAL97	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
8.ReAL98	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
9.ReAL98	CAPES	2
10.ReAL99	Dedicação Exclusiva (TIDE)	1
11.ReAL99	CAPES	1

12.ReCL97	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
13.ReCL98	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
14.ReCL99	Dedicação Exclusiva (TIDE)	1
15.ReDG97	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
16.ReDG98	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
17.ReDG99	Dedicação Exclusiva (TIDE)	1
18.ReGAL98	Atividades do "Aventurando-se no Conhecimento"	2
19.ReGCI98	Atividades do "Aventurando-se no Conhecimento"	2
20.ReGGE98	Atividades do "Aventurando-se no Conhecimento"	2
21.ReGGEOME98	Estrutura e Funcionamento do Sistema Educacional de Porto Barreiro	1
22.ReGHG98	Atividades do "Aventurando-se no Conhecimento"	2
23.ReGMA98	Atividades do "Aventurando-se no Conhecimento"	2
24.ReMG97	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
25.ReMG97	CAPES	2
26.ReMG98	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
27.ReMG98	CAPES	2
28.ReMG98	Atividades anuais do Projeto "Porto Barreiro: Semeando o futuro de uma Educação construída coletivamente", constituído pelos sub-projetos "Professor aprendendo e educando" e o "Aventurando-se no Conhecimento"	1
29.ReMG99	Dedicação Exclusiva (TIDE)	1
30.ReMG99	CAPES	1
31.RePPCP92	Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
32.RePPCP93	Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
33.RePPCP94	Programa Permanente de Capacitação de Professores	

	daRede Pública	1
34.RePPCP95	Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
35.RePPCP96	Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
36.RePPCP97	Atividades anuais do sub-projeto "Professor Aprendendo e educando"	1
37.RePPCP97	Situação Atual da Educação no Município de Porto Barreiro e algumas perspectivas	1
38.RePPCP97	Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
39.RePPCP98	Situação Atual da Educação no Município de Porto Barreiro e algumas perspectivas	1
40.RePPCP98	Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública	1
41.ReWS97	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
42.ReWS98	Dedicação Exclusiva (TIDE)	2
43.ReWS98	CAPES	2
44.ReWS99	Dedicação Exclusiva (TIDE)	1
45.ReWS99	CAPES	1
	TOTAL	68

Ru - Reuniões dos professores/as do PPCP nos anos de 1997, 1998 até julho de 1999.

1.RuPPCP97	Discussão sobre cursos ministrados ou a ministrar	33
2.RuPPCP98	Discussão sobre cursos ministrados ou a ministrar. Sobre os Grupos de Pesquisas e Estudos	36
3.RuPPCP99	Discussão sobre cursos ministrados ou a ministrar. Sobre os Grupos de Pesquisas, Estudos e participação	18

	em eventos.	
	TOTAL	87

St - Sistematização/produções/textos

1.StALPu97	Reflexos da Disciplina Ensino e Aprendizagem na prática pedagógica	1
2.StGALPl99	Pesquisando sobre a alfabetização ou alfabetizando-se na pesquisa (um olhar)	1
3.StGALPu99	Pesquisando sobre a alfabetização ou alfabetizando-se na pesquisa (outro olhar)	1
4.StGCI98	Textos coletivos dos alunos da 2ª série da Escola Padre Antonio Gallo	10
5.StGCI98	Síntese das entrevistas com os agricultores	1
6.StGCIPl99	Pesquisando em Ciências: uma produção coletiva a partir do cotidiano (o olhar das professoras)	1
7.StGCIPu99	Aprendendo e pesquisando em Ciências com professoras leigas do ensino fundamental	1
8.StGEPEC98	Livro: Cartografias do Trabalho Docente: professor/a pesquisador/a	1
9.StGGE99Pl	Acertando o passo: construção da Proposta Político-educacional do Município de Porto Barreiro (outro olhar)	1
10.StGGE99Pu	Acertando o passo: construção da Proposta Político-educacional do Município de Porto Barreiro (um olhar)	1
11.StGGEPl98	O que tínhamos, o que se fez e metas	1
12.StGGE99	Proposta Político-Educacional: Educação do Município de Porto Barreiro - Gestão 1997-2000 (IV Seminário do Aventurando-se no	

	Conhecimento)	1
13.StGHG98	Esboços do livro sobre a História do Município de Porto Barreiro	1
14.STGHG99	Livro de História. Um pouco de História e Geografia de um povo: uma experiência de construção do conhecimento por professoras e professores do Ensino Fundamental de Porto Barreiro. (IV Seminário do Aventurando-se)	1
15.StGMA99	Apostila sobre Medidas Agrárias	1
16.StGMA99	Medidas Agrárias: a Matemática da vida presente na Matemática da escola. (IV Seminário do Aventurando-se no Conhecimento)	1
17.StGHGPl99	O ensino e a pesquisa em Porto Barreiro	1
18.StGHGPu99	Aspectos Históricos e Geográficos de Porto Barreiro e Região (1850-1997)	1
19.StGMAPl99	A matemática da vida presente na matemática da escola	1
20.StGMAPu99	Matemática: aonde está significado	1
21.StIK95[132]	Livro: As plantas, nossas amigas	1
22.StMG97	Texto: Recordar é viver	1
23.StMG98	Texto: A pesquisa é sua	1
24.StMG98	Texto: Formação do Professor	1
25.StMG98	Texto: Considerações sobre a Pesquisa	1
26.StMG98	Texto: Implantação do Projeto Aventurando-se no Conhecimento	1
27.StMG98	Texto: Aventurando-se no Conhecimento: o processo de constituição de um grupo de professores/as universitários/as, que se produziram	

[132] Organização em parceria com Jaqueline Evangelista Dias.

	no trabalho de Educação continuada como pesquisadores/as através da pesquisa-ação	1
28.StMG98	Resumo: Aventurando-se no Conhecimento: o processo de constituição de um grupo de professores/as universitários/as, que se produziram no trabalho de Educação continuada como pesquisadores/as através da pesquisa-ação	1
29.StMG98[133]	Artigo: Refletindo com Zeichner: Um encontro orientado por preocupações políticas, teóricas e epistemológicas	1
30.StMG99	Texto: Um trabalho de Educação Continuada: da pesquisa de professores/as à produção do currículo	1
31.StMG99	Pôster e resumo: Um trabalho de Educação Continuada: da pesquisa de professores/as à produção do currículo	2
32.StMG99	Texto para exame de qualificação de Doutorado: Aventurando-se no Conhecimento: a pesquisa-ação como eixo norteador da formação continuada de professores/as universitários/as e professores/as do ensino fundamental	1
33.StPPCP95	Atas	15
34.StGGE99	Folder do IV Seminário do projeto Aventurando-se no Conhecimento	1
35.StPPCP95	Boletim Informativo	1
36.StPPCP96	Atas	8
37.StPPCP96	Folder do I, II e III Seminários do Projeto Aventurando-se no Conhecimento	3
38.StPPCP97	Atas	21

[133] Trabalho em parceria com a Profª. Corinta Maria Grisólia Geraldi (Unicamp) e a Profª Miriam D. S. Guerra (UFMT)

39.StPPCP98	Atas	11
40.StPPCP99	Aventurando-se no Conhecimento: a pesquisa-ação como eixo norteador da formação continuada de professores/as universitários/as e professores/as do ensino fundamental	1
	TOTAL	103

Tg - Trabalhos apresentados em Congressos, Encontros e outros eventos

1.TgAL99	Texto para ANPED[134]	1
2.TgGALPl98/99	Textos para os I, II, III e IV Seminários do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento"	4
3.TgGALPl99	Texto para o COLE	1
4.TgGALPu98/99	Textos para os I, II, III e IV Seminários do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento"	4
5.TgGALPu99	Texto para o COLE	1
6.TgGCIPl98/99	Textos para os I, II, III e IV Seminári1os do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento"	4
7.TgGCIPl99	Texto para o COLE	1
8.TgGCIPl99	Texto para XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
9.TgGCIPu98/99	Textos para os I, II, III e IV Seminários do Projeto "Aventurando-se no Conhecimento"	4
10.TgGCIPu99	Texto para o COLE	1
11.TgGCIPu99	Texto para XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
12.TgGGEPf99	Texto para XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
13.TgGGEPl98/99	Textos para os I, II, III e IV Seminários do Projeto	

[134] Trabalho em parceria com Antonio C.R. Amorin (Unicamp) e Maria Helena Salgado (Unicamp)

	“Aventurando-se no Conhecimento”	4
14.TgGGEPl99	Texto para o COLE	1
15.TgGGEPu98/99	Textos para os I, II, III e IV Seminários do Projeto “Aventurando-se no Conhecimento”	4
16.TgGGEPu99	Texto para XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
17.TgGGEPu99	Texto para o COLE	1
18.TgGHGPl98/99	Textos para os I, II, III e IV Seminários do Projeto “Aventurando-se no Conhecimento”	4
19.TgGHGPl99	Texto para o COLE	1
20.TgGHGPl99	Texto para XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
21.TgGHGPu98/99	Textos para os I, II, III e IV Seminários do Projeto “Aventurando-se no Conhecimento”	4
22.TgGHGPu99	Texto para o COLE	1
23.TgGHGPu99	Texto para XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
24.TgGMAPl98/99	Textos para os I, II, III e IV Seminários do Projeto “Aventurando-se no Conhecimento”	4
25.TgGMAPl99	Texto para o COLE	1
26.TgGMAPl99	Texto para XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
27.TgGMAPu98/99	Textos para os I, II, III e IV Seminários do Projeto “Aventurando-se no Conhecimento”	4
28.TgGMAPu99	Texto para o COLE	1
29.TgGMAPu99	Texto para XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	1
30.TgMG98	Texto apresentado no II Seminário dos Grupos de Pesquisa FE-GEPEC - Unicamp	1

31.TgMG98	Texto apresentado no X Seminário de Pesquisa da UNICENTRO.	1
32.TgMG98	Palestra: Formação do professor - DEDUC e CES	1
33.TgMG98	Palestra: Considerações sobre a pesquisa - Curso de Especialização em Administração	1
34.TgMG98	Implantação do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento" - Porto Barreiro	1
35.TgMG99	Texto apresentado no COLE	1
36.TgMG99	Texto e pôster apresentados na ANPED	2
37.TgMG99	Texto e pôster apresentados no XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO	2
38.TgMGGEPEC98 [135]	Painel apresentado no ENDIPE	1
	TOTAL	70

Quadro de distribuição de atividades, documentos envolvidos no processo de pesquisa segundo o Tipo e o Ano de Produção.[136]

Doctos ou Atividades	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	Total
Ap	-	-	-	-	-	-	10	12	06	28
Cr	-	-	-	-	-	-	10	02	06	18
Di	-	-	-	-	-	-	03	04	03	10
Ds	-	-	-	-	-	-	-	26	34	60
Eg	-	-	-	-	-	-	-	55	25	80
Et	-	-	-	-	-	-	07	25	-	32
Fc	-	-	-	-	-	-	27	21	15	63
Fl	-	-	-	-	-	-	18	-	-	18
Fv	-	-	-	-	-	-	1	04	-	05

[135] Trabalho em parceria com a Profª. Corinta Maria Grisólia Geraldi (Unicamp) e a Profª Miriam D. S. Guerra (UFMT)

[136] Nos anos 1992, 1993, 1994, 1995 e 1996, só estão listados os documentos que diretamente interessam à pesquisa, no caso para resgate da História do PPCP, tais como relatórios, projetos, atas e questionários porque o foco principal da pesquisa é a partir de 1998.

Hv	-	-	-	-	-	-	-	44	-	44
Me	-	-	-	-	-	-	30	-	-	30
Od	-	-	-	-	1	-	03	06	05	15
Op	-	-	-	-	-	-	37	77	58	172
Pe	-	-	-	-	-	-	-	11	05	16
Pp	-	1	1	1	1	1	04	08	03	20
Qu	-	240	-	-	-	-	-	197	127	564
Re	-	1	1	1	1	1	19	34	10	68
Ru	-	-	-	-	-	-	33	36	18	87
St	-	-	-	-	17	11	23	33	19	103
Tc	-	-	-	-	-	-	45	-	-	45
Tg	-	-	-	-	-	-	-	26	44	70
TpPl	-	-	-	-	-	-	-	45	46	91
TpPu	-	-	-	-	-	-	-	13	14	27
	-	242	2	2	20	13	270	678	439	1666

ANEXO Nº 2

Relação dos textos usados nos cursos em 1997, dos textos usados na construção do "Aventurando-se no Conhecimento" - 1998 a 1999 e dos textos produzidos no processo.

LÍNGUA PORTUGUESA

TEXTOS USADOS NOS CURSOS – 1997

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Curso de Língua Portuguesa. Guarapuava, 1997 (Apostila digitada)

Textos da Apostila:

1. Autor desconhecido. Os que andam sobre as mãos. Calçado novo e sapatos usados. s.n.t.

2. Avaliação. s.n.t.
3. BRAGA, Rubem. Contam tanta coisa. In: _____ . Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1979. Vol. 4.
4. GRIMM, Loni. Mirimi e Gissitar. UFSC.
5. O texto narrativo é seu! s.n.t.
6. Oficinas de Criação. s.n.t.
7. Pensar, ler e escrever. s.n.t.
8. Sugestões para se trabalhar com:
   8.1. Histórias em Quadrinhos.
   8.2. Poesias. Exemplo: O Pato de Vinícius de Moraes.
9. Técnicas de produção de texto:
   9.1. Acrósticos;
   9.2. Bolo de palavras ou caixa surpresa;
   9.3. Botões;
   9.4. Criar histórias através do olfato: flor, potes com odor;
   9.5. Desenhos coletivos (Técnica do Silêncio).
   9.6. Diálogo Cômico;
   9.7. Estranhos personagens;
   9.8. Leitura de Textos.
   9.9. Leque;
   9.10. Mímica;
   9.11. Mosaicos;
   9.12. Oficina de palavras;
   9.13. Peça Teatral;
   9.14. Produção Visual;
   9.15. Salada de Fábulas;

Segundo a professora Níncia o trabalho que ela desenvolve se baseia na proposta do Professor Dr. Luiz Carlos Cagliari.

Obs.: Foram usados vários materiais didáticos, cantadas músicas e apresentado várias sugestões de atividades e de elaboração de material didático, através de oficinas.

ALFABETIZAÇÃO

Textos usados nos cursos – 1997

1. CARVALHO JÚNIOR, Dario. Textos que fazem sentido. Nova Escola, jun. 1996.
2. LINHARES, Clarice. Algumas questões sobre o desenvolvimento da criança e a escola. 1997.(Apostila digitada)
3. _____ . A criança e o processo de alfabetização. 1997.(Apostila digitada)
4. _____ . A história de Juquinha. 1997.(Apostila digitada)
5. NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE GUARAPUAVA. Atividades para o trabalho de sistematização da língua escrita. Guarapuava, 1994.
6. NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. Atividades para o trabalho de sistematização da Língua escrita. Extraído de Caderno de alfabetização para o professor de Educação de adultos. SEED/DESU, 1991.

Obs.: Foram usados vários materiais didáticos, cantadas músicas e apresentado várias sugestões de atividades e de elaboração de material didático, através de oficinas.

HISTÓRIA

Textos usados nos cursos de 1997.

1. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é método Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1990.
2. BRECHT, Bertold. Perguntas de um trabalhador que lê. In: BRECHT, Bertold. Poemas/1913-1956. Sel. e Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Brasiliense, 1986. P.167.
3. CUNHA, Anacilia da. Pressupostos teóricos. In: História: Livro do Professor: 1º grau – séries iniciais. Curitiba: Educarte, 1996.
4. CUNHA, Anacilia. Tiradentes. In: _____ . História: Livro do Professor: 1º grau Curitiba: Educarte, 1996 p. 29-33.
5. FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
6. História de um elefante. s.n.t.
7. Música de Gabriel "O Pensador".
8. NEIVA JR, Eduardo. A imagem. São Paulo: Ática, 1986.
9. NIKITIUK, Sônia L. (org.). Repensando o ensino de História. São Paulo: Cortez, 1996.
10. PINSKI, Jaime et al. O ensino de História e a criação do Fato. São Paulo: Contexto, 1992.
11. SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura. São Paulo, Brasiliense, 1998.
12. TRINDADE, Liana; LAPLANTINE, François. O que é o imaginário. São Paulo: Brasiliense, 1997.

Obs.: Foram usados vários materiais didáticos, cantadas músicas e apresentado várias sugestões de atividades e de elaboração de material didático, através de oficinas.

GEOGRAFIA

Textos usados nos cursos de 1997.

1. ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. O espaço geográfico – ensino e representação. São Paulo: contexto, 1989.
2. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O trabalho do saber. São Paulo: FTD, 1990, p. 13.
3. BARBOSA, Rui. Reforma do ensino primário. 1883. In: _____ . Obras completas de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: MEC, 1947. V. 10.
4. KOZEL, Salete. Didática da Geografia: memórias da terra: o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996.
   - 4.1. KOZEL, Salete. O saber geográfico do aluno-trabalhador e distância pessoal e percepção do espaço. In: _____ . Didática da Geografia: memórias da terra: o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996.
   - 4.2. KOZEL, Salete. A cultura de que precisamos. In: Didática da Geografia: memórias da terra: o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996.
   - 4.3. _____ . A chave da Geografia. In: Didática da Geografia: memórias da terra: o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996.
5. CENA, Célia R. O registro vivo da memória local: atividades alternativas. In: LUCENA, Célia R.; VIANNA, Ilca. Memória, Escola e Comunidade. São Paulo: SEE, 1984.
6. RESENDE, Márcia Spyer. A Geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1989.

Obs.: Foram usados vários materiais didáticos, cantadas músicas e apresentado várias sugestões de atividades e de elaboração de material didático, através de oficinas.

MATEMÁTICA

Textos usados nos cursos de 1997.

1. Aquisição de conceitos para a compreensão do número. Apostila elaborada pela professora Doroteya Gavanski.

Obs.: Foram usados vários materiais didáticos, cantadas e ouvidas várias músicas e apresentado várias sugestões de atividades e de elaboração de material didático, através de oficinas. Inclusive foi ensinado a trabalhar com blocos lógicos, material dourado, Cousiner, Kalla, vários jogos.

CIÊNCIAS

Textos usados nos cursos de 1997.

1. SHIMIN, Eliane. Atividade a ser realizada pelos alunos referente ao aparelho digestivo. (digitado)
2. _____ . Etiquetas para a Feira de Ciências. (digitado)
3. _____ . Projeto de trabalho para a Feira Regional de Ciências. (digitado)
4. LETTI, Claudino. Texto utilizado para a introdução do assunto. Recursos auxiliares de ensino. Aula de Ciências: Fotossíntese. In: _____ . Didática Geral. 5. Ed. São Paulo: s. ed. 1985.
5. SCHIMIN, Eliane. Fotossíntese. (apostila)
6. SCHIMIN, Eliane. Montagem de um terrário. (Apostila digitada)
7. Uma maneira diferente de avaliar. EMPG Cidade de Osaka – NAE – 9, 2º ano do Ciclo Inicial.
8. Transparências: Síntese do Trabalho realizado sobre agrotóxicos (apresentado no IV Seminário do Aventurando-se no Conhecimento em 10/12/99)

Obs.: Foram usados vários materiais didáticos, cantadas e ouvidas várias músicas e apresentado várias sugestões de atividades e de elaboração de material didático, através de oficinas.

1º Curso em P.B. Eu e Regina

Planejamento

1. FAZENDA, Ivani; LIMA, M.; ANDRÉ, Marli et al. Um desafio para a didática: experiências, vivências, pesquisas. São Paulo: Loyola, 1991. p. 39-69.
2. Questões dos paradigmas. Vídeo produzido por SIAMAR.

Obs.: Foram usados vários materiais didáticos, cantadas e ouvidas várias músicas e feito um levantamento das experiências escolares das professoras(es)

GRUPO GESTÃO EDUCACIONAL

PESQUISA – Textos

1. AZEVEDO, Ederlinda Pimenta de; GOMES, Nilcéia Moraleida. A instituição escolar na área rural em Minas Gerais: elementos para se pensar uma proposta de escola. s.n.t.
2. CARVALHO LEITE, Dirce Terezinha. Reconstrução curricular e construção do projeto pedagógico. Revista Contexto e Educação: práticas transformadoras, Ijuí: UNIJUÍ, a. 5, n.18, abr/jun 1990, P. 29-34.
3. GADOTTI, Moacir. Escola Cidadã: uma aula sobre a autonomia da escola. São Paulo: Cortez. Autores Associados, s.d.
4. GADOTTI, Moacir. O todo e as partes. In: Sistemas Municipais.
    - 4.1. _____ . A origem do controlador de espíritos. In: Sistemas Municipais. p.75.
    - 4.2. _____ . A dupla encruzilhada da Educação brasileira. In: _____ . Sistemas Municipais. p. 76-78.
    - 4.3. _____ . A disputa das teorias do Sistema Educacional. In: _____ . Sistemas Municipais. p. 78-81
    - 4.4. GADOTTI, Moacir. A força da educação no sistema municipal. In:Sistemas Municipais. p. 82-83
    - 4.5. _____ . Municipalização: lei versus realidade. In: Sistemas Municipais. p. 83-84.
    - 4.6. _____ . Teses de municipalização no sistema educacional. In: _____ . Sistemas Municipais. p. 84-89.
5. GOMES, Nilcéia Moraleida. (texto)
6. GRUPO DE GESTÃO EDUCACIONAL. Proposta Político-Educacional: Educação no Município de Porto Barreiro - Gestão 1997-2000. Porto Barreiro: Secretaria de Educação, 1999.
7. LOPES, Raquel Miranda. Socialização e organização familiar rural. s.n.t.
8. MARQUES, Maria Osório. Projeto Pedagógico: a marca da escola. Contexto & Educação, Ijuí: UNIJUÍ, a.5, n.18, abr/jun 1990. P.16-28.
9. MARQUES, Osorio Mario. Projeto pedagógico: a marca da escola. Revista Contexto e Educação: práticas transformadoras, Ijuí: UNIJUÍ. a.5, n.18, abr/jun 1990.
10. OLIVEIRA, Valeska Fontes de. A escola: a busca de identidade enquanto projeto político-pedagógico. Revista Contexto e Educação: práticas transformadoras, Ijuí: UNIJUÍ, a. 5, n.18, abr/jun 1990.
11. _____. Escola: a busca da identidade enquanto projeto político-pedagógico. Contexto & Educação, Ijuí: UNIJUÍ, a.5, n.18, abr/jun 1990. P.35-41.

12. SANTIAGO, Anna Rosa F. Projeto pedagógico, cultura popular e compromisso político. Revista Contexto e Educação: práticas transformadoras, Ijuí: UNIJUÍ, a. 5, n.18, abr/jun 1990.

13. SAVIANI, Demerval. Sistema e Estrutura. In: _____ . Educação brasileira: estrutura e sistema. 6. ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1987. P.72-78.

14. .Apresentação. p.15-19.

15. . Poder local e Educação. p.21.

16. . Estrutura e Fundamento. p. 35

17. SCHAFFER, Margareth; SIRENA, Margarete; ZAZZO, Silvana. Escola pública e projeto político-pedagógico. Contexto & Educação. Ijuí: UNIJUÍ, a.5, n.18, abr.199 p.9-15.

18. STROPARO, Edélcio; PADILHA, Regina H.W. Instrumento de Pesquisa: dados sobre o município. 26/05/98.

Material produzido pelos professores-facilitadores do grupo Gestão Educacional. Professora Regina H. W. Padilha, professora Maria da Glória Martins Messias e professor Edélcio Stroparo.

1. Cursos, material didático, apontamentos.
2. Entrevista com a Secretária de Educação, com o Prefeito e Professores/as.
3. Questionário para os(as) professores(as) de Porto Barreiro levantarem dados sobre o município, servidores municipais, Órgão Municipal de Educação (OME).
4. Relatório das atividades desenvolvidas no transcorrer do processo.
5. Relatórios Regime TIDE, dedicação exclusiva, anos de 1997, 1998, 1999.
6. Texto para o COLE. (Documentos preparatórios)
7. Texto para XI Seminário de Pesquisa UNICENTRO.
8. Textos para os I, II, III e IV Seminários do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento".
9. Projeto da Proposta Político-Educacional do Município de Porto Barreiro.

OBS.: Todos os textos para apresentações antes de sua sistematização definitiva foram Documentos preparatórios aos Seminários de pesquisa.

GRUPO ALFABETIZAÇÃO

Pesquisa – Textos

1. CAGLIARI, Luiz Carlos. Caminhos e descaminhos da fala, da leitura e da escrita na escola. s.n.t. (texto digitado)
2. Processos de adquisición de la lengua escrita dentro del contexto escolar. Lectura y vida, (Revista Latinoamericana de Lectura), a.4, n.2, jun. 1983, p.11-18
3. SÁ BARRETO, Elba Siqueira de; DURAN, Maria Claret Geraes; COLLACO, Nilsa de Lima et al. Revendo algumas práticas de alfabetização. s.n.t. (texto digitado)
4. SOUZA PATTO, Maria Helena. A criança da escola pública: deficiente, diferente ou mal trabalhada? São Paulo, 1985. (texto digitado extraído da palestra proferida por Maria H. Souza Patto, no Encontro do Ciclo Básico – 09/05/85 – São Paulo)
5. WEISZ, Telma. Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão, um problema mal colocado. s.n.t. (texto digitado)

Material produzido pela professora-facilitadora do Grupo de Alfabetização, professora Clarice Linhares.

1. Algumas análises sobre os métodos de alfabetização (Apontamentos)
2. Cursos, material didático, etc.
3. Fita de vídeo - Resgate de ações dos grupos (apresentada no IV Seminário do Aventurando-se)
4. Jogral (apresentado no IV Seminário do Aventurando-se no Conhecimento-10/12/99)
5. Não participou do Seminário de Pesquisa
6. Projeto: Alfabetização: um processo em construção.
7. Projeto: Práticas Sociais de Leitura e Escrita - 2º Semestre 1999
8. Questionários referentes ao tipo de leituras realizadas.
9. Relatório das atividades desenvolvidas no transcorrer do processo.
10. Relatório TIDE - 97, 98, 99
11. Texto para o COLE. (Professora Neusa Moro, ingressou no grupo e produziu junto).
12. Textos para o I, II, III E IV Seminários do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento".

OBS.: Todos os textos para apresentação antes de suas sistematizações definitivas foram Documentos preparatórios ao Seminário de Pesquisa.

GRUPO HISTÓRIA/GEOGRAFIA.

Pesquisa – textos

1. Formação da Comunidade;
   1.1. Fontes de pesquisa.
   1.2. Geografia Física e Humana do Município;
   1.3. História da comunidade e cotidiano;
   1.4. História da Educação;
   1.5. História da família;
   1.6. História da formação cultural;
   1.7. História da produção;
   1.8. História das Igrejas;
   1.9. História das Indústrias;
   1.10. História das vias de comunicação;
   1.11. História do aluno;
   1.12. História do comércio;
   1.13. História do lazer;
   1.14. História do sindicalismo e do cooperativismo;
   1.15. História dos meios de comunicação;
   1.16. História dos meios de transporte;
   1.17. História dos primeiros moradores;

2. FALZETA, Ricardo. Chame os avós de seus alunos para dar aula. Nova Escola, out. 1986, p. 34-37.
3. LUCENA, Célia R.; VIANNA, Ilca. O registro vivo da memória local: atividades alternativas. In: _____ . memória, escola e comunidade. São Paulo: SEE, 1984. (Projeto Pró-memória, 1984)
4. LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. Método de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: _____ . Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
5. PIRES, Ariel José et al. Um pouco de História e Geografia de um povo: uma experiência de construção do conhecimento por professoras e professores do Ensino Fundamental de Porto Barreiro: Porto Barreiro: Prefeitura Municipal, 1999. (Livro lançado no IV Seminário do Aventurando-se no Conhecimento).

Material produzido pelos(as) professores(as)-facilitadores(as) do Grupo de História/Geografia. Professor Ariel José Pires, Márcia T. Marques e Wanda T. Pacheco dos Santos.

1. Cursos, material didático, apontamentos, etc.
2. Entrevistas com os antigos moradores do Município.
3. Projeto de Tese. (Ariel)
4. Projeto de Tese. (Wanda)
5. Projeto: Aspectos Históricos e Geográficos de Porto Barreiro e Região (1850-1997)
6. Relatório das atividades desenvolvidas no transcorrer do processo.
7. Relatórios TIDE e CAPES (Ariel e Wanda).
8. Síntese das respostas das entrevistas com os moradores antigos.
9. Texto para o COLE.
10. Texto para o Seminário de Pesquisa da UNICENTRO.
11. Textos para o I, II, III e IV Seminários do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento."

OBS.: Todos os textos para apresentação antes de suas sistematizações definitivas foram Documentos preparatórios ao Seminário de Pesquisa.

GRUPO DE MATEMÁTICA

Pesquisa – textos

1. BORGES, Pedro Augusto Pereira. Matemática 5ª série: melhoria de ensino de ciências e matemática. Ijuí: UNIJUÍ, 1991. (texto sobre sistema decimal de medidas, medidas de comprimento)
2. BURAK, Dionísio. Alguns critérios norteadores para a adoção da modelagem no ensino fundamental e secundário. Guarapuava: UNICENTRO, s.d. (Texto digitado).
3. Curso de modelagem matemática. s.n.t. (Texto digitado).
4. GIOVANNI, José Rui; CONSTRUCCI, Benedito. A conquista da Matemática: teoria, aplicação: 5ª série. São Paulo: FTD, 1985. (Leitura: sistema métrico decimal).
5. JAKUBOVIC –"JABUCO", José; LELLIS, Marcelo. Matemática na medida certa 5ª série. s.l. Scipione. s.d. (medidas)
6. ROSA, Cerli Dala; MAZZUCO, Neiva Gallina. A necessária articulação entre os conteúdos de Matemática: enfoque medidas de área. Cascavel: UNIOESTE: ASSOESTE, 1983.
7. Sistema Métrico. s.n.t. (texto digitado)
8. TESSARO, Adelina; CRISTO, Ivani Savi; MATOS, Juscelente R.; PEREIRA, Liane M.; SILVA, Nelci M. S. Da; LUZ, Vanderlli Vailati. Medidas Agrárias: a Matemática da vida presente na Matemática da escola. Porto Barreiro, 1999. (Apostila lançada no IV Seminário do Aventurando-se no Conhecimento - 10/12/99)

Material produzido pela professora-facilitadora do Grupo de Matemática, professora Doroteya Gavanski.

1. Cursos, material didático, apontamentos, etc.
2. Entrevista com engenheiro, agrônomo e pais agricultores.
3. Relatório das atividades desenvolvidas no transcorrer do processo.
4. Relatórios TIDE - 1997, 1998 , 1999.
5. Síntese das entrevistas com engenheiro, agrônomo e pais agricultores.
6. Texto produzido para o COLE.
7. Textos para o I, II, III e IV Seminários do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento".
8. Textos produzido para o Seminário de Pesquisa da UNICENTRO.
9. Medidas agrárias.

OBS.: Todos os textos para apresentação antes de suas sistematizações definitivas foram Documentos preparatórios ao Seminário de Pesquisa.

GRUPO EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Pesquisa – texto

1. AMARAL, Ivam Amorosino. Conhecimento formal, experimentação e estudo ambiental. Ciência & Ensino, Campinas, dez. 1997.
2. AMARAL, Ivan Amorosino. Painel III: Parâmetros Curriculares Nacionais e Conteúdos das Áreas de Conhecimento. "Seminário Regional sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais. São Paulo, 16/17 set. 1996.
3. AMARAL, M. A. Como defender a ecologia. São Paulo: Nova Cultura, 1991.
4. ANDRÉ, Marli. Interação Ensino e Pesquisa. Anais do ENDIPE, Goiânia, 1994.
5. BARROS, Aidil de Jesus Paes de. Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 1990.
6. BRANCO, Samuel Murgel. Natureza e agrotóxicos. 2ªed. São Paulo: Moderna, 1990.
7. CAPELETTO, Armando. Biologia Educação Ambiental. São Paulo: Ática, 1992.
8. DELIZOCOV, Demétrio; ANGOTI, José André. Metodologia do ensino de Ciências. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
9. FREIRE. P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
10. MARCOMIN, F.E. Educação Ambiental: Subsídios básicos. Santa Catarina: COPIART, 1994.
11. MEC – SECRETARIA DO ENSINO. Meio ambiente. In: Padrões curriculares nacionais proposta para o eixo transversal. s.l.s.d.
12. MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL – FUNDACENTRO. Agrotóxicos, riscos e prevenção. São Paulo, 1991.
13. REIGOTA, Marcos. O que é Educação Ambiental. s.l. Ed. Brasiliense, 1994.
14. RUEGG, Elza Flores; PUGA, Flávio Rodrigues; SOUZA, Maria Cecília Martins de. O impacto dos agrotóxicos: sobre o ambiente, a saúde e a sociedade. 2. Ed. São Paulo: Ícone, 1991.
15. VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org) Técnicas de ensino: Por que não? Campinas: SP, Papirus, 1991.

Material produzido pela professora-facilitadora do Grupo de Educação Ambiental, professora Ana Lúcia Crisóstimo Ferreira.

1. Cursos, material didático, apontamentos, etc.
2. Diagnóstico da problemática dos Agrotóxicos no Distrito de Porto Santana do Município de Porto Barreiro.
3. Entrevista (roteiro)
4. Reflexos da Disciplina Ensino e Aprendizagem na prática pedagógica (texto).
5. Relatório das atividades desenvolvidas no transcorrer do processo.
6. Relatórios TIDE e CAPES - 1997, 1998, 1999.
7. Tese de Doutorado.
8. Texto para o COLE.
9. Texto: Produção cultural: passagem para outras janelas do currículo. Parceria AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues; BAGNATO, Maria Helena Salgado. Trabalho apresentado na ANPED, 22ª Reunião, set. 1999, GT 16, Educação e Comunicação.
10. Textos para o I, II, III e IV Seminários do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento".
11. Textos produzidos para o Seminário de Pesquisa da UNICENTRO.

OBS.: Todos os textos para apresentação antes de suas sistematizações definitivas foram Documentos preparatórios ao Seminário de Pesquisa.

MATERIAL PRODUZIDO PELO PPCP

1. Avaliação dos Cursos-Formulários

a. Curso de Ciências;

b. Curso de Educação Especial.

c. Curso de Geografia,

d. Curso de História;

e. Curso de Língua Portuguesa;

f. Curso de Matemática;

g. Curso sobre LDB;

h. Oficina de Teatro;

2. Clip – produzido pela Wanda e Regina. Dez. 1997.

3. Documento do Convênio – UNICENTRO, Ofícios.

4. FERREIRA, Ana Lúcia C. Reflexos da Disciplina Ensino e aprendizagem na prática pedagógica. (texto digitado).

5. Folder do I seminário do Programa "Aventurando-se no Conhecimento" e do II e III Seminário.

6. Formulário do relatório de acompanhamento dos cursos.

7. PPCP_RP. Boletim Informativo. Guarapuava, UNICENTRO, a.1, n.1, mar.1995.

8. PPCP_RP. Relatório Situação atual da Educação no município de Porto Barreiro e algumas perspectivas. Guarapuava, maar. 1997 (texto digitado).

9. Professores do PPCP

   a. Filmagens: 6 fitas de vídeo;

   b. Fotografias;

   c. Gravações.

   d. Produção de material didático: textos, transparências, atividades, questionários;

   e. Seleção de textos;

10. Projeto de Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública e relatórios anuais – 1992-1993-1994-1995-1997.

11. Projeto: Porto Barreiro semeando o futuro de uma Educação construída coletivamente (eu escrevi o primeiro esboço).

12. Questionários: para os professores/as do PPCP, para os professores/as das escolas públicas, para os alunos, para Diretor/a, 1992.

OBS.: Todos os textos para apresentação antes de suas sistematizações definitivas foram Documentos preparatórios ao Seminário de Pesquisa.

MATERIAL PRODUZIDO PELO GEPEC

- Entrevista com Zeichner, Caxambu, ANPED, 22/09/97.
- Livro: "Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)".
- Painel apresentado no ENDIPE – "Professor pesquisador? Quais as condições?"

OBS.: Todos os textos para apresentação antes de suas sistematizações definitivas foram Documentos preparatórios ao Seminário de Pesquisa.

MATERIAL PRODUZIDO POR MIM

1. Histórias de vida- nov /1997.
2. Memória Educativa – fev /1997.
3. Palestras:
   a. Formação do Professor. Ago/1998, PACs.
   b. Considerações sobre a pesquisa. 09/10/1998.
   c. Implantação do Programa "Aventurando-se no Conhecimento". Diário 3.2, p.5.
4. Projeto do Programa "Aventurando-se no Conhecimento", primeiro nomeie "Programa Horizonte".
5. Questionários: nº 1 e 2 Professores PPCP e de Porto Barreiro.
6. Texto "Recordar é viver?" fev /1997.

   Texto "A pesquisa é sua" p.94 – 1º Diário de Campo.
7. Texto: I Seminário do "Programa Aventurando-se no Conhecimento.
8. Transcrição:
   a. 1º Orientação da Corinta. Set/1997. Coxambú.
      - mandou ler Identidades Terminais, Tomaz Tadeu. Para trabalhar histórias de vida.
      - Guacira Louro.
      - Projeto – Lembrar tese da Dulce
   b. 1º texto que produzi sobre "O professor reflexivo" baseado em Zeichner.
   c. 2º Orientação Corinta
   d. 3º Orientação Corinta

9. Transcrição de fitas de Vídeo e Cassetes:
   a. Cursos em Porto Barreiro
   b. Encontros dos Grupos de Porto Barreiro
   c. Seminários (2)
   d. Reuniões do PPCP
   e. Reunião do PPCP, professores de Porto Barreiro e Corinta

10. Diários de Campo
    - nº 1
    - nº 2

- nº 3
- nº 4
- nº 5
- nº 6
- nº 7
- nº 8
- nº 9
- nº 10

11. Material didático: transparências
12. Gravações: Fitas cassetes, vídeos
13. Fotografias
14. Texto e transparências para apresentar o trabalho no II seminário de Pesquisa da Faculdade de Educação – Unicamp, 19 a 23/10/1998 e no V Seminário de Pesquisa da Unicentro, 16 a 24/11/1998.
15. Relatório da CAPES, jul e dez de 1996, 1997, 1998, 1999.
16. Relatório das atividades desenvolvidas no Regime TIDE. Jul e dez de 1996, 1997, 1998.
17. Transcrições de fitas:
    a. TENDÊNCIAS INVESTIGATIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES – 20º Reunião anual da ANPED 22/09/1997. Caxambu-MG. Palestra proferida por Anne Marie Chartier – INRP de Paris.
    b. ENTREVISTA REALIZADA com Ken Zeichner no dia 23/09/1997, no Hotel Glória, Caxambu-MG
    c. ZEICHNER, Kenneth. O professor reflexivo. Caxambu, 2ª reunião anual da ANPED. 1997. (Conferência proferida no Hotel Glória)
    d. ZEICHNER, Kenneth. Tendências investigativas na formação de professores. Caxambu, 20º reunião Anual da ANPED, set/1997 (Palestra proferida no Hotel Glória)
    e. Tendências investigativas na formação de professores – palestra proferida por Gimeno Sacristan – 20º Reunião ANPED – 22/09/1997.
18. Apresentação do painel 043 - Professor pesquisador/professor reflexivo: Quais as condições. Parceria Corinta M. G., Miriam D. Guerra. IX ENDIPE- 4-8 mai 1998, Águas de Lindóia.
19. Entrevista com as professoras de Porto Barreiro.
20. Entrevista com o PPCP.
21. Projeto de Tese.

22. Relatório anual de 1998 sobre o desenvolvimento do projeto: “Porto Barreiro: Semeando o futuro de uma educação construída coletivamente”, o qual se subdivide em dois projetos: “Professor educando e aprendendo” e “Aventurando-se no conhecimento”. Focalizamos nesse relatório o primeiro ano de concretização do “Aventurando-se no conhecimento” para registro e para atender solicitações burocráticas, para que os(as) professores(as) de Porto Barreiro possam receber certificados.
23. Texto apresentado no X Seminário de pesquisa da UNICENTRO em nov. 1998. “Aventurando-se no Conhecimento: O processo de constituição de um Grupo de professores/as universitários/as, que se produziram no trabalho de Educação continuada através da Pesquisa-ação.
24. Texto e apresentação no II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Educação. Out. 1998. I GEPEC - Texto: Aventurando-se no Conhecimento: O processo de constituição de um Grupo de professores/as universitários/as, que se produziram no trabalho de Educação continuada através da Pesquisa-ação.
25. Texto e pôster apresentados em outubro, no XI Seminário de Pesquisa da UNICENTRO.
26. Texto e pôster produzidos para a 22ª Reunião da ANPED, apresentado em setembro de 1999, no GT 12 Currículo - “Um trabalho e educação continuada: da pesquisa de professores/as à produção do currículo.
27. Texto para o Exame de Qualificação.
28. Textos produzidos para o COLE.

OBS.:

1. Todos os textos para apresentação antes de suas sistematizações definitivas foram Documentos preparatórios ao Seminário de Pesquisa.
2. Transcrevi cerca de 68 fitas relativas ao processo de pesquisa, entretanto coloquei na relação de fitas apenas 39, porque foram as que diretamente usei no processo de pesquisa.

MATERIAL PRODUZIDO PELOS PROFESSORES DE PORTO BARREIRO

1. Para Feira de Ciências:
    a. maquetes, experimentos (terrários)
2. Para Feira Cultural:
    a. Coleta de material antigo: cartas, objetos, fotos e outras fontes (Grupo de História/Geografia)
    b. Teatro (produziram e apresentaram – Grupo de Educação Ambiental)
3. Desenharam mapas do município (todos os(as) professores(as))
4. Fotografias
5. Projetos de Pesquisa e outros materiais apresentados no I Seminário do "Aventurando-se no conhecimento" (jul/1998)
    a. Aspectos Históricos e Geográficos do Porto Barreiro e Região (1850-1997) (Grupo de História/Geografia)
    b. Diagnóstico da problemática dos agrotóxicos no Distrito de Porto Santana do município de Porto Barreiro. (Grupo de Educação Ambiental).
    c. Medidas Agrárias (Grupo de Matemática)
    d. Mensagem elaborada pela professora Genoveva F. Silvério.
    e. Mensagem elaborada pela professora Lourdes G. de Oliveira.
    f. Músicas selecionadas para o I Seminário
    g. O que tínhamos – O que se fez – metas (Grupo de Gestão Educacional)
    h. Paródia: Roceiro da Porteira (Grupo de Educação Ambiental)
    i. Questionário para elaboração do Projeto Político Pedagógico. (Departamento Municipal de Educação e Grupo de Gestão Educacional, Pais e Professores).
    j. Relatório para o projeto de Estrutura e Funcionamento – Órgão municipal – versão 1. (Grupo de Gestão Educacional)
    k. TEMA: Alfabetização (Grupo de Alfabetização)

Obs. Todos os grupos produziram textos, materiais didáticos, se organizaram para o I Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento".

6. KERBER, Ivone P.; DIAS, Jaqueline Evangelista. As plantas nossas amigas. Laranjeiras do Sul: Sindicato dos trabalhadores rurais de Laranjeiras do Sul. 10 anos –1985/1995.

7. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE. Cantos para crianças. 02/09/1997. (Apostila com várias letras de músicas)

8. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. Quadro demonstrativo da situação funcional dos professores no ano de 1997.

9. Texto que a Secretaria de Educação distribuiu para os(as) professores(as) lerem e seguirem o exemplo, para escreverem um relato de suas práticas.

   a. TERTULIANO, Professora Waldivina Francisca. Relatos de uma Prática. Tema: "Uma maneira diferente de avaliar". EMPG – Cidade de Osaka – NAE – 9, 2º ano do Ciclo Incial. s.n.t.

10. Textos, projetos de pesquisa e outros materiais apresentados no II Seminário do "Aventurando-se no Conhecimento". (Dez/1998)

    a. "Agradecimento à Secretária de Educação, Ivone P. Kerber" - Texto elaborado pelos(as) professores(as) de Porto Barreiro: Acunta M. M. Santos, Clevanir de Fátima Becker, Helena Gonçalves Gaudin, Lourdes G. De Oliveira, Marilene L. Silva, Carmem J. Revelian, Maristela P. Da Silva, Professores da UNICENTRO: Ariel José Pires, Márcia Tembil Marques, Wanda T. P. Dos Santos e Renê.

    b. Músicas selecionadas e cantadas no II Seminário:

       1. Pra não dizer que não falei das flores. (Grupo de Gestão Educacional)

       2. Cidadão. (Grupo Gestão Educacional).

       3. Amigo e Tempo de Natal. (Todos os professores)

    c. "Você é um milagre de Deus" Texto escrito pelos(as) professores(as) de Porto Barreiro para homenagear a Secretária de Educação, Ivone P. Kerber.

    d. Estrutura e Funcionamento do Órgão Municipal. (Grupo de Gestão Educacional).

    e. Proposta Político-Educacional do Município de Porto Barreiro (Grupo de Gestão Educacional - primeiras elaborações dessa proposta).

    f. Questionário para elaboração da Proposta Político-Educacional (Departamento Municipal de Educação e Grupo de Gestão Educacional, Pessoas que compõem os Conselhos escolares, pais e vereadores).

    g. Questionários para coleta de dados para "A construção do Projeto Político-Pedagógico" (grupo de Gestão Educacional, Docentes da Escola).

    h. Resultado da Reunião com os membros dos Conselhos Escolares. (Grupo de Gestão Educacional).

    i. Síntese sobre o encontro com os pais, APM e Conselho Escolar.

    j. Textos: O Sonho e a Realidade, Início da Caminhada, A fala do povo, Acertando o passo. (Grupo de Gestão Educacional).

k. Painel sintetizando todas as atividades desenvolvidas. (Grupo de gestão Educacional).

1. Painéis produzidos pelo Grupo de Educação Ambiental para apresentação:

   1. Atividades do Grupo de Estudos.
   2. Componentes do Grupo de Estudos.
   3. Ações do Grupo a partir do diagnósticos da Problemática dos agrotóxicos no Município.
   4. Ações junto à Comunidade.
   5. Junto à Comunidade, o que se pretende organizar.
   6. Junto à Escola, o que se pretende organizar.
   7. Reuniões semanais do Grupo na Escola.
   8. Reuniões mensais do Grupo com a Professora Facilitadora.
   9. Dificuldades encontradas pelas professoras.
   10. Atividades pedagógicas
   11. Questionário para entrevistas. (Agricultores e um comerciante, que os alunos entrevistaram).
   12. Análise das respostas das entrevistas.
   13. Questionário para os professores do Ensino Fundamental "Troca de experiências".
   14. Questionário para os pais para sugestões.

m. Síntese das análises das respostas das entrevistas (Texto - Educação Ambiental)

n. Síntese dos dados empíricos de Ciências (Texto - Educação Ambiental)

o. Questionário elaborado para coleta de dados (Grupo de Educação Ambiental). (Agricultores).

p. Análise das respostas obtidas pelos agricultores. (Grupo de Educação Ambiental).

q. Entrevistas realizadas com os agricultores. (Grupo de Educação Ambiental)

r. Histórico dos agrotóxicos (Texto produzido pelo Grupo de Gestão Ambiental).

s. Textos coletivos dos alunos da 2ª série da Escola Pe. Antonio Gallo (Grupo de Educação Ambiental).

t. Textos produzidos para apresentação no II Seminário pelos professores do Grupo de Matemática. (São pequenos textos sem títulos, nos quais os(as) professores(as) relatam como estão trabalhando em sala de aula com as Medidas Agrárias, exemplificam situações problemas nas quais utilizam essa medida, falam sobre a composição do grupo, sobre o trabalho que estão desenvolvendo e outros).

u. Síntese das respostas das entrevistas com os moradores antigos (História/Geografia)

v. Algumas análises sobre os métodos de Alfabetização (alfabetização)

w. Síntese das entrevistas com o engenheiro, agricultores e agrônomos.

x. O Grupo de História/Geografia confeccionou um enorme painel onde trazia a História de vida do Prefeito José Crotti e de outras fontes de pesquisa do Município (tais como fotos, roupas de padres, antigas batinas e outros).

y. Esboço do livro sobre a história do Município (Grupo de História/Geografia).

z. Cartazes que podem ser usados nas aulas com as crianças, assim como álbuns de pano e várias sugestões de matérias didáticas. (Grupo de Alfabetização).

10. GESTÃO 1997-2000. Proposta Político-Educacional. Porto Barreiro? Secretaria de Educação UNICENTRO, 1999.

11. GRUPO DE ALFABETIZAÇÃO E LÍNGUA PORTUGUESA. Resgate das ações do Projeto Aventurando-se no Conhecimento. Porto Barreiro, 1999 (vídeo clipe).

12. GRUPO DE ALFABETIZAÇÃO E LÍNGUA PORTUGUESA. Síntese das ações do Projeto Aventurando-se no Conhecimento. Porto Barreiro: (Jogral).

13. GRUPO DE CIÊNCIAS. Síntese dos trabalhos e planejamento do material de apoio. Porto Barreiro, 1999 (Transparências).

14. TESSARO, A. T.; CRISTO, J. C.; MATOS, J. R. ET AL. Medidas agrárias: a matemática da vida presente na Matemática da escola. Porto Barreiro: Secretaria de Educação/UNICENTRO, 1999.

OBS.: Todos os Grupos de Pesquisa elaboraram vários materiais e um plano de apresentação.

TEXTOS LIDOS PELO PPCP

1. ANDRÉ, Marli E. D. O papel da Pesquisa na articulação entre saber e Prática docente. In: Anais do VII ENDIPE, Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, vol. II, Goiânia, 1994. p. 291-296 - A integração ensino-pesquisa no trabalho docente.

2. GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (orgs) Cartografias do trabalho docente: professor/a-pesquisador/a. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998. (Fizemos seminários - 5 artigos).

3. GRUPO DA PÓS-GRADUAÇÃO. Funcionamento e desenvolvimento do grupo (Texto elaborado/síntese) e dirigido pelos alunos da Pós-Graduação).

4. NIKITIUK, Sônia L. Repensando o ensino da História. São Paulo, Cortez, 1996.

5. NÓVOA, Antônio. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.

6. NUNES, Maria Fernandes. As metodologias de Ensino e processo de conhecimento científico. Educar, Curitiba, n. 9, p. 49-58, 1993. Reunião 06/08/1998.

7. PAVLOV, I. Carta aos jovens. In: CASTRO, Cláudio de Moura e. A prática da pesquisa. São Paulo, McGraw Hill do Brasil, 1977. (Tradução do original em russo por Annibal Villela).

8. PIRES, Ariel José. Quadro simplificado (esquemático) sobre a Escola de Annales. 1998. (texto em transparência).

9. SOUZA SANTOS, Boaventura de. Um discurso sobre as Ciências. 8. Ed. Porto/Portugal: Afrontamento, 1996.

10. ZEICHNER, Kenneth M. A formação reflexiva de professores: idéias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.

TEXTOS USADOS NA EDUCAÇÃO PARA PAZ

PPCP - PEPO - Centro de Direitos Humanos

1. DIREITOS HUMANOS. Consumidores ricos dividem os danos mas monopolizam os benefícios. (texto digitado)*

2. DIREITOS HUMANOS. Consumismo e meio ambiente. (texto digitado)*

3. DIREITOS HUMANOS. Os compradores ainda carecem de informação vital. (texto digitado)*

4. DIREITOS HUMANOS. Pobreza no seio da abundância. (texto digitado)*

5. DIREITOS HUMANOS. Primeiro lugar no índice mundial de desenvolvimento humano. (texto digitado)*

6. Documentos sobre Educação para a Paz. In: JARES, Xesus de. Educación para la Paz. (s.n.t.) (texto digitado).

7. EIRENE, Alfonso Fernandes. Educando para la Paz, nuevas propuestas. (tradução Lola) (texto digitado).

* Estes textos são publicados em homenagem aos 50 anos da publicação da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Textos publicados em jornais, referentes ao Relatório de Desenvolvimento Humano de 1998, encomendado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Tais textos servem de subsídio ao Projeto Educação para a Paz, trabalhado pelo Centro de Direitos Humanos de Guarapuava, conjuntamente com o Projeto PEPO de Pinhão e PPCP da UNICENTRO.

O Relatório do Desenvolvimento Humano é publicado em Português com o apoio do Instituto da Cooperação Portuguesa, pela TRINOVA Editora, Rua das Salgueiras, 36, 2ª esquina, 1200 Lisboa, Portugal.

Telefone: (351) 013420650; Fax: (351) 013420751

TEXTOS USADOS NA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO AVENTURANDO-SE NO CONHECIMENTO

1. ALVES, Rubem. Jornal Diálogo. n. 3. Centro de Educação pra o Pensar/Fundação Sidónio Murara, s.d.

2. CHARTHOUSE. A questão das paradigmas. (Fita de vídeo, distribuída por SIAMAR, São Paulo-SP).

3. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1997.

4. KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1994.

5. MESSIAS, Maria da Glória M. "Programa Aventurando-se no Conhecimento". Guarapuava, 1997 (Projeto elaborado para Porto Barreiro).

6. MESSIAS, Maria da Glória M. O professor reflexivo. Guarapuava, 1997. (texto digitado apresentado no GEPEC-UNICAMP - Essas primeiras anotações contribuíram para a elaboração do artigo produzido coletivamente. GERALDI, C. G.; MESSIAS, M. G. M.; GUERRA, Miriam D. S. Refletindo Zeichnner: um encontro orientado por preocupações políticas, teóricas e epistemológicas.

DOCUMENTOS

- Livro de Atas do PPCP.
- Ofícios - Instrumentos de Pesquisa (Professores/as, alunos/as)
- Pós-Graduação. Relação de Dissertações produzidas no Curso de Mestrado em Educação - Metodologia de Ensino. Convênio UNICENTRO/UNICAMP.
- Projeto - Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública - 1992-1995.
- Relatórios do PPCP - 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998.
- UNICENTRO. História da UNICENTRO.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM FEV/1999 PRA REFORMULAÇÃO DO CURRÍCULO DO MUNICÍPIO DE PORTO BARREIRO.

Textos lidos, material produzido nas discussões sobre a reformulação do currículo de Ensino Fundamental de 1º e 2º Ciclos das Escolas de Porto Barreiro, incluindo os achados das pesquisas dos/as professores/as dos Grupos de Pesquisas e as oficinas realizadas.

1º dia - 09/02/99 - Grupos de Gestão Educacional e História/Geografia, coordenaram o trabalho com todos/as os/as professores/as.

1. REAVIS, G. H. A fábula da escola. In: Fábula para gente da escola. S.n.t. (tradução Terezinha Gomes Lankenau).
2. SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social. Territórios contestados. In: SILVA, Tomaz T. Da (org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação).
3. Oficina: observação do meio, entrevista com pessoas que estavam na rua, coleta de lixo na rua, registro de tudo que foi observado, todo material coletado foi levado para sala de aula, a partir disso, o professor Ariel e as professoras Regina e Maria da Glória exemplificaram como trabalhar História/Geografia e as outras áreas de forma integrada em sala de aula, colocando o currículo em ação. Também foi discutido o currículo de História/Geografia a partir desse trabalho foi ressaltado questões de política, ética e religião que foram sugestões que os pais deram para serem trabalhadas em sala de aula.

2º dia - 10/02/99 - Grupo de Matemática, coordenaram o trabalho com todos/as os/as professores/as.

Os/as professores/as se reuniram em 4 grupos, por série, e escreveram segundo a solicitação da professora Doroteya:

1. Conteúdos de Matemática mais difíceis de serem trabalhados.
2. Conteúdos de Matemática que não foram trabalhados no ano que passou.
3. Dificuldades evidenciadas nos alunos.
4. Estratégias colocadas em ação.

A partir desses tópicos que os grupos produziram, começaram as discussões sobre o currículo de 1ª a 4ª série, na área de Matemática. Todos os conteúdos que os/as professores/as ressaltaram porque tinham dificuldades para ensinar, a professora Doroteya explicou como trabalhar, apresentou as mais variadas sugestões de materiais empíricos, que os/as professores/as poderiam confeccionar e usar com seus/suas alunos/as, tais como para Geometria: utilizar objetos de caixas de camisa, creme dental e outros. Para sistema monetário, dinheiro produzido por eles mesmos e outros. Para atividades das 4 operações e outras, quadros mágicos, material dourado, Cuisinaire, blocos lógicos, jogo Kalah e os mais

variados jogos. Também sugeriu para os/as professores/as que no final do caderno seja colocado um dicionário com as palavras, os conceitos que são usados em Matemática.

Os/as professore/as de Porto Barreiro, também deram sugestões de atividades.

O grupo de Matemática sugeriu como os/as professores/as podem incluir as Medidas Agrárias no Currículo e deram sugestões de atividades. Houve muita interação.

3º Dia - 11/02/99 - Grupo de Ciências, coordenou o trabalho com os/as professores/as.

A professora Ana Lúcia iniciou as atividades partindo de várias dinâmicas, depois pediu para o grupo reunir-se em vários sub-grupos, por série que os professores/as trabalham. Reunidos os grupos, a professora Ana Lúcia distribuiu vários temas de Ciências para, a partir desses temas, os/as professores/as elaborarem aulas, materiais didáticos e apresentarem para o grupão. Sugeriu que os temas fossem desenvolvidos com as outras áreas.

Temas sugeridos. (todos subsidiados com textos).

1. Animais.

a. CHAMLIAN, Regina. Os bichos diferentes. In: _____. O pintinho que nasceu quadrado. s.n.t.

2. Fotossíntese.
3. Teia Alimentar.
4. Cadeia Alimentar.
5. Utilidade da árvore.
6. Reprodução dos vegetais.
7. Solo.
8. Material orgânico e inorgânico.
9. Fauna urbana, fauna rural.

No final, os grupos apresentaram seus trabalhos com os mais variados materiais didáticos produzidos por eles mesmos, como cartazes, com desenhos, amostragem de plantas, maquetes, experimentos, etc.

A professora Ana Lúcia sugeriu a criação de um museu de Ciências.

O Grupo de Educação Ambiental deu algumas sugestões de como trabalhar sobre os agrotóxicos.

Uma professora relatou a sua experiência sobre o "clube da árvore", que foi um excelente trabalho que ela desenvolveu.

Houve grande interação e à medida que os trabalhos eram apresentados, conteúdos do currículo eram discutidos e, no final a professora Ana Lúcia deu sugestões para a elaboração de um projeto de Educação Ambiental.

Texto: Ciência tradicional, séc. XIX e final do séc. XX (sem autor, e s.n.t.)

4º dia - 12/02/99 - Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa.

As professoras Clarice, Maristela e Neusa iniciaram as atividades a partir de várias dinâmicas, depois de algumas exposições de idéias sobre a alfabetização, pediram pra o grupo reunir-se em vários sub-grupos, por série que os/as professores/as trabalham. Reunidos os grupos, as professoras na área de Língua Portuguesa distribuíram farto material relativo aos conteúdos de 1ª a 4ª séries de Língua Portuguesa. Solicitaram que as professoras levassem o material e, a partir dele elegessem um conteúdo do currículo da série que trabalham e elaborassem uma aula e material didático.

Todos os grupos elaboraram várias possibilidades de se trabalhar com os conteúdos eleitos e apresentaram para o grupão.

À medida em que os grupos iam apresentando suas sugestões de trabalho, o currículo ia sendo discutido.

Textos lidos por todos:

1. GRIMM, Loni, Mirimi e Gissitar. UFSC.

2. MORAES, Vinícius de. O Pato.

3. ULTRAJE A RIGOR, Inútil.

ANEXO Nº 3

Aventurando-se no conhecimento: a pesquisa-ação como eixo norteador da formação continuada de professores/as universitários/as e professores/as do ensino fundamental

Autores[1]

Com a participação neste "Seminário sobre Leitura e Produção no Ensino Superior" desejamos contribuir para a discussão sobre a formação do/a professor/a relatando o processo que estamos construindo coletivamente na parceria entre professores/as universitários/as[2] e professores/as do ensino fundamental[3] O trabalho que estamos desenvolvendo visa a continuidade da nossa formação, como formadores/as de professores/as e propiciar a formação continuada dos/as professores/as de Porto Barreiro, norteada pela pesquisa em grupo. Temos como hipótese de trabalho que pela pesquisa-ação, estamos concretizando um trabalho de desenvolvimento profissional de mútuas aprendizagens, produzindo saberes e conhecimentos, os quais estão gerando um currículo, uma Proposta Político-Educacional condizente com as necessidades do município e construindo caminhos possíveis para a reflexão e produção do nosso trabalho docente.

A nossa trajetória como grupo que atua na formação continuada de professores/as do Ensino Fundamental, 1º e 2º Ciclos, já vem desde meados de 1991, todavia o desenvolvimento de um trabalho que privilegiasse a pesquisa-ação[4], o diálogo, o grupo, a sistematização e a produção coletiva só veio ocorrer na interação do trabalho desenvolvido em Porto Barreiro.

Estamos atuando em Porto Barreiro desde 1997, desenvolvendo o projeto "Porto Barreiro: semeando o futuro de uma educação construída coletivamente", o qual tem duração prevista de 4 anos e destina-se à formação continuada de professores/as do Ensino Fundamental, 1º e 2º Ciclos, vinculado à construção de uma Proposta Político- Educacional, que atenda os anseios da população. Esse projeto é constituído por dois sub-projetos: "Professor: aprendendo e educando" e o "Aventurando-se no Conhecimento".

Em 1997, desenvolvemos o sub-projeto "Professor: aprendendo e educando", nessa fase foram ministrados cursos das áreas específicas, tais como: Língua Portuguesa, Alfabetização, Matemática, História, Geografia, Ciências, e outros. Nesse trabalho

objetivamos a desestabilização de certezas para gerar o desejo por outro possível caminho para reflexão da prática pedagógica e conquista de espaços interativos, onde pudéssemos discutir outras formas de pensar a nossa formação, além de ministrar ou freqüentar cursos. Assim, foi nesse contexto de reflexões e discussões que o "Aventurando-se no Conhecimento" foi pensado, como possível gerador de espaços interativos.

O "Aventurando-se..." começou a ser desenvolvido em fevereiro de 1998 em Porto Barreiro, tendo como eixo norteador a pesquisa em grupo e visa possibilitar a formação continuada de professores/as; proporcionar espaços interativos para que os/as professores/as tenham oportunidade de investigar e discutir a sua prática pedagógica; propiciar o desenvolvimento profissional dos/as participantes, articulado à produção de um currículo e de uma Proposta Político-Educacional que emirja dos anseios da população; resgatar o/a professor/a como intelectual, profissional autônomo, produtor/a de saberes e conhecimentos. Esse projeto está sendo concretizado em Porto Barreiro por cinco grupos de pesquisa, os quais organizaram-se de acordo com as questões que escolheram para pesquisar. Os/as professores/as se reúnem em grupo uma vez por semana, 4 horas[5], 3 encontros mensais pesquisam sem a presença dos professores/as facilitadores/as[6] e uma vez com a sua participação. A socialização da produção dos grupos, já ocorreu em três Seminários[7] realizados no município. Os grupos são: História/Geografia, Matemática, Língua Portuguesa/Alfabetização, Ciências e Gestão Educacional. Como esse é um trabalho constituído por muitas vozes e produzido por muitas mãos, o seu processo de produção, dificuldades, contradições, conquistas, alegrias, será apresentado por cada grupo de pesquisa em comunicações posteriores.

Contudo o processo estar em andamento e as nossas análises serem parciais e provisórias, já vislumbramos algumas contribuições: os conhecimentos produzidos pelos grupos, já estão sendo incluídos no currículo; a população está satisfeita com a escola por valorizar conhecimentos do seu cotidiano; aumentou a auto-estima dos/as professores/as; as diretrizes educacionais do município estão sendo produzidas de acordo com as suas demandas; o nosso trabalho foi fortalecido no grupo possibilitando-nos a construção de caminhos ainda não percorridos.

Acertando o passo: construção da proposta político-educacional do município de Porto Barreiro. (um olhar)

No primeiro ano de emancipação do nosso município, início de 1997, a questão predominante de nossas indagações e metas políticas, como gestores[8] e construtores dos caminhos da Educação Municipal era(é): Como liderar um processo de construção da Educação de forma que atendêssemos os anseios da população, a qual almejava mudanças, que contribuíssem para melhorar as condições existentes e simultaneamente mantivesse o equilíbrio com as possibilidades materiais e humanas do município?

Analisamos as condições que tínhamos e constatamos que a nossa região é essencialmente agrícola, predominando pequenas e mini propriedades, onde a mão-de-obra é exclusivamente familiar e o nosso quadro de Magistério constituído por 38 professores/as, dos/as quais 11 leigos[9]. Como a política do Órgão Municipal de Educação[10] prioriza(va) a qualidade da Educação através da valorização do Magistério[11] e a produção de um currículo que viesse ao encontro das expectativas e peculiaridades locais, questionamos: Como concretizar esse objetivo? Nos deparamos com duas opções: deixar tudo como estava, a estrutura herdada de Laranjeiras do Sul, que era o caminho mais fácil; ou trabalhar para construirmos coletivamente uma organização e diretrizes democráticas que fossem geradas nas discussões, embates, encontros, desencontros e que correspondesse os nossos anseios e conosco parecesse.

Diante desse turbilhão de intenções fortemente mescladas pela insegurança e o desejo de arriscar-se a construir outros caminhos é que pensamos em procurar companheiros que nos auxiliassem a vencer esse desafio. Assim firmamos convênio com a UNICENTRO, para que juntos produzíssemos a Proposta Político-Educacional do município, priorizando a formação continuada dos/as professores/as[12] vinculada a produção de um currículo que contemplasse as nossas necessidades.

Assim, iniciou-se o Projeto "Porto Barreiro: semeando o futuro de uma educação construída coletivamente", o qual está sendo concretizado por dois sub-projetos: "Professor aprendendo e educando" e "Aventurando-se no Conhecimento". No primeiro foram ministrados cursos nas áreas específicas (1997). Ao final do ano avaliando o processo

sentimos o desejo de trilhar outros caminhos que nos possibilitassem reflexões sobre o nosso trabalho, espaços para compartilharmos as nossas dúvidas e certezas, assim como o questionamento do papel do/a professor/a de mero espectador/a à construtor/a de seu conhecimento.

No início de 1998, começamos a concretizar o sub-projeto "Aventurando-se no Conhecimento", o qual é constituído por cinco grupos de pesquisas, sendo que cada grupo narrará o seu caminhar.

O primeiro passo que o nosso grupo de Gestão Educacional deu, foi realizar um levantamento de dados sobre o município, tais como: número de alunos/as, de habitantes, de professores/as e a sua escolarização; extensão territorial; estruturação das escolas e outros dados para diagnosticar as nossas condições. Esse levantamento nos possibilitou visualizar a nossa estrutura e organização proporcionando-nos elementos para uma análise do que havia e as possibilidades de construção de um trabalho democrático, coletivo de maior qualidade. Também elaboramos um paralelo, no qual contrapomos "o que tínhamos", "o que já havíamos concretizado" e "o que pretendíamos". Esse trabalho foi apresentado no I Seminário do "Aventurando-se..." em julho de 1998. Durante os encontros do nosso grupo fizemos leituras, dialogamos com autores/as tais como: Gadotti, Azevedo, Gomes, Lopes, Romão, Saviani e outros/as. Além desse diálogo, discutíamos, trocávamos interpretações e idéias. Nessa fase de primeiros passos do grupo tivemos uma certa dificuldade em estabelecer caminhos para vencer os desafios que as necessidades do município nos apresentavam, pois, nos faltava ler mais, embasamento teórico que nos auxiliasse no desenvolvimento das atividades. Como o trabalho exigia aprofundamento de questões que ainda não estavam muito claras, desencadearam uma certa angústia que só foi dissipada nas apresentações do I e II Seminários, onde na interação a proposta ficou mais clara para todos.

Simultaneamente aos processos de reflexões também agíamos. Começamos a organizar e regularizar o funcionamento das escolas, das APMs, dos Conselhos Escolares, gerando discussões nas escolas para a produção do Regimento Escolar, Plano Curricular e o Projeto Político Pedagógico, enquanto a Proposta Político Educacional do Município (ia) vai sendo construída. Para concretização dessas ações elaboramos questionários para que os pais manifestassem as suas necessidades e sugestões, as quais estão sendo incluídas e valorizadas

no nosso trabalho. O Conselho Escolar e APM de cada escola foram reunidos juntamente com vereadores e lideranças da comunidade para responderem um questionário que possibilitou a discussão e reflexão dos aspectos mais relevantes da Educação Municipal. Esses procedimentos deram subsídios para as escolas reformularem seu Plano Curricular, adaptando-o as suas necessidades e apontando caminhos para a elaboração do Projeto Político-Pedagógico. Esse foi um dos passos mais importantes do nosso trabalho que visa construir uma proposta democrática que atenda os anseios da comunidade envolvendo-a nas decisões, para que todos se sintam responsáveis pelo trabalho educacional de Porto Barreiro. Acreditamos que o trabalho desenvolvido até o momento está condizente com a proposta de mudança almejada desde o início do Novo Município e que, estamos caminhando para um novo tempo, no qual a escola tenha possibilidades de formar integralmente o ser humano.

Acertando o passo: construção da proposta político-educacional do município de Porto Barreiro. (outro olhar)

O nosso Grupo se constitui na implantação do "Aventurando-se no Conhecimento", surgiu da necessidade da Secretaria de Educação de Porto Barreiro construir uma Proposta Político- Educacional condizente com as necessidades do município e por outro lado da nossa necessidade como formadores/as de professores/as nos lançarmos num trabalho diferente do que já havíamos realizado. Nos unimos com a finalidade de coletivamente[13] construirmos essa proposta, num processo de reflexão e discussão dos problemas do município vinculados e/ou influenciados/res da Educação, bem como ampliar a nossa compreensão da escola pública.

O processo para todos era novo, inicialmente não tínhamos muita clareza como seria desenvolvido. O primeiro passo foi estudar autores/as que dialogavam sobre questões como: poder local, municipalização, centralização, estrutura e sistema e outros temas pertinentes ao assunto. Na seqüência deixamos para o grupo um instrumento de pesquisa para coleta de dados sobre a estrutura educacional do município, a qual foi herdada do município[14] que Porto Barreiro havia se emancipado. Partindo da análise desses dados e de outros coletados em reuniões e por vários instrumentos produzidos pelo grupo, no I Seminário, já foi possível a apresentação de um paralelo sobre o que tinham, o que já haviam feito, as metas que pretendiam concretizar, para mais uma vez se compartilhar "os achados", as sistematizações

produzidas e discutir futuros encaminhamentos. Por ser um processo novo para todos gerou muitas angústias e inseguranças, as quais foram sendo dissipadas à medida que o grupo produzia e também nas discussões e socializações ocorridas principalmente no 1º Seminário. O evento contribuiu para o fortalecimento e constituição do grupo, confirmando a hipótese[15] que o grupo se constitui na emergência da prática e da socialização, pois a cada evento[16] de socialização observamos que o grupo avançou no seu trabalho.

O grupo de Gestão Educacional[17] de Porto Barreiro desenvolve seu trabalho em duas dimensões uma é a sistematização do processo de sua produção, ou seja os relatos sobre o trabalho que está realizando, a narrativa do processo de pesquisa, a sua historicidade, a metodologia, que caminhos estão percorrendo, ao lado ou/e na interação de/com quem , referencial teórico, com quais autores estão dialogando, o que pretendem com o seu trabalho, análises, discussões, sistematizações, socialização e retomada do processo. Na outra dimensão produz ações relativas a estrutura, as diretrizes políticas educacionais do município tais como: concretização de projetos de formação inicial e continuada de professores/as; implantação e nuclearização de escolas; elaboração do Plano de carreira dos professores/as, organização e implantação de Conselhos Escolares e outras. Quanto a essas produções não entraremos em detalhes porque os sujeitos das ações, têm voz e contarão.

As duas dimensões do trabalho do grupo são importantes de serem mencionadas porque percebemos que: na 1ª dimensão os componentes do grupo estão se constituindo como pesquisadores, ao vivenciar o processo de produção, de sistematização. Na 2ª dimensão, mediados pelas análises elaboradas no processo de produção, estão produzindo a Proposta Político-Educacional do município, projetando e concretizando ações. O processo de produção desse trabalho liderado pela Secretária[18] de Educação tem como característica, uma construção de "baixo para cima", ouvindo diferentes vozes, solicitando e acolhendo sugestões, tudo isso discutido, analisado conforme as possibilidades e necessidades concretas do município. Essa característica não é mérito nosso, no papel de professores/as facilitadores/as, e sim da Gestão do município e de seu povo que tem muito a nos ensinar. Constatação ocorrida desde os primeiros momentos de negociação, a qual nos motivou a apostar e enfrentar esse desafio.

Contudo o processo estar em andamento, já temos algumas análises parciais e provisórias: Na construção dos currículos escolares dos municípios com base econômica agrícola, há a contradição local, global. Como equacionar essa questão? O calendário escolar deve privilegiar o tempo do campo, para que os/as alunos/as possam permanecer na escola. Por que as instâncias superiores geralmente não permitem de fato, se de direito é permitido? Algumas professoras de Porto Barreiro, além de desempenhar todos os papéis sociais que historicamente foram atribuídos a mulher, ajudam na agricultura, na pecuária e outros trabalhos de liderança local. As relações políticas e sociais são face a face, sendo o controle social direto, isto faz com que as coisas aconteçam sem muita burocracia, mas também faz com as questões políticas sejam levadas para o lado pessoal. A escola é importante para a população, desempenha um papel de liderança e a maioria das pessoas se sentem gratificadas por dela participar. A vivência em grupo está sendo importante para todos porque está nos dando segurança, estamos aprendendo nas interações e nossos ideais estão sendo compartilhados, repensados, fortalecidos e alguns já estão sendo concretizados.

O ensino e a pesquisa em Porto Barreiro

A História e a Geografia do Município de Porto Barreiro estão passando por mudanças importantes, pelo menos para nós professores do Ensino Fundamental. Isso ficou evidenciado durante o desenvolvimento dos cursos de formação continuada com os professores da Unicentro. Descobrimos que alguns conteúdos que mediávamos dos livros didáticos faz parte de uma concepção que os professores chamam de "tradicional", "oficial" , ou seja, aquela determinada pelo Estado. Para nós isso é importante porque pensávamos a História como sendo aquela feita apenas por alguns poucos personagens e, a geografia sendo apenas física, sem se preocupar com os processos humanos.

É importante destacar, todavia, que essas "descobertas" foram ficando mais claras, na medida em que começamos a desenvolver a nossa própria pesquisa. Ou seja, a pesquisa sobre alguns aspectos da História e da Geografia do Município para produção de um livro didático, acompanhados pelos professores facilitadores. Isso nos mostrou na prática, que a população de Porto Barreiro é quem faz ou constrói a sua própria História.

Outro aspecto importante a ser levado em conta é que quando começamos o trabalho de pesquisa, com a participação dos alunos, desenvolveu-se um processo maior de integração social com as famílias. No trabalho de entrevistas e coleta de materiais, para o levantamento histórico, os moradores mostraram-se muito solícitos e os percebemos como que sentindo-se "participantes do processo de construção da sua própria História".

Com essas perspectivas pretendemos contribuir na discussão do *Seminário Sobre Leitura e Produção no Ensino Superior*.

Aspectos históricos e geográficos de Porto Barreiro e região (1850-1997)

O mundo está marcado por acontecimentos e determinações que sinalizam a necessidade de reorientar o modo de fazer escola e pesquisa por aqueles que pretendem sustentar uma posição política de "Educação como processo de mudança". O fim da Guerra Fria, a globalização, o projeto neoliberal, a crescente automação em todas as áreas, o colapso do Estado de bem estar social e a violência juvenil nas escolas são alguns dos elementos que caracterizam a atualidade. Vivemos incertezas e instabilidades.

No Brasil, o governo federal inaugurou na última década uma nova fase. Em nome da "modernização" o Estado apostou todas as suas fichas na "estabilidade econômica e financeira" como seu maior capital político.

Por adotar um programa francamente favorável aos interesses internacionais e a uma pequena elite do país, o governo não se preocupou em superar alguns impasses históricos que aprisionam o Brasil na condição de uma sociedade injusta em seus indicativos sociais. A exclusão social, a pobreza, a concentração de terras, de renda e de riquezas são alguns dos seus principais problemas. Na esteira dessas mazelas está a educação e, naturalmente, a escola.

Com essas questões, contextos e na apresentação do trabalho desenvolvido no Município de Porto Barreiro é que pretendemos contribuir na discussão do *seminário sobre leitura e produção no ensino superior.*

O projeto para a educação de Porto Barreiro, município situado na região centro-oeste do Estado do Paraná está baseado na "pesquisa-ação como eixo norteador da formação continuada de professores/as".

Entre as diversas áreas do conhecimento congregadas pelo projeto estão História e Geografia. Para essas áreas estamos desenvolvendo cursos teóricos e oficinas de aperfeiçoamento para os professores do Ensino Fundamental. No entanto, consideramos como destaque do trabalho, além da formação, a pesquisa que os professores estão desenvolvendo na idéia da "pesquisa-ação" e que conta com o nosso acompanhamento como professores "facilitadores" do processo.

Consideramos importante o item da pesquisa, devido aos seus desdobramentos a partir de algumas concepções de História e Geografia trabalhadas nos cursos. Os professores/pesquisadores descobriram que, como agentes integrantes da História, fazem parte do processo e podem ou devem produzir conhecimentos a partir do seu *locus* profissional. Houve o que passamos a denominar de História dos *incluídos*, não mais *excluídos*.

A partir desses pressupostos sugerimos que fizessem junto com seus alunos, coletas de materiais e levantamentos de fontes históricas para se pensar na produção de um livro didático sobre os "***Aspectos Históricos e Geográficos de Porto Barreiro e Região (1850 - 1997)***". Houve uma verdadeira corrida atrás de depoimentos dos primeiros moradores e suas descendências, empréstimos de materiais antigos, fotografias e documentos. Afinal iriam produzir seu próprio livro, algo até então impensável por eles. Pelo menos em seus depoimentos.

Também é necessário destacar que após os primeiros resultados dos cursos e da pesquisa, via convênio com a UNICENTRO e Prefeitura, a Educação do Município passou a ser a principal referência regional do executivo. Em função disso outras prefeituras da região já procuraram a Universidade e já celebraram Convênios solicitados nos mesmos moldes de Porto Barreiro.

Assim sendo, julgamos importante o trabalho até aqui realizado, como pressuposto político de alternativas para a educação, para qualquer município, em resposta àquelas questões e mazelas sociais supra citadas. Uma educação pensada coletivamente como é o caso de Porto Barreiro, desencadeia outros processos também pensados coletivamente, em outras áreas. Precisamos criar um outro imaginário social que não o do individualismo, ainda que a longo prazo. A escola é o palco.

A matemática da vida presente na matemática da escola

O nosso grupo formou-se com o objetivo de estudar e compreender medidas agrárias, conteúdo este, cobrado pelos pais dos alunos que esperam da escola uma contribuição mais efetiva em termos de praticidade da Matemática. A partir daí passamos a gostar de matemática.

Acolhendo a sugestão da professora facilitadora, elaboramos um projeto, visando explicitar ao próprio grupo, a trajetória do trabalho e seus principais enfoques.

Buscamos também, identificar o que seria estudo e investigação dentro do tema escolhido. Tivemos a clareza de que estudo e pesquisa caminhariam paralelamente e definimos como centro de investigação a coleta de dados junto aos agricultores sobre a sua forma de efetuar cálculos para medição das terras de plantio e quantidade de sua colheita.

Ao sabermos de nossa orientadora que ela não entendia do assunto e que iria aprender conosco, nos indagamos: como poderia uma professora universitária não dominar um assunto matemático?

Essa conversa nos impulsionou a um trabalho coletivo na busca de mais informações.

Assim, juntamente a um engenheiro civil obtivemos explicações do assunto sob um outro ponto de vista, ou seja, a maneira de encontrar a área exata de um terreno utilizando-se de várias fórmulas, porém, o que queríamos era uma explicação menos complicada. Além do mais, na opinião desse engenheiro, os cálculos que os agricultores fazem não são tidos como corretos. Então, o que seria o certo? Os agricultores calculam mesmo erradamente?

Essas dúvidas geraram muitas incertezas no grupo e só foram amenizadas quando conversamos com professores/agricultores e com um técnico agrícola que nos deram esclarecimentos sobre medidas aproximadas.

No espaço dos nossos encontros, obtínhamos junto à professora facilitadora, explicações das nossas dúvidas no estudo de medidas (linear e de superfície). Ao mesmo tempo tínhamos o incentivo para continuarmos o trabalho, assim como, a oportunidade para falarmos da nossa prática de sala de aula, trocando com o grupo nossas experiências e partilhando sugestões.

Os resultados parciais do nosso estudo e pesquisa já foram apresentados em Seminários.

No primeiro Seminário, construímos uma maquete representando um terreno irregular, fizemos explicações e demonstramos como os agricultores efetuam suas medidas usando o alqueire, o hectare e o litro como referencial padrão.

Este estudo também trouxe benefícios em nossa ação pedagógica que foram além do contexto da matemática. Melhoramos também nas demais áreas (organização, comunicação, desenvolvimento das atividades). Houve apresentação desse tema por alunos de 4ª série na feira cultural promovida pela Secretaria Municipal de Educação.

Dando continuidade ao trabalho estão sendo elaborados materiais de apoio às professoras do Município, contendo sugestões para facilitar o ensino de Medidas Agrárias aos alunos.

Matemática: aonde está o significado?

O grupo de Matemática surgiu quando inicialmente oito professoras do município de Porto Barreiro manifestaram o seu interesse em compreender e aprofundar o estudo sobre Medidas Agrárias, objetivando superar suas dificuldades em ministrar este conteúdo junto a seus alunos.

O motivo dessa escolha foi explicada consensualmente: a cobrança dos pais exigindo que a escola instrumentalize seus filhos com um conhecimento matemático prático e necessário no seu cotidiano.

Outra razão evidenciada fortemente pelo grupo foi o enfrentamento de um latente desafio: descobrir o gosto pela matemática.

Foi no primeiro contato com o grupo que revelei meu desconhecimento sobre o tema e que em parceria teríamos que encontrar os significados que nos faltavam.

Esse meu depoimento, depois de passada a surpresa por parte delas, estreitou e fortaleceu a nossa relação no trabalho na medida em que elas se sentiam a vontade para expressarem suas idéias, intenções e dúvidas.

Outro aspecto evidenciado foi que a minha revelação as tirou da posição de passividade, próprio daquele que espera receber tudo pronto, pensado, interpretado e produzido por outro alguém.

Uma vez decidido o tema de estudo, o nosso ponto de partida foi a elaboração de um projeto onde procuramos estabelecer o que pretendíamos, a forma como desenvolveríamos o trabalho, qual seria o foco da nossa investigação dentro do tema, a avaliação do nosso desempenho e progressos alcançados.

Para o desenvolvimento do projeto houve necessidade de prover o grupo de bibliografia referente a práticas de pesquisa no ensino de matemática e material de apoio sobre o estudo das medidas.

Como decorrência do trabalho até então desenvolvido, uma vez que o mesmo continua em processo, foi possível constatar que inicialmente houveram momentos em que o grupo mostrou-se inseguro e confuso.

Essas reações foram geradas pelo confronto entre os conhecimentos do cotidiano dos agricultores e o conhecimento "científico" apresentado por um engenheiro do município.

Esta fase foi gradativamente sendo superada e o grupo foi adquirindo auto-confiança e demonstrando motivação para o trabalho.

As professoras, desde o início, tornaram-se autônomas no sentido de tomar iniciativas e ir em busca de subsídios e fizeram dos encontros um espaço de estudo e troca de experiências.

Observei que as professoras estão mais atentas para as situações em sala de aula e mais críticas das ações que desenvolvem. Buscam ensinar a matemática partindo de situações vivenciadas pelos alunos preocupando-se constantemente com suas dificuldades.

O gosto pela Matemática começou a ser evidenciado na medida em que seus conceitos passaram a ser reinterpretados pelas professoras, comprovando que é possível despertar este estímulo a partir do momento em que seus significados vão sendo adquiridos dentro de um contexto e em situações de desafio.

Pesquisando em ciências: uma produção coletiva a partir do cotidiano (o olhar das professoras)

O grupo de Ciências optou por desenvolver um projeto de pesquisa que contemplasse a realidade local de um município basicamente agrícola. Em nosso cotidiano escolar sempre nos preocupamos em desenvolver um trabalho de conscientização sobre conseqüências do uso

indiscriminado de agrotóxicos para a saúde e para o meio ambiente, contudo, constatamos que nosso trabalho não contribuía efetivamente para amenizar esses problemas. No ano de 1998 tivemos a oportunidade de transformar nossas preocupações em pesquisa e passamos a sonhar com uma comunidade rural mais crítica em relação ao uso de defensivos agrícolas.

A orientação de como transformar nossas preocupações em pesquisa surgiu no espaço de discussão formado a partir do projeto "Aventurando-se no conhecimento" da UNICENTRO em parceria com a Secretaria de Educação. Nesse projeto conhecemos a professora Ana Lúcia, que passou a nos orientar quanto a proposta de formular um projeto de pesquisa. Para tanto, organizou a discussão de textos e coordenou nossas reuniões do grupo de estudos. Nossos primeiros passos como pesquisadoras foram imersos em inseguranças e dificuldades pois nos faltava leituras e não tínhamos acesso aos saberes da Universidade. Nascia, nesse contexto, o projeto "Diagnóstico da problemática dos agrotóxicos no Distrito de Porto Santana do Município de Porto Barreiro-PR." e com ele novos horizontes.

A partir das irregularidades constatadas na pesquisa que desenvolvemos, procuramos traçar uma linha de ação de como atuar em sala de aula e junto a comunidade local visando apontar soluções para os problemas com os agrotóxicos. Paralelamente ao desenvolvimento do projeto de pesquisa organizamos um grupo de teatro com alunos da quarta série, trabalhando com a temática em diferentes espaços comunitários. Incentivamos a produção de livrinhos por parte dos alunos e valorizamos seus depoimentos sobre como convivem com os defensivos agrícolas e as conseqüentes doenças. Os alunos entrevistaram um comerciante local sobre como era feita a venda dos agrotóxicos para os agricultores e sobre as possíveis orientações dadas. Com certeza, tais procedimentos enriqueceram nossa prática além de contribuirmos efetivamente com a comunidade. Estamos organizando um material de apoio para os professores sobre o tema da pesquisa, este deve ficar pronto até o final desse ano.

Apesar das dificuldades, estamos constatando que os pais de nossos alunos e a comunidade agrícola estão mais conscientes em relação ao uso dos agrotóxicos, contudo, sabemos que temos muito a fazer e, com a pesquisa, muito a aprender. Com isso nos sentimos valorizadas e percebemos o quanto o nosso trabalho é importante.

Aprendendo e pesquisando ciências com professoras leigas do ensino fundamental

A área de Ciências, vinculada ao projeto "Aventurando-se no Conhecimento", constituiu-se com a proposta de formar professoras leigas em pesquisadoras e produtoras de saberes a partir da prática docente. O grupo de estudos que se reúne mensalmente desde março de 1998 é constituído por seis professoras do ensino fundamental e uma professora universitária, que atua como facilitadora na perspectiva de um trabalho coletivo de formação continuada.

Tendo como desafio a produção e a legitimação de saberes, as professoras, escolheram como objeto de estudo o diagnóstico da problemática dos agrotóxicos na região. A relevância desse projeto deve-se ao fato dos agricultores utilizarem indiscriminadamente os defensivos agrícolas imersos em um processo de desinformação sobre os perigos dos mesmos à saúde. Os problemas foram detectados através de entrevistas com agricultores do Distrito de Porto Santana, localizado no Município de Porto Barreiro-Pr. Tais dados evidenciados na pesquisa, desencadearam ações que foram desenvolvidas em sala de aula e discussões em diferentes espaços comunitários visando amenizar os problemas ligados ao uso inadequado de agrotóxicos na região.

Os caminhos trilhados pelo grupo iniciaram-se pela leitura e análise de textos sobre pesquisa e conhecimentos específicos do tema em questão. Essa aproximação com os saberes da academia possibilitou as professoras , mesmo envoltas em angústias e dúvidas, o despertar de um processo de valorização docente e, ao mesmo tempo, a oportunidade de levantar questões e buscar respostas onde os problemas realmente ocorriam. Nesse sentido, deram os primeiros passos como pesquisadoras, ousadas e sem preconceitos em relação à Universidade, pois não a conheciam efetivamente. Esse distanciamento favoreceu a troca de saberes entre os envolvidos, uma vez que era descartada a relação de poder comumente sacramentada na relação Universidade-Escola. Tal fato, aliado ao senso de autonomia que as professoras manifestavam, passaram a nortear os trabalhos da professora facilitadora, nas interlocuções com o grupo. O envolvimento e o compromisso das professoras evidenciaram-se nos resultados apresentados pelas mesmas em um seminário de pesquisa promovido pela Secretaria Municipal de Educação. O objetivo desse seminário era socializar as pesquisas desencadeadas pelos diferentes grupos envolvidos no projeto.

Como essas professoras lidaram com a Universidade e o conhecimento, o que reconstruíram da prática pedagógica e os diálogos que passaram a estabelecer com o currículo vigente, refletem os movimentos desenhados pela pesquisa-ação e se concretizam nos resultados apresentados pelas professoras e compartilhados nessa oportunidade, no meio acadêmico. O movimento crítico desencadeado a partir da pesquisa e o exercício de produzir novos saberes, conciliando teoria-prática, possibilita, segundo Freire (1998), a construção da identidade do grupo social.

Pesquisando sobre alfabetização ou alfabetizando-se na pesquisa. (um olhar)

O nosso grupo de Alfabetização faz parte do Projeto de Pesquisa "Aventurando-se no Conhecimento" o qual busca pela pesquisa-ação, a formação continuada de professores(as) do 1º e 2º ciclos, do Ensino Fundamental de Porto Barreiro. Ele se constituiu no momento de implantação do referido projeto. Nos unimos com o intuito de analisarmos, discutirmos nossas práticas e aprender outros caminhos.

Ao iniciarmos as primeiras leituras sobre o que é alfabetizar e o que vem a ser o processo de alfabetização, "estar ou não alfabetizado", percebemos que as nossas práticas como professores(as) alfabetizadores(as) eram predominantemente apoiadas em cartilhas e processos mecânicos de alfabetização.

Muito aprendemos na interação, por exemplo que a criança constrói o processo de leitura e escrita por hipóteses: o silábico, o alfabético e o ortográfico; que a criança, mesmo na fase pré-escolar, já está em processo de alfabetização, pois convive em um mundo onde tudo é escrito. Além de tudo traz uma "história de vida", o que procuramos resgatar quando ela chega à escola, e, que a escola também é um local de produção de conhecimentos, necessitando adequar-se aos seus(as) alunos(as) para exercer o seu caráter transformador. Compreendemos que o nosso papel de professor(a) na escola de hoje vai além de simples transmissores de conhecimento: somos educadores.

Hoje superadas as dificuldades iniciais do grupo e vislumbrado possíveis caminhos para alfabetizar, estamos partindo de experiências e vivências dos(as) alunos(as), usando uma

grande quantidade de material de apoio como rótulos, revistas, livros de literatura, sucatas e outros em atividades de desenhos, recortes, colagens, maquetes, teatros, jogos, narração de fatos do cotidiano, histórias de vida entre outras atividades.

No momento estamos dialogando com os pais procurando interá-los do trabalho que estamos desenvolvendo, tentando conquistar o seu apoio a fim de nos fortalecer, partilhando com os mesmos as pressões que são comuns em relação a alfabetização.

O que percebemos na nossa experiência como alfabetizadores(as) é que geralmente na avaliação do(a) professor(a) ou do(a) aluno(a) o que tem maior peso é esse "resultado final", se "o aluno está ou não alfabetizado", esquecendo-se que a alfabetização é um processo que se estende-se por toda a escolaridade e que os(as) alunos(as) desenvolvem-se de forma diferenciada.

Aprendemos que na vida, qualquer aprendizagem é um processo de construção no qual teoria e prática estão imbricadas, requerendo passos lentos, mas firmes como na alfabetização e hoje nós estamos dando os primeiros passos como pesquisadores.

Pesquisando sobre a alfabetização ou alfabetizando-se na pesquisa (outro olhar)

O grupo de Alfabetização, como parte do Projeto: "Aventurando-se no Conhecimento", em ação conjunta entre o PPCP - UNICENTRO e o Município de Porto Barreiro, vem desde 1997, dar início a um trabalho diferenciado de formação de professores(as) do Ensino Fundamental, 1º. e 2º. ciclos.

Iniciamos com o projeto: "Professor: aprendendo e educando", desenvolvido através de cursos em diversas áreas, sendo um deles, o de Alfabetização e Língua Portuguesa[19]. No curso refletimos as questões básicas de Alfabetização e sua relação com o desenvolvimento infantil. Algumas certezas foram desestabilizadas abrindo espaços para discutirmos a prática do(a) professor(a) alfabetizador(a) e o papel social que exerce o domínio da leitura e da escrita, numa sociedade letrada. Este primeiro passo foi de extrema importância porque nos possibilitou conhecer o cotidiano dos(as) professores(as), seus saberes e suas práticas. Entretanto, havia a necessidade de mais espaços interativos entre professores-facilitadores e professores(as) do Município. Partimos para a pesquisa-ação visando possibilitar a formação do professor(a) reflexivo(a), proporcionando-lhe leituras, discussões, interações para que

"seus olhares" fossem ampliados, assim, haveriam espaços para o professor(a) alfabetizador(a) repensar a sua prática. Percebemos que os(as) professores(as) tinham um trabalho diversificado, contudo não analisavam as suas práticas, pois estavam habituadas a agir sem questionar. Assim, o nosso papel foi fazê-los perceber essa situação e começar a questionar o seu trabalho.

No segundo momento foi a interação com textos de diversos autores[20], o qual gerou o eixo norteador do Seminário (dezembro de 98), para socialização dos seus "achados", relatos de práticas variadas a partir de sugestões de atividades. Observamos que o Grupo de Alfabetização se diferenciou bastante dos outros grupos que fazem parte do projeto, porque a expectativa social quanto aos domínios de leitura/escrita, exigem do(a) professor(a) resultados imediatos; há pressa dos pais em relação ao domínio da leitura e da escrita pela criança, o qual gera angústias e incertezas por parte dos professores(as)/alfabetizadores(as), na aplicação de práticas diferentes.

Os resultados dos trabalhos de pesquisas desenvolvidos pelos(as) professores(as) facilitadores(as) e professores(as) alfabetizadores(as), foram também de natureza diferenciada: ao mesmo tempo que o professor/alfabetizador tomava conhecimento de uma nova concepção sobre alfabetizacão, emergiam dificuldades em sala de aula, as quais deveriam ser sanadas. Assim as exigências sobre nós professores(as) facilitadores(as) muitas vezes ultrapassaram o nosso papel como facilitadores(as), exigindo uma intervenção mais direta. Decorrente dessa situação percebemos a amplitude do nosso trabalho e a necessidade de termos mais companheiros de jornada, dessa forma convidamos a profª. Neusa Moro (da Área de Língua Portuguesa) para trabalhar conosco. Refletimos, que além da complexidade que é a compreensão do processo de Alfabetização, também nos deparamos com dificuldades de trabalhar com a pesquisa-ação. Os processos de pesquisa também são ações novas para o grupo.

Para dar continuidade ao processo estamos auxiliando os(as) professores(as) a resgatar e sistematizar suas práticas que mesmo sendo bem sucedidas, ainda não haviam sido registradas.

Algumas Considerações

Como esse trabalho está sendo construído a muitas mãos, narrado por muitas vozes apresentando um texto que abre-se em vários, os quais mesmo sendo articulados e complementares, também são independentes trazendo as suas próprias considerações, optamos por falar nesse espaço algumas reflexões iniciais e provisórias sobre o grupo e alguns elementos importantes para a sua manutenção.

Não temos a pretensão de prescrever estratégias sobre a conservação do grupo, mas sim teorizar a partir da nossa experiência e diálogo com os/as autores/as, alguns aspectos que consideramos importantes para vencer a contradição "manutenção-dissolução" que se faz presente nas relações do grupo.

Consideramos de suma importância a condição de gerar no grupo, um clima de confiança, de mútuo apoio, não só por razões éticas e morais, mas porque o trabalho no grupo torna-se mais agradável e produzirá melhores resultados, "a creación dun clima positivo é un factor fundamental para o bo éxito de calquera organización social."(Franta, ap. Jares, 1998, p. 58)

A confiança, a segurança, o apoio mútuo foram elementos essenciais no desenvolvimento do nosso trabalho porque quando apostamos na concretização do "Aventurando-se no Conhecimento..." , a situação era nova para todos, provocando inseguranças e angústias. Já havíamos trabalhado com a formação continuada de professores/as de outras maneiras, com cursos oficinas e outros, todavia não de forma investigativa, num trabalho norteado pela pesquisa.

Assim, a discussão no grupo, a integração, o apoio, a confiança propiciados foram decisivos, para iniciar e dar continuidade aos trabalhos, tanto para os subgrupos constituintes do PPCP, como para os grupos de Porto Barreiro. Inclusive para conquistarmos a confiança dos/as professores/as de Porto Barreiro, assim como a nossa, levamos um ano para atingirmos esse objetivo, período de desenvolvimento do sub-projeto "Professor aprendendo e educando". Essa etapa do nosso trabalho foi necessária para a construção dessa relação.

Outro elemento que está presente no grupo é o conflito, assim como a harmonia, ambos apresentam-se de mãos dadas, porque contudo os componentes terem objetivos em comum, também há objetivos diferenciados como explica Heller:

> *...o indivíduo pode pertencer a numerosos grupos, na medida em que o fato de pertencer a grupos define-se através de uma certa analogia de interesses e de objetivos, bem como mediante uma certa atividade em comum. Mas há finalidades, interesses e atividades importantes, ao lado de outros que não o são na mesma medida. Isso origina uma hierarquização de "nossos" grupos, distinguindo principalmente entre os grupos que representam nossos principais interesses, objetivos e atividades, os quais são assumidos igualmente por eles, e os grupos se relacionam com nossos interesses atividades e objetivos secundários inessenciais (...) nem todo grupo apresenta uma hierarquia fixa e específica de valores; no mais das vezes, a única coisa que se choca com as normas do grupo é a violação dos interesses do grupo; fora isso existem no grupo "éticas plenamente pluralistas e contraditórias" (1992, p. 67).*

Quando surge o conflito ele terá mais possibilidades de ser resolvido de forma positiva quando se produz num "meio social com estruturas participativas, democráticas e cooperativas"(Jares, 1998, p.58), ou seja quando no grupo há confiança, colaboração e apoio mútuo.

> *Ademais, naqueles grupos onde as relacións e o ambiente son frios, distantes, inseguros, competitivos, etc... aumentam as probabilidades de que haxa uma maior marxinación (...) Por eso, mal andan as cousas cando nunha institución educativa o alumnado ou o profesorado, ou setores importantes dos mesmos, non a senten como súa (Jares, 1998, p. 58).*

Os componentes do grupo precisam sentir-se como parte do grupo, constituidor do mesmo, o grupo como seu espaço, para que o mesmo funcione e produza. No caso do nosso grupo conseguimos desenvolver o trabalho que nos propusemos porque tínhamos objetivos comuns, como interagir com professores/as do Ensino Fundamental proporcionando-lhes um processo de Educação Continuada norteado pela pesquisa em grupo, bem como dar continuidade a nossa formação. Quando nos encontramos com os dirigentes de Porto Barreiro, o qual foi um "encontro" realmente no sentido da palavra, vislumbramos as condições necessárias para a concretização dos nossos objetivos, porque houve afinidade de objetivos, assim como nós eles também almejavam desenvolver um trabalho diferenciado dos quais já haviam participado.

Nas nossas ações procuramos hierarquizar os objetivos comuns do grupo em primeira instância, o mesmo ocorrendo em Porto Barreiro, que priorizou proporcionar condições para que um ambiente agradável fosse estabelecido, no desenvolvimento dos trabalhos, assim contribuindo para a integração do grupo.

Temos além dos objetivos em comum, interesses particulares, os quais são variados, heterogêneos, todavia não violam os interesses do grupo. Quer dizer, mesmo sendo um grupo, constituído por outros vários subgrupos, nos influenciamos mutuamente, não nos dissolvemos nas ações, somos componentes do grupo dando-lhe as várias entonações, matizes que o compõem, mas também conservamos os vários olhares que constituem, na nossa opinião, a sua riqueza. Olhares que não são puros, apenas de um componente, que foram se constituindo na relação, mas conservaram as caraterísticas de quem olha. Fazemos nossas as palavras de Heller, para melhor expressarmos: "O homem, enquanto ser humano-genérico, não pode conhecer e reconhecer adequadamente o mundo a não ser no espelho dos demais."(1992, p.84)

Notas de Referências

[1] Grupo de Gestão Educacional: Professoras - Ivone P. Kerber, Izabel Schultz, Marlei T. Panatto, Marlene S. Vailatti, Rita de C. Pretto, Solange P. Ribeiro.
(Porto Barreiro-Pr, GEPEC-Unicamp)
Grupo de Gestão Educacional: Professores facilitadores: Edélcio Stroparo, Maria da Glória M. Messias, Regina C. H. W. Padilha.
(PPCP-UNICENTRO, GEPEC-Unicamp)
Grupo de História e Geografia: Professores - Açunta M.M. Santos, Carmen J. Reveliau, Clevanir de F. Becker, Helena G. Gandin, Jorge G. de Oliveira, Lourdes G. de Oliveira, Marilene L. Silva e Maristela P. da Silva.
(Porto Barreiro-Pr, GEPEC-Unicamp)
Grupo de História e Geografia: Professores-facilitadores: Ariel J. Pires, Marcia T. Marques e Wanda T. P. dos Santos
(PPCP – UNICENTRO, GEPEC – Unicamp)
Grupo de Matemática: Professoras Adelina Trento Tessaro, Ivani Savi Cristo, Juscelene R. de Matos, Liane M. Pereira, Nelci M. S. da Silva, Vanderlli V. da Cruz e Vania Vailatti.
(Porto Barreiro-Pr, GEPEC-Unicamp)
Grupo de Matemática: Professora facilitadora: Doroteya Gavanski
(PPCP - UNICENTRO, GEPEC - Unicamp)

Grupo de Ciências: Professoras - Armelinda Trombim Scariot, Eliani Marangoni Dal'Moro, Irene Trombim Morelli, Lenir Ronchi de Bona, Norinda Vailatti Viola, Zenaide Trombim Taufemback.

(Porto Barreiro-Pr, GEPEC-Unicamp)

Grupo de Ciências: Professora facilitadora Ana Lúcia Crisóstimo

(PPCP- UNICENTRO, GEPEC - Unicamp)

Grupo de Alfabetização: Professores – Adriana Kava Joaquim, Geroni Feder Klen, Genoveva F. Silvério, Lilia M. R. Joaquim, Lourival S. Silvério, Maria A. Pereira, Neusa F. Santos, Rejane P. da Silva, Senhorinha M. Joaquim e Soeli T. Hosda

(Porto Barreiro – Pr, GEPEC-Unicamp)

Grupo de Alfabetização e Língua Portuguesa: Professoras facilitadoras: Clarice Linhares e Neusa Moro

(PPCP - UNICENTRO, GEPEC - Unicamp)

[2] Componentes do Programa Permanente de Capacitação de Professores da Rede Pública – PPCP, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Guarapuava-Pr.

[3]Aproximadamente 38 professores/as da rede pública de Porto Barreiro-Pr, município que emancipou-se em 1995. Situa-se a 124km de Guarapuava, sua população é de mais ou menos 4.200 habitantes. Sua economia é predominantemente agrícola, voltada também para a pecuária.

[4]Idéias inspiradas em Stenhouse, Elliot, Schön, Zeichner, nos estudos realizados no GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Continuada. FE-Unicamp e no PPCP.

[5]Essas horas são remuneradas pelo Município.

[6]Professores do PPCP , cuja função é auxiliar no processo, na interação.

[7]I, II e III Seminários do "Aventurando-se no Conhecimento", realizados em Julho, Dezembro de 1998 e Junho de 1999.

[8]Secretária de Educação Ivone P. Kerber, funcionários do Órgão Municipal de Educação, diretores/as e outros/as.

[9]Entendemos como professores/as leigos/as, os/as professores/as que não tem formação no magistério, em nível de 2º grau.

[10]Denominação da Secretaria de Educação.

[11]Propiciar melhores condições de trabalho para os/as professores/as: oportunidade de formação profissional, salários melhores(o melhor que o município tem condições de pagar) e recursos materiais (escolas, material escolar e outros de acordo com a nossa receita econômica).

[12]Opção que nos fez abrir mão, no momento de investir em infra-estrutura.

[13]Prefeito José Crotti, Secretária de Educação Ivone P. Kerber, funcionários/as da Secretaria de Educação, diretores/as, supervisores/as, professores/as, alunos/as, pais, vereadores/as, outras lideranças locais e nós professores/as facilitadores/as.

[14]Emancipou-se de Laranjeiras do Sul em 1995, constituiu-se como município da união dos Distritos de Barreirinho e Porto Santana.
[15]Hipótese levantada pela professora Corinta em conversas de orientações.
[16]Hipótese novamente confirmada no II Seminário em Dezembro, não só neste grupo, mas percebida em todos os outros.
[17]O grupo de Gestão Educacional é constituído pelas pessoas já citadas, no rodapé 1.
[18]A Secretária de Educação Ivone Kerber já participou de vários projetos interessantes, trabalhou no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Laranjeiras do Sul, foi uma das organizadoras do livro "As plantas nossas amigas", editado pelo Sindicato. Trabalhou com a "Comunidade dos Grupos de Mulheres Trabalhadoras Rurais". Participou de um projeto internacional, que discute questões de gênero e meio ambiente, para se construir um Diagnóstico Rural Participativo, visando um planejamento de agricultura sustentável. Esse projeto foi coordenado pelo Instituto Internacional do Meio Ambiente. Também é membro ativo do PT.
[19]Enfatizamos mais, a pedido da Equipe de Ensino da Secretaria Municipal de Porto Barreiro, a área de Alfabetização.
[20]Alfabetização - um processo em construção - de Maria de Fátima Russo e Maria Inês Aguiar Vian

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ederlinda Pimenta de; GOMES, Nilcéia Moraleida. A instituição escolar na área rural em Minas Gerais: elementos para se pensar uma proposta de escola. s.n.t.

BARROS, A. De J. P. de. Projeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas. RJ: Vozes, 1990.

BORGES, Pedro Augusto Pereira. Matemática 5ª série: melhoria do ensino de Ciências e Matemática. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

BURAK, Dionísio. Alguns critérios norteadores para a adoção da modelagem no Ensino Fundamental e Secundário. - texto mimeografado.

BURKE, P. & PORTER, R. História Social da Linguagem. São Paulo: Edunesp, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Caminhos e descaminhos da fala, da leitura e da escrita na escola. s.n.t. (texto digitado).

CAMPOS, Silmara de; PESSOA, Valda Inês Fontenele. Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Schön. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (orgs.) Cartografias do

Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras - ALB, 1998.(Coleção Leituras no Brasil). p. 183-206.

CARR, E. H. O que é História *?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

CARVALHO JÚNIOR, Dario. Textos que fazem sentido. Nova Escola, jun. 1996.

CARVALHO LEITE, Dirce Terezinha. Reconstrução curricular e construção do projeto pedagógico. Revista Contexto e Educação: práticas transformadoras, Ijuí: UNIJUÍ, a. 5, n.18, abr/jun 1990. p.29-34.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação. Porto Alegre: Mediação,1996. p. 105-132.

DAVIS, Natalie Z. Culturas do Povo. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1990.

DICKEL, Adriana. Que sentido há em se falar em professor-pesquisador no contexto atual? Contribuições para o debate. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (orgs.) Cartografias do Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998.(Coleção Leituras no Brasil). p. 33-72.

ELIADE, Mircea. Imagens e símbolos. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

ELLIOTT, J. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: _____. El problema de la teoria y la práctica. In: _____. El cambio educativo desde la investigación-accion. Madrid: Morata, 1990, p. 63-87.

GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (orgs.) Cartografias do Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998. (Coleção Leituras no Brasil). p. 137-152.

FIORENTINI, Dario; SOUZA Jr., Arlindo José de; MELO, Gilberto Francisco Alves de. Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (orgs.) Cartografias do Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998.(Coleção Leituras no Brasil). p. 307-333.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Sistemas Municipais.

_____. Escola Cidadã: uma aula sobre a autonomia da escola. São Paulo: Cortez. Autores Associados, s.d.

GARCÍA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p. 51-76

GAUTHIER, Clermont. Por uma teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

GEIGER, P. P. A evolução da rede urbana brasileira. Rio de Janeiro: INEP, 1963.

GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (orgs.) Cartografias do Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998.(Coleção Leituras no Brasil).

GOMES, Nilcéia Moraleida. (texto)

GÓMEZ, Angel Pérez . O pensamento prático do professor – A formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p. 93-114.

GONÇALVES, Tadeu Oliver; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Reflexões sobre uma prática docente situada: buscando novas perspectivas para a formação de professores. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (orgs.) Cartografias do Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998. (Coleção Leituras no Brasil). p. 105-136.

GRUPO DE GESTÃO EDUCACIONAL. Documentos produzidos. (digitados)

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. (tradução, original publicado em 1970).

JARES, Xesús R. Educación e dereitos humanos: estratexias didáticas e orgnizativas. Galícia: edicións Xerais de Galícia, 1998.

KRAMER, Sonia. Por entre as pedras: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1994.

LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de.(orgs.) Imagens do outro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

LINHARES, Clarice. Algumas questões sobre o desenvolvimento da criança e a escola. (Apostila digitada) 1997.

_____. A criança e o processo de alfabetização. (Apostila digitada) 1997.

_____. A história de Juquinha. (Apostila digitada) 1997.

LOPES, Raquel Miranda. Socialização e organização familiar rural. s.n.t.

MARCONI, F. E. Educação Ambiental: Subsídios básicos. S. C: Gráfica e Editora Copiart Ltda, 1991.

MAROTTA, Cláudia O. O que é História das Mentalidades. SP, Brasiliense, 1991.

MARQUES, Osório Mário. Projeto pedagógico: a marca da escola. Revista Contexto e Educação: práticas transformadoras, Ijuí: UNIJUÍ. a.5, n.18, abr./jun. 1990. p. 16-28.

MAZZUCO, Neiva Gallina. A necessária articulação entre os conteúdos de matemática - enfoque medidas de área / Neiva Gallina Mazzuco, Cerli Dala Rosa. Cascavel, ASSOESTE, 1993.

MESSIAS, Maria da Glória M. Implantação e desenvolvimento da Disciplina Introdução à Metodologia Científica: resgatando processos. Guarapuava: UNICENTRO: UNICAMP, 1995. (Dissertação de mestrado - digitada).

NÓVOA, António. Formação de professores e formação docente. In: _____. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p. 15-34.

NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE GUARAPUAVA. Atividades para o trabalho de sistematização da língua escrita. Guarapuava, 1994.

NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. Atividades para o trabalho de sistematização da Língua escrita. Extraído de Caderno de alfabetização para o professor de Educação de adultos. SEED/DESU, 1991.

OLIVEIRA, Valeska Fontes. Escola: a busca da identidade enquanto projeto político-pedagógico. Contexto & Educação, Ijuí: UNIJUÍ, a.5, n.18, abr./jun. 1990. p.35-41.

ORLANDI, Eni P. Interpretação. Rio de Janeiro, Vozes, 1996. PERROT, Michelle. Os excluídos da História. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Professor como pesquisador: o enfoque da Pesquisa-Ação na prática docente. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (orgs.) Cartografias do Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998.(Coleção Leituras no Brasil). p. 153-182.

Processos de adquisición de la lengua escrita dentro del contexto escolar. Lectura y vida, Revista Latinoamericana de Lectura, a.4, n.2, jun. 1983, p. 11-18.

RUEGG, E. F. et ali. Impacto dos Agrotóxicos, São Paulo: Ícone Editora Ltda, 1991.

Ministério do Trabalho e Previdência Social - FUNDACENTRO - Agrotóxicos Riscos e Prevenção. São Paulo, 1991.

SÁ BARRETO, Elba Siqueira de; DURAN, Maria Claret Geraes; COLLACO, Nilsa de Lima et al. Revendo algumas práticas de alfabetização. s.n.t. (texto digitado).

SANTIAGO, Anna Rosa F. Projeto pedagógico, cultura popular e compromisso político. Revista Contexto e Educação: práticas transformadoras, Ijuí: UNIJUÍ, a. 5, n.18, abr./jun. 1990. p.42-48.

SAVIANI, Demerval. Sistema e Estrutura. In: _____ . Educação brasileira: estrutura e sistema. 6. ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1987. p.72-78.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992a. p. 77-92.

_____. La formación de profesionales reflexivos: hacia um nuevo diseño de la enseñanza y el aprendizaje. en las profesionales. Barcelona: Paidos, 1992b.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PORTO BARREIRO. Documentos produzidos. (digitados).

SHAFFER, Margareth; SIRENA, Margarete; ZASSO. Escola Pública e Projeto político-pedagógico. Revista Contexto e Educação: práticas transformadoras, Ijuí: Universidade de Ijuí. a. 5, n.18, abr./jun. 1990. p. 9-15.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: _____. (org.) Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 190-207.

SOUZA PATTO, Maria Helena. A criança da escola pública: deficiente, diferente ou mal trabalhada? São Paulo, 1985. (texto digitado extraído da palestra proferida por Maria H. Souza Patto, no encontro do Ciclo Básico – 09/05/85 – São Paulo).

STROPARO, Edélcio; PADILHA, Regina H.W. Instrumento de Pesquisa: dados sobre o município. 26/05/98.

VESENTINI, J. William. Sociedade e Espaço. São Paulo: Ática, 1990.

WEISZ, Telma. Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão, um problema mal colocado. s.n.t. (texto digitado).

ZEICHNER, Kenneth M; NOFFKE, Susan. Practioner Research. Washington, D.C. : American Educational Research Association 1998. (capítulo digitado que foi escrito para ser publicado no Handbook of research on teaching, o qual foi enviado para o GEPEC pelos autores).

ZEICHNER, Kenneth. M. Novos caminhos para o practicum: uma perspectiva para os anos 90. In: NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p. 115-138.

_____. Concepções de prática reflexiva no ensino e na formação de professores.In:_____ A formação reflexiva de professores: Idéias e práticas. Lisboa: Educa, 1993. p. 29-52.

_____. O professor como prático reflexivo. In: A formação reflexiva de professores: idéias e práticas. Lisboa: Educa, 1993. p. 13-28.

_____. Para além da divisão entre o professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia; MESSIAS, Maria da Glória Martins; GUERRA, Miriam Darlete Seade. Refletindo com Zeichner: um encontro orientado por preocupações políticas e epistemológicas. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (orgs.) Cartografias do Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado de Letras- ALB, 1998. (Coleção Leituras no Brasil). p. 237-276.